11-L. DA TRINDADE-13
TELEF. 369951
LISBOA

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/oespectadorportu00mace

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Critica, e de Litteratura.

N.° 1.°

ARTIGO I.

Sobre a influencia da Educação Litteraria na prosperidade politica dos Estados.

A Espantosa Revolução Franceza, obrigando quasi todos os povos ás armas, os fez esquecer das Letras; e os mesmos povos na continuação do estrondo das armas, virão de mui perto a barbaridade, e a Europa não esteve longe de ver as mesmas Scenas de que foi theatro desde o V. até ao XIV. Seculo. Neste grande intervallo, pelo desprezo, e esquecimento das Letras, e das Artes, se fizerão os homens barbaros, e feros, e não começarão a perder a adquirida ferocidade, senão depois que pela fugida de hum, e outro sábio Grego, quando os Turcos se apoderarão de Constantinopla, se começou na Italia a dar á mocidade a educação litteraria; e podemos assignalar nesta época o principio da prosperidade politica da mesma Europa. Não necessita de provas o que a pública experiencia confirma; porque basta para vêr as vantagens da educação a respeito das Sciencias, e das Artes, considerar só a differença que ella põe não só entre homem, e homem; mas entre Nações, e Nações. Os Athenienses não occupavão hum mui dilatado territorio na Grecia, e com tudo, a que ponto não chegou, e ainda hoje chega a sua reputação? Levárão as Sciencias á maior perfeição, e tambem levárão a propria Gloria ao ultimo fastigio. Esta mesma Escola de Sciencia formou homens em todos os

números absolutos, e excellentes. Della sahirão grandes Oradores, famosos Capitães, sábios Legisladores, e intelligentes Politicos: esta mesma fecundissima fonte derramou ventagens sobre aquellas mesmas boas artes que parece haverem della menor dependencia. Rectificou, ennobreceo, aperfeiçoou a Musica, a Pintura, a Escultura, a Architectura; e como se nascessem todas da mesma raiz, e se nutrissem dos mesmos succos, as fez florecer todas simultaneamente Roma; fazendo-se senhora do Mundo com suas victorias, se tornou a admiração do mesmo Mundo, e seu modello, com a estranha formosura das obras de engenho, que produzio em todos os generos, e com que adquirio sobre os mesmos povos que havia subjugado a seu Imperio huma superioridade mais attrahidora, que a que nasce, e vem das conquistas, e das armas.

A Africa, nos primeiros Seculos do Christianismo, tão fertil de bons engenhos, e grandes luzes, cahio, pelo esquecimento das boas artes, em huma barbara, e perfeita esterilidade, sem haver produzido no fio de tantos Seculos hum homem que se distinguisse por algum talento, e despertasse a lembrança do mérito de seus antepassados. O mesmo se póde dizer do Egypto em particular, considerado na antiguidade como manancial perenne de todas as Sciencias. O contrario tem acontecido entre os povos do Occidente, e do Septentrião. Forão por muitos seculos considerados como barbaros, e rudes, porque vivião sem o sentimento do gosto nas obras de engenho; mas apenas por estas regiões penetrárão os bons estudos, produzírão grandes homens, que igualárão em toda a qualidade de litteratura, e profissão quanto as outras Nações tinhão produzido de mais sólido, luminoso, e sublime. Vemos todos os dias que quando vão passando, e se vão espalhando as Sciencias entre novos povos, os transformão em novos homens, e dando-lhes inclinações mais doces, mais bem regulada policia, leis mais humanas, os arrancão da obscuridade em que jazião como sepultados. Tornão-se huma evidente prova de que em climas differentes, os engenhos são quasi os mesmos; só as Sciencias lhes dão huma honrada destincção; e, conforme se cultivão, ou se desprezão, levantão, ou abatem as Nações, e as tirão das sombras em que estavão envoltas; e sem lançar os olhos para o quadro da Historia, basta observar o que acontece em a Natureza. Esta nos mostra a

infinita differença que ha entre dois terrenos, 'aliàs entre si mui semelhantes; hum, porque está abandonado he selvatico, e coberto de matos; outro, porque he cultivado, dá grandes sementeiras, enche-se de fructos, e junta em pequeno espaço quanto ha raro, delicioso, e salubre, tornando-se pela assidua deligencia do seu cultor hum feliz compendio de todas as bellezas das Estações, e dos Paizes. O mesmo succede em nosso entendimento, ficamos sempre pagos com usura da deligencia que pozemos em o cultivar. He hum capital que todo o homem que conhece a nobreza do seu ser, e da sua destinação, deve sempre fazer valer. Capital, ou fundo tão rico, tão fertil, e tão azado para immortaes producções, que deve ser para o homem o primeiro objecto da sua attenção. Com effeito, o entendimento se nutre, e fructifica com as sublimes verdades que lhe snbministra o estudo. Cresce, para o dizer assim, engrandece-se com os grandes homens, cujas obras estuda, assim como se imitão os sentimentos, e maneiras daquelles com quem de ordinario se vive. Com emulação nobre procura o homem chegar á sua gloria, esquece-se da propria fraqueza, e faz felicissimos esforços para se levantar com elles sobre si mesmo. Ainda que de si seja esteril, o estudo suppre a sua pobreza, e lhe ensina a tirar de outras partes o que lhe falta; estende seus conhecimentos, e luzes com os soccorros estranhos, estende muito ao longe suas reflexões, multiplica as idéas, tornando-as mais varias, mais distinctas, e mais vivas, e vendo, ou considerando por mais lados a verdade, descobre a fecundidade dos principios, e chega ás mais remotas consequencias.

Nascemos nas trevas da ignorancia, e a má educação augmenta a somma das preoccupações; o estudo destróe as primeiras, e emenda as segundas, subministra a nossos pensamentos, e raciocinios, perfeição, ordem, e clareza. Offerece-nos por guias, e modelos os homens mais illustrados, os mais sabios da antiguidade, que se podem chamar mestres, ou preceptores do genero humano. Presta-nos seu discernimento, e nos faz caminhar com segurança após estes conductores, que depois de haverem passado pelo exame rigoroso de tantos seculos, e de tantos povos, sobrevivendo á ruina de tantos Imperios, merecêrão por suffragio concorde, ser os fanaes de todas as ídades, os arbitros supremos do bom gosto, e os modelos acabados, do que

ha mais perfeito em Litteratura. Mas a utilidade do estudo não se restringe a quanto se chama Sciencia, tambem dá capacidade para os empregos, e negocios de que pende a prosperidade, e salvação da Républica. Paulo Emilio, que deo fim ao Reino de Macedonia, conhecia bem os meios com que se fórmão os grandes homens: Plutarco observa judiciosamente o cuidado que elle teve na educação dos filhos; não se satisfez de lhe fazer ensinar a lingua materna por principios, conforme então se costumava, quiz que tambem estudassem a lingua Grega. Deo-lhes toda a qualidade de Mestres de Grammatica, de Rhetorica, de Dialectica, além dos que os devião instruir na disciplina militar; e assistia sempre que podia a todos estes exercicios. Depois da derrota de Persêo, não lançou os olhos para as immensas riquezas que se achárão em seu Erario, só permittio a seus filhos, pelo muito que amavão as Letras, que tomassem alguns Livros da Real Bibliotheca. O successo correspondeo á diligencia de hum Pai tão illustrado, e cuidadoso; deo a Roma o segundo Scipião Africano, vencedor de Carthago, e de Numancia; aquelle Scipião, não sei se mais respeitavel por seu maravilhoso gosto nas boas Letras, e Sciencias, se por suas militares virtudes. Este grande Scipião tinha sempre comsigo, e a seu lado, tanto em tempo de paz, como de guerra, a Historia de Polybio. Vivia familiarmente com o Filosofo Panesio, a quem honrou com sua amizade. Ninguem, diz Velleio Paterculo, fallando de Scipião, sabia entermear o repouso, e a acção, nem tirar mais lucro dos intervallos, que lhe deixavão os negocios. Dividia-se entre os empregos da guerra, e occupações da paz: entre as armas, e o estudo, ou exercitava seu corpo com os perigos, ou cultivava seu entendimento com as Sciencias. O mesmo Luculló tirou grandes soccorros da leitura dos bons Authores, e do estudo da Historia. Sahio de Roma, diz Cicero, sem uso algum da Arte militar, e chegou á Asia instruido, e perfeito Capitão. Seu excellente engenho, cultivado com o estudo das boas Artes, lhe supprio a experiencia, cousa que parece não poder ser supprida. Bruto passava a maior parte das noites no estudo da Arte militar, pelas relações das campanhas dos mais Illustres Capitães; não julgou perdido o tempo que empregava na leitura dos Historiadores, com especialidade de Polybio; foi visto estudar por elle na mes-

ma noite que precedeo a fatal batalha de Farsalia. Não he difficil conhecer quão grande, e particular cuidado punhão os Romanos no tempo da República em cultivar o entendimento dos mancebos, e quanto buscavão, que a educação litteraria augmentasse o merito, e désse novo lustre a suas grandes qualidades, pondo-os em estado de se fazerem eximios, e excellentes, tanto no exercicio das armas, como no das letras; pois desempenhavão tão bem depois em sua vida pública tanto o mister da espada, como o da toga. Succede mil vezes que alguns Generaes de Exercito, por não haverem sufficientemente cultivado seu engenho com o estudo das boas Artes, diminuão a pompa de suas victorias, com as relações que dellas fazem secas, e languidas; e quantos vemos nós cuja penna sustenta muito mal as altas emprezas de sua espada? Bem differentes são por certo de Cesar, Polybio, Xenofonte, e Thucidides, os quaes, com a viveza, e actividade de sua alma cultivada pelas letras, transportão o leitor ao campo da batalha, fazem-lhe vêr o acampamento das tropas, a qualidade do terreno, os principios, e os progressos da acção, os inconvenientes que sobrevierão, os remedios que se lhe applicárão, conduzindo desta arte o leitor, como pela mão, até aos ultimos acontecimentos, e resultados. Outro tanto se póde dizer dos negocios, da Magistratura, das administrações, e em summa de todos os empregos que obrigão a fallar em público, ou em particular, a escrever, ou dar conta de seu ministerio, a conduzir, e governar homens. E que emprego ha, que não requeira o dever de huma educação litteraria? Mil vezes se ouvem pessoas que vivem no que modernamente se chama grande Mundo, e instruidas de huma longa experiencia, que se queixão de haverem sido privadas de huma educação litteraria, accusão o descuido, ou negligencia de seus Pais em os não crearem no gosto, e cultura das Sciencias, cujo fructo mui tarde conhecem. Confessão que este defeito os tem arredado de empregos importantes, deixando-as em huma actividade muito inferior aos mesmos cargos, e ministerios em que se empregão. Quando em certas occasiões estrepitosas, e em alguns postos distinctos, se vê hum mancebo instruido nas boas Artes attrahir os applausos do público, qual he o Pai, que não deseje ter hum tal filho; e qual he o filho, que não deseje achar-se nas mesmas circunstancias? Todos então

concordão nas vantagens que resultão da educação litteraria, todos comprehendem que só ella póde levantar o homem acima da sua idade, e do seu mesmo nascimento. Mas ainda quando esta litteraria educação não servisse mais do que para acostumar o homem ao trabalho, e suspender, e firmar a inconstancia do entendimento, e vencer a ordinaria aversão que se tem á vida sedentaria, e applicada, e por isto mesmo sujeita, não seria isto mesmo hum extraordinario beneficio? E, com effeito, o estudo das letras aparta o homem do ocio, da dissolução, e do jogo; enche utilmente os intervallos do dia, que para tantos são tão pezados, torna-lhe agradavel o tempo, que sem o soccorro das boas Letras he huma especie de morte, e como a sepultura do homem vivo: constitue-o em estado de ajuizar rectamente das obras que apparecem, de entabolar sociedade com os homens de talento, de entrar nos mais escolhidos congressos, de ter parte nos mais doutos colloquios, e de contribuir da sua parte para a conversação, que sem isto seria muda, ou languida, tornando-a util, e agradavel, misturando os factos com as reflexões, e dando a tudo pezo, força, e actividade. He verdade, eu o confesso, que muitas vezes nas conversações, nos negocios, e nos mesmos discursos, que se compõe, não se trata, nem de Filosofia, nem de Mathematica, nem de Historia Grega, ou Romana. Com tudo, a applicação ao estudo destas Sciencias subministra ao engenho solidez, discernimento, e huma graça que os intelligentes bem conhecem. Bastão estas reflexões para se conhecer a utilidade, e a necessidade da educação litteraria, e a sua indubitavel influencia na prosperidade politica das Monarquias, e pois a desgraça da Europa, que hia trazendo o Imperio da barbaridade, fez pausa, não se despreze em Portugal, aquillo que em todos os tempos, e em todas as épocas foi o principio, e o motivo de sua maior gloria. (*)

(*) *He cousa bem sabida, e conhecida pelos monumentos da nossa Historia, especialmente desde o Reinado de D. Duarte, o cuidado que se começou a ter na educação litteraria, em particular dos mancebos nobres. Mandavão-nos estudar a Bolonha, a Padua, a Roma, e a París, e seu principal estudo era a Jurisprudencia, e Theo-*

ARTIGO II.

Critica.

A Critica, e Medicina, são duas cousas que parecem gemeas, geradas n'hum mesmo ventre, e de hum mesmo ventre nascidas. Ainda não disse que me doia hum pé, ou hum dente, ainda me não queixei de sciatica, ou enchaqueca, que não saltasse dalli huma velha, ou qualquer das espreitadeiras, e murmuradeiras serpentes da minha escada, e visinhança, que não dissesse: "faça isto, ou faça aquillo"; impacientando-me ás vezes tanto com os emplastros, e beberagens que me applicão, com manifesto prejuizo das Boticas, e da Faculdade; que ja me lembrou dar huma parte á Faculdade, a vêr se se desem-

---

logia. O Infante D. Henrique, irmão do mesmo Monarca D. Duarte, instituio em Sagres huma Escola de Astronomia, e Navegação. João de Sacro-Bosco, e Martim de Lchemia, forão chamados para ensinarem o que então se sabia de Mathematica, e Geografia, e talvez que com estes mesmos rudes principios se fizessem maiores feitos, e prodigios, do que agora com o apparato das Sciencias exactas, levadas ao ultimo apuro na especulação. Entre as eloquentissimas Cartas do Grande Angelo Policiano, illustre restaurador das Letras na Europa, se acha huma (que teve resposta) ao Doutor João Teixeira, Chanceller-Mór d'ElRei D. João II., em que lhe dá parte dos grandes progressos que seus dois filhos fazião na sua Escola de Florença, onde tinhão sido mandados para se educarem nas Letras Latinas, e Gregas, e nos elementos da Dialectica de Aristoteles que então se começáva a ensinar na Europa. A' Escola de Paris, e Tolosa, regida pelos Gouvéas de Beja erão mandados muitos mancebos; grande argumento do muito cuidado que havia, naquelles dias da nossa gloria, da educação litteraria! Buchanan, Christovão Clavio, e Nicolão Clenardo, forão chamados a Coimbra.

béstava (*) com hum Diploma que rachaçasse, e désse cabo das mézinhe'ras, e das mézinhas todas. Todo o mundo he Medico; todo o mundo he critico. Parece-me que os criticos ainda são mais. Está hum Botequim cheio de gente; pois não me engano se disser: " toda esta gente he da familia dos criticos", como escrevia, e dizia hum Medico de qualquer febre, inda que fosse de huma creança a quem apontassem as prezas: — " He da familia das podres." Apparece hum Livro, qualquer bigorrilhas, qualquer Jagodès he hum critico, *Fiet Aristarchus*. Pois se he Poeta! Basta ter feito hum Elogio de Theatro para huma Actriz pedir esmola, julga-se capaz de presidir conclusões — *De omni scibili.* — E em que cousistirá a critica destes homens? Consistirá no mesmo que fez o Franciscano Paggi aos Annaes do Congregado Baronio? Consistirá no mesmo que fizerão Freron, e Beaumelle á Henriada de Voltaire, mostrando-lhe que não tinha hum só verso, que não contivesse hum erro? Oh! se elles fizessem isto, fazião huma cousa muito bem feita, muito necessaria, muito util, para que certos Escritores nos não encampassem gato por lebre. Não fazem isto, o que fazem he pegar n'hum Livro, e n'hum copo de ponche (carregado) para ir a cousa entermeada, gole de ponche, e piparote no Livro; e depois de exprimirem o acido-doce do ponche, com a boca aberta, e o indeclinavel monosyllabo — (háá!) dizerem: " Isto não presta para nada, o Author he hum asno, o homem não faz mais que avançar os passos para a casa dos Orates!" A esta familia dos criticos está sujeito todo o Escritor, ainda que toda a sua vida se matasse por se instruir, e saber, que he o principio, e a fonte de escrever bem, como diz o judicioso Critico Horacio. Se se mettem a escrever... peior hum pouco. Ora o mundo vai vèr huma cousa a que eu posso chamar — Hum Pato depennado — E eu não hei de decidir; quero que o mundo veja, que o mundo julgue, que o mundo imparcialmente decida. Sahio á luz o Poema — *Oriente*, — fructo do trabalho de annos; escru-

---

(*) *A palavra* desembésta, *he tirada do antigo instrumento bellico, de que falla a Cartilha* (B. Bésta), *e he preciso carregar no é, para tirar todo o equivoco, e não começarmos já com historias.*

pulosamente visto, examinado, annotado, correcto por huma das mais eminentes cabeças em Litteratura, mais de dez vezes chamado á unha, como diz Horacio, e tanto mais de dez vezes, que dezoito copias se fizerão desde a sua primeira origem. Levou em frente hum discurso preliminar, no qual se aproveitárão os profundos estudos de Ignacio Garcez Ferreira, e de Faria, Commentadores de Camões para mostrar os Plagiatos deste Poeta, ou as fontes donde tinha bebido toda a têa do seu Poema: sahe-se hum Critico da familia dos acima nomeados com hum Livro, a que chamou = *Parallelo analytico do* Oriente, *e das* Lusiadas =; ou descompostura do Author do Oriente. A primeira vez que no balcão de hum Livreiro eu abri este Livro casualmente; abri a pag. 45, e confesso que embatuquei, porque encontrei alli o seguinte:

„ Diz o Reverendo Epico a pag. 73 (do discurso pre-
„ liminar do Poema — o Oriente) O Grego Apolonio,
„ e o Latino Valerio Flacco introduzem as Nereidas, sc-
„ correndo a Náo Argos no perigo que corria em o passo
„ de *Scylla*, *e Callybdes*. Camões introduz as mesmas Ne-
„ reidas, seccorrendo as Náos Portuguezas no perigo que cor-
„ rião sobre os cachopos do porto de Mombaça.= Aqui na fór-
„ ma do seu costume *cinca* o Reverendo Epico em Geo-
„ grafia: a paragem em que os Argonautas forão seccor-
„ ridos *não foi a de Scylla*, *e Carybdes* „ *voragem* so-
„ bre a costa de Sicilia no estreito de Messina; essa era
„ a derrota de Enéas, mas não a de Jasão; foi nos ca-
„ chopos de Cyane, por outro nome Symplegades no Bos-
„ phoro Tracio, ou se quer mais claro, são no canal de
„ Constantinopla: pois em *Apolonio* não ha mais parecen-
„ ça que em Valerio Flacco. *Mas quem apresenta Jasão*
„ *na Italia póde dizer o que quizer.* „

Até aqui o Critico-Analitico-Apologetico-Aristarco; está o erro manifesto, e o Author do Oriente pilhado, e descomposto, *quod erat demonstrandum*. Mas eis-aqui o que converte em furor a paciencia humana. Venha Apolonio, e vejamos se isto he critica, se he malevolencia, se he ignorancia, se he bigodear o genero humano. Vejamos se Camões furtou de Apolonio; ou se he hum patife falsificador, e aleivoso o Author do — Oriente —

A expedição dos Argonautas, ou a conquista do Vellocino. Poema em quatro Cantos por Apolonio de Rhodes, traduzido pela primeira vez de Grego em Francez, por J. J. A. Causin, Professor no Collegio de França, segunda Edição: Paris 1801; pag. 343, Canto IV.

„ Escapando aos encantos das Serêas os Argonautas se „ chegavão tremendo ao estreito (*de Messina*) onde „ maiores, e mais tremendos perigos os esperavão. De „ hum lado se *levantava o rochedo de Scylla.* „ (Na verdade he hum grande cincador, ou o que lhe quizer chamar o Illustre Critico, o tal Author do Discurso preliminar do *Oriente*; não sabe Geografia!!!!) „ E de „ outro lado *Carybdes* lançava daquelles profundissimos „ abysmos temerosos bramidos. As Nereidas lhes appa- „ cem de repente de todas as partes. „ (Assim fizerão em Mombaça, e assim furta o *Divino* Camões!) „ e The- „ tis em pessoa deitou a mão á cana do leme. Assim co- „ mo hum cardume de Golfinhos, cuja vista alegra os „ mareantes, sahem do seio do mar tranquillo, e brin- „ cão em torno de hum navio; taes as filhas de Nereo, „ (as Nereidas), cercárão a Náo Argos! „

Ora isto na verdade he huma impertinencia, he o mesmo que estar a depennar Patos, por mais que se basculhem, sempre lhe ficão canos por depennar. Veja o Illustre Critico, se o Reverendo Epico *cinca* em Geografia. Veja se Jasão foi a Italia, se andou pelas costas da Italia, se se vio entre *Scylla*, e *Carybdes*? O Illustre Critico he que póde escrever o que quizer; porque parece fadado para fazer rir os homens sensatos, que pasmão de o verem escrever depois do *Exame examinado*. Tendo o Livro do Illustre Critico mais de 300 pag. não tem huma só de tantas onde se lhe não descubrão maiores imposturas do que esta mentira. Desta casta são os Criticos que nos aturdem. Dizer de qualquer cousa, — Não presta —, nada custa, levantar hum testemunho falso para insultar hum homem he a cousa mais facil que ha no Paiz das Letras, ou Letras que taes! Não foi no canal de Constantinopla, Senhor Critico, foi entre *Scylla*, e *Carybdes*, e bem póde dizer agora, Senhor Critico, que se foi metter entre estas duas sujeitas tão respeitaveis. Se em Valerio Flacco se represen-

ta Juno, e Pallas, fazendo nas Symplegades o mesmo que as Nereidas fazem em *Scylla*, e *Carybdes* no Poema de Apolonio, claro está que he huma imitação, ao passo que em Mombaça figurou Camões huma copia. Desgraçado mister, que suppõe, ou dá a conhecer no homem certo fundo de maldade, pela satisfação que mostra em descobrir as faltas que achou nos escritos dos outros. Se fôra verdade não ter dito Apolonio o que Camões furtou, podia passar; mas dize-lo Apolonio, e vir o Critico mui ancho dizer — Apolonio nunca tal disse, — e dizer Apolonio o que se diz que Apolonio dissera, he surra no Illustre Critico. Tanto saber das regras! Porque não fazem hum Poema, que com a sua perfeição venha patentear os defeitos do Oriente! Qual historia!

Do Sol tres cursos ha que foi voando,
Todo se ergueo de gosto vacilante.

Eis-aqui os seus versos.... Mas a Nação encarregou-os de vingar a injúria feita a Camões, querendo-o emendar. Ridiculo pretexto!! Em primeiro lugar — *Nego suppositum*; onde está Camões emendado? Em segundo lugar, fação-nos favor de nos dizer, onde mora o Tabellião em que a Nação lhes foi fazer esta procuração! Hum Poema, meu Illustre Critico, hum Poema...

Hæc mala sunt, sed tu non meliora facis.

Oh! porque eu fiz quarenta Elogios de Theatro! Proveito dos Confeiteiros! Ora, vendo-se o Illustre Critico, assim *colhido ás mãos*, porque o Apolonio não quer mentir, e conhecendo por isto o nosso Critico, que para saber criticar, he preciso estar certo nas cousas, aliàs expõe-se a irremediaveis surras, como ficará o nosso Critico? Como? Como aquelle outro Poeta de Theatro, (o enchuto) que vê *Tramacia*, Tragedia sua ir a terra, e em cima della o páo das pateadas, e fica-se; que vê *Irene*, Tragedia sua, com o mesmo destino, e fica-se; que vê a *Hespanholita em S. Sebastião*, Drama seu, em hum só Acto com quatorze pateadas, e fica-se; que vê o Elogio — *O Nome* — (enchada sua) tão bem acceito, que o mesmo Elogiado não o quiz ouvir recitar, e fica-se. Assim como este Poe-

ta, fica o nosso Critico, vendo andar Jasão pela Italia, pela Sardenha, pelo Danubio, e por séca, e méca, e Olivaes de Santarém. E para que estas hidas, vendas, e andancias de Jasão, o apanha-carneiros, não fiquem unicamente affiançadas no Apolonio, citado no Discurso preliminar do Oriente, ouçamos outro testemunho, e seja o de Apolodoro Atheniense Grammatico no Livro da Origem dos Deoses, traduzido em Latim por Benedicto Spoletino, o qual diz assim Liv. I. § penultimo: — "Estes, (os Argonautas) levados pelas costas da Libya, buscavão a Etruria, (A Toscana, Senhor Critico, e veja se Jasão foi a Italia) pelo mar de Sardenha: foi ter a Náo, levada pelas Serêas, á *Scylla*, e *Carybdes*; d'onde se vião romper com grande força o fumo, e as chammas, e as Nereidas com Thetis, por mandado de Juno, levárão por aqui a Náo a salvamento." = Ora na verdade quem põe Jasão na Italia póde escrever o que quizer!!! Antes pôr Jasão na Italia, que a Cidade de Lamego na Provincia do Minho, chamado o — Arraiano, — como a põe o *Milton* do Sado a pag. 83 do seu *Portugal immune*. Saibão os Senhores Criticos, que a Arte Critica he muito difficil, salvo se quizerem reduzir ao simplicissimo principio da moda, que he — *Descompor o Author, e deixar a obra*: — e queixão-se de que se responda ás suas futilidades, e invectivas com hum estillo jovial! eu estou persuadido que cousas ridiculas, ridiculamente devem ser tratadas, e ridiculo será o Author que não tratàr assim despreziveis inimigos.

Fim do Número primeiro.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Critica, e de Litteratura.

N.° 2.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

A Gloria Militar.

NEnhuma gloria excede, ou he superior á Gloria Militar; nem ha profissão mais brilhante que a das armas. As acções boas, e honestas, tornão-se credoras de estima, e de amor, mas os applausos, as acclamações, e os triunfos, são unicamente para as acções de estrépito, e de perigo. Os homens prezão as virtudes, e os talentos pacificos, mas ficão absortos, e como attonitos com o esplendor dos Guerreiros. Que brilhante época faz na carreira de hum Heroe o dia em que alcança huma assignalada victoria! Fica seu nome escrito no Catalogo dos Grandes Homens, prepara hum grande assumpto para a Historia, muda o destino dos Imperios, e encontra a sua felicidade no seio de sua propria gloria. Todos lhe ficão devendo sua fama particular, e individual! Sua direcção, e commando obrou tudo, huma palavra creou prodigios, e só com hum volver de olhos fez Heroes. Dispensa, ou distribue os premios do valor, dá a celebridade, e impera soberanamente na imaginação dos homens, goza ao mesmo tempo da presente fama, e da posteridade; he o Idolo do Paiz onde nascêra, e do Reino a que pertence. A guerra dá hum utilissimo abalo ao Corpo po-

litico, exalta o caracter nacional, accende o patriotismo, e faz nascer, ou produz pensamentos de gloria. A virtude dos filhos do ardimento, vivendo na memoria, e nos corações, accende nos corações o desejo de grandes feitos, e serve de muralha, e baluarte ao seu Paiz. Cicero diz, que o estudo da Arte da guerra precede a todas as Artes; que a Patria, a liberdade, os mesmos Cidadãos não podem ser sustentados, e conservados senão pela protecção das virtudes militares, e que debaixo da sua tutella, crescem, e se consolidão os Reinos, e as Républicas. O mesmo Marco Tullio affirma, que não se julgou digno de subir á Tribuna Republicana senão depois que montára a brecha, e galgára as muralhas de Nola.

Mas nós devemos considerar nas acções bellicas a intenção, e o motivo. A Gloria não deve ir separada da Justiça, nem a verdadeira grandeza desligada da bondade. A guerra he hum verdadeiro flagello quando serve, e he ministra dos negros projectos da ambição, e quando as vantagens, e successos felices são obras, ou são effeitos do delicto, e quando a celebridade he acompanhada do pranto, e das queixas das Nações, e quando o fim de tantos conflictos he não a fabrica, e conservação, mas a ruina, e o exterminio dos Imperios. O homem de bem, isto he, o verdadeiro Filosofo geme, e suspira ao lêr as relações das batalhas de Cheronéa, de Farsalia, de Ocanha, e de Waterloo. Horrorisa-se ao escutar, ou pronunciar o nome de Attila, de Gengiskan, de Buonaparte, e de todos os fataes Heroes, que como outros tantos sanguinarios Cometas, brilhárão com huma luz infausta, e annunciárão, e trouxerão calamidades ao mundo. Estes Heroes destestaveis passárão como o raio, ou o tufão dos mares da China, e parece que os seus mesmos felices successos forão huma iniqua accusação contra a Providencia, e que a sua reputação mais fôra hum escandalo, que hum timbre. Que importa, digo eu, que se falle de hum Rei, ou de hum grande General, e que se diga delles, que derão a lei ao mundo, se elles lhe não derão tambem a felicidade? " Tu não es hum Deos, (dizião os Scythas ao feroz devastador Alexandre) porque tu fazes mal aos homens." Todos nós fomos testemunhas daquelle nobre enthusiasmo de applausos que a nossa Patria deo, quando aqui voltou de Cadiz aquelle grande, e famoso Capitão, que suspendeo primeiro a turbi-

da corrente dos devastadores do mundo, que primeiro venceo, e dispersou aquelles terriveis batalhões, que conservavão a Europa oppressa em ferros; e que com hum guerreiro ardor conduzido, e levado pela experiencia, e com os conselhos da prudencia, executados pelo valor marcial, tornou os Exercitos de Albião invenciveis, e nos levou a arvorarmos nossas bandeiras sobre os escarpados picos dos Pyrenéos. Foi elle o primeiro que acompanhado, e seguido dos Heroes Lusitanos fez tremer o feroz invasor na sua mesma terra, em seu mesmo covil, obrigando a encolher as garras a tão sanhudo leão. A victoria marchou sempre alistada debaixo de suas triunfaes bandeiras, e a fortuna espantada de seu valor, lhe offereceo o cabello, e quebrou a roda.

Mas não he isto ainda, não he só o nome do Grande Wellington que toca o meu coração; em nossos mesmos Annaes Lusitanos temos grandes prodigios da verdadeira gloria militar. Mais que o guerreiro saber, mais que os valerosos esforços, mais que as vastas, e prodigiosas conquistas desde a Fortaleza de Ormuz até á Fortaleza de Malaca, que comprehendem entre si a maior parte da Asia Maritima, admiro em Affonso de Albuquerque a nobre simplicidade, e tão nobre como o seu sangue, o desinteresse absoluto no meio de tantas victorias, e thesouros, e aquella modestia heroica com que escreve a ElRei D. Manoel, e lhe diz: — "Em quanto ás cousas da India, ella fallará por si, e por mim. Nesse Reino tenho hum filho, a quem mando se chame Affonso; espero que V. A. o faça grande como os meus serviços merecem." — Eis-aqui a virtude que foi em Albuquerque a alma das obras mais heroicas; eis-aqui as qualidades que tornão verdadeira a gloria militar.

A guerra he a obra de Deos a mais tempestuosa para os homens. A terra tem suas borrascas, tempestades, ventos, e volcões, o homem tem a guerra: os votos do verdadeiro Filosofo devem pedir a guerra, quando a paz he perigosa, ou impossivel. He justa a guerra, quando he necessaria, e indispensavel, e são pias as armas, quando em nenhuma outra cousa mais, que nas armas, se póde constituir a esperança. He preciso muitas vezes levantar o grito da guerra, e chamar todas as virtudes guerreiras para a defensa da Patria, e dos Cidadãos. He preciso que se

apparecer hum oppressor público, e universal, que todas as Nações, senão quizerem perecer, accendão o fogo da guerra, como se faz nos desertos da Africa, quando apparece a grande serpente devastadora; não ha outro meio de escapar de seu venenoso dente, de seus medonhos silvos, e horridos anneis, senão o de accender as plantas já meio queimadas pelo raio ardente do Sol. Não se póde evitar a morte, senão cobrindo hum Paiz immenso de chammas, e levantando hum antemural de fogo contra a grande perseguição do terrivel Rei das solidões.

SOCIEDADE MERCANTIL.

Huma mão lava a outra, e ambas lavão o rosto. Hum Judêo, e hum Christão pozerão huma Tenda; o Christão estava na Tenda ao Sabbado, e o Judêo ao Domingo; e desta maneira se conservava a Tenda sempre aberta, e o negocio nunca parava.

Os dois irmãos Pedro, e Thomaz Corneille habitavão em dois quartos no mesmo pavimento, hum era rico de idéas, e o outro tinha promptos os consoantes; quando o Thomaz se via com a alma secca, chegava á janella, e dizia: — " O' Pedro, empresta-me cá hum pensamento "; e quando o Pedro suava, e tressuava por achar huma rima com que fechar hum verso sem o poder concluir, chegava á janella, e gritava: " O' Thomaz, acode-me ca com hum consoante. "

Certo negociante se dava tão bem com a sua sociedade mercantil, e tão habilitado estava a escrever com os dedos a sua firma, que, subscrevendo huma Escritura de Casamento, assignou: — *Bernardo, e Companhia.* —

ARTIGO II.

Critica.

QUando o odio sediço, e rancor cégo dirige a penna dos criticos, que ficão muito contentes com achar defeitos nas obras dos homens, quasi sempre vão dar com os focinhos n'hum sedeiro, com os bigodes na area, e buscando lá vem tosquiados; acordão cães que dormem, que os esfarrachão de huma só dentada. Se os Brennes, quando atacarão Roma, torcessem muito bem o pescoço aos grasnadores Patos do Capitolio, (porque não havia outro meio de os fazer calar) elles entrarião triunfantes no mesmo Capitolio; porém assim como os Patos engordão com as pragas, ha Patos do mesmo genero Anserino, que nem com as tundas morrem; eu os tenho visto, até depennados, que se esgueirão da máo do Galinheiro, e vão grasnando para o meio da Praça da Figueira; esta scena me tem divertido algumas vezes, e me tem excitado a idéa de hum critico, quando posto a grasnar contra o Author de alguma obra, este o depenna, e o Pato não se cala. Ora appliquemos esta imagem ao Illustre Critico do Poema *Oriente*. — He hum homem que tem huma paixão céga pela gloria da Patria, não quer que a reputação da Litteratura Portugueza padeça o menor desliz em quanto elle for vivo, inflamma-se em zelo, arde, espuma, enfurece-se, quando vê escritos que compromettão a Nação, acode logo, porque (mas elle só o diz) está *municiado* pela Patria com plenos-poderes para a defender; mas nunca apresenta as Credenciaes. Quando appareceo o Livro que zurzia a Seita Sebastica, (corpo respeitavel, porque começando em çapateiros, quaes forão Gonçalo Annes, e Simão Gomes, sempre se tem conservado, em grande parte, na mesma corporação de S. Crispim!) veio o Illustre Critico, parecendo-lhe muito contrario á gloria da sua Cliente, a Patria, que não houvesse Sebastianistas; escreveo aquelle doutissimo Tratado, (que se intitula: *Refutação Analytica*) em que evidentemente prova a vinda, determina a longitude, e latitude da Ilha encuberta, e prova a *divina* inspiração do Pretinho do Japão, do Mourinho de Granada, do Donato de Monserrate, de Benta de Aguiar, de João

da Barroquinha, tudo Profetas *Canonicos*, que ainda não falhárão em huma só promessa! Que fez o Author do Livro? sahio-se com huma depennação intitulada — *Inventario de sandices* —, em que aconteceo o que se vê na Praça, fugir hum Pato derrabado das mãos do Galinheiro, mas grasnando ainda. Appareceo o Poema *Oriente* —; eis a Patria a gritar *Aqui d'ElRei*! ao seu Advogado, que acodisse a sua constituinte, que estava perdida, e que a sua gloria se eclipsava! Ora isto para as entranhas de hum filho tal, erão facadas; tira huma penna, vai-se ao Poema *Oriente* —; e agora o vereis; a primeira cousa que diz he esta: o Poema não presta para nada, e a prova he esta:

A pag. 128 do Parallelo Analytico; (tanto analytico!!) pega em hum verso, he da Oit. 18 do Cant. 1.°

— Dos andes vacillou cima nimbosa. —

E diz — „ Isto he hum erro de Fysica *pelos dar em tudo*! „ (*Que homem! Em tudo acha erros, muito sabe, ou só elle sabe!*) Acima das altissimas cordilheiras de montanhas da America meridional, „ chamadas Andes, fica muito superior ás nuvens. „ Lembre-se que Diogo Almagro passando do Perú „ para o Chili (*este passo de Historia he roubado „ pelas mesmas palavras de huma nota do meu Poemeto* — O Argonauta: *fazer-se erudito com o que „ eu lhe ensino, para me dar a mim mesmo huma „ torquezada tão oca, como logo veremos, he cousa nova!*) lhe morrêrão muitos soldados, que „ á volta achou incorruptos no cimo das montanhas; *o que por certo não succederia*, se ellas „ sendo inferiores ás nuvens, fossem sujeitas ás intemperanças do ar, por tanto he claro que o „ epitheto — *nimbosa* — não sómente não he proprio, mas he errado. —

Eis-aqui o que se chamão razões de cabo de esquadra, e porque são tão más, não passemos da Patente de Anspeçada. Pergunto, Senhor Critico, as nuvens chegão ás Estrellas fixas? Só as nuvens da sua absoluta ignorancia lá podião chegar. Pois a huma Estrella chama Virgilio — Nimbosa — *Nimbosus Orion*. Nao chegarião lá as nuvens

ainda que se encarapitassem em cima de hum Mulo Castelhano. Ora este insulto feito ao Poemá he tão taludo, que merece seriedade para acabar de huma vez com tanto grasnar, com tanto vilipendiar. Diga-me, Senhor Doutor Analytico, choverá na Russia? Sim, chove; diga-o o Carrapato Napoleão, que deo de lá ás de villa Diogo entangnido *de frio*, e molhado como hum Pinto; logo pode-se, sem erro na sua Fysica de V. m., chamar *nimbosa* á Russia: (*nimbus*, quer dizer choveiro, e em translato, lugar frio, tempestuoso, desabrido) pois na Russia conservão-se os cadaveres incorruptos, e chove na Russia, e cahe neve na Russia. Ora diga-me, (mas eu estou fazendo perguntas, a quem só, como todos sabem, andou na escola) sabe qual he a altura dos Andes, e qual he a altura da Atmosfera? Nem V. m. saberá o que he Atmosfera, veja como saberá qual he a sua altura; he claro que nada disto sabe, porque se o soubera, não diria tantos despropositos em tão poucas palavras. Ora attenda, e aprenda. O mais elevado pico dos Andes no Chimboraço está 3712 toezas acima do nivel do mar, pouco mais de legua e meia Franceza; citar ao Senhor Aristarco Analytico *Guthrie*, he o mesmo que fallar-lhe Arabe, ou Chim. A altura da Atmosfera não está designada, nem se póde designar com exactidão mathematica; mas pelos calculos mais modernos Mr. de la Hire (mais Arabe para o Critico) na Historia da Academia Real das Sciencias de Paris, anno de 1713 pag. 61 lhe dá 32 ⅌ 362 toezas, ou quasi 16 leguas Francezas, e Mr. de Mairan (mais Arabe) servindo-se da altura das diversas Auroras Boreaes, conclue que a altura da Atmosfera passa de 266 leguas Francezas. Se a chuva pois se fórma (chuva he *nimbus*) dos vapores reunidos no meio da Atmosfera, e despenhados pelo seu pezo especifico, e pelo impulso do vento (huma vez que o Doutor Analytico não descubra, para vingar Camões, ao mundo o contrario) pergunta-se, haverá, ou não haverá nuvens que subão muito acima dos mais altos picos dos Andes? Diogo de Almagro achou os soldados, e os cavallos mortos no meio da neve; pois se os Andes tem neve, donde lhe veio esta neve? Só se o Doutor Analytico ateimar agora que a neve em que Almagro achou enterrados os cadaveres incorruptos dos soldados, não tinha cahido da Atmosfera, mas que tinha hido da loja do Julião, ou da porta do Passeio, a oito vintens cada dedal, fóra o

frete, e o aluguel da Catimplora; se não quizer deste sorvete preparado, dirá que pela fysica de Camões, que vio as nuvens a chupar agua, como as sanguixugas que os Medicos receitão para tudo, a terra nos Andes, sem mais nem mais, se converte em neve; mas esta neve tocada dos raios do Sol, como succede nos Alpes, lança vapores que fórmão chuveiros, (*Nimbos*) e os vapores para onde vão calcorriando, para baixo, ou para cima? Subindo, desatão-se em chuveiros (*Nimbos.*) Ora quem podéra, (nem Euler, nem Bernoulli, nem o mesmo Bacco feito Clerigo em Moçambique, como diz Camões) applicar o calculo á desmedida altura, ou profundidade de tanta ignorancia? Os Sábios me perguntaráõ, porque respondo a destemperos? Porque os ignorantes cuidão que destemperos são razões.

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Ode a Wellington, &c.

Fim do Número segundo.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 3.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Sobre as fadigas a que se dão os Litteratos para adquirirem as Sciencias.

QUando considero que hum número immenso de Turcos vivem ditosos, e felizes, máo grado sua ignorancia, me acontece deter a reflexão sobre os trabalhos, cuidados, e penas que soffrem, e padecem os Litteratos para transmittirem seu nome á mais remota posteridade. Que males, e que desgostos, ou amarguras devorão? He preciso que o desejo de transpôr a escura noite dos seculos encerre em si cousa tão poderosa, e forte, que obrigue a lhe sacrificar sem reserva, e sem desprazer o tempo mais precioso da vida humana! Do pequeno número de annos, que a Natureza fixou ao circulo da mortal existencia, he preciso tirar os primeiros quinze, que se consomem ou nos brincos da infancia, ou nos duros trabalhos da educação. Quando se chega ao terceiro lustro, não se faz mais que affrouxar. O espirito, assim como o corpo se enfraquecem, e ambos são victimas de todas as enfermidades. Cumpre reduzir a vida do homem, contando-a dos dezeseis annos até aos sessenta, a quarenta e cinco annos; e este tempo tão curto, e tão precioso, he empregado pelos Litteratos em occupações peno-

sas, e desagradaveis, sem terem outra consolação mais, que a esperança de verem passar seu nome á posteridade.

Confesso que quando se chega a despojar as Sciencias de suas inherentes difficuldades; estas Sciencias são então consideradas pelo lado agradavel, e mostrão huma face mais amena, e menos escabrosa. Hum Fysico, e hum Geometra, depois de haverem suado vinte annos continuos com infinito trabalho, o julgão bem recompensado com o descobrimento de algumas verdades, até então desconhecidas. Mas, se considerassem o que passa dentro em seu coração, verião que a esperança de eternisar seu nome os induz a buscar assiduamente a verdade, mais ainda que o prazer de a desenvolver, e arrancar do cahos em que estava envolta, e sepultada. Se estivessem certos, que nunca se lhes permittiria a publicação desta verdade, duvido muito que quizessem adquirir o seu conhecimento á custa de tantos trabalhos, fadigas, e suores. Os Filosofos, e os Litteratos fallão incessantemente do desprezo da gloria; mas sem embargo de seus grandes, e pomposos discursos, he certo que sem o estimulo desta paixao, que se chama amor da gloria, a ignorancia dilataria muito seu imperio sobre todos os mortaes. O unico desejo de distinguir-se do vulgo, de exceder aquelles com quem se vive, de lhes inspirar admiração por quem sobrepuja os outros em conhecimentos, fez que a Antiguidade visse os Aristoteles, os Platões, os Sofocles, os Euripedes, e os Demosthenes. O mesmo desejo foi o que tem produzido entre os modernos tantos homens Illustres, os quaes nos deixárão nestes ultimos tempos obras tão bellas, e tão sublimes. Eu creio que convinha muito bem a todos por devisa áquelle verso de Virgilio: —

Vincit amor Patriæ, *laudumque immensa Cupido.*

Se todos os Litteratos não tivessem tido por fim, e por emprego, mais que estudar as virtudes moraes, e aperfeiçoar-se na sapiencia, terião limitado todas as suas ancias de saber, ao util conhecimento de si mesmos. Não terião procurado medir os Ceos, seguir o curso dos Planetas em suas órbitas, examinar as differentes producções da Natureza, e apurar tanto seus conhecimentos, que até achárão o pezo do ar. Tudo isto, deverião elles ter dito comsigo, he inutil, e infructuoso, nem nos leva ao nosso fim. O alvo a

que deviamos olhar, e dirigir nossos tiros, era buscar os meios de nos tornarmos felizes, e ditosos, e de sermos uteis aos outros homens. Procuremos pois tudo o que nos possa fazer virtuosos, e communiquemos nossas reflexões aos nossos Concidadãos. Que proveito poderão elles tirar de saber que não ha *Vacuo*, e de que a terra gyra em torno do Sol? Isto não os fará nem mais affaveis, nem mais virtuosos, nem mais tranquillos, nem mais felices. Os ignorantes, que não fazem mais do que aquillo que lhes ensinou a Natureza, ajudada com algumas reflexões debeis, e geraes, são ordinariamente mais felizes que os Litteratos. Quantos Artifices, ou homens officiaes ha, que occupados em seu mister, vivem tranquillamente no seio de suas familias, com muito mais prazer, e contentamento, que os maiores Filosofos no canto de seu Gabinete, cercados, ou empilhados, e suffocados de Livros, que tratão do desprezo da gloria? Não he a Sciencia, que nos faz ditosos, he a probidade. A Fysica, a Methafysica, a Rhetorica, não produzem a verdadeira Sciencia, e a verdadeira sapiencia, para me explicar melhor, porque esta se observa muitas vezes em hum camponez, ou em hum çapateiro. He preciso buscalla onde ella se encontra, e preferir a tranquilla ignorancia de hum pobre artifice, aos conhecimentos inuteis, e infructuosos de hum Filosofo, ou de hum Orador.

He certo, que se aquelles que se tem affadigado, e soffrido tantas penas, em communicar aos homens os conhecimentos que adquirirão, tivessem trabalhado por amor da virtude, não deixarião de fazer estas mesmas reflexões, então se persuaderião que era mais util ensinar aos homens a arte de viver tranquillos, e felizes, que a arte de correr após os descobrimentos de algumas verdades inuteis por sua natureza, difficeis, e trabalhosas de se aprenderem. Aproveitai-vos, lhe haverião dito estes Litteratos, do tempo presente: sede virtuosos, procurai cumprir vossas obrigações, e officios, não percais inutilmente os instantes que se não podem ressarsir. O tempo passa, e se vosso coração não está roido do remorso da culpa, se seguis, e obedeceis ás leis da probidade, sabei que tendes tudo quanto he preciso, para vos tornardes bemaventurados, e ditosos. A applicação a algumas Sciencias infructuosas servirá, quando muito, para vos roubar o bem presente, com a esperança de algum bem futuro, e imaginario. Os homens

Sabios não tem necessidade de cousa alguma ; os Filosofos necessitão de tudo. Se não procurardes mais que gozar dos favores concedidos pelo Ceo, a vossa ventura mora, e existe em vossas mãos, e de vós depende. Usai bem destes bens: desgraçada seria a condição humana, se a sua ventura dependesse do conhecimento das cousas, que nos são absolutamente desconhecidas. Mas não he deste geito que os Litteratos instruem, e ensinão commummente os homens. Longe de pizarem esta vereda, cada hum delles se mata por levantar até ás estrellas o genero de estudo a que se applica. Pelo largo fio da Historia Litteraria não achei ainda hum só dos que se inculcão Patriarcas das Sciencias, e das Artes, que não queira estabelecer a sua gloria sobre as ruinas, ou abatimento das outras que lhe são estranhas. Hum Orador louva apenas friamente hum Filosofo. O maior esforço do espirito humano, consiste, na sua opinião, no talento de persuadir com a força da eloquencia, e enternecer o coração com a doçura das expressões. Hum Filosofo considera pelo contrario hum Orador como hum Empirico, (frase Medica) ou emplasteiro, cujos discursos estão cheios de luzes falsas, ou furtadas, sem offerecerem cousa alguma sólida, e macissa aos que querem razões, e não palavras. O Fysico, e especialmente o seu Mathematico ordena o uso da Rhetorica como huma cousa perniciosa ao público, e diz muito affouto, que tudo o que não são linhas não são Sciencias, e chamão a talismans, e geroglificos algebricos de pura convenção, Sciencias exactas, e positivas. Paciencia!! *Montagne*, que disse tudo quanto quiz, e quanto não quiz, que escreveo como se conversa com muitos, quando cada hum diz o que lhe parece, falla assim dos Oradores: — „ Os que vendem arrebiques, e bezuntos para as mulheres, fazem menos mal, porque pouco se perde em não ver as mulheres como ellas são; os Oradores fazem profissão de enganar, não os nossos olhos, mas o nosso entendimento corrompendo, ou alterando a essencia das cousas. As Républicas que mais se conservárão, entre os antigos, em hum pé de bom regulamento, como a de Lacedemonia, e a de Creta, não fizerão grande caso dos Oradores. „ — Esta paixão tão ordinaria nos Litteratos de não louvarem mais que a Sciencia a que se dão, não he huma prova evidente, que a vaidade, o desejo da gloria, e a ambição tem mais parte em seus trabalhos, que o amor da

virtude ? Se não se affadigassem mais, que para instruir os homens, ou não se applicarião a cousas que não fossem absolutamente proveitosas, ou quando cultivassem as que são mais curiosas que uteis, louvarião com igualdade todas as Sciencias, e não darião a preferencia áquella em que se julgão eminentes. O Filosofo cuida que quanto mais respeitada for a Filosofia, mais o será elle mesmo. O Historiador, o Orador, e sobre tudo o Ente chamado Poeta, tem a mesma idéa, e parece que se apostão em louvar com maior enfase a Historia, a Rhetorica, a Poezia.

O verdadeiro amor da virtude não busca avidamente os elogios, e os applausos. O homem que vive para ser util a seus Concidadãos não mostra parcialidade pelo grão, e estima que se deve dar áquelles que ensinão, que adornão o entendimento, e que dirigem o coração. Mas a vaidade, e o desejo de se levantar acima de seus émulos não inspirão desejos tão desinteressados. Despertão pelo contrario o amor proprio, e fazem nascer hum ciume tanto mais violento, quanto mais escondido, e disfarçado. Estas paixões são o motivo da pouca justiça que os Litteratos reciprocamente se fazem. Receião sempre que a reputação alheia lhes diminúa a propria, e que lhes feche a estrada, ou entupa o caminho da immortalidade a que aspirão com tanto furor. Parece-me que me posso servir desta expressão para fazer sentir, e conhecer o vehemente desejo que têm os Litteratos de transmittir, ou fazer passar seu nome á posteridade. Alguns tem feito acções tão extraordinarias, e tão criminosas como as do incendiario do Templo de Diana. Se o que se conta de Aristoteles fosse verdadeiro, não se poderia encontrar na Historia da loucura humana morte mais extravagante que a sua. E não he huma prova de extremada, e encarecida vaidade, querer mostrar aos homens que se não quiz continuar a vida, porque se não pôde comprehender hum segredo da Natureza? Aquell'outro Filosofo que se arremeçou nas bocas do Etna, e que deixou os çapatos, ou sendalhas na borda do precipicio, para que se não podesse ignorar o genero de morte que havia escolhido, não deve ser considerado como huma victima do furor de immortalisar seu nome? Outros que não exaltárão tanto sua vaidade, não deixarão de obrar cousas contrarias ao seu repouso, e tranquillidade, porque esperavão que assim passaria seu nome á immortalidade. Quantos houve,

que soffrêrão o degredo, a prizão, e a privação de todos os cómmodos, males a que se poderião esquivar, se condemnassem, ou supprimissem suas obras? Quizerão antes perder tudo quanto tinhão, gemer em duro cativeiro, desterrados da Patria, do que ver extinguir-se, e desvanecer-se a memoria do seu nome.

Com tudo, ainda que seja tão fatal o excessivo desejo, que os Litteratos tem da gloria, nós lho devemos perdoar, á vista das vantagens que deste immoderado desejo tiramos. Já que a emulação que tem huns da gloria dos outros, os excita a produzir tão bellas obras, he preciso que nos compadeçamos delles, porque não fazem por amor da virtude, o que unicamente executão por ambição. Este he o passo, em que por huma só vez, se deve confessar, que devemos obrigações a hum vicio. Sem elle esmorecerião as Sciencias; e hum vicio suppre a privação, ou a falta de huma virtude. Se ha defeitos, que se devão perdoar, são por certo aquelles, que fazem tão bem as vezes da virtude. Além disto, nem todos os Litteratos levão aos ultimos extremos o amor da gloria, e a paixão de transmittir seu nome á posteridade. Alguns ha, que põem freio a seus desejos, e se não deixão levar além de certos limites, e se todos são desejosos de immortalisar o seu nome, nem todos empregão os mesmos meios para conseguir esta immortalidade. Voltaire fez endoidecer muitas cabeças, Rousseau a sua, e eu tomára fazer dormir a minha.

DITO AGUDO.

Disse hum discreto Inglez, que se não devia fazer tanto caso em Londres do Bastão do Marechal Jourdan, que se puzesse, em huma Festa pública, em cima de huma meza, porque este Bastão não foi tirado *das mãos* do Guerreiro, mas *do fundo do seu Bahú.*

ARTIGO II.

CRITICA.

Carta ao Sr. J. J. P. L. em que se dá a razão porque não tem respondido ao Livro de Pato, intitulado Parallelo Critico, e Apologetico Analytico do Oriente, e Lusiadas, = J. A. D. M.

MEu amigo; todos os adagios, todos os proloquios, todos os proverbios da nossa boa lingua Portugueza, são outras tantas sentenças mais dignas de ser gravadas com letras de ouro na fachada do Templo de Delfos, que o *Nosce te ipsum*; conhece-te a ti mesmo; mas entre todos os que derão já hum Volume, e entre os mesmos que se poderem inventar, e dizer até á consumação da lingua Portugueza nas mãos dos traductores de Francez, e *Neologistas* Politico-Militares, eu não encontro outro que mais me encha a alma, e que diga mais verdades em menos expressões, do que este: = A palavras loucas, orelhas moucas. = Se Longino atinasse com o que era o sublime, elle diria que aqui estava, e que nestas vozes da verdade se encerrava: = A palavras loucas, orelhas moucas. = Nem o *Quos ego!...*, nem o *Dux Femina facti*, de Virgilio, nem o *Quil mourut* de Pedro Cornelio, que tão bem sóa nos ouvidos, nem o *Cæsarem vehis* do Grande Lucanno, nem (para me esquecer destes pigmeos) estes versos do nosso *Divino*, e *impecavel* Camões

„ De modo, filha minha, que de geito,
„ De modo, que dalli se só se achara. „

podem emparelhar com o sublime desta sentença. = A palavras loucas, orelhas moucas. = Aqui ha o sublime dos termos, o sublime dos pensamentos, o sublime do sentimento moral, e até o sublime do desprezo, porque só orelhas moucas são justo castigo de palavras loucas. Se eu tivera escutado, e obedecido a este Oraculo da verdade, não teria ha sete annos esperdiçado tanto tempo, tanto papel, tanta tinta, e talvez que não tivesse abuzado da paciencia humana. Mas o que não traz o mez, traz o an-

no ; eu me calarei , he verdade ; mas como o ultimo arranco da moribunda candèa he mais luminoso , que o até alli continuado clarão , não parecerá muito ao público pedir dois annos para fallar , quem depois de dois annos se deve calar para sempre. Além deste motivo , (que he poderoso) de não querer , nem cançar o público , nem perder tempo , eu teria outro mais poderoso para me calar , e não perder tempo , vendo que tudo quanto se tem dito , e diz contra mim , he huma enfiada de inepcias , de affrontas , de vituperios , ou vilipendios , que a Justiça não consentiria se dissessem ao maior facinoroso , e que a razão não toléra , nem na classe mais immoral da sociedade. Huma Meretriz , he mais commedida com outra Meretriz , quando mais assanhadas se descompõem , e esbofetêão , do que muitos Escritores tem sido comigo. O meu grande crime he o Poema — Oriente. — Hum Escritor — F. Magro — em huma cousa chamada Epistola a Estro dos Santos , diz dos versos do Poema — Oriente — *Illeso o Heroe , que delles se affrontára.* — Isto he levar a cousa a hum excesso de affronta , que ou devia obrigar o Censor a rasgar o papel , ou obrigar-me a mim a desaffrontar-me como homem. Pois os versos do — Oriente — são injuriosos a Vasco da Gama ? Injuriosos lhe devião ser os de Camões , que o mettem na cadèa pública de Calicut , donde não sahe sem pagar a Coima de ter hido á India , com duas peças de panno da Covilháa , e hum quarto de vinho do lavradio :

„ *Escreve a seu Irmão , que lhe mandasse ,*
„ *A fazenda com que se resgatasse.*

E que com effeito conduzem os dois sobre-cargas da Charrua S. Rafael , entregando-a ao Catual , que era huma solemne Harpía. Eu responderia , meu amigo , a tudo isto , senão visse (para me servir do vulgar proloquio) que era gastar cera com ruins defuntos. Responder a ignorantes , he ser como elles. Este mesmo Epistolador , que se intitula — F. Magro — em huma nota á mesma Epistola , dirigida , como elle diz , ao outro F. Estro dos Santos ; diz , (fallando do Poeta Italiano João Jorge Trinisso , que foi o primeiro que compoz em vulgar , e em versos soltos hum Poema Epico , intitulado — A Italia libertada —) *O Car-*

deal Trissino. Isto he o summo, ou o créme da ignorancia! João Jorge Trissino foi hum pobre homem, casado, com filhos, e que morreo na indigencia, e que morreo primeiro que a mulher, porque nem depois de viuvo fosse Ecclesiastico: isto diz Tiraboschi, diz Landi, diz Mazzochelli, dizem todos os Escritores, todos os Diccionarios, e todo o mundo diz; e vai o Escritor F. Magro, de sciencia certa, motu proprio, e poder absoluto, faz do pobre Poeta Trissino — O Cardeal Trissino —. Eis-aqui os Escritores magros, e obesos a quem eu tenho que responder; mas a razão manda que não responda, nem delles faça caso, porque he dar corpo a cousas que o não tem, e a leitura do que elles fazem me deixa em hum silencio estupido, e como o vulgo sempre energico em o que diz, eu direi com frases do vulgo: — fico mamado, e ambaçado. Eu me julgaria condemnado a huma dura galé se me reconhecesse obrigado a responder a Escritores desta polpa: deixo que impunemente me affrontem, que derramem o amargo fel que os consome. O mesmo homem, que converte em *Lemure* o Doutor Fransini, em huma cousa em prosa, que precede a Braziliada, e a que elle dá o titulo indeterminado de = *Preliminar* = sendo aliàs, como elle diz, Dedicatoria ao Enfermeiro do Hospital, me chama frescamente *Chocarreiro*, e *Delator*, por fallar em hum Poema, chamado a *Napoliada*, que elle mesmo alli diz, *que lia a todo o mundo*: pois se todo o mundo o ouvio ler, como posso eu *delatar* ao mundo, o que o mundo, muito bem sabia, porque elle o lia a todo o mundo? Meu amigo, para que hei de eu responder a estes homens, e outros que taes?

Isto he verdade, mas ha casos que podem mais que todos os protestos que a minha paciencia possa fazer. O Caderno intitulado — Parallelo Analytico do Oriente com as Lusiadas —, titulo que não he o objecto da obra, me obriga a fallar ainda, porque não só o pede a justiça, mas a honra. Se eu quizer ajuizar da gravidade do delicto, que commetti, compondo o Poema — Oriente —, pelas affrontas que se me tem feito, e dito em papeis impressos, e manuscriptos, em cartas anonymas, e por *anonymar*, he preciso que me persuada, que na terra ainda se não commetteo maior crime, pois me declarão réo de lesa humanidade, e de lesa Nação por haver tratado o mesmo assumpto que tratou Camões.

Neste Caderno intitulado — Parallelo Analytico — (porque todos os meus detractores são analyticos) ha hum pequeno Prologo, e para que todos conheção a infamia com que se escreve, e com que sou tratado, farei algumas observações ao mesmo Prologo, por ser a cousa mais notavel que ainda vio letra redonda, desde que no mundo a ha, e desde o primeiro Livro, que no mundo se imprimio, e que se intitula — *Decor Puelarum*: (Veja-se o 1.º Vol. dos Annaes Typograficos.)

Neste Prologo se citão humas palavras minhas, que são do Discurso preliminar do — Oriente, e são do theor seguinte: *Em quanto a mim, parece-me que he esta Epopéa a menos defeituosa possivel: se assim não parecer bem aos outros, emendem, mas não insultem.* Isto digo eu, agora accrescenta Pato, que assim se assignou o Author do annunciado, e não feito Parallelo: — *Nesta parte o contentaremos, escreverei sem o imitar, escreverei com aquella decencia, que se deve ao público, e sustentarei o* — Parcere personis, dicere de vitiis.

Ora vejamos, como me contentão, e como isto se sustenta. Bastaria contar as palavras do Prologo para sabermos o número dos insultos. Vamos a alguns, — diz Pato: — *Depois do Exame Critico do Gama do Reverendo José Agostinho de Macedo tem elle inundado Lisboa de escritos seus, e eu passando todos em silencio.* O Exame Critico foi tão completamente batido no *Exame examinado*, escrito que eu recommendo a todos os seculos, e a todos os homens, que o maior pasmo dos mesmos homens, he que o proprio *Pato* ainda tivesse animo para molhar huma penna em fel, e atacar o Oriente, como atacou o Gama com seu camarada *Loureiro*, hoje Escritor em Inglaterra, para honrar este Reino com o papelinho intitulado: — O Portuguez? — *E eu passando todos em silencio.* Que bondade! Que seria de mim se elle quizesse escrever, e fallar! Porque não rompeo o silencio, quando appareceo a *Meditação?* Não he tambem hum Poema? Não o moveo então o *Amor da Gloria Nacional* (que he a mola que move este nobre animo!) a mostrar os defeitos daquelle Poema? Não, isto não podia ser, porque lhe faltava o pretextosinho da offensa feita a *Camões.* A Patria só deo Procuração ao Illustre Author do Elogio, chamado o *Nome*, para defender Camões, que ninguem offendeo. Mas

continuemos a vêr como se perdôa ao homem, e se lhe reprehende com decencia os vicios. — *Esperava ao menos que o Reverendo Epico reconhecendo a sua propria fraqueza* (Que authoridade, que pezo, que importancia dá a si mesmo este *Pato*! Todos os que escreverem devem temer, não queira elle passar em silencio os escritos que apparecerem!) *e corrido da terrivel justiça que o público fez ao seu Gama* (já por castigo se gastou a Edição) *reprimisse os impetos de seu desmandado orgulho, e mais não tentasse derribar a fama de Camões.* Ora eis-aqui bem poupado hum homem, descomposto de *orgulhoso*, *e desmandado.* E então, meu amigo, que resposta se ha de dar a isto? Que se ha de retorquir a falsa, e falsissima supposição de *derribar a fama de Camões*, porque quiz, e foi minha vontade cantar a expedição de Vasco da Gama? Teve acaso, ou deo-se a Camões a propriedade exclusiva deste assumpto, ou foi o Gama o que elle quiz cantar, quando na proposição do Poema, em que se deve incluir o Heroe, e a acção, disse:

As armas, e os *Varões* assignalados...
Entre gente remota edificárão,
Novo Reino, que tanto sublimárão?

Cousa que não fez Vasco da Gama, que não levou armas, nem exercitos á India, quando a foi descobrir pelo Oceano, nem lá edificou Reino algum?

Lêa-se mais avante o pequenino Prologo, e achar-se-ha este urbanissimo cumprimento, em que se desempenha com hum manifesto insulto a *decencia*, com que se promette escrever para o público. — *Pugnando pela honrada memoria do nosso immortal Camões, e pondo patentes alguns dos desvarios Litterarios do seu vaidoso Agressor.* Torna outra vez o estribilho da offensa feita a Camões. Que he isto? Parece-me que vejo D. Quixote a *enderezar tuertos*, sem ninguem o mandar. Ninguem offende Camões. Por ventura Barros offendeo Castanheda? João Pedro Maffei offendeo Barros? Manoel de Faria e Sousa offendeo Maffei, porque escrevêrão a Historia da India? Solis offendeo Zarate? Damião Antonio offendeo os Monges Authores da Monarquia Lusitana, escrevendo do mesmo assumpto? Em que offendi eu Camões? Ou o fiz bem, ou o fiz mal. Se o

fiz bem, meu proveito; se o fiz mal, proveito de Camões! Francisco de Andrade escreveo o cerco de Dio, Lopo de Sousa Coutinho escreveo o cerco de Dio; quem o deo por injuriado? E vinga-se a gloria de Camões, chamando-me a mim *desvairado*, *vaidoso*, *e agressor*? Eis-aqui a decencia. Eis-aqui a penna de Pato!

Ah! meu amigo!
São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Pato. Ode a Well.

Fim do Número terceiro.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 4.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Aristoteles, e sua Filosofia, vingado das injúrias da preoccupação.

Advertencia necessaria sobre este Artigo de Litteratura do Espectador Portuguez.

" Hum dos crimes dos seculos barbaros em Litteratura, ,, foi fazer de Aristoteles hum barbaro. Não pelo capricho ,, de defender paradoxos, como fez Mercier nos fins do se- ,, culo passado, mas por amor da verdade, me resolvi a ,, publicar o presente Artigo, que offereço á contempla- ,, ção, e á estima dos Sabios, submettendo-o á sua judiciosa ,, Censura.

EU cuidava algum dia, que as Obras de Aristoteles, e os commentarios das Obras de Aristoteles erão a mesma cousa, e que havia perfeita semelhança, e estreito parentesco entre o espirito do Author, e o dos Commentadores; este engano me fez crer por muito tempo que Aristoteles era hum *quidam* do vulgo dos falladores Gregos, e que o que elle escreveo, era tão tenebro-

so, tão nojento, tão repugnante como o que o fizerão dizer huns Demonios, chamados Peripateticos, que por muitos annos se fizerão Senhores das Escolas, e exclusivos possuidores das Sciencias. Nada ha mais opposto á verdade, que a precipitação em julgar das cousas! Todos aquelles que se levantarão contra o Paripatecismo, tiverão razão, todos os que se embravecêrão immediatamente contra Aristoteles, forão huns monstros, que calumniárão, e procurárão rebater o mais profundo talento que appareceo na Antiguidade, apenas igualado entre os modernos em penetração por Espinosa; mas na vastidão do genio, nenhum póde hombrear com elle. Os negros, e esquentados Arabes, o furioso Oraculo da Escola de Cordova, Averroes, que, sendo Medico de profissão, podemos dizer que fôra o maior assassino do merecimento de Aristoteles, os Escolasticos, que começárão em o derretido namorado Pedro Abeilard, affogárão este portentoso espirito, enxovalhárão sua memoria, inverterão, corrompêrão, e deshonestárão sua Filosofia. Pedro Ramus tem razão de escrever contra a Dialectica que se diz de Aristoteles, Walchio tem igual razão de expôr o atheismo de Aristoteles; mas elles escrevem, não contra o que elle escreveo, mas contra os que lhe fizerão dizer o que elle nunca disse. Grande desventura para hum talento tão sublime! Os commentarios, as notas, as exposições, costumão não só fazer realçar o merecimento dos Authores a que se ajuntão, mas facilitar a intelligencia dos bons escritos que deixárão. Fatalidade atróz! Os commentadores, e expositores de Aristoteles chamados Escolasticos, rebatêrão o merito de tão grande homem, e tornárão obscuros, tenebrosos, e impenetraveis seus escritos com gravissima injúria da sua fama, e muito mais grave damno da Républica Litteraria. Se Aristoteles fosse bem entendido, não permanecerião por tantos seculos em perfeito atrazamento os conhecimentos humanos. O que he mais para admirar he vêr, que os modernos que se dizem grandes pais, e inventores da nova Filosofia, saqueando sem ceremonia o Grande Aristoteles, dizem mal delle, e o enxovalhão sem piedade. Outra desgraça acontece á memoria deste raro homem, e he, que quatro franchinotes Francezes, que parem depois de grandes gritos, e berros, os pequenos ratinhos de huma miseravel Novella, mofão, e escarnecem do unico homem, a quem na antiga, e na moderna idade se póde chamar verdadeiramen-

te encyclopedico. Eu mesmo, que sou hum gafanhotinho, á vista deste desmedido Gigante da Litteratura, disse, por fazer ecco aos meus predecessores pigmèos em Litteratura, muito mal do Filosofo Estagirita. Ora pois, eu me emendei, e me desdigo; desejo sempre julgar sem prevenção: observo que se queimão continuados incensos a todos os Authores Gregos, ninguem deixa de louvar Euripides, Sofocles, Demosthenes, Xenofonte, Thucydides, Herodoto, Pindaro, Anacreonte, Aristofanes; porém quando se trata de Aristoteles, todos se riem, e o desprezão, obrigados da preoccupação da authoridade. Pois Aristoteles, como Filosofo, he mais digno de louvor, e respeito que todos aquelles, cada hum em sua repartição. He maior Filosofo, que Thucydides Historiador, Pindaro Poeta, e Demosthenes, ou Eschines, Oradores. Não me atreveria a fallar desta maneira senão depois de hum maduro, e circunstanciado exame, e hum perfeitissimo conhecimento da causa. Eu quiz conhecer Aristoteles, e a primeira luz pura que raiou em meu entendimento dimanou dos escritos immortaes do primeiro inventor da circulação do sangue, André Cisalpino, Medico de Clemente VIII., que se chamão *Cinco Livros das Questões Peripateticas*; ninguem melhor que este André conheceo, penetrou, e analysou Aristoteles, e tornou mais clara sua doutrina, ou fez admirar a vastidão immensa de seu genio; ainda não me bastava isto para me decidir. Não estive pelas interpretações, e nauseantivas analyses dos Escolasticos da tenebrosa Escola Arabe, que enterrárão o grande Aristoteles; tambem não estive pela interpretação, e traducção estimada de Duval, cuja edição em 2 v. de fol. he tão buscada para as grandes Bibliothecas dos que não lêm, nem deixão lêr os mais. Fui buscar outras fontes, e como não entendo Grego, houve mister valer-me de traducções; mas feitas por quem? Pelos destampados, e tenebrosissimos Escolasticos? Não; porque isto seria ignorar sempre Aristoteles: fui-me ao seculo dos Medicis, e de Leão X. Os Gregos acossados dos Turcos, e refugiados em Italia trouxerão comsigo o texto de Aristoteles não adulterado pelos Arabes; este texto confrontado com os Codices m. s. de Alexandre Afrodiseo, primeiro expositor de Aristoteles no tempo dos Antoninos, se conheceo conforme, exacto, e puro, e sobre elle impresso correctissimamente em Basiléa se começárão a fazer Traducções Latinas, e

porque homens ! Envergonhai-vos, pigmêos Francezes, á vista destes Colossos : vós, que arrotais theorias em politica, para virdes a ser os mais abjectos escravos, com a boca cheia de direitos do homem, e do Cidadão ! Angelo Policiano foi o primeiro, e este só bastava ; mas não traduzio tudo, limitou-se a alguns tratados filologicos, e moraes, que verteo com a mesma elegancia, e fidelidade, com que nos deo Sparciano. Rafael Volaterrano, que Gigante Litterario ! Este traduzio todo o texto com assombro de Lascaris, Calcondiles, e Bessarion, Gregos doutissimos. João Filopono, Agostinho Ninfo, Francisco Filelfo, Pomponio Leto, João Joviano Pontano, e Xilandro ; nenhum destes he Escolastico ; e o combinado trabalho destes homens assignalados nos deo a purissima, e fiel traducção de Aristoteles, impressa em Basiléa no anno de 1542, a que se juntou a Prefação de Jeronymo Gemuseo, o Elogio de Aristoteles de Simão Grinêo, e a judiciosa, e profunda Censura do incomparavel Filologo João Luiz Vives. Estes são os documentos que eu juntei para formar o meu juizo analytico sobre Aristoteles, que os seus indignos commentadores me tinhão feito desprezar : *Stultus ergo* ! Ora admiremos este grande prodigio, e brazão do espirito humano.

Continuar-se-ha no seguinte Folheto.

ARTIGO II.

CRITICA.

HA homens, que obrigados da propria miseria, compõem obras semelhantes ao seu estado. Resolvem-se, muitas vezes, ou quasi sempre atormentados da inveja, a censurar, e criticar hum Livro; supponhamos que o Livro, e o Author do Livro merecem ser apedrejados; pois a critica que lhe fazem ainda he peior, e ainda o merece mais que a obra criticada: esta verdade apparece em plena luz — no Paralello-Critico-Synthetico-Analytico-Calchografico-Typoplastico do Oriente com as Luziadas. Basta abrir o Livro ao acaso, não he preciso seguir a sua ordem, porque não tem outra cousa mais, que não interromper a enfiada de injúrias contra o Author do Oriente. Assim me succedeo agora, e succede sempre que se abra o Livro, abri a pag. 264.

He tal o furor de criticar a torto, e a direito, com razão, ou sem ella, que se vê obrigado não só a saltar paredes, mas a obrar contra o senso intimo, isto he, contra o interior dictame da consciencia de Estalagem. Digo eu no Poema *Oriente*, fallando do encontro do Mouro Monçaide em Calicut, que fôra grande prazer para os Portuguezes, ouvirem a lingua Castelhana ainda além de Ceilão, ou Taprobana. Eis-aqui para o Critico hum peccado dos que não tem perdão, e com a ufanía de hum Triunfador, com o apparato de Geografia (digno de hum Danville!) começa a demonstrar, que a Ilha de Ceilão, se com effeito essa he a antiga Taprobana, fica em frente da Cabo Comrim, tantos graos para aqui, tantos gráos para alli, para além, para acolá, mais inclinada para a Costa de Coromandel, que para a Costa do Malabar, e depois de grandes tiradas de injúrias pessoaes, que he o novo methodo de criticar, assenta que eu dissera huma grande asneira, porque a lingua não foi ouvida além de Ceilão, querendo o rigor não só historico, porém geometrico, e geografico em hum Poeta, que, huma vez que seja verosimil, póde dar por páos, e por pedras. Orá vamos observando o talento do Illustre Critico, e os seus conhecimentos. Diz V. m., Senhor Aristarco, que faz, e tem feito

montes de Elogios de Theatro ; e eu alguns ouvi seus : creio que, ou V. m. por tanto os não faz, ou os faz com plena ignorancia da Poetica. Onde tem melhor, e mais adequado lugar as hyperboles ? Se a Prosa as admitte muitas vezes, que será a Poesia ! He preciso ser muito pato o leitor que não conhecer, com as mais simples noções que tenhã de Geografia, e das figuras de Rhetorica, que o Poeta alli fallou exagerado, pela grande distancia que ha de Lisboa a Calicut, e pela natural admiração de Monçaide, e dos Portuguezes, que naturalmente podião proromper ainda em maior hyperbole, e dizer que se alegravão de ouvir a lingua Hespanhola, v.g. *onde nasce o dia* : o que era mesmo natural, e hyperbolico em maior gráo, pois ainda ha immenso territorio ao Oriente de Calicut. Que diria o tal Critico, se eu fizesse a Camões igual reparo, quando este Poeta, no C. 1. Oit. 51., põe na boca dos Nautas Portuguezes as seguintes palavras dirigidas aos Mouros de Moçambique :

„ Do mar temos corrido, e navegado,
„ Toda a parte do Antartico a Calixto,
„ Toda a Costa Africana rodeado, &c.

Que diria, se eu criticasse Camões de nestes versos dizer, que tinha o Gama navegado toda a porção do Globo do Norte a Sul, pois he o que elle diz : = *Toda a parte* do Antartico (*o Sul*) a Calixto (*o Norte*) ? E se eu dissesse : " Camões *errou* em dizer *toda a Costa Africana rodeado* ; olhem como Camões sabe Geografia ! Tem os navegantes em Moçambique ; ainda lhes faltava navegar por este lado tão grande porção da Costa Africana até Suez, e não tinhão navegado a Costa Africana para dentro do Mediterraneo ; e vai Camões dizer que navegárão toda a Costa d'Africa ! „ — Se eu tal reparo fizesse, de jús me competia o nome de Orate, e tinha o Critico razão de me chamar a mim tão Pato em Poesia, que não entendia que o Poeta naquelles versos fizera duas desmarcadas hyperboles, muito maiores que a minha. He com effeito muito asnear ! Ouçamos mais palavras do Critico a pag. 264 :

" Olhe que se Camões disse : *Passárão inda além da* „ *Taprobana*, não foi alludindo á primeira viagem do Gama, „ porém sim ás conquistas que depois fizerão. „ Aqui he que está o graúdo da cousa ! Mette Camões no inferno pa-

ra obstar a huma justa réplica, e disfarçar sua ignorancia da Arte. Diga-me, Senhor Critico Analytico, de que serve a proposição em hum Poema? Serve de manifestar a acção que o Heróe fez, e que vai ser cantada: V. g. em Estacio começa a proposição pelo — *Fraternas acies*, — que era o que se hia cantar. Em Lucano começa pelo — *Bella per Ematicos plusquam civilia campos* —, porque hia cantar as guerras civis Em Tasso começa pelo — *Canto l' armi pietose*, e *il Capitano*, *qu'il gran sepolcro liberó di Christo* —; porque foi o que fez Goiredo de Bulhões. Pois se Vasco da Gama não foi além da Taprobana, porque o diz Camões na proposição? Para não começar a fallar, sem começar a delirar, e a estouvanar? Diz que allude ás conquistas que depois fizemos; logo não canta a expedição do Navegador Gama, mas as conquistas dos Portuguezes na Asia. E onde está o Poema de Camões que tenha este objecto, e esta materia? Dirá que no Canto décimo as vaticina Thetis, (a toleirona, que não se lembrou que não estava descoberto ainda o estreito de Magalhães, para dizer que se arreava já então com o nome delle, *agora.*) Este vaticinio, Senhor Critico-Analytico, he hum Episodio do Poema, e a proposição não se deve empregar em annunciar para o Poema a materia de hum Episodio, deixando a acção principal, que era o descobrimento, e não a conquista da India, que Vasco da Gama não fez, e o Heróe deve ser hum, e não muitos, como os Varões assignalados. Que diz a isto, Senhor Critico-Analytico? V. m. cala-se? Não diz nada? Que diria V. m. de mim, se eu annunciasse na proposição do Oriente, como materia do Poema, e acção principal do Heróe, o apparecimento da sombra de Alexandre! Quantas vezes repetiria por mofa o *Reverendo Epico*? Quantas eu devo repetir, o *Reverendissimo Critico*!

Depenno, ou não depenno?

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

ANECDOTA.

Certo viajante fallava das diversas ordens da Cavallaria que tinha recebido, e com que tinha sido condecorado em algumas Cortes da Europa; perguntárão-lhe, se havia tambem recebido alguma ordem do Rei da Prussia? Ah! sim, respondeo elle, recebi a *ordem* peremptoria de sahir de seus felicissimos Estados no termo de vinte e quatro horas. Se muitos destes Cavalheiros da Legião de *Honra*, ou da industria, que de vez em quando apparecem aqui entre nós a tirar dentes, ou dinheiro, recebessem a mesma *ordem* que aquelle Cavalheiro recebeo na Corte de Berlim!....

Fim do Número quarto.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 5.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Fim do Artigo sobre Aristoteles.

PLinio, na sua Historia Natural, inquire, e pergunta qual fosse entre os Gregos o maior, e mais subido engenho, ou pelo testemunho de seus proprios escritos, ou pela deposição, e documentos dos que ajuizárão sobre elles; depois de grandes tiradas, e de profundas reflexões, parece que dá a palma de tanta ambição a Homero, segundo o parecer de toda a Grecia, que lhe chama a fonte, e manancial de todos os engenhos: mas, com perdão da grande authoridade de Plinio, examinando mais attenta, e profundamente a cousa, parece-me que, entre os tão decantados Gregos, não houve engenho maior, que o de Aristoteles. Li as suas obras nas traducções mencionadas, e não tive ainda leitura, nem a do mesmo Cicero, que em mim produzisse mais profunda admiração, e despertasse maior assombro. O talento de Aristoteles he o talento da analyse, dos ultimos principios deduz, com huma dexteridade superior a todo o methodo de Descartes, o que ha de mais occulto, e escondido nas materias que trata; ninguem com mais agudeza, e com mais força refuta os argumentos contrarios, ninguem fundamenta, e estabelece com mais solidez seus proprios principios, ninguem segue aquella luci-

da, ou luminosa ordem de que fallou Horacio com mais profundidade. Como verdadeiro, mesmo em seus tratados didascalicos, só ensina o que he util, o que he necessario, sem a esteril redundancia dos modernos falladores, mas com aquella frugalidade de palavras, que he propria de hum genio vasto, e profundo; tudo nelle he sólido, he cheio, nada ha ocioso, nada vazio. He impossivel a quem o lê, e comprehende, sentir a menor distracção; verdadeiramente conheci, que de Aristoteles se póde dizer com mais razão o que já se disse do Orador Lysias, que se arruinaria, e cahiria por terra toda a pomposa maquina de seu edificio, se huma só pedra se lhe tirasse, isto he, huma só palavra a seus discursos; em tanta ordem, e com tão exacta proporção tinhão sido compostos! Os Filosofos que existirão antes de Aristoteles, conforme o parecer de Scipião Aquilano, que tanto escreveo sobre esta materia, e cujo Livro foi tão raro na Europa, escrevêrão pouco, e confusamente. O primeiro que escreveo bem foi Platão, e o fez com grande copia de doutrina, e eloquencia; porém seus escritos são pouco proprios para as Escolas, não servem aos Mestres, nem são uteis aos discipulos. Os escritos de Aristoteles tem o cunho de livros elementares, são instituições filosoficas, e em nenhum Escritor Grego se encontra tanta dexteridade, e tanta simplicidade na exposição da sua doutrina. Tudo he concebido com certas formulas, e com tanta brevidade, e gravidade de palavras, e de sentenças, que mui pouco trabalho tem a memoria em as conservar, e applicar. Nenhum dos Gregos tem mais propriedade nas expressões; nascem das mesmas materias que elle trata. A redundancia luxuriante parece ser a partilha dos Escritores daquella Nação, não he assim Aristoteles; não busca entreter os ouvidos, nem lisongear a imaginação, deixando o leitor vazio. Tudo o que diz he cheio de conhecimentos profundos, onde sempre se aprende, e se utilisa alguma cousa: não capta a aura popular, ou ambiciona huma momentanea deleitação, busca só huma utilidade permanente, e contínua. Eis-aqui porque Aristoteles não he para toda a qualidade de leitores; pede hum gosto feito, e apurado, e hum engenho não só agudo, porém profundo, sólido, são, e circunspecto; exige hum animo attento, diligente, inundado com a torrente da erudição, e da continua lição de muitos Authores, e do conhecimen-

to de muitas materias scientificas. Porque faltou tudo isto á maior parte dos Commentadores, e expositores de Aristoteles, eis-aqui porque seus immortaes escritos forão julgados insuaves, asperos, inintelligiveis; os Petimetres Francezes, e os que entre nós os escutarão, e seguirão como Oraculos, assim o julgárão; mas seu efeminado engenho, sua ignorancia, não póde supportar o pezo de tanta, e tão profunda doutrina, bem como a luz do Sol, e o esplendor do dia he molesto para os olhos enfermos, ao mesmo tempo que he suavissimo, e agradavel para os sãos, e bem constituidos. Não ha cousa que mais me escandalise, depois da minha attenta leitura de todos os escritos deste grande homem, que as invectivas dos orgulhosos modernos, (e talvez daquelles que lhe devão toda a sua sabença, e por elle sejão tudo aquillo que são,) contra os escritos deste homem unico, porque ignorára algumas cousas, porque não exposera bem outras, sem se lembrarem, que elle fôra o primeiro inventor, e que muitas materias de que elle trata estavão até alli intactas, e que de sua natureza pedião longo tempo, e contínua experiencia de muitos Seculos para chegarem á sua total maturidade, e perfeição. Outra cousa noto eu em Aristoteles; temia-se das perseguições litterarias, as mais terriveis de todas; não queria combater frente a frente as opiniões, ou preoccupações recebidas; o exemplo de Socrates o aterrava; eis-aqui porque deixou muitas cousas escuras, ambiguas, e impenetraveis: conhece-se, que não queria descobertamente expor o que sentia.

He pasmoso o catalogo de seus escritos que nos conserva Diogenes Lacrecio, mais pasmoso, e incrivel o que se fórma no prefacio da edição de Aristoteles por Aldo Manucio; excede na verdade a capacidade, e a comprehensão humana; parece huma ninheria o que se diz dos trezentos Volumes de Didymo Grammatico. Ora eis-aqui o que eu pude apanhar sobre os Livros de Aristoteles, conforme todos os Escritores da Historia Filosofica, especialmente Stanley, e Brucker. Os Livros de Aristoteles, juntamente com a Bibliotheca de Theofrasto seu discipulo estiverão por muito tempo escondidos, e sepultados, porque passando para as mãos de seus herdeiros, homens sem Letras, permanecêrão incognitos, desprezados, e cobertos de poeira até ao tempo do Dictador Sylla. Este homem barbaro em politica, era Romano, e amigo das Sciencias, e

das Artes : comprou a Bibliotheca , e a entregou a Tyraniáo Grammatico , para transcrever , e pôr em ordem tão preciosos monumentos ; isto acho eu escrito em Plutarcho , e Strabão. Então começárão a ser conhecidos , porém mui pouco estimados , porque muito difficeis de entender , pois a Filosofia fóra da Grecia tinha feito poucos progressos , até que no Seculo dos Antoninos appareceo Alexandre Aphrodiseo , que lendo profundamente as Obras de Aristoteles começou de escrever Commentarios á maior parte dellas ; então começou tambem o Filosofo a ser lido , a ser entendido , e a conhecer-se , e universalisar-se a sua doutrina ; todos os sábios conhecêrão a grande utilidade que se podia tirar da leitura de tão maravilhosas composições. Mas nem todos os monumentos , nem todos os escritos deste grande homem , que Lucio Sylla tinha trazido a Roma , chegarão até os nossos dias ; a injuria dos tempos comeo , e consumio estes thesouros. Tudo isto se collige dos antigos Escritores , e Marco Tullio em o livro segundo da Natureza dos Deoses traz hum argumento extrahido de Aristoteles com o qual elle prova a Providencia Divina pela ordem , magisterio , e admiravel formosura do Universo. Este argumento não apparece entre as Obras de Aristoteles , que conservamos , e eu li. O mesmo Marco Tullio diz que vira , e lêra huma Obra de Aristoteles com o mesmo titulo : da Natureza dos Deoses. Clemente Alexandrino em seus *Strómatos* faz mensão de outros Livros de Aristoteles , que não existem ; eis-aqui porque nos não deve parecer encarecimento o que nos diz Diogenes Lacercio , que elle escrevêra até quatrocentos Volumes , mas he preciso com tudo advertir , que os antigos destinguião os Livros de huma maneira muito differente da que nós agora praticamos. Tambem se lhe atribuirão muitos ; o que sempre aconteceo aos Escritores de grande pulso. Ora pois parece-me , que eu devo reduzir a quatro differentes classes os escritos de Aristoteles. A primeira comprehende aquelles Livros , que contém a Arte de dizer , e de persuadir ; a esta tambem se devem ajuntar os que compoz sobre a Poetica , sobre a Musica , e os seus Próverbios. A segunda contém os Livros que ensinão a arte , ou sciencia de disputar , e discorrer. A terceira os que ensinão a Moral , e a Sciencia da Legislação. A quarta os que tratão das cousas naturaes , e sobre-naturaes , isto he , toda a Fysica , e toda a Metafysi-

ca. Estas são as classes primarias a que se devem reduzir os escritos deste homem extraordinario. Os Livros pois que compõem estas classes, além de innumeraveis que se perdêrão, e que o Grammatico Tyranião não pôde transcrever das membranas estragadas do tempo, e onde a humidade tinha de todo apagado, e comido os caracteres, são os seguintes: A primeira; os Livros da Rhetorica, dedicados á Theodectes, de que temos em linguas vulgares excellentes traducções, e amplos Commentarios. Da emulação civil, dirigido a Alexandre, hum Livro. A Poetica, comprehendida tambem em hum Livro, de que temos tambem traducções, e commentações. A segunda pertence aos Livros da Dialectica, que vem a ser, hum dos dez predicamentos; dois da proposição, ou annunciação; dois da Arte silogistica; os analyticos primeiros, e segundos; oito Livros dos Topicos; hum dos Elencos. A terceira pertence ás obras moraes, e as que nos restão são as seguintes: A Ethica em oito Livros dedicados a Nicomaco. Outro tratado de Ethica, em dez Livros a Eudémo; a Grande Ethica, em dois Livros; a Politica em oito; a Economia Civil, em dois Livros; porém hum delles he apocryfo. A' quarta classe finalmente pertencem os seguintes: oito Livros das naturaes *escutações*; titulo estranho, porém conforme o sentimento do Grande João Luiz Vives, são como as postilas que os discipulos de Aristoteles escrevião, e elle dictava; quatro Livros dos Meteôros, que são como huma parte da Fysica particular; outros quatro do Ceo; dez Livros de Historia Natural dos animaes; estes forão mandados compôr por Alexandre, gastando immensas sommas para se apresentarem ao Filosofo os documentos necessarios para esta grande empreza, em que elle foi o primeiro, e Buffon o ultimo, aproveitando-se delle, e de todos; quatro Livros da Anatomia dos animaes; cinco sobre o prodigio da Geração, e quantos seculos antes que Falopio, e Spalanzani tratassem, e expozessem esta abstrusa materia! O Genio de Aristoteles rompeo todos os seculos, e se constituio o medelo, e o manancial de todos os Filosofos. Dois Livros da geração, e corrupção, isto he, da producção, e acabamento dos seres, onde se observão luminosos principios para o célebre systema das moleculas organicas, e particulas similares; hum Livro do Mundo Fysico, dirigido a Alexandre, em que expõe o seu systema cosmologico, quanto a razão sem

as luzes da Fé podia atingir em materia tão incomprehensivel, como he a creação; dois Livros sobre as côres, em que expondo os sentimentos de Platão, annuncia o grande systema de Newton, e sem a casual ajuda, ou soccorro dos vidros; dois Livros de Botanica, nelle se vê hum grande fundo de Sciencia, ainda que não reduzido a systema, e tudo para crermos, que quanto os modernos aperfeiçoárão, fôra inventado por este talento universal; hum Livro dos sentidos, e dos objectos sensiveis, parte bem importante da Fysica; hum Livro da Juventude, e da Velhice; outro do sono, e da vigilia. A Metafysica; estes Livros são de huma profunda, e perfeita obscuridade, em cujas sombras poucos engenhos podem penetrar. Themistio nos diz, que as materias alli tratadas erão muito intelligiveis, expostas de viva voz aos discipulos, o que não admira, porque Aristoteles usaria de expressões, de imagens, de comparações mais familiares, e se faria melhor entender. Com tudo, em os tres Livros da Alma he mais accessivel; e eu por fim depois de muita meditação sobre o puro texto da versão de Hermolau Barbaro, chego a persuadir-me, que Aristoteles tinha formado em Metafysica o mesmo systema de Kant, e que a Filosofia deste Prussiano deve ser o mais claro commentario da Metafysica do Stagirita.

Eis-aqui Aristoteles, sem dúvida o maior dos Filosofos, o mais vasto dos Genios, e o predecessor de tudo quanto em o moderno seculo das luzes appareceo, e honrou o engenho humano. Entre os paralellos de Rapin ha o de Platão, e Aristoteles, bem digno de lêr-se, para se conhecer quem seja este homem que quatro Petimetres desacreditão. Launoi tambem o faz conhecer no seu Livro da varia fortuna de Aristoteles. Ninguem o iguala na Theoria das Artes da eloquencia, e Poezia; he admiravel na Ethica, e Politica, onde nada ha que rejeitar. Na Dialectica se observa a mais exacta analyse do entendimento humano; os que depois vierão, e se illustrárão com escritos de huma semelhante materia, daquella exuberante fonte tirárão toda a riqueza das suas composições. Que outra cousa são as meditações de Descartes mais que os principios do Stagirita? Que outra cousa os escritos de Locke, mais que a sua doutrina mais apurada? São ingratos os que delle se aproveitão, e o desacreditão. Os que se riem de sua Fysica, e Astronomia, constituão Aristoteles ao menos no seculo de Galilêo, e no im-

perio das experiencias, e das observações, então admirarião no tão enxovalhado Grego maior prodigio que em Newton, e no profundo, e doutissimo Muschembroek. Constituão-se estes dois homens no seculo de Aristoteles, não chegarião a hombrear com elle.

Confundão-se pois as Rans palreiras, os insectos litterarios, que tamanha bulha fazem no Paiz das Letras, e vejão como hum homem que existio ha vinte cinco seculos, e mais, pôde abranger todas as Sciencias, lançar os fundamentos a todo o saber humano, e juntar em si principios encyclopedicos. Nada escandalisa tanto a razão como a censura dos grandes homens sem conhecimento da causa.

ANECDOTAS.

Hum Cortador de Açougue, em huma Cidade de Italia enriqueceo muito, (e a pezar como elles pezão, o Officio he para isso!) comprou o titulo de nobreza, e edificou hum Palacio: pedio a hum Clerigo, que lhe fizesse huma Inscripção para mandar gravar no grande Portico; e o Clerigo, que por certo não era de *Requiem æternam*, lhe levou esta: — *Ossibus, et nervis compegisti me.*

Huma já antiga serpente namoradeira, em huma sociedade, em que se tratava de annos de idade, disse a hum sugeito conhecido, que calculava quasi ao justo a idade das circunstantes menos antigas serpentes, V. m. quantos annos me dá? A que elle respondeo: Para que quer V. m. mais, se V. m. tem tantos!!

Disse hum, ou disse eu, que os Medicos são huns homens, a quem se paga, para entrarem algumas vezes na alcoba do doente, até que a natureza o cure, ou *os remedios o enterrem.*

ARTIGO II.

CRITICA.

NÃo ha Theatro que offereça espectaculos mais variados, sublimes, e extraordinarios, que hum Botequim, seja elle onde for, ainda que se possa chamar o Botequim do Deserto. Basta que nos lembremos, que d'alli se governa o mundo, ainda que em secco. Entro n'hum Botequim, e de repente se me antolha hum agregado das Secretarias todas que compõe o Gabinete, ou o Governo de hum vasto Imperio. Cada huma das marmoreas mezas he huma repartição do Governo: olho para huma meza, vejo a Secretaria de *Finanças*; alli brilha, alli reina a economia politica, e todo o systema de Law, de Turgot, e de Mably; alli se tração *planos* para se empobrecer em hum dia o mesmo Potozi em pezo. Olho para outra meza, vejo a Secretaria de Guerra; alli se fórmão as instrucções para os Generaes, e se determinão, e concertão *os planos* das operações, prescreve-se o *Agenda* ao Generalissimo; hum quer que a batalha se apresente em linha, outro em quadro, outro em columna; e sem dar meia noite, e temer a Policia, jámais vi formar áquelles Senhores hum plano de *retirada.* Olho para outra meza, e vejo a Secretaria do *Interior*: alli ferve mais o ponche, chamado *almo* pelos Poetas, entre o ponche almo, e férvido se lembrão os sugeitos capazes para a Diplomacia, e se lhes dão as instrucções *secretas* para o *manejo* das negociações na Corte tal, e na Corte tal. Mas o que me admira mais neste grande espectaculo, he contemplar estes homens, e depois delles duas cousas, os campos sem cultores, e a cadêa ás moscas. Ora como as grandes salas dos Botequins são grandes, não só admiro as mezas do governo, admiro tambem as mezas dos sábios, e dos litteratos; eu não sei se he aquillo Academia de S. Martinho, se os Geraes da Universidade de *Praga.* Alli tudo se julga, e de tudo se decide: A Gazeta, e algum dia o defunto Telegrafo, hum palito, hum copo de agua, e hum homem, eis-aqui hum Sábio; a cara he de hum Vampiro, ou de hum pepino choco; isso não importa, o ultimo jantar que teve já tem tres dias de idade, e sem successão; eis-aqui hum Critico. O estado *exinanido* des-

te homem, a côr macilenta, os olhos inviezados, os beiços lividos, indices de huma frugalidade obrigada, me fizerão sentar ao pé da meza em que elle estava; chegou o *Argus* do caixeiro, com o café, cujos olhos, mais que em outra qualquer parte, se fitão na porta, que não se lhe esgueire algum, que se vá *immune*, *e salvo*, como hum Poema, pela porta fóra; offereci (que he da etiqueta) o café, e foi da etiqueta delle acceitar logo; vi que tinha na mão hum livro aberto, dado pelo Editor ao Botequim, porque os repartio por todos *gratis*. Vi que era o Parallelo analytico, analytico, analytico, analytico, analytico, e mais analytico do Oriente, e das *Divinas* Lusiadas, e vi que marcava a pag. 128 do mesmo livro; pergunto ao meu leitor o que estava lendo; elle que, com a cara mais amarella que a mesma inveja, mais attendia para o café que lhe poz as tripas em roncos de alegria, porque estavão já costumadas a não receber em si comer de lume, do que para quantos livros juntou Ptolomeo Filadelfo, maquinalmente empurrou para a minha parte o livrinho aberto da fórma que estava; eu que sou curioso li a mesma pag. 128, e dizia assim:

" Imagina depois huma falla por Deos proferida, e
„ conclúe assim na Oit. 20. —

„ *Que eu sou quem sou, que me conheça, e basta.* —

„ O que he huma incoherencia Theologica: que reco-
„ nheçamos a Deos, sim: porém conhecello, nunca: a ex-
„ pressão — *Que eu sou quem sou, e basta*, tem arro-
„ gancia, mas não tem dignidade; de maneira que póde
„ convir mui bem na boca do *Reverendo Epico*, mas nun-
„ ca na boca do Eterno. „

Ora confesso a verdade, que nunca abri tamanho palmo de boca, e disse ao meu semi-defunto: — V. m. entende isto! Eu não, Senhor, respondeo o homem. Pois, Senhor, isto não he hum vilipendio para o Author, porque a ignorancia o podia desculpar para o eximir do castigo que tamanha blasfemia merecia; todos conhecem que este homem, apenas sabe lêr, e escrever, e por tanto não he de admirar que ignore até este nome: — A sacro-santa Biblia. — Que dirão os Estrangeiros que isto lerem? *O eu sou quem sou tem arrogancia, mas não tem dignidade*! Diz Moysés a Deos Senhor Nosso, que lhe fallava da Sarsa in-

combustivel : " Senhor, quem sois vós, (Cap. 3. do Exodo) e que nome direi que he o vosso áquelles que me perguntarem? ,, — *Ego sum qui sum . . . Qui est, misit me ad vos.* Eu sou quem sou . . . O que *he* me mandou, ou enviou a vós. (Lea-se o ℣. 14. do Cap. 3. do Exodo.) E atrever-se o mais ignorante homem que ha, pois assim o mostra, a dizer que as palavras que Deos profere pela sua boca, e com que se quiz dar a conhecer, são palavras arrogantes, e sem dignidade! *Ego sum qui sum*! Ser esta Divina expressão aquella com que o mesmo Deos quiz dar a conhecer a sua Eterna, independente, e immortal *Essencia*, tratada de arrogancia!!! Oh Ceos! O que se devia escutar, e lêr impresso no Seculo 19.º? O que verdadeiramente, mais que todos os Filosofos do mundo, dá a conhecer de hum só rasgo o *Ens a se*, que he Deos, tratado de indignidade! *Tem arrogancia, mas não tem dignidade*; e isto para que? que motivo, que pretexto para huma nodoa tal, lançada na dignidade da Nação Portugueza? Salvar a gloria da Patria em Camões emendado! Nunca cuidei que em tão poucas palavras do ridiculo, e infame Parallelo se juntassem tantos absurdos! — Oução, e lêão todos esta blasfemia: — *Que reconheçamos a Deos sim; porém conhecello nunca.* Em primeiro lugar, reconhecer, he affirmar-se no conhecimento, conhecer com reflexão: diz-se *reconhecer hum homem, hum terreno, huma Praça*, por ter destes objectos hum cabal, e adequado conhecimento, porque *reconhecer* he mais que conhecer. E diz este homem, ou o que quer que seja, que podemos *reconhecer* a Deos, e não *conhecer* a Deos. Que *bajorada*, que, que . . . isto não tem nome. Eis o Critico que affirma com toda a seriedade de hum Aristarcão, que não conhece a Deos, e por tanto vem a ser do número daquelles, de quem diz o Apostolo S. Paulo na Epistola II. aos de Thessalonica, Cap. 1. ℣. 8. *Qui non noverunt Deum.* Aqui he preciso advertir o Critico, que *noverunt* he preterito do verbo = *nosco, noscere*, que quer dizer, eu *conheço*, e *conhecer*. Se ha alguns que o não conhecem, (o Critico) ha outros que o conhecem, e olhe que isto he dito de S. Paulo, que não quiz offender o *Divino* Camões! Bastaria que tivesse a mais leve noção da Santa Escritura, para não cahir em taes absurdos. Até com a simples reflexão, se fosse capaz della, podia conheçer que dizia huma Herezia; mas tal he a ceguei-

ra, tal he o rancor, que conserva contra o Author do Oriente, que nunca o offendeo, que lhe céga a razão natural, e desconcerta o sizo commum. Se não conhecemos rigorosamente a Deos na sua Essencia infinita, se o vemos agora, como diz o Apostolo — *Per speculum in enigmate*, todos, até os Selvagens, o conhecem pelas suas obras. e nós os Christãos o conhecemos melhor pela Revelação. Abra as Santas Escrituras, lêa hum pouco, e não invectivará com disparates mais que pueriz, e só filhos da melevolencia, aquellas expressões, e imagens tiradas immediatamente das mesmas Escrituras. Lêa o Cap. 4. da Epistola de S. João ℣. 6., e achará se podemos, ou não conhecer a Deos: *Qui novit Deum, audit nos.* Quem conhece a Deos ouve, e attende ás nossas palavras, e mais abaixo achará huma reprehensão vehementissima contra aquella sua desassisada expressão. No ℣. 8. diz o Apostolo — *Qui non diligit, non novit Deum.* Quem não ama a Deos, não o conhece. Santo Agostinho o conheceo, porque o amou, ainda que tarde: *Pulchritudo tam antiqua, et tam nova, sero te amavi.* E diz mais o mesmo pasmoso Engenho, que pelo conhecimento de si, subia ao conhecimento de Deos — *Noverim me, noverim te.* Veja o Critico em que peia veio dar com os pés!

Ora acabo com huma reflexão, e he esta: Que o Critico diga destas, e outras que taes não admira, em razão da sua já agora invencivel ignorancia, ou do cégo, e sediço odio que conserva ao Author do Oriente; mas que haja homens Quinhentistas que passárão a vida em syllabas, como diz Seneca, furões de palavras, que arrotão de Sábios, que impão de Litteratos, que approvem taes destemperos, e que lhes pareção razões, parece impossivel; mas

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Ode a Welling.

Fim do Número quinto.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 6.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Discurso sobre a desventura de hum desterrado.

HE verdade, não produz fructos huma planta exotica: nenhuma flor derrama perfumes se não goza do terreno natal, e do rocío do proprio Ceo. A dor não tem fecundidade, seu grito he triste, e monótono, como o guincho da fúnebre ave da noite, nem a cotovía saúda a madrugada senão alçando-se verticalmente em hum ar sereno, e descuberto. Tullio, sublime, e magestoso Orador de Roma, não resistio á dôr do seu desterro, e tristissimos cuidados lhe opprimião o coração, e o genio. Hum desterrado infeliz não sente só o amortecimento do genio, mas vê que a alma se lhe séca, e que se lhe extingue o fogo da vida; e como se póde chamar vida aquella que se submerge em hum mar de tristeza? Não vê passar hum dia que se esclareça com hum só raio de gloria, nem que se alegre com a mais ligeira illusão. Quanto he duro dever exclamar: "Não tornarei a ver mais os lugares que me vírão nascer, e onde o meu coração se abrio ás primeiras palpitações da alegria, e do amor; não porei mais o pé no limiar de meu doce alvergue, nem farei repousar á minha cinza na terra de meus Pais; nenhum amigo derramará huma só lagrima sobre a minha sepultura; a

ninguem interessa o cadaver de hum infeliz Estrangeiro. „ Oh! como he doloroso viver sempre entre vás esperanças, e temores, não ter casa, nem terra, e errar de contínuo nos braços do acaso, depender dos incertos jogos de Marte, dos caprichos da fortuna: contar com a vontade dos outros, e com a alheia compaixão, que se cança, e sempre abate hum coração generoso! Oh! quanto he doloroso fugir, ou despegar-se o homem da propria Patria, abandonar seus campos, mendigar longe huma fria, e esteril piedade, lembrar-se de huma Mãi idosa, de hum Pai decrepito, de huma familia desamparada! Oh homens que impondes penas, oh guerreiros que mudais a sorte dos Reinos, vède, e considerai bem, que este he o maior de todos os males na interminavel têa das sensações dolorosas da humana existencia! O homem que he desterrado de seu paiz, não encontra por toda a parte mais do que ultrajes; não dá hum passo que se não veja cercado de importunas necessidades. Hum menino nas portas da abrazada Corintho fez debulhar em lagrimas o feroz Consul Lucio Mumio, ouvindo-o recitar huns versos de Homero com que se queixava do desterro em que hia viver longe da sua Patria abrazada.

Foi sempre o desterro hum golpe tremendo, porém no meio da catastrofe de que em fim vimos sahir a Europa, no meio das vastas calamidades que acabárão de opprimir a terra, o desterro conservava hum caracter particular de horror, e de acerbidade. Vi lançados no seio desta misera condição homens na flor dos annos, e das esperanças, e entre as mais brilhantes illusões. Huma nuvem de obscuridade lhes envolveo repentinamente a vida, a felicidade lhes desappareceo como hum sonho. Vi homens arrancados da terra que os vio nascer pela horrivel convulsão do Mundo politico, sem outra esperança de tornarem á Patria, mais que a desejada reácção do mesmo compresso Mundo politico, cuja existencia senão podia marcar em o sempre fallivel calculo das contigencias, anteporem a morte voluntaria á incerta fortuna em que fluctuavão. No meio destas Scenas de horror, vi algumas miseraveis victimas, que para fugirem ao jugo de huma immensa dominação de ferro, procuravão por toda a terra hum asylo, e punhão entre si, e a Patria os immensos espaços do Oceano: Vião seu nome escrito, e proscrito, em huma lista de san-

gue, vião confiscados seus bens, e tremião á vista do hórrido, e hediondo aspecto da miseria, que de todas as partes corria, e os ameaçava. Assim vivião até privados das mais innocentes correspondencias, das doces communicações da familia, e da unica consolação da ausencia, as cartas. Levantão-se, e firmão-se portas de ferro em todas as passagens, em todos os caminhos: a mais insignificante relação com hum desterrado, he hum delicto. Os desterrados são como os esquecidos, ou como os infelizes sepultados nas minas de Kolyvan, como os confinados em o hórrido Besborow, na mais triste, e solitaria praia do Mar Glacial. Que fatal condição! Arrancão hum homem da sua Patria, e este homem com hum coração superior á sua sorte, com huma alma ardente, e cheia de bellas, e vivas paixões, com hum engenho creado para mais extensa esfera de actividade; repentinamente se vê condemnado a estudos, e a trabalhos humildes, nos quaes deve desapparecer da Scena do Mundo sem levar a frente cingida do menor raio de gloria! No mesmo estado de sua baixa fortuna deve perder até a consciencia das proprias forças. O aviltamento proprio abate a alma, sem tirar nada á energia, e actividade da dor. Começamos então a nos desenganar sem haver gozado, a ter desejos, sem ter illusões: apenas começavamos a chegar á boca o vaso de huma illustre, e justa ambição, a fortuna no-lo arranca dos labios sequiosos: começamos a devisar hum vislumbre de gloria, e repentinamente o vemos esvaecer entre as sombras. Temos a imaginação rica, abundante, maravilhosa, mas a existencia he pobre, he nua, he privada dos mais doces encantos. Habitamos hum mundo vazio com o coração cheio. He incrivel a amargura, que este occulto desassocego, este contraste entre os nossos levantados pensamentos, e a nossa humilde fortuna, esta aspereza das paixões suffocadas, derrama sobre a vida que nos serve de pezo. Neste horrivel passo podemos dizer que verdadeiramente esgotamos o caliz amargo da adversidade, o homem então não he mais que huma bella estatua lançada por terra entre ruinas, ou o infeliz Prometheo encadeado a hum rochedo sentindo o Abutre, que lhe despeçada, e devora as entranhas. Sente o imperio das paixões reguladas, escuta a voz de gravissimos pensamentos, mas sem objecto, e sem exercicio: o coração arde, e se consome por si mesmo, e em si mesmo como

aquellas alampadas solitarias, que vigião, e ardem dentro dos sepulcros; a dôr se encontra nos profundos abysmos deste coração, encerra-se, e occulta-se o volcão para o consumir interiormente.

Dizem, para consolar hum desterrado, que a Filosofia sabe triunfar de todos os males; mas a Filosofia desapparece quando se trata de desterro. Dizem que hum espirito nobre, e levantado triunfa da fortuna, pondo a sua roda debaixo dos pés, que sabe merecer tudo, e alcançar em toda a parte a estima, e o respeito que são devidos ao talento, e á grandeza da alma, ou á virtude opprimida. He verdade, podem achar-se, e com effeito se encontrão corações piedosos, para os quaes hum infeliz, he hum objecto sagrado. Concedo que possão fazer todo o bem a hum degradado; mas poderáõ dar-lhe a Patria? As maravilhas de hum Paiz estranho espantão a alma, mas não tocão, não commovem o coração; ama-se mais a propria choupana, que os Palacios dos Monarcas. O Selvagem trazido do Otaiti, não se mostrou tocado das grandezas, e formosura de Londres; mas a arvore de seu Paiz, que elle vio, e reconheceo no Jardim das Plantas, de tal arte commoveo seu coração, que correndo para ella, a abraçou, a beijou, e a inundou de ferventes lagrimas. O Hottentote não se esquece da sua afumada gruta: o Arabe não risca da memoria o poço do Camello, nem o cavallo companheiro de suas viagens nas paternas solidões: o Negro não se esquece da sua Zagaia, do seu maiz, do caminho do Elefante. Contou-se nos papeis públicos, que hum Francez obrigado a fugir nos primeiros tempos das carniçarias da Revolução, não podendo apartar-se da sua Patria, deo em viver com a sua familia em hum barco, sem deixar jámais de navegar pelo Rheno, e de costear a França. Todos os prazeres em terra estranha não podem encher hum coração terno, a lembrança da Patria derrama logo huma nuvem de tristeza em toda a sua alma. São sempre incuraveis as feridas do coração; o tempo, que tudo sára, mais as encruece, quando são abertas pelas duras mãos do desterro que nos separa da Patria.

ANECDOTA.

Hum Meirinho, e hum Escrivão (dois Anjos!) forão fazer huma penhora a hum homem; e apresentando-lhe o mandado, e a politica expressão de — *somos mandados*, virão com effeito que o homem era de tempera tal que se não assustava, nem desmaiava com a vista dos dois Gengis-Kans (*harto lo has encarecido*!!) e o primeiro traste que lhe deo á pinhora foi hum bordão de zambujo negral, que costumava trazer na mão, e em que tinha posto grande confiança, porque tinha amigos; deo, deo, deo, e ha toda a razão para presumir que não perdêra senão alguma que hia pelo ar. Depois de haver infringido a inviolabilidade em que costumão andar os corpos daquelles senhores, para descançar na tunda, os encheo dos nomes mais affrontosos Depois de poderem fazer uso dos desancados braços, lavrárão o competente Auto de resistencia, e ferimento, porque as contusões, amolgaduras, e fracções, sem serem infinitessimas, erão de huma dolorosa evidencia, e findava o Auto, que eu vi, com esta clausula: — Que o mesmo Fuão depois de os haver zurzido a ponto de pedirem, como foi visto, a Extrema-Unção, e lençoes de vinho, os affrontára com os nomes injuriosos de piratas, ladrões, patifes, desavergonhados, Escariotas, Barrabazes, e salteadores; *o que tudo era muita verdade*; em fé do que se lavrára o presente Auto, que assignavão. Sitio de *tal*, aos tantos de *tal* mez, &c. &c. &c.

ARTIGO II.

CRITICA.

CHiar hum carro, uivar hum cão, regougar huma raposa, grasnar hum Pato, &c. &c. são cousas, diz o vulgo, de que se não deve fazer caso. Isto não he assim; assim seria, se não incommodassem, e não podessem ter prompto remedio; o cão derrea-se com hum páo, logo se cala; ao Pato, torce-se-lhe o pescoço, logo cessou o alarido; e assim dos mais, &c. No Paiz das Letras, vão taes grasnidos, taes regougos, taes latidos, que he preciso acodir-lhe para evitar patadas. Gostei do espectaculo do Botequim, porque nelle são tão varias as scenas como os dias, e os sessores sempiternos daquelle dourado domicilio, onde se perdem duas cousas, as tripas, e a cabeça, ou onde o ponche mata de huma cajadada dois coelhos, rasga os intestinos, e faz estoirar as capillares do cerebro. Eu, que não gosto de ouvir Politicos, porque se mettem a Mordomos por devoção, onde os não chamão; cheguei-me para a meza dos Criticos, homens universaes, e a quem a Patria tem encarregado, (dizem elles) que lhe sustentem a offuscada gloria nas injúrias feitas a Camões, pela parvoice de chamar Donzella a D. Ignez de Castro, rodeada de filhos, a quem ella chama *Criancinhas* em Epopéa:

„ A estas criancinhas tem respeito. „

He esta meza dos Criticos hum Tribunal que não tem ferias, nem as póde ter pela affluencia dos negocios que surdem de todas as partes da litteratura; se parara o expediente dos Criticos de Botequim, paravão as Letras, paravão as Artes, somião-se as Sciencias, o proprio A, B, C, perderia o seu valor intrinseco. Cheguei-me, e vi que estavão a sentencear-se dois feitos, ambos de summa importancia, e ambos de hum mesmo dono, porque ainda que

não possa entender o seu nome, as letras iniciaes N. A. P. P. M. erão as mesmas em ambos os processos; hum era = Elogio de Theatro na grave molestia de huma Actriz =; outro era = Parallelo analytico do Oriente, e das *Divinas* Lusiadas. Os Ministros da Sessão erão naquelle dia só tres, e eu disse comigo, aqui estão os tres Juizes infernaes Minos, Eaco, e Radamantho. Cada voz era hum trovão, cada sentença hum raio. Que severidade! Papiniano era, por vida minha, menos assanhado do que qualquer delles era! Que verso, dizia hum, pois isto he verso? Que verso?

„ Que tens? Deixa-me só que estou mui triste.
„ Tu choras? E por quem, pois tu não sabes,
„ Que fallavamos de hum dos nossos socios?
„ Ah! ah! sim! E com que magoa eu me recordo!
„ Eu que me vi por *sete soes inteiros*
„ Desavesada á scena... E com que pena o digo!!
„ *Vigesima vez quinta*....

Basta, basta, basta, isso tem hum sabor Filintiano, e Bocagiano, e por tanto, visto isto, e o mais dos Autos o mandão, que faça Elogios de Theatro. Já fez quarenta taes como este; e he homem tão bom Elogiista como Critico. Aqui está o Livro Parallelo, pag. 284 em nota.

„ Segundo a Biblia, o quarto monstro tinha dez cor-
„ nos, d'entre os quaes sahia hum com olhos, o *Re-*
„ *verendo Epico* tirou-lhos, e deo-lhe azas, que não
„ tinha. „

Até aqui, diz hum delles, falla o Parallelista, e a cousa sendo de facto, deve apparecer a Oitava do Oriente, em que o Author tira os cornos ao monstro descrito pelo Profeta Daniel. Vamos a vêr, onde ha esta depennação de cornos no quarto animal, em que symbolicamente era descrito, e designado o vasto Imperio Romano, que pela rapidez de suas conquistas, e pela insignia de suas Aguias, se póde dizer delle, não só em verso, mas em prosa, que voava, pois chegou com as armas, e em muito breve tempo aos fins da Terra então conhecida: — Oriente Canto X. Oitav. 9.

Rompe das mesmas ondas horroroso,
E mais féro animal: traz ferreos dentes,
Sobre a terra com impeto espantoso,
Vôa, e desprega as azas estridentes:
Grande, forte, terrivel, poderoso
Tantos escravos tem, quantas as gentes:
A Terra quasi conquistada geme,
E da Besta espantosa a vista treme.

Ora o Poeta (se he que o he) não traduz litteralmente o texto, pinta aquellas visões com as cores da Poezia, não tira em verso algum os dez cornos; não lhos transforma em azas, designa por vôos a rapidez das conquistas dos Romanos, para que ha de mentir o Critico. Que má fé! Que odio! Que ridicularia! Parece que o Critico não tinha em que pegar senão nos cornos? E então critiça-se assim hum Poema? Huma palavra aqui, outra além! Deo-lhe azas? Ora ouça o texto — *Et quatuor bestiæ grandes ascendebant de mari. Ascendere* não he subir? Então com que subião, e voavão, com as azas, ou com os cornos? A resposta a esta Critica devia ser com a palavra, e não com a escrita, que passa pelo rigor da justa Censura.

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Od. a Well.

Fim do Número sexto.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 7.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Consolações de hum desterrado.

QUem deixa a Patria por huma alta, generosa, e sublime resolução deve ter força para sustentar tão nobre empenho. Não se deve arrepender de hum triunfo, quem soube triunfar dos mais ternos sentimentos. Se hum desterrado padece mais que os outros os males da vida, não deve assombrar-se, nem admirar-se disso. Huma alma grande deve conter em si mais dores, e magoas, que huma alma pequena. A alma do Estoico, deve ser impassivel ás dores, e a virtude permanece immovel, e firme sobre o seu inaccessivel rochedo. Não fallemos de desventura, dizia o grande, e misero Belisario ao ultimo Rei dos Vandalos, o célebre Gelimér, não fallemos de desventura, se nos sabemos dominar a nós mesmos, e gozar de todas as faculdades de huma alma grande. A infelicidade he para nós huma ditosa prova. Como poderemos conhecer sem ella a propria força, e a natural coragem? Só a desgraça póde dar exercicio á virtude, e desenvolver o germen do seu heroismo. Deixemos os lamentos, e as amarguras para os vís escravos da Fortuna. Não nos limitemos a saber ceder á inflexivel necessidade. Saibamos dar justo valor aos salutiferos rigores do Destino, e

demos graças á Providencia de nos ter julgado dignos de sustentar tão grande pezo. Não basta resignar-se, a resignação he huma especie de abatimento, he huma prostração, he succumbir ao pezo dos males; he preciso resistir, e triunfar por meio da constancia, e da magnanimidade: eis-aqui huma empreza digna dos grandes corações, e dos grandes homens. He amavel a Patria a hum coração bem formado. Sei na verdade quanto em nós póde este sagrado instincto da natureza. Mas quem quereria permanecer em cadêas dentro de sua mesma Patria? Se hum dominador estranho a opprime, acabárão-se os antigos usos, as antigas leis, e até não são para nós os mesmos homens os nossos proprios Concidadãos. Achamo-nos estranhos entre huma nova geração. Os antigos costumes tornão-se objecto de odio, e de perseguições. O nosso liberal procedimento desagrada aos novos, e assustados dominadores. Não fórmão, nem constituem a Patria os muros, os edificios, o ar, o terreno; não temos Patria onde se vive em sobresalto, e servidão. Se nos desterramos, ou nos desterrão, seremos invejados pelos que ficão, e nos considerarão como homens de hum alto, e inflexivel caracter; pois quizemos antes soffrer tudo, que dobrar os joelhos, e o pescoço debaixo de hum jugo estranho. Se a honra, e o amor da mesma Patria nos fizer desterrar, e fugir deste jugo, nós poderemos ouvir aquillo mesmo que disse Carlos V. ao Poeta Alamani, desterrado de Florença: — " Não vos deveis queixar do vosso desterro, porque achastes por defensor hum grande Rei, e o homem de talento he Cidadão honrado de todos os Paizes; chorai, e lastimai antes o vosso Duque, porque perdeo hum homem de tanto merito, e de tanto saber. ,,

He huma consolação viver longe da Patria oppressa de estranhas forças, quando na mesma Patria se não póde viver sem amargura, e ignominia, quando os olhos se arrazão de lagrimas á vista de tantos males, e de tantos delictos. Quando nos vemos longe da Patria, e tornamos a ella com a imaginação, e com o coração, vadeamos então a torrente da calamidade, a alma se affigura o passado, como se fosse presente; reproduzem-se, para o dizer assim, as brilhantes idéas dos dias alegres, que já passárão; descobrem-se os lugares, os amigos, nós mesmos nos devisamos na antiga fortuna, no antigo estado, formamos com

a imaginação hum Mundo fantastico, e enchemos de prazeres, e delicias a nossa solidão. A Patria, e suas doçuras são bem conhecidas, quando se está longe dellas, e quanto mais longo he o apartamento, mais vivo he o amor. Com que transporte falla o homem desterrado da sua Patria, dos prazeres que nella sentio, e até das mesmas magoas, que nella supportou! Os mesmos homens de contrarias, e encontradas opiniões se fazem amigos, quando vivem em regiões remotas da Patria commum, extinguem-se as iras que fermentavão, quando vivião dentro dos mesmos muros. Perseguir-se-hião no proprio Paiz, mas abração-se no lugar de seu desterro. *Fuisti et vos advenæ in terra Ægypti*, dizia o Senhor aos Israelitas, para lhes inspirar o bom acolhimento aos estranhos, e desterrados. O nome de Concidadão, e o lembrar-se da mesma Patria faz nascer virtudes, e abre o coração aos toques da beneficencia, e da piedade. Quando em os luctuosos dias do nosso momentaneo cativeiro, eu vi tantos, e tão honrados Cidadãos buscarem, por entre perigos o asylo da Esquadra Britanica, eu dizia: estes homens abrem hum caminho para a gloria, vão fazer huma nova Patria entre Nações virtuosas, e independentes, vão conservar intacta sua virtude, vão viver na esperança, e guardão-se para dias menos calamitosos. Rutilio, o mais virtuoso Cidadão de Roma, foi accusado de falsos crimes pelo infame Apicio, não se quiz defender da injusta accusação, e foi condemnado ao desterro; tornado a chamar por Sylla recusou, e retirou-se para maior distancia de Roma escrava, e corrompida. "Se raiarem dias mais serenos, dizia Platão, tornarei á Patria, e senão vierem, serei feliz quanto mais apartado estiver de Athenas degenerada.,, O que mais espanta os desterrados he a pobreza; mas nada perde quem salva a honra. Levamos comnosco todos os nossos bens, quando levamos a probidade, a coragem, e os levantados pensamentos. A dureza dos tempos, e as arduas circunstancias desenvolvem os grandes caractéres, soltão, ou fazem soltar os vôos aos grandes talentos, dão nova actividade, e nova vida ao homem. A saude da alma he o exercicio, e a agitação he a sua vida, e a sua dignidade. Sem estes abalos, sem estas vicissitudes, não se terião provado muitos, nem conhecido a si mesmos. He preciso agitar os licores odoriferos para derramarem perfumes. As plantas aromaticas só quando se espremem fazem

sentir melhor seus balsamos. Depois de se derramar o suor do trabalho, sente-se mais vivo o prazer. Eu confesso que sinto huma interna consolação, e até huma nobre soberba, quando digo no meu coração, no meio das privações inherentes á minha vida, (que toda ella he trabalho de espito, e de corpo) baste-me a mim mesmo, e dentro em mim mesmo encontro innumeraveis meios de ser feliz. He verdade, a pobreza está á porta do homem industrioso; mas não entra. "Fui mancebo, estou velho, dizia Salomão, pois ainda não vi hum homem que temesse a Deos, e que confiasse na sua providente mão, que se visse nos braços da indigencia, nem constrangido a mendigar o pão sobre a terra.,, "Nós nunca somos estrangeiros, nem desterrados, (dizia com seu grande juizo Lord Bolingbroke nos dias de seu degredo); achamos em toda a parte homens, e mulheres, creaturas da mesma figura, das mesmas faculdades, e que nascêrão debaixo das mesmas leis da natureza. Vejo as mesmas revoluções das esferas, a mesma abobeda azulada sobre a minha cabeça, o Sol, a Lua, e o exercito das estrellas fixas na immensidade do Firmamento, e quando a minha alma se transporta aos Ceos, seja qual for, ou que me importa o pedaço de terra em que se fixão meus pés:,,

Se hum desterrado for homem de Letras leva comsigo immensas vantagens. As Letras são amigos que se não podem perder, e que por toda a parte nos acompanhão. São de todos os tempos, de todos os seculos, de todos os paizes; fazem que hum litterato nunca seja forasteiro; porque hum Sabio pertence a todas as Nações, e a toda a humanidade, em toda a parte encontra consolação, e honra. Kotzebue em Novogorod, nos desertos de Kasan, pasma de observar a ancia com que se buscava ver a pessoa, cujas fadigas litterarias erão tão conhecidas. Os Athenienses escravos em Syracusa, alcançárão a liberdade por haverem recitado os versos de Pindaro. Hum Filosofo antigo foi livre das cadêas, e cheio de honras, por haver delineado algumas figuras Mathematicas na arêa da ignota Ilha, onde com elle aportárão.

ARTIGO II.

CRITICA.

NAõ sei se he destino dos Livros, se he merito dos Authores; he certo que os Livros vão ter a partes públicas, e secretas, onde por certo seus Pais os não quererião vèr, pois para isso os não gerárão, nem criárão. Vão muitas vezes embrulhar pimenta, e já no tempo de Horacio, quando dizia —

Et quidquid chartis amicitur ineptis.
Quanto ás vezes s'embrulha em papeis asnos.

Não são provas, nem são capilhas, são os mesmos Livros em carne, e osso, (e não em corpo, e alma, porque a não tem), que vão ter, como vi esta manhã, até ás officinas infernaes de pós de çapatos. Vão ter aos Mechas que os pedem a pezo até por Editaes públicos; vão ter a certas partes com bem pouca estimação. Tal he o interesse que o Público nelles toma, e taes são as luzes que elles vem communicar ao Mundo! A maior mina que os das mechas tem, a mais inexhausta he a dos Elogios de Theatro, ao menos se a casa lhe perde o feitio, porque o não tem, não lhe perde o pezo, porque se a pateada inexoravel os deitou em terra, parece que da mesma terra tirão maior substancia pela lama de que os cobrem para acodirem ao pezo. O povo he hum Juiz integerrimo. Lembra-me ha muitos annos ter ouvido recitar hum Elogio de Theatro até ao meio em paz, e do meio por diante? Ninguem soube o que era, porque ninguem o ouvio. Foi o caso. Era a beneficio de hum Comico, ou Histrião que estava doente, e todos sabião de que; elle era muito máo no seu officio; como a magnete attrahe o ferro por huma virtude occulta, assim elle tinha a patente, e descuberta virtude de attrahir o páo das pateadas, pois não abria bico que as não levasse. Seus Pais contrariárão-lhe a vocação, ficando assim a Republica muito mal servida pelo erro das vocações, e constrangimento de vontade dos mancebos, que nascêrão para o que nascêrão. A respeito dos costumes, ou moralidade do tal Comico, eu posso affiançar, sem escandalo dos timoratos,

que por certo não tinha os costumes de hum solitario da Thebaida. Pois deste homem assim Comico, e assim homem, se atreveo a dizer á Platéa (a quem chamou — *Assembléa augusta* —) o Author do Elogio estes tres memoraveis, e memorandos versos

„ Ah! que se o perde a Scena Portugueza,
„ Talvez *não tem* com que repare a perda,
„ *Exemplo da Moral*, da Scena Mestre!!!„

Aqui foi Troia, dizem que se fizera menos bulha na tomada de Porto-Mahon! E dizem que os mesmos Comicos forão os Authores do terremoto Plateal, picados da injúria que lhes fazia o Pai dos Elogios; veio a terra, e foi ter em papel ás mãos dos mechas a dez réis o arratel. Trazia eu isto para prantear o destino dos Livros, vendo hoje embrulhar pós de çapatos, (5 réis delles que mandei buscar) huma folha do — *Parallelo analytico*, traduzido de Jorge de Trebizonda, Grego do XIV. Seculo. Era huma folha, e era a pag. 285; em que dizia o Trebizonda estas palávras bem notaveis. —

„ Passando por estas Oitavas tão rapidamente como o
„ Reverendo Epico, pelos prodigios que nellas trata,
„ sómente notarei, que na Oit. 15 diz que o Messias —

De huma Donzella nasce: os Ceos contentes. —

„ E disto se contenta o Reverendo Epico, porém mui-
„ to mal, porque Maria Santissima deve dizer-se *Vir-*
„ *gem*, e não *Donzella*. Donzella era, por exemplo,
„ D. Ignez de Castro. Neste *tenebroso Oriente* para
„ tudo ser igual, até não ha differença entre Donzel-
„ la, e Virgem.„

Este pedaço, além da ignorancia do Critico, em tudo, e por tudo patentêa bem a sua canina, ou cordeal malevolencia, e rancor contra o Author do Poema *Oriente*. E soffre-se este odio, que todo ressumbra pequenez d'alma! Em primeiro lugar, quiz com a desculpa indirecta de huma parvoice de Camões, que chama Donzella a D. Ignez de Castro, rodeada de filhos, e casada occultamente, como se diz,

e que se recebêra em Bragança com o Infante D. Pedro, criminar o Author do Oriente, que, como todos tomão, tomou na accepção commum o termo *Donzella*, synonimo de *Virgem*. E para tirarmos todo o equivoco, e reconhecer-se a *balordice* calva do Critico, cumpre saber, que antigamente as Rainhas de Portugal, e Infantas costumavão ter a seu serviço moças Virgens, a quem chamavão as suas Donzellas. e por isso quando na Historia se falla na célebre Poetiza, e Litterata Joanna Vaz, se diz: Donzella da Rainha D. Catharina, pelo estado de Virgem, e não só pelo serviço do Paço. Donzella he tanto o mesmo que Virgem que os Diccionarios mais antigos da Lingua Portugueza para a Latina, sempre vertêrão a palavra *Donzella* por *Virgo-Virginis*; e cousa que competia a Donzella pelos adjectivos *Virgineus*, e *Virginalis*: veja o Critico (mandar vêr Livros a este homem, he o mesmo que mandar a hum cégo que julgue de côres) veja o Critico o Diccionario de Barbosa, o Thesouro de Bento Pereira, Bluteau, &c. Diz que Donzella era D. Ignez de Castro, lembrando-se do verso da Oit. 134 do Cant. 3. das *Divinas* Lusiadas

„ Tal está morta a pálida Donzella. —

Isto foi huma das asneiras, ou, senão quizer tanto, oscitancias de Camões, e creia que obrigado do consoante Capella:

O' Lei do consoante, a quanto obrigas!
Fazes que sejão brancas as formigas.
Disse que huma Senhora era absoluta,
E sendo mais honesta que Lucrecia,
Por dar fim ao quarteto....

Não ha por certo pessoa tão rude entre o vulgo que não entenda por Virgem a moça Donzella. Veja até n'hum Diccionario Francez, e Portuguez a palavra *Pucelle*, *Pucellage*, *Virgem*, *Virgindade* —

Eis-aqui quaes são as cascas d'alhos com que se diz criticar hum Poema longo de 1095 Oitavas; pega-se em huma palavra!... ao menos se fosse bem criticada! Mas ajuntar em tudo lenha para se queimar, e torcer corda para se enforcar!! He miseria, he inveja, he odio pessoal que se não póde vingar n'outra cousa, e que por força ha

de dar sahida ao mesmo voraz fogo que o consome. Supponhamos que ha em tão dilatada obra huma palavra, ou outra defeituosa: que he isto? Onde está aquelle judicioso Canon de Horacio:

Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura...
Se acho tantas bellezas n'hum Poema,
Para que hei de offender-me de hum só termo,
Que cahio de hum descuido, ou Natureza
Mui pouco acautelou, porque he humana?

Ora confunda-se de huma vez o Critico, (nem de huma, nem de mil, elle se confunde, porque não tem cara para isso.) Ahi vai hum exemplo (e em prosa) de hum classico contemporaneo de *Camões*, e tão grande Poeta, como *Fernão Alvares do Oriente*, e veja o Mundo, como eu lhe prometti, depennar hum Pato. „ *Lusitania transformada*, (pag. 150 da Edição do Padre Foios!! 1781) = Era a manhã em que entre todos os Pastores, já da tarde precedente estava concertado passarem da outra parte do Zezare a visitarem juntos em romaria o venerando Templo que alli estava dedicado á honra da Santissima DONZELLA, que sem detrimento da sua pureza pario o Pastor Celeste. „ E então, Senhor Doutor Critico, será tambem Fernão Alvares do Oriente *tenebroso*, não saberá fazer differença entre *Donzella*, e *Virgem*? Que diz a isto? Todos, vendo hum homem assim pilhado, confundido, embatucado, mudo, convencido, e não envergonhado, dirão: este homem ajusta-se com hum bom Medico, e morre, ou não torna mais a escrever... Que? não torna a escrever? Cada vez mais, e da mesma sorte, e verão que

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Od. a Well.

Fim do Número setimo.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 8.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Systemas de Lavater, *e do Doutor* Gall.

O Que Horacio dizia dos Poetas do seu tempo, *nihil intentatum*, nós o podemos dizer dos Sábios, e Litteratos do nosso. Não tem deixado cousa alguma intacta; tem querido, se não saber tudo, ao menos fallar de tudo. Deve estimar-se a Filosofia, quando se não mette com duas cousas, com a Legislação, e com a Agricultura. Se se mette com a Legislação, querendo alterar a fórma dos governos, (porque os melhores são os mais antigos,) temos destempero infallivel, e que custa tanto a remediar como agora temos visto na convulsa França. Se se mette com a Agricultura, com máquinas, charruas, gadanhas, grãos fermentados, marnes, crétas, humus, temos fome de certo; porque para a Agricultura, depois do trabalho do homem, e poucos encargos, só contribuem duas cousas, a experiencia do terreno, e as influencias do Ceo, (que muitos querem tomar com as mãos,) ou a regularidade das Estações. Tem tentado pois os Filosofos todas as cousas, e eu com elles, para chegarmos ao mesmo ponto de ignorancia d'onde tinhamos partido. Mas nestes ultimos tempos parece que os Filosofos já não tinhão mais que fazer, pois surgirão dois, hum

occupando-se em olhar para a cara dos homens, que nunca dizem a verdade em suas feições, como diz o grande Filosofo Juvenal: *Fronti nulla fides*; outro occupando-se em apalpar as caveiras humanas: o primeiro he *Lavater*, o segundo he *Gall*. De todos os trabalhos dos homens, he este o mais infructuoso, e de todas as Sciencias, a mais inutil; a cousa mais difficil de conhecer he o homem; he Livro que eu sempre estudo, e que eu nunca entendo, e se isto me acontece pelo trato, e muitas vezes familiar, que fará pela simples inspecção do rosto, ou pela observação das fracturas, divisões, e riscos de huma melancolica, e hedionda caveira? Estude-se nesta a morte, porque só quem sabe morrer sabe alguma cousa; e nas feições dos homens, sem excluir bastantes excepções, e com licença do genero humano, observe-se a impostura, e a velhacaria. Deixo estas moralidades: e passo a contemplar imparcialmente *Lavater*, e *Gall*. Os systemas destes Filosofos extravagantes, não tem entre si relação alguma mais que o seu objecto. Ambos cuidão chegar ao mesmo termo por diversas estradas. Hum ajuiza das faculdades moraes, e intellectuaes dos homens pela conformação dos craneos, outro pela disposição das feições. O dominio de hum acaba onde o outro começa. O Doutor *Gall* quer adivinhar os caracteres pela comparação das cabeças dos animaes com as cabeças dos homens. *Lavater* tambem se servia desta comparação, isto he, da configuração da cabeça dos animaes, e pelas regras mathematicas imaginava decifrar os geroglyficos do rosto; deixou á Posteridade huma filiação de perfís desde a Arrá até ao Apollo de Belvedere. Esta gradação, feita com hum estudo profundo, ou hum trabalho louco, he a cousa mais curiosa que ha. Escolheo a Arrá como o degráo mais intimo do Bruto. Segundo a sua doutrina, á proporção que a Natureza se degrada, se observa alongar-se gradativamente o angulo que se póde traçar da extremidade do olho á da boca.

O Doutor *Gall* crê pouco na significação das feições, e limita suas observações ao encache dos olhos. Não entra no desenvolvimento do labyrinto do cerebro, occupa-se unicamente na conformação exterior do Craneo. Quando nascemos, diz elle, o Craneo nada mais he que huma membrana por extremo flexivel, e molle, que recebe o typo

da massa cerebral, cuja força he prodígiosa, e o crescimento rapido. De ordinario as crianças tem a cabeça mais forte (á excepção da moleira) que as outras partes do corpo. Insensivelmente esta membrana se endurece, cobre-se de ossos que se ajuntão, e se unem; porém ainda que se identifiquem, o envoltorio do cerebro conserva sempre sua primeira figura, o que se conhece até pela superficie exterior. Fazem contra isto huma objecção: — "Se o Craneo recebeo o typo do cerebro, devemos conhecer isto mais pelo interior que pelo exterior, e como a superficie interior do Craneo quasi nunca corresponde á superficie exterior, basta esta observação para destruir todo o systema." O Doutor *Gall* responde a isto, que a massa do cerebro não permanece sempre no mesmo estado, que só adquire a sua total extensão na primeira idade da vida; que depois se retira, e se desséca mais, ou menos, de sorte que o Craneo se ossifica interiormente em razão desta decrescencia, ou deste dessecamento, o que produz o pouco acordo que facilmente se observa entre estas duas superficies; e eis-aqui porque só o interior do Craneo nos póde dar algumas idéas, ou luzes sobre a verdadeira natureza do cerebro. Com isto dá sempre huma grande sahida á sua opinião. Se este, ou aquell'outro homem não mostrou a faculdade, que annunciava o seu Craneo, ainda que a natureza para ella o destinasse, póde muito bem ser que as circunstancias contrariassem este desenvolvimento, e póde tambem ser que o perdesse por algum accidente, doença, ou outra causa fysica, a que deo causa este dessacamento.

O systema do Doutor *Gall* colloca todas as nossas faculdades intellectuaes, e moraes no cerebro. A comparação dos nossos Craneos em os de todas as especies de animaes em todos os tempos conhecidos por certos vicios, ou certas qualidades, he sem dúvida o seu mais forte argumento, porque sempre os animaes nos servem de lições, ou de mestres. Ainda tem mais a seu favor os Craneos dos homens célebres, nos quaes se persuade reconhecer aquellas faculdades que muito os destinguírão. Este systema não exclue o livre arbitrio, como muitos imaginárão, dá pelo contrario mais merito áquelles que pela força da vontade resistem á força da natureza. Sabe-se que Socrates dizia, que tinha nascido com todas as disposições para todos os vicios. Ha huma cousa bem notavel, e he, que a testa do Doutor *Gall*,

se destingue de todas as outras pela extrema protuberancia do lugar em que elle colloca o orgão da observação. Porém eu sempre digo, que he limitar muito os homens, não ver nos homens mais do que caveiras. Sem dúvida as feições podem muito bem fallar á nossa intelligencia, e por esta estrada são sempre quasi infalliveis as decisões até dadas pelos mesmos rusticos.

O systema de *Lavater* tem sobre o outro a vantagem de nos fazer julgar dos homens á primeira vista, sem haver necessidade de lhes apalpar o Craneo, o que seria huma grossaria, e muito mais se fosse preciso tirar a alguns a cabeleira, joias que ainda se descobrem por algumas cabeças, ou o chinó, não em poucas. Este systema bem estudado tira todos os meios do disfarce, ou fingimento; eu ainda não vi nenhum santo que me parecesse o diabo, e *vice versa*, nem tôlo algum, que se me impingisse por experto, ou atilado. O patife seria denunciado, assim como o homem de bem recommendado, unicamente pelas feições de seu rosto. Desenhos, lapis, e compassos, he toda a ferramenta, que este systema exige, e não trazer atrás de si em carros huma osteologia inteira, que transforma hum gabinete em hum cemiterio. Com tudo, só a verdade póde decidir, e não he mui facil descobrir em qual dos dois systemas se encontre; eu assento que ambos mentem. O systema de *Gall* he mais exclusivo que o de *Lavater*; mas póde-se dizer que este ultimo julga mais pelas partes destacadas do rosto, que pelo todo. Eu ajuizo muito melhor pelo jogo total das feições, que pelas fórmas, e distancias respectivas. A maneira de olhar decide mais que a fórma do olho, e que a mesma fysionomia toda, ainda que a fysionomia se possa chamar a alma do rosto. *Fronti nulla fides*; e adeos *Gall*, e adeos *Lavater*.

ARTIGO II.

CRITICA.

PArece que os Criticões todos devião ter sempre diante dos olhos aquella regra de seu Pai, e Patriarca o Criticão Horacio, que diz: que não he de estranhar que hum homem, que compõe huma longa Obra, não só dormite, mas durma, e ronque algumas vezes. Póde no meio desta ronqueira escapar huma, ou outra palavra, que muitas vezes escapou, não pela lethargia dos roncos, mas pelo calor, ou effervescencia da composição. O Critico que não conhece outro calor mais que o de Agosto pela estação, e o do ponche pelo habito, assenta que ganha a batalha do Cirio da Ameixoeira, quando embica em huma palavra entre milhões de palavras, e pondo esta palavra em almoeda, diz que toda a obra não presta, porque aquella palavra não lhe toca, ou mais verdadeiramente, não a entende. Ora entremos nisto com mais miudeza. Conta Trajano Bocalini nas Sessões do Parnazo, que certo Criticão fôra mostrar, e offerecer a Apollo huma critica de palavras, que tinha feito de huma grande obra, pedindo a Apollo, (porque estes Criticos são pedintes) que lhe désse hum premio, ainda que fosse huma de doze para jantar, que se lhe hia passando a semana sem esta ceremonia. Apollo pegou em hum saco de trigo, (e de Prioste), e o entregou ao Critico, que abrio a boca de canto a canto, cuidando que tudo aquillo era huma esmola serva; mas Apollo lhe disse, que se não pescavão trutas ás bragas enchutas, que primeiro escolhesse aquelle trigo, e que lhe tirasse huma, ou outra ervilhaca de alimpadura, que ainda que com effeito o trigo fosse de Prioste, havia Dizimeiros, que aos mesmos inlograveis Priostes empurravão gato por lebre. Sentou-se o nosso Critico á sombra dos loureiros enlaçados, e começou de escolher o trigo, achou hum outro grão de ervilhaca, de palanco, e de joio, porque nem os proprios Priostes levão na partilha o trigo sem joio; e foi mui contente mostrar a Apollo o fruto da sua tarefa; Apollo então (oh! sentença digna de Apollo, e das noventa irmãs!) pega na ervilhaca, e ficando com o trigo cirandado, e escolhido, diz ao Critico: Ahi tem, irmão,

essa alimpadura; já que a fez, fique com ella, e seja essa a recompensa do seu trabalho. Até o mesmo Portuguez de Londres, vendo esta allusão ao seu correspondente Oreste, quererá por certo retorquir-me o argumento, e me dirá: Pois tu, homem malhador, zurzidor, e tundidor, tu, que depennas hum Pato, fica com as pennas, e deixa a carne. Sim, eu não quero, nem huma, nem outra cousa, depenno só pelo gosto de o vêr correr depennado, e só para ter a mesma satisfação que teve Diogenes o Filosofo, quando depennou hum Gallo vivo, e levando-o debaixo da manta, o foi deitar na escola de Platão ás oito horas e meia da manhã, quando o mesmo *divino* Platão subia para a cadeira, dizendo: — Aqui está o homem de Platão; (porque Platão tinha definido o homem desta maneira: — O homem he hum animal bípede, e implume: *Homo est animal bipes, et implume.*) Eu tambem direi, mostrando ao Mundo hum Pato depennado, aqui está depennado o Critico depennador. O Mundo verá se eu tenho razão. Ahi vai, que eu não escolho. Diz o Illustre Critico a pag. 280 do seu Parallelo analyticão do Oriente com as *Divinas* Lusiadas, estas palavras: — "Na Oit. 109 diz que

„ A forte voz da estrepitosa tuba,
„ O povo de pavor no chão *derruba.*

„ Deixemos a *voz da tuba*, que he tão propria como
„ o *clangor* da voz; porém note-se que estes versos
„ dão huma idéa contraria á que temos na exposição
„ da Sagrada Biblia, porque *derrubar* quer dizer dei-
„ tar por terra, e o povo não cahio, sómente se ame-
„ drentou. „ —

Em primeiro lugar esta escrupulosa miudeza he tão ridicula, tão frivola, tão infame, tão pueril, que causa fastio, e nausea até aos maiores inimigos do Author do Poema Oriente, onde póde haver cousas más, e a peior he ter o A. feito a sua Dedicatoria á Nação, ainda que a fallar a verdade, nem hum só Pato faz capoeira, nem hum só homem fórma hum povo. Pois Vasco da Gama, ou hum Poeta que faz fallar Vasco da Gama a hum Rei Gentio, he obrigado em hum quadro em que pinta os prodigios da Religião a traduzir tão restrictamente a Biblia, que converta tudo palavra por pa-

lavra, sem se servir de huma hyperbole, de huma figura, de hum toque mais vivo! He mania de pegar! Veja-se a estampa de Picart em a Biblia, no passo do Sinai, ver-se-ha o povo prostrado em torno da montanha com a face em terra, e por entre as nuvens a trombeta, cuja voz escutava. He verdade que no texto se diz, que o povo recuava espavorido, porque se lhe mandava que se não aproximasse das raizes do monte, e dizer que o estampido da trombeta o fizera cahir de pavor, e isto em versos em levantada Poezia, e não em traducção literal he hum crime, he huma idéa contraria á exposição da Sagrada Biblia, he.... o que? Pato: *Qui tanti mensuram nominis imples.* Eu não sou traductor alli, eu sou Poeta, e como Poeta para dar ao Rei huma mais clara idéa do temor do povo, faço muito bem em dizer que a voz o *derrubára.* Mas vamos por partes, que só assim se vê a improbidade de te homem, largo campo temos para nos espraiar, porque temos dois annos para fallar, e se o povo senão cansar, eu lhe juro que toda a minha vida dure o Espectador, porque se daqui a dez annos se acabar o Parallelo começarão as Lusiadas. Diz o Critico — *Deixemos a voz da tuba, que he tão propria como clangor de voz.* Em primeiro lugar, oução-se os irmãos de Santa Cecilia (que são meus amigos); todos os que tocão trombeta, que não são poucos, fallão na *voz* argentina da sua trombeta, e não só estes que são embandeirados, e tem compromisso de Irmandade, mas até a mesma musica, ou inferneira de Guiné, que algum dia matava gente pelas portas das Igrejas, em sua negra lingua tambem dizião (antes que o orgulhoso zabumba ficasse senhor do campo) a *voz* da minha trombeta, ou do meu clarim, isto ouvi eu ao Pai Maranhão, antes que trocasse a melodiosa tuba pelo bião de cal. E deixando graças, para não dizerem os estafermos do café, que respondo com chufas; se he asneira dizer a *voz da trombeta*, então tambem as disse o Profeta Jeremias no Cap. 6. ℣. 17. *Audite vocem tubæ*; então tambem as disse o Padre Antonio Pereira, e não soube Grammatica, quando tradezio — *Ouvi a voz da trombeta.* E porque não disse: — O *clangor* da trombeta? Porque? porque não era Pato, era hum homem de muito juizo. Vejão os cafés e os seus inquilinos se a critica do Critico está bem refutada, e se he iniquo o homem que pega em ninherias semelhantes; mas el-

le he tão de cristal, e tão transparente, que bem se lhe enxerga a intenção, que vem a ser; desacreditar em tudo, e por tudo huma Obra, que o espanta, e o consome, porque nella não descobre versos semelhantes a estes seus — Elogio impresso de Victorino Comico, pag. 7.

Parece minha debil existencia!
Ella agora *parece* estar propinqua,
Porém logo *parece* que o seu jugo...

Então que lhe *parece* isto? Tanto parece em tres versos seguidos, que nada dizem, nem *parecem* dizer? Ora eu o *derrubo* de todo. A palavra *derrubar* até em prosa se toma em sentido figurado. Ouça o que diz o Padre Antonio Vieira. = "Os Farizeos vierão tentar a Christo, e o querião *derrubar*." Então significa só deitar por terra? Por terra fica o Critico, e se o não crê, então

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

ANECDOTA.

O Poeta Magrisso, estimulado de vêr em terra hum Drama seu, em que todos esperavão vêr fugir José Bonaparte, e ninguem vio o tal José, disse: Hei de compôr huma Obra, que até aqui ninguem compoz, nem ha de compôr. Pois então, lhe disse hum — Componha o seu Elogio.

Fim do Número oitavo.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 9.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Sobre a sublimidade, delicadeza, e graça dos pensamentos relativamente á Eloquencia.

A Verdadeira eloquencia consiste nos pensamentos. Sendo esta materia propria, e tão propria do meu estudo, e profissão, como Orador, e velho, e tendo-me formado para mim mesmo huma Rhetorica, que os tristissimos mestres de meninos ignorão, e que se funda nos principios de huma apurada Filosofia, que não consiste na ladainha dos estereis, e infecundos preceitos; devo legar á geração presente, e á geração futura algumas idéas sobre o caracter da verdadeira eloquencia, sempre buscado, e pouco conhecido: seja o *Espectador* como Jano, tenha duas faces, veja-se primeiro o util, depois em o reverso da medalha o agradavel, e jocoso.

A verdade he o primeiro alicerce, ou a primeira qualidade dos pensamentos. Os mais bellos são viciosos, ou aquelles que parecem, e se julgão bellos o não são com effeito, se lhes falta este capital. Os pensamentos são as imagens das cousas, assim como as palavras são as imagens dos pensamentos; e o pensar, fallando geralmente, nada mais he, que formar cada hum dentro em si mesmo a pintura de hum objecto, ou espiritual, ou sensivel. Ora as imagens,

e as pinturas não são verdadeiras senão em quanto se parecem e são semelhantes ao original. Da mesma sorte he verdadeiro hum pensamento, quando fielmente representa as cousas; e he falso quando as mostra em differente aspecto do que ellas são. A verdade que aliàs he indivisivel, não o he aqui. Os pensamentos são mais ou menos verdadeiros na razão inversa da sua conformidade com o objecto que representão. A absoluta conformidade faz que chamemos justo o pensamento, quero dizer, que assim como se chama justo o vestido que vem bem ao corpo, e he proporcionado á pessoa que o traz; assim os pensamentos são justos, quando perfeitamente convêm ás cousas que representão; de sorte que hum pensamento justo, para fallar com propriedade, he hum pensamento verdadeiro, em todas as suas partes, e relações; por isso Plutarco com razão condemna o famoso pensamento de hum Historiador sobre o incendio do Templo de E'feso, isto he: "Que não era de admirar que aquelle famoso Templo consagrado a Diana ardesse, e se reduzisse a cinzas na mesma noite em que nascèra Alexandre; porque a Deosa tendo querido assistir ao parto de Olympia, tanto se occupou deste grande objecto, que não pôde apagar o fogo.,, Admiro-me que Cicero dê valor a este pensamento; mas ainda me admiro mais, que Plutarco tão rigido, e sevéro Censor, e que julga sempre com tanta austeridade, se esqueça della, dizendo que a reflexão do Historiador he tão fria, que ella só bastára para apagar o incendio. Estes pensamentos podem deslumbrar á primeira vista, mas conhece-se que são falsos quando se examinão com attenção. Para pensar bem não basta que os pensamentos não sejão falsos, porque muitas vezes a força de serem verdadeiros se fazem triviaes; e por esta razão Cicero louvando os pensamentos de Crasso, depois de haver dito, que erão sãos, e verdadeiros, accrescenta, que erão novos, e pouco communs, isto he, que além da verdade de que o entendimento sempre se paga, sempre he preciso alguma cousa, que lhe faça impressão, e que o sorprehenda. A verdade he para qualquer pensamento, o que são os alicerces para qualquer edificio, sustentão-lhe o pezo, e o fazem sólido; porém hum edificio que não tivesse mais que solidez, não teria com que agradar áquelles que entendem de Architectura; além desta solidez, he precisa a grandeza, a graça, e a delicadeza em hum Palacio bem construido; eis-aqui

e que eu pertendo achar, e busco em os pensamentos que fórmão a substancia do discurso. A verdade, que por si agrada sem ornamento algum, pede muitas vezes hum enfeite que não he mais que huma nova fórma de expressão com que as cousas se annuncião. Comprehendamos isto melhor com hum exemplo: — A morte não perdoa a ninguem. — Eis-aqui hum pensamento verdadeiro, porém muito simples, e muito commum: para o fazer resaltar, e tornallo de alguma maneira novo nada mais he preciso que exprimillo á maneira de Horacio: "A palida morte piza com hum pé imparcial os Palacios, e as Choupanas.,, O que faz levantar o discurso são os pensamentos que tem nobreza, e que só representão ao entendimento cousas grandes. He regra geral, e invariavel, que se deve pensar segundo a materia de que se trata, e nada he mais contrario á razão que levantar pensamentos sublimes em hum assumpto ordinario que apenas os exige mediocres; quasi seria mais supportavel levantar pensamentos mediocres em hum assumpto grande, que os pedisse sublimes. Cicero póde servir de exemplo neste genero de pensamentos elevados; eis-aqui como falla a Julio Cesar: — "Não vos deo a Fortuna cousa maior, que o poder de conservar a vida a huma infinidade de pessoas, nem a Natureza vos podia enriquecer de maior dote, que da vontade de o executar.,, — Veleio Paterculo, o mais delicado, e talvez que o mais sublime dos Historiadores, louva Cicero, dizendo: — "Que não fôra devedor da sua elevação mais que a si mesmo, e que fez com o seu grande engenho que as Nações vencidas não tivessem tanta vantagem sobre os Romanos pelo lado das Sciencias, quanta os Romanos havião tido sobre ellas pelo lado do valor, e das armas.,, — Seneca se annuncía com maior magnificencia ainda quando diz; que Cicero he o unico engenho que Roma teve igual ao seu Imperio. O mesmo Cicero falla mui nobremente de Cesar, quando diz: "Que não era necessario oppôr os Alpes aos Francezes, nem o Rheno aos Alemães; que ainda quando se aplainassem os montes, e secassem os mais largos, e profundos rios, nenhum temor devia ter a Italia, porque as grandes acções, e as victorias de Cesar a defenderião ainda melhor que os reparos com que a mesma Natureza a tinha fortificado.,, — Pompêo havendo desbaratado, e vencido a Tigranes Rei da Armenia, não o consentio por muito tempo a seus pés, sentou-o no Throno,

e lhe cingio outra vez o Diadema. Restabeleceo-o em sua antiga Fortuna, diz Valerio Maximo, julgando mais gloriosa acção fazer hum Rei, que vencello. Estes pensamentos são mui sublimes, e muito nos sorprehendem, e movem os nossos affectos; não só nos convencem, porque são verdadeiros; mas excitão a admiração, porque são extraordinarios, e novos. Ha pensamentos de huma segunda especie, que são os agradaveis, que sorprehendem, e fazem muitas vezes tanta impressão como os novos, e sublimes, obrando com a graça aquillo mesmo que obrão os outros com a nobreza, e sublimidade. Os pensamentos sublimes são agradaveis, porém a graça não he o seu principal caracter. Agradão, porque são grandes, e a grandeza arrebata a alma; e os outros só agradão, porque são agradaveis; mas esta graça mais se sente do que se define, como se sente o *molle atque facetum* de Virgilio. As comparações que se tirão dos objectos flóridos, e deliciosos, fazem os pensamentos gratos, assim como as que se tirão dos objectos grandes, os fazem sublimes. Para se entender isto melhor busquemos hum exemplo; eis-aqui como se exprime hum Escritor (hum Jesuita, o Padre Belati, em hum Sermão) = "Parece-me, que he huma vantagem muito grande ser inclinado ao bem sem violencia, e sem fadiga; e este caracter he semelhante a hum rio tranquillo, que seguindo o seu natural pendor corre entre flóridas, e apraziveis margens. Acho pelo contrario que as pessoas virtuosas, e que o são á força de reflexões, e de trabalhos, são semelhantes áquelles repuchos, nos quaes a arte faz violencia á natureza, que depois de se haverem levantado até ás nuvens, se suspendem com a mais ligeira opposição."

(N.B. Este artigo he tão importante pelas idéas que dá sobre a verdadeira Eloquencia, que o continuaremos em algum outro Número do Espectador.)

ARTIGO II.

CRITICA.

SEnão víra, e senão tivera a razão da minha parte, e se todas as regras de huma recta, e imparcial justiça me não obrigassem a repellir a força com a força, e a defender-me, com a verdade, do mais injusto, e cégo agressor, eu não daria ao público a invariavel iguaria, e a interminavel vianda de Pato, que, offerecido ao Sabbado, bem depennado, póde ficar para o Domingo; e esta Ave nas mãos de hum Pasteleiro póde ser preparada de diversas maneiras; eu, como filho do Officio, farei quanto poder por executar aquillo que via fazer a meu Pai: Pato assado, Pato cozido, Pato recheado, Pato guizado, Pato com arroz, e sobre tudo, o que mais me agradou, Pato em picado. Deixando graças, porque nem a materia as pede, nem os Censores as querem, devo, para o passo de que vou a tratar, prevenir os Leitores com algumas reflexões Disse no Discurso Preliminar do Poema — *O Oriente* —, que quando o objecto o pedia me tinha aproveitado, e feito uso de muitas imagens, e expressões das Santas Escrituras, porque nellas se encontra a sublime, e verdadeira Poezia. S. Jeronymo diz, fallando dos Salmos, e de David, que elle he o verdadeiro Alcèo, Pindaro, e Horacio dos Christãos; todos os Profetas estão cheios de imagens Poeticas, (que no mesmo Estacio apparecem), com especialidade Isaias, (Pope o mostrou na Egloga *o Messias*), Ezequiel, e Nahum. Os que não poderem conhecer esta verdade em o Original, podem ler os dois Livros intitulados: — Pedaços escolhidos dos Profetas, por Champion de Nillon, — ou a traducção parafrastica dos Salmos por Xavier Mathei. — Aproveitei-me pois de muitas imagens da Santa Biblia em o 2.º, 9.º, e 10.º Canto do mesmo Poema, e devendo como Agente sobre-natural do Poema representar a Deos Author de todas as cousas, cuja reguladora, e vigilante Providencia tinha determinado a acção do descobrimento do Oriente pelo Oceano, me servi das imagens com que os Profetas divinamente inspirados o representão. A razão, e a Religião me obrigão a mim, e obrigão a todos a proceder assim; porque não ha maior insulto, nem maior blasfemia

que exprimir os Atributos Divinos com os nomes das Divindades gentilicas, que são outros tantos Demonios: — *Omnes Dii gentium Demonia. Neque memor ero nomina eorum per labia mea.* He injuriar a Deos chamar Marte á sua fortaleza, Venus á sua graça, e Thetis á sua Sabedoria, ou como ainda peior diz o alarve de Mancel de Faria, que Marte no grão Camões he J. C., e Venus, a Virgem Maria, como bem nota, e bem reprehende o Doutor *Blair*, sendo hum Heterodoxo, mas hum Inglez de juizo.

Ora que aborrecimento, e que indignação não causará ver hum homem Leigo, e prodigiosamente Leigo, que dando conta ao público dos seus estudos no Parallelo analytico; diz que fizera Elogios de Thetro; (*o Nome*, *a Cova do Fado*, *a Chave*, *o Mez das Flores*, &c. &c. &c.) e não tendo a mais ligeira lição, e leve tintura do estylo da Santa Biblia, se mette a reprovar expressões vertidas litteralmente dos Profetas para representar a imagem da Divindade. Não me taxem de injusto, eu sei que se deve dar huma desculpa á sua ignorancia, quando elle reprovando aqui, e alli huma, ou outra expressão do Poema, chama a isto — Parallelo analytico —, e diz que me *colhe ás mãos*; ataca as expressões, e imagens dos Profetas, cuida que são minhas, e que não são delles. Mas isto he para o vulgo dos Botequins, não he para infinitos homens sensatos que tem Portugal, pios, e instruidos, a quem semelhantes blasfemias devem escandalisar, porque não sabem se são proferidas pela ignorancia, se pela impiedade. Quem não responderia, e com hum estylo de ferro, ou de fel, vendo-se atacado por hum ignorante que lhe reprova expressões, que toma immediatamente de hum Profeta? Vamos ao facto capaz de abrir os olhos aos mesmos estafermos do Botequim sagrado a Bacho por suas pampinosas, ou emparradas vides. Pag. 280 do Parallelo não feito. Ouçamos o Illustrissimo Critico. —

„ Porém voltemos á Oit. 108: dizendo o *Reverendo*
„ *Epico* que Deos desceo ao Sinai para dar a Moysés
„ as Taboas da Lei, remata com estes versos:

„ Sobre espantosas nuvens se encaminha,
„ Ant' elle a Morte aterradora vinha.

„ Que outra cousa diria se fallasse de Lucifer? A Mor-

„ te nunca póde dizer-se precursora de Deos, Author
„ da vida, e Soberano Architecto do Universo; quan-
„ do muito poderá dizer-se que ella o precede nos mo-
„ mentos da sua cólera, e este não era hum desses
„ momentos. „

Como eu aqui não sou o atacado, nem esta grasnadura patal se me póde dirigir a mim, mas sim ao Profeta Habakuc, appareça elle pintando, divinamente inspirado, a Deos Senhor Nosso nas mesmas circunstancias em que sobre o Sinai se mostrára a Moysés, escrevendo em as Taboas de pedra, com o seu dedo, a sua Lei. Falle o Profeta, defenda-se do terrivel homem que fez quarenta Elogios de Theatro no Beneficio da — *Primeira Buffa Caricata.* — Aqui estão as palavras do Profeta no seu Cap. 3. ℣. 5.

Ante faciem ejus ibit Mors.

Verso do Poema.

„ Ant'elle *a Morte* aterradora vinha. „

Então quem tem a culpa desta impropriedade? Quem erra, he o Poeta, ou he o Profeta? Convém estas palavras, e esta imagem a Deos, ou a Lucifer? Chora a Deosa *Thetis unica despida* a morte de S. Thomé? — (*Chorarão-te Thomé*) — ou representa-se a Deos dignamente, que inclina os Ceos, e desce ao Sinai com o espantoso apparato de relampagos, trovões, e raios, fazendo soar a temerosa voz de huma trombeta, cercando de fumo espesso a convulsa montanha, ameaçando morte aos transgressores da mesma Lei, e mostrando-se hum Deos vingador, e terrivel, espantando aquelle povo, e derrubando-o de susto, e pavor até o fazer recuar espavorido das raizes da mesma montanha cercada de chammas? Que Milton (nem o do Portugal *immune*) pintaria de hum modo mais magestoso, que o do Profeta Habakuc, a imagem da Suprema Divindade? Leva diante a morte, ministra das suas vinganças; pois são identicos os quadros que se pintão no Cap. *19.* ℣. *16.* do Exodo, e no Cap. 3. ℣. *5.* do Profeta.

E do lodo da ignorancia surge hum Pato aquatico, com as azas impregnadas em lama, e diz que a imagem com que

hum Profeta representa tão dignamente a Deos, convém a Lucifer? — "*Que outra cousa diria se fallasse de Lucifer?* — Muito folgára de vêr estes reparos, e criticas de Pato, o Poeta Inglez que traduz, e imprime na sua lingua o Poema — *Oriente.* — Mas elle sabe que ha entre os Portuguezes quem conheça, e estude a Biblia; e eu sei muito melhor do que elle o rancor, a inveja, a baixissima vingança, que se evapora em cartas anonymas (que se deverão de imprimir) são os amores da Patria, que dirigem estas pennas venaes, e abjectas; e

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Od. a Wel.

ANECDOTAS.

Hum sugeito que estava fóra de Lisboa, recolhendo-se foi visitar hum amigo, que achou morto, e estirado no feretro no meio da casa armada: ficou triste, e espantado, perguntou ao primeiro creado, o que fôra, e como se chamava o Medico que lhe assistíra. Fulano, disse o creado, pois diga-me onde mora, que me he preciso para minha mulher.

Aqui na minha rua estava huma mulher chorando, e carpindo amargamente á porta da sua casa, passou hum grave, e circunspecto Cabo de esquadra da Policia com sua competente patrulha, perguntou á mulher a causa do seu pranto, a que respondeo: que o marido a acabava de massar; acudio o marido, e disse: que apenas lhe tinha dado com o seu lenço pela cara, que não fizesse s. m. caso daquella invencioneira; ao que acudio a mulher furiosa: — "Oh! Senhor Cabo, olhe que este desavergonhado assoa-se a mão! — ,,

Fim do Número nono.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 10.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Sobre o apreço que merecem as Letras pelas grandes Personagens que as cultivárão.

SAó as Letras o maior adorno do espirito humano; ellas levantão o nosso ser, e só pelo exercicio das faculdades intellectuaes se distingue verdadeiramente o homem. Vem com tudo tempos de barbaridade, em que ou se eclipsa, ou se desconhece o seu valor, ou se extingue o seu clarão. He preciso que haja estimulos que despertem o amor, e a estima em que se devem conservar, e já que podemos dizer que neste seculo, pela fortuna das armas, pela liga da razão, e da força contra a universal tyrannia que nos ameaçava, renascemos para hum melhor estado politico, e social; desejo que as Letras se amem, para que as Letras se cultivem; e pois hum motivo de tão pouco momento, qual foi o de confundir hum ignorante atrevido, (eu busco compensar o enjoo que causará aos homens sensatos o segundo Artigo) fez nescer este Jornal, aos menos produzirei monumentos proveitosos, e com que o Mundo conheça, que nós os Portuguezes (a menos ostentadora Nação que ha) soubemos sempre, e sabemos ainda alguma cousa, e não he huma pequena impulsão para o amor das Letras, saber-se que ellas forão cultivadas pelas primeiras Personagens do Mundo.

Numerão-se entre os Authores muitos Soberanos, muitos Principes, e grandes Senhores; eu poderia começar por este Reino, e lembrar-me de D. Diniz, D. Duarte, D. João II., e do Principe D. Theodosio; mas devo subir em primeiro lugar á mais remota antiguidade. O segundo Mercurio, ou Hermes Trimegisto, como diz Bossuet na Historia Universal, compoz muitos Volumes, que continhão preceitos dados aos Reis, e aos Sacerdotes, tratados de Astronomia, e exposições dos caracteres geroglificos, ou Letras mysteriosas dos Egypcios, e até Livros de Anatomia, e Medicina. Necepso, outro Rei do Egypto, como vemos de huma carta de Ausonio a S. Paulino, foi Author de muitos Livros de Astrologia, e Medicina. Dionysio, Tyranno de Syracusa, compoz com extrema paixão Tragedias, disputando a corôa aos Poetas do seu tempo. Pyrrho, Rei do Epiro, que viveo sempre em guerras, e de quem Plutarco conta tantos prodigios de valor, deixou (como o Grande Frederico) alguns Tratados sobre a Arte da Guerra. Lê-se em Arriano que Ptolomeo Sotero escrevera a Historia de Alexandre. Xenofonte não he menos célebre pelas suas Obras Filosoficas, do que o foi pela famosa retirada dos dez mil Gregos, que capitaneava. Anibal compoz muitos Livros em Grego, e entre outros a Historia da expedição de Cneo Manlio á Asia. Scipião o Africano, e Lelio forão reputados Authores das Comedias que correm com o nome de Terencio. O feroz Sylla fez algumas memorias, citadas muitas vezes por Plutarco. Julio Cesar ainda em mui tenra idade compoz o Elogio de Hercules; as Tragedias de Edipo, e de Adrasto, com muitas Obras theatraes, que forão chamadas Julias, e cuja representação foi prohibida por Augusto. Compoz hum Poema, de que falla Suetonio, brilhou entre os Oradores, advogando a favor da Lei Plaucia, e na causa de Decio, e Sextilio. Na idade de vinte e hum annos accusou Dolabella, compoz as orações fúnebres de sua Tia Julia, e de Cornelia; porém não nos restão de suas Obras mais que os Commentarios, e diz Plinio que Cesar excedia em engenho todos os homens do seu tempo. Augusto na idade de doze annos compoz o Elogio fúnebre de Julia sua Avó, e escreveo os Commentarios da sua vida, e a Tragedia de Ajax, compoz hum Tratado sobre Catão, algumas exhortações ao estudo da Filosofia, hum Poema sobre a Sicilia, e alguns Epigrammas. Tiberio escreveo alguns Commentarios da sua vida, e alguns

Poemas Lyricos em Grego. Mecenas fez huma Tragedia intitulada Octavio. Plutarco falla de Juba, Rei de Mauritania, como de hum Principe doutissimo: Plinio diz que fôra mais famoso pela Sciencia, que pelo seu Imperio. Compoz hum Tratado das Antiguidades Romanas, dissertações sobre a Pintura, e os Annaes da Lybia, e da Arabia, que continhão cousas mui curiosas dedicadas a Caio Cesar, sobrinho de Augusto. Germanico compoz Tragedias Gregas. Claudio escreveo huma Historia Romana desde a morte de Cesar, e huma Apologia de Cicero contra a critica de Asinio Gallo. Agripina, Mãi de Nero, deixou escritas algumas Memorias. Zenobia, Rainha de Palmyra, compoz hum Compendio da Historia de Alexandre, e do Oriente. Trajano, e Adriano escrevêrão Commentarios de sua vida, e Tito improvisava versos assombrosamente. Temos (e são hum thesouro) as Reflexões do Imperador Marco Aurelio Antonino, cheias de huma sublime doutrina Estoica. O Imperador Clodio Albino escreveo algumas Georgicas, como lemos em Julio Capitolino. São mui conhecidas as Obras do Imperador Juliano, e não preciso fazer dellas distincta menção. O Imperador Graciano era bom Poeta. A Imperatriz Eudoxia, mulher de Theodosio o moço, nos deixou muitos Poemas, cuja enumeração, ou Catalogo se acha na Biblioteca de Focio. Verteo em versos heroicos Gregos os primeiros oito Livros do antigo Testamento, e compoz as Paraphrases poeticas das Profecias de Zacarias, e de Daniel. O Historiador Socrates refere que compozera hum Poema Epico, sobre a victoria que Theodosio II. seu marido alcançou dos Persas. Atribuio-se-lhe tambem a Vida de Jesu Christo em centões de Homero, que ainda temos. Os Imperadores Mauricio, e Leão VI. escrevêrão Livros de Tactica, e Disciplina Militar. O Imperador João Catacuzeno, depois de haver renunciado o Imperio, fazendo-se Monge em o Monte Athos, compoz a Historia de Andronico Paleologo, e a sua propria. Carlos Magno escreveo a Historia da Heresia de Felis de Urgel, sobre o culto das Imagens. O Imperador Frederico II. escreveo hum Tratado sobre a caça. Carlos V. foi Author de hum Tratado da Arte da Guerra, e compoz em Francez algumas memorias do seu Reinado. Bayle diz que se admira de se não haverem dado á luz, depois de traduzidas em Latim por Guilherme Marindo. No fim do 9.° seculo Alfredo Rei de Inglater-

ra compoz Canticos, e muitas traducções de versos da Lingua Saxonia. ElRei Roberto compoz o Hymno — *Veni Sancti Spiritus* —, que a Igreja ainda canta. Margarida de Orleans, irmã de Francisco I., e mulher, em segundas nupcias, de Alberto Rei de Navarra, compoz Novellas no gosto, e estylo de Bocacio. A desditosa Maria Stuard recitou no Louvre huma Oração Latina, que havia composto. Henrique o Grande, esse com que os Francezes gritão senão ha Bonaparte, e se calão quando o ha, (e não tornará a haver) traduzio os Commentarios de Cesar; e não podemos duvidar disto, pois o affirma o Sabio, e erudito Casaubono na Prefação da sua Edição de Polybio. Luiz, tambem o Grande, traduzio em Francez, e se imprimio soberbamente, o Livro dos Commentarios de Cesar, que trata da guerra dos Grisões. A Rainha Isabel de Inglaterra, traduzio alguns Authores Gregos, e Latinos, entre outros Sofocles. E Pedro, tambem Grande, como seu neto Alexandre, escreveo hum Tratado de Marinha. Veja-se a Historia da Academia das Sciencias no anno de 1725.

Só as Nações verdadeiramente barbaras considerárão as Letras como hum obstaculo ás virtudes militares. Os Scythas, assenhoreando-se de Athenas no tempo do Imperador Claudio II., juntárão quantos Livros poderão para os queimar, o que não fizerão por conselho de hum de seus soldados, que lhes disse que conservassem aquelles venenos, capazes de amolecer o animo de seus inimigos. Os Godos representárão á sua Rainha Amalasunta, que a educação Litteraria que dava a seu filho Atalarico não convinha a hum Rei dos Vandalos; que se não podião unir a Sciencia, e o valor: assim disse agora hum Filosofo do Instituto, que o valor era, *musculos*, e *ignorancia*; porque a Sciencia faz os homens timidos, e vis; que hum Guerreiro só deve fugir da indolencia das Letras; porque quem teme a palmatoria, muito mais temerá huma espada. Bom Filosofo do Instituto, camarada de Bonaparte, o Ilheo!!

(*Continuar-se-ha em o N.° immediato este importante Artigo.*)

ARTIGO II.

CRITICA.

CHegou finalmente a tunda em ordem, até agora forão assim por modo de pennas avulsas, agora vai penugem miudinha, porque não quero que o público me chame mão depennador. O Livro depennado, e para haver de depennar, chama-se Parallelo Analytico do Oriente com as Lusiadas Divinas; pois nem ainda a pag. 116 começa o Parallelo, he verdade que nesta pag. traz hum texto de Horacio, que por força de verdade elle se applica a si mesmo, que he este: — "Hum Oleiro começou a fazer hum pote, correo a roda, e sahio hum pucaro,, — e eu digo, que nem lhe sahio hum caco. O Parallelo promettido tranforma-se nesta pag. em exame perfido, e maligno do Canto I. do Oriente, com esta boa fé, isto he, com esta enfiada de insultos, a que he preciso responder, não por amor delle, mas por amor de dois sacos de palavristas quinhentaes, que andão por essas ruas, que lerão todos os Quinhentos, e que ainda não escrevêrão, nem escreveráõ, porque tem medo que a frase não seja de Vasco Lobeira, ou para lhe sahir mais castigada, que não seja de Gonçalo Hermigues, de quem Fr. Bernardo de Brito, segundo o costume, mente tanto. Deixando pois os Quinhentistas, e voltando a prôa ao nosso Critico oitocentista, e trasladando a sua pag. 116 para todos verem o que diz, e depois o que eu direi, diz assim:

Pag. 116 = "Eis-aqui na sua I. Oit. a Proposição do Reverendo Epico (*primeira asneira, a Proposiçao não he do Reverendo Epico, he a Proposição do Poema; e a segunda he, do Reverendo Epico na sua Oitava. Tal he a Grammatica de hum tal Critico de Poemas*!!)

,, Canto a sublime empreza, e o Lusitano
,, Que, toda rodeando a Africa ardente,
,, A furia assoberbou do vasto Oceano,
,, E abrio as portas do vedado Oriente:
,, Com mais valor que dado a peito humano,
,, As bases foi lançar do Imperio ingente, &c.

,, Infelizmente logo no segundo verso deo o primeiro er-
,, ro! Lembrou-lhe a Oit. 51 do 1.º C. das Lusiadas,

,, Do mar temos corrido, e navegado
,, Toda a parte de Antartico a Calixto,
,, Toda a Costa Africana rodeado, &c.

,, E segundo a consciencia das suas proprias forças, como
,, quem já disse que tem lido todas as Logicas de Aris-
,, toteles até Condillac. (*Esta expressão he de seu cor-*
,, *respondente, e amigo — O Portuguez em Inglaterra;*
,, *pois assim o escreveo com elle na Refutação tambem*
,, *Analytica.*) Assentou que o mesmo era rodear toda a
,, Costa d'Africa, ou rodear toda a Africa. Dar-se-ha
,, caso que os cento e tantos homens da companha de
,, Vasco da Gama conseguissem o que os mais poderosos
,, Reis, e Soldões do Egypto nunca podérão acabar? Dar-
,, se-ha caso que rompessem o Isthmo de Suez, por onde
,, a Africa pega com a Asia? Se o *Reverendo Epico*, co-
,, mo diz a pag. 51, depois de haver feito muitas, e atu-
,, radas leituras dos Poetas antigos, e modernos deposi-
,, tasse na memoria os seus melhores quadros, não cahi-
,, ria desde logo nesta censura; porque teria notado que
,, as Proposições Epicas devem ser simplices, e assim ve-
,, ria que nem Homero, nem Virgilio, nem Camões,
,, nem Tasso, nem Voltaire, nem algum dos bons par-
,, ticularisa a derrota do seu Heróe; e se recordasse os
,, preceitos poeticos praticaria o de Horacio:

,, *Nec sic incipies*, &c.

,, Nem começaria com versos carregados de epithetos, di-
,, zendo: — Sublime empreza, Africa ardente, vasto
,, Oceano, Imperio ingente. ,, —

Até aqui os adejos do Senhor Pato; agora eu. Para se conhecer a malignidade, a injustiça, ou melhor ainda, a parvoice desta Critica chamada *Parallelo*, basta observar, que eu, e Camões dissemos a mesma, e identica cousa; Camões he louvado, eu sou condemnado, insultado, e arguido. Eu digo *toda* a Africa, e Camões diz; rodeado *toda a Costa* d'Africa. Parece-me que Vasco da Gama não hia a cavallo em hum burro, hia em huma não, e hindo em não, e dizendo; que rodeára a Africa, já se sabe que havia de ser pelas Costas da mesma Africa, porque não havia caminhar com a não as costas. Se o erro está em dizer *toda*, e não poder ser rigorosamente toda, porque faltavão as quatorze leguas do Isthmo de Suez, tambem, e mais claro então o diz Camões, pois o explica bem, quando diz — *toda a Costa Africana*, que vem a ser desde Ceuta até Abukir, e desde Suez até ao Cabo da Boa Esperança, e desde o Cabo até Ceuta outra vez para fechar o circulo. Se isto não fez Vasco da Gama, e eu minto, muito mais menos

Camões, porque Camões falla em geral de toda *a Costa Africana*, e eu fallo em particular da porção da Africa, chamada *ardente*, que foi a que rigorosamente correo Vasco da Gama, tanto da parte do Oceano Atlantico, como da parte do Oceano Ethiopico-Oriental. Eu, porque digo *toda*, faço mal, Camões, porque diz *toda*, faz muito bem. Que tal he o espirito do Critico! Por isso eu faço a minha obrigação, penugem fóra, e pelle á mostra! He tempo, he tempo de rebater tanta audacia, e tanta ignorancia! Já não ha figuras na Rhetorica, nem na Poezia, nem se poderá por amor dos frequentadores de Botequim, Poetas de Luminarias, individuos vagos, Cavalheiros de industria, e quantos vadios entulhão Lisboa usar de huma sinedoche, tomando a parte pelo todo, e o todo pela parte! E assim se enxovalhará impunemente huma Obra de pulso, feita com tanto amor da Patria, e entre armas devastadoras, e oppressão estranha, trabalhando-se nella dia, e noite, em hum honrado, e independente retiro, no meio das tres crueis invasões. Vem com o remoque de lêr todas as Logicas desde Aristoteles até Condillac; como se não houvesse modos hyperbolicos de nos explicar: corri Lisboa inteira, andando-se vinte ruas, por exemplo. Eu me sirvo de outro, de que já me lembrei neste Jornal. Está hum Gallinheiro com hum Pato na mão para o depennar, foge-lhe o Pato, corre atrás delle, e a quatro varas de distancia apanha o Pato, e diz a hum visinho, sem fazer Poemas Epicos, corri a Praça toda para o agarrar. E então, correo a Praça toda? Não, mas quiz dar a conhecer que correo muito atrás do Pato, ou da Gallinha, ou do Capão, &c. He verdade que a Africa pega com a Asia pelo Isthmo de Suez, que tem quatorze leguas, e he huma lingua de terra; e que proporção tem quatorze leguas com duas mil quatrocentas e cinco de extensão, que tem a Costa maritima da Africa? Chama-se *Africa ardente* toda a Zona torrida, por esta *toda* andou Vasco da Gama em demanda do Cabo, e he de huma necessidade, porque he de hum adorno em Poezia dizer *toda* a Africa! Quantas vezes se diz em as nossas Historias, que fomos Conquistadores de toda a Asia? e por ventura conquistamos a Asia toda, a Tartaria, a China, o Mogol, &c.? Quantas vezes se diz que os Romanos conquistárão, e dominarão a Terra? Que Alexandre conquistou o Oriente, e talvez não passasse do Indaspe? Póde haver erros na Biblia? Pois alli se diz que a Terra toda emudeceo na presença de Alexandre. Eis-aqui as

idéas do Critico em Poezia, querer o rigor geometrico, e geografico em tudo. Quando na Biblia se diz: dar-te-hei huma terra, onde correm arroios de leite, e mel, para se dizer que he huma terra fertil, he acaso hum erro esta excessiva hyperbole? Tem razão este homem em querer a Poezia crua, e nua de atavios, enfeites, e figuras, e quer que a magestade Epica, tenha a naturalidade, ou simplicidade deste seu verso, (Elogio de Victorino pag. 4.)

,, Tomavão o fervor da realidade?

Ora na realidade póde bem julgar de Poezia Epica quem faz destes versos, e outros que taes, como estes dois de hum seu memoravel Soneto impresso, intitulado — *Alta Maria*?

,, Copiosas aguas de que está *pejado*,
,, Dezembro, as faces affrôxando, ria.,,

Dezembro pejado, e Dezembro escangalhado com riso! Mais fria que o mesmo Dezembro he a critica do rodear *toda* a Africa o Navegador Vasco da Gama. E para o confundir de todo, se isto he possivel, ouça como falla Virgilio da navegação de Eneas, que não andou metade do Mediterraneo, que he hum tanque de Horta em comparação do espaço andado por Vasco da Gama d'Africa.

Errabunt, acti Fatis, maria *omnia* circum.
O Fado os levará nos mares *todos*.

Então tambem Eneas embocou, e desembocou pelo Estreito de Magalhães? Ou foi marrar no Polo Antartico, como Pedro Fernandes de Queiroz, para dizer que o Fado os levará pelos mares *todos*? Que dirá agora? Que Virgilio tinha goela de Pato para engolir hyperboles deste calibre, fazendo do Mediterraneo *todos* os mares: e não posso eu dizer que toda a Africa, dizendo o *Divino* Camões, *toda* a Costa Africana? He sina minha! Ha onze annos que anda hum homem estudando, e trabalhando para mostrar contra mim que o Architecto da Batalha, não se chamava Mattheus Fernandes, porém Mattheus Antunes. E hirão vendo que

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Od. a Wel.

Fim do decimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 11.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Continuação do Artigo I. do N.° 10.°

Estima, ou desprezo em que se tiverão os Litteratos.

A Fortuna dos Litteratos andou sempre na razão da estima em que existírão as Letras; huns forão generosamente recompensados; outros com grandes talentos, e grande reputação, se virão reduzidos a huma extrema miseria, e passárão huma vida trabalhosa no regaço da obscuridade. Cherilo, tendo composto hum Poema sobre a victoria que os Gregos alcançárão do Exercito de Xerxes, recebeo de Arquilao Rei de Macedonia por cada verso huma moeda de mais de meia onça de ouro. Horacio confunde este Cherilo com outro do mesmo nome, e muito máo Poeta, que viveo no tempo de Alexandre Magno. Gerão, Rei de Sicilia, deo mil moios de trigo a Archimelo, Poeta Atheniense, por hum Epigramma que compozera, louvando hum navio que o Rei mandára construir. Virgilio, e Horacio forão mui favorecidos por Augusto, o qual dizia, alludindo a asthma de hum, e á fistula lagrimal do outro, sentando-se entre elles, que estava sentado entre suspiros, e lagrimas. Caracala fez dar a Opiano por cada verso do seu Poema da Pesca huma moeda em ouro. Car-

los V. deo hum grande lugar de Magistratura por huma traducção dos Livros da Cidade de Deos de Santo Agostinho. Budeo, nos seus Commentarios da Lingua Grega, diz que Francisco I. lhe dera huma semelhante dignidade para premiar os conhecimentos que adquirira na mesma Lingua. Marlelino conta em huma das suas Eglogas, que tendo recitado o seu Poema sobre a conquista de Napoles na presença de Carlos VIII., recebeo das mãos do Monarca hum saco de ouro, que apenas podera trazer aos hombros, e depois disto dirige hum Panegyrico a João Ruzé, Thesoureiro de França, em que lhe agradece a pensão annual que o mesmo Monarca lhe mandára assignar. Amiot foi provido em huma grande Abbadia, pela traducção do Romance de Heliodoro, e chegou a ser Esmoler-mór de França. Carlos IX. deo a Des-Portes oitocentos escudos de ouro pela Comedia do Rodomonte. E o Almirante de Joyeuse lhe deo huma Abbadia por hum Soneto. Diz delle Balzac, que o trabalho que lhe custavão os versos lhe adquirio huma renda de dez mil escudos cada anno: esta renda de dez mil escudos he com effeito hum cachópo, em que tem naufragado as esperanças de mais de dez mil Poetas. O Cardeal de Richelieu deo cincoenta dobrões por sua mão a Colletet por dois unicos versos do seu Monólogo das Tulherias, dizendo-lhe urbanissimamente, que o Rei não tinha riqueza bastante para pagar o resto da Obra.

Os exemplos dos Litteratos desgraçados são em muito maior número. Não ha Arte, por mecanica que seja, que não prometta mais ampla, e mais segura recompensa, do que as Letras. Cleantes ganhava a vida em acarretar agua. Xylandro, douto Commentador, e o melhor traductor que houve de Grego em Latim, Aldo Manucio, João Bodino, e o mesmo La Fontaine morrêrão em extrema pobreza. O grande, e verdadeiramente grande Torcato Tasso se vio reduzido á fatal necessidade de mendigar por partes o pão em huma jornada de Roma a Surrento sua Patria, onde algum tempo viveo ás sopas de huma pobre irmã. Luiz de Camões nem hum lençol seu o quiz amortalhar. Vaugelás, tão sábio, não se atrevia a sahir de casa com medo dos credores. Du-Ryer vendia a hum Livreiro os versos a dois vintens o cento, se erão grandes, e se erão pequenos a vintem, (porque julgo que hum soldo val pouco menos de dez réis.) E quantos Authores tem composto suas Obras,

mais para remedio de sua miseria, que para aquisição da sua fama? Trabalhárão, como diz o Presidente Du Thou: *Fami, non Famæ.* O que ha de mais desgraçado na sorte dos Authores he, que não gozão da sua reputação, a qual ordinariamente não começa senão depois da sua morte. Marcial diz a este proposito, que, se a gloria vem tão tarde, pouca pressa tem de a conseguir.

Muitos Authores antigos, e modernos se derão a si mesmos louvores tão excessivos, que he impossivel perdoar-lhes semelhante mania. Pindaro affirma, que nem as tempestades do Inverno, nem a furia dos ventos poderão destruir seus versos. Conceda-se esta expressão ao enthusiasmo poetico; as que se seguem são ainda mais fortes. O mesmo Catão, apezar da sua gravissima severidade, costumava louvar-se eternamente. Quando algum Cidadão commettia alguns erros, dizia: são escusaveis, porque não são de Catão. Cicero repete em toda a parte os louvores que a si mesmo se dava. Levanta-se, exalta-se acima de Romulo em pleno Senado: em huma carta a Attico diz: Porque razão me devem reprehender pelos louvores que me dou, se não ha cousa alguma no Universo que seja tão digna dos meus louvores? Jurou, acabando o Consulado, que a Républica só a elle devia a sua salvação. Horacio viveo seguro que a sua fama duraria tanto como o culto dos Deoses do Capitolio, e com effeito tem durado mais. Galeno se compara ao Imperador Trajano (mais do que isto se julgão todos os Medicos; para as suas conquistas maiores que as de Trajano basta o ar... não sei de que, porque não quero escrever a palavra Impostura; e para o mortaço geral de Reinos, e Imperios bastão duas cousas, hum outavinho de papel, e huma Botica conhecida.) Paracelso se atribue a Monarquia da Medicina, e apostrófa os Doutores de Montpellier, de Vienna, de Paris, de Italia, do Norte, convidando-os a seguir os passos do seu Monarca, (se o fizessem já não havia folgo vivo!) Accrescenta mais, que hum dos seus cabellos he mais douto, que todas as Universidades. Cardano, (outro Medico) falla de seus conhecimentos, como chegados a tal gráo de perfeição, que se via constituido entre a substancia humana, e a Natureza Divina. Esta blasfemia he peior que huma Receita, e para não encher este pequeno papel de muitos Latins, não traslado as suas palavras; mas veja-se o seu Tratado — *De Libris propriis.* Carlos Mo-

lineo (outro Medico) punha na cabeceira das suas consultas, (escrevendo o que opinava nas Juntas, de que Deos livre a todo o fiel Christão) estas palavras: — *Eu, que não sou inferior a ninguem, e a quem nenhum homem póde ensinar cousa alguma: Ego, qui nemini cedo, et qui à nemine doceri possum.* Eu o ensinaria a elle, se se chegasse ao pé de mim, ainda que estivesse com huma dor de barriga! Julio Cesar Escaligero (famoso Orate) diz em huma carta sua, que, se as idéas de Xenofonte, e de Massinissa se reunissem, não formarião, nem exprimirião senão fracamente o que nelle havia, e quem elle era: *Quorum utriusque idea vix me unum exprimat.* Foi Frade Franciscano, (veja-se Tiraboschi) e estudou muito em sua mocidade; sem embargo disto, queria fazer crer que ainda aos cincoenta annos de idade não sabia cousa alguma, e que tinha passado a maior parte da sua vida na guerra, e na Corte do Imperador Maximiliano; mas que em déz, ou onze annos de estudo tinha aprendido, e sabido mais que todos os Litteratos do mundo juntos. Só peior do que isto he dizer sériamente Horacio, que ha de ir tocar com a cabeça nas estrellas, e o melhor era dizer que estava tão bebado de gloria, que dava com a cabeça pelas paredes. Basta de Litteratos, e acabo com huma reflexão: — O progresso das Sciencias, e das Artes acompanha o progresso das armas: os tempos fecundos em grandes Capitães, o são tambem em famosos Authores. Essa opinião he fundada sobre a experiencia. A Natureza produz nos mesmos seculos homens admiraveis, e excellentes em todos os generos, como se determinasse fazellos apparecer successivamente.

ARTIGO II.

CRITICA.

NAõ ha cousa mais ridicula que hum Critico ridiculo, nem tunda mais bem empregada, que a que se prega em hum vociferador insolente. He justa a desforra, e responder a malignos detractores he hum acto de Justiça. O Tasso respondeo ás Censuras da Crusca, ainda que esta notavel Academia de Florença o houvesse censurado com aquella dignidade que he propria de homens de bem, e de homens de Letras. E que faria o Tasso se hum individuo obscuro em tudo o não censurasse, mas o invectivasse, e o insultasse em cada pagina em cada frase de hum Livro inteiro? Faria o que eu faço, e com muito mais acrimonia do que eu o farei. Huma das cousas em que puz maior cuidado, e estudo foi na Proposição do Poema *Oriente*, abrangendo em huma Oitava tudo quanto o Heróe fez no principio, no meio, e no fim da sua Oração. Eis-aqui a Oitava porque nós hoje temos festa.

Canto a sublime empreza, e o Lusitano,
Que, toda rodeando a Africa ardente,
A furia assoberbou do vasto Oceano,
E abrio as portas do vedado Oriente:
Com mais valor que he dado a peito humano,
As bases foi lançar do Imperio ingente,
Que fez, crescendo em paz, crescendo em guerra,
Os Portuguezes immortaes na Terra.

Não fez mais, nem fez menos Vasco da Gama. Rodeou a Africa; eis-aqui o principio da acção, venceo as furias do Oceano, eis-aqui o meio da acção; abrio com sua navegação as portas da Asia, vedadas até alli pelo caminho do mar, eis-aqui o fim da acção. Mostrou grande valor, e com a sua empreza conseguida deo principio ao dominio que tivemos, e ainda em parte temos na Asia, com que na verdade se fizerão famosos os Portuguezes; eis-aqui as consequencias proximas, e remotas da mesma acção, ou os effeitos immediatos do descobrimento dos mares, e terras do Oriente que fez Vasco da Gama; e tudo isto em oito

versos os mais simplices, e claros que o engenho humano talvez podia fazer, e sobre isto que até os homens menos instruidos approvão, vem a mais estouvada critica, que he do theor, e fórma seguinte:

„ Teria notado o *Reverendo Epico* „ (Reverendo sempre por insulto, e eu se nomear o Critico pelo seu nome assignado, e impresso, que he *Pato*, hão de dizer que he invectiva) " Que as Proposições Epicas devem „ ser simplices, que nem Homero, nem Virgilio, „ nem Camões, nem Tasso, nem Voltaire, nem al- „ gum dos bons particularisa a derrota do seu Heróe, „ nem começaria com versos carregados de Epithe- „ tos, dizendo: *Sublime empreza, Africa ardente,* „ *vasto Oceano, Imperio ingente.* „

Isto excede a paciencia humana! Mette a Proposição de Camões entre as simplices, quando pelo contrario he accusada de complicadissima por Candido Lusitano, Pedro José de Fonceca na sua Poetica, e outros muitos; mas quem escreve para mal dizer, nada lhe importa. Eu agora direi mais, e digo que a Proposição das Lusiadas, a pre uppormos que Camões quiz cantar a navegação de Vasco da Gama, he a cousa mais tòla, e mais mentirosa, que se escreveo ainda na muito nobre Lingua Portugueza. Ei-la

As armas, e os Barões assignalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passárão ainda além da Taprobana:

Tantas palavras, quantas mentiras. — *As armas, e os Barões assignalados*; Vasco da Gama não levou armas conquistadoras, não levou guerreiros, mente o Poeta; erra o Poeta em dizer Barões; porque o Heróe deve ser hum, e não muitos; que, assim como se quer a unidade da acção, se quer a unidade do Heróe, hum só Heróe principal, e huma só acção. *Da Occidental praia Lusitana*: redundancia, asneira, e ociosidade. Portugal não tem praia Oriental, para nos dizer que sahírão os Barões da praia Occidental; onde tem Portugal praias ao Oriente? *Por mares nunca d'antes navegados*: mente em cheio; antes de Vasco da

Gama passar o Cabo de boa Esperança já tinha este nome, e já o tinha passado Bartholomeo Dias, chegando ao Ilheo da Cruz, e Padrão de S. Filippe. Logo já até a Costa Oriental da Cafraria estavão bem navegados aquelles mares, e não erão nunca navegados d'antes. Do Ilheo da Cruz para cima, diz João de Barros (que não mente.) — *Que encontrárão Gente branca, que navegavão ao nosso modo, e o mesmo* Vasco da Gama se admirou de ver que entendião da Arte de navegar. Dalli para cima, em Moçambique, em Mombaça até Melinde virão, e encontrárão Mouros em almadias; logo, como as Almadias não andão por terra, estavão aquelles mares desde o Ilheo da Cruz até Melinde *navegados*, e mente Camões até Melinde. Vejamos se mente de Melinde até Calicut. Em Melinde achárão o Piloto Guzarate Moalem Caná, que sabia mui bem a derrota até a Costa do Malabar, porque a tinha andado, aliàs não levaria lá em vinte e dois dias os Portuguezes; logo tambem de Melinde na Costa d'Africa ao Indostão estavão os mares *navegados*, e mente Camões com quantos dentes tem na boca. *Passárão ainda além da Taprobana.* Mente, que Vasco da Gama, nem então, nem nunca foi á Costa de Coromandel. Logo propõe o que não se fez, e vem a ser a proposição falsa, quimerica, fantastica, e em bom Portuguez, tôla; porque nada da acção do Poema se inclue na proposição, e particularisa para maior absurdo a derrota que o seu Heróe não fez. Senhor Pato, sempre sua mercê ha de buscar, por suas mãos, mãos que o depennem assim? He miseria sua! Já vemos que a Proposição allegada para me confundir, como exemplo, he mentirosa; vejamos se he simples, no sentido em que sua mercê quer que sejão as Proposições Epicas, isto he, sem pompa, e sem Epitheto. A Proposição das Lusiadas, considerada puramente como Citava, independente das outras, porque a tal simples proposição continúa em muitas, até *o espalharei por toda a parte*, he a melhor que fez Luiz de Camões, a mais pomposa pelos muitos Epithetos, e harmoniosa pela travação da vogal *a*, como bem nota o muito sabio, e erudito Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos. Vamos agora á feira dos Epithetos, de que vem carregada para confundirmos o Senhor Pato, que tem a estrella de allegar sempre exemplos contra si nos seus *doutissimos escritos*, (como diz Couto no seu impresso tambem analytico, fallando das folhas

das Lusiadas — *Antidoto da Traça* — pelo duro, e onde o dentinho da Traça se desengana que não acha suco.) Vejamos os Epithetos da Proposição de Camões, posto primeiro que o Tasso pelo Senhor Pato: — Varões *assignalados*, hum; Praia *occidental*, dois; mares não *navegados*, tres; em perigos *esforçados*, quatro; gente *remota*, cinco.

Quizera agora lembrar-me da Proposição da Henriada de Mestre *Voltaire*; mas isso he huma risota; com tudo ahi vai em nossa boa prosa, sá, e escorreita, porque taes destemperos não merecem a honra de huma traducção em verso, ainda que a haja em verso-prosa.

Eu canto aquelle Heróe, que reinou sobre França,
Por direito de conquista, e por direito de herança.

Ora aqui está huma simplicissima proposição cheia de baixa Poezia, e com mais *direitos* que as Pandectas todas, que ambos os Digestos, velho, e novo. Que acção póde ser esta para ser cantada? Os direitos da conquista, e os direitos da successão; isto he para huma demanda, e não he para huma Epopéa. Vem a ser duas questões judiciaes: *Questio prima*; Henrique IV. devia ser Rei de França por direito de conquista? *Questio secunda*; devia ser Rei de França Henrique IV., porque era filho do Rei de Navarra? Aqui não ha Epitheto, porque a Lingua Franceza he aleijada em Poezia. Vem lá na invocação, bem do alto dos Ceos, huma — *auguste verité*, que assenta muito bem na boca de Voltaire, que nunca mentio! Na Proposição de Jerusalem do Grande Tasso, tudo são Epithetos — armas *piedosas*, *grande* sepulcro, *gloriosa* conquista, povo *misto*, companheiros *errantes*, &c. — Que elle se depenne a si mesmo,

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Od. a Wel.

Fim do decimo primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 12.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

A Mathematica.

O Orgulho he feio em todos os homens, he improprio no homem dado ás letras, e he insupportavel no Ente chamado Mathematico. Eu busco estender a tolerancia social até ao ponto de soffrer com paciencia, e com silencio as fraquezas do nosso proximo; mas perco a paciencia, e não me posso calar quando vejo hum Mathematico, (porque ouvillo he impossivel; não querem fallar). Huma manhã inteira estive fallando com hum Mathematico sobre negocio de importancia na vida civil; era meio dia dado, sahio-se-me com hum unico monosyllabo indeclinavel, e inintelligivel, que foi este: — Um, um, e um. — Determinei fazer algumas reflexões sobre esta sciencia, que faz dos homens estatuas. Vi em primeiro lugar, que a opinião tem muito pouco arbitrio sobre a Mathematica, cousa tão orgulhosa, que só ella entre as sciencias humanas se diz possuidora exclusiva da certeza, e da evidencia; e com effeito, crismando-se a si mesma esta sciencia dos pontos, e das linhas, se deo o nome de Mathematica, que quer dizer, sciencia, como quem diz sciencia por excellencia. Com tudo, a pezar das pretenções de gozar o nome, e o titulo de sciencia, este nome, e este titulo,

tambem lhe foi negado por alguns, que disserão que a Mathematica era a chave da Sciencia, mas não a Sciencia effectivamente. A Geometria especulativa, e pratica, a Algebra; e outras cousas semelhantes, são principios necessarios para adquirir muitas noções; mas desde que se passa da applicação destes principios, sahe-se do seio da Mathematica, e de nada nos serve mais a sua certeza, e evidencia. A Pintura, a Optica, a Astronomia, a Geografia, a Nautica, a Architectura civil, e militar, unem aos principios certos que deduzem, ou trazem da Mathematica o que a opinião tem de duvidoso, e o gosto de arbitrario: por isto he preciso que assentemos, que a Mathematica, ou he quando muito huma chave da primeira porta das sciencias, ou huma simples introducção ás sciencias, e isto não he a sciencia. O fructo das outras sciencias, sente-se, e percebe-se quando se possuem; mas a Mathematica não faz mais que dispor o espirito para aprender progressivamente outras cousas. Seneca faz pouco caso da Mathematica, porque he cousa superficial, e levanta seus edificios em terreno alheio, não se podendo levar a si mesma ao conhecimento da verdade; entendendo por verdades os conhecimentos de pratica, e de uso; porque aliàs he incontestavel que as demonstrações de Geometria, de Algebra, e de Arithmetica são outras tantas verdades; mas não se póde fazer uso algum daquelles principios sem alterar, ou romper a sua certeza, ou pela incapacidade do que delles se serve, ou por defeito do mesmo objecto a que se applicão, ou finalmente pela imperfeição dos instrumentos, de que se servem. Outros Authores ainda levárão mais avante a sua critica; não se contentárão de negar a certeza na applicação, e no uso da Mathematica; atacárão a mesma soberba Geometria, tratando-a de vã, de illusoria fundada sobre quimeras, como são pontos, linhas, superficies que não existem, nem podem existir. O profundo Methafysico Hobes escreveo hum Livro contra o fasto insupportavel dos Geometras, mostrando que as Obras de Mathematica não são menos sujeitas aos erros, que os tratados de Fysica, e de Moral. Critica, e censura as definições do primeiro Livro dos Elementos de Euclides, e mostra que a maior parte das suas viciosas definições são outros tantos obstaculos para se acharem os mais bellos problemas da mesma Geometria. Sexto Empirico escreveo contra os Ma-

thematicos, e se eu não acho razão, acho muita graça a hum dos seus argumentos, que vem a ser este: — He impossivel cortar huma linha que se supponha de cinco pontos em duas partes iguaes, porque os Mathematicos ensinão, que o ponto he indivisivel, logo esta linha não póde ser cortada em duas partes iguaes, porque então ficarião tres pontos de huma parte, e dois pontos de outra, ou aliàs seria preciso cortar o ponto indivisivel em duas partes. Não se póde pela mesma razão dividir o circulo em dois Hemisferios, porque seria preciso dividir o ponto que está no centro. — Com tudo apezar da minha opposição ao orgulho Mathematico, estes argumentos do sceptico Sexto Empirico, parecem-me criticas do Pato. Julio Cesar Scaligero, atacou mais sólidamente a Mathematica, mostrando verdadeiros paralogismos em Euclides, e Archimedes, e mostra que hum bom engenho não póde ser grande Mathematico. Saint-Evremond atacou tambem a Mathematica, pela fadiga, e trabalho que custa, e pela applicação que exige. Quando eu penso, diz elle, nos profundos estudos que exigem as Mathematicas, vendo que ellas distrahem o homem da acção, e dos prazeres, para o absorverem todo inteiro, parece-me que custão muito caras as suas demonstrações, e he preciso ser muito amante de huma verdade esteril, para a comprar a hum semelhante preço. Dirão que não temos poucos commodos na vida, e poucos prazeres nas Artes, de que lhe não sejamos devedores: em quanto a mim sinceramente confesso que não ha louvores, que eu não dê aos Mathematicos, com tanto, que eu o não seja. Admiro as suas invenções, e as obras que produzem; mas persuado-me que para as pessoas de juizo bastará servir-se dellas. O Cardeal du Perron chamava engenho perdido aquelle que se entregava todo ás difficuldades da Mathematica. E com effeito tem havido alguns, que se tem engolfado de mais em semelhante estudo. Archimedes dava tão pouca pausa ao estudo, que até quando untava o corpo com azeite, conforme o uso dos antigos, fazia com elle, e com o dedo figuras geometricas. Sahio huma vez do banho gritando pelas ruas, nu, e cru: — Achei, achei, achei! — Tratava-se de resolver hum problema, que lhe tinha sido proposto pelo Rei Hieronte, no qual se devia descobrir que porção de liga tinha entrado em huma corôa, que se dizia ser de ouro purissimo. O Grande Historiador Augusto Francisco de Thou, refere que o Mathematico Viet

andava em huma tão profunda, e contínua meditação, que passava á banca tres dias continuos, e tres noites contínuas sem comer, e sem beber, concedendo ao somno alguns momentos de intervallo, que não podia negar á oppressão da natureza. Tudo quanto os Geometras julgárão digno de todos os esforços da sua attenção, foi tratado por homens bem doutos, de cousa desprezivel, e inutil. Trata-se como cousa inutil, o que não se entende, diz Fontenelle. O motivo das desgraças da Mathematica he manifesto, he sciencia espinhosa, selvatica, e de difficil accesso. As quatro Luas de Jupiter forão mais uteis para a Geografia, e Navegação do que a nossa propria, e esses grandes descobrimentos dos satellites, e das suas applicações, nem são mais uteis, nem fazem mais estrepito que hum bom Poema, ou hum eloquente Discurso Oratorio. Oppõem-se tambem á Geometria muitos Sábios, dizendo; que entre as suas definições, e os seus axiomas, ha alguns, que tem necessidade de demonstração, e de prova, e que os Mathematicos não tem direito algum para supporem a sua certeza. Esta objecção cahe sobre a decima definição do primeiro Livro dos Elementos de Euclides, sobre a quinta definição do quinto Livro, e sobre o decimo, e undecimo axioma do primeiro Livro. Outra objecção se lhe faz, e he que o redondo, o globo, ou a esfera não se achão perfeitamente em lugar algum, que nem a Natureza, nem a Arte chegárão jámais á sua total perfeição. A Geometria tem seus paradoxos. Não se póde conduzir mais que huma unica tangente em hum circulo pelo mesmo ponto de contacto, mas póde-se fazer passar huma infinidade de circumferencias de circulos por este mesmo ponto. O angulo obtuso não será jámais huma linha recta, suppondo que elle se augmente com huma progressão que vá diminuindo, e que a somma desta progressão seja menor que o número dos gráos do pequeno angulo que lhe corresponde... Antes que eu não entenda o que digo, nem me entendão o que escrevo, deixemos a orgulhosa Mathematica, e os seus silenciarios, e entonados Professores.

ARTIGO II.

CRITICA.

O Poeta *Longuinhos*, que fez a viagem de França só para ver o Poeta Nascimento, e estudar com elle o novo, e inventado methodo de dar cabo da Lingua Portugueza com a sagaz junctura, como elles dizem, de palavras novas, e de palavras velhas, fazendo-se Gregos em Portuguez, depois de deixar o Sóco de Thalia, e o Cothurno de Melpómene, e conhecido já por

„ Que fez Tragedias cem, Comedias cento; „

quiz ser Lyrico; e em huma das suas Pindaricas regalou o mundo com estes notaveis versos, que andão por todas as partes

„ *Tigri-Simile* Réco
„ *Dei-Simile* Rubens
„ *Horri-harmonico* Dante
„ *Basti-arbori-gero Ida*, e *gena*, e *sulfur.*

Isto parece impossivel, mas anda pelas mãos de todos os curiosos, e ninguem poderá negar porque eu tenho visto o authografo, isto he, a letra original do mesmo Author, que o Cemiterio guarda; e muitos annos esteja elle lá sem nós! Ora sendo tudo isto assim, ainda he menos contrario á razão, que o absurdo que eu fui encontrar no meu homem do Parallelo Analytico a pag. 175 do Analytico Parallelo, porque ainda estamos, e estaremos a esperar. Antes que comece a depennação, cumpre notar huma cousa, e he que, advirtindo eu no fim do Discurso preliminar do Poema — *O Oriente* —, que na Sagrada Escritura se encontra a alta, e verdadeira Poezia, (como vemos no Author do Livro intitulado, *De Poesi Hebreorum*; como vemos em Rollin, no Methodo de estudar; como vemos em Xavier Mathei nas muitas dissertações que acompanhão a traducção dos Salmos; como vemos no Tratado de Mr. Fourmont no V. 8. das Memorias da Academia das Inscripções, e Bellas Letras); me aproveitei de mil imagens figuras, e expressões da mesma Sagrada Biblia, tão poeticas como se vê na traducção Franceza de alguns pedaços escolhidos dos Profetas por Mr. Champion de Nillon. He de notar, á vis-

ta disto, que quando o Critico encontra alguma destas, ou imagens, ou expressões da Biblia no Poema, então carrega mais e mais a sua *illuminada* critica, mofando, escarnecendo, e bigodeando a mesma expressão tirada da Biblia, como já vimos no — *Ego sum qui sum* : se não podéramos dizer deste homem, que he blasfemo por ignorante: *Quod ignorant, blasfemant*; e que a sua ignorancia o desculpa para com os homens sensatos; diriamos ao lêr os seus ultrajes, e vituperios ás palavras que Deos inspirou, e que dictou aos Profetas, e Escritores Sagrados do antigo, e novo Testamento, que entravamos em huma loja *Massonico-illuminada* a escutar o discurso do Veneravel, depois da Cêa fraternal em que se bebeo á saude do aboletado em Santa Helena. Não pareça invectiva o que vai a apparecer com bem triste verdade, e que espantará os homens de bem, e os Christãos timoratos: ouçamos as suas sapientissimas palavras: — pag. 175.

„ Na Oitav. 17 do Cant. III. diz
„ Os rebeldes Serafins
„ De que o poço do abysmo immenso he cheio,
„ Como clarões de fogo, as sombras fendem,
„ Em denso fumo equilibrados pendem.

„ Ora quem será tão sizudo, que não se ria lendo isto?
„ Quem se não ha de rir de ver o *Reverendo Epico* imaginar que o Inferno he hum *poço*, e que os Diabos estão nelle pendurados em columnas de fumo? (*mente; que na Oitava não se diz que estão pendurados.*)
„ Isto he certamente original. Diz depois que á frente de todos os Diabos hia o spectro da morte, o Genio da guerra, a Discordia, a Ambição, e a Tempestade. —
„ Todos os Diabos se apresentão perante o Grão Diabo. —
„ Em suma diz o Grão Diabo que he preciso afundir a Armada Portugueza, para o que deve elle sahir á luz com todos os Diabos; abre a garganta do abysmo. „ —

Eis-aqui a grande Critica, e tomára que me dissesse o Senhor Pato, depondo por hum pouco os vôos com que se coze com a terra, que quer dizer esta repização do — *Grão Diabo*? He chocarrice, ou he insulto á Religião? Lucifer, he dito na Escritura — *Diabulus*; assim lhe chama Jesu Christo; *Diabulus* em Portuguez he *Diabo*. Pois diga-me, que entende o Senhor Pato, ou Pato sem Senhor, no seu *Divino, e impeccavel* Camões, quando lhe falla em Baccho

feito Clerigo em Moçambique, adorando hum painel, em que estava pintada a vinda do Espirito Santo sobre os *doze*, como diz Camões:

,, O falso Deos adora o verdadeiro?

Creio que por Baccho inimigo dos Portuguezes, e que quer *afundir*, como muitas vezes tentou o mesmo Baquinho, a Armada Portugueza, entende o Diabo, e o *Grão Diabo*: pois não se annuncia com mais dignidade pelo seu nome Diabo, do que pelo do filho das duas mãis, ou por Baquinho *que adora o Deos verdadeiro*? Pois o Diabo adora a Deos? Deixemos isto, Senhor Pato, não quero que V. m. diga, que eu procuro desculpar as minhas com as calvas asneiras de Camões, cujas Lusiadas não são em grande parte mais que hum aggregado de inepcias, de turpitudes, e de impiedades, como brevemente verá no trovão de huma tremenda censura; e vingue-lhe depois as injúrias com os seus parallelos! V. m. insulta, e ataca as Santas Escrituras, quando pelo seu odio, e rancor particular me ataca, e insulta a mim, com blasfemias contra Deos que só tem desculpa em sua crassa, e supina ignorancia, não como eu digo, mas como todos chorão, admirando-se que tal Livro apparecesse; mas appareceo, e surdio da Officina Lacerdina. Tome sentido nas suas palavras que são estas; veja-as bem; que eu as não altero: — *Quem se não ha de rir de ver o Reverendo Epico imaginar que o Inferno he hum Poço*? Ora agora veja se sou eu quem o imagina, se he Deos Senhor Nosso quem o diz: — Veja o Divino Livro do Apocalypse Cap. 9. ℣. 12. — *Et quintus Angelus tuba cecinit, et vidi stellam de Cœlo cecedisse in terram*, et data est ei clavis Putei abyssi. — *Et aperuit Puteum abyssi.* — E como V. m. não sabe Latim, pois não passou da escola, eu lho traduzo em Portuguez: — *Tocou o quinto Anjo a trombeta, e então vi cahir do Ceo huma estrella na terra, deo-se-lhe a chave do* poço do abysmo, *e abrio* o poço do abysmo. — Então, e então, de quem se hão de rir os sizudos, do Reverendo Epico que se serve das expressões da Sagrada Escritura, ou do Reverendissimo Critico, que he o homem mais ignorante que ha, e tão desacordado em sua malevolencia que escreve sem se ratificar, sem lêr, sem perguntar? Diga eu mal, diz V. m., ainda que diga blasfemias; eu ignoro até se ha a Biblia, mas isso não importa, eu quero satisfazer o Decreto que a Patria lavrou, e porque

me manda vingar-lhe as injúrias que se lhe fizerão na pessoa do *Divino* Camões, cantando o que elle cantou, e que ninguem mais podia cantar! Se V. m. vinga Camões com parvoices, e insultos, eu respondendo-lhe assim, vingo a verdade, a razão, e a Religião; nunca podem ser reprehensiveis as expressões de que o mesmo Deos se serve, e são palavras de Deos, ou por elle inspiradas quantas estão nas Escrituras Canonicas: he melhor calar-se, do que fallar do que se ignora. Todos vossas mercès para defenderem o seu Camões impeccavel, tomão as Divindades maleficas do Paganismo pelo Demonio, ou pelo Diabo; se eu me sirvo dos mesmos agentes, nomeando-os sem alcunha, e pelo seu nome, sou o *Reverendo Epico*, sou hum homem que provoco, e desafio risadas dos sizudos, por me servir das expressões com que Deos se annuncía nas Escrituras. Levão vossas mercès a gloria, e fazem inserir nos Jornaes impressos fóra a sua célebre Ode Safica, com todos os versos errados, aos annos do Principe de Galles, e que he tal equejanda:

" A' corja adusta do Cocyto em flammas
Igneo ferrolho aos alçapões correndo,
Porque a blasfema voz não trepe a Jove
Lucifer disse. ,,

Aqui não ha todos os Diabos dignamente annunciados na *Corja adusta*; aqui o que ha são alçapões com ferrolhos de fogo; aqui ha a tolice de fechar o alçapão para que Jove não ouça. Olha que Jove este, que para ouvir o que se diz he preciso ter a porta aberta! Aqui não sahem dignamente todos os Diabos, quando se diz adiante, que solta-se *a praga*, e que todos *tomão* quarteis, e que o Grão Diabo vai ser hospede de Bonaparte:

,, Do proprio Corso *o famulento Pluto*
,, *Hospede fica.*

Isto he Poezia, mas as Oitavas magestosas do III. Canto do Oriente não o são! Ora na verdade
São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Od. a Wel.

Fim do decimo segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 13.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Pyrrhonismo.

HUma cousa he a Filosofia, e outra cousa são os Filosofos; a Filosofia he o amor da Sciencia; e os Filosofos, pela maior parte, como são amantes, são doidos. Ha gente que se occupa em ir ao Hospital em dia de S. José ver os doidos; eu acho-os ainda melhores, e mais divertidos nas vidas dos Filosofos; e com effeito Diogenes Laercio, Bruker, Stanley, Saverien, e Degerando nada mais fizerão que a Historia da Loucura humana, ou descripção de diversas especies de Maniacos: entre todos, os mais notaveis doidos que tem apparecido na terra, são os Pyrrhonicos, e huma ramificação destes solemnes mentecaptos fez as desgraças da Europa, na grande Obra revolucionaria. Veja-mo-los em seu primeiro Patriarca. Pyrrhão nasceo em Elide, foi contemporaneo de Arcesilao, de Zeno, e de Theofrasto, e tambem de Epicuro; nasceo na Olympiada 110, isto he, 340 annos antes da era Christã; foi discipulo de Anexarco; levou mais que os outros ao encarecimento a irresolução, e a incerteza; porém sempre constituía alguma differença entre a indagação, ou investigação da verdade, e os usos communs da vida, entre o filosofar, e o governar-se no Mundo; deixava-se levar da torrente dos costumes, e das Leis, sem formar juizo, ou seguir opi-

não alguma. Mentirão com effeito os que escrevêrão que elle se não esquivava a perigo algum, que não torcia caminho se encontrava hum carro (se vivesse em Lisboa, e o fizesse, era esbarrigado no primeiro dia;) que não fugia dos cães que sahião a lhe ladrar, e morder, que se apartava da vista, e da communicação dos homens, (nisto não fazia elle mal;) e finalmente, que permanecia immovel por longo tempo no mesmo lugar, (estaria cançado de andar.) Assacavão-lhe estes baldões, porque o querião expôr á irrisão pública; porém prova-se o contrario, porque os seus concidadãos lhe conferirão hum dos mais importantes cargos da Magistratura, e o eximirão das coimas, e alcavalas públicas impostas aos Filosofos que fazião das suas; e os mesmos Atthenienses lhe derão os privilegios de Cidadão; Alexandre Magno lhe mandou grandes presentes. Viveo 90 annos, e esta longa vida dá bem a conhecer que não era tão doido em suas acções, como era em sua doutrina. Conta-se com tudo, que encontrando seu Mestre Anaxarco cahido em hum barranco, passou sem o levantar, e o mesmo Anaxarco confessou que esta indifferença era hum rasgo de Filosofia sublime. Que tal está a Filosofia? Pyrrhão era considerado como hum homem izento de todas as paixões, e superior á humanidade, (assim o são as Estatuas:) não se quiz defender de hum cão que lhe mordia. (He notavel cousa em Diogenes Laercio, que sempre hão de vir cães onde vem Filosofos!) só se lhe descobrio hum movimento de raiva; (muito me custou a entender que era raiva a palavra *Ataraxia* com que hum Medico Clinico destes agora ma quiz dar a entender!) correo Pyrrhão com hum aspecto até ao mercado de Eléa atrás de hum Cozinheiro, porque lhe tinha deitado pouco azeite em humas hervas, como conta sériamente o mesmo Diogenes Laercio. Conta-se do mesmo Pyrrhão que em huma tormenta no mar, vendo os outros muito assustados, lhes mostrára hum Porco, que sem fazer caso do temporal comia tranquillamente, accrescentando, que aquelle era o verdadeiro modelo do homem sábio! E eu tambem julgo que comer com descanço, e paxerra he prova de talento. Chamárão-se Pyrrhonicos os seus discipulos, e depois em nossos dias se quizerão chamar scepticos. Sexto Empyrico divide toda a Filosofia em tres ramos: 1.º os Filosofos que se gabão de ter achado a verdade, e que se

chamão Dogmaticos; são estes os discipulos de Aristoteles, de Zeno, e de Epicuro: 2.° os que julgão que senão pode encontrar a verdade, como Clitómaco, e Carnéades, e o maior número dos Academicos: 3.° os que a buscão sem saber se he possivel achalla; chamão-se estes Scepticos, ou Pyrrhonicos. Nada escreveo Pyrrhão: seus discipulos deixárão Obras, que não só forão combatidas pela extravagancia de seus principios, mas tambem pelas perpetuas contradicções com os mesmos principios. Tinhão grande cuidado de não affirmar cousa alguma, nem por negação. Se lhes provavão que vião, que pensavão, que existião, respondião que ignoravão que cousa era ver, pensar, e existir. Consideravão todos os discursos como frivolos, porque dizião, que ninguem devia affirmar, definir, e julgar cousa alguma. Os Pyrrhonicos tinhão necessidade de nova linguagem, porque as ordinarias maneiras de fallar são formadas de proposições affirmativas, que lhes não convinhão. Nada admittião nem verdadeiro, nem falso, porque, dizião, e dizem elles, huns homens admittem por verdadeiro o que os outros julgão falso. Rejeitavão o testemunho dos sentidos, e as operações do entendimento, duvidando da existencia dos sentidos, e do entendimento. Tiravão partido das mesmas contradicções dos Dogmaticos. As opiniões, dizião elles, que hoje se julgão verdadeiras, serão desmentidas para o futuro com os novos descobrimentos. Dicearco disse (continúão os Pyrrhonicos) que não existia entendimento. Gorgias affirmou que não existia cousa alguma; mas suppondo que exista o entendimento, quem poderá conhecer sua natureza? Quem poderá determinar a sua substancia, e em que lugar tenha a sua residencia? Os homens não podem estabelecer sua crença em hum meio tão apartado de seu conhecimento. A nossa intelligencia (continúão estes maniacos) governa-se pelos sentidos enganadores, porque o mel (que não he para a boca do asno) dizia Democrito, nem he doce, nem he amargoso; e Heraclito dizia, que o mel era doce, e amargoso ao mesmo tempo.

Com effeito, he preciso ser bem louco para duvidar das verdades primittivas, e para nos não persuadirmos daquelles principios, dos quaes sentimos huma natural, e interna persuasão, e convicção, e para rejeitarmos aquellas noções, ou conhecimentos, cuja luz resplandece de continuo ao nosso espirito; eis-aqui porque Pascal nega, e com

razão que exista hum verdadeiro Pyrrhonico, que esteja convencido intimamente da verdade, ou da razão da sua teima. Des-Cartes, bom Filosofo, mostra que nós não podemos duvidar sem que existamos. João Francisco Pico, Conde de Mirandola, assombrosissimo engenho, e homem que nunca deve esquecer, renovou em o decimo sexto seculo a Filosofia Sceptica. Miguel de Montagne em o mesmo Seculo, e La Mothe le Vayer, Conselheiro de Estado, e Mestre de Gastão Duque de Orleans, em o decimo septimo Seculo, illustrárão muito esta doutrina com os seus escritos. La Mothe le Vayer he o Author do Tratado da fraqueza, e pequenez do entendimento humano, e tão cego estava com esta louquissima doutrina, que affirmou que a melhor disposição para receber o lume da Fé era a Filosofia Sceptica, ou esta suspensão geral que varre do entendimento todas as opiniões naturaes para o encher das verdades da Fé. Que absurdo! E como poderá receber o lume da Revelação em quanto não renunciar seus principios, e sem fazer algum uso do lume da Natureza, como poderá distinguir a Revelação da impostura, e a verdade do erro? O lume da Natureza se deve submetter á Revelação com aquella docilidade, que ella mesma encontra na experiencia da sua propria fraqueza. A Razão, e a Natureza nos dizem que aquelle Deos em quem nós cremos não se engana, nem nos póde enganar, e este discurso em que se funda a Religião, não póde ter força se se destróe a regra natural de julgar que Deos nos deo. Só fazendo uso da nossa razão podemos estar seguros das verdades reveladas; nem a razão se submetteria, se ella não visse que ha occasiões em que se deve submetter. Veja-se Valerianno Magni — *De catholicorum credendi regula.* —

ARTIGO II.

CRITICA.

QUando lanço mão do Parallelo de Pato, o meu primeiro desejo he pedir-lhe que dê ao Mundo, senão hum Poema Epico, ao menos hum Plano de hum Poema Epico; porque, quem em tudo acha erros, he preciso que quando escreva, escreva muitos acertos; esta Obra de hum Plano para hum Poema Epico he Obra digna de hum Leibnitz, que o deixou entre os seus escritos. Venha, escreva hum Plano, far-se-ha hum Poema á sua vontade, porque só assim póde ser bem. Elle ja tem dado ao Mundo Obras acabadas, v. g. *A chave dos Pyreneos*, que he chave que abre montes! — *O nome* —, sem mais nada. — Venha hum Plano. — "O meu Plano de estudos, diz elle, he unhada aqui, unhada alli, assim julgo, assim me arvoro em Censor, assim reprovo tudo;" e para que? Para o que se vai vendo, para huma depennação inteira, e absoluta, mas a mais justa desforra do ataque mais iniquo, e caviloso que se tem feito. Eu não lhe pesso Planos, não quero que diga que o insulto na sua profundissima ignorancia; peço-lhe, e o desafio para huma réplica só, sensata, ao que lhe tenho dito, e hirei dizendo; eu tenho mostrado que he elle o *colhido ás mãos*, e que sei vingar a honra de hum Poema fructo de tantos estudos, e de tantos trabalhos, apurado com a Censura de hum homem doutissimo em cujas mãos imparciaes com felicidade o puz. Ainda lhe digo mais; que lhe premetto calar-me, perdoar-lhe, deixar-lhe algumas pennas, se elle escolhendo entre 1095 a materia de huma só oitava, fizer huma oitava melhor que aquella que elle a seu talante escolher! Mas que ha de fazer quem chama á Lyra de Pindaro

De Pindaro o martello fulguroso?

Deixemos o que elle faz, para vermos o que elle me faz. Estamos no carnal, as ervilhas muitas, e tenras, vá tambem Pato com ervilhas, não para hum, mas para todos.

Pag. 126 do não feito Parallelo: = Palavras patas: =. "Passemos á Oit. 16 do C. 1.º

„ Os Serafins ao longe as de ouro orladas....
... Mais leves que os relampagos revoão....
„ Serafins com azas orladas de ouro parecem Serafins
„ de Escultura. „ =

Eis-aqui a Critica de Pato em que consiste, hum insulsissimo dixote = *parecem Serafins de Escultura.* = Isto he ignorancia, he atrevimento, he querer que o polverizem, e que o exponhão nú, e crú, e depennado, á irrisão de todos os seculos. Em se tratando de imagem tirada da Biblia, temos a embirração certa do homem; e o seu amigo, o *Portuguez* de Londres, acertou-lhe na sua correspondencia com o nome, pois lhe chama *Orestes*: *Et Furiis agitatus Orestes.* Está furioso em vendo imagens da Escritura; contra ellas assesta mais altas baterias das inepcias que temos visto com o *Ego sum qui sum*: *Vocem tubæ*, *&c.* Se este homem, o Pato, lesse huma vez a Biblia, se visse a descripção do carro enigmatico, e symbolico de Ezequiel, veria Serafins com azas *in similitudinem æris candensis*, como cobre em braza; alli viria os corpos — *Species electri*, com a semelhança de alambre. Se abrisse o Cantico dos Canticos veria chamar a cabeça da Esposa mystica — *Caput aureum*, cabeça de ouro, e designar os outros membros do corpo por objectos preciosos. E então serão Serafins de Tribuna, ou de Escultura? Assim se mostra no Parallelo dos insultos, a superioridade *manifesta* das Lusiadas sobre o Oriente? Assim se vinga Camões, atacando as imagens da Biblia com dixotes de hum tom lúgubre, sepulcral, e moribundo, taes que elles, e a graça são antipaticos tão miseraveis, que nem o tom da descompostura sustentão por hum instante com graça.

Nula in tam magno est corpore mica salis.

Não ha migalha de graça em corpo tão grande, e tão assalvajado! Mas pois se ostenta com tanta grasnadura a soberba Poetica que acha que notar em azas orladas de ouro, creio que não negará o talento Poetico, o juizo, a elevação, o enthusiasmo, a invenção, e sobre tudo a Poezia Icastica, ou representativa ao grande Tasso; he verdade que não fez quarenta Elogios de Theatro, patrimonio dos Mechas; mas he o grande Tasso: ora vejamos se este eximio Poeta sabe descrever hum Anjo, que não pareça de escultura ao critico Pato rufião de Camões. Veja se alguem lhe empresta por hum instante a Jerusalem libertada, achará

a descripção de hum Anjo, e he S. Gabriel, não na Oit. 16, mas na Oit. 14 do Canto 1.º:

„ Ali bianche vesti ch'an *d'or le cime*;

agora veja o primeiro verso da Oit. 16 do 1.º Canto do Oriente:

„ Os Serafins ao longe *as d'ouro orladas.* „

Não he isto o *ch'an d'or le cime*? O cimo das azas de ouro, ou douradas? Que diz a isto? Que ha de dizer? Dirá que ao menos fez crer que criticava em quanto o não depennavão; mas devia guardar a critica para depois da minha morte; porque estando vivo, estivesse certo que lhe havia de responder a ponto de lhe fazer calar o bico sem réplica, como fiz já nos impressos — *Inventario de Sandices*, e *Exame examinado*; e então não era V. m. só, era tambem o seu companheiro, socio, e correspondente o *Portuguez* de Londres, joia de litteratura, e probidade, que nos deixou, e nós perdemos; porém falla o amor da Patria, e de quem a governa, que he preciso desaffrontar. Tornemos ao Tasso a quem V. m. ao menos admittirá por hum discipulo do *Divino* Camões, que faz destes versos:

Sahe da larga terra huma longa ponta.

Descreve o grande Tasso no Canto 9.º Oit. 60 o Arcanjo S. Miguel, e diz:

Indi spiega al gran volo i *vanni aurati.*

São azas de ouro, ou são Serafins de escultura? Ainda aqui não fica, como hoje dâmos Pato com ervilhas, temos mais onde atolar o dente, ou tirar o ventre de miserias: — Ouçamos o Pato; ei-lo ahi vai para as ervilhas; como chia o refogado! — "Demais os adverbios *longe* no primeiro „ verso, e de mui *longe* no sexto verso indicão que os Se- „ rafins estão em grande distancia do Eterno, quando aliàs „ são elles os primeiros d'entre os Espiritos puros que com- „ põem a sua Celeste Corte. „ —

Aqui chega a ignorancia a fazer de si mesma, refinando-se, huma sublime, e apuradissima geléa!!! Vem cá, homem, vem cá! Pois segue-se que, por serem os Serafins os primeiros entre os Coros Angelicos, estejão proximos immediatamente ao Eterno! Pois quer contiguidade entre Deos, e as creaturas, ainda que Angelicas? São grandes os Serafins; e por isto não podem estar longe de Deos? Excedem os outros em jerarquia; porém como creaturas que são, estão na mesma classe de creaturas, e na mesma dis-

tancia que os outros, sem contiguidade com a Divina Essencia, junto á qual tanto he grande hum Cherubim como huma formiga, pois não ha comparação entre o Infinito, e o Creado. O adverbio *longe*, como V. m. lhe chama, designa aqui o respeito, o acatamento, a humildade, não quer dizer distancia de espaço, e V. m. tem huma tal Logica não vista desde Aristoteles até Condillac, que conclue que porque hum Serafim he da primeira Jerarquia Celeste não póde estar longe do Throno da Divina Essencia increada! Mette-se a enumerar os Choros dos Anjos, e mostra que não sabe a Cartilha, porque erra na segunda Ordem, e na terceira fazendo huma confusão que nem hum rapaz atarantado na escola ao sabbado com a Doutrina! Ainda continúa amontoando-as de todo o calibre, quando diz:

„ Deixemos a imperfeição da frase no verso
„ Mais leves que os relampagos revoão
„ Os relampagos são *ligeiros*, não são *leves*. —

Ora agora leve por fim, e leve com o seu *Divino*, e *impeccavel* Camões pelas boxexas: — Qual he a significação do adjectivo *leve* em Camões na Oit. 90. do Canto 10, quando diz, fallando do *curso*, ou carreira dos Astros, — " N'huns grave, e n'outros *leve*? „ O curso *leve* não he o mesmo que o curso ligeiro? De hum homem que corre muito não se diz que he muito leve! Muita leveza de cabeça ha nos Criticos mordidos da inveja! E bem se vê que

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Fim do decimo terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 14.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

(N. B. *Encontrando entre muitos manuscritos meus hum longo discurso com o titulo de — Quadro do Seculo 18.° —, vi que a parte letteraria, que forma a maior porção do discurso, era mui propria do presente Jornal, porque merecia a publicação, e por isto o hirei dando em cada hum dos seus artigos até se completar.*)

Descobrimentos, e viagens feitos no Seculo 18.°

ESte he o objecto em que singularmente triunfa o Seculo 18.°, e he devedor de sua gloria aos generosos cuidados do immortal Jorge III. de Inglaterra, pois com seus auspicios correo por mares ignotos o novo Magalhães do seculo, o portentoso Jaques Cook. O ardor dos descobrimentos que os Europeos tiverão nos dois precedentes seculos, tepido, ou quasi extincto até á metade do 18.°, se avivou, e accendeo principalmente em Inglaterra com as viagens de Middleton, de Smith, e Moore, os quaes desde o anno de 1741 até o de 1747 tentárão descobrir huma passagem pela bahia de Hudson ao Nordeste do Mar do Sul; mas foi Jorge III. quem com hum fim nobre, e livre de baixo interesse, por meio de despezas, e immensos perigos de seus vassallos promoveo tantas, e tão longas via-

gens maritimas com o unico presupposto de illustrar a Geografia. Pôz em acção os raros talentos, e a coragem impavida de Biron, Mackbridge, Wallis, Carteret, Philipps, e Cook; os quaes desde o anno de 1764 até ao de 1779 emprehendêrão com successos varios as mais ousadas, e arriscadas navegações, e o gyro do mundo por nunca tentadas varedas, e a despeito do timido ciume de outras Potencias maritimas communicou com magnanima franqueza o resultado de seus heroicos feitos a todos os povos que se dão á navegação, e ao commercio. Esta gloria de descobrir para vantagem da Geografia, e de publicar os descobrimentos até para instrucção dos inimigos, pertence ao Seculo 18.º, e á Inglaterra. O trafico particular de Acapulco para Manilhas obrigava os Hespanhoes estabelecidos ao longo das costas do Oceano pacifico a atravessar o immenso golfo que separa a Asia daquella parte da America, sem se desviarem do usado caminho, e sem a investigação do que lhes podião apresentar aquelles mares desconhecidos. O mesmo Lord Anson, que correndo aquelles mares não teve outro objecto mais que fazer guerra a Hespanha, e aprezar seus baixeis, não pode tirar do seu gyro do mundo outra cousa mais que immensos thesouros. O Hollandez Roggewein fez em 1722 algum descobrimento util á navegação depois das tentativas de seus compatriotas no precedente Seculo, que descobrirão as partes septentrionaes, e occidentaes da grande terra a quem chamárão a Nova Hollanda. Além do Francez Bouret que navegou ao Sul do Oceano Indico em 1738, o célebre navegador, e guerreiro seu compatriota Bougainville vio, e tocou a terra do Espirito Santo, vista mais de hum seculo antes pelo Portuguez natural de Evora Pedro Fernandes de Queirós, conheceo que era composta de muitas Ilhas, destruindo a falsa crença de que era huma porção do continente austral. O Dinamarquez Behring ao serviço de Pedro Grande, e em 1741 ao serviço da Imperátriz Anna, morreo em huma Ilha deserta pouco distante do porto de Avatchá, ou de S. Pedro, e S. Paulo. O Alemão Spamberg, tambem ao serviço da Russia em 1739 chegou á costa septentrional do Japão, e ás paragens meredionaes da terra Yessó. O Moscovita Tchirikow chegou no anno de 1741 a 14 gráos a Oeste da California, e a 12 e meio ao Norte. Todos estes navegadores fizerão descobrimentos uteis no vasto Oceano entre a Asia, e a America, que de-

pois recebêrão dos Inglezes não só a ratificação, porém hum maravilhoso augmento. Byron, e Macbride derão huma completa idéa do Oceano Atlantico do Sul, e mostrárão que a Ilha Pepis, e Falkland são a mesma cousa, tendo dito Lord Anson, que erão distinctas. Carteret, e Wallis contribuírão com muitas observações, e descobrimentos para a exacta perfeição da Carta que se fez do estreito do assombroso Magalhães. Mas tudo isto não he mais que hum debil preludio dos grandes, e vastos descobrimentos que em suas tres viagens fez depois o circumnavegador Cook. Sahio a primeira vez de Inglaterra em Abril do anno de 1768, e tornou a Inglaterra em Julho de 1771. Nesta primeira viagem ao Mar do Sul descobrio as Ilhas chamadas da Sociedade: mostrou que a nova Zelanda, vista pelo Hollandez Abel Tasman, se dividia em duas Ilhas, reconhecendo as costas, e o estreito que as separa, fazendo ver que não era huma parte do sonhado continente austral. Correo a costa oriental da nova Hollanda, até alli desconhecida, e atravessando o estreito a que chamou o *Endeavour* desfez as dúvidas que ainda havia sobre a união desta grande Ilha com a nova Guiné, ajuntando com isto áquella parte do globo huma extensão de terreno de 27 gráos de latitude. Em Julho de 1772 emprehendeo segunda viagem, que terminou em 1775 no mesmo mez; atravessou o hemisferio Sul entre os parallelos 47, e 77, destruio para sempre o imaginado continente austral, quando não esteja situado, como elle mesmo diz, visinho ao polo, e fóra do alcance de toda, e qualquer navegação. Este era o objecto dos cuidados de muitas Potencias em dois contínuos seculos, e das especulações de todos os Geografos. Descobrio a nova Calidonia, a maior Ilha do Oceano pacifico, depois da nova Zelanda, e a Ilha de Jorge vista só por Gniot em 1756, e reconhecida cabalmente por Cook em 1775 determinando-lhe a posição, e a extensão; e finalmente a nova costa da terra de Sandwich, ou a Thule do Hemisferio austral, até alli desconhecida, e visitando duas vezes os Mares do Tropico, determinou a posição das terras que outros Navegadores já tinhão visto; reconheceo a terra de Vandiemen desde a sua ponta Oriental ao longo da costa de Levante até 38 gráos de Latitude, vendo-se assim toda a circumferencia da nova Hollanda, que se póde considerar como huma quinta parte do globo; e nós podemos

dizer com Cook que he a mais extensa parte do Mundo que não tem o nome de continente. Com os navios — *A Resolução*, e *a Descoberta*, sahio o mesmo Cook do canal de Plimouth a 12 de Julho de 1776 para terceira viagem, notavel na verdade pela extensão, e importancia dos descobrimentos. Hia encarregado, segundo as instrucções do Almirantado, de tornar á Europa não pelo Cabo da Boa Esperança, mas pelas altas Latitudes Septentrionaes entre a Asia, e a America. Para isto em vez de entrar no Mar do Sul pelo Oceano Atlantico, tentou penetrar no Atlantico pelo Mar Pacifico. Com esta terceira viagem mostrou este Britanico Magalhães, que reconhecêra todos os lugares onde se esperava achar hum novo continente, o qual com effeito desappareceo á indagação de seus navios. Nada ha mais assombroso em os annaes da Navegação desde Magalhães até hoje, que esta terceira viagem de Cook. Sendo o seu mais util resultado determinar a proximidade do continente da Asia ao da America atravessando o estreito que as divide, e marcando as terras de huma, e de outra costa até a huma altura sufficiente para mostrar a impossibilidade de passar do Atlantico ao Oceano pacifico nem pelo Levante, nem pelo Poente. Finalmente, nesta ultima viagem, á excepção do Mar de Amur, e do Archipelago do Japão, de que descubro huns vestigios imperfeitos em Fernão Mendes Pinto, completou a Hidrografia da parte habitavel do globo. Huma grande planicie de gelo o suspendeo a 70 gráos e 33 m. de Latitude, e a 197, e 41 m. de Longitude, e virou de bordo quasi tocando a orla do mesmo gelo. Foi finalmente este grande homem, com a sorte de outro maior (Fernando de Magalhães, que sem levar Filosofos, e Astronomos, mas dois Aréos como André de S. Martinho, e Francisco Faleiro, fez o mesmo, e o fez primeiro) assassinado em Owhyhee a 14 de Fevereiro de 1779 victima, como Plinio em o Vesuvio, do amor, (e quão inutil!) da Filosofia. As relações da viagem de La Peyrouse são muito incertas, esperaremos agora as do filho do Jornalista Kotzebue, e serão mais hum timbre para a gloriosa Coroa do Salvador da Europa o Grande Alexandre.

(*Continuar-se-ha no proximo N.º esta importante materia.*)

ANECDOTAS.

Anecdota de que fui testemunha.

Na minha primeira idade, tempo do Theatro do Bairro Alto, assisti á representação da unica das cem Tragedias do Poeta Magrisso. —

" Que fez Tragedias cem, Comedias cento ",

que foi á Scena; acabava com a morte de hum Rei chamado Tancrêo de Liguria; ora este Rei era representado por hum Comico que era Capateiro de Officio, (porque parece fado, que este Officio dê sempre insignes Varões, e Donas ao Theatro Portuguez!) O maquinista ordenador do Theatro era inimigo do tal Comico, que era Capateiro, e como quer que dissesse huma nota scenaria em o fim do 5.° Acto: — " Aqui neste passo irá o Rei buscar hum punhal, que estará sobre o Altar, virá ao fim do palco, e se matará, que fique bem morto. ,, — O maquinista inimigo do Comico, em lugar do punhal poz sobre o Altar hum grande sovelão de cozer tacões. O Rei no fogo da declamação da ultima Scena, bracejando muito, foi-se ao Altar, traz o que lá estava sem ver o que era, vem furioso ao fim do palco para se matar mesmo em cima dos Musicos; levanta os braços; e assim que eu, e o povo vimos o sovelão, foi tamanha a risada, tamanho o assobio, que nunca em peça séria do mesmo Author se rio tanto; nem o Rei se matou, nem a Tragedia se acabou; e assim foi bom, porque era casado com huma mulher que tinha filhos, e viveo depois muitos annos na sua loja com credito, e freguezes.

Hum Poeta Francez compôz huma Tragedia, porque era Poeta de Theatro, tinha feito quarenta e hum Elogios a quartinho cada hum, e a foi lêr mui ancho ao célebre, e judicioso Piron; este Piron quando hia ouvindo versos furtados deste, e daquelle Tragico impresso, e conhecido, levantava-se da cadeira, tirava o barrete, e fazia huma profunda cortezia. O homem da Tragedia, e dos Elogios, zangado já de tanta venia, lhe perguntou porque fazia aquillo? O Piron lhe respondeo: — "He porque eu tenho costume de cortejar todas as pessoas minhas conhecidas quando as encontro." O mesmo fiz eu ao Poeta F. Magro, quando das suas cem Tragedias me lêo o seu Fernando Cortez, e huma arenga mui triste, e mui comprida chamada o *Passeio*. O Piron he Author da *Metro-mania*.

Hum Clerigo de Aldeia, como elles costumão andar, e apparecer com aquellas sotanas, ou casacas abatinadas, que nada inculcão, veio á Corte, e foi ao Theatro, só para depois contar o que vio; alugou hum Camarote de primeira ordem, (ordem dita nobre) apresentou-se só no Camarote, e bem no meio, muito chegado á frente, deitando huma enorme pansa fóra do mesmo Camarote, repetia-se o Elogio — *O Mez das Flores*, que a Platéa não podia aturar, e em quanto o Fado se mettia na Gruta, levantárão-se todos a conversar; e vendo o Clerigo (*in minoribus*) começárão a gritar: "Sr. Abbade venha cá para a Platéa, fóra do Camarote... Sem se perturbar, o que parecia hum Tumbão, ergue-se, e diz em alto, e bom som: "Senhores, ainda que me custe mais a chave do Camarote, que o bilhete da Platéa, eu não quero lá estar, porque lá me furtárão outro dia o meu relojo de ouro, e não que-

ro que me fação a mesma graça á minha caixa. " Tudo calou o bico, e o mesmo Meritissimo Inspector approvou o eloquente sermão, e eu fico que os Senhores de Theatro não se mettão mais com Clerigos, ainda que a casaca preta lhes chegue aos calcanhares, e o bico do chapéo seja mais comprido que o Isthmo de Suez, ou hum dia de Limoeiro.

Hum homem que se aproveitou das desgraças da invasão, comprou quintas, mandou levantar Palacios de capricho, e de nova Architectura; e mostrando a hum seu conhecido hum destes Palacios, lhe disse: — Isto agora aqui he huma escada, e huma *porta furtada*. — *Todas as mais tambem o são*, lhe respondeo o conhecido, que nós todos conhecemos.

Hum Medico (sempre Arabios, e agora Gregos) chamado para huma doente de Sezões tomando-lhe o pulso disse que a achava — *Apyretica* — Cahe a mulher redondamente no chão, e a ultima palavra que se lhe ouvio foi — *Apopletica*? ? ? Expirou de susto. Matar com huma faca, pistolla, cajado, póde ser; porém com huma palavra, só na faculdade! Poupava-se hum assassinio, se falasse Portuguez: — Está livre de febre. Chamem-no lá, e paguem-lhe.

Hum pobre homem de Moura meu conhecido veio aqui a Lisboa, e tendo a barba crescida, e algibeira mingoada, pedio a hum Barbeiro que lhe fizesse a barba pelo amor

de Deos; o Barbeiro com a agua fria, e sem sabão começou com huma foice a chacinar; o homem impava de dores. Neste tempo a mulher do Barbeiro estava lá dentro machucando o focinho a hum gato que bufava, e miava furiosamente, e diz o Barbeiro para o homem: — " Ora que estaráõ aquelles diabos fazendo áquelle gato? " " A barba pelo amor de Deos, " lhe respondeo o homem padecente.

ARTIGO II.

CRITICA.

ATé a mim me faz rir, e creio que fará o mesmo aos pios Leitores, vêr hum homem como eu, depois de andar correndo séca, e méca, por ares, e ventos, e mares atraz dos lenhos atrevidos devassadores das terras, e das vidas alheias ora no hemisferio norte, ora no hemisferio sul, sem encontrarem mais do que alarves pelas Ilhas do Oceano pacifico, havendo tantos cá na Europa; metter-se repentinamente em huma capoeira, apanhar hum Pato, e ir-se a elle depennando, depennando, depennando; isto sempre he mais seguro do que andar feito Fernão Mendes. Mas dirá o público (e a fallarmos a verdade, o público sempre lê primeiro o segundo artigo) que sempre pato, sempre pato! Ora digão-me, não se come de tantos modos bacalháo, e mais he bacalháo, verdadeira peste que se mette nas tripas, depois que os especuladores d'além mar o derão em salgar com salitre? Vidè Arte de Cozinha, Cozinheiro Moderno, e o artigo da Encyclopedia grande — Bacalháo albardado.) Pois hum pato sempre he melhor que hum bacalháo, vá hoje pato albardado! — O exordio he risonho, mas o discurso he sério. O homem que assigna — Pato — em seu Parallelo não feito, ataca com excessiva injustiça, e descoberta malicia o Poema Oriente, colhendo aqui huma palavra, além outra, destacando-a, desligando-a das outras para não fazer sentido, senão aquelle sobre o qual pertende fazer recahir a sua critica, que toda se encaminha a descompôr o Author, e não melhorar a obra. Hoje apparecerá isto em toda a evidencia. Nenhum homem foi mais capaz do que elle de ligar estas duas cousas, malevolencia, e ignorancia, e eu tenho assentado não me defender a mim, mas defender a Santa Escritura que elle ataca, e insulta com huma material impiedade, e já o público vio por alguns dos precedentes números que elle insiste teimosamente nos insultos, quando se lhe offerece imagem, ou expressão que se haja extrahido da Escritura. Ora he verdade, que aos *irmãos*, aos *irmãos*, aos *irmãos*, que lerem, não se lhes ha de dar de verem enxovalhar a Biblia, pois gostão tanto della, commentada pe-

los Capelães do Rei da Prussia; mas estes mesmos *irmãos* não deixão em seus escritos de confessar que ha em alguns lugares da mesma Biblia, especialmente nos Profetas, e nos Psalmos sobre tudo; expressões da mais alta Poezia. O nosso Pato até isto mesmo reprova para vingar, (*como lhe mandou a Patria!*) a injúria feita a Camões. Ora ouçamos o nosso Pato, que elle hoje está divertido. Anda cá Parallelo, que dizes tu a pag. 125? Eu, Senhor depennador, digo isto:

„ Pag. 125 — A Oit. 14 do 1.º Canto, he outra em-
„ brulhada de luz, e sombra em que diz que Deos he
„ — *Impenetravel sombra, e luz sentida.* — Que Deos
„ he todo luz, todos nós cremos, porém que Deos
„ seja sombra, só o Reverendo Epico o diz, e estou
„ em que o não crê; faltou-lhe o saber expressar-se,
„ de maneira que fizesse sentir que a sombra provém
„ do nosso humano entendimento. „ — Até aqui Pa-
„ to!

Ora na verdade, ou he preciso renunciar todo o pejo, ou assentar Pato que só escrevia em cima da meza do Botequim, para estupidos do Botequim. He summa malicia arrancar hum verso de huma Oitava que tem ligação com todos os outros sete da mesma Oitava, e atacar como ataca a imagem do mesmo Deos, expressa nas Santas Escrituras: para se conhecer o espirito da malevolencia que anima este homem dito Pato, basta lêr a Oitava toda como está no Poema; he assim: Oriente Cant. 1.º Oit. 14

Impenetravel sombra, e luz sentida
Do Mundo no espectaculo pasmoso,
Brilhante luz nos seres espargida,
Que a terra, e o Ceo contém, e o mar undoso:
Mas sombra augusta, sombra não rompida,
E á mente humana véo caliginoso;
Sabe, e sente o mortal que hum Deos existe,
E encontra abysmos s'em sondallo insiste.

Vem cá homem, vem cá Pato, tu me dizes que eu me devia expressar de maneira *que fizesse sentir que a sombra provém do nosso humano entendimento.* Lê agora o verso 6.º da Oitava:

E á mente humana véo caliginoso.

Então homem .... de juizo .... Então não se diz expressamente que a Divina Essencia he huma sombra relativamente á humana intelligencia ? Não digo eu o mesmo que tu dizes, que querias que eu dissesse? Pois se eu digo o que tu queres que eu diga, para que me argúes de o não dizer ? Em fim o Mundo bem sabe que Criticas de Botequim, são Criticas de ponche, e daquelle almo que leva Raque. Tinha eu dito na Citava precedente (Oit. 13)

O Sólio eterno da Divina Essencia
Sentida, e ignota á humana intelligencia.

Digo logo na Oit. 14 onde esta Divina Essencia como luz he sentida, e vista dos homens, que vem a ser

Do Mundo no espectaculo pasmoso
Brilhante luz nos seres espargida,
Que a terra, o Céo contém, e o mar undoso.

Digo eu logo onde, e para quem esta mesma Divina Essencia, que como luz he sentida, seja sombra impenetravel, que he para o entendimento humano,

E á mente humana véo caliginoso.

E diz o mundo, como me tem dito — Ora, Senhor, isso he depennar de mais, isso he levar pennas, canos, penugem, couro, e cabello!!! Eu não sou, elle he que se depenna, porque quem escreve, e critica deste modo quer, he sua vontade depennar-se tanto que lhe appareção os miolos. Agora vamos a mais. Até aqui se poderia dizer que ainda que eu *apanhe o homem, e o colha ás mãos*, esmagando-o com aquillo mesmo que elle diz, que as minhas expressões não são exactas, porque dizer que o Senhor Deos, e Creador supremo, he na sua Divina Essencia huma sombra impenetravel ao entendimento creado, he huma hyperbole, exageração, encarecimento, ou impropriedade, tanto como dizer se do Condestavel em o Elogio de Pato impresso, fallando-se da tomada de huma pequena praça,

Ah! tanto não fiz eu!!

Tenha mão, eu estou desforrado mostrando o aleive que me levanta o Senhor Pato, agora veja-se se a imagem de sombra he tirada do meu entendimento, ou das terminantes expressões da Sagrada Biblia. Hum dos Livros canonicos que a compoem, he o Livro dos Psalmos: póde ver-se no Psalmo 17 ℣. 12 esta imagem admiravel: —

> Et posuit *tenebras* latibulum suum, *in circuitu* ejus tabernaculum ejus. —

Eis-aqui o que o triste Author do Poema Oriente trasladou (porque esta fonte não he dos homens, he de Deos) o verso

„ *Impenetravel sombra.*—

Não a póde romper o entendimento humano. Deos não he sombra para si, he sombra para nós. — Veja agora o mundo, isto mesmo com maior força (quando cito Latim, já se sabe que he para o mundo, porque o Senhor Pato não o entende, mas isso não he culpa, só lhe deve servir de advertencia para não criticar o que não entende) —

Nubes, et Caligo in circuitu ejus.

Isto, Senhor Pato, constroe-se na escola assim, tome sentido: — *Nubes* huma nuvem, ou nuvens, *et Caligo*, e huma sombra, ou huma escuridão, *scilicet est*, está *in circuitu* á roda, *ejus* delle. Ora pois vai com sua lição passada, e veja como apparece cá Sabbado que vem, e lembre-se que

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Fim do decimo quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 15.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Mathematica, Filosofia, Astronomia do Seculo 18.°

EM quanto em Inglaterra Bacon de Verulamio procurava, sem effeito, despertar uteis faiscas para o augmento das humanas sciencias, plantando, a seu modo, arvores genealogicas dos conhecimentos scientificos; e em quanto em França Des-Cartes, em lugar de observar, imaginava hum systema, aliàs muito engenhoso; o immortal Galilêo na Italia, homem summo, e incançavel em experiencias, com o fiel soccorro da Mathematica, e das observações, manifestava aos olhos dos homens os reconditos arcanos do Ceo, e da Terra. A Statica, a Hydrostatica, a Hydraulica, a Mecanica, a Aerometrica, a Fysica, a Geometria, a Astronomia reconhecem que os seus admiraveis progressos são consequencias das fadigas litterarias dos discipulos do mesmo Galilêo, Torricelli, Viviani, Castelli, e Borelli. Neste mesmo tempo o Milanez Boaventura Cavalieri com a Geometria dos indivisiveis lançou os fundamentos daquella linguagem com que se devião explicar no futuro os mysterios do immenso Livro do Universo, isto he, da linguagem do calculo differencial, ou das fluxões; este Boaventura he hum homem que nos faz suspeitar plagiatos em Newton, e em Leibnitz; porque tambem

Newton, e Leibnitz em achando cousa que lhe faça conta, chamão-lhe sua. Tantas, e tão felizes indagações assegurárão ao Seculo 17.° a gloria de ser chamado o Seculo das *Sciencias*, assim como o 18.° será chamado o Seculo das *Luzes*. Com effeito o Seculo 18.° tem a gloria de contar entre os homens que o illustrárão a Isaac Newton, e a Leibnitz, pois neste Seculo se foi a mais bella porção da sua vida. Com suas luzes enchêrão não só a Real Sociedade das Sciencias de Londres, e a Academia de Berlim como seus Presidentes, mas todas as Universidades, e Academias da moderna Europa. O Marquez de l'Hospital em França, e Bernoulli entre os Suissos, e outros, lerão logo em o Universo com o calculo infinitessimal todos os segredos que até alli tinhão sido desconhecidos aos Filosofos que os precedêrão. A Optica ainda que devedora de seus progressos aos immortaes cuidados de Sarpi, e de Kepler, reconheceo com o prisma, e com os calculos de Newton a verdadeira analyse das côres, que mais e mais triunfou com as opposições de Pizzeti, e de Marioti. Ainda que o douto Volume da Optica de Newton foi composto no Seculo precedente, sahio á luz no anno de 1704. A Sociedade Real, para tirar aos inimigos do grande Filosofo todo o motivo de reclamações, fez repetir por Desaguliers em sua presença todas as experiencias que felizmente corresponderão á theoria da luz desenvolvida nos principios do seu Presidente.

Ainda que o Seculo 17.° se preze, e ufane dos trabalhos immortaes de Cassini, Borelli, Kepler, e Newton, todo o esquadrão de Fysicos que nelle florecêrão se dividio em innumeraveis partidos: Gasendistas, Cartesianos, Leibnitzianos, todos pelejárão, e se combatêrão; dissolvêrão os antigos laços para fabricarem outros, ou novos, ou renovados, querendo cada hum delles pôr no throno o proprio systema, se chegasse a destruir todos os outros. O Seculo 18.° tem a honra sublime de não reconhecer nas Sciencias mais que Galilèo, e Newton, e huma Filosofia Eclectica, que caminhando livremente pelas varedas da analyse, e das experiencias emendou nas theorias destes dois raros, e grandes homens o que unicamente se oppunha, e contradizia as novas observações. O grande Euler, Clairaut, e d'Alembert (não abraçando o exemplo do famoso João Bernoulli, que igual a Newton em Mathematica, quiz combater a sua Filosofia, e todas as suas theorias de gravitação

com grande deslustre da sua gloria, e prejuizo das Sciencias) em 1747 com suas soluções analyticas contribuirão para os grandes progressos do conhecimento do Systema do mundo. Forão então consequencias gloriosas, e corollarios bem deduzidos dos principios de Newton a precisão dos equinoxios, a nutação do eixo da terra, o fluxo, e o reduxo do mar, o movimento dos Planetas primarios, e de seus satelites, que gravitão para seu centro, a marcha dos Cometas, a causa dos ventos, as oscilações do ar sonoro, as vibrações das cordas, e tudo isto se aperfeiçoou ainda mais pelos trabalhos dos subsequentes Sábios, que participárão, e ainda participão da gloria do grande Newton. Fontenelle foi o unico Cartesiano deste Seculo, talvez que por ter vivido hum seculo inteiro, conservando neste o que tinha trazido do passado; assim mesmo cultivou a Fysica, e Geometria assombrosamente, desterrando com graça, e com elegancia a aspereza inherente ás Sciencias exactas. Wolfio incançavel, e profundo Filosofo tratou em hum grande número de Volumes toda a Filosofia com o methodo Mathematico, chegando a ser admirado pelo mesmo Leibnitz, por cujos vestigios entrou no santuario das Sciencias exactas, e da Mathematica. Deo ao mundo o espectaculo digno do Sabio, augmentando a gloria do Seculo com a tranquilidade Filosofica com que compoz em Marburg tantos Volumes, fechando os ouvidos aos estrepitosos clamores de seus inimigos, que desterrando-o de Berlim o accusavão incessantemente de Espinozismo, e de Atheismo por todas as Universidades, e Academias de Alemanha.

Entre os insignes Fysicos, e Mathematicos que illustrárão o Seculo 18.º nós podemos contar S'Gravesand, Keil, Maschembroek, Condamine, Jaquier, e o insigne Boscowich. A familia dos Bernoullis em Baziléa augmentou o Catalogo dos maiores Filosofos destes ultimos tempos. Daniel Bernoulli, filho, e discipulo de João Bernoulli, summo Geometra, e Academico de Petersburgo, e de Paris mereceo os applausos, e a estima de todas as Academias levando, ou alcançando déz premios consecutivos pela solução dos mais difficeis problemas, morreo em 1782 com detrimento das Sciencias; seu irmão João Bernoulli lhe succedeo na gloria, e na dignidade de hum dos oito Academicos estrangeiros de Paris.

A Italia sempre grande no Imperio das Sciencias con-

tribuio igualmente para a gloria, e esplendor do Seculo 18. o sempre serão illustres, e respeitaveis os nomes de Marsili, Manfredi, Zanoti, Cartezani, Ricati, Saladini, Frisi, Fontana, e Grandi, e outros muitos que por brevidade omitto, todos assombrárão o mundo, honrárão as Academias a que pertencêrão, e a terra que lhes deo o berço. Entre os mais dignos ornamentos do seculo se deve colocar sem dúvida alguma Mr. de la Grange, talvez que o maior analytico que haja existido entre os viventes. A sua excellente Mecanica analytica publicada em París ha muito poucos annos, obra verdadeiramente magistral, e acolhida com universal applauso dos Sábios, elevou esta sciencia talvez ao ultimo fastigio de perfeição, de que são capazes as forças humanas. A Astronomia augmentou a gloria do mesmo seculo. O célebre João Domingos Cassini, que nasceo no anno de 1625 no Castello de Perinaldo, no Condado de Niza, que excedia os observadores do Ceo que o precedêrão, foi chamado a França no anno de 1646, e alli foi o Pai, e o Fundador da Sciencia dos Astros. Servio-se dos Telescopios de dois célebres Italianos, e descobrio quatro dos cinco satelites de Saturno, e com mais prespicacia que os Astronomos que o precedêrão, observou as Estrellas de Galilêo chamadas *Medicéas*, ou Luas de Jove, e formou as taboas que de tanto tem servido á Geografia, e á Nautica.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

CRITICA.

CONheço que he muito Pato de mais, e que o público se enfadará com tanto Pato, ou patada. Sei que algumas pessoas cordatas tem dito, que não merecia resposta huma enfiada de reparos puerís, feitos sem juizo, e sem graça; que bastava já a tunda, ou surra dada, apanhando-se o homem, ou colhendo-se ás mãos sem poder piar, nem retorquir, nem replicar: assim he tudo isto, mas ha motivos mais fortes que tudo isto para eu não poder, nem dever desistir. Sou calumniado, insultado, e offendido, sem motivo algum, por hum homem que não possue a menor tintura de Letras, que não fórma huma critica que não seja torcer huma corda para se enforcar, que faz em quanto escreve, ou escrevêrão em seu nome, transluzir a melevolencia, a inveja, o odio, assentando que huma palavra tirada daqui, e dalli em hum longo Poema basta para arruinar todo o edificio, por hum homem de má fé em suas mesmas criticas, como logo veremos em toda a luz da evidencia, por hum homem que tem absoluta negação para fazer versos, e critica versos; e começando por elle antes que mostre o que diz de mim, para excitar a indignação pública contra a sua canina malevolencia; eis-aqui quem censura Poemas Epicos. As obras deste homem são elogios de Theatro, porque elle mesmo diz que disso vive Ora em hum Elogio de Theatro assignado — Pato —, e que tem o mais estouvado titulo do mundo, que he este

— Dos triunfos Bretões se apraz Diana. —

Ha neste gostinho de Diana, com os dois substantivos triunfos, e Bretões, destes versinhos pag. 7.

„ Nutrir a liberdade, a Sciencia, e as Artes,
„ E de troféos o Tamiza pejado,
„ E que a minha *festivosa* comitiva
„ Em face tua lhe *jubile* os louros,
„ E no Pezo da Regoa, e na Roliça
„ O Delaborde, e o Loison trepidão, fogem
„ O Spencer, o Hill, Beresfor, e o Trant, e o Coton
„ Duckovorth, e Smith, e Barklei que sublime
„ *Barlaventeando a rapida Almiranta*,
„ Ei-lo a *catrupear* do Côa ás margens — pag. 12.

Ora isto por si mesmo se explica, e não necessita commentario, porque claramente dizem — Nós todos somos versos de Pato. — Se elle me disser que queira dizer esta palavra *Catrupear*, e em que Diccionario da Lingua Portugueza se encontre, eu desisto já da começada tunda ao Parallelo analytico do Poema Oriente com as Lusiadas. Nisto se conhece o entendimento do homem que se assigna — Pato; — porém eu hoje pelo que elle faz, o quero fazer conhecer pelo coração, para que o mundo conheça o justificadissimo motivo da minha desforra. No mesmo Botequim em que se fez o Parallelo, e em que se faz direita justiça aos cópos, alimpando-os huns depois dos outros de quaesquer fezes, ou sedimentos que lhes deixe o ponche, se dirá: — Isto he de mais, he patifaria, o homem deve despicar-se, e tem desculpa a sua acrimonia; truncar huma passagem ácinte para descompor he da parte de quem o faz sobeja perversidade; e da parte daquelle a quem se faz sobejo motivo de responder com penna de marmeleiro, zambujeiro, carrasqueiro, e de tudo aquillo onde mais inflexiveis, e seguras se acharem as taes pennas. Tem sido grande o preambulo, mas a Obra ainda he maior. Ouça o mundo —

= Parallelo Analytico pag. 1.

„ Algumas reflexões sobre a Dedicatoria do Reverendo Fpi-
„ co — Sem fallar do seu estillo, que em vez de magestoso,
„ e nobre, he empolado, e vaidoso, semeado de muitas
„ incorrecções de frase, dissonancias, e até perfeitas ca-
„ cofonias. —

He certo que o mundo conhece o Senhor Pato por muito verdadeiro, muito douto, e muito justo, basta ser o unico homem comissionado pela Patria para a vingar da injúria feita a Camões, como diz o Senhor Pato; mas, como o mesmo mundo sahio já do berço, e he hum pouco velhaquete, não acreditando sempre o que se lhe diz, e que ainda que coma muita cousa, não quer comer Araras, devia o Senhor Pato, se não queria ser depennado, e derrabado, provar com alguma cousa que fizesse fé as suas livres asserções, provando que o estillo he *empolado*, e *vaidoso*, cheio de *incorrecções*, *dissonancias*, *&c.* venha hum exemplo, Senhor Pato, não queira que o acreditemos sobre a sua palavra honrada, não basta dizer que a cousa não presta, he preciso provar quando se escreve, que a cou-

sa não presta, e prova-se com hum exemplo. Ora teme V. m. sentido como amigo. Eu digo que V. m. não soube, não sabe, nem saberá fazer versos; — esta he a minha proposição; e a prova de V. m. não ter idéa de versos, nem ouvido, ou orelhas de harmonia, he esta — Abra V. m. o seu Elogio da Diana que se apraz dos triunfos Bretões a pag. 14, e leia esta regrinha que he a terceira —

„ Ao seu auxilio convocou Bessiéres —

„ Victoria que previo *prospicuo* Welington —

Vá buscar hum parente destes entre os milhares de versos do Oriente! Diga-me ao menos por vida sua que quer dizer — Prospicuo? — Mas vamos ao que importa, vejamos o seu coração. — Diz o Pato — pag. 2.

„ Comecemos na dita pag. onde diz, continuando na
„ 18 — Tambem illustre Nação me atrevo a consagrar-te
„ o que talvez mantenha na Posteridade a tua gloria, a
„ tua reputação, o teu nome hum Poema Epico, em que
„ tornes a vêr o teu Gama. — Deve-te aprazer hum Fi-
„ lho que se atreve a lutar, &c. —

Ora aqui vai a maior perversidade, e a maior malicia que na repartição das Letras se vio no mundo. Quem lêr isto cuidará que se segue o Discurso, e que não ha interrumpção alguma entre a palavra — *O teu Gama*, e a palavra — *deve-te aprazer hum filho*, porque o analytico Pato assim escreve, e assim traslada. — Ora agora lêa-se a mal empregada Dedicatoria do Poema, que arrancarei da segunda edição a pag. 17 — „ Em que tornes a vêr o teu Gama, como diz o teu *primeiro Cantor* —

„ Abrindo a porta ao vasto mar patente —

„ Não imagines que eu intente profanar, ou inquietar as cinzas, e menos offuscar a gloria de Luiz de Camões, nem arrancar-lhe das mãos aquella palma, que o merito, e os seculos nella tem firmado: — deve-te aprazer hum filho, &c. „ — Que quer dizer esta perfidia, ou como lhe chamou hum homem de virtude, este desaforo? Para que se ha de truncar o Discurso, adultera-lo, e omittir o grande elogio que faço a Camões, renovando-o a cada passo? Para me deprimir a mim, e continuar com a ridicula teima de que quiz emendar Camões, e insultar sua memoria. Se eu emendei Camões, porque não mostra este Pato huma só emenda feita por mim a Camões? Venha esta emenda, e veja-se huma vez. Mas tudo isto he pretexto. Nem huma gras-

nadura só se ouvio a Pato, quando appareceo o Poema — A Meditação; pois saiba o Senhor Pato, que he mais difficil hum bom Poema Filosofico que tenha por objecto a Contemplação da Natureza, que todas as Epopéas feitas, e por fazer. Nada sobre a Meditação, porque della se não póde dizer que offende o *Divino* Camões. Disserão os dois que investigárão em Inglaterra para si, que eu me contradizia, quando affirmei que a acção do descobrimento da India era esteril em si pelo que pertence á Poezia Epica, mas grande em suas consequencias, que se era grande nos resultados, não podia ser esteril em Poezia. — Pato correspondente do *Portuguez*, que tambem investiga, talvez que alguma sóva, repete a mesma cousa, porque estes Senhores são écos huns dos outros, e eu nunca vi, nem ninguem vio em hum bando de Patos grasnar hum Pato, que unissonos não grasnassem todos, e diz assim:

„ Aqui temos o Reverendo Epico teimando no *desconchavado* juizo que fizera na Prefação ao seu Gama sobre „ a acção das Lusiadas; isto he certamente irrisorio! Como podem combinar-se estas duas oppostas idéas, se ás „ Sciencias, se ao Commercio foi de grande proveito esta „ acção, como póde esta não ser sufficiente para hum Poema? —

Senhor Pato que tem Judas com a alma dos pobres? Que tem o Commercio, que passados annos se fez, com acção do Poema, que actualmente se faz? Para ser grande em Poezia he preciso que seja acompanhada de grandes circunstancias presentaneas, e navegar pelos ermos do Oceano, não he sitiar, ou defender huma Praça como o assumpto da Jerusalem, nem estabelecer por conquista huma Nação, como a acção da Eneida, em que o Pai Eneas foi hum dos maiores velhacos que houve no mundo. O mesmo *Divino*, e torto Camões conheceo isto tanto, que não achou meio de encher o Poema senão com a Historia de Portugal de tantos, e tão diversos modos, como eu dou Pato ao povo, cozida, assada, guizada, e de fricacé, e não achando já onde a pôr, a foi bordar nas Bandeiras; olha que pinturinhas! Não tenha dúvida porque

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Fim do decimo quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 16.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Chimica.

NAõ ha cousa mais intoleravel, que a intolerancia litteraria: não gosto eu desta, ou daquella Sciencia, ahi tenho huma trovoada vertical formada pelo grunhido de seus Professores, capazes de gastarem todo o dinheiro do seu Monte pio para me pôrem huma demanda, e me obrigarem a assignar hum termo para gostar da sua Sciencia, ainda que lhe ache defeitos aos cardumes. Disse que a Mathematica tinha suas incoherencias, e que applicada a alguma cousa já não era nada. Levantão-se os Mathematicos, e tanto ralhárão, que hum até ralhou de lhe chamar Ente, e disse que a guerra não se podia fazer sem Mathematica. Até pancadas se devem dar Geometricamente. Que impostura! Leio Polybio, Xenofonte, os Commentarios de Cezar, acho interminavel pancadaria, Mathematica nenhuma. Sem ella conquistou Alexandre, conquistou Tarmoláo, Almansor, Gengis-kan, e Thomaz Koulikan, e as conquistas do Corso em quanto estiverão para o aturar, forão promessas d'alvenaria, e não theoremas de Geometrico. Isto foi com o Artigo Mathematica, que será de mim agora com o Artigo Chimica? E que será de mim depois, quando vier o Artigo Medicina? Ah! não lhe tenho medo. Sinto dentro em mim hum não sei que, que me diz que a Medicina me não ha de matar, mas que hei de deixar de viver por deficiencia de forças depois de noventa annos, ir-me como hum passarinho, mas

com todos os meus cinco sentidos, e perfeito bestunto, porque eu dei na mais fina Hygienne que os Medicos podião inventar, que vem a ser; comer pouco, beber menos, dormir muito, e nada de tomar a peito os destemperos humanos; tenho dado provas de huma robustez Herculea, pois não morri, porque ouvi hum Medico pronunciar ao pé de mim com hum tom sepulcral a palavra — Ipicacuanha. — Quem ouve isto, e escapa, não morre. Vamos á Chimica. Para que tem servido até agora a Chimica? Para nada, que foi o mesmo para que servio sua Mãi, a Alquimia, e sua tia Astrologia judiciaria. Fui outro dia a casa de hum famoso Professor de Chimica, meu amigo, que exercita ha muitos annos esta profissão, e tem hum dos mais distinctos laboratorios, vi com effeito que são dignas de compaixão as fadigas dos homens que se occupão em fazer descobrimentos em Chimica, o seu fim principal he tirar della algum fruto para a cura das enfermidades. Para curar bem era preciso dar cabo ao menos de metade dos exercicios Chimicos, porque a maior parte dos remedios, deve, a meu vêr, ser tirada simplesmente das plantas em seu estado natural. Por vida minha, não me dirão de que tem servido tantas preparações chimicas, que custárão hum trabalho infinito? De que tem servido esses frasquinhos de elixires, de quintas essencias, de balsamos até pintados em papeis nos Editaes pelas esquinas, trazidos aqui por Franchinotes, e Framengos, que querem que os conheção até á meia noite? De enterrar doentes, e de fazer gastar dinheiro aos sãos, desprezando-se o natural Bezoartico de Curvo, de nenhuma efficacia junto de huma garrafa de vinho do Porto, verdadeiro elixir, senão da immortalidade, ao menos da alegria, contentamento, paz interior, tranquillidade do animo, vinculo da amizade, e estrada Coimbráa, e batida da ventura. Lembra-me ter lido a Anatomia de Bartolino, que descobre no coração hum lugar a que chama: *Flamula cordis*, a faisca do coração, principio do seu fogo, e da sua vida, cousa que se não entende, se se não entender por isto a tal garrafa de vinho do Porto acima mencionada. Mas tornando aos remedios, da tão inutil como dispendiosa Chimica, digão-me, que se diz agora da Neve de Marte, do estomáchico de Potério, da materia Prelata, da Magnezia, das gotas de Inglaterra, do segredo de Milord Bukling? Acabou-se-lhe a graça, e preço que a tudo costuma dar a novidade, a boa razão sempre estimou tudo isto pelo que era, calcinções inuteis,

venenos adoçados, que em vez de confortarem o estomago, o opprimem gravemente com vomitos, e nauseas. A França admirou com singulares applausos como me lembro ter lido nos papeis periodicos d'antes da Revolução, os pós de Bal, o ouro dos Cartuchos (cartuchos de ouro ainda eu admiro, mas apparecem muito poucos) preoccupada com a raridade, e novidade dos remedios, como se vio no tempo de Luiz XIV. com o maldito antimonio, cuidou que alcançava maravilhosos effeitos, até que conhecida a impostura dos empiricos Chimicos, cessárão os applausos, e se delles conservou, e conserva ainda alguma memoria, he para lastimar os sinistros, e funestos acontecimentos que elles causárão, e para fallarmos mais claro, as mortes de que forão causa. O que vejo acontecer na Chimica he isto: ha hum simples a quem a natureza deo excellentes qualidades; mette-se no cadinho chimico para se purificar, e tantas voltas leva no fatal lambique, que á violencia de fogo, e distilações, todas as qualidades se perdem, e ficão em cousa nenhuma: a casca do Peru, para me servir de hum exemplo vulgar entre outros. Depois de aturadas tarefas para exaltar suas qualidades, querendo della huma cousa chamada cinchonino, cujos debates ha quatro annos (só lidos nos nossos Investigadores) arruinárão a saude aos homens mais robustos, e eu posso dizer, que dahi contrahíra habituaes dores de barriga, e querendo os Chimicos, digo, fazer deste cichonino hum purissimo extracto, hum sal, huma tintura, num magisterio, ou cousas, e nomes que elles só dizem, e que elles só entendem com tantas operações, vierão a fazer hum inutilissimo remedio para domar as febres, ao mesmo passo que quando se applicava a tal cortiça Peruviana muito bem pizada, e reduzida a pó como sua mãi a pario, vencia logo, e destruia a febre. Os Medico-Chimicos, ou Chimicos-Medicos, que julgão conseguir á força de longas operações, transmutações, e trabalhos lambiqueiros, nobilissimas tinturas, preciosos elixires, não colhêrão mais fruto de seus trabalhos que inuteis fezes, revestidas com effeito de fórmas inteiramente novas, mas sem uso, e sem effeito algum. A verdadeira prudencia sobre cousa tão importante como he a vida, nos aconselha a não dar credito se não áquelles remedios que a experiencia tem mostrado infalliveis, e estes remedios, não são por certo da Botica. A chamada arte de curar, tem a mesma condição, que tem as outras cousas deste mundo. Os Chimico-Medicos são tão amantes das suas beberagens e

emplastros, tinturas, e precipitações, (que tantos precipitão na cova antes de tempo) que nunca se fartão de os louvar, e de lhes atribuir effeitos que afora elles ninguem sentio, nem experimentou até ao dia de hoje. Não me criminem os Litteratos de encarecimento, não me taxem de inimigo de huma Sciencia como he a Sciencia Chimico-Medica: eu sei até que ponto ella se estenda, e que grandes objectos comprehenda; hum doente, huma Botica, e a morte, eis-aqui o seu vasto imperio; pouco ha appareceo em França hum Livro intitulado *Anarchia Medical*. Os Livros de Medicina, diz este Livro, são como hum povo sem cabeça, e sem governo, são como o chamado povo soberano na mesma França naquelles *aureos* dias em que se degolavão huns aos outros quando dizia o Demagogo Roberspierre, — mais hum milhão de cabecinhas em terra, o pão he pouco, não queremos tantas bocas, a Republica he *huma e indivisivel*, não pode com tantos filhos — Assim são os Livros de Medicina, degolão-se huns aos outros: em menos tempo que o da tal Republica houve mais systemas Medicos que se debelarão como Tigres, que governos teve a mesma Republica, que mutuamente se atacalhava. Desde o assassino Hipocrates, até ao Poeta Darwin, Medico, e Poeta, tem havido hum continuo vendaval de systemas, sem que se possa conservar hum senão até ao ponto de apparecer outro. Indagão os Politicos, e Estatisticos as causas da despovoação da Hespanha relativamente a estação do seu *solo*: as cousas não estão na Politica, parece-me que as achei na Medicina-Chimica. Avicena, e Averroes Medicos, e Alquimistas Arabes curarão a Hespanha da muita gente que tinha; isto foi no tempo dos Sarracenos, e esta maquia que lhe fizerão os dois exterminadores foi hum bem para a humanidade; não serião conquistados se não tivessem sido tão dizimados: em tempos mais proximos a nós depois que Laguna commentou Dioscorides se começarão a sentir molestias de pelle, *vulgo* sarna, e sarna castelhana, nome que tanto tem servido para designar hum fallador importuno, e que faltou a Horacio para nos dar a conhecer o Fabio loquaz. Eu, com tudo, não condemno as fadigas dos grandes homens que se tem applicado á Chimica, quando esta se emprega no artigo — Cozinha: — todos sabem, e todos gostão dos effeitos que produz a acção do fogo no corpo delicado de huma Perdiz, ou de huma Galinholla: e extracto de substancia de presunto na repartição, ou de-

partamento da sopa, e do arroz, e na preponderancia que da á simples ôlha, he cousa bem conhecida as pessoas de gosto apurado. O unico animal Chimico que eu conheço he a Abelha, huma colher do extracto de flores que ella faz, e que não he para a boca do asno, tomada em jejum, me conserva a inalteravel saude de que gozo ha mais de quarenta annos sem a menor molestia entre tantos trabalhos, fadigas, e applicações. Esta Chimica conheço eu, a outra não sei para que se inculca com tanta presumpção, e se cultiva com tanta impostura.

ARTIGO II.

CRITICA.

NAó se responde a criticas injustas, porque isso he dar corpo a cousas que o não tem, e fazer conhecido pela resposta aquelle individuo que viviria incognito na obscuridade da sua mesma ignorancia. Seneca julga desgraçado o homem que passa a vida sem inimigos, adversarios, e invejosos: *Transigisti sine adversario vitam*: destas rebombantes sentenças estou eu farto; mas tambem estou farto de vêr que estes mesmos que as proferem, e assoalhão, se escrevem alguma cousa, e os impugnão clamão, e gritão, e alguns ha que se lembrão de pão, e não de penna para responderem aos seus adversarios; e que seria se na proa se lhe atravessasse hum Pato a grasnar? Não ha homem, sendo homem escritor, que queira ser impugnado com justiça, sempre se doe; e se não póde devéras, ladea hum bocado para responder; e que seria se fosse, não digo eu impugnado, mas insultado, vilipendiado, injuriado com rancor, e sem motivo? Se estes que se dizem desprezadores de criticas blasonão de grandeza d'alma, nesta repartição não lhe seriamos inferiores; mas por isso mesmo que temos huma alma no corpo que não he torta, nos devemos desaggravar de quem injustissimamente nos accommette, e ataçalha. Basta de prologomenos; fação hum Poema Epico, suem, e arrefeção, ardão, e enregelem sobre elle annos e annos; e saia hum verdadeiro *quidam*, e appareça com hum Parallelo analytico, apologetico, criticocanino, e vejão se podem calar-se! Este Pato de que tratamos, e depennamos, não teve aquella prudencia, que o mesmo Buffon encontra na fisionomia dos Ganços, e das Ganças sobre tudo, porque até quando andão se bandéão grave, e prudentemente. Devia esperar que eu morresse pa-

ra *parallelar* o Oriente com as *divinaes* Lusiadas; mas cedeo á tentação, e disse comsigo; ao menos em quanto não apparecer a resposta, farei crer a alguns, ainda que sejão paios de linguas, e torres de Babel, que a obra criticada não presta; momentanea satisfação foi a de Pato! Agoado prazer! Deo lugar ao Espectador, espera-se Pato ao sabbado, como se espera carne da Beira (porém queria-se mais barata), e este guizado de Marreco vai aos bocadinhos, como são humas cousas chamadas *iscas* pelas casas de pasto. Pede-se Pato com arroz, com ervilhas, com grelos, e Pato só, vem hum bocadinho, que verdadeiramente he *isca*: o mesmo faço eu, mas prometto aos freguezes de lhe dar Pato inteiro, respondendo com hum Livro a hum Livro, no qual com a justa apologia do Oriente, e sensata Critica das Lusiadas desfiadas, fique patente á Posteridade a maior impostura, e a maior ignorancia que tem enxovalhado o Prélo Portuguez. Já escrevo o Livro, não só com constancia; mas com pertinacia. Devo já, e neste número do Espectador dar huma satisfação a pessoas de alta jerarquia, que me disserão que esperdiço nisto o tempo que podia empregar em outros estudos. Respondo, que eu escrevo sempre, e que não emprego o tempo n'outra cousa. Huma hora só me leva a composição deste papel, e he muito tempo para tão pequena cousa, e mereço que se me disculpe esta ociosidade em attenção, não só a dois gravissimos Livros que vão apparecer esta semana, mas ao trabalho em que me occupo de dar á Nação o que não tem, que he huma Historia completa — Das Conquistas, e Estabelecimentos dos Portuguezes na Africa desde ElRei D. João I. até a cessão da Praça de Mazagão. — Vamos ao Pato que me hia fugindo, inda o apanhei pelo rabo, que me ficou hum mólho de pennas na mão, ei-las-aqui.

Embirrou o homem, em apanhando passagem da Escritura, ou seja tirada das imagens maravilhosas dos Profetas, ou facto de hum, ou outro Testamento, está bravo, fica ufano, e escreve com huma *ligeireza* de pinceis (ou de cabeça) tal, como quem quer imitar, diz elle, *o florido* Voltaire, ou como hum habil communicador, e correspondente *Orestes do ingenuo, e patriotico* Portuguez em Londres. Pag. 275, palavras patas, bem, e fielmente trasladadas, e confrontadas tabellionicamente com o seu competente original.

„ Depois da creação, refere a quéda de Adão, e men-
„ cionando os crimes que provocárão o castigo do

,, Diluvio apresenta (*como proferidas por Deos*) es-
,, tas palavras na Oit. 72 — Aos homens darei fim. —
,, Porém logo começa a 73, dizendo: — Não finda a
,, especie humana. — Ora quem não vê que isto são
,, descuidos, ou erros indisculpaveis. Como póde ima-
,, ginar-se, que Deos dissesse huma cousa, e ella não
,, fosse feita? Certamente o não diz, nem quem nun-
,, ca abrio hum livro, e menos o deve dizer quem
,, tem já fechado todos.,, —

Ora agora me devia eu pôr a chamar o Senhor Pato, como as mulheres chamão á porta pelas Gallinhas: — Pila, pila, vem cá, vem cá; pio, pio, pio — Venha cá, Senhor Pato, V. m. he quem nunca abrio hum livro, que he o primeiro livro que ha; este, o primeiro, e mais antigo livro do mundo, chama-se — A Sacro-Santa Biblia — Livro por excellencia; consta-me que s. m. vai pedir a traducção do P. Antonio Pereira, depois de se lêr depennado; ora pois faça desta vez o mesmo, e lêa no Cap. 6. do Genesis ℣. 5. a Oit.

,, Videns autem Deus quod multa malitia hominum esset
,, in terra, et cuncta cogitatio cordis intenta esset ad
,, malum omni tempore, — Penituit eum quod hominem
,, fecisset in terra, et tactus dolore cordis intrinsecus:
,, *Delebo*, *inquit*, *hominem*, quem creavi, à facie ter-
,, ræ, ab homine, usque ad volucres Cœli, penitet enim
,, me fecisse eos. — Noè vero invenit gratiam coram Do-
,, mino.,,

Isto para V. m. he a lingua Malaia, ou Cochinchina; ahi vai a traducção, não de Pereira, mas de Macedo.

Por tanto, vendo o Senhor que se havia multiplicado muito a malicia dos homens na terra, e que todos os affectos de seu coração se inclinavão sempre para o mal, se arrependeo de haver creado o homem na terra. Doeo-lhe o interior, o mais intimo do coração, e disse: — *Delebo* darei fim, apagarei, acabarei, extinguirei, anniquillarei, destruirei os homens que eu criei; eu os arrancarei da face da terra, o golpe hirá do homem até as aves do Ceo, porque eu me arrependo de os ter feito. *Vero*, mas Noé achou graça, e acolhimento diante do Senhor. —

Aqui tem V. m. como se *deo fim* dos homens nos peccadores, e como se salvou a especie humana no individuo Noé, justo, e virtuoso aos olhos do Senhor. Se eu fechei os livros todos, foi para compor. se V. m. os não abre, he porque os ignora, e ignorará sempre querendo com o

seu mesmo tom de audacia, e descompostura, ou de impostura ser confundido, e esmagado. Metteo-se a criticar, como costuma, o nono e decimo Canto do Oriente; alli se mostra o Quadro da Religião, pelos prodigios, e factos da primeira, e segunda Alliança de Deos com os homens: devia ao menos pedir huma Biblia em Portuguez, e pedir a alguem lhe apontasse o livro da mesma Biblia em que se relatava aquelle facto mencionado no Poema, e que offendia a extrema *delgadeza* do seu juizo, e não pronunciar sentenças de estalo sem saber o que diz, criminando no Poeta o que o mesmo Deos dissera, e pelas mesmas palavras, que nunca, pois são sagradas, e Divinas, se devem alterar, ou se escreva em prosa, ou se escreva em verso. Tudo isto nasce de V. m. ter querido sahir da sua esféra; não disse V. m. que era lavrador de Odes Pindaricas, começando assim a sua Pindarica:

„ Delfico *lavrador* com rico arado,
„ *Sonoro* fendo Thessalas Campinas
„ E de flores divinas
„ Tenho todos os sulcos povoado?

Pois deixe-se andar atraz dos bois, ou de outro rebanho mais miudo, que talvez que berre desamparado por esses outeiros, e não se metta a critico do que não entende, do que não lèo, do que absolutamente ignora. Deixe-se estar com os seus Elogios de Theatro, faça dizer a Diana não sei nos annos de quem — *Hoje a caça prohibo* —, são mezes defezos: e pois alguns tem ralhado do obrigadissimo estribilho desta minha cantiga sabbatina, saibão todos quantos as presentes virem, que he o remate da Ode Pindarica do Lavrador: he cousa que me não póde esquecer ver acabar huma Ode Pindarica no tom de Letradinho Rábola

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

(*Ode Pindarica de Lavrador*) *a Welesl.*

E custas.

Fim do decimo sexto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 17.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Reflexões sobre o uso que os Poetas modernos fazem das Divindades do Gentilismo em suas Poezias.

A Poezia que se começou a cultivar depois do renascimento das Letras, que se seguio á ultima queda do Imperio Romano no Oriente, foi transmittida pelo canal do Paganismo, que lhe prescreveo as regras, e lhe subministrou os modelos. Formou-se a ídéa da Poezia com a leitura dos Poetas Gregos, e Latinos, e o estudo principal dos Poetas foi conhecer as obras da antiguidade; todas as invenções, todas as expressões em Poezia, vão necessariamente dar nas Divindades pagás. Tirar aos Poetas modernos Jove, Marte, Baccho, Venus, Apollo, e as Musas, he tirar-lhe todo o capital, e destruir-lhe toda a fazenda; e conheci com evidencia esta verdade nos quarenta *Chefes de Obra* que possue o Parnaso Portuguez, que são os quarenta Elogios de Theatro que o Poeta Pato diz que fizera; todos os agentes destas *inimitaveis* composições são os Deoses do Paganismo, e até em hum delles que eu vi, (como virão os mais representar *immune e salvo* de pateada até ao meio) appareceo Saturno que era hum Comico velho, e mal encarado, que disse, que a provecta idade de hum grande Monarca, era obra sua, de Saturno, declamando hum verso que remecheo o interior de

todos os espectadores, (creio que de ternura) vendo chorar Saturno! —

E em obsequio de Jorge eu me embrandeço. —

A' vista deste emprego dado a Saturno que comia os filhos, e se Jove não abala, tambem lhe succedia o mesmo; parece-me que he licito investigar se isto seja, ou não seja fundado em razão. O mais simples vislumbre de siso commum nos ensina, e diz, que quem falla deve ter huma idéa clara daquillo que quer dizer, e que se deve servir de termos, e expressões, que levem ao animo dos ouvintes huma distincta noticia de quanto elle revolve dentro em sua alma. Este he o primeiro objecto da linguagem, e o fim da sua instituição, e instrucção; este he o laço mais necessario do Commercio da vida. O consenso de todos os homens, e a mesma natureza nos ensinão, que este he o ligitimo uso que se deve fazer do dom da palavra. O ouvinte tem direito de o exigir, e se a sua espectação fica enganada com sons vãos, e com palavras sem sentido, o que as diz se torna indigno de ser escutado. Isto supposto, pergunto, quando hum Poeta invoca Saturno nos annos de hum Rei em hum dos moedores Elogios de Theatro, ou invoca Neptuno, e Eólo no meio de huma tempestade, que cousa julga elle que ha dentro da sua alma, quando pronuncia os nomes destas Divindades pagãs? Que pensa elle, ou que quer que pensem os outros? Qual he a significação propria annexa a estas palavras? Exprime, ou crê exprimir alguma cousa real, e verdadeira com estes termos? Quando os Gentios se volvião a Neptuno, e Eólo em huma tempestade, entendião por estes nomes verdadeiros Entes dignos de adoração, e de estima, attentos aos brados dos infelizes, sensiveis ás suas afflicções, não só ouvindo suas súpplicas, e acceitando seus votos, mas exercitando huma competente authoridade sobre os Elementos, capaz de destruir a tempestade, e livra-los dos perigos. Mas hum Poeta Christão, e Christão velho de todos os quatro costados, como diz Manoel de Faria, que era Luiz de Camões, que introduz, Baccho, Venus, Thetis, Neptuno, Marte, Mercurio, e Doris, que promette huma noitada ao Gigante chorão, chamado Adamastor, póde crer acaso que está fallando aos Portuguezes tão Christãos velhos como elle? Espera por ventura não só ser acreditado, mas ser ouvido? Crê que Doris he huma intervenideira de

Adamastor para com Thetis unica, e despida? Imagina acaso que esta Doris de bom genio, e esta Thetis espantadiça, existão, ou hajão existido? Crê acaso de todo o seu coração o Poeta Pato, que nos annos de Jorge com effeito se embrandeceo Saturno? Quem não conhece que he a cousa mais tôla, mais insipida empregar nomes sem virtudes, e sem realidade, sirzindo em versos languidissimos entes quimericos para agentes de hum Poema Epico, e figurões, ou papelões de hum Elogio de Theatro? Quando se falla de hum modo tão vão, e tão aéreo, merece ser escutado quem assim falla? Que pensa, outro-sim, ou que quer dizer hum Poeta, quando com muita paxorra, e satisfação da sua alma se dirige a Apollo, e ás Musas, para lhes supplicar huma favoravel inspiração? Que dá graças a Ceres, a Pomona, e a Baccho por lhe haver dado huma abundante colheita, e huma farta vindima? Não me posso persuadir que este Poeta entenda por taes nomes o que por elles entendião os Gentios: isto seria huma impiedade, e hum defeito massiço de Religião, porque todos os Deoses do Paganismo, segundo as expressões de David, e doutrina de S. Paulo erão outros tantos demonios. Isto seria conduzir os homens á infidelidade, faze-los verdadeiramente Idolatras, e ensinar-lhes a substituir a Deos outros objectos que occupassem o seu lugar, e lhe roubassem a gloria de todas as suas obras, e de todos os seus beneficios. O Poeta Pato, o Poeta Magrisso, o Epigrafeiro, entendem em suas defensas da gloria da Patria, *que não he, nem póde ser outra mais que a gloria de Camões*; e dizem que por estes Numes, de que se servíra o zarolho Camões, se entendem os atributos de Deos (blasfemia!!!) pois diz o Poeta Pato, que Thetis he a Sabedoria de Deos. E honra-se a Deos dando aos seus atributos os nomes dos seus inimigos? Não maculemos a lingua Portugueza com taes destemperos. Entre estas duas extremidades de entender com estes nomes os falsos Deoses, ou o Deos verdadeiro, ha hum meio, o qual não he tão irreligioso, mas nem por isso deixa de ser menos insulso, e extravagante: este meio he o de não entender cousa alguma por estes nomes. Podem acaso a razão, e o bom discernimento perdoar esta linguagem, ou mais depressa hum abuso tão indigno da palavra? Todas as Artes, todas as Sciencias, todas as profissões no actual estado das cousas não empregão taes nomes para se exprimirem, porque ra-

zão os ha de empregar sómente a Poezia ? Porque razão ha de gozar esta difficil Arte o ridiculo privilegio de escrever, e de fallar sem saber o que diz? He preciso confessar a verdade, muitos não cahem neste inconveniente, senão porque nunca quizerão fazer huma séria reflexão; seguem a torrente de hum costume que achárão estabelecido, sem cuidarem em lhe examinar a origem, ou suspeitarem nelle desordem alguma. Este uso que das Divindades pagãs fazem os Poetas Christãos ainda he mais tôlo, e se torna mais insupportavel, quando se introduzem em materias sagradas, nas quaes se falla do verdadeiro Deos, e nas quaes se busca agradecer-lhe os beneficios que concede aos homens, e se trata de tudo quanto a Religião encerra de nobre, de santo, e de grande.

Grande deleite causa ao homem de gosto a leitura das obras de Sanazzaro; mas não se lhe póde perdoar a mistura que elle faz do sagrado, e do profano em hum Poema em que se trata do mais Augusto Mysterio da Religião, quero dizer; da Encarnação do Verbo Eterno? Quem lhe ha de aturar, fallando do Inferno, povoado de Harpias, Gorgones, Cantauros, e outras figurinhas destas? Quem lhe ha de aturar pôr em parallelo as Ilhas de Creta, e de Delos, huma famosa pelo nascimento de Jove, outra pelo dos filhos de Latona, com a pequena Cidade de Belém, que servio de berço a Jesu Christo? Que paciencia, ainda a mais heroica, ainda aquella mesma que se tivesse comprovado, levando ao fim a leitura de hum Elogio de Theatro feito por Pato, poderá supportar, como diz o Inglez Blair, o *Divino* Camões, fazendo apparecer as Nereidas a soccorrer Vasco da Gama, que acabava de invocar a misericordia de Jesu Christo em hum terrivel perigo do mar?

Ainda que todos os homens não tenhão o coração sufficientemente penetrado das augustas, e tremendas verdades da Religião, para sentir quanto devem a injúria que este abuso faz ao verdadeiro Deos, unico Author de todos os talentos, e de todos os bens, e a quem elles devem ser pedidos, e rogados, como nos ensina a piedade, e a Religião; todos tem hum sufficiente discernimento para conhecer o ridiculo, que em si encerra o caprichoso ornamento, e o ímpio maquinismo das Divindades pagãs, ou a mistura monstruosa do sagrado com o profano, do Christianismo com o Paganismo.

ARTIGO II.

CRITICA.

HUm dos recursos, ou subterfugios consoladores dos interessados, e dos proprios Capitalistas do Parallelo de Pato he este: — O homem em cada hum dos números do *Espectador* responde a huma, ou outra passagem do Parallelo Critico-Analytico-Apologetico; he verdade que depenna, e reduz tudo a polme, e a pó impalpavel; mas como já faltão poucos números para acabar a assignatura dos seis mezes, ainda lhe fica muita cousa de fóra no Parallelo, a que não dará resposta. Senhores Collaboradores no Parallelo de Pato, quem disse a suas mercês que o Espectador acabava aos seis mezes? Quem disse a suas mercês que não poderá ir em cada número huma duzia, ou quarteirão de passagens tão *respondiveis* como as que tem hido até agora? E quem disse a suas mercês que eu no mesmo sabbado em que sahir o ultimo número do Espectador para completar os seis mezes hei de morrer de repente sem ajuda de Medico nenhum? Finalmente, quem diz a suas mercês que não apparecerá logo hum livro das mesmas paginas do Parallelo, com o qual diga o mundo: — Esta he a maior trovoada que até agora tem estalado no horisonte das Letras; basta olhar-lhe para a Epigrafe com que se deve dar a conhecer d'antemão a alma, e a intenção do livro?

At vindicta bonum vita jucundius ipsa.

Juvenal.

Com que, meus Senhores *amabilissimos*, não se dem ainda por consolados, pois como aquelle foi o premio que se deo ao Poema Oriente, o reconhecimento ha de ser proporcionado: isto que os Senhores estão vendo no Espectador são ensaios, são relampagosinhos que fuzilão suavemente, antes de começarem os grandes estouros em grande temporal; eu ainda me não calei, tenho este geniosinho, estou velho, e sou teimoso. Os Medicos em bolindo huns no Cinchonino, e no musgo Islandico dos outros, amotinão todos os Jornaes de Inglaterra, e eu hei-me de calar? Se me criticassem com justiça, eu arrearia bandeira; mas insultar-me, e descompor-me com audacia, como logo se ve-

rá, e ficar eu calado, seria vilissima ignorancia, e perdoar as injúrias em Letras, he tolerar os vicios em litteratura. Ora fação-me justiça os Censores, e o mundo: abrase o Parallelo do Oriente com as *Divinas* Lusiadas, abrio-se, e abrio a sorte a pag. 119; eis-aqui o que diz Pato, e veja-se com effeito, se isto he descompor, ou criticar. —

„ O Reverendo Epico (*mofa do costume*) o Reverendo
„ Epico apresenta em lugar de Invocação huma digressão
„ moral, em que além da *dureza*, *e monotonía do es-*
„ *tillo* (*acha-lha Pato*) são quasi tantas as repetições
„ de pensamentos quantos os versos das nove oitavas,
„ de que se compõe!! exemplos — Oit. II.

— A roda dos seculos —
Leva comsigo, e volve obras supernas
Imperios deixa em solidões eternas.

„ Oit. V.

.... Os annos apressados
Levão comsigo Imperios dilatados,
Que até sentem da morte o golpe horrendo.

„ Nestes de mais cahio em huma horrenda cacofonia (*ne-*
„ *nhumas orelhas*, *afora as de Pato*, *a percebêrão até*
„ *agora*) mais diz na Oit. IV.

D'Epica tuba o soberano accento
Não sente a lei de eterno esquecimento

„ e na VII.

Quem d'Epica trombeta os sons derrama,
Lança alicerces immortaes á Fama.

„ Isto, fóra o que omitto por brevidade, patentêa des-
„ de logo a mingoa de idéas, pobreza de engenho, e es-
„ terilidade de fantasia do *vaidoso agressor de Camões*
„ (*que decencia de criticar*!!!) porém diz na Oit. VIII.

Nem deslumbrado vou, nem temerario

„ e conclue na X.

Veja o Tejo huma vez qual o Tamiza
Cisne que espaços não trilhados piza.

„ Huma vez!! Esta he a primeira que entre nós appa-
„ rece Poeta original, segundo diz o Reverendo Epico.

Quem deixaria isto sem resposta? Hum morto. Dizer que não pára a roda dos seculos, o que consome as obras materiaes das mãos dos homens, como são Pyramides, Arcos, Cenotafios, Obliscos, &c., e dizer que os annos mudão os Imperios, e os levão comsigo, nem he o mesmo

pensamento, nem são as mesmas palavras. O que he tudo isto no Critico? He o espirito de embrulhar, truncando hum verso, aproximando oitavas distantes entre si pelo número, confundindo a Poezia que he huma Obra, huma cousa, com o seu author que he outra. Basta a simples Leitura das oitavas em que se mostra que subsistem os Poemas de Homero, de Virgilio &c. depois das ruinas dos Imperios, onde nascèrão, e vivèrão estes Poetas, para se conhecer que não ha identidade de pensamentos. Veja-se isto melhor.

Nunca a roda dos Seculos segura
No sempiterno circulo descança.
Leva comsigo, e volve Obras supernas
Imperios deixa em solidões eternas

Mas fica intacto o nome, intacta a gloria,
O tempo cede, e se desarma o fado,
Se a vós da Poezia, a vós da Historia
Pelo Universo levantou seu brado.

Estes são em geral os effeitos do poder do tempo, e esta he a condição das Obras dos Poetas, e dos Historiadores, viverem immortaes; seguem-se nas outras oit. os exemplos particulares de Homero, Virgilio, Tasso, que sobrevivem aos imperios que os virão nascer, pois estes acabárão, e as suas Obras permanecem. Onde estão aqui a mingoa de idéas, a pobreza de engenho, a esterilidade de fantazia no vaidoso aggressor de Camões? O que aqui está são livres ditos, falas de papo, injúrias grossas, raiva manifesta, e corda sempre para se enforcar, e refinada malicia em tirar palavras do meio dos versos para pôr a cousa a seu geito com o ridiculo, nojento, e obrigado retornello da injúria, da aggressão feita a Camões, de quem Pato se declarou Paladino, querendo, como D. Quixote, *enderessar tuertos* que ninguem lhe fez. He preciso para defender o seu Cliente, *como a Patria lhe manda*, mostrar que he impeccavel Camões naquillo em que V. m. me comdemna: diz que eu cahira em huma *horrenda* cacofonia, e não diz qual he nem aponta, nem lembra o termo cacofonico. *Golpe horrendo* não he, nunca foi, nem póde ser cacofonia. O seu Divino Camões as prega a cada passo.

,, De modo que dalli *se só* se achára ,,

Ora azul ferrete não ha, veja se o quer mais claro, ainda as achará mais claras — campo raso, — alma minha — mas morra — &c. Diz V. m. que eu repito os mesmos pensamentos; V. m. não sabe Latim, senão eu lhe alegara mil exemplos em Virgilio, Horacio, e Ovidio. E terá esta impeccabilidade o seu Camões de quem V. m. com a frescura da malevolencia me chama aggressor?

Incline hum pouco a orelha .....

Abra de joelhos, como costuma, as Divinas Lusiadas, e veja esta amostra, Cant. 4.° Oit. 41, e 46. — Oit. 41: — A sublime Bandeira Castelhana, foi derrubada aos pés da Lusitana, Oit. 46. Já de Sevilha a Betica Bandeira *se lhe derriba aos pés.* — Isto he que se chama janella de páo de pinho, de páo de pinho janella. Na Oit. 24 diz — Que por ella se esqueção os humanos, de Assirios, Persas, Gregos, e Romanos; e na Oit. 44 diz: Eu vos prometto, filha, que vejais *esquecerem-se* Gregos, e Romanos. He tão peccante na repetição dos mesmos versos, obras, pensamentos, e palavras que o seu *alarve* admirador Faria emprega o § 35 do Juizo do Poema, em mostrar por hum eterno fio de exemplos, que todos os grandes Poetas se imitarão, e se repetírão; assim como eu, para mostrar a *riqueza* da sua fantasia, não cesso de repetir o seu digno fecho da sua Ode Pindarica

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do decimo setimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 18.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Reflexões sobre o estudo da Historia.

HE muito difficil, e quasi impossivel aprender, e conhecer a verdade na leitura da Historia; porque, se he escrita depois de muitos seculos, tem contra si a antiguidade dos tempos, que tolhe o conhecimento das cousas passadas, se he escrita nos tempos daquelles de quem falla, o odio, a inveja, e a adulação obrigão, ou ao menos induzem a alterar, e mascarar a verdade. He sempre verosimil que os Historiadores lisongeem a sua respectiva Nação, que não fação menção daquelles cuja posteridade esteja extincta, ou ao menos obscurecida, e que exaltem o nome daquelles de quem possão esperar alguma recompensa. Tudo isto são motivos de alterarem a verdade. Em vão nos assegura Tacito que não descobre em si causa alguma de prevenção a favor, ou contra aquelles de quem escreve, sempre julguei extrema simplicidade estudar a Historia com a esperança infallivel de achar a verdade do que aconteceo nos seculos passados. Não he pouco saber o que acreditárão taes, e taes authores; mais se deve buscar a historia das opiniões dos homens, que a dos factos. Velleio Paterculo, jurado adulador de Tiberio, e de Sejano, mais compoz hum Panegyrico, que huma Historia. O grave Historiador Zózimo se deixa cegar a cada passo da paixão que tinha contra Constantino; pelo contrario Euzebio não faz mais que adular Constantino. Tito Livio seguia o par-

tido do Republicano Pompeo, e ainda que Augusto sobre isto o matejasse, não deixava de lhe ser affeiçoado. Dion Cassio, era hum descoberto apaixonado de Cezar. A Historia he hum presente que se manda á Posteridade, e não se deve escrever com certeza senão aquillo que se vio com os olhos, e he preciso que se não publique senão depois da morte do seu Author. Ainda presuppondo a imparcialidade, que não he muito de esperar, cada Historiador ajusta, e conforma a Historia a seu caracter particular. Sallustio he moral; Tacito he Politico; Tito Livio he supersticioso, e Orador. Todos nos querem ensinar as causas dos acontecimentos, ignotas não só aos contemporaneos, mas até áquelles mesmos que tiverão grande parte nas acções, e nos negocios. A Grecia mentirosa era tão fertil de Historiadores, que mais de trezentos se encontrárão na descripção de huma só batalha. Luciano compara a paixão dos Gregos pela Historia á molestia epidemica dos Abderitas que vinha a ser huma loucura mansa. Quasi toda a Historia antiga foi desfigurada pelos Poetas, cuja alma he a mentira.

A Historia tem até agora seguido mais o genio dos povos, que a verdade, ou a importancia dos factos. Toda a Sciencia da Historia tal qual a temos he o fructo do gosto que os Gregos tinhão de escrever, e de contar fabulas. A Historia antiga nos transmittio só o que pertence aos Gregos, e aos Romanos que os imitárão depois, porque sem fallar desses Paizes descobertos no Seculo 15.º e 16.º nem dos Imperios do Mexico, e do Peru tão vastos, tão povoados, tão ricos, cuja Historia nos era desconhecida, a de todos os outros povos antigos não se tirou do esquecimento senão pela adherencia que tinha com a Historia Grega, e Romana. A Historia profana apenas falla dos Judeos, e encontro sempre grosseiros erros em quanto refere deste povo tão famoso sempre, e tão ignorado então. Apenas se faria menção dos antigos Gallos que estendêrão suas Colonias, e Conquistas até aos confins do mundo antigo, se não tivessem saqueado alguns Templos da Grecia (que antiga manha he esta nos Francezes!) senão houvessem tomado Roma, e feito guerra a estes Romanos depois conquistadores da terra. Os quatro célebres Imperios dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos, forão excedidos pelas conquistas, e pela duração de outras quatro Potencias que nós apenas conhecemos, a dos Chins, dos Scythas, dos Arabes, e dos Turcos. Apezar da obscuridade

da Historia a este proposito, não duvido affirmar que o Imperio da China excede muito o da Assiria pela duração, pelo número de seus povos, pela sabedoria de suas leis, e até pela vasta extensão de seus dominios. Não duvido affirmar, que as conquistas de Almansor, que comprehendêrão a Arabia, o Egypto, e todos os Paizes septentrionaes da Africa até ao Oceano Occidental, e quasi toda a Hespanha forão superiores ás conquistas de Cyro. Não duvido outro-sim dizer, porque o tenho estudado, e comparado, que as conquistas de Alexandre não se podem igualar ás conquistas de Tamerlão, que sahio da Scythia Oriental para espantar o mundo. Este Conquistador (e admiramo-nos das alicantinas de Bonaparte!!) subjugou huma grande parte da China, abrio passo, ou franqueou caminho pela Tartaria, e pela Moscovia para livrar o Imperador de Constantinopla, e triunfar de Bajazeto, e em sua retirada augmentou seus dominios com a Syria, com a Persia, e com as Indias. He absolutamente esteril, e sêca a Historia sobre os numerosos enxames de povos potentissimos, e bellicosissimos que sahírão da Scythia septentrional, e que com differentes denominações desmembrárão todo o Imperio Romano no Occidente muitos seculos antes que os Turcos originarios da Scythia Oriental, e das costas do mar Caspio chamados á Asia pelos Imperadores de Constantinopla, e pelos Reis da Persia (porque não convém neste facto os Historiadores) estabelecessem sobre as ruinas do Imperio Romano no Oriente, e sobre as do Imperio Arabe huma Potencia quasi tão formidavel como a de Roma nos tempos dos primeiros Imperadores. A Historia de todos estes povos tão bellicosos, e temidos, he muito pouco conhecida. O amor do *extraordinario* he hum dos maiores tropeços na Historia, (e talvez nisto pequem muito os nossos Historiadores Portuguezes.) Este amor fez inventar, e exagerar tantos factos extravagantes. João Pedro Maffei, Jesuita, chamado cá para nos contar a nossa Historia; porque nunca os Portuguezes se quizerão persuadir que não necessitavão de ninguem, pois sempre nos servimos melhor (seja isto entendido na repartição das Letras . . . vá!) com a prata de casa, que com as *joias* estrangeiras, nos diz com hum tom muito sério, que hum soldado Portuguez não tendo já cartuxos com bala, tirava os dentes para carregar a espingarda. A Historia não se deve parecer com a pintura que costuma aformosear a natureza. Hum arrebique passa facilmente da imaginação á penna, o Heroe

lucra, mas a verdade padece, e a verdade deve ser o caracter essencial da Historia. A primeira Lei da Historia, diz Marco Tullio no Liv. II. do Orador, he não ter a temeridade de dizer huma mentira, nem a baixeza de mascarar a verdade, evitando, quanto lhe for possivel, toda a suspeita de amor, ou de odio. Já Polybio tinha dito antes de Cicero, que não he menor mentira supprimir o que he realmente, que dizer o que não he; e com effeito, desempenhou exactissimamente este Canon. Thucidides não dissimulou cousa alguma que podesse redundar em vantagem de Cleonte, e de Brásidas, que o fizerão desterrar de Athenas. Tito Livio fallou honrosamente de Bruto, e de Cassio inimigos declarados de Augusto, em cujo reinado escrevia. Grocio em sua gravissima Historia dos Paizes Baixos não quiz ter outro fanal mais que a exacta sinceridade, fallando de Mauricio de Nassau com a indifferença com que delle fallaria se o não tivera tão deshumanamente perseguido. Os mais escrupulosos Historiadores da antiguidade, hião vêr, e correr os Paizes de quem devião escrever a Historia. Polybio viajou pelo mundo conhecido em seu tempo, antes que escrevesse a sua Historia. Sallustio passou os mares, como diz Petrarcha, e com elle o Filosofo, e Filologo Lourenço Valla, para vêr com seus olhos o theatro da guerra de Jugurtha. *Sallustius maria transgressus dicitur, ut oculis suis crederet de conditionibus locorum.* No Imperio da China, diz Du Halde, que mente mais que Fernão Mendes, que a superintendencia da Historia se confere aos Magistrados... Vão cá dar essa incumbencia a alguns Juizes de Fóra, verão o que vai... Heródoto he reputado o Pai da Historia, e Luciano diz na sua viajem ao Inferno, que achára Heródoto entre aquelles que erão castigados por haverem enganado a Posteridade. Casaubono diz estas palavras em huma nota a Strabão: — *Ac mihi quidem, persæpe Herodotum cum lego, Homerum aliquem videor legere.* Quando leio Heródoto, parece-me que estou lendo Homero. A Cyropedia de Xenofonte, he para mim o Amadis de Gaula. Vossio faz menção da teima de hum homem que lhe disse que depois de longas meditações tinha composto hum livro em que mostrava com provas invenciveis que Cezar não tinha passado os Alpes, e que tudo quanto se contém em seus Comentarios a respeito da guerra das Gallias era falso. Não só a Historia, mas os mesmos Monumentos mentem, o bronze, e o marmore tambem mentem. No arco triunfal de Tito, pa-

ra relevar a conquista de Jerusalem, se diz, que antes de Tito ninguem tinha entrado, nem sitiado a Cidade de Jerusalem. Sem fallar da Escritura pouco conhecida dos Romanos, Cicero em huma das Cartas a Attico chama a Pompeo, o nosso Jerusolimitano, porque ninguem ignorava em Roma que a tomada de Jerusalem foi huma das acções de Pompeo. *Continuar-se-ha.*

ARTIGO II.

CRITICA.

EU mesmo admiro a fecundidade que tem dado á minha imaginação o escrito de Pato chamado — Parallelo — tem feito de mim hum perfeitissimo Cozinheiro. O povo gostou delle com ervilhas, ahi vai de empanada. Talvez seja em mim *indigestão* de Pato, como disse hum grande juizo, e com effeito o tal Pato he cousa bem indigesta, e he preciso hum emético, não daquelles que dá a Medicina que levão couro, e cabello; eu já tenho visto com emético da Medicina sahirem as cruezas do estomago, atraz dellas o mesmo emético, e atraz do emético as tripas. Os que conhecem o Rocio sabem o nome do Chapeleiro, que santa gloria haja, a quem os Medicos fizerão este favor; sirvo-me do emético de huma justa desforra, se me sahir muita billis, não iguala a injustiça da mais estorvada Critica. Vamos á empanada, que temos massa bastante. Pag. 231 do Parallelo.

„ Em quanto Velloso, (no Cant. 6.°) dá a sua embaixada,
„ o Infante D. Henrique supplica o Eterno, concluindo na
„ Oit. 6.

„ Mandai, Senhor, que Lucifer não possa
„ Vedar a empreza que sómente he vossa.

„ Na sua Invocação disse o Caramurú (*olhem para isto, o Caramurú he que faz a invocação; que he o Heroe do Poema, não he o Poeta quem invoca: se assim senão escreve á tôa, não sei como se escreva.*)

„ Faze que em ti comece, e em ti conclua
„ Esta grande obra que por fim foi tua.

Que tal vai sendo a caixa da empanada? Vejão que tal será o recheio! Quer Pato mostrar que eu roubei aqui o Caramurú. Que parentesco tem os versos debaixo, com os versos de cima? Que relação tem a súpplica do Poeta Darão feita a Deos para o ajudar a cantar, com a súpplica

do Infante D. Henrique feita a Deos, para que não permitta que a empreza do descobrimento da India pelo Oceano seja malograda pelas furias de Satanaz. Ainda quando se quizera dizer que o naufragio de Diogo Alvares no reconcavo da Bahia, e a navegação de Vasco da Gama erão effeitos de huma mesma causa, e obras de hum mesmo braço, que tem a invocação de hum Poeta, com a súpplica de hum Justo no seio da Bemaventurança! Eu digo que a empreza he obra de Deos, porque o he, e não o digo, porque o Durão tambem disse que o era aquella que elle hia cantar. Ora se isto não he deixallo de aza cahida, então sou máo depennador, e peior cozinheiro... Na mesma pag. 231. —

,, O auxilio, e apparição do Infante D. Henrique he
,, huma clara, posto que ruim apparição de S. Luiz
,, na Henriada. ,, —

Para engolir destas he preciso goela de Pato; tão cégo está do furor, ou da ignorancia, que nem sabe escrever, nem annunciar-se, batalhando sempre com huma enorme confusão de idéas; queria, ou devia dizer: — A apparição do Infante D. Henrique no Canto 6.° do Oriente, he huma imitação da apparição de S. Luiz no Canto 7.° da Henriada. Assim devia ter critica em escrever quem se mette a criticar o que os outros escrevêrão; mas não lhe lembremos o que elle devia dizer, depennemos o que elle disse. Nego a imitação, porque não he revestida das mesmas circunstancias; o pensamento he commum a todos, então diremos que Voltaire rouba Tasso, que tambem mostra sobrenaturalmente a Rainaldo os descendentes de Rainaldo até Affonso II. Duque de Ferrara; e diremos que Tasso o rouba a Virgilio, que tambem faz mostrar por Anchises que estava muito bem quieto no Inferno ao Pai Eneas, que ainda até agora se não soube o que lá foi buscar sem necessidade, a sua descendencia até ao *Tu Marcellus eris.* Isto são pensamentos communs, e sustentaculos do maquinismo Epico em todos os Poemas conhecidos; cada Heroe deve ter os seus particulares auxiliadores vindos do Ceo. O Tasso faz apparecer a alma de Dudon, Commandante da Legião invencivel dos Aventureiros. O que me importa he dizer ao Senhor Pato que mente (mentir he — *contra mentem ire*) quando diz que tanto o S. Luiz de Voltaire, como o Infante D. Henrique, o primeiro no Palacio dos Destinos, (asneira) e o segundo no Templo da Fama *fazem revista de seus vindouros Heroes*: que o faça S. Luiz não duvido,

que o faça o Infante, he mentira, porque o que faz he mostrar ao Gama para o animar os bustos, ou imagens dos antigos navegadores, e V. m. para cujo entendimento he o mesmo o que passou, que o que ha de succeder, diz, que ambos *fazem revista de seus vindouros Heroes.* Parece-me que Salomão Rei dos Judeos, Hirão Rei de Tyro, Judas Macabeo, General dos Judeos, o Inventor da Agulha de marear, ElRei D. João o I., (e o mesmo Christovão Colombo) que existírão antes de Vasco da Gama, e que para elle não erão *vindouros Heroes.* O que eu posso dizer sem ser Profeta he que Pato assim não hão de vèr os vindouros. Chamar vindouros de Vasco da Gama aos que tinhão existido tantos tempos antes, por esta não esperava o seculo decimo nono. Ainda sua mercê diz mais, na pag. 232.

„ Porém Voltaire não inutilisa o caracter de Henrique
„ IV., fazendo que S. Luiz lhe ensinasse quanto de-
„ via seguir. —

Se Voltaire fosse Pato certamente o fazia. Queria V. m. que S. Luiz se pozesse a ensinar a Arte da guerra a Henrique IV. quando elle a andava fazendo, e tambem, que dava cabo dos figurões da Liga, e sitiava tambem a sua *boa* Cidade de París, tendo já alcançado tantas victorias. Isto era perder tempo, o que não succede com o Infante D. Henrique a respeito de Vasco da Gama. O Infante marca a derrota, ou a carreira da India, de que Vasco da Gama não só estava desviado pelas tramas de Satanaz, mas que ainda não tinha feito; e como lhe levava hum auxilio prompto, era preciso que o estendesse a tudo, mostrar-lhe o engano em que estava, e o caminho que devia tomar até chegar ao Indostão; não se inutilisa assim o caracter do Heroe navegador inexperto naquella viagem, como se inutilisaria o caracter de hum guerreiro, ensinando-lhe a arte da guerra em que elle era eminente. Ponha o exemplo em si. V. m. diz, na sua Pindarica impressa, que he Lavrador.

„ Delfico lavrador com rico arado
„ *Sonoro* fendo Théssalas campinas.

Ora se quando V. m. hia atraz dos bois com o arado ás costas para as campinas da Thessalia, se perdesse do caminho, e alguem o fosse metter na estrada, esta acção de beneficencia, deprimia acaso, ou inutilisava o seu caracter de lavrador honrado? Seria cousa inutil se V. m hindo pelo caminho direito, o ensinassem a ir por elle. Como eu o devia ensinar a V. m. a fazer criticas, sei eu. Ora vamos fechar a empanada porque na cobertura da empada se vê a arte do Pasteleiro. Na mesma pag.

„ Descendo o Infante a soccorrer a Armada, diz o
„ *Reverendo Epico* Oit. 8.
„ Immobil deixa o Sol no Firmamento.
„ O que são dois erros juntos; porque o Firmamento
„ he o oitavo Ceo, e o Sol faz a sua revolução no
„ quarto, e porque o Infante não tinha como Josué
„ de completar a derrota de Adonisebesec, nem moti-
„ vo algum que o precisasse a perturbar a ordem da
„ natureza para conseguir seus fins. —

Que me diria Pato, ou algum por elle destes Astronomos que empalmão la Place, e nos embutem por sua, metade da obra deste Astronomo com hum grande Hymno ao Sol, se eu ou em verso, ou em prosa seguisse em 1814 o Systema Astronomico do velho, e decrepito Ptolomeo! Que nomes me chamarião!! Mas em fim, querem-se dar a conhecer de todo, porque sigo (e em Poezia cujo dominio he mais amplo) o systema de Copernico, ou renovado por elle, porque he o de Filoláo, o de Nicetas, o de Hyparco, o do Cardeal de Cusa, e depois o de Galileo, o de Newton, o de todos; saltão em mim, e arguem-me por não seguir o de Ptolomeo, que faz andar o Sol no quarto Ceo, lembrando-me, como Peripateticos que são, que o Firmamento he o oitavo Ceo, quando na accepção da moderna Astronomia, Firmamento se toma por essa vasta extensão de espaço visivel onde se descobrem os Astros. Em fim como não sigo o systema velho de Ptolomeo, as Lusiadas são muito melhores que o Oriente, e fica isto muito bem provado! He lastima! E ficão muito enchutos, e põe se de parte o Espectador no Botequim, e manda-se accender hum charoto. Ahi vai a Empanada; hirá Pato com batatas, e então se verá que

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do decimo oitavo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 19.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Continuação das Reflexões sobre a Historia.

ASsim como parece que a vaidade he innata ao homem, a mentira o he tambem aos Historiadores. Nós sabemos por experiencia propria que os Francezes em escrevendo Historia de suas batalhas, e victorias são os Pais, e os filhos, e os netos, e os parentes todos da mentira. O que mais me escandalisava nos papeis Francezes era a relação que nos fazião de seus triunfos. Nunca esquecerá a fatal derrota, ou desbarato do Sirio da Amexoeira! Dois Estandartes, n'hum estava bordada a figura symbolica do Espirito Santo, n'outro a Imagem de Nossa Senhora, forão trazidos em triunfo ao Quartel General, para serem, (talvez fossem) mandados para o Palacio dos Troféos. Em França fez grande estampido *o rendimento* daquelle florescente exercito de *Rebeldes*. Nós vimos o resto da canalha, espatifada no Vimeiro, recebida com salva real, sendo poucos os que não trouxessem os queixos esmigalhados. Esta manha não he só dos Francezes, foi sempre de todos, e he onde a Historia mente mais. Tratemos a ccusa com circunspecção: Plutarco que tambem mente, apezar do amor que lhe tiverão Theodoro Gaza, e o atrabilario João Jaques, refere que Marco Valerio ganhou huma batalha contra os Sabinos, em que morrêrão destes treze mil, sem morrer hum só Romano. Não parece isto a batalha do Wa-

gran ? Diodoro Siculo conta , que em huma batalha que derão os Lacedemonios aos Arcades , morrêrão dez mil Arcades , sem morrer hum só Lacedemonio. Appiano diz , que na victoria que o Consul Fabio Maximo alcançou contra os Allóbrogos , (Piamontezes) e povos da Provença , só morrêrão quinze homens da parte dos Romanos , e cento e vinte mil da parte dos Francezes. (Parece que já no tempo de Appiano havia o Monitor ! !) Ainda diz mais o tal Monitor do Appiano , que forão oitenta mil os prisioneiros , e os afogados no Rhódano. Na batalha de Cheronêa em que Sylla derrotou Archelão General de Mitridates , os Romanos matárão cento e dez mil homens , e da sua parte perdêrão doze homens (e hum Capitão , accrescentaria Bonaparte , *joven* que dava humas grandes esperanças !) Plutarco , que tambem he Monitor , conta que na batalha de Tigranocerta morrêrão da parte de Tigranes mais de cem mil infantes , e que quasi toda a cavallaria deste Rei foi passada ao fio da espada , e que Lucullo só tivera em seu pequeno exercito cinco mortos , e cem feridos ; assim contou o Monitor a batalha de Jena. Pompeo , diz o mesmo Plutarco , perdeo só vinte soldados em huma batalha contra o mesmo Mitridates , ficando mais de quarenta mil homens mortos da parte deste Rei do Ponto. Então não he isto Antonio de Faria derrotar com huma Fusta só trezentos Paráos do pérro de Coja Acem , como diz o gravissimo Historiador Fernão Mendes ? Não he esta a historia do passo de Coulão ? Tambem por cá tem havido bons Monitores ! ! ! Na batalha de Chalons entre Aezio , e Theodorico Rei dos Visigodos de huma parte , e Attila Rei dos Hunos da outra , ficárão *mortos* de parte a parte *trezentos mil* homens. Quinze mil entre Francezes , e Gépidas , que como postos avançados se havião encontrado na noite antecedente á batalha , pelejárão com tanto furor na obscuridade , que todos ficárão mortos sem escapar hum só. Alguns Authores fazem subir a perda dos Sarracenos na batalha de Poitiers a 375$000 como se deixão dizer Paulo Diacono , (Frade Bento) e Anastacio Bibliothecario , hum Monitor , outro Boletim das Leis. Mr. de Valois , mais mentiroso que os dois , affirma , e jura que estes 375$000 mortos forão só soldados , sem fallar no miucalho dos bagageiros , vivandeiros , lavandeiras , e engomadeiras do Exercito Sarraceno. Algum neto deste Mr. de Valois , Author da Historia do Languedoc , fez certamente o Jornal do Imperio ; e he seu descendente por

Varonia o *nosso* Carrion de Nizas, que communicou a la Garde a nota sobre a extinção de Beja. — Beja já não existe! — Mr. Chevrau, Author da Historia do mundo, hum dos maiores mentirosos do mundo, diz no Liv. º 5. º que no anno de 891 o Imperador Arnaldo alcançou huma tão completa victoria contra os Normandos, que de cem mil Normandos não escapou nem hum, todos morrêrão, e da parte do Imperador nem hum homem só foi morto. O Padre Marianna conta sériamente que na batalha que os tres Reis de Navarra, de Aragão, e de Castella derão aos Mouros, forão mortos duzentos mil Mouros, e que morrêrão só vinte e cinco Christãos. Segundo o mesmo Padre na batalha de Tarifa, que se deo no anno de 1340, morrêrão outros duzentos mil Mouros, e só vinte Christãos: este Padre não sabia outra conta mais que a de duzentos!! Tudo isto he nada, quando o comparo com o que refere Nicetas na Historia do Imperador Aleixo, que no assedio de Constantinopla hum só Francez, pôz em fugida todo o exercito dos Gregos. Isto, e o Cabo de esquadra que pôz fogo á ponte, he a mesma cousa. Além da têa interminavel de mentiras dos Historiadores, ha nelles outra manha, que he inverterem os factos, contando cada hum delles da sua Nação respectiva, com os nomes mudados, o que aconteceo ás outras. Diz Stobeo, que Brenno Rei dos Francezes sitiando a Cidade de E'feso, Demónice lhe prometteo abrir-lhe huma porta, com tanto que em premio de sua perfidia lhe fossem dadas as riquezas que se achassem no Templo: depois do saque da Cidade, e do Templo fez Brenno lançar sobre ella tanta quantidade de ouro, que a soffocou. Eis-aqui a Historia da Romana Tarpéya, que ajustou com os Samnites que por preço da sua traição lhe darião o que tinhão nos braços entendendo os braceletes, e elles deitarão em cima della tão grande número de escudos, que tambem trazião nos braços, que a arrebentárão. Agesiláo, irmão de Themistocles, matando a Mardonio no campo de Xerxes, em lugar de matar este Rei, queimou o braço direito na fogueira acceza para hum sacrificio; e admirando-se Xerxes desta acção, sabe, lhe disse Agesiláo, que cada Atheniense tem a mesma coragem, e se duvidas disto, olha que vou queimar o braço esquerdo! (forte rôlo!) Eis-aqui neste facto a acção de Mucio Scevola. Valerio Maximo conta que Pompeo, mandado Embaixador pelo Senado a Gensio Rei da Illyria, queimára hum dedo na presença des-

te Rei, para mostrar que hum Romano era incapaz de revelar hum segredo do Senado, e para lhe dar huma justa idéa da grandeza Romana. O Oraculo consultado sobre huma voragem que se abrira em Celenas, Cidade da Frigia, respondeo que era preciso lançar-lhe dentro o mais precioso; inutilmente forão deitadas no tal boqueirão todas as riquezas, então Egistheo filho de Midas, atirou comsigo á voragem a cavallo, e armado como estava para dar a batalha; os Deoses infernaes se apaziguárão, e accommodárão com esta acção, e a abertura da terra se fechou repentinamente. Eis-aqui sem mais tirar nem pôr a Historia de Quinto Curcio, Cavalheiro Romano.

A adulação Grega subministrou taes factos á Historia Romana, para lhe servirem de arrebiques, e atavios, e para encherem o vácuo dos quatro primeiros seculos da sua duração. A Historia Grega não he mais que o éco da Romana. Vejo no Tomo 6.º das Memorias da Academia das Inscripções, e Bellas Letras duas dissertações bem curiosas de dois famosos Academicos, sustentando cada huma dellas a opinião contraria a outra. Mr. de Poilli sustenta com a maior erudição possivel que os quatro primeiros seculos da Historia Romana são fabulosos, ou ao menos muito suspeitos. O Abbade Sallier allega pelo contrario com igual força de razões tudo quanto póde estabelecer a verdade, e até a certeza desta parte da Historia.

O principal cuidado, e estudo na leitura da Historia, deve ser o dos homens, e de seus differentes caracteres. Não me faz tanta impressão, dizia Miguel de Montagne, a data da ruina, e destruição de Carthago, quanto os costumes de Anibal, e Scipião; nem me importa tanto saber onde morreo Marcello, quanto o saber porque se tornou indigno de seu dever com a sua morte. Estudar a Historia, he estudar as opiniões, os motivos, e as paixões dos homens; e o fructo deve ser aprender a se conhecer a si mesmo, conhecendo os outros, emendar-se com os exemplos estranhos, e adquirir experiencias sem incorrer em perigos. O dever da Historia he fazer conhecer aos homens os acontecimentos com exacta verdade, porque se não se tratasse mais que de pintar os sentimentos, e os costumes, então a Historia seria hum Romance. O estudo dos caracteres, e dos exemplos faz incomparavelmente maior impressão, quando se une, se não a huma inteira certeza, ao menos a huma provavel opinião da verdade dos successos.

ARTIGO II.

CRITICA.

EM huns livros que ha, chamados — Anatomia comparada do homem, e animaes brutos — Obra de huma sociedade Ingleza, vem a Anatomia do Craneo da ave — Pato — especie conhecida do genero anserino. Com effeito, comparativamente ao volume do corpo não ha bruto que tenha a cabeça mais pequena, nem animal com menos cerebro, ou miolos comparativamente ao volume da cabeça. Cada Pato póde ser huma mascara da Fabula da Rapoza: — He muito bello, mas não tem miolo. Pela prática commum dos nossos molhi-uniformes Pasteleiros, e envenenadores cozinheiros vemos o pouco caso que se faz das cabeças dos Patos, porque aproveitando-se as de todos os outros quadrupedes, e aves, que até se diz, para exagerar a delicadeza do petisco, que a cabeça he do caçador, até a do coelho que não tem senão orelhas, as cabeças dos Patos com parte do esgalgado pescoço vão ter ao meio da rua. He cousa sabida, quando pelo Natal, e pelo Entrudo, (porque nem todos podem chegar a Pirum, porque todos os Escrivães os querem, e todos os Medicos os comem) ha Paticidio, he cousa sabida digo, verem-se pela rua entre pennas desprezadas as cabeças dos Patos como rebutalhos da natureza (*rebutalhos* he para os nossos Etymologistas huma mina, porque vem immediatamente da palavra Franceza — *rebut*, que quer dizer — *refugo* — rebutalhos.) Que arenzel he este? Ora passem os Senhores com esta anatomia comparada da classe — Bruto — para a classe — Homem, e lá deixo a applicação por sua conta. Eu sou Lavater de Patos, descrevo as feições, risco o angulo facial, e lá se avenhão com o que vai por dentro.

O Canto 6.° do Oriente he hum dos mais bem imaginados, sublimes, e correctos de todo o Poema. Trata-se da grande visão da alma do Infante D. Henrique, agente naturalissimo do Poema, manifestando-se em sonhos ao Descobridor Vasco da Gama. Sabe-se que o Infante D. Henrique foi o primeiro Author, e promotor dos nossos grandes descobrimentos, foi o instituidor da Escola de Sagres, donde sahírão tão extremados homens em a navegação, como forão Nuno Infante, e Gonçalo de Cintra; em fim sabe-

se o que fez, e o que trabalhou este grande, e sábio Principe, e he a mais verosimil a attribuição do desejo que elle teria de vêr descoberto o Oriente pelo Oceano, como a maior, e mais importante corôa dos trabalhos até alli emprehendidos. Fingindo-se Vasco da Gama desviado da derrota, e em hum grande perigo, que cousa mais natural que o prompto soccorro de hum Principe Portuguez, Author das nossas navegações, e que piamente alli se crê, ou se suppõe gozando da vista de Deos? Pois este Canto o mais natural na Fabula, ou contextura do Poema, he criticado por Pato (não se perca nunca de vista a anatomia da cabeça, e cerebro do Pato acima mencionada, e hirão vendo para que ella sirva) e como he criticado por Pato? Basta lhe huma Oitava, tendo o Canto 89 Oitavas, he a Oit. 13 do theor, e fórma seguinte:

Abre os olhos o Gama, e parecia
Que d'esplendor em mares s'engolfava
A' clara luz os braços estendia,
Só transparentes luzes abraçava:
Como ligeira exalação fugia,
Como ligeira exalação tornava;
Entre celestes halitos que exhala,
Com voz que hum Numen sôa, ao Gama falla.

Ainda Pato julgou muito esta Oitava toda para criticar o Canto todo, bastarão-lhe só dois unicos versos desta mesma Oit. para deitar abaixo a natural, e trabalhada ficção do Canto 6.º (Não se esqueção da anatomia da cabeça dos Patos.) Ora tomem Vv. mm. o escalpello anatomico, e vão mechendo o tal miolinho. — Oução Pato a pag. 232.

„ Apparecendo em sonhos ao Gama o Infante na Oit. 13.

Como ligeira exalação fugia,
Como ligeira exalação tornava;

„ O que he hum ridiculo jogo das escondidas que não
„ convém *com* o caracter daquelle Divino Mensageiro,
„ além de ser absolutamente desnecessario.

Nada mais diz Pato, e bem se vê por isto que são melhores as Divinas Lusiadas, e que o Oriente não presta. Como era preciso a Pato dizer alguma cousa sobre cada Canto, disse isto, e foi-se. Se este homem tivesse ao menos huns laivos, hum enfarinhamento de litteratura, se entendesse hum bocado de latim, e já que nisso, e a isso jejua, lê-se algum pai velho de Virgilio, porque tradução em fórma não he para elle, veria que esta imagem tão natu-

ral de hum homem que sonha, e lhe parece abraçar hum espirito, foi despertada por outra analoga de Virgilio, quando nos representa o Pai Eneas Hypocrita, e velhaco, vendo no Inferno a alma da Rainha Dido.

Aut videt, aut vidisse putat per nubile lunam.

Como hum clarão que se mostra, e repentinamente foge, e se esconde por entre as sombras, sem jogar com elle as escondidas ridiculamente. Depois disto eu creio que o Senhor Pato terá ouvido dizer a muita gente, ainda que seja contra a opinião do Poeta Magrisso que só julga Poeta o Poeta Filinto, que Tasso he hum Poeta, hum grande Poeta, hum summo Poeta, que o Senhor Pato o não lêo nem ao menos na traducção em verso Portuguez de André Rodrigues de Matos, isso mostra o Senhor Pato, pois Senhor Pato, e aqui mostro eu o corpo caloso do seu cerebrinho, não perdendo de vista a anatomia comparada, se conhecesse Tasso, e soubesse que não he capaz de fazer jogar as escondidas aos seus Heroes, veria no Canto 14.° Oit. 6. a mesma imagem, aqui a tem:

Gli stendea poi com dolce amico affetto
Tre fiate le bracia al collo intorno;
E, tre fiate, in van cinta la imago
Fuggia, qual leve sogno, od aer vago.

Esta imagem que se quer abraçar, e que foge, e torna, he a alma de Ugon, mandada por Deos desde o Empireo a confortar, e a consolar Gotfredo no meio de hum grande trabalho, e perigo em que se via, declarando-lhe o mesmo Ugon, que era preciso mandar buscar Rainaldo para se acabar a empreza da conquista de Jerusalem. E então he isto hum jogo das escondidas ridiculo? Ridiculo he tudo quanto V. m. diz, ou em desaffogo do seu odio, ou em desabono do Oriente; V. m. não tem idéas, não tem lição, não tem nada, e com mais dois números fica até sem pennas. Não poder ser hum Espirito abraçado, e visto em sonhos, onde as imagens fogem, tornão, e se confundem, *não convém com o caracter daquelle Divino Mensageiro.* Então que queria, que mudasse de condição, e de essencia hum espirito, que fosse tangivel, e *agradavel* aos braços de hum mortal? Diz V. m que este Mensageiro he *absolutamente desnecessario.* Eu digo que esta he a maior entre as superfinas que V. m tem dito. He hum tormento para as minhas pulverisantes respostas não saber V. m. latim, porque não lhe posso citar as regras, ainda que lem-

brar-lhas he o mesmo que cantar aos surdos, ou aos finados. Horacio diz:

Nec Deus intersit nisi dignus vindice nodus.

Quando a laçada em a Epopea se não póde desatar naturalmente he preciso desata-la sobrenaturalmente. O Gama não podia evitar naturalmente o perigo em que estava de se perder, porque até o não conhecia. Não vê V. m. no seu impeccavel Camões Vasco da Gama engasgado em Mombaça, pedindo a Jesu Christo como livrára a S. Paulo, apparecerem as Nereidas a empurrarem com os peitos as naos para as tirarem dos cachopos, ou arrecifes em que derão? E não he natural em o Oriente, que o Infante D. Henrique implore, e traga o auxilio ao Capitão, perdido pelos enganos de Satanaz, que conforme V. m. diz he o Padre Baccho, Clerigo em Moçambique? O nó para se cortar aqui precisava de espada celestial; veio, e veio dignamente, e veio por quem naturalmente a devia trazer. Senhores Leitores, passemos da sala anatomica para a cozinha, isto que lhe dou he Pato com batatas, porque vai este pratinho com sua guarnição, e vejão Vv. mm. que molho eu lhe faria senão fosse o medo da Censura que me fez, e faz encolher as azas sem ser Pato, mas em fim

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do decimo nono Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 20.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Carta a hum amigo sobre o levantar-se tarde da cama. — Resposta á mesma Carta.

PArece-me, meu amigo, que sois feito de somno, quereis augmentar o número dos sete dormentes, e ser oitavo, e dormir mais que todos os sete! Não ouvis os Medicos que vos aconselhão a madrugada como proficua á saude, em quanto elles, depois de haverem jogado a Ronda até a huma hora da noite nas companhias em que são os arbitros, ou os tyrannos da conversação, e as chaves dos Gabinetes, dormem até ao meio dia, até que os acorde o tambor da morte... oh! marcha, tu vais povoar o Cemiterio!! Meu amigo, levantai-vos cedo, deixai dormir os Medicos, tomai-lhe o conselho — *surge, et ambula.* Salomão tambem vos diz: — Não ameis o somno para vos não opprimir a pobreza; quem dorme, dorme-lhe a fazenda. Na cama, não se adquire fama. O somno he a imagem da morte:

Que do somno tolhido hum corpo lasso
Dista apenas da morte hum breve passo.

Hum grande Filosofo Inglez, chamado Lord Mansfield costumava perguntar a todos os homens de huma prospera, e avançada idade, qual era o theor, e genero de vida, que lhes dava tanta robustez na decrepitude? Todos lhe respondião, que se costumavão levantar cedo. Levantai-vos, meu

amigo, levantai-vos quando parece, que a mesma natureza desperta, e se reanima; gozai dos primeiros raios da nascente Aurora, da frescura, e dos perfumes da manhã, gozai do grande quadro, e admirai a grande, e portentosa harmonia do Universo. Quem se deixa estar mettido na cama, voluntariamente se priva do mais risonho e pectaculo, perde o momento das grandes idéas, dos profundos pensamentos, e despreza as grandes aquisições da sua alma, que a vista das harmonias da natureza he mais elastica. Hum mancebo como vós, no vigor dos primeiros annos, e na flor da esplendida mocidade deve levantar-se cedo. Cedo surge o Astro de Venus, e a fresca Aurora, dizem os Poetas, com as faces de rosas, e as mãos de lirios, sempre precede o nascimento do Sol. Sois dotado de hum natural amavel, e prompto, he preciso aproveitallo, levantando-vos para contemplar o nascimento, e a magestosa subida do astro do dia: a vossa natural alegria anima tudo, não roubeis a vida á melhor porção, vinde gozar do campo, vereis que he mais agradavel a sua vista, em quanto nas plantas, e nas flores o Sol não séca as gotas transparentes do matutino orvalho....

Resposta.

Meu amigo; quereis que me levante cedo? Eu o não farei, só para não fazer a vontade aos Medicos; elles bem sabem o que mandão; para elles os defluxos adquiridos com o ar frio da manhã, são as minas dos Goiazes, e de Catapreta; com hum defluxo sabem muito bem pôr hum homem em marcha de huma constipação, e com a primeira receita em marcha de huma catarral, cujo tratamento dura hum anno, e no fim, Caldas, e na vinda... ah! esse negocio já não he com elles, he com o Thesoureiro, he com o Prioste da Freguezia! Quereis que me levante cedo, que vá comvosco ao campo, para gozar do espectaculo da natureza, para vos contar as boas novellas que eu sei, e que eu li? Isto me faz lembrar daquelle Francez que trouxe primeiro do Oriente os Contos Arabes, que todos começão com estas palavras: — Já que estais acordada, contai-me hum daquelles bonitos contos que sabeis. — Huma noite do mais rigido Inverno ouvio este Author bater furiosamente á porta, espantado, e sem ter tempo de se vestir, chegou á janella, esteve hum bocado, e não vio ninguem; tornou-

se a deitar, e dahi a nada ouvio bater com tal força que lhe pareceo que a porta hia dentro; torna outra vez á janella, com o corpo transido, e interiçado de nordeste que lhe gelava os tutanos dos ossos. Quem he, quem he? gritou muitas vezes, até que de hum grupo de rebuçados, ouvio sahir huma voz, que lhe dizia: — "Já que estais acordado, contai-me hum daquelles bonitos contos que sabeis.,, — "Não queirais, vos digo eu, turbar a pauza, e a tranquillidade da existencia.,, Carlos V. quando se fez Frade Bernardo no Mosteiro de S. Justo, se encarregou de tocar a matraca, e de chamar para Prima os Frades Coristas. Huma noite chegou até a puxar pelos pés a hum pobre rapaz que dormia até ao som da importuna matraca, e que lhe parecia sahir do Paraiso quando sahia das mantas; e impaciente com a impertinencia, lhe disse: — "Ainda V. Magestade não ficou contente, quando era Monarca, de ter perturbado o genero humano? ainda quer perturbar o repouso de hum pobre solitario que renunciou o mundo, seus tumultos, e rumores?,, Para que me fallais, meu amigo, de ir passear ao campo? A Aurora, as flores, os regatos, valem acaso o placido repouso de hum colchão fofo ás doçuras do somno, e os agradaveis sonhos que entrão de madrugada pela porta de marfim? Entre a multidão innumeravel de Genios que, segundo a Fabula, Jove creou para vigiarem na conservação do mortal, a sua mais perfeita obra foi o somno. "Vai, (lhe disse Jove) vai, Genio suavissimo, tu serás o valido, o favorito de todos os homens. Julgas acaso, que os risos, os jogos, e os prazeres agradão sempre? Ah! canção mais depressa que as fadigas, e os trabalhos. Depois de curtos, e rapidos instantes de huma doce embriaguez depois de agradaveis folias, a pezada indolencia, o tedio, a saciedade fazem desapparecer os prazeres, e tomão logo o seu lugar. Sabe, continuou Jove, que tu serás mais rico em delicias que todos os teus irmãos juntos. Tu apresentarás aos homens o corno em que repousão os sonhos, e derramando delle as tuas suaves dormideiras, serás amado do mundo inteiro, e invocado como o mais benefico dos Numes. Dormirão em teus sonhos as doces illusões, as mesmas Graças nelles depositárão estes filhos da tranquilla noite, e entre elles a constante esperança, que nunca os abandona. Derramarão sobre os mortaes o celeste orvalho que os cobre, enchello-hão de dulcissimas quimeras, que terão maiores delicias que a realidade, porque a

Deosa de Amatunta os mergulhou todos na Taça de Hebe. Os mortaes, atrahidos por ti com irresistivel encanto, se arrancárão do seio dos prazeres, para repousar em algumas horas em teus braços. Os grandes da terra invocarão a tua paz. Os Poetas cantarão o poder magico de teus lethargicos sucos, doce esquecimento de todos os cuidados. Tu és o mais affortunado de todos os Genios, a doce, e innocente belleza se entrega com delicia aos teus abraços; todas as suas graças, os seus encantos se offerecêrão ás tuas vistas. Tu ousarás penetrar no mysterioso asylo de seu casto repouso, e derramarás em seu rosto as frescas, e pudibundas rosas. Tocarás seus olhos com teus dedos de seda, e seus olhos no mesmo instante se affogarão em huma suave, odorifera, e transparente nuvem de vapor celeste; tu transportarás, ou levaras sua alma a Palacios encantados, onde escutará a Musica dos Numes, e em huma taça de ouro beberá o puro ether. ,, — Assim fallou Jove, ou assim dando eu ao tal Jove huma tintura de Poezia Oriental, faço fallar o Rei dos Numes. Parárão então os lamentos do somno, e se mudárão em transportes de alegria, e Jove lhe deo por esposa a mais moça, e delicada das tres Graças. Basta de Jove, passemos delle a Mafoma: este Mafoma em o Alcorão, tão destampado que parece huma Ode de Magrisso, quando diz que vai — *Dorsipennar melicadentes hymnos*, — promette aos Turcos os longos, e suaves somnos da madrugada, ainda lhes promette mais; diz aos Turcos que em hum angulo do seu Paraiso lhe dará hum lugar, onde tenhão hum leito com dois colchões em que peguem em hum leve, e placido somno depois de jantar; só não soube o ladrão de Mafoma receitar-lhes para este somno meio almude de Carcavelos, ou Moscatel!!! Não me arranqueis pois da cama, deixai-me dormir á minha vontade. Eu não conheço cousa mais nobre, e deliciosa do que a cama. Os antigos deitavão-se em leitos quando se punhão á meza em suas esplendidas cêas. Estes homens que matão, e se deixão matar no campo de batalha, dizem que morrem no leito da honra, e no leito da gloria; e eu vos fico, e asseguro que nunca trocará por estes grandes leitos a sua deliciosa cama.

J. A. D. M.

ARTIGO II.

CRITICA.

A Ridicula materia do Parallelo Critico-Analytico, &c., e o que Pato quizer chamar-lhe pede com effeito em sua refutação ridiculos preambulos, como até agora tenho feito, e com que o povo se tem espojado de riso, porque a depennação he tal, que apparecendo o couro ao Pato o deixava habil, e disposto para qualquer guizado: apezar da sua dureza vá hoje feito de *gigote*... não, vá assado, fação-no em quartos como quizerem. O caso he sério, e a Censura zanga-se com gracejos, e dicterios, e tem razão. Ouçamos a Pato a pag. 172 no principio da analyse do Canto 3.º

„ Pela vigilancia do Piloto Pedro d'Alemquer, vai na-
„ vegando prosperamente a Armada, cuja empreza mal
„ supporta o Diabo mais velho (*asneira com cheiro de*
„ *irreligiosidade*) e diz elle apostrofando para o Supremo
„ Creador na Oit. 7.

Creio que o quiz só lei *do* ignoto Fado
Que eu nas moradas dessa luz perdesse
Reino que eu tinha tanto ambicionado, &c.

„ Eis-ahi huma perfeita *originalidade* do Reverendo Epi-
„ co, fazer o Diabo Fatalista, e tão destemperadamente
„ admittir hum poder maior que o de Deos? *Cre que só*
„ *Lei do ignoto Fado quiz que perdesse o throno*....
„ Haverá mais completo *desvario*? Pelo menos ha ou-
„ tros que taes, porque continúa o *Diabo* na Oit. 10.

Foi minha a potestade, e minha a gloria,
Por seculos n'hum mundo, e independente,
Soberano, a meus pés tive a victoria,
Pude chamar-me, e ser omnipotente:
Não mais me atormentou triste memoria
Do Imperio que perdi no Ceo luzente.

„ O Diabo soberano independente, e omnipotente! O
„ Diabo imitador, e usurpador do poder de Deos! E is-
„ to diz hum Epico Theologo, e Pregador.... Demais
„ como póde conceber-se que o Diabo perdesse a memo-
„ ria dos bens celestes, se a nossa Religião nos ensina
„ que taes lembranças são hum dos seus maiores tormen-
„ tos?... Deixemos o Diabo, e tudo quanto em sua boca
„ pôz o Reverendo Epico, *porque tudo he peior que o Diabo.*

Ate aqui Pato, até aqui insulto, ou desaforo, ate aqui

ignorancia acompanhada de seu irmão gemeo, o atrevimento, assim escreve, quem prometteo fallar comedido para (segundo elle diz) me não imitar, e assim com estas regateiraes descomposturas se mostra a superioridade das *Divinas* Lusiadas. A primeira culpa, ou qualidade de Pato, he a perfidia; sempre inverte, transverte, e adultéra o que lá está, não o escrevendo como está escrito. Esta ma fe não dará a conhecer o Litterato, mas dá a conhecer o homem. Na Oit. apontada se lê — *De* ignoto Fado, e não como Pato escreve — *Do* ignoto Fado, que faz isto huma differença infinita, pois *Do* ignoto, se dá a conhecer do Fado, cujas leis se não conhecem, e isto seria Fatalismo; porém *De* ignoto Fado, designa = De Fado, sorte, destino, acontecimento que se não prevê, ou conhece antes de acontecer o successo. Em quanto a usar de *Fado* no sentido de ser disposição, destinação, que se vê nas cousas, e cuja execução ninguem anteriormente conhece sempre foi promettido, e o mesmo Santo Thomaz admitte nesse sentido esta expressão — *Fado*, e em Vieira a acharia Pato se tivesse alguma lição. O Diabo de Camões, ou o seu Jove que vem a ser o mesmo, porque *se se achasse só* com a filha Venus... he perfeito Fatalista quando diz — *Permittido lhe está do Eterno Fado.* Não duvidará Pato que *Fade* e *Destino* he a mesma cousa, e que por conseguinte que *Fadado*, e *destinado* he o mesmo, pois em S. Paulo achará esta expressão; Ep. I. aos de Cor. = Tanquam morti *destinatos.* Vamos por partes; que este guizado hoje pede mais adubos, vai assado, e seja lardeado. Ouça Pato as expressões que põe Milton na boca do Diabo *mais velho*, já que lhe sabe tanto da genealogia. Canto 1.° do Paraiso — Falla o Diabo aos outros Diabos como elle. —

Numes dos Ceos, Poderes, e Dominios
(Eu não dou por perdido o Ceo luzente)
Mais gloriosos, inda mais temidos
Te depois de cahir, pois desta queda
Surgindo, mostrarão força celeste,
Seguros sem temer *do Fado a força*...
Foi reparada em fim tamanha perda;
Muito mais fixo me assentei n'hum throno,
Não invejado, não, mas salvo, e firme...
Agora com ventage', e fé segura
Com maior união, maior concordia
Que quanta possa haver nos Ceos, tornemos
A vingar a porção, e herança antiga... &c.

Que diz a isto, Senhor Pato? Que ha de dizer, que Milton sem ser o *Reverendo Epico*, *o Theologo*, *o Pregador*, pôde pôr na boca do seu Diabo estas, e outras que taes, e nenhum Pato de Inglaterra arguio Milton de fazer fallar assim o Diabo; porque na boca do Diabo para lhe conservar o caracter, ou para guardar o *costume*, como se explicão as Poeticas, não se hão de pôr senão mentiras, e blasfemias. O Arcebispo Newton, o melhor Commentador de Milton, e por cujos Commentarios os mesmos Inglezes de hoje aprendem a entender o mui tenebroso Milton em seu antigo estylo, que tambem por lá havia dos nossos Filintos, Magrissos, e quatrocentistas, approva, e louva esta enfiada de destemperos, e blasfemias na boca do Diabo, pai da mentira. V. m., Senhor Pato, com manifesta improbidade, não só altera o texto do Poema Oriente, mas argue-me a mim das mentiras que o Diabo diz; e muito mais fallando aos outros Diabos, a quem propunha huma acção, devia mostrar-lhes que elles tinhão hum grande Reino, e que devião deixar de se atormentar com a memoria do antigo, e perdido, como elle fazia, ainda que na verdade experimentasse o contrario. Chamar-se Soberano no mundo, e independente, era manifestar-se qual tinha sido antes do Mysterio da Encarnação do Verbo Eterno; o mundo idólatra era escravo do Diabo, e elle era Soberano, e Principe; e repare V. m. para se callar com os seus despropositos em materia de Religião, que lhe perdôa por ignorante, que quem o diz não he o Author do Oriente, he Jesu Christo nosso Redemptor, e Senhor nosso, que he a suprema verdade. Abra bem esses olhos, que tão deslumbrados, ou anuviados lhos tem feito o rancor, e a inveja. —

Nunc Princeps hujus Mundi ejicietur foras.

Agora será expulso do Mundo o Principe deste Mundo. — Eis-aqui o Oraculo de immortal verdade, que he o substracto dos versos na Oit. 10.

Foi minha a potestade, e minha a gloria,
Por seculos n'hum mundo; *e independente*
Soberano, a meus pes tive a victoria,
Pude chamar-me, e ser Omnipotente.

Agora veja, e veja bem, se com as pennas se lhe não arrancarem tambem os olhos a Milton, e a Macedo, para fazerem a pintura do seu Diabo, ou para imaginarem hum, e outro a notavel Prosopopéa, que se V. m. tivesse juizo de comparar, veria onde estava a preferencia; mas na segun-

da, e preparada Edição do Oriente (porque eu nem *bebo*, nem durm)...) verá citadas, e transcritas as passagens analogas de todos os Poetas. Peça V. m. a alguem que lhe mostre, como costuma, a traducção da Biblia pelo P. Antonio Pereira, e peça mais que lhe mostrem onde fica o Profeta Isaias, e que lhe busquem os Capitulos 13 e 14. — *Qui dicebas in corde tuo, in cœlum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum. — Ascendem super altitudinem nubium, sedebo in monte Testamenti in lateribus Aquilonis. Ascendam super altitudinem nubium*, similis ero Altissimo.,, — Tu dizias em teu coração, subirei ao Ceo, exaltarei o meu solio sobre os Astros do mesmo Deos, sentar-me-hei no monte do Testamento ao lado do Norte. Transporei a altura das nuvens, *serei semelhante ao Altissimo.* Senhor Pato, (seja isto, ou nome, ou cousa) quem diz que será semelhante ao Altissimo he o Diabo, e quem diz que he semelhante ao Altissimo entende por semelhança a identidade da Essencia, e dos Atributos, logo, póde dizer com blasfemia, propria, e digna do Diabo: — Serei sempiterno, independente, omnipotente, porque estes atributos são inseparaveis da Essencia Divina. V. m. finge não entender qual seja a referencia, e qual o objecto destas expressões na boca do Diabo, d'esse *seu Diabo mais velho.* Antes que Jesu Christo o expulsasse do mundo, ou terra que habitamos, e antes da propagação do Evangelho era nella geral, e seguida a Idolatria verdadeiro Imperio do Diabo, e nisto verá o Senhor Pato como o Diabo era Dominador universal da terra, e senão fosse tão embrulhador, transcreveria toda a tirada das Oitavas. Sua mercê para me criticar a mim, até quer que o Diabo não minta, para me provar isto lhe faltárão, e faltarão a sua mercê as provas. O Oriente não he como a sua Ode Pindarica, onde

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigesimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 21.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

A maior parte dos effeitos das paixões ou são equivocos, ou contraditorios.

ENtre os effeitos naturaes, não ha cousa tão impenetravel como a interna commoção que nasce muitas vezes da contrariedade das paixões. A alegria, e a melancolia, se fazem sentir ao mesmo tempo, e o que he mais, por motivo, ou o occasião de hum mesmo objecto. Hum marido chora muitas vezes a morte de sua mulher, e he tal a simultanea alegria que sente no coração, que choraria ainda mais se a visse resuscitar. Sente alguns toques de tristeza quando vê armar a casa, conserva ainda huma demão de ternura, e de piedade, assim como huns fumos que se apresentão á sua imaginação, expremem-se-lhe dos olhos algumas lagrimas; ao mesmo tempo sente dentro d'alma hum secreto prazer; e a commoção desta alegria tem tanto poder, que a tristeza, e as lagrimas que a acompanhão não lhe podem diminuir os gráos da força que conserva. Na morte de sogra ainda isto he mais sensivel, e patente. — Não sómente a alegria, e a melancolia nascem em nossa alma por occasião de hum mesmo objecto; mas somos tão caprichosos, ou extravagantes, que buscamos o prazer no seio da mesma dôr. Hum coração

afflicto he de alguma sorte o idólatra do seu tormento, tanto quanto o costuma ser hum coração alegre, e satisfeito do objecto dos seus prazeres. Experimentão-se certos contentamentos, certas doçuras em accrescentar a propria dôr com as proprias reflexões, mostra-se a mesma ancia em a contar, que mostraria outro que se julga feliz em dar a conhecer aos outros a sua fortuna. Muitas vezes até procuramos a afflicção até ao ponto de derramar lagrimas. Quanto maior dôr nos inspira a leitura das grandes catastrofes, ou sua representação em hum theatro, tanto maior he o prazer que então sentimos. Esta inexplicavel contrariedade que sentimos em nós mesmos a respeito da melancolia, e da alegria estende-se tambem ao amor, e ao odio, que não só experimentamos simultaneamente, mas a respeito de hum mesmo objecto. Os que se chamão amantes, prodigiosos, e attendiveis mentecaptos, sentem de hora a hora o embate destes contrarios affectos pelas suas respectivas mentecaptas. " Eu te amo, dizia Catullo (com effeito, podia-se-lhe mudar o *u* em *ô*) eu te amo, e eu te aborreço; tu, mulher do Diabo, não terás jámais a minha benevolencia, mas tambem não deixarás de ter o meu amor. ,, E então, não erão bem mudadas as Letras? Marcial tambem Poeta, e outro que tal, exprime-se da mesma maneira: — " Tu es a causa do meu prazer, e das minhas penas, não posso viver comtigo, nem sem ti. ,, A mesma extravagancia reina nos sentidos. A imaginação da dôr he como hum alimento do prazer. As mais deliciosas sensações não se pódem exprimir senão com as idéas da afflicção, e dôr, e as lagrimas são hum sinal muito equivoco de tristeza, e de alegria.

Sendo as paixões tão extravagantes, quasi sempre são rebeldes, e se apparecem grandes, são tão violentas, que se não deixão vencer da reflexão? Alexandre sentio hum vivo desgosto quando ouvio dizer á Anaxarco, que era possivel, e muito verosimil que houvessem mais mundos em a Natureza. Solimão 2.° sahio-se com esta maxima de Politica: — " que assim como não havia se não hum Deos no Ceo, era conveniente, e justo que não houvesse mais que hum Monarca na terra. ,, A mais de hum Solimão se assentou esta maxima na vontade, sahio-lhe o gado mosqueiro!!! Nunca a ambição se contenta, ainda que todas as outras paixões se satisfação. Mário, que nasceo po-

bre, e na mais obscura condição, não se podia contentar nem das immensas riquezas que havia adquirido, e que bastarião a grandes Principes, nem de dois triunfos, nem de sete Consulados, honras não conseguidas por nenhum Romano antes delle. Sentia o coração tão vazio depois de haver alcançado tantas cousas, como póde sentir aquelle que não alcançou nenhuma. Não se dava paz, não podia socegar na idade de setenta annos, vendo que outro em seu lugar hia fazer guerra a Mithridates. Queria acabar a sua velhice na Asia para a conquistar, e tinha a alma tão cheia desta idéa, que nos tresvarios da ultima doença, tão atormentado della se vio, que morreo batendo-se effectivamente em sonhos contra Mithridates. Crasso julgava-se, ou reputava-se o ultimo dos homens, porque os Romanos o julgavão inferior a dois só, isto he, a Cezar, e a Pompeo. Cezar passando por huma pequena Aldêa entre os rochedos dos Alpes, hum dos que o acompanhavão lhe disse por motejo: " Cezar, haverá quem dispute, ou quem aspire ao lugar de Juiz de Fóra desta povoação? ,, Não digas isso por graça, lhe respondeo Cezar, que eu antes quereria ser o primeiro nesta Aldêa, que o segundo em Roma. Sapor, Rei da Persia, tomava o titulo de Rei dos Reis, d'Astro luminoso, de Irmão do Sol, e da Lua; outro tanto nos contou aqui la Garde na sua eloquente Gazeta que chamavão os Turcos, e os Chinas a Bonaparte; e eu admirei os progressos que a Astronomia tem feito entre os Turcos, pois chamavão a Bonaparte — Estrella de Jupiter. O Cardeal de Richelieu revolvia de continuo na cabeça o projecto de ser o Patriarca das Gallias, ou o Eleitor de Treveris, ou o Regente do Reino, e com effeito, em huma sua casa de campo em Bois-le-Viscomte se achou hum chapéo de Cardeal, cujos cordões atavão, e prendião huma Tiara Pontificia, e huma Coroa Real com esta legenda — *Devinciet ambas.* Nunca a ambição pôde ser mãi de acções generosas, foi sempre a origem, e causa de hum sem número de delictos, he tão temeraria, e tem tão pouco rebuço, que não conhece nem os primeiros principios da Justiça. Cezar assoalhava esta maxima tirada de huma Tragedia Grega: — " Que he permittido ser injusto, quando se trata de reinar: ,, até Bonaparte o será com os ratos, e agriões de Santa Helena, se o Capitão quadrilheiro o deixar só hum unico instante. Livia era tão ambiciosa que foi a causa da

morte de Marcello, de Caio, e de Lucio sobrinhos de Augusto, do desterro de Agrippa, da morte do mesmo Augusto, e finalmente da morte de Germanico, victimas consagradas ao engrandecimento de Tiberio, que nunca teve por ella sentimento algum de estima, antes sim de horror, e desconfiança. A ambição de Agrippina, e o desejo de elevar a Nero foi causa da morte que este monstruoso filho lhe deo. O mesmo desejo de fazer bem aos homens, e o amor da Patria, podem fazer nascer a ambição no coração mais virtuoso. Seneca compara as conquistas de Filippe, de Alexandre, e de outros Conquistadores injustos ás ruinas que causão as torrentes, e aos estragos que fazem os incendios. Platão nos livros de sua fantastica Républica constitue na mesma linha a ambição, e a avareza, e a ambas chama paixões vergonhosas. Se se desse a terra, e o mundo inteiro ao homem avarento, roido sempre da mesma molestia, até se roubaria a si mesmo, e se privaria de todas as cousas para deixar algumas de reserva, e augmentar o seu thesouro. Nenhuma consideração, nenhum respeito podem refrear a avareza. Vespaziano achava honestos todos os meios de ajuntar riquezas. Não ha hum só avarento que não anteponha o ouro á virtude. Não ha especie mais extravagante de avarentos que a dos jogadores, porque tanto se occupa em ajuntar dinheiro, como em o espalhar, e perder. Não ha furor mais violento (exceptuando sempre a mania dos versos) que o do jogo: Tacito no livro dos costumes dos Alemães diz, que até chegavão a jogar a liberdade individual, e a propria vida. Tanto basta para nos persuadirmos que cada huma das paixões, são huns movimentos da alma tumultuosos, encontrados, contraditorios, e quasi sempre inexplicaveis, e que o homem será sempre hum enigma indecifravel para o mesmo homem.

ARTIGO II.

CRITICA.

DOnde veio a Pedro fallar gallego? Posso eu, e podem todos dizer ao Senhor Pato, vendo-o feito Astronomo. A pag. 120, e seguintes do *judicioso* Parallelo analytico, &c. he tão fecunda nas de grosso calibre, que eu me vejo suspenso donde começarei a promettida, e executada depennação. Neste lugar não necessita o Pato da arte do Pasteleiro, a si mesmo se prepara, e se offerece guizado de tal maneira, que não temos mais que ir a elle. Ouçamo-lo na dita pag 120... Ora todos devem dizer, onde fica o Parallelo do Oriente com as *Divinaes* Lusiadas? Não foi isto o que este homem prometteo? He possivel que chame parallelo a huma palavra notada aqui outra alli? A huma passagem apontada á tôa, sem lhe oppôr, e lhe comparar outra analoga, e semelhante de Camões para se conhecer donde fica a superioridade, e primazia? Que quiz este Pato? Quiz ser depennado como todos dizem, e todos o querem impreterivelmente no Sabbado, porque lhe fica mais tenro para o Domingo. Pois ahi o tem, e com arroz, porque as ervilhas acabarão-se.

,, Vejamos a Oit. 13. do 1.° Canto.

,, Na immensa estancia além do Firmamento,
,, Tanto dos Astros, e dos Soes distante,
,, Quanto remoto do Tartareo assento,
,, Urano vai no circulo brilhante:
,, Sobre base immortal tem fundamento,
,, (Ponto central da creação) radiante
,, O Solio Eterno da Divina Essencia
,, Sentida, e ignota a humana intelligencia.

,, He hum abuso, e hum erro de terminologia o dizer ,, *dos Astros, e dos Soes*: o Sol tambem he astro, pois ,, que Astros se dizem todos os orbes luminosos; assim ,, chamamos ao Sol *Astro do dia*, á Lua *Astro da noite*, e hum Cometa *Astro errante*; e nós distinguimos ,, os Astros por seus nomes proprios, nem se podem dizer *Soes* senão tomando-os collectivamente.

Ora na verdade não cuidei que tinhamos cá hum Cassini, hum Halley, e hum la Place desta abotuadura (la Pla-

ce empalmado ahi appareceo em Portuguez, e cuidárão alguns que era original.) Vamos seguindo os vôos de Pato até ás estrellas, e não me digão que eu persigo o homem até ao inferno. Diz Pato, ou alguem por elle, que Astros se dizem todos os orbes luminosos, por esta Definição da meza dos Definidores, temos a certeza de que os que não são *luminosos* não são Astros. Aqui se podia interpôr hum recurso contra o Definitorio da meza das parras, vulgo Botequim, mas eu não quero demandas, vamos ver se nos compomos. Logo por esta Definição a terra não he Astro, não he Astro a Lua, nem o são Mercurio, nem Venus, nem Marte, nem Jupiter, nem Saturno, nem as suas cinco Luas, nem as quatro de Jupiter, não he Astro Urano, não o será Hercules, nem o serão os que se vão descobrindo em o nosso systema solar, porque nenhum delles he luminoso, todos são opácos como a terra, pois ella, e os mais que andão, segundo Copernico, á roda do Sol, recebem a luz do Sol. Ora não era melhor calar-se, que dizer destas, Senhor Critico? V. m. cuida que por ter tirado Jasão da Italia póde escrever o que quizer? He verdade que V. m. tem muito genio, e sabe a primeira entrada das Mathematicas puras que he a Arithmetica, e he o unico homem da terra que metteo a Taboada em versos, como bem nos fez admirar naquelle seu bem conhecido

Gyros de Febo *cinco vezes nove.*

Mas Astronomo certamente o não he. Saiba que Astros são todos os orbes luminosos, e opacos espalhados pela mão do Omnipotente no indefinito espaço da creação. A palavra *Sol* he que sempre por si mesmo nos designa hum Astro luminoso, e tanto ao Astro que nos dá a luz no nosso Systema Planetario, como ás Estrellas chamadas fixas que de si são luminosas compete o nome *de Sol*, porque o termo *Astros* designa todos em geral, e *Soes* designa em particular os luminosos. Eu me explico ainda mais. Como he licito em Poezia seguir, e abraçar o verosimil, pois parece que o verosimil he o verdadeiro Imperio da Poezia, e lembrando-me das novas opiniões Astronomicas delicadamente seguidas por Fontenelle no Livro da Pluralidade dos Mundos, suppuz, e talvez sejão, as Estrellas fixas outros tantos Soes semelhantes ao nosso, e Soes que não brilhem ociosos só para enfeitarem o Quadro da noite, mas que sejão centros de muitos Astros, que em torno delles gyrem, e que opacos, como são os que

andão á roda do nosso Sol, recebão tambem dos seus respectivos Soes centraes as luzes que o nosso Planeta, ou Astro, que se chama Terra, recebe deste Sol que he o centro do nosso systema; eis-aqui porque juntei os dois termos sem erro, como aqui notou o seu accessor de *terminologia* de *Soes*, e *Astros*. Soes os centros, Astros os opacos a quem elles dão luzes.

V. m. com a sua conhecida urbanidade, e promettida moderação, (e queixão-se de mim!) chama a esta Oitava — *Aranzel*, e *cabos* de palavras, sahindo-se depois com esta, que he das suas costumadas. —

„ Se o Solio da Divina Essencia he ponto central da
„ creação, segue-se que ha innumeraveis cousas creadas
„ que estão colocadas superiormente ao Solio da Divina
„ Essencia, ou pelo menos em plano igual, o que he
„ hum absurdo, porque nunca o podemos imaginar se não
„ superior a tudo até nos perdermos no infinito. —

Mettamos a escumadeira neste arroz para senão pegar, o Pato cada vez está mais duro. Diga-me, Senhor Pato, quem está em cima do Solio, não he Deos? E Deos com a sua immensidade, não occupará acima do Solio hum espaço infinito, como se deve considerar por qualquer lado a sua immensidade? E não se deve entender assim aquelle pensamento, que Braz Pascal roubou a Santo Agostinho, e antes de Braz Pascal, ou ao mesmo tempo tambem entre nós Antonio Vieira no Sermão da Senhora do O: Que Deos he hum circulo, cujo centro está em toda a parte, e cuja circumferencia está em parte nenhuma. Ora podendo Patos, e Gallos existir na mesma capoeira, ouvindo sempre Pato cantar o Gallo, nunca sabe aonde. Eu creio que a Santa Biblia não dirá hum *absurdo* como quer Pato, quando Isaias diz, Cap. 6. ℣. 2. *Seraphim stabant super illud*: que os Serafins estavão sobre elle, isto he, sobre o Throno, ou Solio da Divina Essencia, ou Deos, que o mesmo Profeta no antecedente diz que vira sentado sobre hum Solio excelso, e levantado — *Super Solium excelsum et elevatum*. Acabemos de huma vez de conhecer Pato, que certamente he Ave exotica, e de arribação. Esta oitava 13 do Oriente, pelo que elle escreve, e diz, he de tal diametro, ou calibre que nem goella de Pato a engole, fazendo tal salgalhada com contas Astronomicas seguindo o ridiculo systema de Ptolomeo com ceos sobre ceos, como o *sobre*

cco de Lisia do Poeta Magrisso, que não ha quem o entenda para assignalar o lugar do Solio Eterno, que eu ponho, (para nos explicarmos de modo humano) tão distante dos Astros, como Urano, que he hum Astro remotissimo do centro da Terra, onde se suppõe o Inferno: são dois termos comparativos. Saiba de huma vez que he como a Oit.7. do 1.º Canto da Jerusalem do Grande Tasso, que sabia mui bem que Poezia he huma cousa, e o rigor Astronomico he outra.

Quando da l'alto Soglio il Padre Eterno,
Ch'è nella parte piu del Ciel sincera,
E quanto è dalle stelle al basso inferno,
Tanto è piu in su de la stellata sfera.

Em Portuguez.

Quando do alto Solio o Padre Eterno,
Qu' está do Ceo na parte mais sincera,
E quanto das estrellas dista o Inferno
Tanto se eleva da estrellada Esfera. —

Se neste sabbado se acabassem os seis mezes, acabava a depennação grossa. A' vista disto não ha mais que dizer, e se o não crê, então

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigesimo primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 22.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

A Amizade.

A Amizade he hum dos bens mais preciosos que forão concedidos aos mortaes, e de que podemos gozar entre as amarguras da existencia. Poz a Natureza o antidoto junto aos venenos, e a par de huma planta peçonhenta, brota outra profiqua, e saudavel. Adoça a amizade os males da vida, e não seria próvida a Natureza se havendo sido origem de tantos pezares, lhe não désse este desaffogo. Ha tres qualidades de união, á qual se dá de ordinario o nome de amizade; isto he, uniões fundadas sobre o interesse, sobre o prazer, e sobre a virtude. As duas primeiras nascem da prosperidade, e com a prosperidade acabão; a ultima porque he fundada sobre a virtude só merece o nome de amizade. Hum Filosofo velho, que vale cincoenta e tantos Filosofos novos, chamado Aristoteles, define excellentemente a amizade, huma só alma que habita em dois corpos. Com effeito a verdadeira amizade não se encontra senão entre homens de bem; a primeira vantagem que della resulta he a de reprehender os defeitos do amigo, sem o lisonjear nem muito, nem pouco. Hum dos sete Sabios da Grecia, (neste ponto hum solemne mentecapto) chamado Biante aconselhava seus discipulos que se conduzissem na amizade com a precaução de hum homem que

póde chegar hum dia em que passe da amizade ao odio. Cicero considera esta maxima como o veneno da amizade, e rejeita huma desconfiança tão odiosa como incompativel com a doçura desta união. Ainda que a amizade se ache rarissimas vezes entre os Soberanos, tem havido muitos que gozárão de hum bem que parece concordar pouco com a magestade de hum Throno. Cyro excedia todos os seus amigos em todos os deveres da amizade a mais delicada, e attenciosa. Plinio louva Trajano, porque tinha amigos, e porque tinha no coração os verdadeiros sentimentos da amizade. Alexandre Magno em hum dia em que não estava bebado, porque tambem nisto era Magno, fez huma visita a Sesigambis, Mái de Dario, a velha se prostrou aos pés de Efestião, que hia diante de Alexandre, cuidando pelo lugar, altura, tamanho, e gordura, que era Alexandre. Levantou a velha do chão, e lhe fez ver que se enganava, mostrando lhe Alexandre, que era da marca de Judas, e Alexandre lhe tornou com tom de Alexandre: — "Rainha, não te enganaste, Efestião he outro Alexandre.,, Se a Tarasca Mái de Bonaparte fizesse isto a algum daquelles Generaes de nome impronunciavel pelas suas letras consoantes, que hião adiante de outro maior Alexandre, e este a fizesse levantar com hum páo, fazia huma acção digna de Alexandre. Seja a amizade qual for, nunca o amigo deve confiar o seu intimo segredo a outro amigo. O Filosofo Montagne (nisto asneou) he de opinião contraria, e diz que se póde sem perjurio communicar ao amigo o segredo que hum terceiro lhe communicasse, porque o amigo he outro eu. Não he licito ao homem dispôr daquillo que lhe não pertence, e que não he privativamente seu. Eu ignoro o que me foi confiado pelas leis do segredo, e não devo por isto augmentar os accidentes que o podem revelar. Aquelle outro eu, ainda que esteja seguro na sua amizade, não poderá hum dia temer huma solemne, e superlativa bebedeira? Se eu por impossivel fosse amigo de hum Medico nunca lhe descobriria que estava doente, pelo grande perigo de entrar eu em delirio, e chupar-lhe, e engolir-lhe huma receita que elle pilhando-me assim, me embutiria. Não he trahir os deveres da amizade occultar aquillo que eu quereria occultar a mim mesmo, aquillo que unicamente sei por huma indispensavel necessidade, e com o empenho de hum conhecimento unico, e não communicavel a pessoa alguma. Santo Ambrozio, que tinha muito juizo, diz de Sátyro, seu irmão, em huma elo-

quente oração fúnebre. — Nós não tinhamos mais que hum espirito, e huma vontade, tudo era commum entre nós, excepto o segredo. —

Crê-se de ordinario, que á semelhança do humor, ou da compleição, e do caracter seja a disposição mais propria para fazer nascer a amizade, e tornalla duradoura Sacy no Tratado da amizade julga o contrario, e diz que a diversidade das compleições, e o contraste dos caractéres contribúem muito para produzir, e conservar a amizade. Os dois Filologos Cazaubono, e José Cezar Escaligero nos derão o exemplo de huma particular amizade, a qual começou entre elles, e durou até ao fim da vida sem se verem, e se fallarem jámais. Luciano observou que entre os Scythas não era menor infidelidade em hum homem dividir a sua amizade, do que fosse em huma mulher faltar á fidelidade a seu marido, ou ao seu amante. Mas as doçuras da amizade devem ser isentas do veneno do ciume, e tambem he hum sentimento digno da amizade desejar que hum bem mui precioso se multiplique para vantagem, e satisfação do nosso amigo. Eudamîdas de Corintho fez hum testamento (nenhum dos nossos Testamenteiros, que com elles temos visto crescer, e engordar a olho, quereria ser o seu executor) em que deixava a hum amigo o legado, e a incumbencia de lhe sustentar sua Mãi, a outro o de dotar, e casar sua filha, e morrendo Cariceno que era hum dos Legatarios, cinco dias depois de Eudamîdas, a substituição passou a favor de Aretêas, que não possuindo mais que cinco talentos os repartio logo entre a filha do defunto, e huma filha sua, dando a cada huma dois talentos e meio, e casando-as a ambas no mesmo dia; (hião bem aviados ambos os noivos com mulheres de talentos, não lhes faltaria que aturar!) seria difficil decidir de que parte houvera maior generosidade, da parte do Testador pela sua confiança, ou da parte dos Legatarios na fidelidade em cumprir as clausulas do extravagante testamento.

Reflexões Filosoficas, e prudenciaes sobre alguns remedios Medicos.

Por acaso, e não por necessidade, tenho hido a todos os lugares deste Reino, onde ha aguas thermaes. Vi os banhos de Monchique, os do Gerez, os de S. Pedro do Sul, os dos Cucos, os das Caldas da Rainha, os do Vimeiro, os do Es-

toril : passei por todos os sitios onde dizem que ha aguas ferreas, que eu vi, e não bebi, muito bem claras, as de Punhete, as de Val de Paraiso, as da Venda-seca, as da Cabeça de Monteachique, e finalmente todas essas poças, e vertentes, onde os Medicos dizem que se encontra ferro nas aguas: eu ainda não vi lá Medico algum (com estes dois olhos que tenho, que olhão com particular affecto para os Medicos), a fazer uso das taes aguas, nem para as beber, nem para se banhar. Creio que todos os habitantes de Lisboa sabem que cousa sejão as Barcas dos banhos, (minas de patifarias) creio que todos terão passado pela praia da Junqueira, e Santa Apolonia, e que terão pasmado de vêr aquelle sem número de cabecinhas humanas machas, e femeas que aboião fóra da agua como cortiças de rede sardinheira; ora sejão todos sinceros, e fação-me o favor de me dizer se entre tantas cabecinhas vírão já a cabecinha de hum Medico? Consultem-nos, não ouvirão daquellas bocas oraculosas, mais do que estas palavras: — Tome *agua* de soda, *agua* de Pyrmont, *agua* de Spa, *agua* de Baz; tome *agua* da venda, *agua* da cabeça, *agua* das Caldas. Vou a casa dos Medicos, e vejo que a agua que tomão ao jantar, e á cêa, he agua de Carcavelos, agua de Lavradio, agua de Mação, agua de Chipre, agua de Constança, agua de Bordeos, agua do Porto, agua da Chamusca, e agua de Moscatel de Setubal, que he remedio heroico! Mas agua em agua, isso ninguem vio ainda tomar aos Medicos, apenas algum triste Cirurgião que não for Operatorio. Tenho cincoenta e hum annos, eu não vi ainda morrer senão dois Medicos, hum a S. Tiago, outro no Cardal da Graça. Como hão de morrer se ninguem os vio ainda tomar banhos? Com a Hygiene do tinto, palhete, e branco, e com a minha colher de mel, eu assento ser immortal!!!

ARTIGO II.

CRITICA.

SE ha geléa de gallinha, porque não ha de haver geléa de Pato se elle mesmo se apura, e se reduz a huma quinta essencia.... de.... eu usarei da palavra com que elle me honra nesta pagina, de *destemperos*, e como acaba a mesma pagina do Livro, de delirios do *entendimento humano*, que este he o cumprimento da promessa de me não imitar, mas de escrever com moderação, e decencia. Quanto mais volvo, e revolvo o Livro de Pato, tanto maiores motivos encontro de continuar mais anno e meio o Espectador. Todos conhecem, para continuarmos com a metafora, a difficuldade da total depennação de hum Pato, porque ainda depois de se lhe arrancarem as pennas todas, he tal, e tanta a nojenta penugem, que he preciso hum grande papel queimado para se lhe descobrir a pelle limpa, e purificada. Deixemo-nos de imagens. Na verdade custa muito a crer que Pato seja homem, e o que mais he, homem critico, e Poeta, capaz de ajuizar de Poemas Epicos, cuja definição não saberia dar se fosse interrogado. Andou na Escola, e trabalhou para o Theatro, lêo Bocage chamado o Grão, como diz modernamente hum quarto de papel, onde se falla, e bem, da grande gala do monte... Ora todas estas memorias historicas que eu aqui offereço para a Chronica Patense, não explicão tanto, nem dão tanto a conhecer o homem do parallelo, como as obras do homem do parallelo, e como elle, e elles fazem obras de quartos de papel todos elles *aguardanapados* em hum destes assim chamados, vejo eu estas palavras: — Para se distribuir a 4 de Junho no Theatro Nacional da rua dos Condes nos faustos annos de S. M. B. Soneto. — Neste papel aguardanapado estão estes dois..... eu não sei o que lhe hei de chamar.... he o que ahi está.

„ Jove nem sempre empunha justiçoso
„ Para punir a Bonaparte iroso...

Pois ha hum homem que faz destes versos, me dirão a mim os leitores, e chama-se Pato? Isso nem Marreco!! Pois Senhores, isto nada he, se vos admirais ainda lá vem mais! Quer este homem no mesmo aguardanapado, dizer que outro homem tinha de idade setenta e tres annos, e co-

mo elle, segundo eu já disse, embirrou em metter a Taboada em versos, idéa communicada por Magrisso na sua Epistola a Zero — diz assim na regra déz do mesmo aguardanapado:

— Sobre déz vezes sete, outras tres vezes. —

Mostrei isto a hum homem tamanho Arithmetico, que he capaz de ser Guarda-Livros do mesmo Salomão Moysés Viviani, Judeo quebrado com trinta milhões, para lhe endireitar as contas, e fazello passar por Judeo quebrado de boa fé, depois de immensas voltas, mostrou liquidos, e saldos por esta conta no homem de quem se dizia tinha 73 annos, 280 annos bem puchados: isto, lhe disse eu, nem o Encuberto, de quem tão *descubertamente* falla o Pretinho do Japão!! Sim, Senhor, tornou elle 280, porque déz vezes sete, setenta, agora sobre déz vezes sete, tres vezes mais déz vezes sete, são duzentos e oitenta, como reza o verso — sobre déz vezes sete, outras tres vezes. — Ora á vista da conta corrente apresentada, e apresentavel, e conhecida desta guisa a sua natural capacidade, que diz elle, ou que dirá elle do Poema Oriente? Isso veremos nós. Ahi está o Livro, abra-se o Livro; abrio-se, e vazou-se o Livro pag. 129. —

„ Diz na Oit. 21 que *desce o Anjo*: não notemos miu-
„ dezas, nem nos detenhamos com o traje em que o re-
„ presenta, por maneira que parece huma Venus, com o
„ cinto das tres Graças, ou césto, que lhe deo Home-
„ ro, pois que na Oit. 23. —

„ Materia ignóta de huma luz mais pura
„ Que a luz refracta em sólido diamante,
„ Atada ao peito vem, e a traz segura
„ De aljofrado Listão roseo, e brilhante.

„ Não reparemos em que na mesma Oit.

„ Qual os raios do Sol nascente, e bello
„ Cahe-lhe em aneis nos hombros o cabello.

„ Porque assim succede a muita criança lourinha....; Confesso a verdade, que, ao lêr taes jumentices, me indignei tanto, que se fosse licito, ou possivel me desnaturalisava de Portugal! Chega a tanto a tolerancia Typografica, que se deixe assim enxovalhar o suor do homem quieto, patriota, honrado, e applicado! Dou hum vestido de luz ao Anjo mandado a ElRei D. Manoel, representando-o vestido como os representou Miguel Angelo, e os Pintores da sua Escola, e ainda vemos nos quadros de Vasco, e de

Diogo de Reinoso, e este vestido aereo, transparente, luzido, e brilhante he chamado a cintura de Venus núa, e ciúa, onde a extravagante fantazia de Homero pinta trinta desaforos, e mil poucas-vergonhas, e depois da pomposa imagem, diz que he huma *criancinha lourinha*, e está feita a critica do Poema pelo Poeta-Arithmetico, que para dar 73 annos a Jorge dá-lhe 280! Eu não sei como se deva responder a isto, que por si mesmo se mostra, tão frivolo, tão nojento, tão Pato, que se a Pomba de Ozeas não tinha coração, este não tem miolo. Fação-me favor de me mostrar no vestido do Anjo a cintura de Venus com as tres Graças Isto he pouco: ouçamos a maior de todas as extravagancias com que dirão todos que fica o Pato depennado, e feita a Anatomia do cerebro patal.

„ Notemos porém huma contradicção: diz na Oit. 21.

„ E o Sol com mais clarão, mais vivo ardia,
„ Quando a par delle o Espirito descia.

„ porém diz na Oit. 25.

„ E parece ao clarão que o corpo entorna.
„ Que o Sol ao tempo antecipado torna.

„ Ora isto he o que se chama ser verdadeiramente Ori-
„ ginal. O Sol arde com mais clarão, porque o corpo
„ entorna clarão. E de quem he o corpo? De hum An-
„ jo da primeira Jerarquia. Parece incrivel! Mas tal pen-
„ samento, tal frase!

Não se póde fazer idéa justa, clara, e distincta desta reflectida perfidia, sem se advertir que a primeira Oit. citada, he 21, e a segunda, he 25, medêão quatro Oit. entre 21, e 25. Na Oit. 21 falla-se na passagem do Anjo junto ao Sol, onde produz hum effeito contrario áquelle de que se lembra Milton no Livro III. do Paraiso, quando faz passar Satanaz vindo do Inferno junto ao Sol, que he diminuir-lhe o clarão, e obscurecello; a segunda Oit., que he a 25, falla do tempo em que o Anjo se aproxima á terra, e está suspenso no ar contemplando da região dos Meteóros a Imperial Cidade de Lisboa. Quando o Anjo em 33 milhões de leguas de distancia pasa junto ao Sol com a luz que de seu corpo derrama, augmenta-lhe o clarão; quando o Anjo já proximo á terra detende as sombras, pois era de noite, com a luz que de seu corpo derrama fórma tal clarão, que parece que se anticipava o Sol ao instante do seu nascimento. Isto he mais claro que a mesma luz. Que faz a maliciosa ignorancia de Pato, para deslumbrar os Magris-

sos seus collaboradores, huma mixordia que nem elle a entende. — Ouça-mo-lo outra vez: *Que o Sol arde com mais clarão, porque o corpo entorna clarão.* — Ajunta passagens de Oitavas distantes, tira-lhe os versos, confunde a cousa com o tempo, faz elle a mixordia, não se quer lembrar que os primeiros versos se referem ao Sol que augmenta em clarão, os segundos ao tempo que he a noite, onde brilha a luz do corpo do Anjo. Só se para o Pato o Sol, e a noite como tão semelhante, he a mesma cousa!!! Homem, ou quem quer que pareces, são Divinas as Lusiadas, são o que tu quizeres, mas olha que no Poema Oriente, he o mesmo corpo Angelico que produz o mesmo effeito, no Sol, augmentando-lhe as luzes, na noite affugentando-lhe as trévas, no Sol accrescentando luz a luz, na noite desvanecendo a sombra com a luz. Eis-aqui Pato assado. E disse-me outro dia hum Grammaticão todo cozido de pontos, e virgulas, e com a cara amargurada por se lhe ter sumido hum supino, e tres gerundios, que eu falto á caridade depennando assim! E eu lhe respondi:

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigesimo segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.º 23.º

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Muitos livros são hum mal, ou muitos livros são hum bem?

EU não me quero metter em decisões, triste de mim se eu pronunciar huma sentença definitiva sobre algum erro, ou preoccupação vulgar! Em quanto me lembrar o livro — *Os Sebastianistas* — contra o qual se levantou o que havia de mais raro em Portugal, hum Confessor, hum Bocha com Pato, e em quanto me lembrar a questão de Adamastor, se era, ou não era Geografo, namorado, Cavalleiro, e Capitão de Mar e Guerra, como elle mesmo o diz — *Fui Capitão do mar*; impugnada até a evidencia pelo mais *habil* Professor que ha; não me metto a decidir: apenas me atrevo, como hum homem que sou da Seita dos Academicos, a considerar as cousas tão frivolas como estas por huma, e outra parte, e em cada huma dellas mostrar ás vezes o pró, e o contra. Quando considero a multidão intoleravel, e perniciosa dos livros que ha, tem havido, e vai havendo, digo: Não cessarão por huma vez os homens de repizar, e imprimir o que já está repizado, e impresso tantas vezes? Pode haver alma que se lisonjêe com a esperança de poder formar ainda alguma nova combinação de idéas, e de palavras? He possivel que haja homens tão asnos, e tão impertinentes, que se resolvão a compôr hum livro sem terem cousa alguma nova que

digão, e que annunciem ao público? Que mundo este! Gastar dias, gastar noites, para que? Para fazer mudar de formatos, e de caracteres os livros já conhecidos desde os Gerardos da Vinha, desde os Luizes Estupinháes, e desde a interminavel familia dos Crasbékes? Que diabo fazem tantos Editores de antigualhas miseraveis? Querem-me fazer conhecer a mim, e dizer a toda a terra em pezo, que sendo de sua natureza tão secos e pêcos, não tiverão ao menos o discernimento, ou a prudencia de se calarem. Huns se affadigão, e se matão por subtrahir suppostos Heroes, ou Sabios ao justo esquecimento em que se envolvem; e tanto os taes Heroes, como os taes Authores cahem de repente na voragem sombria de que tentárão sahir; semelhantes ao homem fraco que querendo tirar outro de huma cova em que haja cahido, não faz mais que mostrar-lhe hum bocado de cabeça fóra do atoleiro, não o podendo sustentar mais, hum e outro ficão chafurdados no mesmo lameiro. Houve hum frio, e gelado Compilador que ha tres, ou quatro seculos escreveo huma duzia de Volumes tão frios como elle; tanto basta para ser no dia de hoje o importante assumpto de quarenta dissertações que depositadas logo no fundo de hum enorme armazem de papeis, e couros, chamado huma vasta Bibliotheca, fiquem intactas por seiscentos, ou setecentos annos, no fim dos quaes algum curioso de oculos, como no 14.º, e 15.º seculo fizerão em Florença Petrarca, Angelo Policiano, e Poggio, as venha sacudir do pó, e basculhar das têas de aranha, e preparar-lhe huma Edição *Variorum*, que deite a hum quarteirão de Volumes *in folio*.

Outros, persuadidos que o público olha no dia de hoje de travez, e com razão, para toda a casta de compilações, dão em produzir da propria lavra; não querem lêr, nem consultar, porque seu genio original, e creador não tem necessidade de soccorros estranhos; soltão hum vôo orgulhoso, levantado, sublime, sem se deixarem pear de escrupulos da razão sempre timida, e circumspecta. Confesso que destas obras rompem de espaço a espaço alguns foguetes de vistas, contém algumas especies brilhantes sobre as Sciencias, algumas idéas com seu sinete, ou cunho de novidade, alguns preceitos já surrados, mas affeiçoados com sua agudeza epigramatica, em fim suas observações judiciosas sobre cousas já ensinadas pela experiencia. Depois da séria, e aturada leitura destas obras engenhosas, sente hum o prazer de achar a sua alma tão leve de conhecimentos

reaes, como fica leve a barriga daquell'outro homem, que sentado a huma lauta, e apparatosa meza em lugar de engolir alguma cousa, não fez mais que mastigar em seco. Com tudo o número destes livros *uteis* se multiplica desinterialmente, he huma torrente, huma aluvião impetuosa, que rompe todas as barreiras, fórça todos os diques, despedaça todas as comportas. Debalde a vingadora mão do Confeiteiro se apropria destas riquezas pelo seu valor, e pezo intrinseco, e material; ainda que huma grande parte fique sacrificada ao cartuxo, sempre escapa huma porção, como prisioneiros em batalha, entra nos Presidios das Bibliothecas, abastão-se, abarrotão-se, trasvertem; mas lá ficão: ellas gemem, e muitas vezes vem abaixo com o seu pezo.

O conhecimento dos livros, ou a Bibliografia, nunca foi tão necessaria como agora; mas agora he immensa, são precisos até preliminares de annos para entrar nos umbraes deste infructuoso Santuario, e são tantos os guias que he preciso, ou escolher hum ao acaso, ou morrer antes de se determinar.

A maior parte das Nações da Europa podião fazer córtes, e desbastes no Paiz immenso da Litteratura, e separar, e engeitar pedaços tão vastos como o Imperio da Russia, da Tartaria, e da China, e juro que esta decotação dos Pinheiraes litterarios seria só do superfluo. Os Alemães o poderião fazer só na repartição de Dissertações, e Tratados de Direito público, os Inglezes na tempestade de Brochuras politicas, os Francezes no grande diluvio das Novellas, e nós os Portuguezes no grande contagio, e ataque diarreial de obras ineptas, chamadas folhetos, que nos cahio em cima,

Post varios casus, post tot discrimina rerum.

Com effeito se se não empunha o inexoravel ferro para este desbaste, se se continúa a dar huma livre carreira á mania da impressão de quanto cabe em letra redonda, não será cousa muito provavel, e até infalliivel, que a Républica das Letras se affronte de todo, se abafe, e se opprima, ou succumba de todo debaixo do enorme, e infinito pezo de seus males? Que farão, ou que será de nossos pobres netos, que apenas nascerem se acharão entupidos, entaipados, e esmagados debaixo de cinco, ou seis milhões de Commentadores, de outros tantos summarios *in folio* de Jurisprudencia, de cem milhões de Poemas só na repartição de annos, e luminarias, e de setecentas mil Collecções de Viagens? Ai! que será dos pobresinhos quando se virem entulhados da caliça, da argamassa, e das trolhas de duzentos mil Jornaes! O' Diluvio!

Que será dos homens no vigessimo seculo, quando todos os Professores que estão ainda por vir até lá, tiverem feito imprimir suas locubrações, todos os Academicos as suas Memorias, todos os Economistas os seus alvitres, todos os Politicos as suas regenerações? Que será dos homens, quando daqui até lá, todos os Eruditos imprimirem as suas anotações, *esclarecimentos*, notas, e variantes do Homero de Costa, com suas Confrontações com o de Salvini, Cesaroti, Rochefort, e Bitaubé? Que será dos homens, quando todos aquelles que de si para comsigo assentão que são Poetas, publicarem as Collecções das suas obras? Salvem-se embora da voragem vastissima dos tempos, do agudissimo dentinho da traça unicamente os Elogios de Theatro em noites de Beneficiada; que será da terra coberta delles, e dellas? Que será dos homens quando depois de acabadas tantas guerras, e desordens, todos os Partidarios imprimirem as suas memorias militares, encovadoras por certo das dos Marechaes de Saxe, Catinat, Villars, e Montecúculi? Que será dos homens quando todos os Niveladores, espalhados pelo Continente, e Ilhas adjacentes imprimirem os seus Testamentos Politicos?

Eis-aqui hum objecto que deve fazer nascer no mundo das Letras huma especie de Tribunal de Policia tambem litteraria de huma jurisdicção ampla, e de hum poder summariamente executivo. Se com effeito se não póde suspender absolutamente a grossa cheia que ameaça de tão perto alagar, e affogar o bom gosto, e até a mesma sciencia, e que vai enchendo o mundo de medo de huma proxima submersão, ao menos estabelecer alguns meios poderosos, ou para a demorar, e reprezar, ou para obviar seus maiores, e mais funestos estragos.

Seria facil, por exemplo, obrigar a pagar huma condemnação ao Author de todo o Livro, que não tivesse huma tal e tal extracção entre a gente sensata, ou estabelecer hum regulamento que determinasse a impressão de taes e taes Jornaes em materia menos duradoura que o papel, que se consumisse no fim do anno apezar dos reparos da mais espessa encadernação. Estender o artigo deste Regulamento tão salutifero a certos Livros de Historias de Revoluções, de Economias politicas, e a eito dos de Quimica, Farmacia, Botanica, Terapeutica, Pathalogía, Educações Fysicas de Meninos, e de Meninas; porque como seria preciso fazer novas Edições a cada instante, talvez se reservasse o dinheiro para obras de huma utilidade conhecida, e no entanto as outras como pestilentes, e impressas em materia análoga, cahirião em peda-

ços, e no esquecimento ao qual desde sua origem devião estar condemnadas. Determinada assim huma materia caduca, e avariada para a impressão das taes, e outras muitas, e innumeraveis obras, nós não passariamos pelo dissabor, e afflicção de vermos tão máos Livros lutarem impunemente contra o pó, e contra a traça, e suplantarem, e ate escarnecerem os ultrajes do tempo, mettidos, e encaixados entre dois grossos papelões forrados de couro, ou entre as mantilhas de hum pergaminho incorruptivel, e firmes na sua mesma enormidade, e assalvajada massa, immortalisarem-se como esses illustres scelerados por aquillo mesmo que impõe o desaffoiado sello a seus excessivos, e escandalosos delitos.

Eu me persuado que Catilina não foi accusado com mais vehemencia diante dos Padres Conscriptos pelo consular Orador; vejamos agora se surge algum Quinto Hortensio que se atreva a defendello.

ARTIGO II.

CRITICA.

EU já não estou para depennar; aborrece, e enfastia de morte! Os Pasteleiros torcem os pescoços aos Patos, e os aprendizes que depennem; com tudo como prometti a depennação total, e a diversidade de guizados que de Pato offereci aos freguezes, não tenho outro remedio mais que continuar com a depennadora tarefa... Deixemos ridiculas imagens; he verdade que Pato parece huma ave, hum animal estupido; porém não he assim: Pato he hum homem que me ataca, que me insulta, e que pertendeo no infame impresso expôr-me á irrisão pública; e neste caso seria renunciar os principios da honra, e não curar da opinião, se eu me não defendesse dos ataques, dos insultos, e das calumnias, com aquelle vigor, ou aquelle calor com que o tenho feito até agora, não como me pedia a vontade, e o exigia o pondonor offendido; porque a justa censura que me não permitte o que não for dignidade, me contém, e tem razão. — Eu creio que os mais indifferentes Leitores do Poema Oriente não deixarão de admirar, e de approvar, não só a lembrança, mas a introducção da figura allegorica da Asia mostrada em sonhos a ElRei D. Manoel no 1.º Canto do Poema. A alma do Rei occupava-se da lembrança do descobrimento da India, huma parte da Asia; he natural que com isto até sonhasse. Deos, que o quer preparar para ouvir a embaixada do Anjo, per-

mittiria que assim se lhe representasse a Asia, e apparece dignamente em sonhos ao Rei para escutar acordado o que o Anjo lhe diria. Se este não he o natural maquinismo Poetico, não sei o que seja maquinismo, não sei o que seja verosimilhança, não sei o que seja ordidura Poetica, não sei o que seja arte, não sei o que seja natureza. Ora esta pomposa imagem, esta natural apparição, este necessario agente he assim tratado no bico do Pato; (e digão todos que me occupo em cousas frivolas que não merecião resposta.) Eu defendo-me, eu vingo a razão atacada com tavernaes insultos. Ouça-se Pato na pag. 131.

" Não curemos dos atavios da mesma Senhora, que nas
,, Oit. 29 e 30 com broxe de rubins, pyrópos refulgentes,
,, safyras transparentes, fuzís de ouro, e perolas erithréas,
,, he na verdade singular figura, como diz o Reverendo Epi-
,, co na Oit. 28, e parece huma taboleta d' Ourives. ,,

Eis-aqui em que consiste a Critica de Pato, e como se patentêão os defeitos do Poema Oriente, e se fazem sobresahir as bellezas das *Divinas* Lusiadas! Assim se instituio, e se continúa o parallelo de hum, e outro Poema! Assim se escreve para o público, e assim se atreveo Pato a andar algumas semanas com o pescoço entonado, antes que se eclipsasse, e desapparecesse. A figura he poeticamente descrita, e para se figurar a riqueza da Asia, em huma mulher que a representava, como até bem se vê pelo painel de Batoni, era preciso atavialla com as suas mesmas preciosas, e opulentas producções, que era hum dos objectos, e motivos que lá levarião os Europeos pelo Oceano. Que diria este Pato desta aqui tão insulsa, como baixamente chamada *taboleta de Ourives*, se visse, não em Poesia, onde os adornos devem ser mais profusos no que se chama Poesia do estillo, se tivesse huma tintura de lição dos bons Classicos Portuguezes, lendo o mais perfeito de todos elles em linguagem, que he Antonio Vieira: Que diria, se visse, não em verso, mas em prosa a mesma figura da Asia ainda mais ataviada? Abriria hum bico de palmo, e ficaria como o Pato n'agua, fresco, e enxuto como a huma das quatorze pateadas da Hespanholita de S. Sebastião, Drama seu em hum só Acto. Ora pois, abra o 8.º Volume dos Sermões de Vieira, pag. 26, no admiravel Sermão de Xavier dormindo, sonho segundo (hum Classico Portuguez para Pato he hum original de Confucio Chinez); lêa, ou peça que lhe lêão, semelhante, e mais pomposa discripção da mesma figura da

Asia, apparecendo em sonhos a S. Francisco Xavier, e isto não em verso, mas em prosa, não em hum Poema, mas em hum Sermão, e chame, com o seu costumado juizo, *taboleta de Ourives* a hum dos maiores quadros da eloquencia de Vieira:

„ Appareça-lhe (a Asia ao Santo Xavier) assentada sobre hum Elefante Real de Ceilão ricamente acobertado. Appareça-lhe vestida de huma cabaia ligeira, fachada de prata sobre verde; o verde pelo fertil da terra, e a prata pelos rios que a cortão, e regão. Appareça-lhe com o peito descuberto ao uso Oriental, mas cruzado de colares de diamantes; e os braços apertados a espaços com manilhas de rubís. Appareça com a garganta, não affogada, como cá se diz, mas torneada com hum grosso fio de perolas, na grandeza, e igualdade escolhidas entre milhares; e de huma, e outra orelha pendentes sómente duas maiores, e de maior preço que as de Cleopatra. Appareça finalmente com turbante entretecido de branco, encarnado, e ouro, que são as côres de que se arrêa a Aurora; e por remate, entre garçotas de aljofar, Coroa Imperial de safiras. „

Qual será a insolencia que se atreva a chamar á riqueza desta imagem, (que não tem semelhança, nem nos quadros d'Estacio, nem entre descripções da Conquista de Granada) huma taboleta de Ourives? Não houve Patos nos dias de Vieira; este flagelo de grasnaduras só estava reservado para os nossos dias. Eu com a fantasia, como sempre, cheia da leitura deste inimitavel prosador, só desgraçado com Bandarras, e Pretinhos do Japão, que ficárão agora fallidos de credito, formei o quadro, e collorí a imagem da Asia apparecida em sonhos a ElRei D. Manoel de hum modo análogo. E não será licito em verso o que tão licito, e admiravel foi, e he, e será sempre em prosa em quanto as letras tiverão preço? — Ainda continúa mais o insulsissimo insulto:

" Porém note-se (diz Pato) que neste *miseravel* Poe-
„ ma, á fantasia do Rei huma unica imagem se não apre-
„ senta, até que lhe appareça a singular figura femea, e
„ gentilica. „

Isto na verdade parece sahir do Hospital Real de S. José, de huma Enfermaria terrea que fica da parte direita ao entrar da porta da Sacristia! Pois a Asia he Gentilica, Christã, ou Moura? Diz Pato que eu faço da Asia huma figura femea; pois então a Asia he macho? Que solecismo não commetteria eu, se em lugar de dizer o Pato, dissesse a Pato? Era terminação feminina? Com effeito he esta critica o ultimo esmero,

o ultimo apuro da improbidade ! Isto cança a paciencia de quem teve a desgraça de o lêr, e muito mais cança a paciencia de quem se vê na necessidade de lhe responder, para não deixar passar impunes á Posteridade injustissimos ataques, e injúrias do calibre desta: *Neste miseravel Poema*. Vejão quem falla assim ! O Author do Elogio a Chave dos Pyreneos, com que a Platéa tanto embirrou, que não deixou dar volta inteira á tal chave ! ! — Faz apparecer a *Asia Gentilica* ! Póde fazer este apparecimento hum Orador Christão, fallando de hum Santo; não o póde fazer hum Poeta, cujo dominio tem mais largos limites; e que póde estender quanto quizer o Imperio da verosimilhança, com tanto que não dê em extravagancia como Camões ! Chamar *gentilica* á Asia como *caracteristica* da Asia ainda lhe acho menos desculpa que em o Poeta Magrisso nos seus versos de luminarias, dando quatro nomes a Lord Wellington nos seguintes impressos termos:

Trovão da Roliça,
Raio do Vimeiro,
De Rodrigo *Luzeiro*;
Sol de Badajoz.

Eis-aqui os Escritores de polpa que se me atravessão diante; o que nunca se vio, nem tornará a vêr em Portugal. Não ha huma só pagina do livro de Pato que não seja desta estofa, e jaez; e pede-se-lhe hum Soneto, faz huma conta de sommar errada, pois para dizer vinte cinco, diz *vigessima vez quinta*, que são cinco vezes vinte; e se esta conta tem prova,

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 24.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

De que servem as Sciencias.

DIzem, e talvez fique isto só em dizer-se, que o homem de letras goza de huma felicidade que elle prefere aos prazeres tumultuosos das paixões. Pythagoras achando que o quadrado da hypothenusa no triangulo rectangulo he igual á somma dos quadrados das duas outras extremidades, sentio tão viva alegria que offereceo aos Deoses huma hecatombe, convém a saber, hum sacrificio de cem bois, para lhes agradecer o beneficio. Ou os bois erão então a tres por hum vintem, ou isto he mentira, porque ninguem me apontará hum Filosofo, e Poeta como Pythagoras, que tivesse de seu huma junta de bois. Eu não trocarei, dizia Cardano, a minha pobreza, e velhice, com a idade, e com as riquezas de hum mancebo que não tivesse amor á litteratura. Scaligero pai attesta, e jura no Liv. 6.° Cap. 7.° da sua Poetica a respeito de duas Odes de Horacio, que aponta, que antes as quizera ter feito, que ser Rei de Aragão; e eu creio que he melhor ser Sacristão da Porcalhota, que fazer todas as Odes de Filicaia, ou de Fulvio Testi, que he mais alguma cousa que Horacio, e Filicaia. Conta Niceforo Calixto na Historia Ecclesiastica Liv. 12. Cap. 34., que tendo hum Synodo dado a escolher a Elio-

doro Bispo de Trica em Thessalia, ou queimar a Novella que tinha composto dos Amores de Theágenes, e Caricléa, ou deixar o Bispado, resolveo deixar antes o Bispado, que queimar o Livrinho. O estudo instrue a mocidade, e livra a velhice de tedio, e do pezo dos annos: serve de ornamento na prosperidade, de consolação na desgraça: he huma fonte perenne de prazer em todos os tempos, em todos os lugares, em Lisboa, e em Cachêo, em Pekim, e em Cacilhas. Que prazer não encontra hum Grammatico na leitura combinada do Chorro, e de hum Prologo de Grammatica Filosofica, que eu não sei o que he?

Se as Sciencias causão estes grandes prazeres, eu tambem sei que damnão muito mais do que aproveitão, isto he, se se não possue a verdadeira sciencia, e se se não faz bom uso desta. Nada ha mais perigoso que o vicio, e a impiedade armados de sciencia: se esta cahe em huma alma falta de capacidade para a conter, he causa de muitas desordens, porque enche o homem de presumpção, de temeridade, e faz que despreze com altivez os conselhos, e advertencias dos outros. A sciencia incha, e faz obstinado hum espirito fraco, assim como huns miolos delicados se offendem com os aromas, e hum estomago enfermo fica oppresso com os alimentos que não póde digerir. Ha huma comparação engenhosa dos semi-litteratos com as espigas com alforra, que levantão mui teza a cabeça, mas sem pezo, e sem chorume: A maior acção de Anibal, em quanto a mim, he a risada que deo quando ouvio o Filosofo Formião, que era Pedreiro livre, fazendo grandes dissertações militares na sua presença, fallando muito sem entender daquillo nada; assim vimos nós muitos Formiões Pedreiros dar com tudo em vaza barris, fallando, e tornando a fallar em regenerações *liberaes* do genero humano, e depois de longos livros ficar tudo peior do que estava. Vejo estes semi-doutos envoltos nas questões mais frivolas, inuteis, e intrincadas, perdendo-se no abysmo de seus mesmos pensamentos: se Lançarote Pessanha foi o primeiro Almirante Portuguez? Como se chamava a Padeira d'Aljubarrota? Quando começamos a navegar pelo Oceano Atlantico? eu digo que quando tivemos barcos. Que nome tinhão as tres Caravelas das Cortes Reaes? Se Martim Boémo foi armado Cavalleiro nos Paços de Alcaçova, ou nos do Conde Andeiro? Não quero que digão, que não prézo as materias das mais doutas memorias. Eu vi em

hum pequeno Livro Latino, que se intitulava — *Selectorum Litterariorum Pentas*, que continha estas cinco frivolissimas dissertações: I. sobre os Litteratos Misantrópos: II. sobre aquelles homens que forão inimigos das mulheres; (todos os que as conhecerem bem o serão por certo, porque dos males da vida ellas são os mais intoleraveis.) III. sobre os que forão mal feitos do corpo v. g. carcundas, tortos, vesgos, cambaios, potrosos, e falladores, que são peiores ainda que os mais alcatruzados Carcundas: IV. sobre os que forão casados com mulheres dragões, de geniosinho que nem a páo (efficacissima receita!) se póde dobrar, e amaciar: V. sobre o uso que os litteratos fizerão das cabelleiras, e chinós. Póde excogitar-se cousa mais frivola que a materia deste livro singular, tão raro que só vi hum exemplar na Bibliotheca Cenacolianna! De todas estas reflexões se collige que as Sciencias são perniciosas nos máos, e despreziveis nas almas fracas. Estas Sciencias possuidas com tanto orgulho, assoalhadas com tanta enfase, são vergonhosas, e *humilliantes* para os verdadeiros litteratos, porque quanto maior progresso nellas fazem, tanto mais se lhes multiplicão as dúvidas, e mais conhecem a insufficiencia das suas luzes, pois no momento em que mais se espera que brilhem, escacêão. As Sciencias tem duas extremidades que confinão huma com a outra, isto he, a pura ignorancia natural, e a douta ignorancia que se conhece a si mesma.

Depois dos dois ultimos seculos, que produzírão tantos, e tão célebres litteratos, e em que a renovação, ou a restauração das Letras se sustentou com todo o ardor, e affinco possivel, não se tem feito mais que dar passos para a queda da estima das Letras, e dos litteratos. Pasmo todas as vezes que leio dois livros (ou que lia, porque já me deixei deste inutil officio, que me não tem rendido senão descomposturas); o primeiro são os Elogios do sapiente Paulo Jovio, o segundo a Historia Litteraria de Italia por Jeronymo Tiraboschi; porque comparava os homens immortaes de que alli se faz menção, com os modernos urdidores de memorias: posso dizer que o amor, e cultura das Letras acabárão, e morrêrão. Depois dos Livros Pedreirais, em que ou se diz o que estava dito, e peior do que se tinha dito, ou se diz o que nunca se devia dizer; parece que se envergonhão os homens de parecerem litteratos: persuadem-se os homens que basta unicamente hum pouco, hum tanto, ou quanto de en-

genho, e que em o possuindo, possuem hum fundo riquissimo de Sciencia, e de Litteratura. Estas maximas tão abraçadas, e tão seguidas na prática talvez fação (longe vá o meu agouro!) renascer a ignorancia mãi do erro, e do máo gosto.

Cicero prefere a natureza não cultivada das Sciencias ás mesmas Sciencias não acompanhadas dos talentos naturaes; e segundo o sentimento do judicioso Horacio, a arte nada póde sem a natureza, nem a natureza destituida da arte; huma tem necessidade da outra, e deste mutuo soccorro depende o effeito que he de esperar da sua boa harmonia. Eu não entendo os homens actuaes, nunca houve mais livros, nunca souberão menos. Os mesmos insaciaveis Livreiros dizem que nunca vendêrão mais livros: parece que o estudo da moda, he correr rapidamente hum grande numero de Volumes; parecem-me estes viajantes ricos que sahem de Inglaterra a galopar pelo mundo, correndo séca, e meca; nem conhecem os costumes dos povos, nem aprendem as suas leis. Como hum tal Linckzinho que andou aqui pela nossa terra, homem que eu tomára cá pilhar outra vez, que eu o faria lembrar melhor do que vio em quanto lhe lembrassem as costelas despedaçadas, cada pagina dos tres Volumes he huma feira de mentiras. Tornemos ás Sciencias: A Sciencia não consiste em saber muito, mas em saber bem o que se sabe, sobre tudo devemos cuidar que a intemperança das Letras não nos desvie dos nossos principaes deveres. Hugo Grocio, que era devedor do seu tempo aos empregos politicos, de que estava encarregado, mereceo justas reprehensões por se haver entregue demasiadamente ao gosto das Siencias; e ellas forão causa de o metterem na cadêa, donde não sahiria senão para o patibulo, a não ser o artificio da mulher mais fina ainda, e mais mexiriqueira que a do Lavalette, pois o fez sahir em hum bahú de livros que lhe tinha mandado. Neste caso servirão as Sciencias de alguma cousa, que foi livrar o vulto das mãos da morte. Em mim tambem poderão ter servido de alguma cousa, que he rir-me de vez em quando dellas, e delles.

ARTIGO II.

CRITICA.

AInda que sejão muitos, e diversos os guizados que se possão fazer de hum só Pato, porque he fecunda, e varia a arte de cozinha, com tudo, como nem todos gostão de tudo, melhor he dallo nú, e crú, la se avenhão com elle; o meu dever he depennar, e para que se não vá o artigo em alegorias, saibão os delicados, que não he do meu caracter dizer graças, ellas servem só de me reprimir o fel, e com quanta justiça, provocado, e exarcebado! Nada ha de ficar sem resposta, já que o premio de huma Epopéa foi huma descompostura, e por quem? Por quem faz destes versos

,, O facundo buril do Enthusiasmo. ,,

Ouça-se este homem que insiste com a costumada ignorancia na pag. 134 a menoscabar a magestosa alegoria da Asia personalisada, mostrando-se em hum sonho a ElRei D. Manoel.

,, Porém note-se que neste *miseravel* Poema (olhem que não he o Elogio — O Nome — he o Oriente) á fan-
,, tesia do Rei não se apresenta huma unica imagem, até
,, que appareça a singular figura femea, e gentilica: pe-
,, lo contrario na Lusiada Cant. 4.º Oit. 69.

Aqui se lhe apresenta que sobia
Tão alto que tocava a prima esfera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os longos olhos estendêra,
Vio de *antigos* longiquos, e altos montes
Nascerem duas claras, *e altas* fontes.

,, Em seis Oitavas desde esta até 75 envolve Camões to-
,, do o sonho mysterioso do Rei: o Reverendo Epico em-
,, prega nisto quatorze Oitavas desde 28 até 42, e cla-
,, ramente imita Camões apresentando em sonhos ao Rei
,, allegoricamente personalisada a Asia, assim como Ca-
,, mões apresenta nos dois rios personalisados as duas prin-
,, cipaes personagens allegoricas, representantes daquelles
,, Paizes, instando todas o Rei para o mesmo fim, po-

,, rém comparem-se as 6 Oitavas das Lusiadas com as 14
,, do Oriente, e facil será conhecer com quanta mages-
,, tade afigura Camões o Indio, e o Ganges, e quão *ri-*
,, *dicula, e affectada* he a Asia do Reverendo Epico, ri-
,, ca Senhora, que na Oit. 31.

Curva humilde o joelho, e lhe offerece
Fino aroma sabeo, e ouro encendrado

,, e nesta postura, e com este pezadelo dezanda a palrar
,, ao Rei déz successivas Oitavas, em que diz muita cou-
,, sa que não vem ao caso, reproduz idéas, &c.

Ora ainda haverá quem me taxe de acrimonia, ou quem julgue mal empregado o tempo que levo em escrever estas inepcias pataes? Pois que justiça me póde tirar a defeza da mais iniqua agressão? Não he isto verdadeiramente fallar de papo sem tom nem som? Não apparece huma razão, e nunca Pato a deo do seu dito; deixo os insultos de *miseravel Poema*, *Asia ridicula*, *e affectada*; que razão alega Pato para nos convencer de que he melhor, e mais magestosa a allegoria dos dois Reis velhos, e cançados do caminho, como diz Camões, do que a de toda a Asia figurada, como até os Pintores a figurão, em huma Matrona? Só porque Pato o diz, porque Pato não tem que dizer. Para se mostrarem ao Rei os rios que correm pela Asia, he preciso levantar o Rei tão alto, que vá tocar com a cabeça *á prima esfera*? Este rapto he o mais inutil, e ocioso? Figura-se acaso melhor a Asia em dois rios, que não tem proporção alguma com a grandeza fysica desta parte do globo, do que em toda a Asia personalisada? O Rei mandava só descobrir os dois rios, ou mandava descobrir a Asia toda pelo Oceano? Mandava acaso a Asia aquelles dois rios, hum como seu Embaixador, outro como Secretario da Legação junto á Corte de Portugal? Quem mandava estes rios ao Rei? Era a Asia. Pois não era melhor, mais magestoso, mais digno do grande Rei que elle viesse em pessoa, do que virem os dois velhos! Basta que Camões diga as cousas, e diga o que quizer para ser tudo optimo, e não haver imperfeições no que diz. Que quer dizer o epitheto *altas* para fontes? Camões, Senhor Pato, tem mil incoherencias, nenhuma lhe desculpa Ignacio Garcez Ferreira em seus Commentarios. V. m. nada lê, e o que quer he dizer mal, mas não sabe. O Rei com o projecto de descobrir o Oriente assentado em seu coração, está mais que bem dis-

posto para o sonho, e apparecimento da Asia; e que mais preparos são precisos? quer que o ponha a sonhar desde que se deitou? A sonhar o hei de eu pôr todos os dias da sua vida, pois ha de vêr o mundo, não em sonhos, mas na realidade, que não ha huma idéa só no Parallelo, que não seja ou maligna ignorancia, ou manifesto destempero. Veja-se a moral, ou a injustiça deste homem.

Pois que importa que Camões gastasse só seis Oitavas, e Macedo quatorze na apparição, o primeiro dos rios, e o segundo da Asia? Podião acaso, torno a dizer, os dois rios que por grandes que sejão não tem comparação com toda aquella porção do globo, chamada Asia, ter tanta magestade como esta, e tinhão acaso os mesmos motivos para fallar ao Rei do modo que ella falla nas déz Oit. desde a 32 até a 41. Sabe V. m., Senhor Pato, dizer que são superiores as seis de Camões, porém mostra-lo, nem foi, nem he, nem será, porque he incapaz da menor combinação em materia de gosto, como em tudo o que diz, bem se lhe enxerga. Eu lhe dou quanto quizer, ficando a minha bolça a sua *serva*, em apresentando não só huma rigorosa analyse dessas Oitavas, que mostre quaes são as cousas que não vem ao caso, e quaes as idéas reproduzidas, mas até huma comparação bem feita, em que mostre huma só Oitava das seis do sonho dos rios em Camões superior, segundo as regras da arte, a qualquer das em que falla a Asia no Poema — Oriente. —

Saiba que o mundo não está tão criança, que o acredite a sua mercê sobre a sua palavra, só se quer que o documento da sua infalibidade seja o seu Elogio de Theatro — o Mez das Flores. — Quando se diz que huma cousa he má, faz-se o que eu lhe faço a sua mercê, e farei em quanto me durar a vida, mostra-se a razão porque he má. Se he *ridicula, e affectada* a Asia personalisada no primeiro Canto do — Oriente — he preciso provar isto, e com razões, e mostrar onde está, e em que consista o ridiculo, e affectado para evitar hum redondo *mente*, e dado por hum mundo inteiro, e para não dizer, como todos dizem, este homem o Senhor Pato —

Qui tanti mensuram nominis implet
Que enche as medidas de tão grande nome!...

O que sua mercê não faz, nem he capaz de fazer, eu o farei, e o verdadeiro Parallelo das Lusiadas com o Oriente ha de apparecer, e então se conhecerá donde está a supe-

rioridade; he a minha desforra, e he preciso extirpar a raça dos mentecaptos, ao menos defendo-me, e metto-me só com o que he meu. Das Berlengas se me escreveo huma carta, pedindo-se-me que assim como Montesquieu tinha entrado no *Espirito das Leis*, mas erão Leis dos Soberanos, entrasse eu em algumas observações no *Espirito* do Compromisso dos Compromissarios; respondi que não queria, porque não me dizia relação alguma. Eu não me comprometti senão com depennações, ensinando-lhas a fazer aos outros como eu lhas faço a elle. Digo que o Senhor Pato não sabe fazer versos, e ajuiza de Poemas Epicos, e a prova de Pato não saber fazer versos, são estes que Pato fez na Ode a Jorge 1812 pag. 6.

Não he que me recuse ao sacrificio,
Patrios proveitos o meu furor provocão
Nas Patarêas incúdes forjado
Que dentro em cinco Luas....

Pag. 7.

Cuja orgulhosa guarnição ameaça
Furor Vandalio, e o Despotismo Asiano
Daqui *polo* valor, *pola* sapiencia
Nelson, Collingwood, Cathcarth, e Gerves
Du Ckwoort, e Smith, e Barkelei.

Pag. 8.

E se estes não bastão para se conhecer Pato, então
São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 25.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

A Nobreza.

QUe dirão de mim os *Liberaes* do Mançanares, e os *Niveladores* do Sena? Que eu todo Hollandez na cara, e Romano nos ossos, vou tratar da Nobreza? Sim, vou tratar da Nobreza, que não he a dos Duques de Bonaparte, nem a dos pergaminhos da Legião de Honra. São precisos, são uteis os Nobres até no seio da mais frugal Républica; esta terá sempre Notaveis, e estes serão sempre Nobres. A Nobreza he hum gracioso ornamento da Ordem politica, e o Capitel Corinthio da Sociedade Civil. Não sentia nobreza no coração o allucinado, que nos primeiros abalos da Revolução projectou *nivelar* todas as instituições artificiaes, que forão com tão subtil politica adoptadas para dar ao povo huma opinião, e huma permanencia na estima que devia fazer dos homens. He aspera, dura, maligna, vil, invejosa a disposição sem gosto pela realidade, ou por alguma imagem que ainda que seja fantastica, he bella, e que vê com prazer a queda, e destruição do que se mostrava esplendido, e honrado. Nunca gostei de vêr ruinas na face da terra, e afflige-me a idéa da destruição, porque me amostra certo vazio na sociedade. O sentimento de huma prerogativa superior aos outros homens, adquirido desde o

berço, e conhecido desde a infancia, inspira huma certa confiança em si mesmo não só propria, mas muito necessaria, para o desenvolvimento, e emprego dos grandes talentos, e das grandes virtudes, e dá hum certo dom de commandar, huma certa dignidade, que faz realçar muito o proprio merito. O Gentil-Homem, que teme a accusação de baixeza, sustenta a propria nobreza, que costuma passar, ou deve passar do pergaminho para o coração. He verdade que a Nobreza, se tem pouco merito, não penhora a graça, e a estima do público; mas se tem merito, alcança maior, e mais prompta justiça. Não ha cousa mais estimavel, e bella que a nobreza do sangue junta á nobreza do coração; he huma safira engastada em ouro purissimo. He huma grande gloria dizer-se de hum descendente de illustres avoengos o que diz a Escritura: — Seu Pai morreo, e parece que não acabou, porque deixou hum filho semelhante a si. Todavia, são ridiculos aquelles grandes (aqui começão de olhar-me com menos torva fronte os *Liberaes*, e os *Niveladores*) que não herdárão mais que hum nome vão, que elles escurecem com a baixeza de sua conducta, e vilania de suas paixões, quando na raiz buscão o fructo que se devia colher, e encontrar nos ramos. O homem vil, he vil em todas as jerarquias. Os homens naturalmente são iguaes, todos tem Adão por Pai, e Eva por Mãi. Não são sólidamente nobres, senão os nobres instituidos: a generalidade dos homens morre, só os verdadeiros Sábios são immortaes. Se a Nobreza he huma honra, he cousa ridicula pavonear-se tanto della, quando a herdada se não ajunta á adquirida. Ovidio, que diz tudo bem, disse isto melhor que tudo na oração de Ulysses contra Aiax:

Nam genus, et próavos, et quæ non fecimus ipsi
Vix ea nostra voco.....
Ao que eu mesmo não fiz, sangue, avoengos,
Apenas chamo meu....

Contão-se tantas historias galantes das falsas idéas de nobreza, que eu não posso omittir alguma, para desterrar a nausea que sobre esta debatida materia causarião reflexões filosoficas, e bem surradas. Hum certo nobre Francez, e que lia muito João Jacques, contando a historia da grande peste de Marselha, dizia: — "Era hum flagello tão terrivel, que nem mesmo hum Fidalgo andava com a sua vida segura.,, Disse-se de hum homem muito avarento, e com mui-

tos fumos de nobreza, como os Cavalheiros do Douro, — "se perde naquella negociação, *enforca-se.*,, Como! respondeo outro que tal, pois elle não se ha de lembrar que he Nobre? Quando se annunciou ao moribundo Bispo de Noion, preoccupado com a sua nobreza de Clermont-Tonerre, que lhe vinha o Santo Viatico, respondeo, depois de alguma pausa: — "Está bom, entre para a sala do docel, que eu me preparo...,, Huma Fidalguinha que eu conheço, pegando huma vez na mão da sua Aia se admirou que tambem tivesse cinco dedos como ella. Hum tolissimo Duque de França conservava n'huma sala dois antigos Paineis de familia; em hum se via pintado o Diluvio universal, e atravez das Cataractas abertas, e das aguas que cobrião a terra se via escapar hum Anjo que levava com grande cuidado nas mãos o pergaminho em que estava descrita a arvore genealogica do tal Duque. N'outro quadro estava pintado hum Crucifixo, e o Duque ajoelhado, e da boca do Crucifixo sahia esta legenda: — "Levante-se V. Excellencia.,, —

QUESTÃO.

Quem ama mais o homem, ou a mulher?

EIs-aqui a questão de que eu me não posso sahir bem; porque quem não sabe da arte não a estima! Diz-se, e repete-se todos os dias que a mulher não ama ninguem, porque se ama muito a si mesma, que he frivola, vã, leve de cabeça, e com effeito incapaz de constancia, e fidelidade. Não sei se assim he, mas assim o dizem, e eu assento que he nos homens sobeja tyrannia, e mentira: (que especie hirá fazer isto?) quando se falla das mulheres deve-se molhar a penna nas côres do Iris, e deitar nas letras a arêa das azas da Borboleta. Se os homens conhecessem o doce coração da mulher não fallarião como fallão. Huma mulher de talento, mas de véo, e voto, ouvindo hum Xenocrates austero, que dizia muito mal das mulheres, lhe perguntou com admiravel enfasi: — "V. m. já amou?,, Salomão, e ainda antes de se fazer tôlo com as mulheres, disse que a mulher era hum dom superior a todos os dons. Eu lhe poderei chamar a segunda alma do homem. Os homens não sentem nem metade do amor que sentem as mulheres. A Natureza as fez tão ternas, porque lhes

fez o coração de Máis. Podem citar-se os nomes de mil mulheres, que forão victimas de huma infeliz paixão. Que homem poderemos oppôr a Safo, e a Dido? Que homem se poderá comparar a cem Heroinas do amor, e do sentimento? Onde se deitão os homens na fogueira que consome o cadaver das mulheres, como o fazem as mulheres no Indostão, que se deitão vivas nas fogueiras que consomem os cadaveres dos maridos? Que mulher abandonou com tanta crueldade o seu amante, como os amantes abandonarão Olimpia, e Ariadna? A mulher deve amar mais que o homem. Vive a mulher menos distrahida pelos cuidados do mundo, e pelos projectos da ambição. Concentra-se em seu coração com seu suave tormento, como a Sacerdotiza de Vesta, e como as filhas do Sol guardão o fogo sagrado, e o seu amante he o suspiro de seus dias, e o sonho das suas noites. O amor he para os homens hum passatempo, (não está máo o divertimento!) e para as mulheres o grande interesse, a grande occupação da sua vida; por isso o debil sexo subjuga o mais forte, por isso domina o mundo. A mulher deve amar por mais tempo que o homem. Contém-se a mulher dentro do circulo do natural pejo, da timidez, e daquella desconfiança tão propria de seu sexo; mais tarde dá ouvidos ás doces lisonjas, mais tarde abre o coração aos doces sentimentos de amor. Ainda que o amor no homem, e na mulher dure igual periodo de tempo, a mulher sempre he a ultima que retira o coração. O homem exhala sua paixão pelos mesmos meios de que se serve para vencer hum coração isento, hum peito rigido, e quando vê extincta esta mesma paixão, a da mulher, como nasceo mais tarde, continúa a arder, e seu coração se consome ardendo só em huma viva, e infeliz desesperação. Se o homem he fiel, conserva-se neste estado obrigado pela politica, e pela necessidade. He muito difficil fazer substituir a amante por outra amante: a mulher para fazer huma nova conquista, não precisa mais que de hum volver de olhos, e de hum surriso: ama pois muito mais se se conserva constante. O amor das mulheres se concentra terna, e mysteriosamente no seu coração. As grandes lembranças estão no coração da mulher. São a doce metade do genero humano, e são as flores do deserto da vida. O pejo, e o carinho fórmão a sua mágica cintura; nascemos de seu ventre amoroso, seu seio nutre a nossa infancia, e em seus braços começamos a sentir

que vivemos. São o prazer da nossa meia idade, e o soccorro, e o esteio de nossos decadentes dias. "Sois as graças do dia, disse hum Poeta, e a noite vos ama como o orvalho, ou rocio que faz cahir sobre as flores.,, Eu concluo dizendo, que a natureza dispensou seus dons entre os dois sexos, trabalhou mais para o espirito do homem, e mais para o coração da mulher, para o homem pôz mais huma célula no cerebro, e para a mulher mais huma fibra no coração.

(*Veremos em outro Número o contrario.*)

ARTIGO II.

CRITICA.

O Homem mais galante, e engraçado que ha, he Pato; quer comparar o Oriente com as Lusiadas, mostrar com hum promettido parallelo a superioridade das Lusiadas sobre o Oriente, e o meio he o mais extravagante que entrou em cabeça humano-anserina. O diabo he o pai da mentira; quer elle que o diabo diga a verdade, e argue-me se o faço mentir, representando-o no seu verdadeiro, proprio, e natural caracter. O diabo he o espirito de soberba, e de vaidade, faço como devo vomitar o diabo postas de pescada, e de corvina, grita contra mim porque o faço basofia, devendo-o fazer modesto, e humilde. Se digo que o Inferno está lá muito no fundo, quer que determine o seu lugar, e distancia dos Astros com hum rigor astronomico, e mathematico. Se adopto o systema de Copernico o mais seguido, e quasi demonstrado, ou demonstrado, argue-me, e sahe-se com a risota do systema de Ptolomeo, dizendo-me que o Sol anda no quarto Ceo, e que as estrellas estão no oitavo Ceo, e que por cima deste está o cristalino, e o firmamento. Se digo que donzella he virgem porque assim o dizem, e entendem todos, diz-me que ha distincção, que donzella he D. Ignez de Castro no parto, e depois do parto, rodeada de filhos chamados criançinhas, mandando a Affonso IV. que lhe tenha respeito porque erão seus netos, e Deos os crie para bem. Se para dar a conhecer a riqueza, fausto, e opulencia da Asia a pinto huma Matrona cheia, e coberta de adereces de pedras preciosas, porque de lá vem as melhores chamadas

Orientaes, grita que eu componho huma taboleta de ourives, e que a devia fazer trajar tão modesta como Zabel Beata. Se pinto hum Anjo como elles se pintão, diz que faço huma criancinha lourinha, e que o devia pintar do tamanho, e catadura do Gigante voraz. Se fallo como Historiador, diz que não sou Poeta, se finjo, e altero como Poeta o facto historico, diz que não sou Historiador. E então não he bem galante este homem? Que mais fizera elle se ácinte, e muito a proposito quizera divertir o respeitavel público? Eu assisti huma vez á representação de hum Drama deste Poeta, intitulado: — A Hespanholita em S. Sebastião — era em hum acto só, e pequeno; não se acabou, porque até ao meio levou quatorze pateadas, e de tal natureza que eu mesmo que classifiquei as que dei, e ouvi dar, não lhes soube a nenhuma das quatorze dar o seu lugar competente. Não podia ser maior a matinada, maiores as marteladas no estaleiro de Bolonha quando se fazião as barcas para o desembarque de Inglaterra, do que forão as que eu ouvi, e dei ao Drama da — Hespanholita: — o povo ria de tal guiza, e de tal geito, que cobria o motim da incessante pateação; pois este mesmo povo tem rido mais com o Parallelo, e tenho a consolação de vêr transformado em proverbio vulgar o teimoso: — São provas do que eu digo. — Hum Mercieiro dando-me outro dia manteiga a provar, me disse — prove, que são provas do que eu digo. — E nós ainda agora vamos em seis primeiros mezes, e que será ao declinar do segundo anno? Hoje não farei dissertação para variar o guizado, será pato com azedas, entermeando eu as minhas reflexões com as palavras de Pato.

Pag. 134 do Parallelo.

(As palavras em grifo, ou Italiano são minhas.)

" Passemos pela desleixada Oitava 43 — (*não quiz, e nunca quer, e nunca saberá dizer o Pato porque esta, e outras oitavas são desleixadas, e miseraveis; será o Pato Pithagoras, quer que o creião porque elle o disse; mas criticar assim, tambem critica Manoel coco. Isto não presta, mas porque isto não presta ainda se não ouvio dizer a Pato. Eu digo que* = Giros de Febo cinco vezes nove = *he taboada, porque na casa dos cinco da taboada vem* — *cin-*

co vezes nove quarenta e cinco, noves fóra nada; porque quatro e cinco são nove, noves fora nada.) em que exprime o
„ assombro do Rei ao aspecto do Anjo tão mal, e indigna-
„ mente exprimido, como se vê nestes versos:

Hum pouco se sossobra, a augusta frente
Sentio de bagas frigidas banhada

„ no primeiro verso ha cacofonia (*só quem como Pato não*
„ *souber lêr, e fizer longo, ou fechado o pronome recipro-*
„ *co — Se — que he breve, ou mudo.*) Demais o suor frio
„ he effeito de grande medo, e não de sossobro. „ (*Que cousa será sossobro, Senhor Pato? He hum susto procedido de perigo grande, ou de cousa que nos aterra: sossobro de animo he, e vale o mesmo que perturbação d'animo, e grande perturbação.*) " Camões não pôz medo ao Gama. *Senhor Pato, não nos esqueçamos da creação que nos derão nossos Pais; mas V. m. ha me de perdoar, aqui, aqui, por lhe eu dizer ingenuamente que mente. Veja a Oitava* 80 *do Canto* 6.° *Em V. m. querendo divinisar Camões, já o mette no inferno: nesta Oit. figura elle o Gama* — Confuso de temor —, *o que não he ahi qualquer medosinho de cácaracá, he hum Heróe que não sabe de que Freguezia he pela confusão em que o tinha o temor*) nem algum dos nossos
„ bons Portuguezes, porque o medo não convém aos He-
„ róes, e o Reverendo Epico põe medo em hum dos nos-
„ sos grandes Reis que nunca temêrão. (*Isto he a quinta essencia da puerilidade, ou do desejo de fallar, e de morder. Tenho visto com admiração no Rocio, nos mezes da grande parada dos Peruns, que se elles gritão muito, e o rapaz lhe dá com a caninha logo se calão; os Patos são pelo contrario, como se vê na Praça, quanto mais os enxotão, e zurzem, mais grasnão; assim he este. Em primeiro lugar hum Rei he hum homem, e hum homem de qualquer jerarquia que descobre de repente hum objecto sobrenatural, sossobra-se; que muito que o Rei se sossobrasse, vendo de repente hum Anjo. Mas onde ponho eu medo ao Rei? Em cima faz Pato distincção entre* medo, e sossobro; — *agora levanta-me hum testemunho falso, e diz que eu ponho medo no Rei! Perturbar-se o Rei com a visão de hum Anjo pela Magestade Celestial que nelle devisa, não he o mesmo que ter medo do Anjo, e esta sua supina igno-*

rancia da força das palavras he o que o faz vomitar destas, e de outras que taes, e o peior he que á vista do que lhe tenho dito, (e direi estes dois annos), ainda senão arrependeo, nem envergonhou do que escreveo., pois para fallar ainda continúa assim.) " Esta he huma das muitas ,, vezes em que mostra ignorar a conveniencia das expressões; ,, parece que achou synonimia entre respeito, e medo. (*He tal a desordem, a confusão das idéas de Pato, que não sabe já a que se apegue, parece-me hum destes Mercadorinhos quebrados, que depois de se metterem em josas de sege, quinta, e opera, andão letrinha aqui endossada, alli sacada, além protestada, até que dão com os bigodes na arêa. Na mesma pagina este Pato ora diz, que o sossobro he medo, ora diz que o sossobro he respeito. Só atribue suor frio ao medo, quando são tantas as cousas que causão suores frios; a leitura do Parallelo Pato he huma, e os Medicos o constituem entre hum dos diagnosticos da diarrhea, pelos apertos, e apuros em que faz entrar a região do abdomen.*)

Ora, Senhor Pato, V. m. nunca contou com a resposta, assentou que ficava vingada a sua raiva, e que eu emudecia: bem mosqueiro lhe tem sahido o gado, e sahirá, porque depois de acabada esta depennação miuda com que o público tanto folga, ou V. m. viva, ou não viva, como cá fica o livro, hirá huma depennação geral em hum livro inteiro, porque eu tenho-lhe tão boa vontade, que ponho de parte huma hora de applicação cada semana á gravissima composição da Historia da Africa, para aprontar este guizado do Sabbado, e se então com o livro grande o não forem, agora

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

N.° 26.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Sobre a felicidade do homem. (Artigo communicado.)

O Bem, e o mal, a fartura, e a miseria, a felicidade, e a desgraça são para o homem objectos de grande, ou de pequena consideração, segundo o habito em que o mesmo homem se pôz de os considerar, e segundo o seu mais, ou menos aprehensivo genio. Huns olhão para leves accidentes, que vem saltear sua serena existencia por hum momento, como se fossem grandes mortificações; e avalião muitas vezes por grande fortuna huma pequena vantagem no commercio de sua vida. Quando se apresentou a Lysandro hum sumptuoso banquete, em vez de fazer delle estimação, mandou que o comessem os Helotes, ou escravos Lacedemonios. Agesiláo, recebendo hum presente de bellos licôres, e viveres, nada deixou para si, á excepção de huma pouca de farinha. O mais rico dos homens he aquelle que não deseja superfluidade, e que não tem falta do que he necessario.

Em vão nos compadecemos daquelles que se não considerão desgraçados, assim como tambem não temos razão em louvar a ventura daquelles que se não considerão felizes. He rico todo aquelle que se persuade possuir em abundancia; e aquelle que não faz caso do infortunio, vive por certo sa-

tisfeito : os que são ricos, mas vivem descontentes, são verdadeiramente pobres ; assim tambem se devem considerar como infelizes aquelles que cedem aos mais insignificantes acintes da sorte. — O homem dado a lastimar-se de tudo habitua-se de tal modo á tristeza, que nem a prosperidade he capaz de o fazer alegre ; e hum rico habituado á avareza vive (e a supporta com summa facilidade) em miseria, que custaria muito a hum mendigo tolerar. — A Fortuna em si mesma nem he boa, nem he má, senão relativamente ao modo como a tomamos ; e neste sentido póde-se estabelecer por axioma — que cada hum de nós constitue a sua propria fortuna.

Succede que quando hum nosso amigo padece, por exemplo, huma perda, nós nos condoemos delle ; mas se elle não fizer caso della, e se não der por prejudicado, podemos com razão condoer-nos delle nesta situação? Antes pelo contrario, nos deviamos congratular com elle pela victoria que alcançára, mostrando-se superior a esse infortunio. A desgraça não fere aquelle que a não sente.

Por outra parte, podemos ir dar os parabens a algum amigo por alguma boa sorte, e, sem o esperarmos, achallo mortificado ; póde-lhe ter acontecido algum funesto accidente que o prive de dar-se ao contentamento pela boa fortuna que tivera. Neste caso, os nossos parabens devem converter-se em pezames ; porque ainda que seja leve o motivo do desgosto do nosso amigo, como assim mesmo o afflige devemo-nos conformar com a sensação que lhe causa em seu animo. Não he a cousa em si mesma o que nos mortifica, mas sim a idéa, e o sentimento que dessa cousa formamos. Se nos armamos, e fazemos firmes contra o infortunio, custa-nos menos supportallo ; bem como o guerreiro, que valerosamente combate contra hum inimigo generoso, alcança delle huma honrosa capitulação. Dá sempre consolação, e honra arrostar o infortunio com valor ; pois ninguem póde dar provas deste sem o experimentar.

Não devemos julgar grande, ou pequena huma cousa relativamente aos outros, só pela nossa opinião, sem attender á que della fórma o seu possuidor. Estima huma pessoa muito hum objecto para os outros insignificante ; porém não póde ficar satisfeito com aquelle amigo que em vez de approvar o seu gosto, unicamente se esforça em lho desapprovar, e em escarnecer desse objecto de sua estimação. Hum

homem Filosofo que conhece que a unica estrada para subir aos postos eminentes, e para gozar as honras de huma Commenda, ou de hum Habito, ou de hum Titulo, deve ser o verdadeiro merecimento, e jámais a intriga, e o dinheiro, despreza em seu coração taes honras alcançadas sem merito; porém quando contempla hum seu amigo ricaço, fazendo dellas hum idolo, e cheio de ufania por vêr ao peito a brilhante placa, porque de boamente dera vinte, ou trinta mil cruzados, deve depôr a sua filosofia, e congratular-se com elle porque goza de huma cousa que lhe enche a alma de prazer. Pelo contrario, não se deve mostrar pezaroso se encontra outro amigo benemerito, sem ainda vêr remunerado o seu merecimento, huma vez que esse amigo não se mostra por isso dissaboreado, e antes com animo de homem grande nenhum caso faz do pouco que se attende ao seu merito.

Quando nos acontece huma desgraça, se nos lembrarmos que ainda nos podia sobrevir outra maior não deixaremos de sentir menos a impressão da que sentimos. Conta-se de hum Imperador do Japão, que tendo nascido debaixo da constellação da Canicula, ou Cão Syrio, concebêra tal affeição á especie canina, que mandou que quando morresse algum cão, houvesse o seu dono de conduzillo a hum cemiterio que para isso destinava. Hia hum dia hum homem arrastrando hum grande cão que lhe morrêra, e já cançado, se queixava da dureza de hum tal Decreto; hum amigo porém o confortou, dizendo-lhe: "Ainda nós temos motivo para dar graças a Deos, por não permittir que o Imperador nascesse debaixo da constellação do Cavallo; pois nesse caso teriamos de supportar maior incommodo na condução dos cavallos que nos morressem!" E então, poderia algum Filosofo Grego discorrer mais moralmente em similhante occasião?

Nada ha mais commum, e ao mesmo tempo mais desarrazoado, que julgar o homem os outros pela bitola do seu gosto, e da sua inclinação. A cada passo se ouve hum visinho censurar outro pelo modo como vive, ao mesmo tempo que ninguem póde decidir qual dos dois se rege melhor, pois que segue cada hum delles o que mais lhe agrada. Diz o nosso rifão: "cada hum come do que gosta"; ora quem vive á sua satisfação, sempre vive feliz, embora aos olhos do seu visinho pareça que vive desgraçado. Quando criticamos o modo de comer, e de beber de ou-

trem, seus estudos, seu trabalho, seu trato sociavel, ou seu retiro da sociedade, &c. praticamos como se lhe quizessemos ordenar, que regulasse o seu gosto pelo nosso, e se lhe dissessemos: " Segui por força a inclinação, e o gosto dos outros, não obstante ser diversa a vossa constituição, e o vosso genio. ,, — Quem quer que os outros sigão por força o seu gosto, he como hum menino, que apenas balbuceando diz ao passarinho que lhe derão para brincar: " Has de dormir na minha cama ,, ; e depois deita-o comsigo, affaga-o, aperta-o ao peito, dorme, e pela manhã o acha morto.

A gente idosa he sobre tudo a mais impertinente neste ponto; quer por força que a mocidade a imite na tristeza, no retiro, no mesmo trajo; não considera que passou na flor dos annos a vida em recreios, em sociedade, e nas modas que então havia. Não são porém os moços mais razoaveis para com os velhos, querem que tenhão a mesma vontade de se divertir, e folgar, que se conformem em tudo aos modos actuaes da sociedade, e aos usos modernos ainda mesmo os mais frivolos.

A variedade dos gostos he huma mina de riqueza no mundo civilisado; até mesmo o máo gosto de muita gente concorre para a prosperidade de outra: se ninguem gostasse dos ridiculos momos dos Pretos que pela rua, acompanhando hum nicho, ajuntão em torno mil basbaques, não poderião facilmente os Pretos fazer a sua festa. Até na musica acha muita gente maior satisfação nos sons discordes, que nos acordes; e ha quem antes ouviria huma hora a rustica comporta, ou desgarrada, do que hum quarto de hora aturaria hum Concerto em que cantassem Catalani, Crescentini, e Bartinoti.

De tudo isto pois se conclue que muitos sentem felicidade naquillo em que outros sómente vêm desdita, e que a felicidade do homem consiste no modo como elle a avalia, Se Diogenes vivia satisfeito na sua dorna, era tão feliz como Alexandre vivendo satisfeito no seu throno. Igual contentamento constitue igual felicidade, nas diversas situações da vida.

ARTIGO II.

CRITICA.

MUito juizo tinhão os velhos da Escola antiga! Deixárão-nos principios de Filosofia pratica preferiveis a todos os principios Mathematicos, a todos os vendavaes de systemas, que tem feito mais estragos pelo Paiz da Litteratura que todas as chuvas da Suissa, e trovoadas de Gante, como nos tem annunciado os Periodicos, que vendo desfeitas as trovoadas de Buonaparte, fallão dos estoiros da Natureza. Ora, entre os principios da Filosofia pratica da Escola antiga havia este, que não he muito para esquecer: *Cum animalibus non est luctandum*: se as bestas atirão, não se lhes deve atirar, porque he ser mais besta. Não sei se isto padece excepção, e especialmente agora que, como se não bastassem os que se me atirão no Téjo, vem de Londres o *Correio Brasiliense*, arvorado por devoção em Mordomo reformador do Mundo politico; sem que nos faça vêr as suas Credenciaes, senão na mais solemne impostura que o mesmo Mundo tem visto. Julga este homem transfuga summa justiça atacar hum Governo legitimamente estabelecido, composto de homens conspicuos, cujas luzes, e probidade dirigirão, e salvárão huma Nação inteira nos tempos mais calamitosos, e julga summa injustiça atacar-se, e impugnar-se huma Seita preversa, e proscripta, a quem já não vale o ridiculo subterfugio das diversas denominações que tem tomado para se evadir, ou esquivar ao merecido rigor dos Soberanos, depois que conhecêrão que della lhe vinhão todos os males: elle póde atacar os que governão; mas ninguem ha de tocar nos Pedreiros-Livres, nestes *respeitaveis*, *e assignalados varões*, que ainda não tiverão a fortuna de irem todos além da Taprobana, ao menos até á *salutifera Batavia*: se se toca neste *virtuoso* corpo, chama-se logo *energumeno* o desassisado, e sacrilego que a tanto se atreveo. — Ora não seria melhor que estes Senhores, para se não queixarem de tantas calumnias, de tantos, e tão injustos ataques, como elles dizem, declarassem de huma vez ao mundo, a quem elles querem tanto bem, quem sejão, qual seja a sua doutrina, os seus principios, o virtuoso fim da sua associação? Ui! Pois nós podemos saber, e sabemos

o que seja, e o que faz a Irmandade da Misericordia, que he pegar no Ente desgraçado desde o berço, e não o deixar em situação alguma da vida, huma vez que soffra, e até quando o dependurão do patibulo, e não poderemos nunca saber o que seja, e o que faça esta misericordiosissima Irmandade de Pedreiros? — Eu hei de ir á porta do Hospital, e, com assombro dos Medicos, fazendo alto por hum instante a morte, gritar para aquellas enfermarias, e dizer: "Doentes, eu tenho hum especifico, hum bezoartico, hum basilicão com que vos tiro dessas camas sáos, e escorreitos . . . „ — "Então que bezoartico he esse? „ — "Isso agora não quero eu dizer, nem manifestar, nem declarar, nem applicar. „ — "Muito bom curandeiro! (me dirião elles.) Zombar do genero humano, e deixallo sempre na mesma ignorancia! „ He este o caso dos Pedreiros-Livres. Fallem de huma vez, não queirão que lhes compremos nabos em sacos; e se não querem ser, como dizem, calumniados, e insultados, declarem-se de huma vez, fação-nos vêr a boa obra; nem elles me chamarão endemoninhado, nem eu Anarquistas, e Impios . . . E o Pato? Não me esquece; mas quiz dar ao público a idéa da nova iguaria que lhe vou apresentar no Banquete Sabatino, onde com a directa impugnação do *Correio Brasiliense*, que até aqui se tem tratado com muita brandura, porque taes patifarias ainda não cahírão nas minhas mãos, hirá sempre huma travessa de Pato; he o amigo *Orestes* de quem tantas vezes reza o *Portuguez*, que tanto do coração busca a nossa gloria, e de cujas modestas advertencias tantas vantagens tem resultado a este Reino, que tinha muito bem onde empregar, ou pendurar tão benemeritos filhos; mas a Patria não lhe pôz a mão por cima; paciencia! Vamos com Pato; eu o queria dar córado; mas he cousa que elle não toma.

A pag. 135 do Parallelo, diz o Senhor Pato:

„ O peior he que o Anjo descreve a derrota do Des-
„ cobrimento, em modo que tira todo o merito ao Heróe,
„ o qual ensinuado pelo Rei, e com tal segurança, não tem
„ mais, que seguir affoutamente a viagem. „

Quem lêr isto com este ar de simplicidade, e candura cuidará que he assim, que o Anjo declara ao Rei a derrota que o Descobridor deve seguir para chegar, partindo do Téjo, ao Indostão, como quem lhe diz: vá v. m. andando por aqui abaixo direito a casa do Samorim, que he número tal,

primeiro andar ! Julgará tambem que o Rei ensinado pelo Anjo , dá o Roteiro da Viagem ao Gama , ensinuando-o, como diz Pato , de todos os surgidouros , ancoradouros, portos , &c. desde Rastello até Calicut ! . . . Pois tudo he mentira quanto diz Pato , e basta para se conhecer a calumnia , e a falsidade destas iniquas asserções lêr o primeiro Canto do Poema *Oriente*. Nem o Anjo quando apparece ao Rei , nem o Rei quando escolhe Vasco da Gama , lhe entrega a Bandeira , e o acompanha desde a Ermida de Rastello até ao embarque , fallão huma palavra só na derrota da viagem. Com esta má fé escrevem taes homens ; satisfazem-se do gostinho da momentanea impressão que faz a calumnia , e a mentira quando se trata de dizer mal ; consiga-se isto , não importa que depois fiquem desmentidos , confundidos com hum testemunho tão innegavel como a leitura do mesmo impugnado Poema. Ora concedamos por impossivel que tudo isto he assim , que ha estas instrucções do Anjo ao Rei , do Rei ao Gama , tira isto acaso o merito ao Heroe ? Com a falsidade da asserção dá-se a conhecer a moral Patense , com a illação de tirar o merito ao Heroe dá-se a conhecer o seu juizo , pois este se conhece em tirar rectas consequencias de principios rectos. Tinha acaso Vasco da Gama hido já á India ? Era pouco merito pôr pela primeira vez em pratica , e felizmente as instrucções theoricas que se lhe davão ? Quem póde duvidar que tendo já Bartholomeo Dias dobrado o Cabo de Boa Esperança , e navegado até ao Ilheo da Cruz , Padrão de S. Filippe , e Rio do Infante , hirião para as mãos do Gama estas instrucções , e todos os Roteiros que aquelle portentoso homem houvesse feito , para se servir delles , e tentar a empreza do descobrimento da India não ultimado até alli ? Faltarião já naquelle tempo Cartas hydrograficas , ainda que imperfeitas , de que o Gama se servisse ? Pero da Covilhã , e Affonso de Paiva não tinhão hido por terra , e hum delles não voltou a este Reino com seus Itinerarios , de que se serviria o Descobridor ? Pôr em execução os meios até alli descobertos he nada ? Como sabia especulatimente onde ficava a India , ir lá pelo Oceano sem ter navegado huma só vez em taes paragens he pouco ? Confia se acaso hum navio da India a hum Piloto , ainda que mui bem instruido na sua Arte , sem ter hido algumas vezes á India de terceiro , ou de segundo Piloto ? Supponhamos que Vasco da

Gama estava tão bem instruido, como diz Pato, na carreira da India, como elle póde estar onde fica o Botequim das Parras, perde acaso o merito de Descobridor por ter querido depois das suppostas instrucções levar de Melinde hum Piloto pratico para o conduzir á Costa do Malabar? E depois disto, he acaso ensinar a derrota da viagem de mar, fazer huma descripção das terras, e regiões daqui até á India? Não nos cancemos em produzir razões que tanto convencem; são perdidas, são inuteis, são escusadas. Está bem conhecida a intenção de Pato, e Collegas; o seu fim não he criticar; esta Arte he tão nobre como difficil, quando bem se emprega: o seu fim he deprimir, e calumniar. Não nos embaracemos com os meios; este he o grande principio, consiga-se o fim: mas este fim se poderia conseguir se eu dormisse, e se consentisse que fallassem impunemente versistas de luminarias, que em papeis impressos nos apresentassem como elle nos apresenta aos annos de Jorge IV. hum versinho como este:

D'Escalabis nos Campos appella á fuga...

Para o pronunciar he preciso abrir a boca de orelha a orelha, e conservar em tortura a goella com o trabalhoso hiato do á á á... Notavel desembaraço! Criticar Poemas Epicos, e não saber fazer hum verso, levar destas que nunca acabarão, e perguntarem-me ás vezes se eu o tenho visto vivo ainda, e com alguma penugem? Eu respondo que sim, e muito tezo, e desempenado, e fazendo destes versos:

O valeroso Moore votado á Gloria...
Com os *torvos* tufões do Despotismo...

(Versos impressos em 1812 no faustissimo anniversario de Jorge, dados gratis no Rocio por... &c.)

E se estes não bastão, então
São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo sexto Número.

Os Senhores Subscriptores que quizerem continuar a receber os números do Espectador, pelo segundo Semestre, poderão assignar para elle (por 800 réis) nas lojas de João Henriques, Rua Augusta N. 1., Carvalho, ao Chiado, e Gazeta Rua do Ouro N. 141.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

SUPPLEMENTO
AO
ESPECTADOR.

AOS DESEJOSOS LEITORES.

NO tempo da peste, quando aqui não podiamos respirar mais do que hum ar inficionado de Periodicos, quando esperavamos mais o Paquete, do que os Sebastianistas o Encoberto, apenas o Paquete apontava duzentas leguas ao mar, e alguma Muleta bemfazeja nos trazia as Folhas para a terra, ainda que os Alliados fossem para a Silezia, se lhe chamava — A grande victoria —, e os Periodiquistas, e Periodiqueiros se sahião logo com o oitavinho de papel, chamado o Supplemento; e quando se encontravão pela rua apressurados com as Folhas, se perguntavão — Supplementaste? . . . Eis o que succede agora quando chega o Paquete, e traz o Hippolyto; tambem me perguntão — Supplementaste? Supplementei; e ahi vai o Supplemento.

Como estão feitos os Números em resposta ao Folhetinho de Setembro, mandando alguns juntos para não importunar todos os dias os Censores, que tem mais que fazer, para não defraudar o gosto do Publico sobre a resposta ao de Outubro, vai por esta vez este número extraordinario em Supplemento.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

CHegou o Folhetinho de Outubro de 1816, chamado pelos Hippolytinhos de cá — O Codigo Politico do homem profundo; eu o li, e quando cheguei á dose, ou parte que me pertence, depois de alguns instantes de reflexão, disse — Resposta de Pedreiro!!! Como eu conheço bem, e como os meus dedos, o author da carta, que se assigna — Menckenio Teiguéra — terá huma cabal resposta, que, deixando este termo, deve ser respostáda; cahio em boas mãos, e preliminarmente, para annuncio do que será, vão duas reflexões. O mais claro indicio de hum animo vil, e patife são cartas anonymas. Só huma alma cobarde se atreve a atacar atraiçoadamente, mostra que teme o combate quem não conhece senão emboscadas; peleja sem honra quem se esconde na peleja. Matar hum homem, não he vencello, e nunca se deo o nome de guerreiro a hum vil assassino. Huma punhalada nas costas não he hum duélo, he huma vileza. Com huma carta anonyma desaffoga-se a raiva, e muito medo tem do combatido, quem o combate ás escondidas: tem hum mui estreito parentesco huma carta anonyma, e huma chicara de chocolate Maçonico. Esta he a primeira reflexão; a segunda he esta: Em hum homem que escreve ha duas cousas, o homem, e o escrito; dizer o que o homem he, não he responder ao que o homem diz, nem se combate a obra com os defeitos do author. Demos hypotheticamente que he verdade tudo quanto se diz de hum homem, concedamos que he hum crime civil morar á Bombarda, e morrer-lhe a mãi pobre; póde haver hum homem de máos costumes, e de boas razões; se este homem atacasse outro pela conducta moral, era justo que se lhe retorquisse na mesma moeda, porque pelo mesmo caso porque se faz a pergunta, se dá a resposta. Mas dizer a hum homem, V. m. he hum tôlo no que escreve, e este responder-lhe, e V. m. he hum perverso no que obra, he resposta de Pedreiro!!! Graças aos Ceos, Senhores Pedreiros-Livres, Vv. mm. dão materia para tudo, e vierão

para gloria sua, e honra do seu nome, marrar com estes dedos que se não canção. Eu escrevi hum Livro intitulado: — Refutação dos principios methafysicos, e moraes dos Pedreiros-Livres-Illuminados —; expuz a sua Doutrina: agora escrevo outro Livro (aqui está em cima desta meza, e vai sahindo deste inexhausto, e inextancavel tinteiro) intitulado: — *Os Pedreiros-Livres, conhecidos pelos Factos.* — Vv. mm. notão-me de pobre porque vou a cavallo em hum burro a Odivellas, eu lhes mostrarei a Vv. mm. como Vv. mm. pertendêrão, promovêrão, e buscárão *apear* dos Thronos os Soberanos, e os Sacerdotes do Altar. Olhem que não he Doutrina hypothetica applicavel a qualquer genero, ou especie de incredulos, são factos, são factos marcados por suas épocas, lugares, e individuos. Deixem-me dar-lhe parte de hum achado que os fará tremer. Tenho na minha mão o fatal Livro intitulado: — *Vida privada* de Luiz XV., o da primeira edição, e não capada por Vv. mm. depois, e a este Testamento ajunta-se hum codicillo do seu Mirabeau, sobre a *Monarchia Prussiana.* Aqui dirá o Sr. Hippolyto: — *He o Governo de Lisboa, que manda escrever aos seus rabiscadores.* Não, Senhor, não he o Governo, sou eu. Julgo que os Senhores Governadores de Portugal, e dos Algarves não se lembrão do transfuga, e criminoso Hippolyto, nem para o desprezar; se cá estivesse, talvez se lembrassem de pôr lá no fim de hum papel..... *Cumpra-se, e enforquem-no* — com prazer tão universal, que eu lhe fico que lhe não faltaria nem hum irmão da Misericordia, e o Letrado da mesma Santa Casa, para não gastar cera com ruins defuntos, teria razão se dissesse nesses tres dias: — Juro que estou doente. — Não pareça isto forte, porque o não he; este Hippolyto associado ao Portuguez que tem, e sustenta em sua casa, chega a insultar com a nomenclatura mais affrontosa hum homem cujas virtudes públicas, e particulares dão realce á sua alta dignidade, nobreza, e representação: hum homem que, presidindo no lugar supremo á mais melindrosa repartição, nas mais tristes circunstancias, não fez ainda hum só queixoso, nem deixou ir da sua presença hum só descontente, lugar onde todos pedem, e não podem ser todos no momento ouvidos. Não cuidem os Hippolytinhos de cá, que he lison-

ja, ou dependencia, porque lhes confesso que ainda que saiba onde he o Portão do Edificio, não sei se he da direita, se da esquerda a escada para a Repartição. — Hum homem que he réo de facto de lesa Magestade, de lesa Nação, que ataca pelos seus nomes corporações, e individuos, he justo que se trate assim, e he justissimo que soffra na execração pública, o que devia soffrer nas mãos do Executor..... Mas não me lembre pelo que fez, lembre-me só pelo que diz.

Duas cousas constituem o homem desprezivel, a tolice culpavel, e a perversidade voluntaria; ambas ellas se unem, e se ligão estreitamente na alma do Hippolyto; não sou eu quem o finge, he elle quem o faz vêr. Sempre eu julguei o Hippolyto homem de nenhum senso pela precipitação com que escreve. Seja qual fôr a noticia que de cá lhe mande esta raça de viboras embuçadas, que andão, e se enroscão entre nós para cuspirem ao longe o veneno que não poderião vomitar á cara descoberta sem lhe *apertarem muito a garganta*, sem verificar, retificar a noticia, ei-la lá vai para o Correio Brasiliense núa, e crúa como lha mandárão. A criminosa, e já fastidiosissima teima de malquistar, e deprimir com sacrilegos aleives os Senhores Governadores o deslumbra, o azoina, ou allucina, e o obriga a dizer taes, e tão grossas, que o insulso Pax-vobis lhe diria, Sr. Hippolyto, não he maré. — Basta de preambulo, venha Hippolyto, que ainda que não more á Bombarda, merecia-a. Conheça-se o Hippolyto, pelo Hippolyto. A pag. 509 do Correio Brasiliense de Outubro de 1816, artigo sobre o Exercito de Portugal — diz que —

„ ElRei concedêra a Lord Beresford a *Inspecção*
„ *das Milicias* que tinha o Ministro da Guerra „

Em duas regras ninguem disse ainda maiores parvoices, nem maiores, nem tantas. He S. E. o Sr. Marquez de Campo Maior Marechal General Commandante em Chefe do Exercito Portuguez, e neste caracter de General em Chefe lhe são sujeitos, e inferiores todos os Senhores Tenentes Generaes, Marechaes, Commandantes de Corpos &c. &c. &c.; he a primeira Cabeça na Jerarquia Militar,

São seus subalternos os Inspectores das tres armas Artilheria, Cavallaria, e Infantaria; e consequentemente he seu subalterno, e inferior em patente, e dignidade o Inspector das Milicias; porque aqui não se trata do homem, trata-se do lugar, porque entre nós hum Duque que he, e forão sempre, de Sangue Real, póde ser Capitão, começar por isto, e ser subalterno, porque se trata dos lugares da Milicia, e não dos foros de Palacio. Pois no Gabinete do Hippolyto, e nas promoções que faz o Hippolyto, sahio S. E. o Sr. Marechal General, Commandante em Chefe do Exercito Portuguez, feito *Inspector de Milicias*? . . . . . chama-se a isto Accesso para traz.

„ ElRei concedeo a Lord Beresford a Inspecção
„ das Milicias que tinha o Ministro da Guerra.
p. 509.

Isto he huma solemne mentira, e huma tolice chapada. He huma solemne mentira, porque S. M., que Deos guarde, não tirou ao Illustrissimo, e Excellentissimo Sr. D. Miguel Pereira Forjaz a Inspecção das Milicias, nomeou hum Inspector interino, que he hum Marechal, que me disserão residia em Chaves, em quanto S. E. se conserva no Ministerio, e tem a Pasta dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, conservando-lhe outro sim o seu soldo. He huma tolice chapada, porque dá a conhecer tal confusão, ou tal privação de idéas que não advertio por incapacidade, que hia rebater a dignidade de Commandante em Chefe do Exercito Portuguez, dando-lhe huma Patente relativamente inferior á sua suprema Jerarquia Militar. Pois o General em Chefe do Exercito he, ou póde ser *Inspector das Milicias*? Ora, que dirá a isto Menckenio Teiguéra, e os outros Menckenios, peixinhos de Santo Antonio, que tanto acatão os Oraculos do Hippolyto? Eis-aqui o homem com que nos tem moido a paciencia ha annos, o homem que se diz o espantalho dos Gabineres, o açoute dos Ministros, o Director dos povos, o Arbitro da paz, e da guerra, o Franklin das Caracas; eis o homem que de motu proprio, sciencia certa, poder absoluto, faz hum Marechal General, Commandante em Chefe de hum Exercito, *Inspector de Milicias*. Tal

he a ancia, ou o cégo furor de maldizer os membros do Governo Portuguez, que sem pezar o que diz, sem reflectir no que annuncia, em se persuadindo que he cousa que rebata a merecida gloria dos Senhores Governadores, ainda que seja huma contradicção manifesta, huma parvoice calva, ha de apparecer por força. Os Hippolytinhos de cá folgão com isto mesmo, porque lhes não ficou mais que huma desgraçada consolação. Pela actividade, e energia do Governo dirigido, (serei eu fanatico?) dirigido por huma visivel Providencia Divina, se transtornárão todas as suas miras revolucionarias, abortárão aquellas medidas tomadas para a ruina da Patria, porque com tanto que os Pedreiros-Livres dominem, ainda que seja sobre ruinas, não se lhes dá disso; consolão-se com o tavernal recurso de publicar infamias, e de amentoar falsos testemunhos contra o rectissimo, e illustrado Governo de Portugal; e de que aproveita isto! De se darem a conhecer, elles tôlos porque o mandão dizer, elle tolissimo porque o publica. Que dirá agora hum Medico de Edimburgo que eu conheci (olhem que he de Edimburgo, não he de cá) chamado em Edimburgo o *Foguete de Congréve*, porque em elle chegando, só com tres grãos de tartaro, punha o Globo em tal combustão, que dava lugar a huma idéa de Volney sobre as ruinas, e a hum sonho do Calceteiro Boulanger sobre huma nova catastrofe; que affirmava a hum Abbade do Maratá (na India Oriental) que o Hippolyto éra o maior escritor do mundo? Aqui cahiá bem o nome de *Caturrá Litterario* com que elle afformosêa o seu *precioso* Jornal. Diz o Hippolyto, que o que eu escrevo lhe *excitára* huma rizada: e dar a Patente de *Inspector de Milicias* ao General em Chefe do Exercito, que gargalhada excitará? . . . .

Temos conhecido o Hippolyto pela parte da tolice, conheçamos agora o Hippolyto pelo lado da perversidade, e destes dois predicados juntos resultará hum todo a que se chame — Tôlo-máo. — Nem pela vista, nem pela experiencia das grandes desgraças, e dos grandes males que ao mundo causou a Revolução, nem pelos rios de sangue derramado, nem pela contemplação dos lutos, e das lagrimas de tantas viuvas, e de tantos orfãos; nem pelo desterro, e emigração de tantos povos, se acabou ainda

em cabeças volcanicas a idéa de Revoluções. A firme resolução de Alexandre I., e não outra cousa, fez (e he de presumir que para sempre) desvanecer estas esperanças, a Europa se equilibrou: a opportuna chegada de 120 homens de cavallaria, ou o fulmineo ataque de Bullow, (e porque se ha de esquecer este homem?) que ultimando a derrota de Mestre Bonaparte, que sem artilheria deixa em huma planice descoberto o flanco direito do Exercito, e ataca em linha o inimigo em Quadrados, (o Principe Eugenio criava se para Conego, digão embora os *Generaes* do Rocio que hum Clerigo de *requiem* se mette em resta!) restituio aos Thronos os seus ligitimos Soberanos; e a paz, aborrecida pelos Pedreiros, veio finalmente á Europa. Nem assim mesmo se esvaio a mania Pedreiral a respeito de Revoluções. A America foi, e he a ultima cidadella a que se acolhêrão os irmãos da Irmandade da tróiha. Caracas, dizião elles, Caracas he a nossa Urica, e cada Caraquenho he hum Catão, e cada Catão Caraquenho, póde dizer, onde eu estou está a nossa Roma, e a nossa veneravel Irmandade: será cá na Europa cada Pedreiro hum lambisco,, nas unhas de hum Cossáco tudo estará domado. — *Preter atrocem animum Catonis Carasquenhi.* Para se conhecer pois a perversa intenção do Hippolyto relativamente á America, e para se applaudir o justo motivo com que na Hespanha fôra o Correio Brasiliense queimado pela mão do algoz,, basta vermos o Folhetinho de Outubro de 1816 a pag. 484.

,, Foi, e he a nossa opinião que o Governo de
,, Hespanha se portava, e porta *pessimamente* a
,, respeito de suas Colonias; e que elles tinhão
,, *direito* a salvar-se da *oppressão.*

Nestas poucas, porém sucosas expressões apparece todo o Compromisso da Irmandade, e pelos factos se deo a conhecer o seu fim: *Revolucionar.* Veja-se quaes forão os meios de que os *Sansculotes* Francezes, ou mais depressa a caterva Filosofante dos Pedreiros, se servirão para revolucionar a França, e apressar a catastrofe lastimosa premeditada, e disposta havia tantos annos. Começárão a indispôr os povos contra os Monarcas, persuadindo aos

povos que o Governo Monarquico era abusivo, e oppressivo. A exageração, ou hyperbole, para o povo era huma figura terrivel, e o povo corrompido em costumes considera mil vezes, que mudar de dominação he caminhar para a felicidade. Pedem v. g. as circunstancias aos Soberanos, que para se conservar a independencia do Throno, e da Nação se imponha hum tributo, ou se abra hum emprestimo; eis-aqui hum grande pretexto para hum Pedreiro, não expõe, ou explica ao povo a justiça, e a razão dos motivos que obrigárão o Soberano a tomar huma semelhante medida, isto não faz o Pedreiro: toma o termo — *Tributo* in abstracto, e o considera como huma oppressão, hum pezo insupportavel, e diz ao povo que o Soberano o opprime, gravando-o com tributos insupportaveis; salta d'além o Publicista Pedreiro, e com seus termos de Medico Empirico, diz, *que a reacção deve ser na razão composta da compressão*, que o homem tambem tem a *elasticidade moral*, e que no corpo civil *a força da inercia* não produz *movimento*. Com esta palavraria da Filosofica *chicana* assenta o povo que o não querem conservar, mas esfolar; e que huma força se deve repellir com outra força, e aqui temos a massa popular em fermentação. O Hippolyto para estabelecer em bases seguras a sua *opinião* (a opinião deste grande Politico formado em Jornaes) e sobre bases sólidas, devia demonstrar 1. que o Governo Hespanhol tratára mal as suas Colonias, como, e quando, e com que factos. 2. Que as Colonias tem direito a salvar-se da oppressão, pela revolta, e não pela representação. 3. Que existia esta oppressão. 4. Que em tal, e tal grão de oppressão he licito ao povo revolucionar-se. — Ora, eis-aqui o que he impossivel ao Hippolyto de lá, e aos Hippolytinhos de cá provar, e estabelecer relativamente á Hespanha sobre o Governo, e leis das suas Colonias. As caras, e as acções dos Pedreiros-Livres são para mim o Livro porque mais tenho estudado; trata-se de salvar a Patria, e o Individuo das mãos destes jurados inimigos da sociedade, e isto he huma materia muito importante. Quando aqui estiverão os seus amigos, os grandes farropilhas da Gironda, os *Bravos do Vimeiro*, a cambada dos Impostores, que na primeira semana extorquírão dois milhões de cruzados, e depois disserão ahi por essas esquinas, que querião qua-

renta milhões, olhava eu para a cara, e para o risinho, côr do Hippolyto, da boca dos Pedreiros, e não via senão contentamento, e satisfação. Em lugar de dizerem ao povo, que com effeito estava oppresso por huma Tyrannia estranha, e que a páo se devia livrar do jugo, eu ouvi dizer a hum de costado bem largo, que o povo devia approvar aquellas enormissimas extorsões, porque como erão para repartir depois irmámente pelo povo, quanto maiores fossem, maior quinhão tocava a cada individuo. Fez isto alguma vez o Governo de Hespanha aos de Caracas, Sr. Hippolyto? Que diria, se hum Soberano o fizesse? Diria o que diz de quem o não fez; porque o não fizerão senão os Francezes. Que ,, o Povo tem direito a salvar-se da op- ,, pressão ,, sem V. m. o ter dito o fizemos nós, porque sóva, e tunda maior nunca os Francezes levárão. V. m. sabe que até ás mesmas margens do Gironda forão corridos, e zurzidos a cajado. Esta sua proposição tem corolarios dignos da sua perversidade. Em quatro malevolos começando de gritar, que o povo está oppresso, e que o povo tem direito a salvar-se da oppressão, eis-aqui o povo revolucionado; porque V. m. lhe quer dar o direito sobre factos não existentes, e como a sua arma he a calumnia, qualquer medida que hum Governo tome, para V. m., he oppressiva, e por este seu dito he V. m. o maior inimigo de Portugal, e de todos os Governos estabelecidos: o seu papel he o mais infame, todas as suas idéas são incendiarias, e he em V. m. invencivel a teima de revolucionar. Tem este fim o ridiculo subterfugio de malquistar os Senhores Governadores, sem se querer desenganar que o povo Portuguez he incorruptivel. Se não fossem Vv. mm., e os assopradores, já o fogo da rebelião se teria extincto, e apagado de todo na America. Posso dizer, que o principio desta rebelião tivera hum motivo em apparencia justo; eu me explico, porque não sou Pedreiro; os Americanos virão seu Rei cativo, a Patria atraiçoada por muitos *Eugenios Isquierdos*, hum pedaço de hum Bebado, chamado o Botelhas, escarranchado no Throno de Carlos V., e de Filippe II., ouvirão que este odre, (que lá se está enchendo na America, onde V. m. disse que hia estudar a plantação da virginia, para chupar os dois continhos de reis) se chamava a si, com Arribas, e Cabarruz, Rei de Hespanha, e

de Indias, por mercê do Ratazana engaiolado em Santa Helena; não quizerão estar pelos autos, revoltárão-se, não contra o legitimo Monarca, pois então o não tinhão, mas contra o Arlequim do Josésinho zarolho. Creio que a rebelião se acabaria, acabado este motivo, se V. m. por si, e os seus irmãos emissarios não lançassem mão da occasião, para continuarem, contra o Soberano justo, o que tinha começado contra o oppressor injustissimo.

Ora, quem dá a Patente de Inspector de Milicias ao General em-Chefe do Exercito, quem concede direitos ao povo para se rebelar, quando se julga oppresso, sem determinar a qualidade, e o tamanho da oppressão, he Tôlomão; *quod erat demonstrandum.*

Resta-me a Carta, e hirá dando números ao Espectador. Adeos até á primeira.

P. S.

Julgar-se-ha cousa estranha, que apparecendo papel relativo ao Espectador, não appareça tambem Pato, guizado obrigado, e para quem, e por amor de quem se fez, e se fará o Espectador. Respondo, que sendo este papel fóra da ordem dos Números, e devendo apparecer em dia que não seja sabbado, julguei a proposito não tirar o Pato da sua ordinaria, e conhecida capoeira. Consta-me que está ungido, e proximo a espirar: Deos lhe conserve a vida, porque a hum morto nada se diz, já não póde responder, e sempre se perdoou aos sepultados: apezar disto não se interromperá o Espectador, para satisfazer aos Assignantes; se huns morrem, muitos vivem. Temos o Poeta Magrisso

„ O Traductor universal do mundo,
„ De tanto engenho, de saber tão vario,
„ Que em Quadras, com trabalho mui profundo,
„ Verteo tres Almanaques, e hum Lunario.

Mas este magerrimo Magrisso tambem já morreo. Assim he, mas elle fazia tão bons versos, que não podem esquecer a hum Espectador; ora considerem-se bem os seguintes, para os quaes em sua vida tinha aberto huma subscripção.

Sempre o arrependimento acha a indulgencia

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17

Ora he pena ter morrido o Poeta Magrisso,

,, Que fez Tragedias cem, Comedias cento ,,

Se ateima a viver tinhamos versos de huma bitola nova. O verso acima tem 17 syllabas, elle andava traçando hum *Plano combinado* para os fazer de 34 syllabas. Era hum homem de mais escuras Elipses que Tito Livio: quem pescará hum sentido nestes versos da sua antiga subscripção?

,, Ah!... onde os tempos em que os Ceos rendia

,, Hum só favo de mel, fructos, e leite!

Temos aqui hum verbo, que he *rendia*, que regerá este verbo *Ceos* no plural, ou *fructos* tambem no plural? Se resuscitasse devia ir para a escola.

FIM.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 1.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Reflexões moraes sobre huma cousa que se chama agora em Portugal — Partidas —, isto he, sociedades domesticas.

NÃo sei porque motivo, talvez por desgraça, estive huma destas noites em huma casa, e grande, e era pontualmente a noite da partida, e antes que visse abrir quatro trincheiras para o bombardeamento de quantas bolças alli apparecessem com dinheiro, convém a saber; antes que visse abrir quatro mezas de panno verde, e assentarem-lhe em cima quatro tortas, e cizeladas serpentinas, mais azadas para o ataque que os morteiros do sitio de Cadis; como se conversasse ainda, antes que a cousa se transformasse no silencio da Cartuxa para a singela, e proficua Ronda, e meditado, e circunspecto Voltarete, tive lugar de fazer algumas reflexões sobre a velhacaria das mulheres, e perfidia dos homens, cousa desconhecida em Portugal antes dos nomes Ronda, e Voltarete. Vi que se encami-

nhava a conversação a metter a bulha, e cobrir de ridiculo huma Senhora Condessa, a quem todos protestavão respeito, por ser Estrangeira, e de Nação polidissima, segundo dizião, porque não a conheço, nem pelo titulo (talvez digão que minto; pois paciencia, terrivel cousa he a letra redonda!) Eu não sei, disse huma das Senhoras muito espirituosa, ou espiritada, eu não sei onde a Condessa foi aprender tanto conto velho, e versos antigos, para nos enjoar, e enfastiar mortalmente! Ora na verdade ella já não está em tempo de delirar por aquelle feitio! Engana-se V. S., lhe disse hum Medico, com hum tom prodigiosamente affectado, se a idade constitue em direito de apresentar hum antiflogistico de enjôo ao público, ha muito que a Condessa está de posse deste direito. Isso não he assim, replicou outra, a Condessa ainda não está em idade de tontear tanto, eu a conheço mui bem; casou no anno em que eu nasci, tinha ella então vinte e quatro, e eu tenho trinta e dois. Como he isso, gritou loucamente hum Bacharel despachado, ou para haver de despachar, V. S. parece huma criança ainda áquem da idade da lei dos Casamentos, e Direito enfiteutico dos Tutores, e já tem trinta e dois annos? Isso que V. S. atesta he tão incrivel como he ter a Condessa só 56 annos, pois ella mesma me confessou em huma causa de alimentos a huns netos, conforme a Lei Testamentaria, que tinha quarenta. No mesmo instante em que fervia a disputa sobre a data do nascimento, parou huma carruagem, era ella, subio, e entrou em conversação. Tudo mudou repentinamente de rumo, tratou-se de outro objecto no discurso. Oh Deos! exclamou aquella mesma que havia meio minuto lhe tinha dado generosamente 56 annos. Oh Deos! V. E. vem hoje com huma côr de lirios, e rosas, e mostra não ter ainda trinta annos! Poucos mais tenho, respondeo a Condessa, sorrindo-se docemente, e meneando, ou volvendo methodicamente os olhos, e depois mordendo os beiços para lhes avivar o carmim, ou como diria hum destes Poetas modernos á Chateaubriand, para ensanguentar os coraes, por cuja sincopada fenda se admiravão dois fios de perolas do Lago Asfaltites da Terra Santa! Dormi pouco, continuou ella, a noite passada, e esta manhã ás onze e meia, quando me levantei, vendo-me ao espelho tive medo de mim mesma, e resolvi não vir hoje á partida; mas o desejo de gozar da companhia me determinou a sahir. Te-

riamos perdido muito, replicou o mesmo Medico, que tanto a honrára havia pouco, a sociedade sentiria huma affecção espasmodica, as graças naturaes de V. E. sustentão a estancia da conversação. Protesto a V. E. com sinceridade, e podia dar a minha palavra de honra, eu anteponho o mais ligeiro conto de V. E. a todos os de la Fontaine pela maior parte narcoticos. Eu estava atonito, e azul, e capaz ás duas por tres de soltar a correnza áquelle sincero fel que me deó a natureza; mas não sei se soltei por entre os dentes hum candido Epifonema! Que desavergonhados!!! Tal fingimento me pareceo huma perfidia insupportavel. Não me podia dar paz, nem accommodar-me, vendo ridicularisar huma pessoa com quem diariamente se convivia com tanta familiaridade, e a quem se dava o sagrado titulo de amiga. Mais me escandalisavão os louvores que se lhe davão; porque dizer que era huma serpente, até eu lho diria com muito gosto, e vontade. Os fartos elogios que lhe fazião erão huma injúria tanto mais atroz, quanto a ironia que em si continhão era conhecida de todos os que estavão presentes. Quando sahi da partida disse ao sugeito que lá me tinha levado: Que he isto, onde estamos nós? Em Portugal certamente não. Quem me dá a certeza de que não ficarão dizendo de mim, e do Poema Oriente o mesmo que disserão da bambuxata, ou tartaruga, ou cascata da velha? Aquelles Senhores, e Senhoras que protestão ser tão seus amigos, fazem a V. m. as mesmas protestações. Eu sei mui bem a que me hei de atêr, e conheço bem o mundo para me não deixar lograr de seus quimericos protestos de amizade, e de seus louvores espalhados a tôa sem juizo, e sem fundamento. Conformo-me ao costume, e á moda, muitas vezes louvo o que conheço ridiculo, e guardo-me para fazer o contrario se a occasião o pedir. Mas para que serve, lhe disse eu, esta dobrez de animo, e de cara? Quem o póde obrigar a contradizer de continuo os sentimentos de seu coração? Será possivel que nunca seja a boca o interprete do coração! Pelo que vejo a sinceridade he huma virtude para V. m., e para o actual estado das partidas inteiramente desconhecida. Meu amigo, me tornou elle, em Portugal depois do Terremoto grande (da Revolução) não ha outra maneira de viver. A dissimulação, e o fingimento são os vinculos mais estreitos da sociedade. O artificio occupou o lugar da verdade, a apparencia faz as vezes da cordialidade, e a necessi-

dade commum torna desculpavel este uso das mascaras. Desde a inauguração de certos principios de moral para cá, poucos são os que no presente Portugal se não occupem do unico desejo de agradar indistinctamente a todos. V. m, continuou elle, não passa horas, e horas do dia sentado mudo, e cabisbaixo por aquella loja da Gazeta, e por aquelle Rocio; não vê hum destes homens de importancia que parecem encarregados de todos os negocios do mundo? Olhe como cumprimenta este, como lisonjêa aquelle, como abraça com os mais vivos transportes de amizade aquell'outro que apenas conhece. A's vezes não se põe V. m. com a boca aberta assim em ar de tôlo encostado ao bordão a olhar para hum, que ha déz annos contínuos louva o outro, e se se lhe apresenta a occasião em hum instante o põe pela rua da amargura descarregando os golpes mais sensiveis na sua reputação. Hum amigo sacrifica mil vezes outro amigo ao momentaneo prazer de hum bom dito, e ha poucas amizades que resistão á tentação de hum gracejo insulso. Eis-aqui porque raras vezes se encontra hum homem, que se possa chamar feliz por ter encontrado outro homem, a quem possa livremente confiar suas magoas, e seus segredos. Em huma palavra, se os verdadeiros amigos sempre forão raros, he preciso confessar que no presente tempo das partidas em Portugal são rarissimos, e semelhantes ao Cisne preto. — Ha muito que eu examino, e observo os actuaes costumes da Nação em geral, e descubro huma violencia infinita em todas as acções, e como os homens de agora sabem o que são, e sabem que os observão, nos ajuntamentos públicos, nos particulares, nos theatros, no passeio, procurão conservar huma superficie lisongeira nos gestos, nas palavras, no riso, no vestido, e até no modo de andar. Com effeito não ha mais que apparencias, e superficies, e as mulheres são nesta parte eminentissimas mentirosas. Hum General de Exercito não delibera com maior attenção em hum conselho de guerra sobre a tomada, ou escalada de huma Praça, do que huma mulher dentro do seu toucador delibera sobre a escolha deste, ou daquelle Filó, e no luxo do luto, sobre este, ou aquelle folho de fumo. Sabem mais Catoptrica que Newton, mais Perspectiva que Paladio, mais Anatomia que Bartolino, e Scarpa, conhecem mais da attitude do nú que o mesmissimo Canóva, para se apresentarem ora de perfil, ora de frente, ora do flanco direito, ora do flanco esquerdo, para darem a vêr hum

bocado mais ou menos de cachaço, e omoplata, e suas annexas. Hum Medico sabe muito bem que qualidade de verniz na caixa da sege, que solitario no dedo que apalpa a lingua, que abotuadura á Talavera no colete, o constitua hum perfeito Cullen, hum acabado Tissot, e hum gentil Vansuiten, e mais nada. Meu amigo, este he o tempo das partidas, e das superficies. *Fronti nulla fides.* Nada de apparencias.

ARTIGO II.

CRITICA.

Correio Brasiliense.

TEmerei eu em dichotes, e gracejos este arbitrario mestre do genero humano, e reformador do mundo politico, que ainda senão aproveitou das suas lições? Não, eu não o temo por lado nenhum; assim mesmo, não por elle, mas pelas materias que se devem tratar, eu o não considerarei como considero o Pato, porque o Pato faz versos côxos, e juizos tortos, e este ataca Governos rectos. Fiquem para elle os insultos tavernaes com que afformosêa o seu papel, como Gazeta de papel pardo, usos secretos, energumeno, Padreca, &c. Serve-se este homem da Dialetica da paixão, impacienta-se, enfurece-se, e cheio da repizada, e já enjoativa Septembrizada, em tudo acha Septembrizada. Não se descobrem neste homem mais do que contradições manifestas, e asserções falsas (Cor. D. de Junho de 1816 pag. 633.) Vejão todos que tal he a Logica do Mestre H. — Os que escrevem contra os Pedreiros Livres querem fazer divisões, e pôr o povo de má fé contra elles: muito bem, he isto hum crime: e que crime será atacar hum Governo legitimo, constituido, e conservado por S. Magestade, imputar-lhe o que elle não faz, atribuir-lhe mil suppostos defeitos? Isto não he fazer divisões, isto não he pôr o povo de má fé contra hum Governo que adora, respeita, e a quem sempre até com alegria obedeceo. Indispôr o povo contra os ridiculos Caretinhas dos Pedreiros Livres, he crime; indispôr o povo contra o legitimo Governo, he virtude. Fazer que o povo deteste huma corja de amotinadores detestados, e perseguidos até na Baviera seu primeiro berço, e patria, he hum atentado, fazer que o povo considere como pessi-

mas as acções de justiça de hum Governo rectissimo, he patriotismo do Mestre H. Com esta tenebrosa Logica, passa até ás mais tristes puerilidades que nos fazem rir. As suas palavras nesta pag. 633 são notaveis. — *Segundo a Logica deste Gazeteiro toda a associação em que os Socios se chamão Irmãos he composta de Framações, ergo, não ha Irmandade do Santissimo em Lisboa, que não seja composta de Framações.* Quem assim discorre já se podia ter calado. Snr. H. não tenha medo que com esta sua illuminada illação nós confundamos Irmandade com Irmandade. Olhe como V. m. argumenta bem. Estes são irmãos, logo são Pedreiros Livres. Segundo o seu illuminado raciocinio, se V. m. tiver hum, ou dois irmãos filhos de sua mãi, tambem são Pedreiros Livres, porque tudo o que he irmão he Pedreiro Livre. Não nos julgue tão atrazados, he verdade que nos faltão cá as suas luzes, ou a luz que V. m. daria se se demorasse, mas assim mesmo sabemos mui bem quem são os *irmãos*, e os irmãosinhos. Se as suas consequencias são deste lote, as suas supposições ainda são peiores. V. m. está muito apaixonado, não discorre, nem sabe argumentar! Que entimema Snr. H! Os Pedreiros Livres são irmãos, ergo, todos os irmãos são Pedreiros Livres? Boa cabeça! He digno de huma Legação! Este artigo do seu Correio — Gazeta de Lisboa, e Framações — he tão fecundo que elle não só basta para longos discursos, mas he sufficiente para o dar a conhecer — *Et crimine ab uno, disce omnes.* Eu hirei mostrando pela sua Logica quaes sejão as suas intenções. He tão precipitado, tão *gazozo*, e inflammavel em lhe tocando a técla — Pedreiros Livres —, que sem vêr ainda o meu Livro, sem saber o que elle contém, a marcha que segue, e o que impugna, só porque a Gazeta diz que elle se publica, salta em mim, e tem a audacia de ameaçar o Governo: — Eu o vigiarei. — Este laconismo da sua filaucia he parente das frazes daquelles que cá chamárão para a sua regeneração; — Eu vos protegerei. — Obrigado.

Pato.

Eu podia aqui exclamar enfaticamente, como exclamava n'outro tempo aquelle Grande Telegrafo, que teve entre nós a virtude dos banhos do mar, curar debilidades. — Homem de Santarém!! Homem de Gouvêa podia eu gritar tambem, que dizes que Pato te enjôa como os Israelitas se

enjoárão do Manná em o dezerto, porque os seus olhos não vião senão Manná, Manná, Manna, (e não era das Boticas, que deste basta huma só doze para enjoar eternamente.) Os Israelitas enjoárão-se do Manná porque não tinhão outro guizado; se tu homem de Gouvêa, quem quer que sejas, não gostas de Pato sempre, vai comer, vai beber o que quizeres; se tu não gostas, ha muitos que gostão, e eu mais que todos. Parece-me que não he para enjeitar huma travessa de moéla que hoje offereço, vai a moéla.

A moéla he hum musculo degestorio, dizem os Tratadistas da Anatomía Ornithologica (que palavrinhas tem esta parte da Medicina! são como as outras das outras partes da Medicina.) Vejamos que tal he a digestão do Senhor Pato, e por ella os sucos nerveos do seu miolo.

Pag. 136. „ O Tasso deixa á deliberação do Heróe buscar todos os meios conducentes ao fim da santa empreza: „ e o Reverendo Epico seguio unicamente o Tasso em „ tambem fazer o annúncio por intervenção de hum Anjo.

O que vão de mentiras em tão poucas palavras! A moéla tem miolo. A ordem natural da Historia que o Tasso segue, he começar, como conta Guilherme Arcebispo de Tiro, pela aproximação do Exercito á Cidade de Jerusalem, e entrar de assalto esta Cidade depois da derrota do Exercito de Emireno. Não póde ser mais natural a ordem historica da tomada de huma Praça; aproximar-se a ella, haver sortidas, escaramuças, ataques, derrotar-se o Exercito auxiliar, ou expedicionario, como nos dizia o viridico Concizo, e o infallivel Madrilenno, e acabar-se a acção com o vencimento, ou remoção do ultimo obstaculo. No Poema — Oriente — começa a acção no annúncio celeste, no embarque do Heróe, partida de Rastello, jantar na Boa Viajem, como agora fazem os Caixas, e interessados em qualquer Calhambeque de mexas para a Ilha dos lagartos; costa d'Africa abaixo, sem fantasmagoria do Gigante sombrinhas, nem mandar pôr á capa as tres charruas para lhe ouvir a famosa logração que lhe fizera a Deosa Doris a respeito da noite promettida. — Huma noite de Doris promettida em que aquelle tamanhão se deixou cahir que depois de feito monte em terra, chora como huma criança pelas barbas abaixo mettido em huma nuvem com duas lanternas para o verem, como sege de luxo, porque enfiou:

.... Qual será o amor bastante
De Ninfa que sustente o de hum Gigante?

como diz o impeccavel Camões: e depois disto a viagem costa acima até fundear em Calicut, fim da acção, que não acaba em Camões, pois conduz o Heróe outra vez a sua casa para vir ouvir o grande Sermão que o Poeta faz, em ar de oração fúnebre, depois de tudo, ao Rei para o ensinar a reinar, devendo antes pedir-lhe que se não demorasse tanto quando se fosse embora para a Ilha encoberta, que tanto tem zangado os expositores do Profeta Japão. Isto he materia melindrosa, porque aquelle negro Almirante Cokburn he tão teimoso, que não deixa vir o *homem* para o campo de S. Braz, e são horas, e o campo está desatravancado depois que se acabou a feira de S. João. A digressão foi grande, eu deixei insensivelmente a capoeira aberta; mas não fugio, cá está! Queria o illustre Parallelista que o Anjo que falla a Gofredo de Bulhões se lhe pozesse com huma longa descripção da Palestina, onde o homem já estava, que lhe mostrasse onde ficava a Cidade de Jerusalem estando ao pé della; *Ecco Jerusaleme*, dizem os soldados apenas descobrem de hum tezo a Cavalleiro da Cidade, a Cidade que hião atacar. Se fosse preciso que o Anjo lhe dissesse onde ficava Jerusalem, era suppôr que o General estava na Aldêa, e não via as casas. Queria Pato que imitasse o Anjo o silencio do outro Anjo relativamente a situação da Cidade que o Heróe estava vendo, e sabia mui bem o caminho para ella; e isto he o mesmo que a carreira da India que o Gama ignorava, pois inda lá não tinha posto os pés? Se o Anjo lhe ensinasse o caminho estando já fundeado na Bahia de Calicut ainda vinha a horas, e podia-lhe Vasco da Gama ficar muito obrigado. E diz Pato, que eu só imitára o Tasso em fazer dar o aviso por hum Anjo, se o imito no mais, que era calar-se o meu Anjo a respeito do lugar onde estava a India, fazia-a bonita. Como o Anjo não diz a Gofredo onde estava Jerusalem, porque não se deve dizer, a quem já está em Arrois, onde fica Lisboa, tambem o Anjo no Poema Oriente não devia dizer onde ficava a India, como se Vasco da Gama já lá estivesse! Ora, senão querem provar da moéla, contentem-se, porque em quanto cá ao meu modo de pensar

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 2.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

A Sciencia dos costumes he a mais util, e a mais necessaria de todas. Que me importa a mim saber de certo se o Sol ande, ou esteja quieto? Com tanto que faça o que faz, esteja lá onde bem lhe parecer. Que me importa a mim saber como se forme o gaz carbonico, o azote, o flogistico? Basta que saiba que tudo o que sahir da Botica me arrebenta, se eu for tão pateta que o engula. Que me importa saber se o grão fermentado, e semeado por Filosofia dê mais espigas, e porque as dê? O que me importa he trabalhar para não pedir pão emprestado a ninguem. Só me importa saber quem sejão, e que taes sejão estes animaes racionaes com quem vivo, ou que eu vejo viver á roda de mim; julgo mais importante a Sciencia moral, que todas as Sciencias; estas vem a fazer de mim hum soberbo ignorante, e a Sciencia dos costumes hum prudente, e hum acautelado. Sei que ha huma Arte de conhecer os homens; nunca a quiz lêr, porque como eu os vejo; e os escuto, não necessito de principios, e de theorias para os conhecer. Para mim a classe dos Comicos, e das Comicas sempre foi huma classe notavel: não bati com os olhos ainda em objectos que me obrigassem a mais sérias, e profundas reflexões. Todos estes

Filosofos de grande abotoadura que tem composto Tratados do Homem, o mesmissimo Des-Cartes, me dizem menos do que me diz de si hum Comico, e mais huma Comica. Como as circunstancias do tempo em que estamos os livrou de nos matarem com as suas récitas, e os reduzio a mais apparente ociosidade, em lugar de dirigirem a palavra ao povo, paciente, e espectador, conversão, fallão, e discorrem huns com os outros mais á sua vontade; juntão-se na casa dos ensaios, armada de têas de aranha, e alli assisti por acaso outro dia a huma sessão ordinaria, como seu conhecido antigo: fallárão da arte, e hum delles a quem sempre se deo a parte de lacaio, sendo aliàs a sua teima o caracter, e meio caracter, (termos theatraes) fallou de papo sobre Tragedias muito mal traduzidas, e peior representadas por huns curiosos em Coimbra grandemente embirrados na Tragedia — Bruto —: isto atalhei eu, e lhe fiz virar de rumo a conversação, que só he picante, e judiciosa quando fallão huns dos outros, os presentes dos ausentes: disse hum que tinha sido Artaxerxes de outro que já fôra Tigranes: — Aquelle Tigranes he o maior basofia que existe; no dia de seu beneficio (teve meia casa) comprou humas pantalonas, e duas camisas de paninho, e humas botas de pé de meza de letrado antigo com muitas roscas, e foi dizer ao Camarim de Electra, e estava presente Olimpia, que lhas tinha mandado a Fidalga tal; he tôllo!! —. Alto lá, (lhe respondeo huma Comica, que tinha sido Dido, e Cleonice) essa *empafia* de Tigranes está bem conhecida; vossês não sabem que tenho mais hum Capitulo para a Chronica escandalosa? Ismenia, que já foi Sofonisba, e que não tinha ventas para ser Gabriella de Vergi como eu fui, foi mandada á fava por aquelle Cavalheiro do altissimo Douro. — Vossês não sabem nada (respondeo outra que foi já Clitemnestra, e Catharina) nesse mesmo tempo perdeo ella hum grande negociante, que começando em lá engrossou em prata, e se não acaba, dava ella cabo delle, porque o pôz na espinha, verde como hum limo, magro como hum bacalháo, e até o faria pobre como hum Job, pois lhe comeo huma propriedade de casas. — Pois a Clitemnestra come pedra e cal? (replicou huma que tinha sido Aspasia, e merecia que se lhe tirasse do nome o *s*, e o *i*, e se lhe mudasse em hum *d*) — Aquillo tem moela de Ema, (replicou hum que foi Potenkim) he capaz de esmoer ferro. — Não me atrapalhem respondeo a Dido, deixem-me levar a historia a fio. O caso succedeo desta sorte: O endiabrado rapaz que a serve, fez sem ser Boticario, hum *quid pro quo*; levava dois escritos,

hum para o pantalão de cima do Douro, outro para o Negociante das pratas; deo a este o do Pantalão, e deo o do Pantalão ao mirrado; ambos elles se zangárão, e desconfiárão; no Pantalão nada perdeo, porque estava tão fundido, que se vio obrigado a sahir em Latim da Hospedaria em que devia seis mezes de jantar, e quarto, agora com o outro . . . Chega neste tempo hum Poeta de Theatro, magrisso de figura, acanhado de sobre-casaca, antiquario de botas, pálido de aspecto, e limpo de dinheiro. Foi olhado da sessão toda com a altivez do sultanismo, fez seis, ou sete cortezias para o congresso, què mais impanturrados que Cavalheiros da Jarreteira, nem lhe abaixárão a cabeça, nem lhe disserão palavra. Disse então huma Comica velha que fizera a parte de Furia na Tragedia de Tancreo: parece-me que o nosso Poeta o famulento Pluto, se retirou dissaboreado! — Ah! Madama, respondeo hum Comico pardo que eu não conhecia, não se afflija. Por ventura os Poetas que escrevem para o Theatro são dignos da nossa contemplação: Se *os nivelassemos* a nós, seria isto o meio de os *endeozarmos*, e fazermos soberbos. Eu conheço bem estes Senhores, privados das Musas, e aulicos do Pindo, se os honrassemos com *hum golpe de vista*, de repente se esquecerião do que são. He preciso tratallos como escravos sem temor, e receio de estancar a sua paciencia; se alguma vez o vilipendio em que os temos os affugenta do Theatro, o furor maniaco que os agita, a teima invencivel em que estão de escrever, logo os reconcilía com os nossos ultrajes, tornão outra vez a metter-se, e julgão maxima fortuna vêr que lhe representamos os seus Elogios. Esse magrisso que ahi vai de orelha dobradiça, e cahida pela porta fóra, mais de seis mezes não pôz aqui os pés, porque lhe rejeitamos aquelle seu endiabrado verso

,, A filha de José ao Pai semelha ,,

porque parece que era a filha de José, que mandava, e enviava muito saudar ao Pai Semelha, que era hum preto caiador do Theatro, irmão do Pai Maranhão, arrebentado dentro de hum saco por hum touro no Salitre; já tornou; porque anda damnado por se lhe acceitar o Drama em sete Actos, intitulado — A fugida dos Kalmucos para a China; porque quer aquelle diabo que eu recitasse o *Monólogo* dos duzentos mil Tartaros na Scena, que se pozessem cem mil no pano de talão, e que se dissesse para a Platéa que os outros cem mil estavão atrás do bastidor do acampamento. Então tomou a palavra huma Comica delambida que nunca quiz senão a parte de Merope, e que não quiz a de Atha-

lia para lhe não chamarem Judia, porque se rosnava que o era, e disse: He hum erro em Politica tratar bem os Poetas de Theatro, ainda os bons; nós os devemos fazer ir a terra, para os obrigar a escrever *Peça* nova, porque a casa sempre ganha com Cartaz que a prometta; pois se elles vêm applaudida huma *Peça* descanção, e não fazem outra, e nós não fazemos fortuna senão com a novidade, ainda que seja huma miseria o que annunciamos, e promettemos. — Toda a Companhia Nacional applaudio estes nobres discursos. Concluio-se, que não obstante os máos tratamentos que os Poetas recebião dos Histriões, os mesmos Poetas lhes devião ficar muito obrigados, com tanto que da récita de hum Elogio lhes proviesse hum quartinho.

Pasmei da audacia, e temeridade dos Histriões, chegão até desprezar pessoas (mesmo prescindindo de magrisso) cujo merito, e talento he causa da sua fortuna; não póde chegar a mais a presumpção, petulancia, e improbidade! Ainda depois de deixar aquella respeitavel companhia, tive lugar de fazer reflexões, e de me adiantar no conhecimento do homem só pela contemplação dos Comicos. Maquinalmente, dizia eu, estes demonios conhecem o seculo, o corrompido gosto, a frivolidade de juizo, e o estado de conhecimento actual na Arte Dramatica. Desprezão estes homens tudo; porque estão certos que quanto mais calvos forem os destemperos que apresentem em Scena, maiores applausos lhes grangearão. Apresentem o que quizerem, eu o que quero he vêllos a elles Comicos, e Comicas, porque em os vendo, estou certo que augmento a somma de luzes no conhecimento da boa rez — o homem do seculo 19.°

ARTIGO II.

CRITICA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

QUe haja, ou não haja em Inglaterra a liberdade da Imprensa, não he da minha competencia decidir se isto he justo; o que admiro he, que os que fogem de Portugal, e que em avistando as Dunas, e saltando em Falmouth, se julgão logo completamente Sabios, Litteratos, doutos, instruidos, e capazes de governar o mundo em seco, argumentem desta maneira: — Eu, que escapei a nhas de cavallo das mãos da justiça que me hia dar o merecido premio dos meus serviços, existo agora no Paiz em que ha

a liberdade da Imprensa, logo tenho eu não só a liberdade, mas o direito de dizer, escrever, e imprimir quantas parvoices quizer; porque sou hum escritor, que escrevo em Inglaterra. Inda bem que nós cá em Portugal os conhecemos, e sabemos quem são, e se isto não he do caso para não confundirmos o sugeito com a obra, inda bem que assim escrevem para os conhecermos mais! Tornamos á pag. 633 do Correio Brasiliense de Junho de 1816. — "O energumeno José Agostinho vai a publicar outra Obra contra os Framações, o que nos faz suppôr que isto he manobra do Governo de Lisboa, o qual vendo que tem cessado as causas de dissenções politicas, que servirão de pretexto á septembrizada, e outras medidas desta natureza, quer agora excitar a discordia entre o povo, revivendo o grito de Framações, e Illuminados, e isto servirá de pretexto, quando for necessario, para se darem redadas, cobrir vinganças particulares, &c.; o que nunca deixa de acontecer, quando o Governo fomenta perseguições contra classes inteiras de Cidadãos." —

Isto, Senhor Hippolyto, chama-se ser energumeno deveras; sua mercê ainda não vio a minha Obra, não sabe o que he, de que trata, em que se emprega, que fim tenha, e a que se encaminhe, e já está bravo, inexoravel, e fero, e com aquella sua ordinaria Logica suppõe logo que he manobra do Governo de Lisboa, que a mandou compôr a este seu rabiscador! Não se podem conter em lhe tocando a tecla Pedreira, logo se espojão. O Livro, Senhor Hippolyto, não trata de principios politicos, foi-se a essa tropa de impios Illuminados, como o seu Boulanger, o seu Freret, o seu Diderot, o seu Volney, o seu Cura Meslier, o seu Dupuis, &c.; e de certas proposições suas fez o A. titulos de Capitulos que refutou, sem se arredar jámais da parte moral, e metafysica, porque pelo que pertence á parte politica, os Soberanos tem tido bem bom cuidado de os sacodir a vv. mm., que os não deixão pôr pé em ramo verde. O rectissimo Governo de Lisboa, o verdadeiro amigo da Patria, que a salvou das garras de Napoleão, e das suas de v. m., e de seus Confrades, soube do Livro depois de impresso, e publicado, e, á face delles o digo, com os Senhores do Governo não fallei ainda mais do que a hum só sobre materias Litterarias, de que v. m. não entende. Seja coherente, tanto respeiso a S. Magestade, tanto desprezo aos que o representão! Não me dirá quem os deixou, e conserva aqui? Calumniallos, he insultar o Monarca que os constituio; v. m. nisto he hum réo de alta traição, he hum delator calum-

nioso, traduzindo á face da Europa homens innocentes, e respeitaveis, atribuindo-lhe crimes, imperfeições escandalosas. Recolha os votos de toda esta Naçao, joeirando-lhe os Pedreiros, vera quem elles são. Quem o constituio fiscal do Governo? Como póde conhecer de suas intenções; e que intenções podem ser estas com a publicação de hum Livro de que o mesmo Governo não teve idéa senão depois que o vio impresso? — ,, Querem agora excitar a discordia entre o povo!,, Quem lhe disse isto? Tomára o povo cá p.lhallo a v. m., e conhecer ao certo os seus collegas de cá, esses grandes sábios de Botequim, ou meia duzia de Regulares ociosos, veria a concordia que havia entre o povo, sempre fiel, sempre honrado, e inteiro para lhe dar cabo do canastro. A sua felicidade de vv. mm. he não andarem marcados para se conhecerem, e negarem tudo a pé juntos, quando se lhes dá com ellas pelas ventas. V. m. he tão Jurisperito, e não sabe o que se faz áquelles que fallão mal d'El-Rei, e seus Ministros? V. m. he que se mostra, e tem sido verdadeiro amotinador, verdadeiro cão de fila desaçaimado (cão de fila he o nome que v. m. me dá, e ao Redactor da Gazeta); v. m. he quem excita a discordia entre o povo, (mas não o consegue) pondo-o, ou indispondo-o contra o o Governo. O povo sempre estimou o Governo; a mais simples vendedeira da rua diz com effusão de alma — A nossa Regencia —; e a prova maior que o povo teve para confiar no Governo, foi essa a que v. m., e o Bartolo, e Baldo moderno Doutor V. chamão septembrizada; vio a Patria salva, e abençoou o Governo. Eu tenho que fazer, fallaremos para a semana; v. m. cada mez, e eu cada oito dias, e se aqui não houvesse a mais justa, illustrada, e rigorosa Censura de Livros...., ah meu Hippolyto.... Huma vez appareceria o diabo á não da India! Vou-me á Capoeira.

ARTIGO III.

Pato. O figado.

SE a moéla foi dura, os figados tem pedra, mettamos-lhe o espeto. Outro dia me disse hum Medico, que eu inutilisei o trabalho da depennação, porque ainda que o escanhôe bem tirando-lhe toda a penugem, passados tempos torna-lhe a nascer, e a crescer; a que eu respondi, que acabada que fosse a total depennação o mataria, e que acabava Pato, e pennugem. Quer isto dizer que acabada a resposta por partes, hirá então hum Livro inteiro, que leve couro,

e cabello. Entretanto contemplemos a maior de todas a pag. 140. Vamos vêr o que he vontade de escrever, de morder, de atrapalhar, de confundir, de derramar fel sem tom, nem som, só pela satisfação momentanea de dizer mal: como sempre hei de transcrever escrupulosamente as suas palavras não temo que me taxem de injusto, porque nunca póde haver injustiça em repellir o iniquo agressor. — Pag. 140.

„ Prosigamos: havendo o Anjo na Oit. 48 dado idéa
„ ao Rei do descobrimento da America nestes versos:
„ Sulcarás tanto avante o mar profundo,
„ Que aches da Europa o suspeitado mundo.
„ agora na Oit. 59 repete a idéa, accrescentando a hida
„ de S. A. R. para aquelles seus Estados, e diz ao Rei: —
„ Ignoto hum mundo vê, . . . teus successores,
„ N'hum seculo de crime, e sangue, e guerra,
„ Hum throno aqui porão que assombre a terra.
„ Em primeiro lugar estas idéas não se casão com a ac-
„ ção do Poema, que he o descobrimento da India, e
„ não o da America. (*Esta he que he taluda! nada póde haver accessorio á acção principal!!!...*) Em se-
„ gundo lugar o *Throno dos nossos Reis* está alli posto
„ desde a Era de 1500, em que descobrindo Pedralvares
„ Cabral aquella nova, e maior parte do mundo deo ao
„ Brazil o nome de Santa Cruz; e, ou S. A. R. tenha
„ alli a sua residencia, ou a tenha em Portugal, como
„ são estados seus, nunca póde deixar de dizer-se que
„ alli *está posto o seu Throno.*

Ora na verdade isto foi escrito não só para exercitar a paciencia dos leitores, mas para alguma penitencia pública! Vejão que *chicana* esta, que subterfugios, que pueril malignidade! Quem será tão pato que confunda o dominio, ou senhorio, com o lugar em que está o Throno, que he a Sede do Imperio? Quem não entenderá dos mesmos versos que o Poeta allude á hida de S. Magestade para o Rio de Janeiro, transferindo o Throno, e formando alli a sua Corte como todos vemos? Está o Brazil elevado á classe de Reino, lá está o Throno de S. Magestade; quem não vê que o Poeta quer fazer notar o caso, ou o passo mais notavel, e memoravel da Historia Portugueza, que he a passagem de S. Magestade para a America? Quem não sabe que se entende por Throno o assento do Monarca na Corte! Venha cá, Senhor Pato, (aqui cahia bem, e por doze vezes a palmatoria de Couto) diga-me, mudou-se a Corte para o Brazil desde a Era de 1500, em que Pedralvares Cabral descobrio aquella terra, a que chamou terra de Santa Cruz? Estão desde esse tempo

naquella parte do Globo os Senhores Reis Portuguezes, e a sua Corte? Levantou-se lá o Throno dos nossos Monarcas, quando se levantou a grande Cruz ao pé da qual se disse Missa, e se deixou a mesma terra que muito depois se foi descobrindo, e conquistando? Ha frioleiras semelhantes! Estar saltando aos olhos o facto a que se allude, e v m. confundindo a Colonia, a conquista, o dominio, e a posse depois tomada, com o lugar em que está o Throno. Quero-lhe fazer o favor de lhe dizer que v. m. bem entende isto, mas quiz fallar, quiz morder, quiz dizer mal sem se lembrar da eminente trovoada que nunca parará. Diz v. m. mais — ,, Em primeiro lugar estas idéas não se casão com a acção do Poema, ,, que he o descobrimento da India, e não da America: ,, — Pois o Anjo não engrandece assim a gloria que Deos promettia ao Rei, dizendo-lhe que havia de descobrir não só a India, mas até hum mundo novo, e desconhecido qual era a America, cujo continente o Piloto Affonso Sanches descobrio primeiro que Colombo, que até alli só havia de coberto varias Ilhas? Como se amplifica a acção principal, não he com estas partes accessorias? Se o Poema fallar na America, já não he o descobrimento da India! Logo as Lusiadas não são as Lusiadas porque a toleirona Thetis falla na America, mostrando ao Gama o Estreito de Magalhães, dizendo em 1499 que assim já se chamava

.... Como nome delle *agora* ....

devendo assim chamar-se dahi a muitos annos, quando se descobrisse! E então, não tem o Pato máos figados? Pois deitem-lhos fóra. Pela boca fóra lhos hei de eu deitar á força destas, e d'outras respostas que se hirão seguindo.... E tu, homem de Gouvêa, quem quer que sejas, se te enjôa o Manná, como tu dizes, não os comas; mas vê que he ter o paladar mui viciado o não gostar de hum figadinho assado; ora come, e verás que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 3.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Correio Brasiliense. (*Artigo communicado.*)

O Editor do Correio Brasiliense costumou-se de tal modo a dizer mal de tudo quanto em Portugal se pratica, seja bom, ou seja máo, que até, ao mesmo passo que presume de grande logico em seus discursos, e ataques, se põe em manifesta contradicção, e chega a soltar disparates maiores do que diria o idiota, que jámais soubesse nem se quer o nome da Dialectica. Não pareça com tudo que só o habito de maldizer o arrastra a estes delirios de seu entendimento; offusca-lho mui principalmente o rancor que concebe contra todo aquelle homem que huma vez se lembrou de tocar na sua maçonica Irmandade, querendo assim apresentar-se em campo a favor desta, não como hum Campião capaz de em público a defender, mas como hum vingador d'esses que presume ultrajes da tal Sociedade, investindo sem tom nem som contra o que escreve o sujeito que incorreo em seu desgosto.

O mero annúncio de huma refutação dos principios dos Pedreiros-Livres e Illuminados, lhe exacerbou a bilis, e lhe fez vibrar o epitheto de *energumeno*, ou *endemoninhado* contra seu Author. Se na Gazeta de Lisboa se transcreve algum artigo, ou se faz alguma justa reflexão contra essa seita ridicula, perversa em seus fins, e hoje proscrita pelos Governos que querem o socego dos povos, morde-se de raiva, e para satisfazella, e dar hum gostinho aos da sua ralé, refuta logo tudo maravilhosamente chamando á Gazeta de Lisboa *Gazeta de papel pardo*! Oh sublime juizo, oh formidavel Hercules da mais exacta, da mais vehemente, da mais invencivel dialectica! Ser a Gazeta impressa em máo papel ninguem duvida que he a prova mais evidente, que he mesmo huma demonstração mathematica, de ser máo, de ser desarrazoado, de ser frivolo o que nelle se imprimira! Sim, Senhor; e por conseguinte he optimo tudo quanto se acha no Correio Brasiliense, ou em qualquer obra impressa em bom papel: quem o duvida? Mas se ha pessoas tão teimosas, e tão rudes que não comprehendem esta verdade, eu me persuado que ficarão inteiramente della persuadidas em vendo o modo como o Correio Brasiliense comprova esta asserção. No do mez de Julho de 1816, impresso em muito bom papel, se acha a pag. 28, debaixo do titulo de *Commercio, e Artes*, copiado hum Artigo da Gazeta de Lisboa de 28 de Junho, impressa em papel ordinario, nos seguintes termos:

„ Desejamos que as pessoas que se entretem em descrever as desvantagens do Commercio, e recursos do nosso Paiz, sem entrarem, nem serem capazes de entrar nestes assumptos de Economia Politica, fação reflexão nos artigos, que acima ficão transcriptos, tanto a respeito dos Estados-Unidos (que taes pessoas julgão huma voragem do dinheiro da Europa) cuja importação he tão superior á exportação, e cujo excesso não póde ser supprido senão em numerario, e do embaraço de suas finanças; como relativamente á Suissa, Alemanha, e Inglaterra, onde tantas emigrações são hum sinal da falta de emprego para aquellas pessoas, e desta falta he necessaria consequencia a pobreza das classes laboriosas; entretanto que isto tambem demonstra a diminuição em alguns dos ramos de Commercio d'aquelles Paizes. Com esta reflexão, e comparação deve certamente cessar a lamuria dos que não sabem senão dizer mal das cousas de casa, e louvar as de fóra. „

Ora este artigo parecia muito assisado a qualquer que não tivesse a finissima Logica do Mestre Hippolyto ; todos tiravão por inducção desta nota que , comparando o nosso actual estado da domestica Sociedade com o de outras Nações , era mais favoravel o nosso que o dellas : lião na mesma Gazeta (e nas Folhas Estrangeiras) que os Estados-Unidos sentião nas finanças maiores embaraços , que *nenhuma Nação* da Europa ; e bastava esta asserção para que se não fizessem grandes *lamurias* sobre o desgraçado estado das nossas finanças , ainda sem entrar no actual melhoramento da sua administração ; (pois que he notorio não haver ha muitos annos semelhante exactidão em hum ramo , que entre nós devêra , máo grado o Correio Brasiliense , achar-se em bastante decadencia pela guerra fatal que assolou o nosso Reino.) — Lião na mesma , e em outras folhas , que emigrava muita gente da Suissa , da Alemanha , e da Inglaterra , por falta de emprego para ganharem sua subsistencia ; voltavão a consideração para Portugal , vião que só os mandriões não achavão que fazer , e que hoje em dia todos os Officios , e todas as Artes tem os seus alumnos empregados , e que até á mesma Lavoura mais faltão do que sobejão braços ; e daqui tiravão por consequencia que a nossa sorte neste ponto era melhor que a de outros povos. Achavão , e estão a cada passo encontrando noticias de tumultos em Inglaterra por falta de trabalho , e mesmo por carestia de alguns generos ; vião annunciar quebras de grandes casas de negocio em Inglaterra , na Alemanha , e em outros Paizes ; voltavão a attenção para Portugal , e se não vião hum Commercio tão extenso , e tão lucrativo como he de desejar , e mui possivel com medidas adequadas , que a seu tempo se hão de dar , ao menos não tinhão o desgosto de vêr essas falencias de Negociantes , e tinhão o gosto de vêr essas classes laboriosas não só empregadas , mas até gozando de razoaveis salarios , e de commodidade no preço dos generos de primeira necessidade : com tão simples consideração até os impertinentes cessavão por hum pouco de suas habituaes *lamurias*.

Porém todas estas , e outras obvias considerações quanto estão longe das grandes vistas do *illuminado* Redactor do C. Brasiliense ! Este genio raro , este talento transcendente , de hum modo todo seu , descortina outras proposições , outros corollarios , outros axiomas naquella Nota da Gazeta de Lisboa ; e isto he o que simplesmente irão vendo os meus leitores , e admirando ; permittindo-me eu ape-

nas fazer leves perguntas, a vèr se aquella douta cabeça se digna alguma vez de dissipar minhas dúvidas para utilidade minha, e daquelles que não attingirem tambem a sua sublime perspicacia. Não posso dizer-me tão feliz como o pacifico Redactor da Gazeta, de quem ouço affirmar que tem a paxorra de em hum nome supposto ser assignante do Correio Brasiliense, unicamente para ter a satisfação de empregar em quanto viver este interessante Jornal no seu serviço, sem jámais fazer delle caso algum. Não; eu devo procurar a minha instrucção, e póde ser que o seu Goiazense Editor possa illustrar as minhas dúvidas.

Diz pois o tal Correio logo adiante da Nota da Gazeta: „ Temos tido por mais de huma vez occasião de observar a respeito desta Gazeta de Lisboa, e outras publicações Portuguezas do mesmo genero, que se achão sempre com huma promptidão infinita para referir o que se passa de máo em outras partes do mundo, e allegar com isso para exemplo de Portugal. „ — Ora se bem me lembro o tal Correio tem muitas vezes dito que a Gazeta de Lisboa nunca diz tudo o que se passa de máo em outras partes, allegando com isso para exemplo de Portugal. Sr. Hippolyto, não se esqueça de illustrar o mundo com esta synopsis. — Continúa. „ He bem verdade que os Ministros, e Governos de outros Paizes tambem dão cabeçadas (*menos as darião se fossem governados por Illuminados Pedreiros, Sr. Hippolyto!*), mas d'ahi não deve o Gazeteiro de Lisboa argumentar, que, para se seguir aquelle exemplo, os Senhores do Governo Portuguez sejão obrigados a ir de proposito levantar hum muro, para terem em que marrar com a cabeça. „ — Fóra tentação! Pois não me veio agora á mente a intima persuasão de que ouvia fallar hum doido! Eu me benzerei! Esta sublime logica muito me custa a penetrar! Diz o Gazeteiro de Lisboa o que vai de máo nos Estados-Unidos, na Alemanha, na Inglaterra, &c.; mas onde foi elle na nota metter *as cabeçadas dos Ministros, e Governos dos outros Paizes*? Fórte cegueira he a minha! Nem se quer posso divisar onde elle argumenta d'aqui, que o Governo Portuguez deve imitallos levantando hum muro para tambem marrar! Pois dizer que em Portugal não ha felizmente classes desoccupadas, emigrações de povo, miseria, e desordem de Finanças, significa o mesmo que dizer que se ha isto em outros Paizes he porque os seus Governos dão cabeçadas, e convidar o nosso para que erga hum muro

para as dar tambem? Eu estou estupefacto, e assim ficarei se o grande juizo Hippolytano se não dignar de aclarar esta incomprehensivel dialectica, toda filha de seu profundo *illuminismo*. (*Continuar-se-ha.*)

ARTIGO II.

CRITICA.

TUdo cança, e até a melhor Musica enfastia; tenho ouvido chamar eterna á mesma gloria de Marcos; o mesmo *autem genuit* repetido he a significação de huma secatura sem fim, e huma secatura sem fim he hum dos mais insupportaveis flagellos a que ficárão sujeitos os filhos de Eva. E que fará tanto Pato? Pato assim, e Pato assado? Senhores, eu nunca vi ralhar do açougue senão quando o osso, e o cebo tem a preponderancia no fiel daquella rectissima balança, ou quando o povo pende da fatal decisão das arrematações em que os arrematantes são socios, e se picão muito bem, como se o ganho não fosse para todos, que em sahindo da sala bebem á saude do integerrimo povo. Se nunca enfastia vacca, porque ha de enfastiar Pato? Prepare-o cada hum á sua vontade, eu depeno-o, e faço-o em quartos; o molho seja *ad libitum*. Ahi vai hum molho de azedas, temperem-no a seu gosto. Aqui está o Parallelo . . . abri . . . deo a pag. 137 —

„ Por mais que queira avançar rapidamente, não mo
„ consentem os amiudados tropeços que encontro por es-
„ te Oriente: eis-aqui não tenho remedio senão copiar
„ a Oit. 51; diz o Anjo:

Hão de adorar teu nome as apartadas
Invenciveis Nações, que a Europa ignora;
Pelos guerreiros teus serão domadas,
As que a primeira luz sentem d' Aurora;
As que á sombra da morte estão sentadas,
Que não virão dos Ceos a luz té agora;
Essas, que dentro do Hyperboreo claustro,
Quasi em perpetua noite encerra o Plaustro.

„ Ora hum Anjo da primeira Jerarquia celeste certo não
„ póde dizer-se que em seus discursos empregue frazes im-
„ proprias, mas o Reverendo Epico parece que o não
„ entendeo assim: I. o Verbo adorar está mal usado (*en-*
„ *tão está o Verbo quasi novo; que Pato!*) A adora-

,, ção he sómente devida á Divindade, por tanto não di-
,, ria o Anjo que as Nações adorarião o Rei, he verda-
,, de que nós o dizemos profanamente fallando, mas hum
,, Anjo, e hum homem não he o mesmo. ,, —

Sr. Pato, o que tambem não he o mesmo, he hum homem, e hum Pato. Se v. m. estivesse instruido nos primeiros principios da Doutrina Christã, ao menos pela Cartilha do Mestre Ignacio, Livro inteiramente incognito, ou entre os mais raros rarissimo no Botequim das parras, saberia quantas qualidades de *adorações* havia; saberia que cousa era *Latria*, *Dulia*, *Hiperdulia* (agora lhe parece a v. m. que está ouvindo, ao escutar estas palavras, a linguagem de algum povo de huma Ilha encoberta do mar do Sul tocada já por Kotzebue pequeno!) Pois não, Senhor; estas palavras significão, ou designão as especies de *adoração* que ha. A adoração de Latria he só devida a Deos, e dessa não póde fallar o Anjo, nem falla das outras; os seus erros de v. m. nascem da sua perfeita ignorancia, e verdadeiramente blasfema o que ignora; eu guardo o tom sério, com que o voto a v. m. á execração de todos os seculos, para o inteiro Livro, com que respondo ao seu Livro, porque não deve ficar impune tão insolente agressão, e em quanto se moverem estes tres dedos, conte que esta penna o perseguirá além da morte; eu não durmo. Não percamos o fio, nem o tom. Mil vezes tenho já mostrado, que v. m. parece que de proposito, ou desproposito embirra com o seu costumado bestunto, em achando imagem, palavra, ou pensamento no Poema que seja immediatamente extrahido das Santas Escrituras. Esta oitava, que v. m. não faria em dias de sua vida, ainda que fizesse mais quarenta Elogios de Theatro como a *Chave dos Pyreneos*, he formada sobre hum sublime Psalmo, que começa: — *Deus judicium tuum Regi da, et justitiam tuam filio Regis.* — Neste admiravel Cantico se annuncião litteralmente as grandezas do Reinado de Salomão; eu as aproprio ao Reinado do Sr. Rei D. Manoel verdadeiramente análogo ao de Salomão, ou pelas espantosas navegações, ou pela abundancia de thesouros, ou pela vassallagem de grandes Principes da Asia, e até pela edificação do magnifico, e subsistente Convento de Belém. — Se se podessem parodiar as tremendas, e Santas palavras da Escritura, eu exclamaria aqui: — Senhor, dai juizo ao Pato, abri-lhe aquella cabeça para entender; fazei que leia as vossas Escrituras ao menos na traducção de Sarmento, ou na

de Pereira, já que de Latim inteiramente jejua. „ — Neste Psalmo, Sr. Pato, ha esta expressão:

„ *Et adorabunt* de ipso semper, tota dia benedicent ei. „

Esta he a qualidade de adoração. A Escritura diz que as Nações remotas adoraráõ, e abençoaráõ o Monarca de Israel; isto se vio na Rainha Sabá, que veio a Jerusalem (como se crê) do fundo da Ethyopia. Diz-se no mesmo Psalmo, que a Arabia pagaria tributo de ouro a Salomão: *Et dabitur ei de auro Arabiæ.* Diz-se que tanto venceria seus inimigos, que estes *lamberião* a terra prostrados a seus pés: *Et inimici ejus terram lingent.* Eis-aqui imagens bem apropriadas a ElRei D. Manoel; foi adorado, respeitado, reverenciado aos povos do Oriente; pagou-lhe pareas ElRei de Ormuz, e outros Potentados da Asia: do primeiro ouro remettido de Sofála, e de outro da Arabia, e da Persia se fez a coroa da Senhora do Espinheiro em Evora, e a custodia riquissima de Belém. Ora se a Escritura falla com tanta propriedade dizendo que os povos, e Reis da terra *adorarião* Salomão, porque ha de ser impropria a frase, e a expressão de hum Anjo fallando a hum Monarca Portuguez a tantos respeitos, e a tantas luzes semelhante a Salomão, e só não parecido com elle em os vicios que afeárão tanto a velhice do Monarca Hebreo! O Verbo *adorar*, Senhor Pato, (ora como amigo, não lerá ao menos a Prosodia?) tambem significa *reverenciar*, *respeitar*, *honrar*. He pena não ter achado algum Grammaticão que lhe explicasse estas cousas antes que v. m. se mettesse a Author de Livros. O Verbo *adorar* não só se usa profanamente neste sentido, na mesma Biblia tenho exemplos para o confundir; o que farei sempre, quando se tratar de repellir a injusta aggressão, e de vingar a razão contra os latidos da impostura. Se lhe não basta o verso do Psalmo acima transcripto — *Et adorabunt de ipso semper*, leia o Genesis cap. 23 ℣. 7 — *Surrexit Abraham*, *et* adoravit *populum* terræ; e no ℣ 12, — Adoravit *Abraham coram populo terræ.*

A estas miserias chama Pato — Parallelo Analytico das Lusiadas com o Oriente. Sem intelligencia das palavras, das fontes d'onde dimanão, das allusões que nellas ha, decide de papo, ou de goela, que tão larga he a dos Patos, e criticando sempre mal hum, ou outro termo, huma, ou outra expressão assenta que metteo huma lança em Africa, como se já tivesse morrido o Author do Oriente. Porque

não falla agora? Ha sete mezes que dura a durissima tunda, appareça huma réplica ao que lhe tenho dito, eu emudecerei para sempre. Elle promette a derrota de Massena em hum Elogio de Theatro dentro em cinco Luas.

Que dentro em cinco Luas — Pato — Elogio.

Ora huma derrota que vinha mettida dentro em *cinco Luas* era muito boa, mas não appareceo ainda huma réplica nem dentro em sete Luas que já lá vão, e ainda que haja

Giros de Febo cinco vezes nove — (verso de Pato)

não apparece, e todos a perguntar — Que he do Pato?

Ei-lo a *catropear* do côa as margens — (verso de Pato)
Batendo as pernas deo aos calcanhares,

disse João Franco Barreto na traducção de Virgilio. Taes são os individuos que andão vagos na Républica das Letras; cuidão que criticar sem tom nem som he muito, e he tudo para elles, e em dizendo huma parvoice ficão tão anchos, tão ufanos, tão impertigados, e tão pagos de si, como se acabassem de compor huma das cartas de Angelo Policiano: pergunta-se que letras tem, em que tempo estudárão, que obras compozerão, a que Artes, a que Sciencias se derão? Nada de novo!!! Do que elles fazem são provas, e

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 4.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Reflexões moraes sobre a indole dos Consorcios (em França.)

EM hum Diario, parece-me que era Francez, li outro dia o que se segue, que para mim foi huma mina de Filosofia, e huma larga estrada coimbrá para o conhecimento dos homens, e de suas mulheres. Eis-aqui o que dizia o tal Diario: " Chegámos a

huma terra duas Jornadas distante de París, e apeando-nos á porta da Estalagem, entrárão os meus companheiros para dentro; eu fiquei na rua atrahido de huma grande matinada que ouvia na visinhança; informei-me do motivo desta comoção popular, e disse-me hum dos circunstantes com hum ar de amizade, como se me conhecesse ha déz annos: Aquella casa a cuja porta v. m. vê aquelle poder do mundo, he huma Botica; o Boticario se quiz declarar ao Seculo XIX. de hum modo galante, e por certo fica hum illustre irmão da maxima confraternidade. Acaba de surprehender Madama... sua Esposa em fragrante com hum Official de Boticario que tinha ha mezes na sua Botica. Assaltado de furor, e honra Franceza, pegou em hum arcabuz velho, e o quiz disparar no peito do seu rival, porém o arcabuz, ou bacamarte, tinha mais prudencia, e era mais benigno do que elle; não quiz dar fogo; e o amante, que vio que nem escorva tinha, saltou por huma janella, e não ha fumos delle: a mulher gritou pelos visinhos, que acodirão, e achárão o Boticario com a raiva nos olhos, e o arcabuz na mão, com o qual malhava despiedadamente na sua amavel, e terna metade, sem que a sorte fizesse descahir huma malhoada pelo toutiço, que a pozesse sumariamente em estado de não necessitar nem de lençóes de vinho, nem de remedios da Botica. Custou muito a salvalla do incessante vai-vem da cronha do arcabuz; eu ainda tive a consolação de ouvir estalar seis, ou sete costelas, e nunca observei tão amiudada *manipulação* em Farmacopóla nenhum, nem em pressas de bazalicão. — E que se fará, disse eu, que se fará agora desta honrada creatura; porque a cousa não deve ficar só naquella simples escovação? — E que quer v. m. que se lhe faça? (respondeo o homem, de hum tom fleumatico.) Aquella joia, em se podendo bolir, e convalecer da tunda vai querellar do marido perante hum Meritissimo Juiz do Crime, e como o marido não tem testemunhas da affronta que lhe fizera o Official, ficará obrigado a mettêlla em hum Recolhimento, e a dar-lhe huma mezada. — A dar-lhe huma mezada? Repliquei eu; pois aqui nesta terra he obrigado hum marido a pagar com dinheiro de contado a infidelidade de sua mulher? — Taes são as nossas Leis, e taes são por cá os Jurisconsultos Gaulezes, verdadeiros retratos dos maridos de boa indole, e isto tem elles provado, e sus-

tentado com quantidade de volumes. — (Quanto mais eu abria a boca de pasmaceira, mais o homem se ria da minha Portugueza simplicidade.) — Ora na verdade, disse elle, bem se vê que v. m. vem da extremidade da terra, v. m. he natural de Cascaes? Admira-se de vêr por aqui mulheres deste lote? Se se demorar mais neste illustrado, e regenerado Paiz, chegará finalmente a abandonar tão austera virtude. — Como! (lhe tornei eu.) Tão frequentes são por este ditoso Reino as Scenas deste jaez, e estofa? — Não, Senhor, porque nem todos os maridos, disse elle, são tão asnos como este Boticario; não costumão fazer públicos estes negocios particulares, e durezas domesticas. — Muito mal distribuidos, lhe disse eu, são os consorcios por este Paiz; porque á vista disto, o que deve formar a felicidade da vida, fórma toda a sua amargura. — Engana-se, Senhor; nós os Francezes estamos costumados a estes accidentes. A sorte dos nossos visinhos, parentes, e amigos, nos dispõe á paciencia para supportarmos a nossa, adoçando-nos o amargor continuo das nossas bocas. Agora depois do Codigo do *Grande Homem*, o matrimonio entre nós he huma especie de commercio; toma-se huma mulher como quem compra hum corte de panno; este mede-se aos covados, e a mulher aos Napoleões. Mil Napoleões pezão em França depois do governo do *Grande Homem* trinta onças de virtude; ora se v. m. sabe a regra de trez diga assim: = Se mil Napoleões dão trinta onças de virtude em huma mulher, cem mil Napoleões quantas arrobas darão? — Pelos modos, disse eu, as mulheres devem aqui amar pouco seus maridos, pois estes não amão nas mulheres senão o dote, e por isto as mulheres tambem veráõ sem muita pena morrerem os seus Esposos. — Cá não he costume, disse elle, morrerem as mulheres de sentimento da viuvez; apezar disto sempre as de distinção observão hum grande ceremonial. Quando huma mulher perde o marido, ao ouvir-lhe os guinchos que dá, e as feias caretas que faz, dir-se-hia que vai seguir a mesma sorte. Fecha-se no seu quarto, que he subito desarmado. Quadros, espelhos, tudo vai pela porta fóra, forra-se tudo de preto. Parece que se retirara a hum Sepulcro, e á menor lembrança do marido, seus olhos são duas fontes de lagrimas. Mas observada em particular! Que comedia, se dá com hum *Genio abrilhantador*! Escuta logo na primeira hora

as consolações das suas confidentes : huma amiga toma a si o cuidado de lhe representar que ella ainda não está em idade de se enterrar viva. V. Senhoria he moça , he bella, he amavel, e então quer sepultar estas perolas, estas joias ? Já lhe esquece a paixão que lhe tinha , ainda em vida desse que já lá vai, o Cavalheiro Calambulano, aquelle Nume dos causticos, e grãos de Tartaro, que seu marido chamava para o curar a elle , e namorar a V. Senhoria ? A Viuvinha a taes discursos abaixa os olhos . . . O Esculapio bate á porta , e vem fazer a visita de cumprimento , e termina o negocio de tal sorte com hum emplastro *calmante* , que ainda o Prioste da Freguezia não tem cobrado a offerta , a Viuva já está casada , e o Prior já tem na unha seis peças pelos receber em huma Ermida retirada , pela manhã cedo , para que o povo não murmure , e os rapazes não assobiem. — Ora na verdade não ha cousa como França , nem mais galante cousa que o modo com que vivem neste Paiz *das Luzes* as mulheres chamadas de qualidade. Huma destas levanta-se ás duas horas depois do meio dia , e como seria cousa Gotica , ou do tempo da primeira raça em Clodoveo , fazer commum o seu leito com seu marido , dorme em quarto separado. Passa semanas inteiras sem lhe fallar , e sem o vêr , salvo se por acaso acontece esta *grifaria* na partida , no baile , na Opera , na Comedia onde o marido tem hum especial cuidado de se esquivar aos olhos da mulher , para não ser olhado como hum incivil , hum cioso , hum importuno , hum hypocondriaco. Depois de jantar passa duas horas em cumprimentos. Chega-se a hora de Theatro , fica irresoluta , se hirá ao Theatro da Imperatriz , se á Opera comica ; mas como está convidada pelo Cavalheiro da Corôa de ferro Mr. o Duque de tal , prefere a Opera comica. Sahe cheia , e convencida das maximas que ouvio recitar naquella escola de purificar os costumes , e regular as paixões ; depois o vinho , a alegria , os bons bocados dão a estas maximas hum salutifero vigor , o seu amante he tambem hum bom moralista , em fim depois que o Sol nasce torna ao seu Palacio , sem que o marido caia na incivilidade de perguntar por ella. — Até aqui o Diario Francez , agora esperão-se as minhas Filosoficas reflexões . . . Eu estou tão pasmado que não estou para tal ; pois isto necessita de reflexões ? Muito contentes estavão as mulheres com o

meu discurso sobre a grandeza do seu amor! Aquillo, minhas Senhoras, erão razões, que não fazem sôpas, isto são factos que demonstrão, e comprovão verdades. — Que grosseiro homem! Não havemos lêr mais o Espectador! Inda eu não mostrei quem vv. mm. são; hoje estou com muita pressa, chega o Correio, e he

HIPPOLYTO,

OU

O CORREIO BRASILIENSE.

Este papel, o Espectador em seu motivo, e objecto, por certo frivolo como eu conheço, e confesso, pois não foi projectado senão para fazer conhecer a maligna insipiencia de hum individuo injusto agressor; talvez se comece a fazer interessante, e seja desde hoje capaz de dirigir a opinião pública sobre hum homem, e sobre hum escrito verdadeiramente incendiario, e em que só os inimigos da Patria, e do Governo pódem achar razão, porque só lhe apraz o que he essencialmente máo. Hum escrito que se encaminha a insultar, e reprovar todos os actos do Governo, e querer sujeitar á sua authoridade privada a ordem politica, e economica de hum Reino, he huma peste pública, e finalmente, hum homem que nos quer obrigar a respeitar os Pedreiros-Livres, sem nos mostrar o que he hum Pedreiro-Livre senão nas insignias com que á face de Portugal, e do mundo se fez retratar, hum homem que arroga a si a omnisciencia para decidir de tudo, porque tem huma prensa em casa, e póde imprimir tudo, he hum fenomeno novo na ordem politica, e social. Ha classes neste Reino de Portugal, que o temem, outras que o admirão, e muitas que delle se servem como de hum canal para espalharem o veneno que aqui se não atreverião a cuspir, e que os devora por motivos pessoaes. Assentou este homem que era Pedro Aretino, a quem os então frôxos Soberanos da Europa mandavão pensões para os não ultra-

jar em seus escritos. Eu não considero este homem cousa nenhuma; hum individuo obscuro, formado em leis como outros cem mil, que não sabem que lei professão, hum inquieto, e furioso agente da irrisoria confraternidade Maçonica, e que por obras que fizesse não nos consta de seus talentos, porque a dicacidade, a acrimonia, o despejo em dizer mal sem razão, não he talento; com huma filaucia tal, que se persuade que não teria imperfeições o genero humano se fosse dirigido, e governado por elle, porque he Senhor de Imprensa de *Pater noster Row*, e escreve, e imprime quanto quer. Podia imprimir quanto quizesse, se tivesse razão, moderação, e rectas intenções. Eu julgo huma acção muito louvavel em qualquer particular a communicação das proprias luzes em vantagem pública. Os mesmos Governos estimão as advertencias sensatas, e creio que consultão muitas vezes os homens de bem, e de Letras, pois por serem governantes não deixão de se conhecer homens, e falliveis. He hum dever do Cidadão coadjuvar como poder com as proprias luzes; mas arrogar hum tom Dictatorio, constituir-se Censor universal, e público, reprehender tudo sem aproveitar nada, he querer ganhar o odio popular, e com effeito elle he detestado como inimigo, e parece que se lhe deve dizer: — Se he razão o que diz, porque o não diz cá? A Patria lhe agradeceria o zelo; mas fallar ao longe, e porque se doe da Justa Inquisição, e das rectas e sabias medidas do Governo na *septembrizada* que não lhe chegou lá, abocanhar a eito, e a esmo Religião, Leis, Governo, Povo, e conseguintemente o Monarca, de cuja Soberania são depositarios os Governadores, e isto com hum estilo verdadeiramente tavernal, são cousas que me impacientárão. *Sæpe est clementia perituræ parcere carthæ*: não porque eu seja offendido, ainda que me chame *energumeno*; estou costumado. Aqui tenho huma satyra que Pato lhe mandou, e elle lá imprimio; os do Investigador imprimírão no seu Jornal huma satyra pessoal que o mesmo Pato lhes mandou associado a Couto; nada me espanta, e menos me espantaria, se eu podesse responder a tudo como eu saberia responder. Nas sucias Maçonicas em Lisboa se assentou dizer-se de mim pelas sociedades. — Já ninguem lê o que esse malevolo homem diz, e escreve; está agora louco. — Tomára eu que algum destes Senhores escrevesse! Não nos querem fazer mimosos. Tornando ao

Correio Brasiliense, eu só responderei ao que nelle vejo escrito, e sem outros soccorros mais do que a simples leitura do mesmo Jornal. Nenhuns documentos se me communicão. Eu não conheço o Governo se não para lhe obedecer. Este homem do Correio falla á tôa, e reprova cousas sem conhecimento dos motivos que as determinárão, nem das imperiosas circunstancias que as exigirão, e ultimárão, e só com documentos que elle não merece vêr, porque era dar-lhe satisfações, se lhe taparia a boca verdadeiramente praguenta. Ha cousas que parecem injustas nos seus effeitos, e são justissimas nos seus motivos, e ha cousas que na necessidade de sua execução vai muitas vezes a salvação da Patria. Nunca este Senhor se enfadou dos degredos arbitrarios do Directorio Francez, dos assasinios de Robersp.erre, das prisões despoticas de Bonaparte (em quanto se não declarou vitalicio, e primeiro Consul) cousa que deitou em terra a obra, e as esperanças quimerico-republicanas dos Pedreiros; não levou muito a mal as oito arejadas Bastilhas, não vexou com a sua imparcial censura o garrote de Pichegru, e a condemnação de Mureau. Pegar em huns poucos de homens, e não os pôr fóra dos limites Portuguezes, nem faze-los preceder ao painel da Misericordia, sacrificar temporariamente a salvação do corpo alguns membros que parecèrão nas circunstancias nocivos, este he para o Correio Brasiliense o eterno crime da Nação, e o baldão immortal do Governo; e não sabe que neste acto foi que o povo aprendeo a confiar no Governo? Foi huma medida energica da authoridade, e se a Fragata fosse para o fundo, creia que nos farião só falta os marinheiros, e os incorruptiveis Commandantes. Tenho-me demorado no preambulo, mas temos tempo para tudo; isto não pára, e o artigo do Correio B. de Junho dá materia para muito, e nada mais me he preciso, ahi vão duas palavras. Pag. 633 do Correio B. „ Os rabiscadores do Gover„ no tem permissão de escrever contra os Framações, mas „ não se permitte que se imprima nada em sua defeza. „ Já se lhe disse que mente, e que não tire consequencias de supposições falsas, e filhas da sua vulcanica imaginação! Quer que em Portugal se imprimão apologias dos Pedreiros-Livres? Quer que a Legislação seja contradictoria? Ha Leis que os condemnão com conhecimento da causa, e quer que haja permissão que os defenda! Se podesse, eu a daria,

só para vêr esses eloquentes Apologistas que talvez não saibão escrever o seu nome. V. m. que está em hum Paiz livre, não apresentará ao genero humano esse Apologetico, que será mais vehemente que o de Tertuliano a favor dos Christãos? Para os defender he preciso dizer o que elles são, isto não faz v. m. Não ha de trahir o *sacrosanto* juramento da Irmandade, e sempre nos deixará na desconsolação de ignorarmos a qualidade deste emplastro dos males do genero humano, que huma vez, dizem vv. mm., que tenha Religião, e senão reduza á igualdade moral, e civil, será sempre desgraçado, vivirá em trevas, e não terá o povo, para quebrar a cabeça ao povo, *a Soberania do Povo*, como deo Bonaparte ao povo Soberano em França! V. m. não sabe o que diz, ainda que nos regale com a Logica dos Goiazes. — Chama-me o Pato.

ARTIGO II.

CRITICA.

ISto he acabar de hum, e começar com o outro; mas os braços não se me canção de depennar, e só com o frio da morte se entorpecerão estes dedos de escrever. Estou já já para imprimir o mais grave Tratado que appareceo sobre a existencia de Deos, e em quatorze brevissimos Capitulos a impugnação do vasto, e terrivel *Systema da Natureza*; e se a cabeça me cança, e se affadiga nestas transcendentes materias, tenho, e terei duas cousas que me refresquem. Hippolyto, huma, e Pato, duas. O Pato he fresco, e muito principalmente hoje, que o achei de penugem crescida patinhando, ou chapinhando n'agua. Vejão o que elle diz a pag. 137 sobre estes versos da Oit. 51 do Canto 1.° do Oriente.

Invenciveis Nações que a Europa ignora . . . .
As que á sombra da morte estão sentadas . . . .

„ Se as Nações erão invenciveis, como serião domadas,
„ as que estão sentadas á sombra da morte, não se entende.„

Como vem formoso pela agua acima! „ *Agora resupino, ora de papo*, como lhe dizia em huma Apotheose o Poeta Tomino, que fez com a sua morte que o Poeta Magrisso ficasse sendo o maior Poeta do seculo 19.°, como disse o mesmo Poeta Magrisso acabando de deitar agua benta no cadaver do Poeta Tomino, que Febo tem. Ora diga, Senhor Pato, se o Anjo fallando a ElRei D. Manoel, e annunciandolhe o poder, e a futura grandeza do Imperio Portuguez na Asia, lhe disser que aquellas Nações que até ao seu tempo forão para a Europa não só incognitas, mas invenciveis, porque nem os Gregos, nem os Romanos, nem mesmo os Sarracenos, apezar das conquistas dos seus Omares, e Al-

mansores, as vencêrão, e domárão, serião vencidas, e domadas, como de facto forão, pelas armas Portuguezas, não diria nisto huma cousa de quem se poderia dizer que fallára pela boca de hum Anjo? Pois eis-aqui o que se diz. Por isso mesmo que aquellas barbaras Nações erão invenciveis, se torna mais clára a gloria daquelle grande Rei. V. m. não sabe lêr, e não sabe entender, ou lê, e entende, como costuma, hum destempero. — Estas Nações, que para ti são invenciveis, são vencidas por ti. Isto só o diria Pato, porque Pato só assim o entende

„ Por sete soes *inteiros* — (*verso de Pato.*)

como v. m. entende sete annos. Vamos adiante, e vamos vendo como he verdade o que eu digo, que nunca Pato dá tanto a conhecer quem he como quando se trata da passagem, expressão, ou imagem tirada das Santas Escrituras, onde se descobre a alta Poesia, em a encontrando temos blasfemia de certo, nascida não da malicia, mas da ignorancia, pois já confessou a hum seu amigo que não lêra senão Bocage, e Matos. — Diz elle pois: — "As que estão sentadas á sombra da morte, não se entende.„ Vejamos se se entende. Abra o Evangelho de S. Mattheus (já se sabe na traducção de Pereira, porque latim, he latim) e no Cap. 4. ℣. 16 achará a imagem, e a sua intelligencia, e creio que não dirá então que se não entende o que diz o Espirito Santo; (mas capaz he Pato, como Orestes que he correspondente do Portuguez, de dizer que não.) *Populus qui sedebat in tenebris vidit lucem magnam.* Olhe: *Populus* o povo, *qui sedebat*, que estava sentado, *in tenebris*, na sombra, e nas trevas, *vidit*, vio, *lucem magnam*, huma grande luz? Entende agora? Lêa mais: — *Et sedentibus in regione umbræ mortis*, *lux orta est eis.* — *Lux orta est*, nasceo huma luz, *eis*, para aquelles, *sedentibus*, que estavão sentados, *in regione*, no paiz, *umbræ mortis*, da sombra da morte. Com estas, e outras que taes tão calvas como estas, se persuadio Pato que alcançava hum triunfo, que ficava a sua raiva satisfeita, e acabado o Parallelo das *Divinas* Lusiadas, e do Oriente, e isto para ficar assim depennado á face do Mundo, e eu para ter razão de me justi-

ficar, e dizer a muitos a quem parece se vai prolongando a tunda, que eu não devia ser impunemente atacado, protestando que eu nunca responderei senão com a emenda, e com a mais ingenua confissão de que errei, a huma critica que tenha estas duas qualidades — Judiciosa, e Civil. E se dizem que sempre digo, então

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1815.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 5.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Reflexões moraes sobre a natural sagacidade das mulheres.

OS factos convencem mais que os discursos. Conhecem-se os homens mais pelos factos, que a historia conserva, que pelos Tratados que os Filosofos tem composto; e eu, que sou Espectador, para ser Filosofo junto factos, e incontestaveis, para ir formando o meu grande, e novo systema do conhecimento *analytico* dos homens, e mais das mulheres, que he não me fiar nem em mulheres, nem em homens: será este todo o fructo dos meus estudos, e observações. O seguinte facto, succedido aqui pelas minhas visinhanças, me valeo déz annos de observações sobre o caracter fino, e ardiloso das mulheres, de quem eu disse os maiores despropositos quando disse que amavão mais que os homens. O facto he este. A mulher de hum Çapateiro conservava certa intriguinha amorosa com certo Esganarelo, que quebrando em covado, desem-

pedra calçadas, e levantou Palacios ao golpe da vara magica. Era *intervinideira*, como diz Diogo de Paiva de Andrade, nesta negociação a mulher de hum Cirurgião, tão sagaz, tão insinuante, que seria capaz com sua eloquencia de unir o fogo, e a agua, de amolecer o ferro como cera, e de reduzir a pó o bronze, se o diabo lhe mettesse isso na cabeça. Soube a Mestra Çapateira que o marido hia para fóra, e ficava lá huma noite; quiz aproveitar os momentos affortunados, deo parte á Cirurgiôa, que avisou o Esganarelo, assegurando-lhe que nenhum accidente perturbaria os extasis contemplativos. Chegou a noite, e veio, e correo como huma prata derretida: o Esganarelo porém no mesmo instante em que chegava á porta da Çapateira, e esta subtilmente lha abria, sem ser a Comedia da Vinda Inopinada, chegou o marido, e os apanhou com a boca na botija, pois o Esganarelo já tinha o estitico, e verdenegro corpo dentro do limiar da porta: todo furia, todo cólera, e todo honra entrou, e sem dizer agua vai, com o flexivel tirapé, e inflexivel buxo começou tão amiudada batuta no corpo da mulher, que nem hum Mestre de Capella em huma fuga de Gloria, quando os Musicos tem pressa. Quebrou-se o buxo, e saltou em pedaços o tirapé como as andas de Carlos XII. na batalha de tal; e sem ouvir o Esganarelo, que do meio da rua lhe promettia fazello Alferes, pegou na corda em que pendurava a candêa, atou a mulher a huma trave, e como vinha alguma cousa tocado, porque era Domingo, foi-se deitar querendo ter a mulher segura para segundar a receita quando acordasse, e a cozesse. Em quanto a Çapateira existia neste estado de immobilidade, chegou a Cirurgiôa que fôra convidada para a cêa, e como o Çapateiro com a precipitação tinha deixado a porta aberta entrou, e começou, vendo tudo ás escuras, a chamar pela amiga: a Çapateira lhe respondêo com voz flebil, e maviosa, e a chamou para junto de si. Vê, minha amiga, lhe diz ella, o estado em que estou, eis-aqui o fructo da minha negligencia; meu marido encontrou o Esganarelo ao entrar da porta, deitou-se a mim como Cosaco, e depois de me moer os ossos atou-me neste Pelourinho, e foi-se deitar a dormir, daqui me não desata sem huma completa novena de tirapé. Se V. M. tivesse compaixão de mim, devia desatar-me deste poste, e para pregar hum completissimo mono a este diabo, deixar que eu a

atasse em meu lugar, porque póde querer vir apalpar, em quanto eu vou fallar a Esganarelo, dar-lhe mil satisfações desta que elle julgará huma logração, e torno no mesmo instante a desata-la, e constituir-me na minha situação a esperar pela manhá: eu lhe serei eternamente grata. A Cirurgiôa, apezar da sua eloquencia, movida de compaixão se deixou atar, e a Çapateira abalou a fallar ao Esganarelo, que immovel como huma estatua de Barros, ainda esperava na rua. Neste comenos acordou o Çapateiro, e chamou pela mulher, a Cirurgiôa não era tão tôla que respondesse huma palavra, pois de todo entornaria o caldo. Cançado, e desesperado de gritar, levantou-se, foi-se a alcofa da ferramenta, pega na faca, e foi pelo tacto até o lugar em que jazia atada a supposta mulher, e sem dizer palavra cortou-lhe a ponta do nariz, e lha pôz nas mãos. Toma lá, lhe disse elle, este presente, pódes manda-lo ao teu amante, pois o traz quasi comido. A desgraçada mulher temendo que a descobrissem, não exhalou hum só gemido. O Çapateiro deitou-se, e a mulher tornou, e ficou por extremo afflicta, dizendo-lhe a sua amiga que estava sem nariz, pôz-se em seu lugar, e a desnarigada se foi esvaida em sangue, sem saber como podia ocultar ao marido tal desventura. A Çapateira, atada como estava, começou de gritar desconformemente, e a protestar a sua innocencia; o marido que tinha outra vez acordado lhe dizia da cama: cala-te, desavergonhada, que eu a manhá to direi. Sim, sim, ladrão, o Ceo bem sabe que sou innocente, e o acaba de confirmar com hum prodigio, lavando-me da mancha que causaria minha perpetua infamia, e deshonra. O Çapateiro, que se não podia lembrar de tão grande malicia, levanta-se da cama, acende a candêa, e com hórrido espanto, vio com effeito que sua mulher tinha o nariz perfeitamente inteiro!!! Eu he que sou hum ladrão, hum malfeitor, lhe diz elle desatando-a; perdoa-me, minha rica mulher, hoje começo huma nova vida, até te entrego o governo da casa, o mesmo dinheiro das obras eu to entregarei todo á unha, faze daqui por diante o que quizeres, pois és tão honrada, e Santa; móe-me tu este cadaver peccador com o tirapé á tua vontade.

A Cirurgiôa, com o seu nariz cortado, e aparado, estava em huma cruel agitação, imaginando como occultaria o verdadeiro motivo da sua desgraça, e como se tiraria da-

quelle apuro. Estava immersa em profunda meditação, sem achar sahida áquelle labirintho, quando o marido que tinha que sahir antes de amanhecer para huma operação do corte de duas pernas, hum trépano, e algumas cataractas, se levantou da cama, e disse á mulher que lhe preparasse o alforge dos taes ferrinhos, e canivetes; respondeo-lhe a mulher que tivesse paciencia, que já hia porque estava com huma hemicrania insupportavel; o marido desesperado a fez levantar, e ella fingindo-se estremunhada do somno em lugar do alforge dos ferros foi-se ao estojo da barba, e lhe deo huma navalha: o Cirurgião raivoso lhe a tirou com ella, mesmo as escuras, porque ainda, como diz Chateaubriand, "a Aurora não tinha surgido de traz do monte Faran a abrir com os dedos de papoilas de Efraim as portas dos curraes aos Pastores de Madian para os dois Martyres conversarem ao pé da fonte.„ Isto, e o que a mulher queria tudo era o mesmo, valeo-se da opportunidade da escuridão, e começou de gritar. — Ai! de mim, ai! meu nariz, e ao mesmo tempo se deitou a rebolar pelo chão com espantosos gritos, que amotinárão toda esta visinhança. O pobre marido que tal não esperava, ficou atonito, temendo a Policia, vendo a mulher sem nariz escorrendo sangue, julgando que effectivamente lho tinha cortado, e começou, sem as ordinarias carrapatas, a curar na mulher a obra do Çapateiro. Assim se livrou do aperto, e assim verificou o proloquio que o diabo não tem tanta malicia como as mulheres, e este facto as dá mais a conhecer que todo o Tratado de Mr. Thomaz.

CORREIO BRASILIENSE.

CHegou finalmente a resposta aos Folhetos intitulados — O Segredo revelado — Obra não minha, e traducção litteral de Barruel, a que nenhum Pedreiro-Livre tem até agora dado resposta, porque factos não se destroem, e Documentos achados nos mesmos Archivos da Pedreirada não se negão. Conhece-se pelas memorias de Barruel qual era a marcha revoluncionaria, e qual a conspiração anti-christã que havião começado, e dilatado tanto tres grandes Corifeos da Seita Maçonico-illuminada, Voltaire, Diderot, e d'Alambert. Nunca appareceo huma razão opposta áquellas razões, hum facto áquelles factos, hum

Documento áquelles irrefragaveis, e incontestaveis Documentos; disserão o que dizem de mim, que Barruel estava doido, que Barruel era hum venal, que servia hum partido que lhe pagava, porque cuida o ladrão que todos o são; tudo isto disserão, mas nem o Sr. Hippolyto, nem os da Irmandade apparecêrão com hum escrito que destrua os Escritos de Barruel. Poderá haver hum Pedreiro-Livre arrependido, mas nunca me mostrarão hum Pedreiro-Livre justificado; isso ainda não appareceo. Tudo era ameaçado no Correio Brasiliense, quando tratava de mim. O Governo vigiado por elle, por este Catão Censorino, que depois de fugir da Patria, então lhe quer o seu bem; eu confundido, e estas rotundissimas palavras a soarem pelo ambito da Europa. — „ Porém huma vez que o Governo de Lisboa se „ apraz de acender o fogo da discordia por meio da sua Ga- „ zeta, e de seus rabiscadores, agora lhe daremos a respos- „ ta ao seu José Agostinho, e elles que respondão depois „ pelas consequencias da disputa. „ — Tudo ficou assustado com esta promettida bataria. Nestas palavras não ha senão insultos, mentiras, e atrozes calumnias. Que dados tem este homem volcanico para fazer entrar o Governo rectissimo, e sabio, composto dos homens que tem feito os maiores serviços a Portugal dentro de Portugal, na composição de huma Obra contra os principios metafysicos do Illuminismo, que eu quiz compôr porque quiz, e porque a fallar a verdade me enjôa a caterva de mentecaptos, que para regenerar a Europa derão cabo da Europa? E se não, mostremme as vantagens da Revolução. Que fizerão estes convulsionarios em vinte cinco annos? Escancharem elles mesmos Bonaparte no seu cachaço, para lhes dar para conservação da igualdade, e abolição dos Pergaminhos huma cafila de Duques, Condes, Viscondes, Barões, quasi todos barbeiros, e amoladores. Atacárão o Christianismo com quatro chufas, dois sofismas, e meia duzia de argumentinhos com que deslumbrárão os ignorantes, e o Senado dos Cafés; a tudo está respondido, e todos elles juntos não valem hum só argumento de Celso, de Jamblico, de Plotino, e de Porfirio. Vamos á promettida resposta; appareceo no Correio de Agosto, e vem a ser — *El Diablo Predicador.* — Sou arguido de faltar á caridade, de contravir o espirito de J. C. dizendo mal de huma sociedade — *em que os Pais convidão os filhos, os irmãos os irmãos.* — E V. m., Sr. Hippo-

lyto, não me dirá para que são convidados? Que argumento! Como os Pais convidão os filhos, segue-se que he cousa boa! E quantos Pais prostituem as filhas? Quantos maridos as mulheres? Quantos irmãos chamão as irmãs para a prostituição? Na verdade eu fiquei compungido do sermão! Vv. mm. são huns innocentes, he consciencia trata-los mal! Os Monarcas, e os Governos tem feito muito mal em perseguirem, e proscreverem a sua Irmandade; porque Vv. mm. o que querem he o Throno, e o Altar! Não me dirão quaes são os meios de que se tem servido para conservar huma, e outra cousa? O Governo quer excitar a discordia? Eis-aqui o que Vv. mm. são. Calumniar, he a sua primeira maxima, he o primeiro principio da sua moralidade? Excitar a discordia? Entre quem? Pois o povo vive concorde com Vv. mm.? Tomára o povo perceber-lhe os dedos na barba em esquadria, ouvir-lhes o *Mac Benac*, e *o Schibbolet*. — O povo então seria concorde em os apedrejar, que he o que Vv. mm. merecem pelas sérias discordias que em todos os povos tem excitado. Propõe-se V. m. no seu incendiario escrito melhorar a Nação Portugueza, e o meio he calumniar o Governo, para que o povo nelle não confie. Que confiança póde fazer o povo no Governo, de quem V. m. diz que quer excitar a discordia? Fazer aborrecivel o Governo he illustrar huma Nação? Sim, he illustra-la ao modo de Pedreiros-Livres, assim como illustrárão a França. Nós temos muito tempo, V. m. ainda não teve quem lhe respondesse, cahio agora em boas mãos. Eu não recebo pensões, a minha pensão he a verdade, e a honra de Portuguez, que nem com o meu nome no rol dos prezos de La Garde me calei, ainda que por dias me escondi. V. m. que he tão erudito, pegue no Livro que compuz — Refutação dos principios metafysicos dos Pedreiros-Livres Illuminados —, e escreva huma confutação. Ataque-me a mim, e deixe o Governo. Só V. m. queria governar? Eu entendo que nem capaz era de governar com huma caninha hum bando de piruns naquelle Rocio, no Rocio, Sr. H., em que V. m. nos podia dar hum alegrão. — Até sabbado. Anda tu agora cá, meu Pato.

ARTIGO II.

CRITICA.

FRicassé tambem não he máo; a cabedella tambem he gostosa, hirá huma descahida de Pato. Tanto cahe, e cahe em tantas, que em huma cousa que agora fez, e que se chama — Centões de Camões, e Ferreira, fallando de huma creatura humana, distincta pela condição, igual pela natureza, diz esta que só a ignorancia absoluta póde desculpar. —

„ He clara imagem *da Divina Essencia.* „

mas como isto não he comigo, recorra a quem pertence; em quanto eu tapo os ouvidos a tal blasfemia, e vou preparar a descahida a pag. 138 do Parallelo, que ainda se não fez. Entre tanto — *Homem de Carrazeda*, que querias em lugar de Pato *huma Analyse Litteraria*, sem dizer de que, protestando que a Nação necessita della, sem a Nação saber o que he, que queres Historia, e não Rima, ouve com paciencia o que diz Pato, que tambem he historia tudo o que Pato diz: pag. 138.

„ Os dois ultimos versos da Oit. 51 com o seu Claus-
„ tro, e Plaustro são ainda mais dignos de riso. Que
„ vem a ser nações que o Plaustro encerra dentro do
„ Hiperboreo Claustro? For ventura os povos Bereaes
„ estao encerrados, e divididos do mais mundo? —

Vem cá, homem, para que te descahes com estas? Dizeme: as cousas que ficão dentro de hum certo espaço não ficão encerradas dentro delle? Olha para huma capoeira, hum Pato que está na capoeira não está encerrado na capoeira? por estar na capoeira, fica dividido do mundo? *Do mais mundo*? Que frazinha? Pois não disse o Poeta, fallando dos Inglezes — *Et toto divisos orbe Britannos*: O meu maior trabalho não he depennar, he ensinar este homem. Olha, homem, o Plaustro de Bootes são as duas ursas maior, e menor, e por ellas se entende o Septentrião que he o Claustro, ou espaço fechado com os circulos polares, *hi-*

perboreo. Entendes agora? Este homem, este *mais mundo*, se eu fallo como Poeta, quer o rigor historico, se fallo como historiador, quer as ficções poeticas. Diz a pag. 139 „ que os Portuguezes não chegárão ás terras septentrionaes. „ Ora mente, com o devido respeito. Lêa, (bom officio lhe dou, cousa que elle nunca fez!) lêa a Chronica d'ElRei D. Manoel por Damião de Goes, Parte I. Cap. *66.*, que trata dos irmãos Corte-reaes que descobrirão as terras do Norte, ou Septentrionaes. Que descahidas se não devem esperar deste homem, que diz sériamente na *Apoteose* (Deificação, Divinisação) da Rainha N. S., em boa letra redonda, que o Terremoto de dois de Fevereiro deste anno fôra hum dos sínaes da sua morte? Andem por onde andarem, peção-me das Provincias em amiudadas cartas que deixe o Pato, cousa que eu nunca farei, verão os mesmos compassivos *Probinciannos* com todos os seus bb que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 6.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Correio Brasiliense.

ESta materia he em si mesma, e em suas consequencias tão grave, que deve neste Jornal excluir outra qualquer; por isso omitto neste Número, e em outros mais, o Artigo estrictamente litterario. Convém rebater a presumpção, a impudencia, e a calumnia: este homem adquirio a aura popular da parte menos sã da Nação; descança sobre o estabelecido conceito, e amontôa a seu sabor paralogismos, sofismas, e falsos suppostos, que, a não serem filhos da sua malicia, são effeitos da sua ignorancia. A maledicencia, os ataques directos contra a legitima authoridade agradão aos descontentes, aos perversos, digo mais, aos desesperados, que vendo abortar tantos arbitrios de fantastica regeneração, tantos meios empregados por seu vertiginoso espirito para o transtorno da ordem so-

cial, que tinha a sancção dos seculos, e o habito da obediencia, vingão-se das suas mesmas inconsequencias contra aquelles que com a força, ou com a sciencia se oppozerão aos projectos insensatos dos Demagogos, e como não poderão arrastar o Povo Portuguez sempre incorrupto ao precipicio, que lhe tinhão cavado em suas theorias politico-moraes, declamão contra o Governo, para o fazerem odioso ao mesmo povo, reprovando todo o uso de authoridade: querem dar leis aos mesmos Soberanos, e a titulo de observações os seus Actos, Tractados, e Decretos, querem mostrar que tudo quanto se faz, ou he injustiça, ou insipiencia. Que pretexto não tem sido para estes perturbadores isso a que elles chamão *Septembrizada*? Nesta tem considerado o Correio Brasiliense duas cousas; a primeira, huma altissima injúria feita aos individuos nella comprehendidos, a segunda, hum gravissimo perjuizo causado á Sociedade na *remoção* destes homens do seio da Patria, pelos bens que da sua conservação lhe resultava. Em quanto ao primeiro tantas vezes repetido pelo tal Hippolyto, funda-se a sua queixa em se não guardarem com tão suspeitos individuos as formalidades de Direito, seguindo em sua sentença as tediosas delongas da téla Judiciaria. Acabemos por huma vez com isto. Sem entrar no espirito do Governo, (que não he da minha competencia, nem do simples, e particular Cidadão), ajuizo do procedimento que teve com estes homens, pelo procedimento que tem a respeito de outros objectos. Jámais procede sem hum claro conhecimento de causa: com este conhecimento consulta, ouve, e escuta os Tribunaes, conforma-se ás leis, não se aparta jámais das formalidades. O facto, e a lei. Isto vemos nós. Pois se para qualquer objecto na ordem civil, na politica, e na militar, assim procede, procedèria sem conhecimento de causa áquella temporaria *remoção*! Os individuos erão tantos, tão diversos por profissão, estado, e caracter, alguns tão remotos das relações com o Governo em geral, e com cada hum dos Governadores em particular, que he impossivel dizer que por motivos particulares, e pessoaes procedèrão todos precipitadamente daquella maneira. Logo a causa era commum aos individuos, era urgente, era forte, e pedia medidas extraordinarias; porque tambem os motivos erão extraordinarios. Neste caso não se póde dizer que fôra hum acto arbi-

trário, foi hum acto necessario. Nunca houve neste Reino idéa de conspiração contra o Monarca, e contra a liberdade, e independencia Nacional, senão em 1642; e sem formalidade de Direito, convocando-os para hum Conselho de Estado, forão prezos dentro do Paço o Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, e o Conde de Armamar só com huma simples insinuação do Conde de Vimioso, a quem D. Sebastião de Matos de Noronha convidára para entrar na mesma conspiração. Não houve nem dentro, nem fóra de Portugal Hippolyto nenhum, que se queixasse de actos arbitrarios, e o exito justificou o procedimento. No facto actual ninguem se queixou da infracção do Direito público, só elles se queixárão, e só elles; e nós tambem sabemos que se não devião queixar. ElRei D. João IV. procedeo informado, o Governo não procedeo sem motivo poderoso, e quanto o caso urge, e se trata da salvação da Patria, e da conservação do Throno, as mesmas leis escusão as formalidades, e muito principalmente declarando o Governo que fôra huma medida de Policia. Appareceo aqui hum Franchinote, dito o La Garde, Serralheiro em França, em Portugal Magistrado, prendeo arbitrariamente honrados Cidadãos; nunca ouvi a nenhum dos Senhores *Deportados* queixar-se destas medidas, que nunca tiverão lugar se não pela denuncia dos perversos, e quanto mais se multiplicavão estas arbitrárias prisões, mais se augmentava a alegria em o rosto dos nossos *Deportados* regeneradores. Eu os faria emmudecer para sempre, se a elles, e a seu Corifêo H. eu fizesse esta pergunta: — Porque razão estando nas linhas o Exercito Francez se separavão em hum dia todos os Navios surtos neste porto, dividindo-se huns dos outros em grandes espaços? — Isto basta. Pelo que pertence ao prejuizo causado á Sociedade com a *remoção* de taes individuos, esta razão da sua queixa he o maior motivo de riso que ainda se deo ao genero humano. Não digo só para o mixto povo, que costuma parar na superficie das cousas, mas para os homens mais assisados, foi aquella caçada huma galhofa, porque a Sociedade ganhou na perda de tão respeitaveis Barões.

O que eu atéqui tenho dito, foi preciso para rebater as calumnias com que o Correio Brasiliense se atreve a macular os actos do Governo relativamente aos Pedreiros-Li-

vres. Ouçamos o verdadeiro amotinador pag. 633 do C. B. de Junho de 1816. — „ Daqui solapadàmente se espalha o rumor de que Fulano, ou Fulano he Framação, quer elle o seja quer não; e como isto não se averigua, no entanto atrahe-se contra este individuo o odio público, e se prepara o caminho para huma prisão arbitraria. — „ Este he o grande caso; mentir, e calumniar, querendo-nos até fazer crer que a sua mesma prisão neste Reino fôra arbitraria, sem conhecimento de causa, e sem motivo. Não he pela Refutação dos principios metafysicos, e moraes dos Pedreiros-Livres, que ninguem designa, nem podia designar, que se procedeo ás prisões que elle chama arbitrarias, nem he possivel que isto lhe diga a sua consciencia, e nós os que jazemos em trevas, os que não vimos a luz no sublime grão do Cavalheiro Kadosch, sabemos mui bem, que das declarações de alguns da Irmandade, da achada, ou aprehensão de papeis, de maduras observações, de vigilancia de Policia sobre os seus Conventiculos, de factos conhecidos, e comprovados, nascêrão as prisões. Quantas vezes o Senhor Hippolyto nos falla em Listas! e quem deo estas Listas? Por ventura o que se traduzio de Barruel, ou o que eu originariamente escrevi? O que Barruel disse, e o que eu digo dos Pedreiros-Livres não fez o summario para a prisão dos tão carpidos septembrisados; não he pela leitura do Livro que o povo conhece os Pedreiros, e o Governo procede. Não he possivel vêr este Hippolyto discorrer com os principios Logicos. Vejão que lindo argumento! — Este Livro combate os principios Massonicos, logo daqui se espalha o rumor que Fulano, e mais Fulano são Pedreiros. Sem ter ainda visto o Livro, sem saber se alli se encontrava alguma allusão, alguma imagem, ou discripção que designasse, ou em geral, ou em particular contra hum só individuo alguma acção conhecida, decide este homem, ou furioso, ou enfurecido que o Governo tem rabiscadores, que estes rabiscadores escrevem por ordem do Governo contra os Pedreiros; que no mesmo instante se espalha o rumor que este, aquelle, e aquelloutro he Pedreiro; que o Público começa a aborrecer o tal infamado de Pedreiro pelos rabiscadores; que este odio público prepara o caminho para huma prisão arbitraria; que esta prisão he fundada sobre a opinião pública; que o Governo manda logo pren-

der, e que este acto do Governo he consequencia da opinião pública *depravada pelos actos do mesmo Governo.* Assim termina o grande discurso do grande logico, em o grande Correio B. de que he author, ou alinhavador o grande H., e continúa o seguinte § (que em o n.º seguinte desfiarei) com estas palavras — *Foi com estas vis artes que os Inquisidores em Portugal alcançarão tornar a opinião pública contra os Judeos.* —

Ora com effeito, nós que estamos aqui em Lisboa, e lemos isto, e vemos o que vai como oculares testemunhas, e conhecemos que tudo he mentira, que nada do supposto existe nem póde existir, que havemos dizer? Que este homem he hum verdadeiro embrulhador, e rabiscador, que o que elle quer he, o que elle diz que os outros fazem, que da leitura do seu Jornal se comece a espalhar o rumor, que tal, e tal acto do Governo he arbitrario, quer o seja, quer não, que se atraia contra elle a opinião pública, e que o público, ou povo se indisponha com isto contra o Governo. As vistas que elle com tão pública falsidade suppõe nos outros, são as que elle realmente tem em si; e o mal que elle imagina fazer-se ao público relativamente aos Caretas dos Pedreiros, he o mal que elle verdadeiramente faz ao povo relativamente ao Governo, que, quanto cabe em suas mãos incorruptas, não tem feito atégora senão bem ao povo, com acções, que parecem milagres, e que nem eu mesmo Patriota naturalmente esperava; porque o resultado que temos visto dos actos do Governo, he a Nação salva em circunstancias taes em que ninguem a tirava do abysmo, e se teve soccorros de força estranha, he mais difficil sabe-los dirigir bem, que alcança-los; dirigi-los he da prudencia, e alcança-los póde ser, ou do acaso, ou do interesse estranho. Nós os Portuguezes entendemos muito bem isto. Elle, elle H., sem Logica de Escritor, sem dignidade, com a abominavel maxima ou de Machiavelli, ou de certo corrompido Jesuitismo (as Letras dos Jesuitas erão huma cousa, a sua politica outra) que he calumniar sempre, para indispôr sempre, he verdadeiramente hum rabiscador vendido a hum partido; e eu, que nem deste papel tiro interesse, como de nenhum, serei o homem que, sem partido, e sem outro interesse mais do que o do amor da Patria, e da verdade, lhe arranque de huma vez a mascara. Ha muito que me-

enfastiava, e enjoava o ar de supremacia que este individuo se tem arrogado, e o predominio que tem querido exercitar com huma intolerancia politica que em todos reprova, sobre a opinião pública, e as Credenciaes que lhe apresenta dadas, e passadas pelo genero humano, cuja causa quer advogar, he imprimir hum Jornal em casa de seu sogro. E que será hum Jornal? O que eu sei que he este meu, e o que são todos, cousa nenhuma. Communiquem-me noticias, dêm-me cá os outros Jornaes, que eu faço hum cento. — Ahi vão palavras do Laconico Sparciata Montesquieu: — Para fazer hum Jornal, não he preciso entendimento, bastão mãos. Eu faria hum Jornal se quizesse fazer duas cousas, arruinar a minha saude, e o meu Livreiro — *Ruiner ma santé, e mon Libraire.* —

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato,

COm que (diráo muitos) já V. m. não tem senão dois lugares para estar, na Officina do *Pater noster Row*, e na capoeira com o Pato a contas, que parece que tem camadas, e camadas de pennugem que nunca se acaba de depennar: de-lhe de huma vez huma depennação tal que leve couro, e cabello, e acabemos com isto. Meus Senhores, o mesmo motivo que me obriga a depennar o Correio, he o mesmo que me obriga a depennar o Pato, o amor da verdade, e o odio da injustiça. O Correio ataca, e o Pato ataca, ambos com o mesmo motivo em bem diversos objectos, hum os fructos da rectidão em o Governo, outro os fructos do estudo nas producções litterarias, hum com sofismas, outro com parvoices, e de ambos posso dizer com o Poeta

„ *Arcades ambo,*
„ *Et cantare páres, et respondére parati.*
„ Arcades são ambos,
„ No canto iguaes, e na resposta os mesmos. „

O papel dá hoje pouco espaço, não inutilisei a carga de chumbo, cahio-me com dois gráos n'aza, ahi vai huma aza. Pag. 142 do Parallelo *in fieri.*

„ O Rei. — Não faz nomeação do Gama, e isto he
„ não sómente contrariar sem precisão a verdade his-
„ torica, porém até diminuir o merito do Heróe, que
„ entre todos deve sobresahir por maneira, que o Rei
„ necessariamente o houvesse de eleger. —

Se sigo a Historia diz que não sou Poeta, se sou Poeta diz que não sou Historiador, e neste caso, na boa fé do Pato, sempre ha lugar para criminações, que vem a ser o mesmo que prezo por ter cão, e prezo por não ter cão. *Naturam sequere, aut convenientia finge*, diz Horacio. Suppondo co-

mo he licito á Poesia, hum Conselho de Estado para deliberar sobre a empreza do Descobrimento da India, cousa então não só controvertida, mas contrariada por motivos politicos, e pela não lograda expedição de Bartholomeo Dias, devendo determinar-se hum sugeito que ultimasse a empreza, escusando-se muitos, como aconteceo, levados de hum justo temor, e do conhecimento da sua muita difficuldade, supponho offerecido Vásco da Gama até para maior grandeza. Não se offereceo Christovão Colombo a ElRei D. João II.? Não se offereceo o portentoso Fernando de Magalhães a Carlos V. hindo-o buscar á Cidade de Çaragoça onde estava? Não foi Colombo, depois que o escusárão em Portugal, offerecer-se a Fernando, e a Isabel em Hespanha? Que muito que se offerecesse Vasco da Gama a ElRei D. Manoel? Isto he fazer vêr que o Heróe he tão grande que com o conhecimento das proprias forças, talentos, luzes, e experiencia se offerece á heroica empreza. Pois não he maior merito o do soldado que se offerece para escalar huma muralha, ou montar huma brécha? Eis-aqui as idéas Pataes sobre a Poesia! Contar a cousa como foi... *Id enim longe melius Historici faciunt.* Isto fazem muito melhor os Historiadores, diz Petronio Arbitro. Queria Pato que dissesse o que dizem, e como o dizem as Chronicas. — Que estando ElRei a huma janella em Estremoz (eu digo que foi em Monte-mór) vira passar pela rua Vasco da Gama, bom Algarvio de Sines, e que dissera comsigo: — Este he que ha de ser; e que o chamára. — Tambem Pato disse comsigo, eu hei de dizer alguma cousa contra o Poema Oriente, porque não posso soffrer que haja hum homem que o faça, porque o *Grão* Bocage o não fez, traduzio o Ralhador, e levou huma pateada, hei de dizer alguma cousa, ainda que seja huma parvoice, pois eu então o que digo he, que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do sexto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 7.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

HUma das cousas galantes, que apparecem no Correio Brasiliense he vêr ladear o seu Author, quando não póde dizer cousa alguma contra este Reino, e seu legitimo Governo; e nada ha tão bello como vêr pernear o Hyppolyto, quando se trata de Pedreiros. Figuro-me vê-lo sentado á sua meza, habitador de hum Paiz livre, com o seu tinteiro prompto, e penna feita, absorto nos grandes pensamentos de hum Escritor Portuguez, que escreve em Inglaterra, dizendo comsigo; como diabo hei de eu defender os Pedreiros? Aquelle maldito Barruel juntou tantos documentos, tantos factos, tantas demonstrações, porque se conhece a conspiração dos Pedreiros contra o Throno, e o Altar, que he impossivel destruir aquelle tão bem fundamentado edificio. Nós eramos tão bons,

que não ha hum Reino só em que não esteja proscripta a nossa Sociedade. Até em Napoles, depois daquella grande injustiça que fizerão a ElRei D. Joaquim, como se isto fosse pouco, appareceo hum Decreto, ou Lei, que prohibe a associação dos Pedreiros, onde a cousa era tão commoda, que se admittia hum irmão por hum prato de macarrão, outro de rabioles! Que hei de eu fazer? O que? Prégar hum Sermão ao Padre José Agostinho de Macedo, em que o exhorte á caridade, e tolerancia religiosa, e politica sobre os Pedreiros-Livres, que são huns homens de bem, sem dizer o que elles são; porque se o dissesse, estava o Padre como queria.

Com effeito appareceo este Sermão com seu thema tirado da Escritura: — Liv. dos Prov. Cap. 8. ℣. 13 á pag. 209 do mez de Agosto de 1816. Chama-se isto pernear, e na verdade maior destempero ainda não sahio da cabeça humana. Tratemos a cousa com a possivel seriedade, ainda que seja digna da universal risota. Refere-se este Sermão a huns Folhetos, que apparecêrão com o titulo de Segredo Revelado, aos quaes dei o meu nome sem ter nelles parte, pois estão vivos os seus traductores, que nada mais fizerão que converter litteralmente em máo Portuguez a obra de Barruel. Logo a cousa por estar em Portuguez não deixa de ser de Barruel. Supponhamos por hum instante que eu fui o traductor, ou vertedor, porque razão hei de eu ser arguido do que Barruel escreveo? Ou he verdade, ou he mentira? Se he verdade, então calem-se, porque são os peiores diabos que tem apparecido na terra; e se he mentira, mostrem que he mentira por factos, e razões que destruão os factos que o Abbade produz, e as razões que o Abbade dá. Confessarem que he verdade, era mandar buscar á Misericordia as alvas para hirem para a forca; mostrarem que he mentira; eis-aqui o que he impossivel. São dois extremos, e he preciso hum meio: o meio he o Sermão para se nos mostrarem ladeando, e perneando. Ouçamos o Sermão do Hippolyto. — ,, Se medito sobre as abortivas producções do vosso engenho, atino com suas causas: primeira, porque não sendo admittido á sociedade, apezar dos maiores empenhos, e esforços, publicastes os Folhetos, como hum rasgo do vosso animo vingativo. ,, — Com esta impudencia só falla hum Pedreiro! Eis-aqui o facto; duas vezes fui convidado (desmintão-me os convidadores que ainda es-

tão vivos B. e S.) respondi com estas palavras: — Nessa companhia de... ou se dá alguma cousa, ou se ensina alguma cousa; dar! Vossês são huns pobres, e golosos; ensinar! Vossês são huns ignorantes; eu cá me hirei remediando com o proprio fundo; para comer, prégo; para saber, estudo; e eu não tenho muita vontade de amanhecer hum dia, ou na Inquisição, ou no Limoeiro. — Mas vossê saberá todos os segredos politicos. — A mim não me importão as vidas alheias, lhe tornei eu, e não tornárão mais. Eis-aqui o meu animo vingativo. Ouçamos o Bossuet dos Goiazes, enxertado em Londres. — „ Vós não sois Juiz estabelecido por alguma authoridade, e por consequencia não tendes hum poder legitimo para vos erigirdes em julgador. „ — Ora na verdade isto parece-me Chanfana! Com que traduzir Barruel he levantar hum Tribunal para processar, sentenciar, e condemnar os Pedreiros-Livres! Ora que mitra merecia huma cabeça destas!! He preciso estar *estabelecido por alguma authoridade* para ou traduzir, ou escrever originalmente alguma cousa a respeito de Pedreiros-Livres! Eu podéra responder que a authoridade que me estabelece he o amor da verdade, e da ordem, he hum grito de antipathia que eu tenho com todos os generos, e com todas as especies de impostores; he o zelo sincero que me consome da honra nacional, he a dôr que me causa vêr o Governo indignamente atacado por hum transfuga, que se vinga com calumnias, e invectivas de hum procedimento de Justiça. V. m. se lêsse ao menos nesse Paiz livre o destampado Moralista Wolastou, até nelle enxergaria que ha cousas que são prohibidas porque são más, e ha cousas que são mas porque são prohibidas: supponha por hum instante que a sua Pedreiral Sociedade he tão boa, que não cuida senão em fazer Caldeirões de comer para os prezos, e pobres; está esta Sociedade prohibida pela Lei, que he a vontade do Soberano declarada aos subditos, fica sendo má a Sociedade, e o que contravier á Lei he réo, e deve ser punido: por tanto contra V. m. e companhia procedeo o Governo na conformidade da Lei; de que se queixa? São esses os principios de Direito Patrio que lhe ensinárão em Coimbra esses mesmos, que V. m. enche de baldões, que não sahirião do Areopágo de huma Taverna?

Ora escute-me, Senhor Hippolyto, eu tambem andei na Escola, e sei retorquir hum argumento. Diz V. m. que eu

não estou *estabelecido por huma authoridade legitima* para ser *Julgador* dos Pedreiros; pois se para escrever hum Livro contra os principios Massonicos que atacão Religião, e costumes, cousa que he licita ao Cidadão bem intencionado, que he capaz de ser Escritor, e que por este caracter está *estabelecido* para se oppôr ao mal que ataca o todo, como parte do mesmo todo; que authoridade o estabeleceo a V. m. ha tantos annos Julgador de Governos, de Povos, de Tribunaes? Que authoridade o estabeleceo para reprovador de todos os actos de Diplomacia? Quem lhe deo o *legitimo* poder de atacar classes, e individuos, de vilipendiar Ministros a quem era obrigado, manifestando á face da Europa cousas tão futeis, tão regateiraes, tão dignas de assanhadas meretrizes como as *marmitas*, e *caçarollas* que por esquecimento se não mandárão buscar a casa do Caldeireiro, a quem se tinhão encommendado? Que authoridade lhe deo a V. m. o *legitimo* poder de se ingerir nos actos do Governo, de reprovar Tratados feitos por Ministros Portuguezes, que V. m. mesmo não póde taxar de venaes, e que não erão inferiores em luzes, em talentos, em politica, aos negociadores estrangeiros? Que authoridade lhe deo a V. m. o *legitimo* poder, de reprovar huma paz feita, huma guerra declarada, sem conhecimento de circunstancias particulares conhecidas só aos Governos, que imperiosamente pela necessidade do momento obrigárão a este ou áquelle acto? Quem o constituio Déspota da politica dos Povos, e muito principalmente da parte economica do Governo? Ora não fará a mercê de nos mandar para cá hum Codigo, cousinha da sua mão? Salta este homem do pó da Escola para Agente Pedreiral, eis repentinamente fallando a meia noite com a sombra de Ximenes, Richelieu, e Mazzarino para governar Monarchias!! *Mas eu estou escrevendo em Inglaterra*; eis aqui a grande resposta. Diga-me, a liberdade de imprimir dá a faculdade de pensar? Ser proprietario de huma prensa, he ser Pitt, ou Fox, ou Diogo de Mendonça Corte-real? Sou Jornalista, diz V. m. Tanto basta para ser tudo! Assim he, hum Jornalista he hum homem universal, e chama ao seu Jornal *Armazem* de tudo quanto ha; mas diga-me ser Jornalista em Inglaterra, he estar *estabelecido* por huma authoridade com *legitimo* poder para atacar tudo a torto, e a direito? Se esta regra vale em V. m. para me atacar a mim, valha tambem em mim

para atacar os Pedreiros-Livres, e responder ás suas pessoaes injurias. Tambem eu sou Jornalista, temos iguaes titulos: V. m. póde escrever contra o Governo de S. Magestade, eu posso escrever contra os Pedreiros-Livres; com esta differença, que V. m. ataca o que he justo, eu impugno o que he perverso; V. m. tem declarado guerra aos amigos da Patria, eu declaro guerra aos inimigos do genero humano. O partido he desigual, V. m. com a liberdade da prensa a injuriar, eu com o rigor da Censura a conter-me. Eu tenho hum Censor, e Censor illustrado, V. m. tem os Officiaes da prensa. V. m. solta a correnca das invectivas, aqui joeira-se-me huma palavra só que pareça equivoca. V. m. falla livre contra o Governo, aqui até para defender o Governo he precisa circunspecção, porque nem quer huma Apologia que não seja comedida. Esta infinita desproporção de meios não me desanima. Tenho, he verdade, a Censura, mas tenho a razão, e estas duas cousas não pelejão em Portugal. Affrôxando hum pouco a severidade do tom, V. m. deve accusar-se, e confessar que he basofia. Ora ouça-se a si no seu Correio de Junho de 1816 pag. 633. — ,, Daremos a resposta ao seu José Agostinho, e elles que respondão depois pelas consequencias da disputa!! — ,, Que consequencias serão estas? Chocolate, Sr. Hyppolito? Não lho bebo; olhe que eu almoço em casa, e tenho cá a serpente septuagenaria de huma ama, que he capaz de o esganar a V. m. em lugar do carrasco; se aqui lhe apparecesse a porta. Sem gracejo, não digão os de ca que avulto em chufas, as consequencias podem ser descompôr-me V. m.; eu não poderei tanto por amor da Censura, mas far-lhe-hei a diligencia. Se as consequencias da disputa he o Sermão que V. m. para cá envia, isso he a cousa mais irrisoria que tem apparecido; todas as suas palavras serão completamente desfiadas; eu não vi ainda hum aggregado de inepcias semelhante! Ora eu lho repito. — ,, Neste caso a ,, Religião Christã de que fazeis tanto alardo, mas que ,, professais de nome, vos manda que tenhaes compaixão, ,, e que vos humilheis. São verdadeiros todos estes crimes, ,, de que accusais os Pedreiros-Livres, não deveis usar de ,, injurias, e de insultos, para combater o erro, e persuadir a verdade. — ,,

Ora eu não sei como V. m. não está já em Varatojo! Virão já hum Missionario como este? Isto he que se cha-

ma o diabo a fugir para a Igreja! Sim, Senhor, manda a Religião que nos compadeçamos, e que nos humilhemos, tudo isto manda a Religião; mas a Religião tambem manda que se ponha hum freio á malicia, que se conserve a paz, que se obedeça ao Governo, que se mantenha a harmonia, e ordem social, que se não deixe grassar o veneno corruptor dos costumes, que se clame de continuo contra a maldade, que se sacrifique huma parte ao bem, e a conservação do todo. Quer a Religião que perdoemos, he verdade, as injúrias pessoaes, como eu perdôo a V. m. as que me diz no seu Sermão, e de tão grosso calibre. Nunca a Religião reprovou que se combatesse o erro, nunca mandou calar os Apologistas da mesma Religião, pois talvez que os erros dos primeiros Heresiarcas não fossem tão ruinosos, e prejudiciaes como são os principios Massonicos. Os Heresiarcas atacavão esta, ou aquella formula de crença, e respeitavão o mais; hum perfeito Massão traz por divisa na bicornea mitra — Abaixo Altar, e Throno!! — Diz V. m. mais no seu Sermão. — Não deveis usar de injúrias, e de insultos para combater o erro, e persuadir a verdade. — V. m. para Prégador he muito falto de memoria; lembre-se do que diz no eloquente exordio. — ,, Eu vou mostrar ,, ao mundo o vosso *abominavel caracter* ,,; este cumprimento he muito proprio da caridade Christá que V. m. assoalha; isto condiz mui bem com a recommendação que me faz de não usar de injúrias, e insultos; bem o préga Fr. Thomaz, bem o diz, peior o faz. Como V. m. não tem que dizer, por isso não sabe o que diz. Quer a tolerancia Christá para si, emprega a tolerancia Massonica para comigo. Com a sua costumada Logica tira sempre consequencias de falsos, suppostos, e quimericos principios. Por certo ainda não lêo o Livro, cujo annúncio na Gazeta de Lisboa deo motivo á sua sortida contra mim no Correio de Junho de 1816, pois leia o Livro, e então verá que não ataca ninguem em particular, e que combate unicamente os principios metafysicos, e moraes da Seita Massonico-Illuminada; e julgou que o Livro ficava impugnado se publicasse o Sermão que lá tinha guardado no seu archivo, e que se fez para responder á traducção de Barruel, apparecida em 1811. Segundo julgo, tinha lá isso guardado como talhada de queijo londrino, que servia para todas as occasiões. Sr. Hippolyto, conte comigo, e persuada-se que

o não deixarei. V. m. falla, e cala-se por setenta réis, eu não sou homem de me calar por todos os Guineos de Inglaterra. Chegou-lhe o seu S. Martinho. Guerra aos de lá, e aos de cá.

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato.

NAó cuide V. m. que pelos Santos novos, esqueção os velhos; anda muito na minha lembrança, e os favores que lhe devo não são para esquecer, vamos começando o nono mez da nossa depennação, ainda faltão quinze, largos dias tem cem annos, e póde deitar bacalháo do môlho; depois da depennação parcial em cada hum dos sabbados dos dois annos, hirá então no fim a derrabação universal em hum Livro em fórma; eu hei de faze-lo immortal, a mais remota posteridade se lembrará do seu nome. Dê o tempo as voltas que der, ainda que sejão *meandrias*, como diz o Poeta Magrisso, que dava quando era vivo em se chamar *Young Lusitano*; o seu Parallelo sempre será coberto de bençãos. V. m. he grande Poeta, e não leio composição sua impressa, que não fique de queixo cahido, e diga, ora tem razão de criticar Poemas Epicos quem em huma Ode luminairada aos annos do Principe de Galles canta assim:

„ O que talvez dissera em *laxa* frase,
„ Com *deslembrados* dedos. „

V. m. tem a memoria nos dedos, porque na cabeça!.... (Vide anatomia da cabeça de Pato.) Não tratemos do que os seus dedos *deslembrados* disserão aos outros, tratemos do que me diz a mim, pag. 140 do Parallelão.

„ Ora o Rei, e convoca seu conselho, ao qual recita nada
„ menos que déz Oitavas,.... porém continuando a au-
„ gurar quantos bens podia, segundo o que lhe dissera
„ o Anjo, e exhortando á grande empreza como devia, *nem*
„ *por isso decide cousa alguma*....

Isto mesmo he vir Pato para a meza já preparado com o garfo, e faca de trinchar promptos, e cada hum tirar titella, ou perna: eu vou-lhe ao lombo. Trata-se do Descobrimento da India pelo Oceano, *e o Rei não decide nada*, isto

he apurar de todo a paciencia humana, he bigodear a razão, he insultar a verdade! *O Rei não decide nada.* Pois, homem, se he que o és; não estão promptas as Náos no porto, não embarca Vasco da Gama, não se determina a partida para hum sabbado 7 de Julho de 1497? Não foi navegando este descobridor, não chegou ao Indostão, não tornou depois de dois annos a Portugal, não se descobrio a India, ou o caminho para a India pelo Cabo de Boa-Esperança? Que he isto tudo senão hum resultado da decisão do Rei? Faz-se, executa-se a acção, e não se decide a acção? *O Rei não decide nada.* E diz o homem de Carrazeda, e os outros Carrazedas mais, que deixe o Pato. Deixar o Pato impune, he facilitar os insultos, porque nunca se desenganou. Associado ao seu amigo, o *Portuguez* em Inglaterra, veio com a Refutação Analytica do Livro os *Sebastianistas*: associado ao mesmo veio com o Exame Critico do Gama; a tudo lhe respondi, até o confundir, não se emendou, e agora para mostrar que as *Divinas Lusiadas* são melhores que o Oriente, (e isto mostra-se dizendo que ElRei D. Manoel nada decidíra sobre o Descobrimento da India, que se projectou, praticou, e ultimou, hindo, e tornando Vasco da Gama) sahio-se com o Parallelo que nada diz, em quanto eu não cesso de clamar, e de affirmar que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do setimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 8.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

NOs passados, e nos presentes seculos houverão Escritores satyricos, que com amargo fel atacárão os homens sem poupar condição, jerarquia, estado, e dignidade, porém no meio das mais violentas invectivas atacárão a verdade, e respeitárão os Governos, escrevendo sem impudencia, e com decoro. Hum dos mais fortes ataques que se fez á Religião, e á Sociedade, *he o Zodiaco da vida humana*, composto por Marcello Palingenio, Medico de Affonso II., Duque de Ferrara. Este homem he hum satyrico, mas não he hum impudente; assim mesmo nenhuma satyra tem mais peçonha que esta: eu entendo-me alguma cousa nesta repartição, e ajuizo comparativamente; porém este Medico não he hum calumniador descarado. Os Jornalistas em França vendidos ao caçador de ratos na Ilha de Santa Helena, mentião, e embrulhavão

desencadernadamente ; porém todos estes Heróes da Boletinada procuravão dar áquella feira de mentiras hum ar de verdade, de sorte que nem transpirasse, nem fosse calva a calumnia. Só estava reservado neste seculo para o Hippolyto calumniar, e mentir sem máscara, e sem rebuço. Fica absolutamente desorientado em se lhe fallando no Grande Oriente, desafina prodigiosamente em tocando a tecla pedreira. Vive na impossibilidade de defender a seita, porque não he defender usar de idéas vagas, e indeterminadas, que nada provão contra os factos; e por mais que o mundo clame por huma Apologia dos Framações, não apparece. A cousa mais frivola que tem apparecido he o Sermão que serve de resposta á traducção de Barruel com seu texto do Livro dos Proverbios Cap. 8. ℣. 13, a que eu podia responder com outro texto da Escritura : — *Vos ex patre diabolo estis* ; vós sois filhos do diabo. — Neste Sermão nada se diz, e nada se conclue. Resposta chama-se á impugnação directa das razões produzidas, e devia o Hippolyto não prégar-me a mim, que lhe não encommendei o Sermão, mas impugnar Barruel, mostrar pela innocente conducta dos Pedreiros, manifestando, já se sabe, a santa simplicidade da sua doutrina, que Barruel era hum injusto agressor, e calumniador, e que erão suppostos, apocrifos, e inventados todos os documentos originaes que elle produz. O Hippolyto impaciente, raivoso, e desesperado, sem poder abrir bico para defender os irmãos; deixa Barruel, e salta no que elle suppõe seu traductor. Ora escute-me, Senhor Hippolyto, que apezar de ser Bacharel talvez se cale. Os sofistas da antiguidade começárão a dizer mal do Christianismo apenas se começou divinamente a estabelecer na terra; fervião as invectivas, atribuião-se os mais horrorosos crimes, cobrião de baldões os innocentes Christãos ; atribuião-lhes delictos que depois se descobrírão, e punírão nos Templarios. Corriáo em ondas as calumnias, e accusações contra os Christãos. Este procedimento atroz estimulou os Christãos, e surgirão os seus Apologistas, confundírão-se, e emmudecêrão os inimigos do Christianismo. Atenágoras escreveo primeiro a favor dos Christãos, S. Justino depois; appareceo o vehemente Tratado de Arnobio contra os Gentios, Minucio Felis escreveo o Dialogo que se intitulou *Octavius*. Escreveo eloquentemente Lactancio os Livros das Divinas Instituições; appareceo Tertuliano com o seu Apo-

getico. Origenes escreveo contra o Filosofo Celso, S. Jeronymo contra Rufino, e Vigilancio. O sofista Juliano Apostata teve pela prôa S. Cyrillo, e S. Gregorio Nazianzeno; em fim, pelos homens mais eloquentes, e sabios que tem apparecido, defendeo-se o Christianismo. Ora eis-aqui huma boa lembrança, appliquemos isto em ordem inversa. Supponhamos que os Pedreiros são tão innocentes em doutrina, em acções, em sentimentos, e em fins como erão os primeiros fiéis, e que tudo quanto se diz dos Pedreiros he calumnia, e he mentira, como era calumnia, e mentira tudo quanto os Gentios dizião do Christianismo, supponhamos mais que eu sou hum não só Gentio, mas profano; V. m. que he tão douto, tão eloquente, que sabe tudo quanto ha porque escreve em Inglaterra, que he o que basta para ser sábio, não fará a Apologia dos Pedreiros para me confundir a mim que sou profano? Os irmãos do supremo grão de *Veneraveis*, que fazem tão eloquentes discursos aos irmãos aprendizes na noite em que entrão para a loja, que o seu dinheiro lhes custa na cêa massonica, (fóra golosos) não escreveráõ esta desejada Apologia, que me faça emmudecer para sempre? Que casta de homens são Vv. mm., que, alguns tendo posto banca, não sabem advogar a sua causa, e a deixão ir á sua revelia? O motivo he bem patente. Escute-me. No Apologetico de Tertuliano, descrevem-se com a maior miudeza, os costumes, as acções dos Christãos; dá-se ao Imperador huma exacta conta dos principios da sua Religião, declara-se, expõe-se com individuação toda a moral do Evangelho, não se omitte circunstancia alguma da sua vida privada, e da sua vida pública. Os Christãos podião viver como Seneca queria que vivesse o sabio, sem portas nas casas, e com as paredes abertas. Eis-aqui o que os engasga a Vv. mm., he não poderem piar na impossibilidade de se defender. Para fazerem o seu Apologetico, creio que não virião com o *ramo da acacia* com *a carne deixa os ossos* com as duas columnas: — *Booz*, e *Joaquim* com o Mestre *Hirão*. Isto era Comedia de Pato, levava pateada, era preciso dizer, que o seu principio em Metafysica era o Pantheismo, o seu principio em Moral era a liberdade, e igualdade, o seu principio em Politica era a Democracia, o seu principio em Religião erão todas, e nenhuma; eis-aqui a fazenda que Vv. mm. tem para fazer a sua Apologia contra as minhas *calumnias*, contra as *calumnias* de Barruel.

Apresentem isto aos Soberanos, verão como elles revogão o Decreto da condemnação dos Pedreiros, e proscripção da seita. Diga V. m. de mim o que quizer, de si nunca dirá outra cousa que não seja esta. V. m. não tem armas senão para calumniar, ouçamos a maior de todas as atrocidades: — *Animus meminisse horret vultuque refugit.* A pag. 633 do Correio de Junho de 1816. —

,, Foi com estas vis artes que os Inquisidores em Portu-
,, gal alcançárão tornar a opinião pública contra os Ju-
,, deos, e até contra os suspeitos de Judeos, e que o não
,, erão. *A perseguição fundava-se em permittir o Gover-*
,, *no que se publicasse quanto querião os malevolos con-*
,, *tra os Judeos, negando-se a estes o meio de se jus-*
,, *tificar, ou defender.* —

Ora hum Escritor, que he Escritor em Inglaterra, que de ordinario vem a ser ou hum transfuga, ou hum Frade Apostata, ou hum vadio de Botequins, milhafre de torradas, e desertor do Regimento que hoje se chama N.° 22, hum Escritor desta polpa, quando assenta huma proposição destas, apezar de muito credito que se lhe deve dar, porque he hum Escritor que escreve em Inglaterra, devia ao menos produzir o titulo de algum Livro, composto por ordem do Governo, desde que se fez a distincção de Christãos velhos, e Christãos novos, até ao dia de hoje, contra os Judeos. Ha ahi hum pequeno, e escuro Livro intitulado — Sentinela contra Judeos — que foi ocio de Cella, em que nenhum governo teve parte: não ha hum documento que tal prove. O que ha são Livros sobre a prodigiosa Litteratura dos Judeos Portuguezes, desde o Conselheiro de D. Affonso V. para cá, e a Escola de Sagres deveo muito a Mestre Jacob, e a Mestre José aperfeiçoadores do Astrolabio, invenção Arabe. Mas V. m. aborrece tanto o Governo presente por amor da septembrisada, que até vai calumniar os Governos passados, por ordem dos quaes nada se compoz contra os Judeos. Diga V. m. que o seu intento he indispôr o povo contra o Governo, fazendo o Governo odioso por todos os lados em que a calumnia possa achar meio de o conseguir. He incalculavel a sua perfidia a respeito do Governo; com a mesma impudencia com que affirma que o Governo de Lisboa manda aos seus *rabiscadores* que escrevão contra os Pedreiros, affirma que o Governo mandára escrever contra os Judeos, e ainda que isto

nem V. m. mesmo quererá que se entenda do Governo actual, sempre se entende de *algum Governo*, e he tão odiosa para V. m. a idéa de Governo, que até *in abstracto* o quer fazer detestar. Que outra cousa quer dizer o descaramento com que em Portuguez escreve estas palavras para os Portuguezes: — *Como vemos por tanto o Governo de Lisboa inclinado a excitar na Nação novas perseguições, teremos o cuidado de o vigiar.* — ,, Acho-lhe summa graça naquelle seu — *por tanto* — não lhe faltou senão — *o mais dos autos* — para reconhecermos que era huma sentença emanada do supremo Tribunal do Hippolyto, Escritor em Inglaterra. Não se póde fazer maior insulto á Nação Portugueza, que dizer-lhe, (e no dia de hoje) que o seu Governo *está inclinado a excitar novas perseguições*, até o adjectivo *novas*, torna esta calumnia mais atroz, e a injúria que se nos faz, mais enorme. *Novas*? e quaes são as antigas? Que perseguições tem excitado na *Nação* este Governo desde o seu estabelecimento até este instante? Sabemos a que allude o Senhor Hippolyto, e nisto mesmo se descobre o que V. m. me diz a mim no seu Sermão do Correio de Agosto — ,, *o seu abominavel caracter.* — ,, Chama excitar perseguições na Nação, huma medida de Policia, digamos mais claramente, hum meio de aquietar a mesma Nação. Eu me explico, Senhor Hippolyto. Saiba V. m. que o povo estuda-se no mesmo povo, e não nas theorias dos Publicistas; eu, nas terriveis circunstancias da invasão de Soult no Porto, e na chegada de Massena ás linhas de Lisboa, observei bem de perto o povo, ouvia seus discursos, seus temores, suas desconfianças, e até suas queixas, e juntava tudo isto para hum calculo da disposição do povo relativamente ao Governo, de quem esperava o remedio ao mal imminente pela applicação daquelles meios que ainda tinha á sua desposição; não me enganava, via o povo inquieto, assustado, e receoso; eu estava em grande desconsolação, porque ainda ha quem ame a sua Patria! Executa-se isso a que V. m. se refere com a palavra — *novas perseguições* — isto he, a *septembrizada*, repentinamente observei a Nação socegada, tranquilla, e cheia de segura confiança no Governo: mostrou que temia mais os *deportados*, que o exercito Francez; eu não sei em que grao de conhecimento o povo estava a respeito daquelles individuos, he certo que socegou, e confiou apenas os vio pelas costas,

Eú que tambem sou hum homem do povo, fiquei pasmado de vêr a Praça do Commercio atulhada de gente naquella de quem Vv. mm. dizem com Ovidio

„ Cum subit illius tristissima noctis imago „

para honrar com a sua presença o acto da sua passagem do Palacio do Conde Andeiro para bordo da Fragata. Não era capaz o povo de se esquecer da obediencia, e respeito devido ao Governo, senão, nenhum acabaria inteiro a sua viagem. São baldados, Senhor Hippolyto, todos os esforços da corrupção que os verdadeiros inimigos da Patria, que são os Pedreiros, empregarem para malquistar o Governo; quando o povo lê as suas malevolas, cavilosas, e livres assersões do seu rancor contra o Governo, e contra os Ministros de S. Magestade, mais se confirma na persuasão da sua perversidade, e creia que o mesmo povo tem rido bastante com a fanfarronada do venal Jornalista, do terrivel Rodamonte da folhinha mensal, no fútil, e pueril ameaço — *teremos o cuidado de o vigiar* — V. m. fazia isso melhor se cá estivesse mais perto; ora venha, faça esta vigia por si mesmo, bem sabe que os seus Delegados não terão vistas tão agudas, e penetrantes como V. m. Venhão tambem os outros dois Escritores em Inglaterra, que fazem com V. m. os tres Juizes infernaes Minos, Eaco, e Rodamanto, cá se lhes pagará a sentinella. Senhor Hippolyto, conte comigo; isto vai agora devéras, a Patria deve ser vingada, e a Justiça satisfeita. *Eu terei o cuidado de o vigiar....*

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato.

PAtos me parecem a mim estes dois Senhores, cada qual por seu feitio, ainda que com diversos fins, iguaes no mesmo fundo de embrulhação de idéas, e de desejos de calumnia. Devo dar huma satisfação ao público, que talvez diga já com razão, Pato, Pato, Pato, Pato. Sim, Senhores, Pato, Pato, este homem, injusto agressor, procurou enxovalhar meu nome, denegrir a minha memoria, e vilipendiar huma composição que tantos annos, e tantos cuidados me levou, e que em pouco mais

de hum anno quasi se consumio na Edição de 1060 exemplares. Não fez huma critica do Poema, porque não era de esperar nem della, nem de todos os estafermos de Botequim emparrado; seria de estimar huma critica se imitasse a que fez a Academia Franceza ao *Cid*, ou a de Florença á *Jerusalem* do Tasso; fez huma enfiada de invectivas, a titulo de vingar Camões do supposto ultraje que se lhe fez, tratando o mesmo assumpto, porque Camões tinha o direito de propriedade neste assumpto, ninguem o podia tocar. Foi tão infeliz no tal critico Parallelo que não fez, que não tem huma só idêa que não seja huma manifesta parvoice, e não contente de afformosear com ellas o texto, tambem com ellas quiz enriquecer as notas, para em tudo vermos no Livrinho o que realmente se vê nos Patos, não se lhe aproveita nem a cabeça, nem os pés, quando os pés, e a cabeça se aproveitão nas cabedelas das outras aves; nas dePato não Senhor, nenhum Cozinheiro Italiano que he capaz de fazer huma *ensalata* de cardos, ortigas, e herva babosa, aproveitaria a cabeça, e os pés de hum Pato, porque Pato não tem pés nem cabeça, e senão vejão o Pato-homem a pag. 146 do Parallelo, que se ha de fazer, em huma nota.

„ Em huma nota a pag. 11 do seu chamado Poema, o
„ *Novo Argonauta*, disse o Reverendo Epico que a
„ melhor passagem das Lusiadas he a Prosopopea do
„ velho; agora a pag. 81 diz que o melhor he o Can-
„ to 10. Se teimar a escrever, segundo o seu costume
„ de dizer, e desdizer-se, dirá que he outro o melhor,
„ e assim veremos quasi todo o Poema de Camões
„ louvado por aquelle mesmo que o deseja fazer es-
„ quecido. —

Nestas palavrinhas, que são tantas quantas as injurias, a si mesmo se quiz o Pato depennar, mostrando-se nú, e crú. Vejamos que tal discorre este homem, e para o ouvirmos discorrer façamos-lhe huma pergunta. Hum Canto he hum Poema todo? A passagem de hum Canto, he hum Canto inteiro? E hum Canto inteiro, e a passagem de outro he huma Epopéa completa? Querem ouvir o discurso? Ahi vem, he hum risinho amarello depois enfiado, dizendo comsigo, eu o que quiz foi dizer mal, e em quanto não appareceo a resposta fiz o meu gostinho. Ora pois, em a

nota do *Argonauta* trata-se de huma passagem do Poema, no Discurso preliminar do Oriente trata-se de hum Canto; como passagem, he aquella a melhor, como Canto he este o menos máo. Entendes, homem? Qual entender!. Dize-me ainda mais, e digão-me todos os que mofão de tudo com vestidos que arremedão alguma cousa, e ainda não imprimirão huma só letra, nem são capazes disso, digão-me; por haver em hum Poema huma passagem boa, e hum Canto menos máo, segue-se que todo o Poema he bom? De huma cousa má, composta de diversas partes, se póde dizer de alguma, esta não he má. Isto he estar a perder tempo com Patos, que tomão hum Canto por hum Poema, e huma simples passagem por hum Canto; mas como a geração dos Patos he infinita, e o direito de cada hum se desafrontar he incontestavel, por isso escrevo, lastimando-me de vêr a Patria, e a Litteratura ultrajada por estes Chiadores, e taes, para não esquecer o estribilho, que acabão huma Ode Pindarica, e impressa com estes dois immortaes versinhos

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do oitavo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 9.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

POucas cousas me tem ferido tanto a alma como a degradação de caracter em certos individuos Portuguezes; olhando para elles, vendo a que ponto de perversidade, e estupidez tinhão chegado, não podia fazer outra cousa mais que sentir, e emmudecer. Descontentes, nem elles sabem de que, do Governo, e até da felicidade da Nação que o mesmo Governo tem promovido, e promove ha oito annos de fadigas, e de esforços, no meio da marcha da nossa independencia devida aos disvélos, e esmeros do mesmo Governo, clamavão, e ainda clamão: — Lá está o Correio Brasiliense, o Hippolyto lho dirá. — Esta ainda escutada expressão he o Termometro que marca ainda abaixo de Zero a decadencia não só da probidade, mas do juizo; quer dizer esta expressão: — O Hippolyto he o Supremo Tribunal onde se julgão em ultima instancia sem appelação, e se condemnão as acções dos Reis, dos Governos, e dos Povos; porque este Hippolyto, huma vez que chegou a Inglaterra, ficou sendo o Sábio por excellencia, e desgraçado do Gabinete Europeo que não consultar primeiro este Oraculo, desgraçados os Soberanos, os Congressos, as Dietas, senão mandarem as suas actas a confirmar ao Hippolyto! Desgraçado aquelle Reino que não mandar primeiro a sua Carta Constitucional a examinar todos os seus artigos ao Hippolyto! *Siluit terra in conspectu ejus.* Falta unicamente que a Irmandade nos queira embutir, ainda que com algum rebuço, que o Principe Metternich, Otto, e os outros Diplomatas, que tem feito

retinir as Gazetas da Europa, consultárão, e ainda consultão o Hippolyto antes que comecem a entabolar alguma negociação. Tal he o aspecto em que a Irmandade o procura representar; porém se o Hippolyto fôra como são muitos, que se inculcão Sabios, e Sabios universaes, porque vestem fatos que arremedão alguma cousa, sem que hajão regalado o público com huma só letra sua impressa, salvo o seu nome em algum bilhete de boas festas; e outros, porque occupão cargos, postos, lugares, sem jámais escreverem outra palavra que não seja: — Recebi o soldo, a mezada, o ordenado, a quantia supra —, sempre ficariamos em dúvida se era, ou se não era o Hippolyto alguma cousa, assim como ficamos, se são, ou se não são alguma cousa estes enfaticos figurões que nos atropelão. O Hippolyto escreve, e tanto basta. São os escritos os verdadeiros retratos dos homens; são huns pinceis que pintão bem as feições da alma. Todas as caveiras do Dr. Gall, todos os angulos faciaes de Lavater dizem menos que huma pagina, e ninguem se retratou ainda melhor em seus escritos que o Hippolyto. As Mouras mettião medo aos filhos com Lopo Barriga, os da *piissima* confraternidade querem pôr medo ao Mundo com este Aristarco Barriga, porque escrevendo em Inglaterra (que he huma das cousas muito precisas para ser grande homem!) tem a authoridade toda na barriga para julgar tudo, conhecer tudo, e reprovar tudo. Ora pois, quem he este Hippolyto? Este Hippolyto he isto que elle escreve a pag. 633 do C. B. de Junho de 1816.

„ Como vemos por tanto o Governo de Lisboa incli-
„ nado a excitar na Nação *novas perseguições*, teremos
„ o cuidado de o vigiar, e desde já lhe promettemos
„ que seus borradores de papel não ficarão sem res-
„ posta, ou nossa, ou dos *amigos da sua Patria*,
„ que *remettendo-nos* suas obras trabalharem por dis-
„ sipar as *illusões* com que esses amotinadores do so-
„ cego público, quizerem armar os Cidadãos huns con-
„ tra os outros; *porque he dever de todo o homem*
„ *oppôr-se a taes projectos, que tem em vista a dis-*
„ *cordia civil.*

Nunca houve hum homem tão incauto que assim désse contra si mesmo armas invenciveis para o combater. Esta tirada do Hippolyto he para mim o mesmo que foi na prefação de Gil Braz a Inscripção da Pedra — *Aqui jaz a alma do Licenciado Pero Garcia.* — Nesta tirada vejo escrito — Aqui jaz a alma do Hippolyto. Decifremos a Inscripção, e vejamos a alma do homem: „ Como vemos o

,, Governo de Lisboa inclinado a excitar na Nação novas ,, perseguições . . . ,, — Isto não só he mentir com despejo, e audacia, mas com desaforo!! Escreve este homem para os actuaes Portuguezes, para nós que vivemos nestes dias, e com huma cara de ferro nos diz — *novas perseguições!* Aqui temos hum termo comparativo, e relativo: parece que estas *novas* dizem relação, e se comparão com as antigas, porque o termo *novo* presupõe antigo. Digão os Pedreiros todos juntos em corpo, mas digão-no de sorte que os ouçamos, que perseguições tem *excitado* o Governo no meio da Nação? Venha hum só que se diga perseguido! Mas dirá o Hippolyto de lá, e os Hippolytos de cá, que eu dissimulo, e que eu pertendo metter no escuro a *horrorosa* septembrisada. Dão-se os setenta e dois Senhores por perseguidos em sua temporaria *remoção*, e que esta he a antiga perseguição do Governo *excitada* na Nação. Ora até estes Senhores são ingratos. Se o Governo lhe fizera o processo, que se seguiria depois do suspensivo — *Por tanto*? — Ainda neste caso não se poderião dizer perseguidos, porque a Justiça não persegue, pune, e nenhum acto de Justiça he huma perseguição. Aqui temos a primeira feição da alma do Licenciado Hippolyto. Mentir com desafforo, e não saber mentir por insufficiencia. Faz subintender a segunda feição da sua alma, que he a perversidade, ou improbidade. Eu me explico. Argumentar como elle argumenta he huma destas duas cousas — ou demencia, ou perversidade — Demencia não, elle não he demente, eu he que o sou, como dizem os Pedreiros de cá, e *energumeno*, como diz o Pedreiro de lá, logo he perversidade, e provo. — Lê este homem o annúncio da Gazeta de Lisboa que diz: — Sahio á luz — Refutação dos Principios Metafysicos, e Moraes dos Pedreiros-Livres-Illuminados. — A este tempo chegou a Gazeta de Lisboa a Londres; mas não chegou o Livro, e sem vêr o Livro, sem conhecer da materia, sem apontar do mesmo Livro as provas do que quer dizer; concluir do annúncio, que o Governo de Lisboa está *inclinado a excitar na Nação novas perseguições*, he perversidade, estando o Governo tão ignorante da existencia do Livro, como elle Hippolyto estava, ántes do annúncio da Gazeta. Isto he ser perverso; he mostrar que não tem outra intenção senão fazer odioso o Governo, atribuindo-lhe perseguições que não fez, nem faz, nem fará; nem he capaz de fazer; e olhe o Sr. Hippolyto, que o meu jantar ninguem mo dá, ganho-o eu com mais suor que escrever Jornaes incendiarios. Ora supponha-

me agora em Londres, e que nos encontravamos ambos em o Café Lloyd. V. m. de lá, e eu de cá, com a banquinha no meio, a nossa cerveja, huma véla de spermaceti, e os nossos dois cachimbos, e que eu lhe dizia: Sr. Hippolyto, eu estava ha annos no Botequim do Madre de Deos no Rocio de Lisboa, (V. m. sabe aonde he o Rocio, e muito mais sabe as casas em que está o tal Botequim); hum homem tirou do chapéo o laço Nacional, e pizou-o aos pés, e ficava-lhe por cima o la Garde. Se o Governo mandasse pendurar na forca este homem, seria perseguir este homem? Não, Senhor, isto seria hum acto de justiça compensativa. Pois senão seria perseguição enforcallo, menos perseguição seria removello.... De que se queixa, e para que infama o Governo de perseguidor? Vamos vendo, e admirando as feições desta alma, mais expressivas que as do retrato de Erasmo por Holbein. — ,, Seus borradores de papel não ,, ficarão sem resposta, ou nossa, ou dos amigos da sua ,, Patria, que remettendo-nos as suas obras... — ,, Aqui se nos manifesta, e descobre huma conspiração, huma liga intima entre os de lá, e os de cá: chama *amigos da sua Patria* aos que espiando os passos, as resoluções, e os actos do Governo, e da Policia, lhe transmittem noticias invertidas, alteradas, e adulteradas, postas a seu sabor, para que o povo aprenda dos falsos retratos, que lhe apresenta, a desconfiar do Governo. E são estes os amigos da Patria que dissipão *illusões*? Elles são os que verdadeiramente procurão illudir a Nação, fazendo-lhe crer que he mal governada. Quaes são as illusões que aqui se espalhão com que se *tem armado os Cidadãos huns contra os outros*? O Correio Brasiliense, e os seus correspondentes, he que são os verdadeiros amotinadores públicos. Mostre, allegue hum facto em que se conheça que os Cidadãos se armárão huns contra os outros. Isto he mentir com atrocidade! Que povo mais unido que o Portuguez? Quatro dias sem Governo, e sem desordem, e depois com huma inteira confiança no Governo, unindo-se para fazer os mais arduos sacrificios de seus bens, e de si mesmo. Qual he o povo da Europa, que, exhausto, contribuisse sem murmuração? Não nos armamos huns contra os outros; armamo-nos huns com os outros no mais estreito vinculo de Patriotismo dirigido pelo Governo para repellirmos os effeitos das quimericas theorias de regeneração, que nos deixarão nús, mas não nos tirárão os braços. Eu posso dizer do povo Portuguez, cuja totalidade incorrupta, e incorruptivel sempre se rio dos Pedreiros, aquillo mesmo que diz a Escritura dos habitantes

da Terra antes da Torre de Babel: *Erat terra labii unius et sermonum eorundem.* Era huma só a linguagem de toda a terra, era hum só o espirito dos Cidadãos Portuguezes. — Salvar a Patria, e mofar dos Pedreiros, fracções infinitissimas em o total da Nação. — Eis-aqui as armas que os Cidadãos tem empunhado huns contra os outros.

O seu discurso, Sr. Hippolyto, acaba com huma sentença debaixo de cujo pezo eu vou ter a consolação de o vêr esmagado, e esborrachado. Ei-la: — „ He do dever de „ todo o homem oppôr-se a taes projectos, que tem em „ vista a discordia civil. „ Logo se V. m. excitar a discordia civil, he do dever do Cidadão oppôr-se aos seus projectos. V. m. promove a discordia civil, logo deve haver contra V. m. huma força repulsiva. Nega a antecedente da segunda proposição, ou entimema. Eu lha provo. Sem me espraiar pela consideração de mil e mil artigos do seu Jornal desde o seu nascimento, época de detestavel memoria, em que V. m. reprovando todas as acções do Governo, e dos Governos, se mette a arbitrista sem vocação, julgando-se superabundantemente instruido para decidir em materias de Commercio, de Milicia, de Toga, de Diplomacia, de tudo: sem me lembrar que V. m. por muitos, e muitos tempos (porque lhe ventava d'aqui mais que d'alli) insultou os Ministros de S. Magestade invectivando de continuo contra as suas acções, cousa que menoscabava o Soberano que os nomeára, e mantinha nos lugares honorificos que occupavão, fazendo, ou procurando fazer crer ao público, que o Monarca era illudido pelos mesmos Ministros; sem me lembrar, digo, desta interminavel têa de delictos civis, que V. m. tem commettido no seu Correio pelo abuso da prensa, basta o artigo presente, para se conhecer com toda a que se chama evidencia humana, que V. m. quer excitar a Discordia Civil, com o falso testemunho de que o Governo quer *excitar perseguições, e perseguições novas*, para que o povo servilmente tema o Governo, e o aborreça, desconfiando de todos os seus actos. Eu não sei que haja, ou outro caminho, ou outro meio de promover a *Discordia Civil*: escrever contra os Pedreiros, proscriptos por toda a parte, não só pelos Decretos dos Soberanos, mas pelos escritos dos bem intencionados, não he promover a *Discordia Civil*, antes reprimi-la; porque está demonstrado que estes mesmos Pedreiros, Demagogos revolucionarios, não tinhão, nem tiverão *em vista* outra cousa mais que excitar a discordia, e desunião para elles imperarem. Não nos queira, Sr. Hippolyto, metter tanto os dedos pelos olhos com seus pueris argumentinhos, que não deslumbrarião o

mais innocente adepto no gráo de aprendiz. Nós os Portuguezes sabemos muito bem qual fôra a marcha da Revolução; o primeiro passo da conspiração Pedreiral foi tornar o infeliz Luiz XVI. odioso ao povo, fallando-lhe em huma Bastilha (Vv. mm. depois lhe derão oito) em prisões arbitrarias, (e Vv. mm. lhe derão depois as *Oublietes*) em tributos, e impostos (e Vv. mm. lhe tirárão depois até a camisa) porque em fim Vv. mm. não podem perder a mania da conspiração contra os Monarcas, fallemos mais claro, contra toda a ordem do Governo, até contra a mesma Democracia, porque nunca parárão nem na mesma Democracia. He de admirar, Sr. Hippolyto, a sua malicia! Eu ainda admiro mais a sua presumpção, e vaidade. Donde nascerá isto? De ser Jornalista, e de escrever em Inglaterra. Deixe-me citar-lhe hum texto.

. . . . Paupertas impulit audax
Ut versus facerem . . . .

Vão Vv. mm. daqui com as calças na mão, ou fugindo á Justiça, ou morrendo com fome; hum esgueira-se da *cadêa*, outro desampara o Botequim das parras, outro escamuge-se do claustro penitente, e apenas avistão Falmouth já vão pedindo hum tinteirinho emprestado. Se os prende a Policia porque não levão passaporte, os irmãos de lá lhe cuidão nisso: quando chegão a Londres, vem a Irmandade ao desembarque, e o Te Deum que lhes canta he este — Redigir, Redigir, Redigir, viva o Irmão Redactor; e nós os infelizes que ficamos cá no Tejo, esperamos, e temos no primeiro mez a primeira descompostura: pois eu lhe protesto que nem V. m., nem elles nos descomponhão impunemente: sabbado fallaremos, porque eu ainda lhe não disse huma palavra sobre o destempero do Sermão que para cá mandou, e a que chama resposta aos Folhetos. Hum Pedreiro he quem me exhorta a não me apartar dos dictames de caridade que inspira a Religião de J. C., *na qual só ha salvação*; isto dito por hum Pedreiro he cousa tão galante como o Pato, escritor que cá ficou,

Dito *Orestes* que a Pylades envia,
Quanta traz *Portuguez* patifaria.

ARTIGO II.

CRITICA.

QUando a raiva, o rancor, e a malevolencia se apodérão do homem, fica-lhe de tal maneira o entendimento cego, que nada mais diz que desatinos. No que acabei de depennar o vimos; no que vou depen-

nar tambem o veremos. Neste *depennando* ainda se conhece melhor, porque nelle se descobre o odio mais sédiço, radicado, e reflectido. No Hippolyto ha certa circunstancia que lhe póde dar hum vislumbre de disculpa, que he querer defender os interesses da Irmandade em geral, luta, ou pernêa como irmão, não quer ver mallogrados os trabalhos que teve para a *juncção* das Lojas ao Grande Oriente. Em Pato não ha causa commum que defenda, não ha mais que rancor particular que desafogue; se me quizer dizer, que nenhum rancor o estimula, eu lhe tornarei, pois senão tem, Sr. Pato, o entendimento cégo pelo rancor que me tem dado a conhecer, até por cartas anonymas em que nem ao menos quiz disfarçar a sua letra, então os destemperos do Parallelo nascem da falta de entendimento sigamos esta opinião, porque até as pedras a clamão assim, e V. m. o confirma a pag. 148 quando diz: (oh! que cousas vai Pato dizer!)

„ O velho do Reverendo Epico menêa a frente com
„ enfasi como quem se prepara para grandes rasgos
„ rhetoricos muito em seu socego. O velho de Camões
„ menêa a cabeça descontente, como era natural que
„ o estivesse por isso que receava a perdição daquel-
„ les Aventureiros seus compatriotas: O velho do Re-
„ verendo Epico ergue a voz amarga, e vozes amar-
„ gas são vozes proferidas com acrimonia, quando
„ lhe convinha a tristeza, como bem exprime Camões,
„ dando-lhe á voz o epitheto de pezada: e finalmente
„ o velho do Reverendo Epico brada, e bradar, he dar
„ gritos: Camões não o fez gritar, mas sim levantar
„ hum pouco a voz pezada „

Ora tomando bem o pezo a estas, eu nunca as ouvi, nem li maiores! Na verdade que as pennas, e pennugens escondião muito o Pato, e esta Ave não se podia conhecer sem huma universal depennação. Vem cá, homem sem sobrenome, para não dizerem que me sirvo delle para designar animal em especie; pois menear a cabeça com enfasi, he só para fazer eloquentes discursos? Outro dia vi eu hum Frade Capucho lendo a vida de Fr. Henrique Suso meneando a cabeça com *enfasi* quando chegava a alguns passos da vida do tal Fr. Henrique (bom escrito de Fr. Luiz de Sousa) sem proferir palavra, nem fazer eloquentes discursos. A's vezes passa V. m. por mim, e mais calado que toucinho em saco, vai meneando com bem *enfasi* a cabeça, e julgo que se não prepara para eloquentes discursos, ainda que com muito *enfasi* se devia mover, e moveria a sua cabeça, quando estava para parir este seu impresso, e eloquente

verso a pag. 9 do Elogio que se chama — Dos triunfos Bretões se apraz Diana —

,, Triunfantes a troar nos *Thetios plainos.*

Assim está impresso, e *Thetios plainos* he o mar, veja que enfasi de cabeça lhe era preciso para proferir este eloquente discurso dos *Thetios plainos.* Agora lhe digo com aquella amizade que eu lhe devo ter, que V. m. não sabe a lingua Portugueza. ,, Voz amarga, são vozes proferidas ,, com *acrimonia.* Logo quando disser *pranto amargo, dor amarga, animo amargurado*, he pranto, he dor, he animo de acrimonia! O seu impeccavel Camões he que as diz quasi como as suas, pois dá a voz do seu velho não o epitheto de amarga, que quer dizer, penosa, afflicta, mas o epitheto de *pezada* que significa, e quer dizer, *picante, offensiva*: todos conhecemos esta natural significação, quando dizemos, *termos pezados, graças pezadas, palavras pezadas*, como v. g. as suas insultantes, e offensivas. Continúa a mostrar a sua crassissima ignorancia em lingua Portugueza. *Bradar* não he dar gritos. V. m. nunca ouvio certamente o *Bradado* na Igreja. V. m. nunca ouvio a gente do Além-Tejo onde se conservão mais vestigios da genuina linguagem Portugueza — Brada ahi por F. — que he chamar em tom alto? Brados não são gritos. Bradar, he dizer palavras articuladas, gritar, he proferir sons inarticulados. Ora vejão como Pato fica engasgado apezar do indifinito diametro da goela de Pato, como diz o vulgo. Quando Camões diz que o seu velho levantára hum pouco a voz *pezada*, tambem nos quer fazer entender que *bradara*, e que *gritára* porque o Gama diz — Que nós no mar ouvimos claramente — Ora vá V. m. á praia, e ponha-se dalli a fallar, ainda que seja para a Barca dos banhos, a vêr se o ouvem lá *claramente* sem bradar, e gritar muito! Ora falle lá para bordo da náo da India a ver se ouvem náo só sem *bradar*, mas sem berrar? Em fim as Lusiadas são melhores, porque o seu velho levanta a voz, e o meu velho *brada*! O velho de Camões era preciso que fosse hum soprano desses que vem de Bergamo para o ouvirem a bordo dos navios. Eis-aqui o que se dá ao público para se descobrirem as calvas incoherencias de Camões, quando se quer deprimir o Oriente, e eis-aqui porque

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do nono Número

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 10.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense de Setembro de 1816.

PReenchêrão-se as minhas esperanças, e chegou das máos desse tal homem do Correio da quarta parte nova, a resposta que era mui bem de presumir; huma ladeação á Pedreira. Se ha, como ha nos homens, ainda nos de maior animosidade contra mim, isto a que se chama siso commum, conhecerão por esta ultima invectiva do Hippolyto, que he homem de nenhuma capacidade. O Hippolyto, nome que enchia de circunspecção, e de pezo caras alvares de certos Bachareis passeantes, e despachandos; o Hippolyto, que parecia alguma cousa aos que não sabem, que fazer hum Jornal Portuguez em Inglaterra, he juntar huns poucos de papeis, que de cá lhe mandão, a outros que elles lá achão feitos, entregallos a hum Impressor, e mandállos para cá; de todo se deo a conhecer na sua terminante resposta ao Livro, que se intitula: — Refutação dos Principios Methafysicos, e Moraes dos Pedreiros-Livres-Illuminados. — Hum homem de juizo responde alguma cousa, usa da natural Logica, combate hum argumento com outro argumento, oppõe huma razão a outra razão; se lhe atacão a conducta moral, justifica-se; se lhe impugnão as opiniões Litterarias, defende-as, busca a verdade, não dissimula, não inverte, não foge da questão, não inventa meios termos alheios da materia, não suppõe falsos prin-

cipios, não quer que o acreditem sobre a sua palavra, produz documentos, cuja authenticidade traga comsigo a convicção; e sobre tudo, não mente com descaramento, nem descompõe com impudencia: se não escreve assim, não tem juizo; porque não tem razão, e quer substituir a falta desta com as mais grosseiras invectivas. Eu não lhe quero dar nome algum, como elle me faz, porque descompôr não he responder; seja o que elle quizer, Hypocrita, Delator, maledico, louco finalmente, que he o meio universalmente adoptado pelos Pedreiros para me infamar, e desacreditar. Isto escrevem até pelas portas dos Templos, como o tem visto Lisboa; isto imprimem, como o vemos no Correio do Hippolyto, e na satyra de Paro, que elle lá lhe imprimio, esta he a resolução tomada á unanimidade de votos em os seus congressos. Desacredite-se este homem por todos os lados, porque assoalhando nós que he louco, não se dará credito ao que elle diz; affirme-se que he hum ignorante, como se prova pelo Poema Oriente, Meditação, Newton, Cartas Filosoficas, Homem, Verdade, e Refutação; diga hum que se diz Illustrissimo, que não sabe Portuguez. Eu ainda não ouvi senão injúrias, e invectivas, ainda não escutei huma só razão destes Senhores, e o artigo do tal Correio de Setembro, a pag. 394, he a maior prova de improbidade, ou demencia que se tem dado. Espera-se a Apologia dos Pedreiros-Livres-Illuminados, vem duas cousas, a primeira a descompostura do Author do Espectador, a segunda os sacrilegos insultos ao Governo; estão com isto justificados os Pedreiros, está refutado o Livro; Logica de Hippolyto! José Agostinho de Macedo he o peior homem que ha, (mas não fui Francez) logo os Pedreiros-Livres são huns Santos. Concedo a maior, e nego a consequencia. Prove-a, Sr. Hippolyto, isto he o que nós queremos. V. m. quer o Epigramma de Marcial no letigio das tres cabras furtadas? o Letrado, que merecia septembrisado, começou o arrazoado, fallando da guerra de Metridates, e do Periplo de Hanon Cartaginez; e o homem das tres cabras, dizia-lhe: = *Lis est mihi de tribus capelis.* = Sr. Doutor, furtárão-me tres cabras, esta he a minha demanda, não me importa a guerra de Metridates, nem a tomada de Numancia. Sr. Hippolyto, já que me não responde se não affrontando-me com tanta calumnia, já que tem a audacia de envolver marotalmente os Senhores Governadores de Portugal, e dos Algarves, e não como V.

m. diz : = *O Governo de Lisboa* = cuidando que está a fallar com seu amigo Delaborde, na ridicula questão do Pato, não só depennado, mas esfolado até aos ossos: eu lhe ensino como deve impugnar, impugnando-o a V. m.; e por este desfiado artigo do seu folhetinho de Setembro, conhecerá o mundo, não só o seu caracter moral, mas a sua manifesta insufficiencia, e verá que poder imprimir personalidades, injúrias, aleives, calumnias atrocissimas, insultos manifestos, não he ser profundo Estadista, Filosofo, Economista, como V. m. se quer inculcar, e o tem feito até aqui impunemente. Para se conhecer que he Pedreiro-Livre, não era preciso que V. m. como tal se mandasse retratar, como vimos, bastava este ultimo artigo do seu insolente, e incendiario Jornal, ou como lhe queirão chamar. Basta de generalidades, ouça V. m. *o energumeno* que lhe argumento.

Eu não sou arbitrista, mas parece que se devia proceder assim á vista do seu folhetinho de Setembro, para se dar huma terminante resposta ás calumnias que vomita contra o Governo de Portugal, e o conhecerem-se de huma vez suas preversas intenções. Devia o Pato ser chamado a hum Tribunal, (á Policia); produza, (se lhe devia dizer) produza V. m. os documentos que tem para affirmar que o Governo lhe prohibe responder á resposta que o Author do Espectador dá ao tropel de injúrias, que V. m. lhe diz no Livro, que intitulou = Parallelo das Lusiadas com o Oriente = : mostre nas Petições, que fez ao Governo, o despacho negativo. Pato diria a verdade, se dissera — Em primeiro lugar, isso he huma impostura do Hippolyto, porque o Governo nada tem immediatamente com as impressões, isso he da repartição das tres Authoridades determinadas — Santo Officio, Ordinario, e Desembargo do Paço. — Pois então produza os documentos que tem, em que prove, que as Authoridades lhe negárão a licença para responder ao Espectador, em que as suas razões são impugnadas. Não os tenho, porque eu tal não intentei. Muito bem. Vá V. m., e por escrito que assigne faça huma declaração do que diz, e publique-se com a sua assignatura na Gazeta; que os correspondentes do Hippolyto para lá lha mandão: não vai para o Limoeiro, para se não dizer que o constrangêrão; diga livremente a verdade. Que diria o Hippolyto vendo-se desmentido á face da Europa, e da America? Talvez dissesse: — Eu não adivinhava, se o es-

crévi foi porque o Pato, que he o *Orestes*, o mandou assim dizer a Pylades, que he o *Portuguez* que aqui conservo em casa para meu testa de ferro. Se o Hippolyto produzisse disto hum documento que fizesse fé, ainda que era difficil vindo das suas mãos, neste caso sendo a calumnia do Pato a mais atroz, porque maculava a suprema justiça com que o Governo procede, dado o caso que immediatamente interviesse nas Impressões, o que não he assim, como todos vemos, e sabemos, porque o Governo não he Tribunal, o Governo he o Representante do Soberano, e o Depositario do seu Real Poder; devia o Pato ser enforcado, e devia o Hippolyto dizer então; isto que lá fizerão ao que mo mandou dizer, me devião fazer a mim pelo publicar. Eu sei que força tenhão, ou não tenhão os argumentos que em Dialectica se chamão negativos; ha alguns revestidos de taes circunstancias, que tem o mesmo vigor de positivos. Se o Pato (eis-aqui o argumento) houvesse feito hum Requerimento á Meza do Desembargo do Paço, com hum m. s. em que pedisse licença para o imprimir, e fosse este m. s. a resposta ao Espectador que o tem impugnado, trasladando sempre as suas mesmas palavras, e neste Requerimento lhe pozessem — Escusado, — mandando este Requerimento assim despachado ao Hippolyto não o poria elle no Correio com ar triunfal? Elle que pede seiscentos mi réis para não publicar hum documento que elle diz que tem, talvez que forjado por elle!

Vejamos nós os Portuguezes pela verdadeira face quem seja este Hippolyto, filho da opinião depravada dos Confrades Pedreiraes. Quer calumniar o Governo, e nem isto mesmo sabe fazer com hum leve toque de verosimilhança. Martado até ao coração por lhe haverem tocado na bombulha de Pedreiro, (de que se não podem livrar, porque elles não hão de dizer o que são), quer vingar-se, e vingar-se no Governo, pertendendo fazer acreditar ao mundo esta galantissima proposição: — O Governo não dá licença ao Pato para responder, e esta negativa he a recompensa que o Governo dá a José Agostinho de Macedo, por lhe escrever contra os Pedreiros-Livres — Pag. 394 do Correio de Setembro — Eis-aqui as palavras com que começa: " E por isso explicaremos a Historia de huma controversia em que José Agostinho he patrocinado pelo Governo. „ Ora façamos huma falsa supposição para conhecermos huma verdade. O Pato escreveo a resposta á tunda que se lhe tem da-

do, sem poder piar; metteo este m. s. ás licenças, e o Tribunal que tem Censores, mandou conforme a praxe inalteravel o m. s. ao Censor: o Censor vio que era huma parvoice, e censurou, e enviou para a Authoridade competente, que á vista da Censura, põe o Despacho = Escusado, ou supprimido = Digão-me, tem alguma cousa com isto o Governo? Que medo me poderia a mim metter o Pato, para fazer atropelar todas as Regras da Justiça com huma acção arbitraria do Governo, pela qual se mandasse ás tres Authoridades — Santo Officio, Ordinario, e Desembargo do Paço — que não dessem licença a cousa alguma que o Pato quizesse imprimir contra mim, porque eu escrevo contra os Pedreiros-Livres? Cabe huma similhante baixeza nos miólos humanos? Aviltar-se-hia até este ponto o Governo á face de tres tão respeitaveis Tribunaes? Assim parece que o quer inculcar o calumniador, e incendiario Hippolyto, vejamos, e admiremos o verdadeiro *energumeno a Pag. 395.* — *Mas o que julgamos digno de sevéra observação, he que o Governo de Lisboa permitte a José Agostinho vingar-se do seu Critico, escrevendo, e imprimindo contra elle quantas injúrias lhe parece, e negar constantemente a licença de imprimir, quando o rival de José Agostinho lhe intenta responder.* — Isto ou o diz lá o Hippolyto de sua cabeça, ou lho manda de cá dizer o Pato. Se o Hippolyto o levanta está conhecido; e nada mais he preciso para estabelecer a opinião pública, a respeito deste público inimigo de Portugal; se o Pato lho manda dizer de cá, enforque-se o Pato. Vejamos agora o que não tem resposta: eu peço a todos os Pedreiros do mundo, que attendão bem para esta demonstração sem réplica. — Appareceo com o meu nome = *O Segredo Revelado* = extracto de *Barruel*, e appareceo em 1810, ou 1811; eis-aqui hum escrito meu contra os Pedreiros nesta Epoca. Vamos. O Governo *nega constantemente a licença de imprimir, quando o rival de José Agostinho lhe intenta responder*, para premiar o trabalho de escrever contra os Pedreiros; muito bem. O Pato imprime hum aggregado de injúrias contra José Agostinho, no Livro que se intitulou — *Parallelo Critico Analytico*, e imprime em 1815; logo nem o Governo premêa o escrito contra os Pedreiros, nem prohibe a Pato a impressão, quando quer injuriar José Agostinho, porque o Livro de Pato, apparece depois dos Livros de José Agostinho. — Responda, Sr. Hippolyto, e diga V. m., eu sou o maior calumniador, e men-

tiroso do Universo. Nada ha mais público que hum Impresso; por este peço solemne, e públicamente ao Pato, que se tem escrito alguma cousa contra os Artigos do Espectador que tratão da sua depennação, que mo entregue a mim, recebendo da minha mão hum recibo em fórma judicial, que eu lhe faço imprimir tudo de *verbo ad verbum* em o Espectador, ou separadamente, (para levar, já se sabe, a sua competente resposta), e eu me offereço a ser punido como falsario com todo o rigor das Leis, se omittir na impressão huma só palavra do que o Pato escrever; offerecendo-me outrosim para tirar á minha custa huma publica fórma de tudo o que o Pato escrever em nota de hum Tabellião, para se cotejar com o impresso. Não sei como se faça huma declaração mais authentica, nem como se faça tornar mais a falla ao buxo a hum tão público impudente calumniador do Governo. Nisto, que parece hum objecto frivolo, faço hum serviço á Patria, porque faço com evidencia que muitos mentecaptos mudem de opinião a respeito de hum homem, de cuja penna nos querem embutir que nos devemos temer. Os papeis de que compõe o Correio não são seus, as reflexões que faz são desta natureza; e he este homem alguma cousa? Escreve em Inglaterra. Pois então a liberdade do Paiz transforma em razão, o que he injustiça, e em verdade o que he calumnia? são livres os Inglezes, mas creio que não querem pela liberdade civil adquirir o direito de renunciarem a probidade natural. Se eu hei de ser livre, para ser calumniador, antes quero ser escravo para ser verdadeiro. Ser escravo póde ser condição involuntaria; ser calumniador he perversidade espontanea. Que ha de responder a isto, Sr. Hippolyto? o que responde neste seu artigo, o que responde hum Pedreiro — chamar-me *má lingua por officio*, *delator por interesse*, *hypocrita por systema*. Sim, isto fazem cá os seus Confrades. Não importa seja eu huma victima sacrificada ao seu cruel, e impotente resentimento; não he a Patria quem assim falla, são os Pedreiros que não tem Patria; não he Cidadão do mundo quem he inimigo do genero humano. Huma cousa lhe digo. A Constituição de Inglaterra he muito judiciosa; he estabelecida sobre os principios generosos da liberdade civil, e da liberdade individual; mas esta obra prima da politica, e da prudencia humana não póde por certo conceder impunidade aos crimes públicos, nem immunidade aos criminosos. Se a Constituição Britanica, manda que se respeite o

Governo ahi harmonicamente composto das tres mais seguidas fórmas de Governo Democratico, Aristocratico, e Monarchico, tambem ha de querer que se respeitem, e não insultem os outros Governos. Não prohibirá que se escreva, mas ha de querer que se prove o que se escreve; porque se o Governo quer que se conserve a liberdade do homem, não ha de querer que se deprima a dignidade do homem. O Governo de Portugal, se o não considerasse a V. m. com hum soberano desprezo como merece, poderia muito bem, ou fazer-lhe provar dentro de *Newgate* o que V. m. escreve, ou fazello pendurar defronte da porta deste Palacio tão digno de V. m. Mas isto mesmo seria dar-lhe alguma consideração, basta que haja hum particular que o confunda, e que pondo-o em apuro com a razão, tenha a satisfação de o fazer conhecer até de seus satellites, e correspondentes, a troco de lhe chamar *má lingua*, *delator*, *hypocrita*, *e montão de vicios*, porque escreve contra a Pedreirada, que V. m. sabe só defender com insultos ao Governo, e com ataques pessoaes aos individuos. Hirei continuando, e talvez que este seu ultimo artigo seja a corda tecida por V. m., com que V. m. se faça o que devião fazer a V. m. Até Sabbado.

ARTIGO II.

CRITICA.

SR. Pato (assim se assigna, isto não he alcunha, he o seu nome.) *Qui tanti mensuram nominis imples.* V. m. quiz naturalmente ajoujar-se ao Hippolyto; declara-se este Hippolyto seu defensor, e Apologista, dizendo de V. m. estas bem notaveis palavras — *José Agostinho tem o direito de delirar que he Poeta, e publicar aquillo que só elle chama hum Poema, e o Critico tinha tambem direito de empregar suas horas vagas em se divertir com analysar os disparates do louco.* V. m. tambem se chama Poeta, e diz que fizera quarenta Elogios, logo tambem *delira* (e muito) segundo o conceito do seu Apologista. Os disparates do *louco* tem V. m. visto em nove mezes de respostas, em que eu sem pôr nada de minha casa, não tenho feito mais que transcrever as suas palavras. V. m. feito raposa aos saltos á parreira, diz que não póde responder, porque o Governo o não deixa. Deixa, Sr. Pato; deixa. Cá em Portugal ninguem he condemnado sem ser ou-

vido. Não me venha, como correspondente do *Portuguez*, com os *Deportadinhos*; aquillo não foi pena, foi cautéla; o que para elles foi huma offensa, devia ser huma obrigação; V. m. estimaria que o escondessem se tivesse huma trovoada imminente. Deixemos esta materia para o seu bravo defensor Hippolyto: não misturemos Politica, e os seus versos; V. m. faz destes versos no Elogio — *Dos triunfos Bretões se apraz Diana.* —

„ Spenser, Hill, Beresford, e o Trant, e o Coton
„ *E tantos outros mais*, que eu não nomeio. „

Ora hum homem que falla assim em verso — *E tantos outros mais* — mette-se a criticador de Poemas Epicos, e emprega nisto *as suas horas vagas*; sim, as horas vagas daquellas sérias occupações que V. m. tem na Republica! e para que? para dizer destas a pag. 146 do Parallelo, que está para vir, que parece que he droga da Ilha encuberta, que nunca chega!

„ Camões não o faz gritar, mas sim levantar hum
„ pouco a voz pezada, e fallar *descontente*, que era
„ o que lhe convinha. — Devendo ainda notar-se, que
„ na Lusiada he o heróe quem relata este successo, e
„ no Oriente, he o Poeta.

Eu nunca li destempero assim, nem no Correio Brasiliense!!! são diversos os dois Poemas pela sua differente estructura, em hum falla o Heróe como na Eneida, n'outro o Poeta como na Jerusalem, e que ha aqui que notar-se? A bondade, ou ruindade de hum Poema Epico nasce de fallar o Heróe, ou de fallar o Poeta? Vasco da Gama conta o que ouvíra ao Velho, ao Rei de Melinde; eu conto o que o Velho dissera ao povo de Lisboa. O Velho de Camões falla *descontente*, o meu Velho falla com *amargura*, que era o que lhe convinha, pois como guerreiro da Africa, não approvava a incerta, e arriscada tentativa do Descobrimento da India pelo Oceano. Se o meu Velho grita ao povo de Lisboa, he porque no meio da Praça de Belém, se fallasse baixo na balburdia de hum embarque, ninguem o ouvia. Isto está visto, e assentemos de huma vez que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do décimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 11.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense de Setembro de 1816.

DIz o Hippolyto a pag. 394 do Folhetinho de Setembro estas notaveis palavras: — Recebemos os Núm. 1., e 2. do segundo Semestre desta Folha que se imprime em Lisboa huma vez por semana. — Nestes dois Núm. 1., e 2. se falla no Hippolyto, ou Correio Brasiliense, em especiaes artigos, nelles se mostra que a intenção do Hippolyto he indispôr o povo contra o Governo, taxando de iniquos todos os actos do mesmo Governo; e foi esta a primeira vez que o Hippolyto teve hum ataque directo, na firme resolução de lhe pôr a calva á mostra, o que por certo vai succeder, porque as suas injúrias, atrocidades, e falsos testemunhos me não háo de fazer calar. Notemos a cousa mais admiravel que ha. Este Hippolyto julgou-se, desde a publicação do primeiro Folheto do Correio, nada menos que o Veado de Cezar: — *Noli me tangere*: não me toquem; e sendo, como he, a nosso respeito hum individuo obscuríssimo, e apenas conhecido até áquella época pela sua evasão deste Reino, quiz ser huma pessoa inviolavel. De tanto orgulho se empanturrou, tanta corda deo ao amor proprio, imaginou-se em tanta elevação de saber, quiz de tal maneira ser, não o Arbitro, mas o Tyranno da opinião pública, que reputou hum sacrilegio contradizer-lhe huma só palavra do que inseria nos Folhetos incendiarios, e agora incendiados na Hespanha, e pela mão do Algoz. Injuriar Ministros de S.

Magestade, ultrajar Governos, inspirar, ou soprar revoluções nos povos, ingerir-se na Economia Politica dos Reinos, dirigir a seu sabor os Tribunaes, e sentado n'hum barril de serveja, approvar, ou reprovar as acções dos Generaes no campo de batalha, tem sido os objectos em que se tem occupado esta capacidade transcendente, cujos conhecimentos forão adquiridos pelas lojas Pedreiras, e de bebidas, cegando-o de tal maneira a soberba, ou talvez que a demencia, que chega a escrever mui circunspectamente estas palavras, fallando do Governo de Portugal: = Teremos o cuidado de o vigiar. = Ora hum homem Escritor em Inglaterra, hum homem que he o Espia dos Governos, o Codigo vivo de todos os Imperios, o Sabio por excellencia, o flagello politico de todas as instituições sociaes; vendo-se atacado directamente no Espectador nos mesmos dois Números que elle diz que lêra, e não dizer nem huma palavra só a este respeito, metter a cousa no escuro, dizer apenas *que não lemos cousa que nos excitasse tal rizada*... Temos nisto algum mysterio! Este homem tão inflammavel, e soberbo como vimos nos debates com os do *Investigador*, onde se vomitárão as injúrias do costume, pondo em rosto aos mesmos do *Investigador* o feito, e o por fazer; vendo-se notado nos dois Núm. de incendiario, de assoprador de discordias, e divisões, e o que mais he de Pedreiro-Livre, que he o que mais lhe toca, e fere o coração; esquece-se disto, e constitue-se Campião do Pato, questão frivolissima, e absolutamente alheia de Hippolyto. Temos mysterio, e elle mesmo o aponta, e manifesta por estas palavras, na mesma pag. — ,, *Se considerassemos unicamente o tal energumeno Padre, e o seu Folheto, contentar-nos-hiamos com o momento de rizo, e divertimento que nos causou a sua leitura, mas a parte que nisto tem o Governo de Lisboa, faz-nos olhar esta chocarrice impressa por huma facie de maior seriedade, no que respeita ao dito Governo.*,, —

Sr. Hippolyto, este he o seu grande caso, e não lhe importa mais nada, *o Governo*. Se a Gazeta de Lisboa transcreve dos mesmos Jornaes de Paris artigos relativos á proscripta, e abominavel Seita dos Pedreiros-Livres, he, diz V.m., o Governo de Lisboa, quem manda inserir estes artigos. Se eu escrevo hum Livro contra os principios methafysicos, e moraes dos Illuminados, basta que V. m. leia o annúncio desta publicação, para escrever com tom positivo, e affirmativo. — O Governo de Lisboa manda aos seus rabiscadores que escrevão contra os Framações para excitar perseguições, e dar lugar a novas septembrizadas. Por este la-

do vio que estava exhausto o pretextosinho de malquistar o Governo, sem se desenganar já mais, que trabalha debalde, e que a respeito do povo Portuguez em geral não lhe pega o emplastro; tem a verdadeira loucura de ingerir o Governo na questão de Pato, dizendo com a ultima clareza: — *A parte que nisto tem o Governo.* — Creia que nunca V. m. attrahio mais sobre si a irrisão pública. Os sensatos se tem indignado contra semelhante atrocidade, a que vem de mistura huma manifesta demencia. Os indifferentes olhão com mofa para o Hippolyto, e dizem; o homem que espantava a terra sem se saber com que, e porque, anda a pegar-se pelas paredes, sem ter já a que se atenha. Creia que com esta livre, calumniosa asserção da ingerencia do Governo na questão de Pato, deixou de todo cahir a mascara, para se dar a conhecer qual era, e qual foi sempre; cousa nenhuma. O mais indouto, rude, e obtuso individuo do povo, tem olhado com summo desprezo, e verdadeira zombaria para tão baixo aleive. Os seus fautores, collegas, correspondentes, e irmãos que aqui vivem entre nós, considerão a causa perdida, se V. m. vai por este caminho; porque esta sua da ingerencia do Governo, na questão de Pato, he tão calva que a ninguem póde illudir, e a indisposição que V. m. pertende inspirar ao povo relativamente ao Governo, a volta contra si, e até arruina o passageiro effeito de outras que V. m. tem dito. Que credito podem dar a hum homem, que com tanta impudencia, audacia, e desaforo mente? V. m. manifesta as mesmas intenções, que em tão profundas sombras tem querido encobrir. Como se lhe offereceo occasião de fallar contra o Governo, de tal modo se deslumbra, que falla sem saber de que; não conhece o estado da pendencia Patal. Veja que eu obro só com força repulsiva. Diz V. m. que o Governo prohibe o Pato de me responder, e eu sou o que estou respondendo ao Pato. Esta obra que V. m. diz ser fruto das *horas vagas* de Pato, he desde o principio até ao fim hum aggregado de injúrias, e de affrontas, he hum resumo de inepcias, o que prova contra o que V. m. diz. Nada teve com isso o Governo, sahio o Livro, porque achou, depois de muitas diligencias para lho comprarem, o que não conseguio, a Officina Lacerdina (que são consoantes) que tomou isso á sua conta, eu nada mais faço que desforrar-me, mostrando que tudo o que Pato diz, he parvoice; não o descomponho, como V.m. me faz a mim, que he a grande resposta que os grandes Pedreiros costumão dar, e he a decencia com que escrevem em Inglaterra, ou em Inglaterra imprimem os que

de cá mandão imprimir a Inglaterra; traslado as palavras de Pato, e respondo sem réplica, porque nunca a terá. Huma de duas, Sr. Hippolyto, ou o Pato buscou em V. m. Padrinho, ou V. m. quiz aproveitar a occasião de atacar o Governo. Se o Pato busca Padrinho, tem a causa perdida. Se V. m. aproveita a occasião, he hum aleivoso, e desaffoga por aqui a raiva que o consome de não poder responder como Pedreiro, ao que o Espectador diz de V. m. como Pedreiro. Pois he V. m. o Hippolyto, o Rodomonte Politico, que tem tomado á sua conta, com tanta ventura do genero humano, o governo exclusivo = D'ambas as Indias, ambas as Hespanhas =; e não responde ao que se lhe diz, e vai metter-se a patrocinador do Pato, questão que lhe he estranha! Sim, porque até nisto — *Si spes effulsit numi* — raiou-lhe a esperança de poder ultrajar o Governo com mais huma falsa atribuição. Todos sabem de que vivo, e como vivo, não tenho emprego algum fixo, e lucrativo Ecclesiastico, ou Civil; nenhuma pensão, nenhum ordenado, nenhum lucro das minhas impressões; e limitão-se todas as minhas recompensas, segundo o Hippolyto, a simples prohibição do que Pato quer escrever contra mim, não tendo o Pato feito outra cousa em dias de sua vida senão escrever contra mim. Em quanto cá esteve o seu amigo, e associado o *Portuguez em Inglaterra*, escrevião ambos de mão commum, e tanto escrevião contra mim, que começavão assim os seus doutos escritos: = Escreverei contra o P. José Agostinho de Macedo. = Assim principia aquella douta obra em que Pato, e *Portuguez* só por escreverem contra mim, quizerão ser Sebastianistas. Appareceo o Gama? Sahio-se o Pato, e o *Portuguez* que ainda cá estava então com o Exame Critico do Gama. Foi-se o *Portuguez*? De cá lhe manda o Pato, entre outras noticias que lhe communica, huma satyra pessoal, que aqui tenho impressa. Que mais fez Pato? Escreve hum infamissimo Poema contra mim, intitulado: Agostinheida em seis Cantos; e anda com elle de sua letra, pedindo a este, e áquelle que o trasladem (estão vivos os que o tiverão) ninguem o quiz trasladar, á excepção de Couto, que eu o tive da sua letra. Publica-se o Oriente? Emprega Pato oito mezes em escrever, e imprimir contra mim o que chamou *Parallelo Analytico*. Ora parecerá isto impossivel, mas como está impresso, he inegavel, porque he visivel. Faz Pato huma Ode para o Borequim aos annos do Principe de Galles, aqui mesmo sou atacado pelo Pato no texto, e nas lições variantes que elle lhe põe, estando elle vivo!! Nada mais tem feito que escrever contra

mim, e eis-aqui as prohibições do Governo, e o premio dos meus escritos. Tudo o que tenho dito he frivolo, e de nenhuma importancia para o público; mas são documentos innegaveis de que a intenção do Hippolyto não he outra senão calumniar, e malquistar o Governo, servindo-se para isto de todos os meios, e de todos os pretextos. A resposta que me dá he huma brava, e redonda descompostura. Não tem pois outra intenção, outro alvo este homem façanhoso, vingativo, e incendiario mais que atacar o Governo, e com tão má Logica, que salta sem tom nem som, de hum meio termo a outro, introduzindo em tudo o Governo, tão respeitavel, que eu mesmo procedo com medo em sua Apologia, porque ainda que o vingue, cumprindo o dever de bom vassallo, são tão baixos, tão infames, tão aleivosos os titulos de accusação que o Hippolyto produz, que antes devia ficar o Governo sem vingança que a justiça, e a razão pedem, que revelarem-se taes, e tão falsas turpitudes; mas pois elle não tem pejo, como Pedreiro, de as imprimir, tenha alguem o valor de as refutar, porque eu sempre imaginei que a indulgencia, e até a indifferença para com o Hippolyto, era hum delicto. Busca novo pretexto de calumniar, e tornar odioso o Governo, e o que mais he, deixa trasluzir, e ressumbrar o maligno intento de levar a indisposição até á Corte do Rio de Janeiro, como vamos com horror vêr na seguinte passagem: = ,, *Esta parcialidade a favor de José Agostinho, já o Governo mostrou, quando aquelle energumeno escreveo alguns versos, que intitulou o* Poema dos Burros; *nesta obra atacou muitas pessoas, e entre outras os Ministros do Rio de Janeiro o* Marquez de Aguiar, e o Conde da Barca. = ,,

Nunca o Hippolyto se mostrou tão Hippolyto, como neste ajuntamento de calumnias, e mentiras. Vamos por partes. Em primeiro lugar mostra não ter idéas das cousas, diz que o energumeno escreveo *alguns versos*, e chama a alguns versos hum Poema, e em alguns versos são atacadas muitas pessoas . . . Isto he que se chama *multa paucis*. Pois em alguns versos tantas pessoas!!! Supponhamos que assim he; para se mostrar Escritor de boa fé, em materia tão grave, e de tanta consequencia, e em que elle toma hum tom tão affirmativo, parece que devia produzir documentos sufficientes com que provasse quem era o Author do Poema, composto de *alguns versos*, como elle diz, e pois he tão Doutor em Leis, que as quer dar ao mundo inteiro, porque veste a sotana, ou balandrão pedreiral, devia saber que as provas moraes, não são as provas legaes:

depois destes documentos que curialmente provassem quem fôra o Author dos *alguns versos*, como nomeia pessoas da primeira jerarquia, o seu primeiro cuidado, e obrigação era citar escrupulosamente os versos em que são notadas, e para isto se desafia o Sr. Hippolyto com tanta publicidade como he a da imprensa, venhão os versos em que he notado o Marquez de Aguiar, &c. *Ministros do Rio de Janeiro*, quiz dizer, Ministros de S. Magestade. Hum sugeito a quem eu lia a passagem sacrilega, e aleivosa do Hippolyto, respondeo: — Pois acha o que lá não estava, e não se encontrou a si? — Quem mais que o Hippolyto tem atacado os Ministros do Rio de Janeiro, e todos os Ministros de S. Magestade? Que improperios tem dito ao Conde da Barca? Quem atacou mais declaradamente o integerrimo, e bem intencionado Conde de Linhares, Ministro de Estado, não só com audacia, mas com ingratidão? Nós sabemos, Sr. Hippolyto, todos os Fastos consolares da sua vida! Diga-me, não he Ministro de S. Magestade o Conde de Funchal, homem para mim Santo, e hum Christão não digo do primeiro seculo, mas do primeiro anno do Christianismo, pois assim parece quem vivendo em Londres, onde V. m. vive, não teve hum pão com que respondesse a seus teimosos latidos, e insultos: eu julgo que V. m. até hia na trazeira da sua carruagem dizendo-lhe insultos. Não são Ministros de S. Magestade, e mais alguma cousa que Ministros, os Senhores Governadores deste Reino de Portugal, que V. m. ataca, não com razões ao menos especiosas, mas com nomenclaturas infames, e regateiraes? Que pertende, Sr. Hippolyto, com o testemunho levantado até ao Poema dos Burros? Malquistar o Governo deste Reino, e fazer crêr á Corte do Rio de Janeiro, que se zela tão pouco o acatamento que lhe he devido, que se abafa hum Libello, em que são notados os seus Ministros!! Não pega a labia, Sr. Hippolyto, esta pelotica pedreiral he muito conhecida. V. m. he que accusa com isto todos os Governos de tolerarem o seu Correio. O de Hespanha tanto o conheceo que o mandou queimar pela mão do carrasco, e he muito de presumir que fizera o mesmo ao seu Author, se lá o apanhára. E vem V. m. com o Sermão da Caridade, com que responde a Barruel; querendo que se tolerem as fraquezas do nosso proximo, que se não digão injúrias aos seus irmãos Pedreiros-Livres, e depois de acabado o tal Sermão, as Ave-Marias que pede no fim, he dizer-me a mim toda a qualidade de insultos atrocissimos, e ao Governo toda a qualidade de injúrias, e calumnias imaginaveis. Estimarei muito que os Procuradores da sua

irmandade lhe vão de cá remettendo estes Núm. do Espectador, e que V. m. vá dando as respostas que deo ao primeiro, e segundo que o acreditão muito; porque são terminantes, e na Logica dos Pedreiros, não ha melhor resposta a huma obra, que a descompostura do Author, nem melhor meio de illustrar huma Nação, que insultar o seu Governo, nem melhor methodo de se mostrar bom vassallo, que vilipendiar os Ministros do Soberano, nem caminho mais breve de se mostrar hum grande Litterato, que a liberdade de imprimir. Vou-me ao seu Cliente, e V. m. peça-lhe da minha parte que me responda, e eu lhe lembro que se o Governo o prohibe de imprimir, lhe remetta para-lá a resposta, que V. m. poderá publicar no seu Correio. Veja o medo que eu tenho do constituinte, e do Advogado! V. m. não tem das portas para dentro o amigo, e companheiro delle Pato, o *Portuguez*? Veja se lhe cabe lá a hum cantinho? Venhão mais nomes, Sr. Hippolyto, que eu lhe corresponderei com razões, até o fazer em polme.

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato.

SR. Pato, V. m. buscou ruim Patrono, fez-lhe queixa que o não deixavão cá imprimir as suas respostas, já lhe disse que mas entregasse, que neste Espectador serão fielmente impressas; ora isto he ser amigo, se me occupasse certamente o servia. Se elle mente, e com effeito V. m. não lhe fez queixa, então veja V. m. que rez he o Hippolyto, pela arriosca, langará, nora, e rabicho em que o metteo, pois o declara falso testemunhador dos actos do Governo. Bem se póde sumir, e eu já respondi a quem me perguntou por V. m. com hum verso seu, que he tal, e quejando: —

„ Do Sol *tres cursos* ha que foi voando. „

Dizem-me que ha Patos de arribação, bem póde arribar; mas em quanto não dá ás azas, leve mais huma chumbada, já que V. m. mesmo quiz dispôr, preparar, e determinar esta descarga, no que tão judiciosamente escreveo. Traslado, como tenho feito, e farei sempre até ao fim do nosso biennio, as suas mesmas palavras, e faço-lhe o que V. m. me quiz fazer a mim, mostrar que tudo são . . . de grosso calibre. Eis-aqui o que V. m. diz a pag. 153 verso do seu Parallelo.

„ Vejamos algumas das Profecias do Pseudo-Profeta; diz
„ elle a respeito dos nossos na Oit. 31 que
„ A' força de seu braço em vão resistem
„ Povos alem dos quaes nenhuns existem. „

„ O que he falso, porque os Portuguezes não conquistárão
„ os ultimos povos d'Asia, nem da Africa, e nem ainda
„ agora estão domados os ultimos povos Americanos. „

Ora veja-se Pato depennado, ou empennado, ou como quizerem, e veja-se a razão com que o Hippolyto lastima ter elle tido o máo gosto de criticar *os disparates do louco*, como diz no seu judicioso Correio. Em primeiro lugar he já cousa sabida que em havendo allusão a algumas expressões da Escritura, temos o Pato embicado. Ha no Profeta Isaias esta grande expressão: — *Populus postquem non est alius.* — Antonio Vieira se serve deste texto na Historia do Futuro para designar a America, depois da America, ou além da America, não ha mais povos. Os Japões são para o lado oriental relativamente á nossa situação occidental os ultimos povos da terra, bem como nós somos os ultimos do Occidente: mas seja o que for, o Pato para mostrar em tudo o furor de morder, e o prurito de fallar, quer na livre, e imaginosa Poesia, ou a exactidão de hum Geografo, ou o rigor de hum seco, e ressequido Mathematico, quer o compasso das Sciencias exactas dentro do Imperio da Poesia: nesta não póde, porque Pato o quer, haver huma hyperbole. Deixemos razões, seja Camões quem confunda Pato... Quem! Camões não he *divino*? Pois Camões póde errar! Camões, que até ordenou Bacho de Clerigo, e lhe deo huma boa Igreja em Moçambique — „ Aonde com este engano Bacho estava? „ — Sim Sr., ouça Camões no mesmo canto em que faz do Padre Bacho hum Padre, estancia 51:

Gôa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser *Senhora*
De todo o Oriente.....

Pois nós conquistamos todo o Oriente? *Todo* sem lhe ficar hum palmo de terra? Que diz a isto? Que, que, que, que... As mesmas expressões que em mim são hum crime, são em Camões huma virtude. Responda agora, que lhe não hão de negar a licença de imprimir, mas veja de caminho se póde emendar aquelle seu fecho, ou desfecho da sua Ode Pindarica a Wellesley.

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do décimo primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 12.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense. de Setembro de 1816.

ESte Escritor em Inglaterra, que sentado na tripeça censoria ha sete para oito annos, levado de caridade, se determinou a illustrar o mundo, sem que o mundo ingrato se tenha querido aproveitar das suas illustrações, não esperava por esta, e menos a esperavão os que de cá imaginavão que tinhão neste Paladino dos Jornaes hum defensor, e hum vingador dos ultrajes que lhe faz a sociedade, ou quando os despreza com irrisão, ou quando os pune com justiça. Responder ao Hippolyto!! Isso reputou-se sempre hum *piaculum*, ou ao menos huma impossibilidade. Eu lhe confesso que me doe não me ter determinado a isto ha mais tempo. A causa da Patria offendida tambem era a minha causa. Tinha-se tentado isto, e apparecêrão pennas eloquentes que começárão a empreza digna da razão, e da honra; mas não quizerão seguir o caminho por onde se devia desancar o Hippolyto, conhecido inimigo da Nação, e insultador público, e impune do Governo. Se elle fosse hum homem que escrevesse de boa fé, se não fosse hum Manifesto intrigante, hum contradictorio, que ora acha valor, ora confessa fraqueza nos Americanos; se elle fosse hum calculador profundo, que antes das acções executadas, não só as previsse, mas apontasse os meios proporcionados para se executarem bem; se elle não fosse hum ladrador importuno, que, depois do Tratado concluido, da Batalha dada, das medidas, e providencias tomadas, então

he que acha péxas que lhe pôr, e reflexões que fazer, reprehendendo o que não entende, notando o que não conhece, pois lhe não são patentes os motivos das circunstancias, e do momento; se elle não fôra hum furioso precipitado, que decide sobre instrucções mandadas de cá pelos que não sabem as novidades senão pelo canal das lojas de bebidas onde passão os dias, e as noites não se sabe aonde; se elle não fosse hum Visionario, que não descobrio em sua fantasia, e nos principios da Irmandade, mais do que quimericas regeneraçoes, em que elles, e elle podesse figurar sem guilhotinha; se elle se não mostrasse hum desesperado, de quem se póde dizer quê por lhe fugir o burro se vinga na albarda: eu me explico: se elle não estivesse ardido por vêr n'hum ponto abortar a cria pedreiral, ou a maquina da revolução com que elle Hippolyto, e companhia tanto contavão, e que por desgraça da humana sociedade hiria ávante, se a louca, e tresloucada expedição da Russia não zangasse de tal guiza os Russos, que quizessem mostrar á libertada Europa, que elles não erão pedreiros, mas carpinteiros de machado, com hum enxame de Cossácos, todos elles *cortadores*: se finalmente o Hippolyto não fosse, como todos conhecem, hum bota-fogo, ou hum assoprador de discordias, e intrigas para vinganças particulares, não se querendo desenganar, que até em huma taverna revolucionada se não chamaria o Hippolyto para Consul, ainda que fosse tão nullo, como Cambacerès, e cambada, e que se se encarapitasse na Tribuna do balcão para fallar a Mirabeau, ou a Chateaubriand, hiria della a baixo com hum copo na cara; então eu responderia, em tom sustentado, e sério, ao mesmo Hippolyto, como via que se lhe respondia nos circunspectos escritos do respeitavel Magistrado do Porto. Mas a hum Titire destes, com seriedade! he preciso que a Magestade da razão se revista com os atavios do ridiculo, para metter no abysmo este ignorante soberbo, e mal intencionado. O Artigo ultimo do Folheto de Setembro he o seu retrato ao natural. Compõe-se de quatro cousas, parvoices, aleives, insultos, e intrigas. Isto apparecerá em toda a evidencia. He preciso hum estilo especial para o Hippolyto, achou-o em mim, e ha de ser servido, e ha de ser convencido. Conheço que gastou toda a polvora de insultos aleivosos na primeira bataria, porque são balas de trinta e seis, chamar a hum homem, *louco energumeno*, *má lingua por Officio*, *delator por interesse*, *Hypocrita por systema*, as provas disto são as palavras do Hippolyto, que são de fé; creio que depois das balas de trinta e seis, tambem as ha

de quarenta e oito, e como nós temos a terceira parallela levantada, eu lhe prometto que o fogo seja tão bem dirigido, que o Hippolytosinho dê ao diabo a cardada de maldizer o Governo, insultar a Nação, e governar Pedreiralmente o mundo em seco. Tem havido homens Portuguezes, que fóra de Portugal tem escrito relativamente a este Reino muito, e muito bem, huns como Ministros, outros como simples Litteratos. Na classe dos primeiros, temos Duarte Ribeiro de Macedo, cujos escritos tanto o acreditão como Litterato, e como Politico; temos hum D. Luiz da Cunha, cujas instrucções respirão honra, e patriotismo, não buscando no que adverte, senão a vantagem, a gloria, a prosperidade, e a representação da Monarquia; temos hum José da Cunha Brochado, cujas cartas, com especialidade as que escreveo ao Conde de Vianna, devem ser o Manual do Politico Portuguez; temos na classe dos Litteratos hum Francisco Xavier de Oliveira, e hum Luiz Antonio Verney. Vio-se nestes, e n'outros homens de polpa o caracter destes vís, e mercenarios Escritores? Que dirão os Estrangeiros, que para vergonha nossa entenderem a lingua, e virem alli toda a Nação vilipendiada, o Governo mofado, escarnecido, epithetado desavergonhadamente? São isto Portuguezes?. O que nenhum estranho fez, fazerem-no os Nacionaes? E que homens, e que escritos! He esta a decencia, a gravidade, o siso com que muitas vezes reprehendeo de Inglaterra Antonio de Sousa de Macedo; de Roma, e de Amsterdão Antonio Vieira? Assim se sustentou no Congresso de Utreck, e de Haia, a Magestade de Portugal? Que individuos, e que meios tão infames! Hum escapa-se do carcere, e das mãos da justiça, outro das mãos da fome, ou da casual torrada do Botequim, e pelo meio de hum miseravel Jornal, que nada diz, nada propõe, nada conclue, e nada emenda, vomitarem bafordas sobre este Reino. Estes são os verdadeiros Espiões, e infames delatores; Espiões, porque espreitão qualquer lado apparentemente fraco, e insinuado de cá por outros que taes, e immediatamente o denuncião, e delatão ao público por meio da imprensa. Chama-me o Hippolyto *má lingua por Officio*; e que Officio he o do Hippolyto desde que começou a escrever, e a sustentar-se do agregado de dicterios, a que chama Correio Brasiliense, que nem vem do Brasil, nem vai para o Brasil? Chama-me o Hippolyto *Delator por interesse*: Que outro fim tem as delações, e denúncias públicas que elle faz das acções particulares deste, e daquelle individuo, com tanta falsidade, senão a esperança da pensão promettida para se calar? (Se he

possivel que houvesse esta fraqueza em algum Portuguez, sempre o duvidei, e ainda o duvido; se o houve, e me conhecesse podia poupar o dinheiro.) Que infamia ha maior que esta, ser delator, ameaçar que o será, e deixar de o ser por interesse? Sim, neste escrito, eu o denuncio ao genero humano; e este seu natural retrato será sempre o castigo da sua improbidade. Chama-me *Hypocrita por systema*, certamente me não conhece, ou se quiz representar a si. Quem mais Hypocrita do zelo da Patria, e da Gloria, e Soberania do Throno? Até nisto miseravel, porque nunca soube sustentar a igualdade da Hypocrisia! Quando se fallava no Correio Brasiliense em S. M. sempre era o Principe Regente N. S., não havia fórmula de respeito, e acatamento que se não désse, não havia hum vassallo mais submisso, mais obediente; e no mesmo instante contra este Principe se fomentavão as Rebeliões, se espalhavão os sarcasmos, se maquinavão as ruinas, se indispunhão os vassallos; não se descobre mais do que veneno em qualquer pagina deste incendiario escrito, pasmaceira dos frivolos, dos mentecaptos, e dos incontentaveis; e este veneno sempre debaixo da mascara do zelo do bem público; em quanto os Ministros erão enxovalhados, o Governo coberto de baleões, e os seus membros insultados com as nomenclaturas mais affrontosas! Eis-aqui as qualidades que V. m. me atribue achadas no centro da sua alma; e manifestas no seu constante procedimento. Nunca senti ser pobre senão agora; se o não fôra, e tanto, a pezar dos meus annos, e trabalhos, eu me transportaria a Londres, para lhe dar pela liberdade da Imprensa, de que V. m. tanto abuza, huma cabal resposta. Aqui o não deixa fazer a justa Censura dos Livros; os Censores tem instrucções, tem limites, e como homens de bem fião muito fino. Creia que isto lhe vale, porque V. m. nunca vio huma alma de fel, mas justamente azedada; não pelas injúrias pessoaes que V. m. me diz; porque nisso cumpre com o dever, e caracter de Pedreiro-Livre, que he infamar, e calumniar para indispôr; mas, pela indignação que me causa o ultraje contínuo feito á Nação, e ao Governo em cada pagina do seu Correio, com hum ar de impostura, que o torna insupportavel, e tudo isto assentado sobre as bases de Escritor em Inglaterra, que he o grande caso, e Escritor de hum Jornal em o Paiz do Diluvio dos Jornaes, e das Gazetas, no Paiz em que rebenta todos os dias hum Vendaval de Periodicos tão varios, e differentes como os Padrões das suas chitas, e canivetes. Que habilidade, que talentos, que estudos são precisos para compaginar,

ou cirzir de tantos hum só Jornal, sobejando sempre os artigos nos mesmos de que compõe o seu? A este trabalho de dedos ajunta no fim aquellas reflexões, que servem de vilipendiar a esta atassalhada Nação. Eis-aqui o que se chama o Correio Brasiliense. Os Socios, os Confrades, os Conspiradores lhe mandão para lá as noticias particulares, e as invectivas em cartas (que talvez V. m. finja enviadas de cá!) Tal he o grande Escritor! E tinha V. m. guardado ha tantos annos o Sermão achanfanado, a que chama resposta aos Folhetos de J. A. para em tudo mentir! Confesso-lhe que he a cousa mais tôla que ainda soffreo a letra redonda; eu o esfiarei todo de fio a pavio, porque nós temos tempo de sobejo, e cada palavra do seu Artigo me dá materia para muitos discursos. Não posso deixar de me lembrar aqui de huma parvoice chanfana do tal seu Sermão. Persuade-me que devo usar de caridade, e não perseguir os irmãos Pedreiros, e allega-me o exemplo do Imperador Trajano, que remitio alguma cousa da perseguição contra os Christãos, depois que recebeo a Carta de Plinio, Proconsul da Bithinia. Supponhamos que assim foi; porque a carta de Plinio ainda se não entendeo bem. Se o Imperador deixou de perseguir, foi porque o Proconsul lhe pintou a vida innocente dos Christãos, mostrando-lhe que não erão conspiradores, mas huns homens pacificos, e afferrados á sua opinião, pela qual elle os mandava açoutar. Mostre V. m. a innocencia dos Pedreiros com documentos públicos, com testemunhos authenticos; com factos incontestaveis; mostre que não são conspiradores, mostre que o juramento do Duque d'Orleans, ou *L'Egalité*, quando foi admittido ao grão de Cavalheiro Escocez, he cousa justa, santa, e innocente; mostre que aquella punhalada, que o candidato para este grão deo no simulacro de palha, que figurava hum Rei, he cousa muito religiosa, muito simples, muito bem lembrada; diga, com razões, dos Pedreiros o que diz Plinio dos Christãos, ainda que não diz muito bem, porque o ser eloquente não lhe tirava o ser hum idólatra mais do Imperador, que dos Deoses do Paganismo; verá V. m. como todos se calão, verá como Robinson, Professor de Edimburgo, que V. m. lá conhecerá, supprime o Livro, que intitulou — Provas de Conspiração universal —, verá como Barruel se retrata, eu me calo; e todos esses a quem Vv. mm. chamão malédicos, mettem a viola no saco. O povo gosta de rir, e rir do Hippolyto, e tambem eu, e farei que se rião delle, e de todos os Hippolytinhos de cá *per omnia secula seculorum*. Ahi vai hum bocado do Sermão, pag. 323 do Folhetinho de Setem-

bro — (Lembra-me o Imperador Trajano, como acima levo dito) —

„ Notai agora, que elle era gerado no seio do Paganismo, „ e vós Ministro de hum Deos summamente bom, antes „ Religioso no Claustro Augustiniano, aonde a oração, „ o silencio, os bons exemplos deverião ter-vos inspirado „ o amor do proximo, o perdão dos inimigos, e a benefi- „ cencia para com os vossos similhantes. Se tendes pegado „ na penna para escreveres, não he zelo, escreveis porque „ sois pago. —„

Ora na verdade o Hippolyto he hum Santo, e o povo que o escuta lhe deve dizer : Irmão, quem lhe encommendou o Sermão que lho pague ; estas maximas da moral divina na boca do Hippolyto estão no seu verdadeiro lugar! Vejamos como esta caridade heroica, este amor dos inimigos, este silencio, e oração correspondem aos sentimentos do mesmo Hippolyto, e o artigo ultimo do mesmo Folhetinho de Setembro, a pag. 394 :

„ Na classe dos Escritores, he exactamente o mesmo que „ o Pantalão arremedando o Bailarino que dança na cor- „ da ; o chorrilho de disparates, a mistura de objectos, „ o impeto das expressões, tudo imita a verbosidade de al- „ guns loucos . . . „

Então, não está o Hippolyto inspirado do amor do proximo, do perdão dos inimigos, da beneficencia para com os nossos similhantes? — Os Leitores vendo estas contradicções, este verdadeiro chorrilho de disparates, dirão : — Ora o Hippolyto he o Pantalão, que arremeda o Bailarino que *dança na corda.* — Nós não temos cá idéa destas danças, isto he cousa Ingleza. He verdade que se cá estivesse o Hippolyto *dançaria na corda*, e os outros Pantalões o arremedarião debaixo, dando as suas voltinhas. Oh! quem se podera espraiar neste quadro divertido!! Assente, Sr. Hippolyto, que V. m. he o homem mais obrigado que ha no mundo aos Censores Regios em Portugal. Acceite-me a dor de ilharga que me aperta, mas he justo, assim deve ser. He tal a delicadeza, e a severidade nesta repartição, que não consente que se combata nem tal inimigo com armas iguaes. V. m. chama-me *louco* . . . creia que mo não chamará impunemente, em quanto estes dedos se moverem, ainda que dentro do estreito, mas razoavel circulo da Censura. Todavia como V. m. involve a Nação comigo, a Nação será vingada, e o mundo terá a consolação de vêr a raça dos Impostores, senão de todo proscrita, ao menos desmascarada. Até sabbado.

ARTIGO II.

CRITICA.

AInda hum não está bem morto, outro já está esfolado. Fez queixa ao Pai, e ao Mestre Hippolyto, que he o Quixote do 19.º seculo para endireitar os tortos, e vingar os ultrajes das Dulcinéas. Por huma passagem do ultimo artigo do Folhetinho do Hippolyto, vejo que entre elle, e Pato ha huma intima correspondencia. O Hippolyto nada lê se não os Jornaes para fazer o seu Jornal; dos Estudos da Esquadria, e da Trôlha ainda não passou. Quiz ser aspirante de Secretario Diplomatico, a vêr se de alguma vez ficava Encarregado (carregado será elle por mim); de Poemas, e de versos nem entende, nem lêo nada, posto que hum Jornalista tem o direito de se arrogar a *Omnisciencia*, e com tudo, no seu Folhetinho de Setembro, onde intenta *septembrizar-me*, falla assim, — a pag. 394. —

„ Metteo-se-lhe em cabeça escrever hum Poema, que in-
„ titulou o Oriente, e tomou por assumpto o mesmo ob-
„ jecto de Camões. Bastava esta temeridade para caracte-
„ risar a loucura do A. —

Estas são de cabo a rabo as expressões de Pato em todo o seu Critico Parallelo, a injúria feita a Camões, em lhe tratar hum assumpto, sobre o qual lhe dá o Pato o inviolavel direito da propriedade; o arrojo temerario de escrever hum Poema depois de Camões ter escrito, sem que ninguem até agora haja arguido Antonio de Sousa de Macedo de haver composto — O *Olisipo*, — depois de Gabriel Pereira de Castro haver composto — a *Ulysséa*. — Se a qualidade de Poeta dá a Camões a propriedade exclusiva do assumpto do Descobrimento da India, a alma de Gabriel Pereira de Castro he sem contradição mais sustentadamente Poeta, que a de Camões, e não lhe deo isto nenhum direito exclusivo de tratar a fundação de Lisboa. Disto nada sabia o Hippolyto, se Pato não lhe transmittisse com a queixa manifesta que vemos a idéa da temeridade. He cousa bem notavel que estes Senhores de cá, e aquelles Senhores de lá ajustão entre si os termos, e as frases de que se hão de servir a meu respeito. Segundo o Hippolyto, a paga que se me dá de escrever contra a Pedreiral caterva, he prohibir o Pato que me responda. Isto seria para mim não hum premio, mas o maior castigo que se me podia dar. Tomára eu que em premio de todos os meus trabalhos se obrigasse o Pato a escrever. To-

mára eu que se abrissem os nossos Theatros *Moraes*, que houvessem Luminarias no Rocio, que fosse panno acima, e que viessem Quadras abaixo, a ver se Pato escrevia Elogios para a primeira *Bufa Caricata*; então he que eu estou n'hum sino, pois me vejo obrigado por falta de metralha a ir levando o Livro Parallelo aos retalhinhos, para me chegar aos dois annos; mas em qualquer bocadinho, por minimo que seja, se descobre Pato inteiro. Ahi vai pag. 153 do Parallelo. —

„ Remate da Oit. 27.

„ Hirei vencer porque he de Deos, e he vosso,
„ Vós o mandais, e Deos o quer, e eu posso.

„ Quixotada que certamente o Gama não proferiria, e que
„ o mesmo Reverendo Epico lhe faz proferir, ao tempo
„ de receber o Estandarte das mãos do Rei. „

Ora digao-me quantos Patos, e quantos Hippolytos ha: he Quixote hum Navegador tal como Vasco da Gama, que diz que póde tentar o Descobrimento da India, *vencendo* os obstaculos, porque conhece que he vontade de Deos, e determinação do seu Rei! Disse o que devia dizer, como Christão, e como vassallo; como Christão, firmando o seu natural poder, e esforço na vontade, e na graça de Deos; como vassallo, reconhecendo-se animado de esforço, e poder pela pública determinação do seu Rei; porque os Portuguezes em vendo que são mandados pelo seu Rei, são mais que homens, são Heroes:

" Só por verem que são de vós mandados, „

como me parece que diz Camões. Ora metter o Heroe no seu devido, e proprio caracter, he Quixotada para o Pato, e he motivo da sua critica, he notar os *disparates do louco*, como diz o Hippolyto: e não querião que eu respondesse; responderei, e direi sempre, que se não são disparates o que o Pato diz no Parallelo, como tenho mostrado, e mostrarei, então

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do décimo segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.º 13.º

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense de Setembro de 1816.

HUm dos emplastros emolientes, ou dos opios adormecedores com que nos pertendem fascinar, embair, e deslumbrar o Hippolyto, e companhia, he o da Framaçonaria Ingleza; querem cobrir-se com esta capa, para nos fazerem crêr, que quantos Pedreiros-Livres ha espalhados pelo mundo, cuja cabeça quer ser o Hippolyto, são como os antigos Pedreiros-Livres Inglezes, cujas lojas são authorisadas pelo Governo, e onde entrárão em qualidade de Gráos-Mestres os mesmos Monarcas Jacob I., e Carlos I. — Mas este Hippolyto ainda que préga aos peixes, e para me explicar em frase digna delle, assenta que se comem por cá Araras, e se engolem pirolas do diametro

da terra. Não he assim. Eu não fallei nos mysterios sebasticos sem me ter enfrascado primeiro naquella *profunda*, *e vastissima sciencia*, ouvindo oraculos da boca daquelle Doutor Theologo sobre o *A* pernas acima, que me fizerão vêr a luz; então escrevi, porque escrever sem pleno conhecimento da materia he huma parvoice. He verdade que quando o Doutor Theologo me via tão docil, e com tanto ar de compunção pendente da sua boca, cuidava que eu era tão asno como elle (Deos lhe perdoe!); mas era hum velhaco, que lhe arrancava, como hum Padre da Companhia, os mais intimos segredos do seu coração, para depois os tirar, como fiz, ao olho do Sol. Assim, para penetrar os segredos Pedreiraes, estudei, e observei até á raiz, (cá de fóra, já se sabe!) todo o sublime systema Maçonico, e devendo descozer o fiado, ou mostrar os fios á têa, e o fundo á canastra, houve mister subir até ás fontes da Maçonaria Ingleza, para tirarmos toda dúvida, e removermos todo o equivoco, que nos fizesse crer, que os do Continente erão os mesmos que os primitivos das Ilhas Britanicas. Quando os Pedreiros Inglezes, em que entravão Lordes, e filhos de Lordes, sahião de Londres a galopar o Continente todo, e entravão nas lojas Maçonicas ficavão pasmados de vêr o que lá hia tão differente do que elles praticavão entre barris de cerveja, sem tratarem de Politica, nem com as suas barrigas pois as enchião de indigestões com aquelle *Rosbif* que ainda leva sangue como Deos o creou. Esta differença de Mações a Mações, para fallarmos sério, notárão, e explicárão bem *Preston* nas *Illustrações sobre a Framaçonaria*, e *Hutchinson no Espirito da Framaçonaria*, duas obras publicadas em 1776, e 1780, de que o Mestre Hippolyto terá mui boa noticia, pois vive lá com elles. No Volume V. dos *Archivos Litterarios*, a pag. 94, ha huma mui douta Dissertação sobre a origem da Maçonaria Ingleza, e como eu intentei dar cabo por huma vez do Impostor Hippolyto, não ha Alfarrabio velho, e novo sobre esta *dignissima*, e *respeitavel* materia, que eu não tenha revolvido para lhe tirar o pretextinho de defensa; quando se embuça na capa de Pedreiro Inglez, cuja origem he esta em resumo, pag. 97 do mesmo bolorento Alfarrabio dos *Archivos*; —

„ Começárão, diz o Author, os Inglezes a viajar no
„ Continente, corrêrão a Italia, e admirados das obras, e

„ monumentos da Architectura Grega, e Romana que alli
„ vião, comparados com os monumentos Gothicos que tinhão
„ em seu Paiz, levárão comsigo da Italia *Pedreiros*, *Can-*
„ *teiros*, *Carpinteiros*, *Architectos*, e artifices de todo o
„ genero. Como ignoravão as leis, e a lingua do Paiz,
„ deo-se-lhes o privilegio de formarem huma Constituição, e
„ Estatutos que regulassem seus costumes particulares, de-
„ rão-se-lhes regalias, e isenções (*franchises*), deo-se-lhe a
„ faculdade de elegerem hum primeiro Mestre, (Grão-Mes-
„ tre) e Inspectores, e Fiscaes para governarem suas assem-
„ bléas, e conferencias que se chamárão *Lojas*. Estes Fis-
„ caes tinhão seu estipendio pago pelos Aprendizes que en-
„ travão. A Rainha Isabel quiz logo dar cabo delles, quan-
„ do se lhe fallou em associações particulares, mas dizen-
„ do-lhe que se tratava de pedra, e cal, e não de Politica,
„ e Religião, deixou-os. Jacob, ou Jacques I. foi seu Pro-
„ tector, e o célebre Inigo Jones, que tinha aprendido em
„ Italia o Dezenho, e Architectura, foi Vigario do Rei,
„ e depois Grão-Mestre. Até á morte de Carlos I. não se
„ alterou a Sociedade Maçonica; mas depois começárão a
„ apparecer os tres gráos Aprendiz, Companheiro, e Mes-
„ tre. Começárão a apparecer os Emblemas do Compasso,
„ de Esquadria, do fio com chumbo (o prumo), a regoa,
„ a trôlha, o martelo, o triangulo, o quadrado, o Sol, a
„ Lua, e as Estrellas. A Maçonaria pois em sua origem
„ era perfeitamente innocente, não tinha outro fim mais
„ que aperfeiçoar nas Ilhas Britanicas a Architectura, e as
„ Artes de que ella se compõe. Assim se vê ainda pelos
„ Estatutos de 1723. — N. B. — Mas transplantada ao Con-
„ tinente *debaixo de nova fórma*, teve graves alterações,
„ e não se conheceo mais a sua origem. As suas allegorias,
„ e emblemas, forão susceptiveis de novas explicações, e
„ applicações. „

Eis-aqui a capa com que o Hippolyto se cobre, pertendendo embutir-nos que tudo he hum, e que os meninos da conspiração Anti-Monarchica, e Anti-Christã, sentem o mesmo, e querem o mesmo que a sociedade dos pobres Alvanéis, e Architectos de Inglaterra, formados em corporação, e buscando para seus Protectores os mesmos Principes, como inda hoje buscão, assim como a Sociedade dos Alfaiates de Londres, que recebêrão em seu gremio ha dois, ou tres annos

Lord Wellington, que tão boas casacas talhou aos Francezes. Ora os Pedreiros-Livres de Inglaterra (em geral) são tão Pedreiros-Livres do Continente, como Lord Wellington he Alfaiate, e o Hippolyto a querer metter os dedos pelos olhos á gente, assentando que não ha quem faça distincção de Pedreiros, e Pedreirada. O Hippolyto anda tão azoinado depois que lhe saltárão no galinheiro; e depois que cançou a paciencia de aturar o Hippolyto, que não sabe o que diz, e nada mais faz que dar corda para se enforcar. Eu lhe farei hoje esta vontade, e com mui boa vontade; venha a corda, e seja o mesmo Hippolyto quem a vá torcendo, e preparando o lacinho corredio, no que escreve a pag. 396 do Folhetinho de Setembro de 1816.

„ Nesta Gazeta se procurão as occasiões todas de fallar contra os Pedreiros-Livres, ainda sem que isso venha a proposito, nem que se proponha algum artigo a este respeito. Por exemplo. Annunciou o Gazeteiro, que tinhão fugido de Malta dois Generaes Francezes, que alli se achavão retidos; e daqui sahio com a precaria conjectura, que naturalmente se tinhão escapado por auxilio dos Pedreiros-Livres; e atira o Governo de Lisboa com esta conjectura ao mundo em sua Gazeta Official, sem se lembrar, ou talvez sem saber, que o Governador de Malta he Framação, e que o seu Magistrado Assessor não só he Framação, mas Grão-Mestre-Provincial das Lojas nas Ilhas Jonias, como consta dos Almanaques impressos, e que por isso só quem he ignorante porque o quer ser, póde deixar de saber, e verificar estes factos. „ —

Venhão cá, Hippolytinhos do Téjo, Douro, Mondego, e Guadiana, digão-me, virão já hum destempero como este? Lembremo-nos do que diz a Gazeta, e do que diz o Hippolyto. A Gazeta conta o facto da evasão de dois Generaes Francezes, que estavão retidos na Ilha de Malta, debaixo de sua palavra de *honra*; condição esta em hum Francez de Bonaparte, que equivale ao mesmo que dizer-lhe; ponhão-se a andar o mais depressa que poderem. Ora vêr sahir fugitivos de huma Ilha dois homens vigiados, e criminosos, ser preciso para isto que tivessem embarcação, e que o Capitão da embarcação estivesse pelos autos, ser preciso dinheiro para isto,

e não pouco, que de certo não terião os dois respeitaveis Aventureiros, deo lugar a huma bem natural conjectura ao Redactor da Gazeta de Lisboa, que esta evasão vistas as circunstancias que a acompanhavão fôra manobra dos Pinetes Pedreiros-Livres, porque esta he a chave que abre a porta a muitos mysterios insondaveis na ordem dos acontecimentos humanos. Porque não chegou a tempo o Melas, General da Cavallaria Austriaca? Porque entregou Mack a fortaleza de Ulm? Porque escapou Bonaparte das mãos do Tenente Alemão, que o tinha aprisionado na passagem do Monte de S. Bernardo? Foi pois mui natural a conjectura do Redactor, e V.m., Sr. Hippolyto, com a sua mesma experiencia podia reduzir a conjectura á classe, e á cathegoria da verdade, e da realidade. Por obra de quem (se podia V. m. perguntar a si mesmo) me escapei eu... supponhamos que da Ilha de Malta... donde V. m. sabe, e nós tambem? Pois por essas artes, e por essas mãos se escapárão os dois Generaes, o Lavalete, e companhia; e outros mais se escaparão, porque a Forca tem sua tentação, tem sua queda com Vv. mm. Foi pois no Redactor mera conjectura o motivo, o meio, e o instrumento da fugida dos dois Francezes da Ilha de Malta. Que faz V. m., como he muito amigo de illustrar este Reino, e espancar as sombras da nossa deploravel ignorancia, não quiz que ficassemos fluctuando em méras conjecturas, quiz livrar-nos de toda a dúvida, declarando-nos com effeito que o Governador da Ilha de Malta, e o Jurisconsultinho seu Assessor erão com effeito dois chapados Pedreiros-Livres, e hum delles, o Letradinho, não menos que Grão-Mestre-Provincial das Lojas das Ilhas Jonias. Que consolação para a Mãi deste homem de Leis, vêr seu filho levantado a tamanha altura, e revestido de tanta dignidade! Para nós o que era conjectura, he agora verdade. O Letradinho como Assessor deo o parecer, e o conselho, o Governador como depositario do poder, executou a acção, e ambos os Generaes, conforme nos declara, e affirma o Hippolyto se evadírão por obra dos Pedreiros-Livres, porque tanto o Governador da Ilha de Malta, como o seu Assessor ambos elles são Pedreiros-Livres. Ora V. m. ainda que he muito, não he tão lerdo que não saiba que isto era hum testemunho *contraproducentem*. Nós cuidavamos o que era, e V. m. diz o que foi. Como ha contradição não se póde explicar o Hippolyto, senão pelo mesmo Hippolyto. He preciso ouvi-lo. A sua mania dominante he

atacar o Governo, que nenhum mal lhe fez, e como o ataca por todos os lados, assentou no mez de Setembro, que he o das vindimas, atacar o Governo por hum caminho novo, e não lembrado nem pelos Hippolytos de cá: A ignorancia: esta ignorancia não se refere nem á administração economica, nem á direcção da Justiça, nem ao expediente de varios, e complicados negocios que o mesmo Governo resolve; porque desde a fundação da Monarquia até agora nunca o Reino de Portugal se vio em tantos apuros, e em lances mais apertados que os de que gloriosamente o tem tirado o Governo combatendo, e destruindo obstaculos de tão diversa natureza como são a oppressora força externa, e as suas contraminas de V. m., e de seus honradissimos associados, que, para não deixarmos o escarneo que Vv.mm. merecem, são bem representados no Gato do Palitometrico,

Pasmavit Gatus, miansque ficavit olhando;

porque Vv. mm. ficárão de boca aberta, quando no mesmo Portugal lhe sahio o gado tão mosqueiro, ainda que alguma esperançasinha conservárão até ao dia da Batalha de Waterlôo, dia que será para Vv. mm. de jejum, e luto eternamente, e a quem darão mais prantos, do que Vv. mm. dão á Sexta feira de Paixão, em que Vv. mm. dizem, que *se apagara a luz*... adiante. Esta ignorancia refere-se a não saber o Governo que o Governador de Malta, e o seu Assessor são Pedreiros-Livres: — „ E atira o Governo de Lisboa com esta „ conjectura ao mundo sem se lembrar, ou talvez sem saber „ que o Governador de Malta he Framação.... só quem he „ ignorante, porque o quer ser, póde deixar de saber, e ve„ rificar estes factos. = „ Parece que o que se deve colligir daqui he, que se os Senhores Governadores do Reino não estivessem na *culpavel ignorancia*, de que o Governador de Malta he Pedreiro-Livre, não atirarião (ou o Redactor) com *aquella conjectura ao mundo*. Se o soubessem, então não o dizião, porque em casa de ladrão não se falla em corda; tal respeito lhe incutiria, ou inspiraria o Pedreiro-Livre Governador de Malta, e o Letradinho Assessor Grão-Mestre das Lojas Jonias, que não abririão bico, nem *atirarião* com aquella conjectura ao mundo. E haverá ainda quem possa aturar semelhante Hippolyto como este! *O Governo de Lisboa he hum ignorante.* Então porque, Sr. Hippolyto? Porque o Governo de Lisboa não lê os Almanaques dos Pedreiros-Livres; porque se os lês-

se saberia que o Governador de Malta, e o seu Assessor são Pedreiros-Livres, e não se arriscaria a dizer que os dois Generaes Francezes se evadirão da Ilha por intervenção, ou concorrencia dos Pedreiros-Livres. He onde póde chegar a inopia do raciocinio Hippolytano, ou o desconcerto do cérebro de hum homem desaçaimado, e com a liberdade de imprimir em sua casa quanto lhe dicta o rancor concebido contra hum Governo que he as delicias, e a segurança da Patria, e que deo a conhecer a firmeza, e segurança do seu caracter na medida vigorosa que tomou na *remoção* de alguns sugeitos. Continúa o mesmo Hippolyto, querendo insinuar-nos a razão porque a Gazeta devia emmudecer sobre os conjecturados motivos da evasão dos Francezes, e eu confesso que nunca dos miolos do Hippolyto se evadio cousa que mais o désse a conhecer do que esta — Ouçamos: — ,, Estes dois sugeitos pois ,, gozando da mais pura reputação em sua Nação, e para com ,, o seu Governo, são assim envolvidos na accusação da Gaze- ,, ta Official de Lisboa.,, Ora isto he *Hippolytar* de mais! Concedamos que estes dois homens são respeitaveis, e são considerados em sua Nação; he possivel que este respeito, e esta consideração lhe provenha em Inglaterra da accidental qualidade, ou accessorio defeito de serem Pedreiros-Livres? Escolhe-se hum Governador militar, e hum Assessor homem Letrado, porque são Pedreiros-Livres; não porque hum tenha valor, honra, e prudencia, outro porque tenha luzes, e instrucção bastante para revolver os negocios occurrentes! Isto he ou judiar, ou querer de todo moer a paciencia ao genero humano. Que argumentar este! Se elles gozão de consideração por serem Pedreiros-Livres, nenhuma injúria se lhes faz em lho chamar, e se se não deve dizer que elles como Pedreiros-Livres deixarão escapar os Francezes, então sendo esta acção má, e proveniente da qualidade de Pedreiros-Livres, não podem por isto gozar de consideração na sua Nação, pois obrão mal dando fugida a prezos, como Pedreiros-Livres.

Em tudo Hippolyto: ouçamos: — ,, assim envolvidos ,, na accusação da Gazeta Official de Lisboa. ,, A Gazeta falla em geral, e indeterminadamente, não nomeia ninguem, não aponta nem Governador, nem Assessor, diz simplesmente — Pedreiros-Livres. Logo o Hippolyto he hum impostor, hum mentiroso em dizer que a Gazeta de Lisboa en-

volve na accusação aquelles individuos, e isto acabando de dizer que o mesmo Governo, de quem elle affirma que he a Gazeta, he tão ignorante que não sabe pela Leitura dos Almanaques Pedreiraes (importante, e necessario estudo) que o Governador, e Assessor de Malta são Pedreiros-Livres. Creio que não haverá Hippolytinho de cá, que não diga lendo estas miserias: — Ora na verdade o nosso Hippolyto só a páo!! — Eu hei de pulverisar este Hippolyto para desaffrontar o Governo, e a Nação das aleivosias, e insultos que nos tem dito, e feito. Venha cá, Sr. Jornalista-Mór. Quando V. m. se evadio, e escamugio do carcere em que lhe fazião o cabello castanho, evadio-se por obra do Governo, ou por obra dos seus irmãos? Ninguem poderá dizer, nem o maior Hippolyto que haja, que o Governo interviera na sua fugida, dirá que interveio a irmandade em pezo com a sua caixa militar, e dobrados annuaes da confraternidade. Pois diga-me agora, por fugirem dois Francezes de Malta, e dizer a Gazeta que fugírão por obra dos Pedreiros-Livres, segue-se que fugírão por convivencia, ou consentimento do Governador, e Assessor, que V. m. nos descobre agora Pedreiros-Livres? Pois só estes dois Pedreiros-Livres havia em Malta, dizendo V. m. que até pelas Ilhas Jonias ha Lojas de Pedreiros a farto? Olhe, certamente creio que aquelle duro Cockburn da Ilha de Santa Helena não he Pedreiro-Livre; não lho deixa fugir! Aquella Ilha para Vv. mm. he a Ilha encoberta. Assentemos, Sr. Hippolyto, que V. m. não sabe o que diz. Tem papagueado muito, mas eu o farei calar. E já que o destino quer que eu esteja Ornithologico, sempre com aves, deixando o Papagaio da margem esquerda do Rio da Prata, vou-me ao Pato de Riba-Téjo.

ARTIGO II.

CRITICA.

QUando leio as puerilidades deste Pato annoso, e duro, a lastima de seus raciocinios, a futilidade de seus reparos, a mancha que lançou sobre o tapiz da Litteratura Portugueza nos seus quarenta Elogios, e hum Parallelo; tenho motivo de bemdizer a Providencia, que para reparar estes damnos feitos pela insipiencia, e vadiismo dá a Portugal genios raros, e assombrosos, não só em Varões consumadissimos em Letras, e entregues ás Musas, como vemos em respeitaveis Togados, e em alguns ornamentos do Clero superior, mas até em hum menino na tenra idade de dezeseis annos, privado da luz do dia desde a primeira infancia, victima innocente de crueis molestias, como he o Sr. Antonio Filiciano de Castilho, cuja vida o Ceo conserve para Brazão das Musas Portuguezas. — Hoje 1 de Novembro de 1816 tive hum dos maiores prazeres da minha vida, que me fez diminuir a admiração por João Pico de la Mirandola, Torcato Tasso, e Pascal, na mesma idade, vendo, lendo, e tornando a lêr o Epicedio que compoz, e publica á morte da Rainha Fidelissima D. Maria I. — Vinde, Patos, vinde, Ganços, vinde, Galeirões de todas as lodosas Lagoas do Pindo aprender alli a fazer versos, e a envergonhar-vos dos que tendes feito, e fareis por peccados nossos. E tu, Censor Parallelista de Poemas Epicos, lê aquelle Epicedio, e verás, verás, verás o que he, e para que deva servir a tua Apotheóse, que até no titulo erraste, pois queria dizer entre os supersticiosos Romanos a *Divinisação* de seus Imperadores, quando desta vida passavão, e verás isto n'hum instante, e não *dentro em cinco Luas* como tu dizes. Vou-me a ti, e ainda te apanho a pag. 153 do Parallelo, e pag. 154. — Diz Pato. —

,, Feitas as disposições do embarque á sahida do Tem-
,, plo na Oit. 28. = ,, Antigo Sacerdote a voz levan-
,, ta ,, = e depois de o representar na Oit. 29 por
,, maneira que parece hum Quaker, ou hum *energu-*
,, *meno*, (vejão se Hippolyto, e Pato estão falla-
,, dos?) ou a Sybilla.... ,, basta.

Isto tem larga resposta, e eu se fizesse Parallelos podia aqui fazer muito bem o Parallelo de Hippolyto com Pato, de Pato com Hippolyto, mas pois elle dá ao Sacerdote que eu supponho, pela Ordem, pelo Caracter Sacerdotal, pelo ministerio, pelo lugar, e pelo motivo, divinamente inspirado, para se vêr a improbidade de Pato nos impios epithetos de Quaker, e de *Energumeno*, eu traslado a inteira Oitava 29, para que o público veja se descobre as feições de Pato.

Oriente, Cant. 2. Oit. 29.

Fulgurou-lhe na frente ethereo lume;
Parece que dos lábios lhe rompia,
Sonora, insinuante a voz d'hum Nume,
Que o coração pressago lhe accendia:
Dos Ceos olhando ao luminoso cume,
Ora o rosto se abraza, ora se esfria;
Treme-lhe a frente encanecida, e nuta,
E com seus mesmos pensamentos luta.

Na intelligencia de Pato, ou Pata intelligencia, he esta a figura de hum endemoninhado (energumeno.) Hum Sacerdote inspirado por Deos para pronosticar o estabelecimento do Christianismo na Asia, he como entende Pato, hum

furioso agitado pelo diabo, que isso quer dizer *energumeno*. A estas poucas vergonhas se expõe quem escreve, estuda, e se applica! Disse bem, quem me disse que a taes criticas, facadas. Mas não he pequena a de eu teimar a dizer que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do décimo terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Sahio ultimamente á luz huma Obra do mesmo Author o R. P. José Agostinho de Macedo, intitulada: Demonstração da Existencia de Deos contra o Systema do Atheismo. Vende-se por 240 réis nas lojas de João Henriques Rua Augusta N. 1., Carvalho ao Chiado, Antonio Pedro Rua do Ouro, junto á Casa de Gazeta, Alexandre Monteiro de Pina Rua larga de S Roque, Guerra a S. Pedro de Alcantara, Leal em Alcantara, e na da Viuva Nascimento na Rua dos Algebebes.

E em todas as Lojas acima ditas se achão de venda os vinte e seis Números do primeiro Semestre do Espectador Portuguez por 960 réis. E subscreve-se para o segundo Semestre por 800 réis nas Lojas de João Henriques Rua Augusta N. 1., Carvalho ao Chiado, e na Casa da Gazeta Rua do Ouro. Vendem-se separados os Núm. tanto do primeiro como do segundo Semestre a 40 réis a folha.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 14.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense de Setembro de 1816.

O Hippolyto prégador de Moral Evangelica he a cousa mais nova, e mais galante, que temos agora no mundo, e no seu genero diverte tanto, occupa tanto a conversação dos homens, como as bandeirinhas com as tres Abelhas, que Bonaparte fazia na Ilha d'Elba para se divertir. Aquelle mesmo Hippolyto que a torto, e a direito atassalhava o genero humano, mettia Portugal no abysmo, reprovava a eito, e a esmo quanto o Governo fazia, nomeava individuos conhecidos, e que elle queria fazer conhecer mais pelas baldas que lhes assacava, e pelas alcunhas que lhes punha; he aquelle mesmo Hippolyto que me arruma hum alentado Sermão, que ainda se não acabou, sobre o amor que devemos ter aos nossos inimigos. São notaveis as compungentes expressões do texto do eloquentissimo Sermão, he preciso transcrevellas: = ,, A Lei de J. C. não só manda ter amor ao proximo, mas até mesmo nos obriga pela pureza da sua moral a querer bem aos nossos inimigos: = ,, Os Pedreiros-Livres, em vendo que lhe vão ao fato, e que lhe póe a calva á mostra, já lhe faz conta a Lei de J. C.; quando elles baralhão a humana sociedade, quando arruinão todas as instituições, quando fomentão huma revolução, quando pertendem desligar os povos da obediencia, e sujeição devida aos Soberanos, quando atacão immediatamente o Governo, quando mofão, e escarnecem da Revelação, quando para infamar, e divi-

dir levantão atrocissimos testemunhos falsos, quando mettem a bulha todas as Leis Civis, quando comem, e se embebedão desencadernadamente á custa dos pexotes que largão os 25$600 para verem a luz, ou para ficarem ás escuras com a cabeça à tombos pelos ares; quando em tratos de polé lhe experimentão a constancia, fidelidade, e segredo, quando o irmão *vigiante* vai dizer dentro á Loja, — *chove* —, que quer dizer: — ahi vem a formidavel Policia, que nos leva em gargalheira daqui para as galés; quando o irmão terrivel (posto que quiz o Poeta Magrisso, quando era vivo, por ser dotado pela natureza da cara mais feia, e melancolica que o mundo vio), quando o irmão terrivel levanta o chanfalho sobre a cabeça do Candidato, para vêr se he capaz de resistir até ao cordel do Quadrilheiro; quando o Veneravel sentado na tripeça com o avental, e a mitra examina de Cathecismo o irmão aprendiz, perguntando-lhe — Donde vindes? De Nazareth. Para onde hides? Para Jerusalem? Quem encontrastes no caminho? O Anjo Gabriel. *Mac Benac*, &c., e outras momices destas; então não lhe serve a Lei de J. C.; então não amão estes pobres profanos filhos da ignorancia, e do fanatismo, homens preoccupados, e cégos, atascados em o lodo das superstições. Se o *redutavel* Barruel basculha os Archivos, ajunta os factos, produz os documentos, transcreve os testemunhos, confronta textos, revela mysterios, então não ha Lei de J. C., guerra a Barruel, he hum mercenario, hum assalariado, hum Hypocrita Realista. Se eu, segundo elles dizem, traduzo litteralmente Barruel, sou hum cão de fila. Então diz o Hippolyto no Sermão: = „ A avareza, e a má fé, constituem o vosso caracter. = „ Então o facinoroso desejo de vêr sacrificados milhares de *innocentes*, são effeitos terriveis, e abominaveis de huma alma negra, e atroz. Onde está, Sr. Hippolyto, a Religião de J. C.? Se eu traduzo Barruel, falto ao preceito da caridade; se V. m. me descompõe a mim, e diz de mim o que Mafoma não disse do toucinho, preenche V. m. todos os austeros dictames da Moral Evangelica! Ora, Sr. Hippolyto, não quera hum Deos para si, e hum diabo para os mais. „ *A avareza, e a má fé constituem o vosso caracter.* „ Vejamos em quem se cumpre este Oraculo, e em quem quadra esta sua estalada proposição. Eu do que escrevo, e se imprime não vejo real, digão todos os Livreiros de Lisboa se já vendêrão por minha conta hum Livro impresso? Eu não fallo na charneca de Monteargil, fallo a quem me ouve, e a quem le todos os sabbados este papel. Já algum Livrei-

ro, ou Loja de Livros, e venda de Livros me deo algum vintem? Já lá fui fazer contas com algum delles? Onde está a avareza? Sou eu, ou he V. m. quem se offerece por dinheiro a calar, e a fallar? Sou eu, ou he V. m. quem tem feito hum fundo lucrativo em escrever de má fé, pois he impossivel que não escreva, e que não obre contra a sua consciencia, ainda que ella seja mais larga que a da Estalagem dos Cachimbos, ou de alguma casa de pasto do Caes de Belém? Sobre a sua conducta moral eu não desejo fallar, Sr. Hippolyto, ainda que com muita razão eu poderia usar do direito de represálias, correspondendo aos grandes favores que V. m. me faz nesta repartição. Basta para o desmascarar, basta para lhe recompensar, e agradecer os insultos que V. m. tem feito á Nação em geral; e ao seu Governo em particular, que eu o confunda á face daquelles mesmos de quem tem sido o Idolo, porque he maledico, calumniador, e revolucionario, e que o confunda com o que V. m. diz. Nada ha tão fecundo como o seu Sermão, e a segunda parte com que nos regala neste Folhetinho de Setembro he huma mina mais rica em destemperos, que a do Potozi em prata. V. m. ainda não citou huma só palavra minha para me arguir, as suas invectivas são vagas, os seus ditos livres, as suas assersões falsas, eu não hei de pagar-lhe na mesma moeda: como o meu intento he offerecello á irrisão pública, e obrigar seus Confrades a dizerem: = Ora o nosso Hippolyto não devia mandar para cá semelhante cousa! — Eu transcreverei sempre as suas palavras. Ouça-se a pag. 325 do Folhetinho.

„ São os homens Sábios que tem fallado da Sociedade
„ (dos Pedreiros-Livres) com os maiores elogios; e
„ pessoas de grande authoridade, representação, e ca-
„ racter que alli tem sido admittidas, cujos votos de-
„ vem preponderar ás calumnias, com que infamais hu-
„ ma Sociedade, e Instituição tão bella, e tão util. —

Com effeito he precisa toda a impudencia que a tal *Instituição* estampa, e embute na cara a hum Pedreiro-Livre, para *atirar* com esta impressa ao meio do mundo, e isto no mez de Setembro de 1816, em que desde a Neva até ao Tibre se proscreve, se anathematisa, se espalha, se castiga, e se cobre de ridiculo a tal Instituição *pia* dos irmãos Pedreiros. *He bella, e util*; pois se tem estas duas qualidades Horacianas: *Qui miscuit utile dulci*; porque vigia a Policia de todos os povos agora regenerados sobre Vv. mm. sem os deixar? Porque razão se tem Vv. mm tanto dado a conhecer, e a temer com a tal *sua belleza, e utilidade*,

que os Soberanos actuaes ensinados pela sua dolorosa experiencia proscrevem de seus estados qualquer associação seja qual for a denominação que ella tome ? Porque razão o Imperador d'Austria nos seus novos Dominios Venezianos pôz fóra a páo a *Sociedade da Virtude*, com cuja capa Vv. mm. se querião cobrir a vêr se escapavão ; mas não pegou a labia, porque os Burros que Vv. mm. tem dado ao dizimo são taes, que em apparecendo Sociedade, seja qual for a sua alcunha, huma vez que seja occulta, (de tal maneira se detestão os *bellos*, *e uteis* Pedreiros-Livres!), logo a fazem tomar as de Villa Diogo, e pôr os pés em polvorosa sem remissão.

Podérão Vv. mm. embair, e allucinar essas grandes Personagens que entrárão na *bella*, *e util Instituição* ; mas apenas conhecêrão os fins da Instituição, despedirão-se em Latim ; ainda que Vv. mm. são meninos, nunca deixárão passar dos primeiros gráos de aprendizes, e companheiros essas grandes Personagens, excepto o Duque d'Orleans revolucionario por vingança, e Demócrata por necessidade: *Monstrum nulla virtute redemptum* ; este grande, que depois a Guilhotina igualou aos outros, era hum complexo de todos os vicios, que queria a ruina do Throno, e da Religião por todos os principios. O homem grande, o poderoso, o nobre que entrava na *bella*, *e util Instituição* se passasse dos primeiros gráos, e visse que se tratava de abolir as distincções moraes, os privilegios, e que se declarava guerra a todos os Pergaminhos do mundo, que se procuravão *igualizar*, confundir todas as Classes, todas as Jerarquias, e para me explicar ainda melhor, que se tratava da rapina universal, como Vv. mm. tanto derão a conhecer depois, não os aturava ; por isso Vv. mm., para authorisarem a *sucia*, conservavão Personagens ; mas nunca as deixavão subir, e chegar áquelles gráos em que se vê a luz. He verdade que Frederico II. Rei de Prussia entrou na Sociedade Pedreiral ; mas não confundamos ; não cuidem Vv. mm. que por não sermos Pedreiros, somos Ottentotes, ou Caraibas. Frederico II. vivia na Sociedade, ou corja dos Filosofantes, (excepto sempre o Conde Algarori, Veneziano) vivia com la Metrie, d'Argens, Voltaire, Helvecio, e cambada, e nunca lhe fizerão vêr a *bella*, *e util Instituição* senão pelo lado da irreligião, e sobre isto se davão grandes risadas, e se despejavão grandes botelhas na sala de marmore. Até aqui hia o Guerreiro Filosofo muito bem ; mas tanto que percebeo que na *bella*, *e util* Instituição se tratava de vir abaixo o Throno, como fizerão depois em

França, e se lisongeavão de fazer onde mais bem parados, e seguros estivessem os Thronos, pôz fóra a cambada toda, mandou fechar as lojas. Vv. mm. sabem muito bem o authentico, e judicial recibo que o Grande Homem, Voltaire, passou das cincoenta arrochadas que tinha mamado em Francfort, dadas por conta, e risco do mesmo Frederico. Se entrárão Pessoas de consideração na Instituição *utilissima*, não erão para irmãos Kadosques, erão para barreiras logradas, de que Vv. mm. se querião servir para se defenderem, ou das imputações do povo, ou das pesquizas da Policia. Admira-me huma cousa, Sr. Hippolyto, e vem a ser, que sendo a Instituição tão *bella*, *e util*, viva tão longe do conhecimento do público, tendo Vv. mm. a dureza de o privarem do gozo, ou fruição do que he bello, e do que he util; se Vv. mm. assentão o edificio Pedreiral sobre as bases da meiga Filantropia, isto he, sobre os alicerces do amor, e caridade do proximo, a quem desejão arrancar do jugo da ignorancia, para que fazem seus Congressos nocturnos em casarões escusos; para que são as espadas dos irmãos terriveis, e a vigia continua em que passão a noite como alcatéa de ladrões? Nunca vi esconder tão zelosamente o que he bello, nem negar com tanta pertinacia o que he util á humanidade!! Quer V. m. que digamos, que todos os Soberanos actuaes, seus Conselheiros, seus Ministros, seus Tribunaes, estão cégos sobre seus verdadeiros interesses, e prosperidades, e que cuidando no restabelecimento da Ordem, da Litteratura, das Artes, do Commercio, e em tirar do abysmo, em que Vv. mm. as tinhão lançado, todas as instituições sociaes, proscrevão a Pedreirada com tanto afinco, sendo a Instituição *tão bella*, *e tão util*! oh! desgraçados povos sem os Pedreiros!

Vamos ao que ha de mais notavel no fim da segunda parte deste seu Sermão de Setembro, que tanto sabor traz das aguas de Setembro! He o testemunho, e authoridade do Barão de Bielfeld, nas suas Instituições Politicas, (tudo são Instituições!) Volve-se V. m., Sr. Orador dos Communs (do genero feminino), volve-se V. m. para mim, e para todos os que ouvem com esta violenta apostrofe!

„ Ouvi, e oução os que vos applaudem o célebre Ba-
„ rão de Bielfeld nas suas Instituições Politicas. = „ Es-
„ ta Ordem está espalhada por toda a terra, e subsiste
„ depois de *muitos seculos* (*mentira*) nos Paizes mais
„ polidos. *Ella não se tem jámais ingerido nos nego-*
„ *cios do Estado*, e tem feito sempre *todo o bem á*
„ *Religião*, *e aos Cidadãos*. „ (Isto será a Irmandade

da Misericordia?) „ Ha tantos Soberanos, Pessoas de
„ tão alta Jerarquia, tantos Magistrados, tantos Ec-
„ clesiasticos, que são membros desta Sociedade, que
„ o Estado nada póde temer destas assembléas, antes
„ sim muitos sugeitos, e principalmente muitos pobres
„ achão nella todo o soccorro, e allivio. = „

Ora o Barão de Bielfeld, que escreveo isto antes do anno de 1750., se escrevesse agora diria isto? Se elle tivesse visto a Revolução Franceza, se entrasse com *suas vistas politicas* no conhecimento das verdadeiras causas impulsivas da Revolução, se elle tivesse lido os escritos; se elle tivesse lido hum Boder, hum Nicolai, hum Hofmann, hum Zimmerman, seus Compatriotas Alemães, se elle tivesse visto hum escrito traduzido de Inglez em Francez, e nesta lingua com este titulo — *Le rideau levé*, — (o pano levantado, ou o véo rasgado) fallaria assim da Sociedade Pedreiral? Mas eu não sou homem de argumentos negativos, vamos ao formal, e ao positivo. O Barão de Bielfeld he hum Pedreiro-Livre; hum Pedreiro-Livre não ha de dizer mal da sua Seita, como V. m., Sr. Hippolyto, não o diz, porque he Pedreiro-Livre. Logo o Barão de Bielfeld devia escrever assim. Não temos senão que provar a maior do argumento, e a prova he huma Carta do mesmissimo Barão de Bielfeld, que anda entre as outras nos seus dois Volumes dellas, escrita a huma Senhora, que tambem queria ser Pedreira-Livre (e seria muito bem feito mandalla concertar a Cordoaria); o Baráosinho já desenganado do que era a Seita, pois já estava velho, despersuade a mulher, declara-lhe que fôra *Dupe* (logrado), e que se deixe de semelhantes pertenções; quero, e concedo que elle não falle de boa fé, porque metter mulheres na Maçonaria (sem ser a Egypcia do impostor, e ladrão Cagliostro, cujo nome era José Balsamo Siciliano, Medico Empirico) era dar com os bigodes na arêa, porque ellas punhão logo tudo em pratos limpos ás suas amigas, e amigos. Ora se o testemunho de hum Pedreiro-Livre vale a favor da Sociedade Pedreiral, faça favor de me dizer, quem ha de gabar a noiva? Demais disso, Sr. Hippolyto, não nos venha com este prato de chanfana; na época em que escreveo o Barão de Bielfeld, que nem em Politica he texto, (porque até a Grande Catharina II., a quem elle dedicou as Instituições se rio), ainda Vv. mm. não tinhão deitado as máosinhas de fóra, e mais moquencos que os Padres da Companhia hião tenteando a cousa passo a passo; porque Vv. mm. sempre tomárão diversas figuras para se lhes não fazer o que

se lhes faz agora, que he enxotallos do Globo; então se querião dar a conhecer por homens caritativos fazendo suas esmolas, (emquanto o Thesoureiro da Irmandade não abalava com a caixa militar, como aqui aconteceo, e nunca lhe as mãos doão!) outras vezes, para se não fazer caso de Vv. mm., Vv. mm. mesmo espalhavão que erão huma Sociedade de Odres, que nas assembléas Maçonicas não se tratava senão de comer, e beber, e do melhor, Champana, Massão, Constança, Moscatel, e Carcavelos, e se lhe ajuntassem o Bucellas, por isso lhe não havia eu de querer mal; mas ser isto á custa dos Noviços que entravão, isso não posso eu levar á paciencia! Vv. mm. o que querião era, conservarem-se até ao tremendo anno de 1789. Ora pois, Sr. Hippolyto, chegou-lhe o seu S. Martinho, tambem ha de ser depennado; embirrei agora em tirar do meio de Portugal este fantasma Hippolyto, e se olharem para elle ha de ser para se rirem. Acabemos com hum gracejo. Como eu acima lhe gabo o de Bocellas, talvez que V. m. me queira mandar alguma garrafa. Não tenha esse incommodo, que lho não bebo. Por lado nenhum o temo, e os temo. Escreva, e espere: V. m. ainda não fez senão chamar-me nomes levado talvez daquelle principio: — Chama-lho antes que to ella chame; — faça o que eu lhe faço, pegue em qualquer destes Núm., e com a sua londrina eloquencia tenha a bondade de o desfiar, e impugnar assim como eu lhe faço, e o faço ao Pato.

ARTIGO II.

CRITICA.

PReciso na verdade ser o *Nuno fero* de Luiz de Camões: este Nuno posto por Camões na praia de Santos, só com meia espada tirada da bainha, ameaçava os Castelhanos, a terra, o mar, o Ceo, o mundo, era peior que o Capaneo de Estacio; assim devo eu ser, não com a espada (pão he que eu queria) mas com a penna; he huma nuvem de Campiões que tenho pela prôa, e me foi preciso ter o *braço ás armas feito*, desde as escarapelas, e renhida pancadaria Sebastica, em que Pato tambem quiz ser Sebastianista, só porque eu escrevia; não foi mal desancado no *Inventario de Sandices* (impresso); desde então, guerra dos sete annos; estou em campo, e estarei, porque sou teimosinho, e arrancar-me do campo da honra, he tirar-me do meu elemento. (Campo da honra

chama-se ao lugar em que se dá, ou se leva muita pancada.) Mas eu nunca a declarei, sempre me declarárão esta guerra; e como elles não querem que se finde, menos quero eu que se acabe. Gasto dias, mezes, e annos em compôr alguma cousa que geito tenha, apparece não huma critica, mas hum destempero, hum insulto, hum vilipendio; quem se calaria á vista disto? Apparece hum Pato, tendo apparecido o *Oriente*, e talla com este orgulho no Prologo do seu Livro.

„ Tenho por bem triste mister o descrever censuran-
„ do obras alheias, e talvez alguns intelligentes me
„ não levem a bem o eu escrever em fórma analytica.

Basta; não he preciso mais. Vem cá, Pato; se conheces, e confessas que he triste mister o escrever censurando obras alheias. Pois quem obrigou a isto o triste Pato? Cuidou certamente fazer hum serviço á Litteratura, inflammou-o o zelo que o consome pelo bom gosto que elle tem sustentado nos seus Elogios de Theatro, especialmente no da *Cova do Fado*, e no *Nome*, que tanto nome lhe deo. Isto he comigo; a parvoice maior destas palavras do Pato dirigem-se *aos Sábios*, *aos intelligentes*, que lhe não hão de levar a bem o escrever em fórma analytica. Visto isso o escrever em fórma analytica he huma cousa muito mal feita que os Sábios, e intelligentes não hão de levar a bem. Tem razão, quando a fórma analytica, he analytica de Pato, e quando esta se escreve como elle escreve. Vejão o que póde o grito da consciencia até em hum Pato. Elle conheceo, que o que podia escrever era huma enfiada de insultos, começando logo no Prologo a chamar ao Oriente — *Miseravel Poema* —; e dar a isto o titulo de Exame Analytico, sendo verdadeiramente huma caçoada de Botequim de parras, era expôr-se, como confessa, á irrisão, e á nota *dos Sabios, e dos intelligentes*. Quem o mandou escrever? Ora sendo isto tanto para se conhecer o Pato, ainda he mais, e melhor aquillo em que eu ateimo, dizendo, e tornando a dizer que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do décimo quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.º 15.º

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

AInda que este ultimo Paquete chegado hoje nove de Novembro, entre as drogas de que nos faz favor, nos não trouxera o suspirado caderninho de Outubro, nem por isso esmorecemos, basta o que cá temos para nos matar a saudade do que não veio. Eu estava de penna molhada aguardando a preciosa remessa, frustrárão-se as minhas esperanças; porém quem tem a que se torne não he pobre, e ainda que nunca mais tornasse a cruzar a foz do Tejo o illuminado Correio Brasiliense, nem por isso eu deixaria de attender, e respeitar como merece o que até aqui nos tem vindo honrar, e instruir tanto. Toda a confraria Hippolytana, *longè lateque* espalhada, e estabelecida, deve saber que me peza

ter acordado tão tarde, porque se desde o infausto apparecimento deste *patriotico* papel eu me tivera resolvido a atalhar (o que me fosse possivel) a corrupção, ou contagião que elle tem espalhado, talvez que este derramado insultador público se tivesse contido nos limites do temor, e do respeito; tem vociferado impune, e dentro da officina de seu sogro o Impressor em *Pater Noster Row*, como vilão em casa de seu sogro, tem feito á sua vontade o papel de Catão Censorino, com a infelicidade que de nada tem aproveitado, e para nada tem servido as suas politicas advertencias, os seus judiciosos reparos, ou os ridiculos emplastros com que tem querido remediar os suppostos males que com audacia, e descaramento julga encontrar na administração, e governo deste Reino. Sr. Hippolyto, devo dizer-lhe, que ha annos, quando em maior cachão fervia a mania dos Periodicos, quando estes nos referião aquellas verdadeiras desgraças, de que os da sua confraternidade forão causas immediatas, e impulsivas, me lembrei de ventilar, e resolver depois, esta questão — *Que cousa he hum Periodico?* Depois de muitas locubrações, e trabalhos descobrio-se o que era, e para que servia. Outro tanto em recompensa dos seus insultos ao Governo, á Nação em geral, e aos individuos em particular, intento ir fazendo da pessoa de V. m., e do seu escrito, a quem já em Hespanha derão o merecido premio, fazendo-o queimar públicamente pela mão do verdugo. V. m. tem enchido com a fama, ou infamia do seu nome, o mundo velho, e o mundo novo. Em lhe cheirando a movimentos revolucionarios já lá está o Hippolyto. As Cortes, a constituição, e o *divino* Argueles, erão para V. m. hum pasto deliciosissimo. O Parocho que V. m. mostrava desejar neste mundo para o desobrigar da Quaresma, era o Cura Morellos, que a forca tem. V. m. tendo nascido na margem esquerda do Rio da Prata, era com a alma Cidadão da margem direita. Em quanto o terremoto fysico não deo cabo do terremoto politico das Carracas, nunca V. m. se calou com as Carracas, e antes de Morillo entrar em Cartagena nunca V. m. de lá sahio. O seu intento, e do seu Contra-Mestre — *O Portuguez*, he excitar huma desordem na Hespanha, fallando com tanta indignidade do Monarcha, e da Nação, em fim entestou-se V. m. em querer

com o seu *Correio* revolucionar o globo, e fazer ir por diante a Pedreiral caterva, os primeiros golosos, e chupistas do universo, onde não ha ridiculo bastante para os cobrir; mas eu farei que lhe amarguem bem as cêas!! Começarei pois a perguntar, (e a responder,) *Que cousa he o Hippolyto?* Isto não he huma personalidade reprehensivel, e vedada, he hum procedimento de justiça. V. m. perdeo todos os direitos de Cidadão Portuguez, não só como transfuga criminoso, mas como inimigo público do Governo, e da Nação. O seu escrito he hum incessante Libello infamatorio, que não involve o particular, mas a suprema Jerarquia, e quem he público inimigo do Governo posto pelo Rei, he inimigo do Rei, e he réo de alta traição de primeira cabeça. Vir com Massena ás linhas de Lisboa, foi fazer-se legalmente banido deste Reino; qualquer podia matar o inimigo da Patria, e do Throno. Considerando as consequencias, o fim, e os motivos do seu Correio, V. m. ainda he mais criminoso. Os que vierão ás linhas tinhão ao menos a ridicula quartada que dar de que, como soldados Francezes, obedecião aos alfaiates, e cabeleireiros seus Duques, e seus Chefes que os trazião, onde elles querião, e os mandavão, onde elles não queririão ir, ao Catay, ao Mogol, ao Cabo de Horn, levar as sagradas Aguias, que bem derrabadas forão de cá; V. m. nem esta frivola desculpa tem, pois livre, e espontaneamente tem sido, e he, o inimigo da Patria, mais prejudicial com a sua penna, do que podião ser com a sua espada quatro Aréos, ou Orates que alli apparecêrão, que passárão de altas dignidades, esquecidos do seu illustre sangue, a comer com os criados, e depois dos criados do torto Sargento Piemontez Massena, como succedeo em Condeixa. V. m. pois deve ser tratado como quem he, e como merece; e qualquer contemplação com V. m. he já hum delito. Este he o preambulo, vamos á questão —

„ Que cousa he o Hippolyto? „

Elle o dirá: e em quanto não transcrevo as suas palavras, que sempre serviráõ para o definir, he preciso que recolhamos os votos, e pareceres dos Hippolytinhos de cá: segundo elles, o Hippolyto he filho legitimo da

Politica, e do Illuminismo, consorcio feliz, approvado por Satanaz; he pois o Hippolyto huma cria Politico-illuminada, assim o tem dado a conhecer; considerão pois o Hippolyto, como hum prodigio da terra, nascido para governar, e sentado entre Lycurgo, e Solon, entre Confucio, e Mafoma, capaz de regenerar a posteridade de Adão. Sem parecer exagerado, ahi vai o que talvez se não creia, mas o número dos Hippolytinhos de cá entra naquelle número, a quem a Escritura chama infinito. Quando depois da prodigiosa sova que levou Bonaparte, quando depois daquella memoravel tunda dos campos de Waterloo, os Soberanos da Europa hião a Londres, não faltárão Hippolytinhos, que sussurrassem nas orelhas de outros Hippolytinhos, que hum dos motivos destas hidas, e venidas a Inglaterra era vêr o Hippolyto author do Correio Brasiliense, como Carlos XII. fez huma visita ao Filosofo Leibnitz, Condé a Spinosa, e Pedro Grande aos Calafates de Roterdam, o que elles dizem do seu Hippolyto, o alto conceito em que o tem, as luzes que lhe attribuem, a preponderancia nos Gabinetes que elle se arroga, a basofia da correspondencia directa, e secreta com o Barão d' Humbolt, não me importão a mim; o que o Hippolyto escreve, he que diz o que o Hippolyto he, e os seus escritos dizem que he hum completo Pedreiro, como elle se retrata, e hum homem de nenhuma capacidade, e sufficiencia. Ouçamos o Hippolyto; que elle tem o dom de se fazer cristalino, e transparente. Pag. 212 do Correio de Agosto de 1816.

„ Succede algumas vezes que este, ou aquelle individuo
„ muda de Religião, ou por conseguir algum emprego
„ honroso, e lucrativo, ou arrebatado da paixão violenta
„ para vêr coroadas as suas pertenções n'hum casamento
„ a que aspira. Mas sem sahir de Portugal, tres a quatro
„ mil homens actualmente na *sociedade*, desprezárão a
„ Religião de J. C., unica em que ha salvação, e se alis-
„ tárão na imaginada Seita dos Pedreiros-Livres? Seme-
„ lhante credulidade indica vergonhosa estupidez. „

Chama-se a isto, Sr. Hippolyto, judiar com o genero humano. V. m. sem querer, nem nós lho pedirmos, fórma

o cadastro (cousa que nunca chega por mais que se prometta, e se coma, e beba á sua saude) fórma o cadastro da Pedreirada em Portugal; — *tres a quatro mil*; — demos-lhe os tres mil, e quinhentos Pedreiros-Livres em Portugal, não he má parcelasinha; já as galés ficarião servidas menos mal, e o Bairro alto, e Alfama livres daquellas camadas de lama, que como lavas do Vesuvio são de tempo immemorial! Diz V. m. que he huma vergonhosa estupidez acreditar que em huma população de tres milhões de almas, qual he a de Portugal, hajão tres mil, e quinhentos individuos, que renunciem a Religião de J. C. para se alistarem na Seita dos Pedreiros-Livres! Não he estupidez, he experiencia a que nos faz vêr a corrupção geral que abrange tantos estados, tantas condições, tantas Jerarquias. Não he a estupidez, he a experiencia que nos faz vêr a furtiva, e clandestina introdução de tantos Livrinhos neste Reino, vindos até na algibeira dos Capitães de Navios do Norte, e mais do Sul; Livrinhos que trazem em si o germen da incredulidade, e muitos que combatem *ex professo* a Religião. Sabemos a ancia com que se esperão, o preço porque se pagão, a avidez com que se devorão, e até o charlatanismo com que se conservão, se mostrão, e se explicão. Cuida V. m. que ignoramos as ramificações da Seita, e que não sabemos por onde ella se introduza, e se propague? Eu não lhe quero apontar classes, não por amor de V. m., mas por amor dellas, que não devem ser enxovalhadas por amor de hum, ou outro individuo; em toda a parte ha homens de bem, e pessimos homens; estes não são máos pelas faculdades que professão, são máos pelo abuso do estudo que nellas fazem. Aqui estaráõ desejando todos que eu falle na profissão de Esculapio, todos a conhecem, não quero fallar nella, ainda que eu esteja certo que hei de morrer de meu vagar sem Medico, e que não ha de dizer de mim o P. Antonio Vieira no Sermão de Santo Antonio, prégado aos peixes = *Come-o o Medico que o curou, ou o ajudou a morrer, e antes que a terra o coma já todos o tem comido* = 4. V. dos Sermões. — Entrarei tambem pelo estado Ecclesiastico, que por isso mesmo que lhe pertenço o não devo deixar de fóra. No tempo em que os Francezes representárão aqui o Entremez, que

levou com effeito a verdadeira pateada, porque os enxotámos a páo, me disse hum Parrocho do fundo do Além-Tejo, *que os Francezes havião sahir deste Reino quando S. Christovão parisse*; — e creio que o tal Pastor me não deixará mentir. He verdade que elle se pôz a andar, porque os Freguezes lhe quizerão depois pagar a offerta: destes Meninos ha não só tres mil e quinhentos, porém quinhentos mil. Que se ouve, Sr. Hippolyto, por esses Botequins, Theatros, e Companhias, senão bonecos entonados, que sem saberem escrever o seu nome mettem a Religião em problema, fallão pelos cotovellos? Qualquer acto de Religião he para elles hum objecto de irrisão, vivendo muito soberbos, e ufanos, em hum material materialismo. Nestes innocentes acha a ridicula Seita materia sempre disposta para se engrossar, e com menos despejo fazem os Alcaides recrutas, que os veneraveis adeptos, e confrades aprendizes, e em vendo destas crianças assim educadas, e muito principalmente em lhe cheirando aos 25:600, ainda que seja na fórma, estão com elles, e já levão filado hum Marco Bruto para a Républica que elles sonhárão. He verdade que se he no tempo das favas, elles promettem Pombos com ervilhas na tal cêa, mas isto não dura sempre, e elles comem mais que o pobre aprendiz, que está acanhado na primeira noite, vendo á roda de si tantos Farizeos, e Escariotes de Mitra, e avental, e os Claveiros da Ordem, com aquella faxa com que V. m. teve a bondade de se retratar.

Se algum diabo côxo levasse hum curioso pelos ares em noite de sessão, e pendurando-o de alguma chaminé, levantasse, como fez diante de Leonardo Peres Zambulo, o telhado da Loja.... oh! que embrexado appareceria! Alli veria o curioso, e aereo viajante, borlas, e capellos, bureis, sarjas, murças, roquetes, fardas, cocares, crepes, e casacas de todo o feitio; veria huma verdadeira empanada, ou timbale de moélas, figados, azas, e outros miudos, e tanta gente, tantas cabeças, huns logrados, outros lograntes, huns Veneraveis, outros Oradores, estes Mestres, aquelles Companheiros, e aqueloutros Aprendizes, concordes todos no principio methafysico do materialismo, no principio politico da anarchia, e para o dizer de huma vez, o que tantas vezes, e de tantos modos está

dito, conhecido, manifesto, e comprovado, por factos, por escritos, por documentos, e pelos Archivos Pedreiraes apanhados, no odio sédiço ao Throno, e ao Altar. Veja, Sr. Hippolyto, se he *vergonhosa estupidez* acreditar que tres a quatro mil homens; que como V. m. diz, estão alistados em Portugal, debaixo das bandeiras Maçonicas, podem, ou não podem abandonar a Religião de J. C., em que só ha salvação! Pois se esta Religião se conserva, se o respeito, e obediencia aos Thronos, e aos Governos se mantem, que diabo fazem Vv. mm. lá que não querem que appareça? Pois o homem Religioso, o bom vassallo tem medo de apparecer em público? Então serão Vv. mm. ladrões, porque estes sempre tem a sua devoção, e sem abandonarem a Religião, pois morrem, (ou devem ir morrer) com hum crucifixo diante, vão tirando aos outros até a camiza do corpo. Homens tão Religiosos, tão bons vassallos, tão amantes da ordem, tão obedientes á Lei, tão illustradores do genero humano, e tão escondidos... não entendo.

Quem seja pois o Hippolyto, ainda se conhece mais quando usa da sua illuminada Logica; nunca lhe vi usar, no momento em que deixa as invectivas contra o Governo, para discorrer, senão de argumentos negativos, e estes os mais pueriz, e irrisorios. Vimos a Apologia dos Pedreiros na galantissima prova = Como he possivel que tres a quatro mil homens concordem no mesmo principio de irreligião? = Como se cá houvesse poucos, e elles, os taes commissarios ordenadores, os não soubessem escolher! Vejamos agora como o Hippolyto me argumenta achanfanadamente voltando-se a mim a pag. 213 do seu Caderninho de Agosto.

„ Porém vós unicamente sonhando com os Pedreiros-
„ Livres vèdes que elles se ajuntão, que estão com espa-
„ das nuas, que assassinão, que falláo contra a Religião,
„ e contra o Principe, que são perturbadores da socieda-
„ de, e a parte do genero humano; nesta variedade de
„ objectos, vós que sois somnambulo, pegais na penna,
„ e escreveis todos estes sonhos. „ = Ninguem possúe a arte de se retratar mais ao natural, do que he o Hippolyto. — Perturbador da sociedade, e peste do genero humano = Se isto he ser Pedreiro, o Hippolyto he Pedreiro, e não

he sonho em mim, he realidade nelle; tem perturbado a sociedade com tantas Diatribes, quantos tem sido até agora os Folhetos do Correio Brasiliense, tem perturbado a sociedade indispondo-a contra o Governo, motejando os membros que o compõe, reprovando todas as acções de authoridade que tem praticado, todas as medidas que tem tomado; tem perturbado a sociedade fazendo-lhe crêr, ou procurando fazer crêr que são prejudiciaes á gloria, e ás vantagens da Nação em apertadissimas circunstancias os Tratados que o Soberano tem estipulado, e confirmado, ou retificado com as outras Nações. Tem sido, e he a peste do genero humano em quanto com todo o afinco procura excitar revoluções, e descontentamentos, e transtornar, quanto lhe he possivel, a antiga, e estabelecida carreira da ordem das cousas, mostrando ao povo que não he bem governado, e que todos os actos da soberania são abusivos, violentos, disposticos, e oppressivos. Veja, Sr. Hippolyto, se isto he em mim sonho, se em V. m. verdade, e realidade; veja se este he o espirito, como dizem, ou intensão, como se deve dizer, do seu Correio. Se tudo isto são sonhos, quero dizer, estas associações nocturnas, estas espadas nuas, estes irmãos terriveis, estas mitras, aventaes, trôlhas, compassos, esquadrias, prumos, pedras toscas, e pedras lavradas, este Sol, esta Lua, estas estrelas, estas columnas, estes triangulos, para que apparecem pintados, e gravados nas estampas que representão as Lojas da Concordia, da União, da Virtude em actual sessão? Se alli não se falla nem de Religião, nem de Governo, para que são as Bullas Pontificias, as prisões de Cagliostro, e companhia, os Decretos dos Soberanos, as pesquizas, e procedimentos da Policia, e a caçada geral que se lhe tem dado, e vai dando a Vv. mm. por todos os Estados, e Monarquias da Europa, não os deixando pôr pé em ramo verde, nem mesmo naquelles Paizes onde Vv. mm. tinhão levantado, e estabelecido o seu Throno? Então todos os povos, todos os Soberanos, todos os Governos estão sonhando, como V. m. diz que eu faço? Nós temos tempo para tudo, V. m. ha de ser esfolado até aos ossos, a questão ha de ir por diante, e este a quem V. m. chama — *Caturra Litterario*, lhe porá de todo a calva á mostra, e esta mesma caturrice dará a verdadeira direcção

á opinião pública a respeito do Hippolyto, ou Correio Erasiliense. Até Sabbado.

ARTIGO II.

CRITICA.

A Materia — Pato — até me vai entrando pela região das Finanças em portes de cartas anonymas, e por anonymar vindas pelo Correio. Escreveo o homem de Gouvêa, o homem de Carrazeda, hum verdadeiro Orate de Villa-Viçosa, que sem se assignar diz que lhe responda pelo Correio geral, pedindo-me a razão porque em huma parte digo bem, e em outra mal de Camões, como o Pato affirma. Finalmente escreve-me hum homem de Mourão. Até ás raias de Hespanha chega a questão, chega o Parallelo, chega a tunda, ou a depennação. Este homem de Mourão he o mais impertinente de todos, e pela extensão da carta, pela confusão das idéas, pelo empeçado do estylo, mostra que he hum trapalhão, e hum fallador sempiterno; mas ao menos he sincero porque affirma que desde a publicação do Livro = Os Sebastianistas = me tem hum odio mortal. Acha razão ao Pato, e me diz mui frescamente que anda lendo á Agostinheida de Pato: diz que eu não sei escrever Portuguez, em fim diz o que quer, porque o papel lho consente, e eu que o pague nos portes das cartas, que nunca são pequenas. Homem de Mourão, te direi eu, como dizia o homem do Telegrafo ao homem de Santarém, homem de Mourão, quem te manda lêr o Espectador? Se es, como dizes, amigo de Pato (elle tem amigos ao longe, até em Inglaterra) escreve a favor de Pato, impugna o Espectador, imprime, apparece, vem de huma vez opulentar a Nação com hum escrito teu em letra redonda! Nada; este homem de Mourão contenta-se com os seus m. s. que a mim me custão dinheiro. Homem de Mourão, não me insultes, responde: olha que dizes a isto que eu te vou mostrar no Parallelo do teu Pato a pag. 155.

„ O verso da Oit. 33.

„ Tapa co' as mãos o ouvido o Mouro immundo „

„ he mal imitado de hum excellente da Oitava 100 do

„ Canto 2. das Lusiadas

„ Tapão co' as mãos os Mouros os ouvidos „

Os ditos de Pato são tão livres ditos, como os ditos livres da carta do homem de Mourão; se o verso he mal imitado, visto não se ter dado ainda huma authoridade suprema ás palavras de Pato, devia Pato dizer em que consiste a má imitação. O original diz que os Mouros tapão com as mãos os ouvidos, a copia diz que os Mouros tapão com as mãos os ouvidos. No original os Mouros tem mãos, e tem ouvidos; na copia os Mouros tem ouvidos, e tem mãos. No original dispara-se a artilheria, e os tiros fazem estrondo, ou estampido que assusta, os Mouros levantão as mãos, e as levão ás orelhas; na copia dispara-se a artilheria, faz ruido, e estrondo, os Mouros põe as mãos nas orelhas; no original se diz —

„ Tapão co' as mãos os Mouros os ouvidos „

na copia se diz

„ Tapa co' as mãos o ouvido o Mouro immundo „

Hum he excellente, outro não presta. Ora supponhamos por hum instante que o primeiro verso era meu, e o segundo de Camões; vinha Pato dizendo, que o primeiro por ser do Reverendo Epico, era muito mal imitado do segundo que era excellente, porque era do divino Camões, e haviamos ficar acreditando o dito de Pato, porque Pato o diz, e tantas razões allega para o primeiro caso como para o segundo. Que dizes a isto, homem de Mourão, quem quer que tu sejas? Eu te requeiro da parte da razão que o digas! Imprime alguma cousa, homem de Mourão, que tanto fallas. Pois isto não he nada. Ouve. Tapar os ouvidos com as mãos quando se escuta algum estrondo medonho, como o estampido da artilheria, ou algum estrepito desagradavel, como he o zurrar de hum burro, he huma acção tão commum, tão geral a todos que até he natural, e maquinal; levamos maquinalmente, e sem advertencia as mãos aos ouvidos quando nos fere o timpano, ou a membrana cochlearia alguma inferneira de musica; de que eu estou, e ando bem farto. Ora esta acção que he propria, que he natural de todos; huma vez que o impeccavel Camões a pinte, fica com hum

privilegio exclusivo para usar della, e fica sendo na intelligencia dos Patos hum atentado, hum sacrilegio, hum delicto *imperdoavel* a qualquer usar da mesma imagem, e pintar a natureza em seus geraes, e universaes movimentos, e tão proprios que não parecem espontaneos, como o não são outros movimentos da nossa corporea maquina: v. g. o movimento do coração, do sangue, do ventriculo, &c. Camões o disse, he só de Camões, e sendo de todos quem o disser rouba Camões, e ainda que seja hum traslado exacto, he excellente o original, pessima a copia. Isto em muitos he mania, em Pato he malicia, he odio, he perversidade, he vontade de insultar; ora pois Camões he que he hum imitador, hum copiador servil, porque nada ha nas Lusiadas divinas que não seja muito bem tomado, e copiado dos outros como ainda apparecerá em maior evidencia. Creio que nem o Pato de Alcochete, nem o homem de Mourão poderão negar que Dante he muito anterior a Camões. Dante, segundo me lembra, nasceo no fim do anno de 1200 da era vulgar, e Camões nasceo depois de 1500. O homem de Mourão que me escreve que nada do que eu componho se vende, e se lê, sabendo hum pouco de Francez se poderá desenganar vendo o Diccionario Historico: logo conhecendo-se neste Reino o Dante, a quem o Poeta Magrisso chamava = horri-harmonico Dante =, no tempo de Camões, como se conhecia, porque então se não tinha indignamente desprezado a portentosa Litteratura Italiana, copiou Camões de Dante o mesmo verso, como muito copiou de Petrarcha, Tasso Pai, e de Ariosto; diz Dante no Canto 29 da primeira parte da divina Comedia, terceto 15, falando dos lamentos que finge ouvíra no Inferno —

„ *Onde io gli orechi con le man copersi* „

„ Então eu com as mãos tapo os ouvidos „

ou as orelhas, ou o que quizerem, que bem felpudas, e pontiagudas as tem os que com tanta inepcia me arguem. Eis-aqui a originalidade de Camões. Mas nisto eu não o culpimino, porque todos podem usar de huma expressão commum que pinta, e designa huma acção commum, e universal, qual he a de tapar os ouvidos, quando, sem se esperar, se escuta hum grande, e desagradavel estrondo. Culpimino-me a mim por ter dado ao estudo a applicação atuada, e a composições trabalhosas aquelle tempo que antes

devia ter empregado em dormir, ou intrigar. Boa recompensa do retiro, e do trabalho! Satiras, e descomposturas dentro, e fóra deste Reino, invectivas de ignorantes, e odio de huma conspiração que não tem outro motivo senão Letras, e amor da Patria. Eu não sou homem de me lamentar, e de pouco me serviria a Filosofia pratica se eu não soubesse tapar os ouvidos d'alma ás grasnaduras de Patos, a latidos de sabujos, e ás eloquentes cartas do homem de Mourão. Huma cousa ardentemente desejo, não a liberdade da imprensa, porque inteira he criminosa, mas vêr Londres. Oh! como eu diria lá de outra sorte que

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do décimo quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 16.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

AS circunstancias em que eu estou a respeito da demora, ou vinda do Paquete (hoje 14 de Novembro) são as mesmas em que se achavão os Politicos do Cáes do Sodré, naquelle tempo em que o Telegrafo nos promettia a conclusão da Peça no quinto acto, o mez de Março, e o *avistamento* dos Moinhos de Montmartre: a esperança, e a impaciencia. Suspiro por materia nova, e do alto de Santa Catharina alongo os olhos para aquella barra com tanta devoção, que compunjo os que ainda lá estão, e lá olhão por outros motivos; porque em fim José, e João, e o Preto do Japão não querem mentir. Com tudo, não me desconsola a tardança; porque o Folhetinho de Setembro de 1816 he hu-

ma mina, que se não esgota, e eu posso descançar ainda que estes dez annos me faltasse o Hippolyto com o seu Correio, para poder resolver a questão.

Que cousa he o Hippolyto?

A segunda parte do Sermão, que elle começou no mez de Agosto, e continúa neste de Setembro, he a resposta mais terminante que se póde dar a esta que, com effeito, parece intricada questão. Transcrevamos huma passagem da pag. 325, e ficaremos convencidos de quem seja o homem que ha nove annos nos quebra a cabeça, e nos apura a já criminosa paciencia. Falla elle dos Fariseos, e depois de nos pintar os Fariseos, que he o mesmo que pintar os Pedreiros-Livres, *progenies viperarum*, raça de viboras, como são chamados estes Fariseos, diz desta maneira, fallando comigo:

„ Vós sois hum digno discipulo destes homens fa-
„ mosos pela sua extravagante conducta. Vós jul-
„ gaes a sociedade como hum aggregado de mons-
„ tros, e estes de differentes naturezas. Chamais,
„ a impulsos da vossa Caridade Christã, a huns
„ Materialistas, a outros Deistas, áquelles Apos-
„ tatas, a estes Athêos. Se na sociedade se falla
„ em Religião, não me ensinareis como se con-
„ serva ella ha tantos seculos? . . . .

Olhe, Sr. Hippolyto, esta conservação parece-me se lhe vai acabando. V. m., que está lá mais perto da fonte, póde ir beber ás folhas Inglezas, d'onde se extrahem as noticias para a Gazeta de Lisboa, e lá poderá meditar hum pouco sobre o artigo = *Veneza*. Esta admiravel Cidade sempre se governou bem, ou em sua independente soberania pelo espaço de quatorze seculos, ou agora debaixo da dominação Austriaca, que a liberalidade do seu glorioso Patriarca Bonaparte fez que até alli se estendesse; pois era tal a politica (*á moi*) privativa deste grande tôlo, que trabalhou até se reduzir ao que era na primeira Ilha, seu berço, ao que está sendo na ultima, seu tumulo, por opulentar, e engrandecer os seus maio-

res, e mais acerados inimigos. O Governo pois olhou em Veneza para dois grandes objectos, que parecendo disparatados, são muito semelhantes, e unidos entre si, as Meretrizes, e os Pedreiros-Livres; vio que as primeiras erão a peste do corpo, e mais da bolça, e os segundos a peste do genero humano, e a ruina da sociedade; porque na ordem politica são huns Anarchistas, e na ordem moral, e Religiosa huns Materialistas; e envolvendo quasi em hum mesmo decreto, as Meritissimas Senhoras Meretrizes, e os Illuminadissimos Senhores Pedreiros, procedeo com devida energia. Ora V. m. havia de gostar de estar na ponte de Rialto, ou em huma Gondola, vendo ao som das oitavas do Tasso, que dizem que os catraieiros de Veneza cantão, vendo, digo, a caça, ou montaria que se dava ás meretrizes para as cordoarias de Veneza; (sempre havia de escapar alguma que tivesse algum cordãosinho ao pescoço: aqui se torcem, e mordem o beiço alguns dos nossos Alcaides!) Mas por certo não gostaria V. m. muito de vêr depois da scena lagrimosa, e cómica das meretrizes filadas, huns Pedreiros, (que não são Vv. mm., são outros, e muito honrados, e muito necessarios na Republica, aquelles de quem falla o Garção

„ A postica gadelha affaga, e pucha, „

porque era então, e inda agora manha dos Pedreiros trazerem cabelleiras ruivas), depois de comerem o seu páo quente com manteiga, com que lhes fica enganada a barriga até que horas da noite, empunharem os inexoraveis camartéllos, e hirem-se ás casas dos outros Pedreiros, que são Vv. mm., e desde o telhado até aos alicerces arrazarem tudo, sem lhe valerem os pomposos titulos de Loja da Concordia, Loja da União, Loja da Virtude, Loja da Igualdade; (porque Vv. mm. tem mais Lojas que hum Arruamento, e mais comprido que o *Strand* de Londres.) A mim me parece que faltou huma cousa á Policia de Veneza, (mas nem tudo lembra), que era começar, e concluir este bombardeamento, ou arrazamento quando Vv. mm. lá estivessem dentro, e se me pedissem huma inscripção para aquellas magnificas ruinas, eu a faria deste theor: —

„ Aqui jazem enterrados, pelos Pedreiros honrados, os Pe-

dreiros desavergonhados. „ — Eu quereria então vêr o Irmão terrivel com a espadinha, e o Irmão — *Surveillant*, de volta com os Pedreiros arrazantes, e a respeitavel Brigada dos Beleguins circunstantes! Que eloquente parte daria o Escrivão das Armas, Inspector, para a Policia! V. m. diria neste doloroso paço o que diz principiando a segunda parte do seu Sermão de Setembro, pag. 320 : = „ Eis-aqui o effeito = *das falsas supposições de Barruel para denegrir a gloria da sociedade*!! = „ tendo dito = " Não se póde vêr sem horror os crimes de que accusais os Pedreiros-Livres, implorando o Ceo, e a terra para fartardes no castigo *de homens innocentes* a vossa insaciavel vingança. „ =

Ora na verdade não ha cousa mais injusta, e barbara que o Governo actual de Veneza! Deitar abaixo, sem ser pela Inspecção, as casas dos *innocentes* Pedreiros-Livres? Aquellas casas em que elles não fazião mais que cear o seu pratinho de Brócoli, Rabióli, e Macarróni, darem graças a Deos, e hirem-se deitar! Ha cousa mais innocente que esta! Só lhe falta a V. m. dizer que foi manobra do Governo de Lisboa huma semelhante septembrisada de pedra, e cal. Deixemos graças, Sr. Hippolyto. O Gabinete Austriaco, fleumaticamente prudentissimo, ensinado por huma longa, e dolorosa experiencia, vio que tantas batalhas perdidas, tantos exercitos derrotados, tantas Praças, e Fortalezas entradas, e tomadas, não erão obra nem da fraqueza dos Soldados, nem da insipiencia dos Chefes; porque os Alemães nunca deixárão de ser o que forão: depois que se desligárão da oppressora, e destructiva causa da França em 1814, e 1815, conheceo o Gabinete Austriaco, que a fonte, e origem de tantas desgraças erão os Pedreiros-Livres, conheceo, e vio com quanta razão tinha escrito o Professor Hoffman os = *Avisos importantes* =, descobrio nelles toda a tenebrosa maquinação Pedreiral, que se empregava nestes tres objectos: 1. Huma conspiração formada contra o Christianismo; 2. Huma liga dirigida contra a Constituição Monarquica; 3. o principio fundamental do Maçonismo, que se chama Conspiração anti-social. Destas tres fontes vio correr todas as desventuras da Europa, e com especialidade a do transtorno geral da Alemanha; e vendo que os Pedreiros-Livres, são

como os dentes do Dragão de Cadmo, que ainda que enterrados na terra, delles nascião soldados armados, quer até aos alicerces acabar de huma vez para sempre com esta importuna, e prejudicial caterva. Pela sua influencia, e poder, a Pedreirada foi enchotada da Baviera, seu berço, da Prussia, seu throno, e de toda a Austria, seu dominio. He preciso arremeça-la fóra das novas possessões; porque onde quer que existão Pedreiros, ha de existir a teima da triplice conspiração, seu objecto, e seu emprego: Conspiração contra a Religião, Conspiração contra o Throno, Conspiração contra a Sociedade. Parece, Sr. Hippolyto, que he nimiamente forte, e sevéra a medida de lhe arrazarem, demolirem, e pulverisarem as mesmas casas em que Vv. mm. se ajuntavão; mas he justo vêr se se emenda pelo horror, e pela vergonha pública, o que não tem podido conseguir a Politica, e a Policia. Vv. mm. não se envergonhão, nem esmorecem; porque ainda que lhes arrazassem as Lojas, e lhe queimassem os aventaes, e as mitras, e que lhes pozessem no meio da rua, á vista de todos, as trôlhas, os prumos, e as esquadrias, sempre o diabo lhes havia de deparar algumas aguas-furtadas em que se escondessem; e ainda que o Veneravel se encarapite no telhado, e o Irmão terrivel se escanche na trapeira, sempre havião de continuar as sessões, porque aliás acabavao-se as cêas, cousa que a Vv. mm. lhes havia de custar mais que a destruição dos aparelhos, e ferramentas da Pedreirice.

São *innocentes*, diz V. m., os Pedreiros-Livres? Isto he hum público insulto a todos os Soberanos, e Governadores dos povos. Que idéa se dá de tantos Gabinetes illustrados, de tantos Ministros zelosos, de tantos Magistrados rectissimos, dizendo-se que são perseguidores dos *innocentes*? Que a calumnia, e a intriga fação alguma vez gemer, e soffrer a innocencia, que a inveja opprima o homem de bem, que o persiga, póde ser, e he o que se vê em tantos casos conhecidos; mas isto não he regra geral; o que tem cabimento de individuo a individuo, e ainda de corporação a corporação, não tem, nem póde ter lugar nos Governos, e nos Soberanos relativamente aos vassallos, e aos subditos. Trata-se nos Estados bem policiados de affugentar, e extinguir as quadrilhas de ladrões, e salteadores, de condemnar, e punir os falsificadores da moeda; e

este procedimento dos Governos he justo; porque aquelles homens são culpados, e porque são culpados procede o Governo; em todos os seus actos he justo, e só ha de querer ser injusto no procedimento contra os Pedreiros-Livres! *He hum divertimento innocente*, dizia o *Portuguez* que V. m. lá tem, quando associado com Pato que nós cá temos, escrevêrão de mão commum a favor dos Sebastianistas a obra que imprimirão, e publicárão chamada *Refutação analytica*, assignando-se ambos — Moniz Pato, e Rocha Loureiro: — e estes são os dois Escritores, a quem Couto chama em hum impresso — Os dois Escritores Moniz, e Loureiro. E contra homens que se divertem *innocentemente*, procede o Governo? Contra homens a quem V. m chama *innocentes*? Pois o Governo justo com todos, só com estes he injusto? Alguma cousa fazem elles ao Governo. Não se mandão arrazar casas senão de grandes criminosos, e este ajoujo que o Governo Veneziano fez, de Meretrizes, e Pedreiros-Livres, como nos dizem as Gazetas, e papeis de Inglaterra, dá a conhecer que tão damninha, e ruinosa he para o povo huma como outra companhia.

Ora já que V. m. bolio comigo, levará por mim o premio que merecião os seus insultos ao Governo com tantos testemunhos falsos, como o da influencia da Questão de Pato. V. m. me diz no seu Sermão que eu — *Imploro o Ceo, e a terra para fartar no castigo de homens innocentes a minha insaciavel vingança.* — São *innocentes* os Pedreiros-Livres, Sr. Hippolyto? Ora eu o esmago, como costumo, eu lhe tapo a praguenta boca, a ponto de não poder piar, como tenho feito até agora, e continuarei sempre a fazer em quanto estes dedos depennarem Patos. Leia V. m. hum Livro dos seus amigos, os Revolucionarios, que se intitula: — *Considerações Filosoficas sobre a Revolução Franceza, ou Exame das Causas geraes que determinárão esta Revolução.* Pelo Cidadão J. La Chapelle: Paris 1797; — e leia estas palavras a pag. 260, 263, 266. —

„ O Plano *dos Pedreiros-Livres* exigia a homogenei-
„ dade de todos os membros do corpo social, e por
„ consequencia a abolição das Ordens, a extincção da
„ Nobreza, e das preoccupações unidas a esta idéa, a
„ suppressão do Clero, &c. Todo o Problema da Fi-

„ losofia illuminada se acha comprehendido nestas qua-
„ tro expressões fundamentaes: — *Soberania do povo*,
„ *Liberdade*, *Igualdade*, *Fraternidade*. — Esta im-
„ pulsão tem por objecto substituir a principios esta-
„ belecidos, e fórmas ha longo tempo recebidas, prin-
„ cipios differentes, fórmas, e combinações absoluta-
„ mente novas. — „

Aqui tem, Sr. Hippolyto, o que se chama *innocencia*, os homens que procedem assim, são como V. m. verdadeiramente *innocentes*, deixou-os cá Herodes por esquecimento. Veja V. m. se meninos com estes principios estão dispostos para continuar, se lhes for possivel, por toda a parte a obra tão jurada da duplice regeneração dos filhos de Eva, e veja se por toda a parte não estão elles pedindo huma septembrisadinha, como levárão agora em Veneza de envolta com as *Filhas da alegria*. (Galecismo, mas entende-se bem. Talvez se enfureça com elle o Grammatico Minerva Sanches, que notou faltas de caridade na depennação do seu cliente Pato, elle, que anda infamando de ladrões os outros Grammaticos chorros, por lhe somirem hum Preterito plusquam perfeito de hum verbo impessoal!). Mas prescindindo desta especie que o fio do Discurso por si mesmo acarretou; V. m. bem conhece que estes mysterios de iniquidade, que eu lhe revelo, e revelarei, (porque me não devo calar, tendo revolvido os seus Pedreiraes Archivos, mais que V. m. mesmo, e esta tropa de farejadores das cêas da entrada, redes de arrastar em que cahem peixes miudos) os tornão o odio público do povo; e a volta que Vv. mm. lhe dão he dignissima da sua malicia, que he atribuir ao Governo a publicação destas infamias do Correio Brasiliense para que o povo se indisponha contra os Pedreiros-Livres. Vv mm. (eis-aqui outra sua) tem procurado sumir o *Jornal de Vienna*, desde 1794, e a vida de Zimermann escrita por Tissot, onde a calva Pedreiral se mostra, como ella he, liza, e descabellada. Mas os Soberanos, que ajuntão á sua mesma experiencia a leitura destes Livros, os Soberanos que vião que já vencião Bonaparte depois que sériamente começárão a fazer montaria geral aos Pedreiros-Livres, resolvêrão de huma vez dar cabo da Seita dos *innocentes*, dispersando-os, enervando-os, enfra-

quecendo-os, e servindo-se do meio mais proprio, que era mettellos a ridiculo, porque este corta mais depressa, e a proposito a cousa do que a força, e a violencia; quizerão tambem descarregar-lhe o mais estrondoso golpe, que era deitar-lhe abaixo as Barraquinhas, em que se ajuntavão para cear, e mais nada! Eu não vejo vir outras casas abaixo senão as suas: mas em fim Vv. mm. são Pedreiros, e bons, lá as concertaráõ. Veja o que rendeo a Gazeta de Lisboa de 13 de Novembro de 1816, junta ao Sermão do seu Correio de Setembro do mesmo anno. A Gazeta, Sr. Hippolyto, de quem V. m. diz que tem usos *secretos*, teve-os agora públicos. V. m. para atacar o Governo, e a Nação serve-se de manifestas calumnias, e descobertas mentiras, eu para usar da força repulsiva contra V. m., como injusto agressor que he, sirvo-me do mesmo que V. m. diz, e escreve. Nunca me ouvirá hum argumento fundado sobre supposições gratuitas. Chegou-lhe a hora, como a cada porco chega seu S. Martinho. Ora eu, dirá V. m. comsigo, eu que merecia a corda, vim a espixar nas mãos, e na penna do *Energumeno*, e o Governo, Sr. Hippolyto, que responda depois pelas consequencias da disputa! V. m. será hum grande Jornalista, e até convidado para trabalhar huma hora cada dia no Gabinete do carocho Rei Christovão, mas não poderá deixar de confessar que he mui basofia; eu para vingar a Patria ultrajada lha rebaterei, e farei que todos os Sabbados sejão para V. m. dias aziagos.

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato.

ESCrever-se de hum homem, como eu escrevo de Pato, sem documentos, e sem testemunhos, que fação fé, seria injustiça, e deshumanidade; mas eu não darei hum passo pelo caminho da letra redonda, que não seja acompanhado pela verdade, e pela boa fé. Nenhum homem existio mais calumniado do que eu, nenhum cuja fama mais se procurasse denegrir com a mentira, a cujos tiros eu nunca quiz, nem posso responder senão com a verdade. Ha muitos annos, que este Pato late raivosamente após de mim. Não tenho sido Senhor de imprimir huma regra, que não apparecesse Pato em campo para me uivar atrás. Traduzi as Odes de Horacio em outras tantas Odes Portuguezas, cuja edição se extinguio logo, a ponto de serem rarissimos os exemplares, appareceo Pato com cinco Sonetos espalhados pelos Botequins; elle bem se lembra do Soneto, como elle os faz, —

„ Cuidou fazer cahir muito cruzado. „

Tudo isto nada he para o dar bem a conhecer, e conhecer-se a qualidade, ou caracter moral dos luminosos Aristarcos que me atassalhão; o que excede toda a crença, assim como todos os limites da malevolencia, he a abominavel, e nefanda impostura que se segue. Escreve Pato huma satyra contra mim, e manda-a imprimir pelo Hippolyto em Inglaterra, e a pag 13 em huma nota n. 10. diz estas palavras, fallando do *grão* Bocage. —

„ Tinha mais a tradução de todos os seis Cantos do
„ Poema de Rosset, e hum sem número de Poezias
„ fugitivas, originaes, e traduções. Note-se agora que
„ de tudo isto nada appareceo, que José Agostinho se
„ encabeçou de todos os papeis de Elmano. —

Desde que me veio á mão esta satyra de Pato, e li esta tirada, que ando cogitando hum nome que dê a isto, e não o encontro; respondo só que este mesmo Poëma de Rosset esteve nas mãos do mesmo Pato, como estiverão as outras Poezias, e se lhe pagou para as ordenar, e se imprimirão, e estão impressas todas, e formão o IV., e V. Volumes das grandes Obras do *grão* Bocage; isto fez o mesmo Pato, e isto escreveo o mesmo Pato, imprimindo que eu me encabeçára das Obras de Manoel Bocage, tendo-as elle Pato, todas na sua mão, e correndo já impressas. Eis-aqui os justos varões, que escrevem contra mim!!! O Poeta Magrisso, quando era vivo, deo hum tremendo juramento, affirmando que do Poema *Oriente* se imprimírão só 300 exemplares, e o Editor clama que imprimíra 1060 exemplares; e o Magrisso a jurar o contrario sem o saber. He justo que o mundo conheça isto, e que saiba que caracter honrado tenhão estes suppostos das Musas, que escrevendo Parallelos dizem assim a pag. 155:

„ O verso da Oit. 38 — Refalsado Malayo, e João va-
„ lente, = he outra imitação do seguinte da Oit. 44
„ do 1.° Canto das Lusiadas: = Malayos namorados,
„ Jáos valentes, = convindo melhor aos Malayos o
„ epitheto de namorados, que o de refalsados apezar
„ dos seus crizes. „ =

Se este homem aleivoso, como se vê da passagem da satyra acima transcrita, tivesse huma tintura, huma superficial lição dos nossos Historiadores não diria destas, e não chamaria Parallelos a estes miseraveis reparos. Na terceira

parte dos Commentarios de Albuquerque Cap. 18. se lê entre outras cousas dos costumes dos Malayos o seguinte: = „ Os Malayos são homens soberbos, e se prezão muito de matar homens *manhosamente* ás crizadas. *São maliciosos geralmente, e de pouca verdade.* „ Pato, Pato, Pato, que he isto? He ser namorado, ou ser refalsado? Estão bons amores estes! Matar homens á falsa fé! A refalsada asserção da nota décima da satyra de Pato nos pinta melhor hum Malayo, que todos os diffusos Commentarios de Albuquerque. Pato, Pato, Pato, vê se o que diz Affonso de Albuquerque he bastante para comprovar a propriedade do epitheto de *refalsados*. Se Pato tivesse lido isto, que diria se eu tivesse usado do epitheto de *namorados*? Diria que eu sacrilegamente não tinha imitado, mas copiado, e roubado o *divino*, e *impeccavel* Camões. Gritaria em Ceo, e em terra, escreveria ao seu camarada Pylades, que inserisse este grande artigo no *Portuguez*. Hoje tive a consolação de pulverisar o Hippolyto, aqui será tambem esmagado o seu cliente Pato. Camões, Sr. Pato, apezar das duas nitidas Edições, annunciadas por Couto nas suas regras da Oratoria da Cadeira, como *noticia util, e desfora pública*, he o primeiro dos Plagiarios, não só dos Estrangeiros, porém dos Nacionaes. Não tem huma imagem nas *divinissimas* Lusiadas que não seja roubada. Este mesmo epitheto *namorados* não he seu, e mais he huma simples palavra, onde está huma simples atribuição ao caracter da Personagem que se descreve. Este epitheto he tirado, apanhado, roubado por Camões a João de Barros, o qual refere na segunda Decada, Liv. 6. Cap. 1., que entre os Malayos se traz em Proverbio: =

„ Malayos *namorados*, Jáos Cavalleiros. „

Como ficará Pato quando aqui chegar? Fica como era: Pato. He pena que este homem não esteja pessoalmente escrevendo hum Jornal em Inglaterra! Que illustração viria a Portugal! E anda hum thesouro destes perdido, e ignorado por este mundo! Mas já que elle não quer seguir a carreira da politica, que emprehendêrão os seus irmãos de armas, ao menos podia enriquecer a Patria, que elle tem já honrado tanto com os seus volumosos escritos, com o

presente de hum Poema Epico *sem defeitos*. Eu lhe dou Heroe, e Assumpto. Henrique IV. em que os Francezes fallavão muito antes de Bonaparte principiar, e continuárão a fallar depois que Bonaparte acabou; desfez, e destruio a Liga, e foi por esta *disjuncção* Heroe da Henriada. O Hippolyto realisou a Liga, e *a juncção* das Lojas bregeiras de Portugal com a Loja mãi, e Grande Oriente de Paris, e fez a gloria dos *Innocentes*, padecendo alguns incomodos que o podião *aquecer*,

Multum terris agitatus et alto.

He hum grande Heroe, e hum grande assumpto para penna de Pato, e podia elle concluir:

São provas do que eu digo,
= O evitado *alegrão*, o *Alcaide amigo*. =

Fim do décimo sexto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 17.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

FOi hum acerto, comprado, he verdade, a preço de regateiraes descomposturas, olhar eu com alguma attenção para esta cousa chamada *Correio Brasiliense*. Até aqui era reputado o seu Author hum Gigante formidavel, que até espantava com a sombra; o nome *Hippolyto* era o nome do terror, e a ouvirmos os Hippolytinhos de cá, o mesmo Kutuzoff deo por sinal de ataque em *Borodino* a palavra — *Hippolyto*; — só com este nome, e sem espoleta, pegou fogo a bataria de cem canhões. — Eu quiz observar de perto este collosso da humana sapiencia, e descobri hum daquelles corpos achados nas casas na escavação de Herculano, que apenas se tocavão com hum dedo se desfazião em cinzas; mas aqui devia eu dizer como Ovidio:

,, Se he justo usar em Manequins tão parvos
,, De imagens altas, e d'exemplos grandes!

O que eu encontrei foi huma especie de Periodiqueiro maniaco, que ao *jargão* Jornalisteiro ajunta a impudencia, o desaforo, o descaramento, a audacia, a calumnia, e o insulto aos Reis, aos Ministros, aos Magistrados, á Religião, á Sociedade. O pregão do Algoz, a 13 de Setembro deste anno de 1816, na grande Praça de Madrid, tendo elle na mão o Correio Brasiliense, e o seu ajudante as axas, e o mólho da carqueja, ao passo que he a cousa mais terrivel, he a mais justa, e cathegorica definição do Hippolyto: = Inimigo dos Reis, e da Sociedade, sublevador, e amotinador público, promotor de discordias, e sacrilego calumniador. = (Isto he terrivel, mas isto foi merecido pelos seus impios sarcasmos contra S. M. Fernando VII., e pelos seus insolentes discursos contra o Governo Hespanhol.)

,, *Dolis instructus, et arte Pelasga.*
Mestre de enganos com Pedreiras artes.

Eu deixo á severidade das Leis o justo castigo do tal escrevedor em Inglaterra. Não sei se a tão grande criminoso devia servir a immunidade de hum Paiz, onde as Leis querem a liberdade, mas tambem querem a segurança dos povos. O solapador dos Thronos não devia achar asylo á sombra de nenhum!... Não, não seja este o tom, ainda que este seja o meu natural caracter.... Já disse em hum dos números antecedentes que o Hippolyto he hum Titire, e como tal só lhe convem o ridiculo;

Plautino sale confrictus.
Com sal de Plauto lhe tempero a tunda.

Não sei se nasce de insufficiencia, se de precipitação em escrever, posso affirmar que em o Folhetinho de Outubro não se devisa mais que hum aggregado de despropositos, e disparates, a que vem sempre de mistura a calumnia, e a mentira. Não sabe o que diz, ou que ha de

dizer, sentindo o seu amor proprio ferido no coração. Ou mente por malicia, ou por inadvertencia; se he por malicia, he Hippolyto, se he por inadvertencia, he tôlo. Eu não me posso espraiar quanto desejo, porque os números são muitos, o Correio he hum só. Com tudo eu posso dizer, que a riqueza me fez probre: *inopem me copia fecit*: Vamos por agora com o Hippolyto, e lá chegará o seu S. Martinho ao Galeno Author da carta, ainda que estou impaciente por dar resposta (que a ha de ter) á tal cartinha, ultimo apuro da demencia. Alli sou notado, (com mentira; porque estes Senhores nunca citão, como estão, as minhas palavras) de erro em Geografia por fallar em avistar as Dunas, e ir saltar a Falmouth, como se eu pozesse Falmouth nas Dunas! Tambem elles podião avistar as Berlengas, e vir saltar na Trafaria, lugar do seu descanço, e preparação para maior viagem, alli para aquelle sitio da Costa de Leste, que he sadio, e bem arejado. Isto foi hum Episodio, vamos á acção principal. Em o Hippolyto fallando, vira-se o Hippolyto de dentro para fóra; he na verdade hum genio candido, tem com effeito o coração nas mãos, porque logo lhe apparece; e se não ouçamos.

Correio B. pag. 472 — Outubro de 1816.

„ *O Investigador, e o Espectador* = Estes dois Cam-
„ piões do *Systema da corrupção* „...

Lá do Investigador diga V. m. o que quizer, elle que lhe responda, e creio que por se não poder justificar muito, vomitará contra V. m., para lhe fazer segunda, as injurias do estylo; mas eu folgarei então de lhe vêr descobrir as baldas; são seus visinhos lá, e officiaes do seu officio; eu tambem lhes tenho, não *Má sede*, mas *boa sede*; o que elles me fizerão não cahio em saco roto; depois de imprimirem huma satyra contra mim, forão tão homens de bem, que escrevêrão huma carta, transcrevendo huma que eu lhe tinha escrito .... elles bem me entendem!! Como o Investigador sahio das mãos em que estava, e foi perigrinar á casa do Loreto, lá se avenhão; porém ficando certos que as não perdem. — Sr. Hippolyto, o caso he com V. m.; siga embora lá o Investigador o Systema da

corrupção; eu não o duvido; elle, como V. m., tem as inquirições tiradas: *Quis*, *quid*, *ubi*. Quem, o que, e aonde? Quem he o escritor, o que escreve, e onde o escreve? O escritor por hum triz, se não foge, cahia nas mãos de galfarros, que não conhecem a formula Ingleza do — *Habeas corpus* —; em se lhes entregando o *Mandado*, vão-lhe ao corpo; e como são homens inimigos até do movimento *mechanico-involuntario*, ou não espontaneo, do corpo, tudo atão, e amarrão, ou, para usar do seu termo facultativo, tudo *trancafião*. O que escreve he hum Jornal, isto he, manta de retalhos, *vulgò*, a *Censura Politica*. Onde o escreve? Em Inglaterra, Paiz que pela liberdade da Imprensa, e pela geral ignorancia da lingua Portugueza, abre hum vasto campo aos transfugas, para mostrarem o que são; porque elles lá não se fazem; mostrão-se o que em Portugal já erão, e o medo da forca lhes fazia dissimular. Seja embora o Investigador o Campião do *Systema da corrupção*, e disputem Vv. mm. lá isso até se apagar a Alampada de Davy, e outras questões suas: mas o pobre *Espectador* Campião do *Systema da corrupção*? Ah! Sr. Hippolyto! sim, he o Espectador, não he o Correio Brasiliense quem tem espalhado tantas Doutrinas revolucionarias, annunciado tantos principios sediciosos! Nunca V. m. imputou hum crime aos outros, nunca lhe assacou hum defeito, que se não retratasse a si. Não he preciso dizer que o seu Correio fôra queimado na Hespanha pela mão do Algoz, e prohibida com pena de morte a sua introducção, e leitura; não he preciso dizer que V. m. se inculca, se publica, e se retrata como Pedreiro-Livre-Illuminado com todas as insignias, digamos melhor, arreios ricos da veneravel ordem, para se conhecer que V. m. he Author, e Propagandista do *Systema da corrupção*: superabunda a leitura do seu *utilissimo* Periodico. Que outra cousa tem V. m. querido, e promovido mais que a corrupção do espirito, ou opinião pública? Que outra cousa se faz a hum povo, quando se lhe diz, que está mal governado, senão excitar-lhe, e avivar-lhe o descontentamento? Quando este descontentamento se universalisa, não dista muito do precipicio da rebellião, e, pela rebellião, da Anarquia, que he o seu Paiz favorito, o seu elemento; porque no estado anarquico, vêm Vv. mm.

dissolvidos todos os laços sociaes, confundidas todas as instituições, *niveladas* todas as Jerarquias, e proscritos todos os direitos. Que outra cousa he o *Systema da corrupção* espalhado por V. m., mais do que o contentamento que V. m. mostrou, os applausos que dava aos insurgentes de *Caracas*, lisongeando-se de vêr naquelle canto da America, cuja independencia, ou ruina he o primeiro dos seus votos, que revertia a Soberania ao povo, quando apparecia em quatro cabeças carôchas pór fóra, e esturruadas por dentro, o barretinho encarnado da liberdade? Quando se falla neste barretinho (para não me esquecer do ridiculo com que o hei de cobrir sempre) desejava ter authoridade ao menos para metter nas Galés os Hippolytinhos, e os Hippolytões de cá, e ennobrece-los com o barretinho encarnado, *bonet rouge*, e vê-los ir (oh! que Republicanos, que Demócratas tão airosos!) até ao Chafariz do Carmo, e levalla fresca aos Demócratas do Limoeiro!! Vamos outra vez com V. m. — Diga-me, parece-lhe Campião do *Systema da corrupção* o Espectador, que o ataca a V. m., que o desmascara, que, manifestando-lhe as suas intenções, o faz emudecer; porque V. m. não responde, nem responderá ao que lhe digo. Não he resposta chamar-me *energumeno*, não he resposta a destampada carta, que não contém senão insultos, e ataques pessoaes que são cousas alheias da questão, porque os meus defeitos, ainda dados, e não concedidos, não são a justificação da *innocente* vida dos Pedreiros-Livres, nem a impugnação das arguições sem réplica, que eu lhe tenho feito. Ir a cavallo em hum burro huma legua fóra de Lisboa, digamo-lo com alguma graça, não he de estranhar em mim, que me entendo tão bem com *elles*, e tinha *tantos* por onde escolher. Que se póde colligir daquella humilde cavalgadura, e não *cavalcata* como V m. diz, apezar dos pomposos elogios de Buffon ao animal Burro? (porque elle não conhecia huns, que eu conheço.) Que o seu cavalgador he pobre. *Concedo totum.* He pobre o cavalgador dos *Burros*, segue-se que o Hippolyto he hum Patriota respeitavel que, para não ser inquietado pela inveja em Portugal, buscou o retiro Filosofico, e a tranquillidade Estoica de Inglaterra, para se dar todo ao estudo do melhoramento da *barbara* Nação Portugueza, des-

te *povo nômada*, que ainda gyra errante pelos bosques, para ser chamado o Licurgo, e o Solon dos Portuguezes. Ora, Sr. Hippolyto, eu lhe peço, que comece o melhoramento desta pobre Nação, que tanto lhe deve, por hum *Bill*, ou projectos de Lei, que regule as gorgêtas dos Arrieiros de seges de alluguel, pois tem isso chegado ao mais escandaloso desaforo; talvez que assim me poupasse a invectiva da cavalgadura burrical! Não leio huma frase só do seu Folhetinho, que não descubra eterna materia para eternos discursos! continúa V. m., e diz: —

„ Estes dois formidaveis opponentes do Correio Brasi-
„ liense (o Investigador, e o Espectador) apparecem
„ *de novo* em campo com todo o ar de triunfo, can-
„ tando victoria antes de verem *o fim* da peleja. „

Ora se o Hippolyto não he tôlo, então não sei como se possa ser!! Apparecem de *novo* em campo.... Pois o Espectador depois que começou a zurzir o Hippolyto, a descozer-lhe o fiado, já deixou de o fazer em algum dos Sabbados deste segundo Semestre? Por ventura tinha eu apparecido n'outro tempo contra o Hippolyto? Peza-me, he verdade, de ser tão tarde; mas mais vale tarde que nunca, e eu o farei de tal maneira que possa resarsir o perdido tempo; perdoar as injurias do Hippolyto, he tolerar os crimes, e se ha de chegar á posteridade o Correio Brasiliense, chegue tambem o escrito que o vai dando, e dará a conhecer. Apparecem de *novo*. Eu já disse que he hum precipitado em escrever, tudo confunde, e ainda não fez hum só raciocinio, que o não assentasse sobre principios, não só gratuitos, mas falsos; hiremos vendo o verdadeiro *Energumeno*, que merece mais alguma cousa que a correia de S. Caetano, e em lugar do cordão dos Capuchos, outra corda... Ouçamos o homem — „ *Cantando a victoria antes de verem o fim da peleja.* „ Eu ainda estou esperando pelo principio do combate que me faça o Hippolyto; não he combater o que eu lhe digo, e lhe provo, imprimir vagas descomposturas, que quando muito podem fazer crer aos Hippolytinhos de cá, e a outros que taes, que o homem obra mal, mas isto não prova que o homem escreva mal, e que nem diga a verdade, nem te-

nha razão no que diz. Os escritos são huma cousa, e o sugeito he outra. Ameaçar-me a mim com Poemas, (da sua composição!) a mim que lhe posso fazer duzentos, ou que por felicidade sua eu não poderia citar... adiante. Eu podia dizer ao Hippolyto que esteve prezo na Inquisição, e que alli não se vai por ouvir Missa aos dias de semana... Mas que tinha isto com o Correio Brasiliense? Caifaz, mas era Caifaz, e Anaz, mas era Anaz, disserão huma eterna verdade, e expozerão o primeiro Oraculo da Religião, quando affirmárão que era preciso que hum homem morresse por todo o povo. E então havemos de dizer a Anaz, e a Caifaz, que erão Judeos, e que tinhão huns narizes muito grandes, e que erão dois solemnes desavergonhados! Que tem os crimes, e os defeitos do homem com as verdades que elle annuncia? Mas publicar defeitos vagamente, e sem prova, he dar a causa por perdida, he hum Letrado a jurar que está doente, e a pedir os dias da Lei, a vêr se se mettem as Ferias, porque a favor do cliente, ou do pleito nada tem que dizer. Que bambuxata de Escritor de Inglaterra, ou em Inglaterra, he esta? O homem mora á *Bombarda*, logo está desfeito quanto elle escreve no Espectador. Sr. Hippolyto, nem todos podem ter os *Quartos* no Rocio que V. m. teve, he verdade que se mudou antes de *tempo*..... Ah! Sr. Hippolyto, se eu não contemplasse agora o Censor com este papel manuscrito na mão a olhar para elle com huma attenção, e imobilidade que me põe medo, e com hum lapis na mão, que leva couro, e cabello... eu lhe prometto que lhe pezasse de ter nascido. Se não fosse criminosa a clandestina introducção de papeis impressos em Inglaterra, ainda que muito mais moderados que o seu Correio, e satyras de Pato, eu lhe prometto que o povo Portuguez visse o Hippolyto por dentro, visse o Hippolyto em sua vida privada; mas quando apparecer, (e brevemente) o Livro intitulado — Os Pedreiros-Livres conhecidos pelos factos, — no retracto de todos se conhecerá o seu. Continuemos a ouvillo neste § —

„ Ambos estão persuadidos da necessidade de comba-
„ ter, e derrotar as perniciosas opiniões do Pedreiro-
„ Livre, do Jacobino Correio Brasiliense. Virtuosa
„ empreza destes Religiosos Patriotas! „

Desta necessidade estão persuadidos todos os homens de bem, todos os amigos do Throno, e da Patria, todos os que ainda dão valor ás Leis, e á harmonia social, todos os que tem a gloria, e a vantagem de não pertencerem á detestavel Seita Pedreiral, todos os que não são Anarquistas, e Demagogos. Sim, Senhor, são perniciosas as suas opiniões; V. m. quer que o povo se queixe de hum Governo que ama, e que tem merecido por estupendas acções a confiança illimitada do mesmo povo, que se lhe reconhece devedor da sua conservação, da sua independencia, da sua gloria. V. m. não tem mostrado até agora mais que hum desejo tão vivo como impio de malquistar este Governo, injuriando-o com as mais affrontosas nomenclaturas, parentas daquellas que até a mesma Pedreirada vio com horror no seu testa de ferro o *Portuguez* (bom Portuguez!) dirigidas a hum homem irreprehensivel; (olhe V. m. que lhe não devo, nem lhe hei de pedir favor nenhum.) Diz V. m. que he „ *Pedreiro-Livre*, e *Jacobino Correio Brasiliense*? Não he preciso que V. m. o dissesse, nós bem o sabemos, porque V. m. bem o tem mostrado. Pedreiro-Livre, porque V. m. assim se retrata....

„ Não lhe esquecendo a tiracollo a faxa,
„ Insignia de claveiro em Pedreirada:
„ Traz seis sinos samões bordados nella,
„ Hum prumo, huma esquadria, hum Sol, e a gorra
„ Do capataz *Hirão*, pintada a fresco,
„ A Imagem da Republica Franceza.....

Menkenio Teiguéra, na *Hippolytaida*, Canto 6.

Jacobino, porque não tem cessado de assoprar discordias, de invectivar o Governo, de deprimir a dignidade, e Religiosa influencia do Clero superior, e de inspirar ao povo a insubordinação, e o desprezo das Leis, e do Governo. Ora pois chama-me outro que tal, seu cliente, seu correspondente, seu inviador de papeis, chama-me o Sr. Pato, que ainda cá está neste mundo para insultar a razão, como V. m. insulta a Sociedade. Com o devido respeito, até Sabbado.

ARTIGO II.

CRITICA.

ASsim como a Nação tem o direito de ser desaggravada dos tavernaes insultos do Correio Brasiliense, qualquer individuo da mesma Nação, tem direito de desaggravar da injusta agressão os fructos do seu trabalho, e do seu estudo. Assentárão estes dois Escritores Hippolyto, e Pato que o caminho de insultar, era o caminho de criticar, em ambos vejo o mesmo espirito, e estas duas cordas estão temperadas tão harmonicamente unissonas, que hum não diz huma palavra que não seja o écco da correspondente do seu amigo. Conheço que a respeito de Pato, me adianto ás vezes; mas estou certo, que isto mesmo parecerá comedimento, e moderação, a quem desapaixonadamente observar o tom de descompostura que este depennado, e depennando, conserva de cabo a rabo no infame Parallelo, chegando a tratar, fóra de toda a questão o Redactor da Gazeta com esta urbanissima formula — *O Lopes Redactor*; assim sahio da Officina Lacerdina: não acha outra palavra com que trate os meus pensamentos, e as minhas expressões se não com esta — *Tontice.* — Assim se chama a hum homem tonto, mas por hum homem *Pato*: ouçamo-lo a pag. 33 do Parallelo:

„ Que dúvida, ou implicancia póde haver que em *Ve-*
„ *nus* imaginasse Camões o Amor Divino, em *Mar-*
„ *te* a Divina Fortaleza, em *Thetis* a Divina Sabe-
„ doria, assim como em *Baccho* o Genio do Maho-
„ metismo, ou Lucifer?

Eu não posso crer que haja maior impiedade, e maior blasfemia que dar, e apropriar aos Atributos Divinos os nomes diabolicos dos Deoses do Paganismo. *Omnes Dii*

Gentium Demonia. São Demonios todos os Deoses dos Gentios, e dar os nomes dos Demonios aos Atributos constitutivos da Divina Essencia, não póde chegar a mais, nem o espirito de blasfemia, nem o espirito da loucura; e acha Pato, e achão Patos que isto não tem dúvida, nem implicancia alguma!!! Além da impiedade, e blasfemia, acha-se aqui em huma frase toda a geléa da demencia. — *Baccho*, o Deos do vinho, o rôxo Deos, o pampinoso, o Borrachão; filho de duas mãis, feito por Pato o Genio Mahometismo, cuja lei prohibe o uso do vinho com tão graves pennas! Ora Baccho, sempre como hum cacho, ou como hum odre, a inspirar a Mahomet, de quem era o Genio, a prohibição do vinho; he cousa nova! Só se Baccho estava emendado, ou talvez que estivesse moido de alguma formidavel lage que tivesse tomado, quando inspirou o *Profeta*, e quando começou a ser o Genio do Mahometismo. Tomados de Baccho estão tantos Chateausbriands com os seus Genios. Isto não he nada em Pato. O notavel vem logo a pag. 34 do mesmo Parallelão.

„ Mais desculpa teria (o Reverendo Epico) se com
„ o Traductor Casterá, imaginasse em *Venus* Maria
„ Santissima, em *Marte* J. C. &c., posto que esta
„ idéa seja extravagante — „

E então não acha o nosso Pato extravagancia imaginar em *Venus* o Amor Divino, (naquella Venus, a dos *desejos, que como era se enrolavão*) em *Marte* a Divina Fortaleza, (naquelle Marte que apparece nas *Divinas Divinissimas* Lusiadas trancafiado nas redes de Vulcano); isto para o Pato não he extravangancia! Cousa bem extravagante he aturarem-se estas extravagancias, e haver certos Sotanas de Collegio que passárão a vida em Syllabas, certos Amaros do Roboredo (julgados grandes homens porque em fim chegárão a saber que Gerardo da Vinha, Luiz Estupinhão, e Ambrosio, ou André Ckrasbeck, forão Impressores,) que dêm valor, e fossem cooperadores no Parallelo de Pato. Ora pois saibão elles todos, todos os Alfarrabios de Gerardo da Vinha, revolvão todos os im-

pressos antes de Quinhentos, emprehendão todos os Parallelos quantos ha no mundo, em tudo quanto acharem; não acharão cousa que faça comparação, e que entre em Parallelo com esta; olhem que não se encontra hum feicho de Ode Pindarica como o . . . . . .

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Fim do décimo setimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 18.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

SE alguma causa póde ennobrecer o Advogado que a defende, he esta de que voluntariamente me quiz encarregar. Nenhum impulso externo me obrigou, nenhuma força, nenhuma persuasão estranha me fez pegar na penna, e converter animosamente o estylo contra o mais injusto, e estouvado agressor que até agora tiverão os mais sagrados objectos. Unicamente o amor heroico da Patria, e a ultrajada honra da Nação, que tanto prezo, me obrigou a confrontar-me contra o Fantasma Hippolyto, o espantalho de mentecaptos, e escudo de preversos. He verdade que antevi que para cada letra que imprimisse teria huma affronta pessoal. O que se espera, não espanta. Ha huma só das minhas composições que não tenha levado a recompensa de huma affronta? Miseraveis

insectos tem apparecido em campo, para eu dizer sempre: „ „ ahi vem mais huma regateira. „ Ha quasi oito seculos, sou o unico homem Portuguez a quem se faz hum delicto de cada Livro que compõe, e a quem pela descompostura da pessoa, se intente responder á obra. Os nomes, Gouto, e Pato, são tão irrisorios, tão desprezíveis, tão viz, que elles se bastão á si mesmos para seus verdugos. O Frade Author das = quatro Cartas ao Fidalgo = cobrio-se a si mesmo de eterno opprobrio. Os Authores anonymos, que tem tomado a tarefa de mandar imprimir fóra, ou Satyras affrontosas, ou Apologías Sebasticas, pela sombra em que se envolvem dão a vêr a intenção, que os anima; sendo impossivel fazer-lhes crer, que descompor não he impugnar. Pope fez hum Mappa exacto dos improperios que lhe disserão, e nomes que lhe chamárão, citando os nomes dos Authores, e as paginas de suas obras em que se achavão aquelles galanteios que se podem vêr em algumas Edições da *Dunciada*; e este rol he huma das mais curiosas composições daquelle Poeta Filosofo. Algum dia me divertirei com outro tanto, mostrando que espirito anime alguns Portuguezes. Em huma Satyra da composição de Pato, e impressa pelo Hippolyto, se diz a pag. 13 em a nota 10 que = *J. A. se encabeçou de todos os papeis de Elmano*, = e que *tudo* quanto tenho publicado he obra de Manoel Bocage, usurpada por mim. Por estas contas he Manoel Bocage Compositor Profeta; porque, quem adivinhava em 1805, época da morte de Manoel Bocage, que nas ainda não pensadas invasões da Russia devia existir hum General Moscovita, chamado Kutuzoff, e que este devia vencer a batalha de Borodino; para Manoel Bocage lhe fazer huma Ode, ou que as Nações Alliadas devião passar o Rheno, e conquistar a França, para Manoel Bocage lhe fazer huma Epistola? Pois isto se diz, e isto se imprime em Inglaterra; e assim sou eu tratado; e as impugnações que me tem feito não são mais que testemunhos falsos, e injurias pessoaes que me tem dito. Nunca imaginei que ser Escritor animado da gloria da Nação, era ser hum criminoso! Este he o seculo, ou das raridades, ou das extravagancias. Quem se persuadiria que o criterio da verdade, para muitas almas de lama, que se julgão impugnadoras das obras alheias,

era este — vossê he hum facinoroso, hum malvádo, logo as suas Composições Litterarias para nada prestão? — Pois esta he a Logica do Grande Pedreiro, do Grande Politico, e desde que começou a fallar no Espectador ainda não conheceo outro modo de argumentar: porém esta he a maior prova de que não tem que dizer. Deixa ir á revelia a Causa, e para não dizerem que se cala, descompõe o Advogado que sólidamente o impugna. A Patria merece todos os sacrificios, ainda que seja mais arduo expor-se a descomposturas, que derramar o sangue; este derrama-se com gloria, e morre-se, porém devorar injurias he viver com infamia. Não importa. O Governo merece todos os respeitos como Governo, e o nosso além do respeito, merece amor. Cada hum dos seus membros he hum homem amavel, porque he benemerito; e se os Portuguezes o defendêrão contra hum inimigo que o atacava com a espada, porque o não ha de defender hum Portuguez contra outro mais barbaro inimigo, que devendo-lhe obediencia o ataca com a penna? Este inimigo cuida que he repellir o ataque injuriar o defensor. A Carta, ou a Cartinha que fecha o caderninho de Outubro, he hum documento da perversidade, e da demencia. Foi forjada em Portugal, e não se envergonha o seu Author de tão miseravel Diatribe? Concedo-lhe tudo, e ainda mais se quizer: vamos á consequencia desta concedida premissa. Será, Senhor, he verdade, a maior do seu argumento: a consequencia para ser ligitima deve-se encerrar nas premissas. Moro á Bombarda, minha Mãi morreo pobre, dei duas sonoras bofetadas no Letradinho, fallo alto em Igrejas grandes, vou a cavallo em hum Burro, ouço branduras, agudezas, e Freirices, componho Soes, Orientes, Occasos, trovoadas, empadas; he verdade tudo isto: vamos, Sr. Doutor, vamos á consequencia que se deve encerrar, e deve derivar-se destas premissas. *Ergo*, *ergo*, *ergo*, (grande *Ergotizador* he o Senhor!) o Hippolyto não he hum desavergonhado em atacar o Governo, a Nação, os Ministros; não he hum tôlo em dar ao Marechal General do Exercito a Patente de Inspector de Milicias, que S. M. não tirou ao Excellentissimo Sr. D. Miguel Pereira Forjaz; não he hum perverso, hum amotinador, hum assoprador de discordias, hum Revolucionario, hum Caraquenho, co-

mo lhe chamão os dois do Investigador, hum falso testemunhador, hum Enthusiasta Pedreiral, que se faz retratar com as insignias da ordem.... Como eu sou tudo aquillo, o Hippolyto não he nada disto. Ora obrigado, Sr. Doutor, he sua mercê o primeiro Logico do seculo 19. Quem me dera já vêr o seu Poema, por certo ha de ser tão bom Poeta, como he argumentador. Miseravel recurso he o seu! Defender o Hippolyto pelos suppostos defeitos estranhos, he Logica de Pedreiro. Se até aqui se costumava dizer — Essa he razão de Cabo de esquadra — diremos agora, essa he do Author da Carta? E que Carta!! podia o povo dizer em lugar do *chapéo*. Huma cousa tenho admirado, e he o applauso com que a Carta, e que Carta! tem sido assoalhada por certa Faculdade! Foi para ella hum triunfo. Muitas pessoas me tem dito, este, e aquelle Facultativo me mostrou a Carta, me exaltou a Carta, me exagerou a Carta! Com effeito só isso lhes faltava para se cobrirem do ridiculo que merecem!

Vamos ao Hippolyto, porque o Author da Carta não as perde! oh que lugar o espera!... O Hippolyto, que chama *Cães de fila* a homens que nenhuma relação immediata tem com o Governo (*Manda o Governo aos seus Cães de fila*) he verdadeiramente hum Lebrêo desaçaimado, he hum Molosso rabido, he hum Gozo derramado, he hum Podengo ladrador, he hum Perro encanzinado, em aos miolos lhe sobindo cousa que se persuada que póde detrahir a magestade, e a gravidade do Governo. Em o N. 3. do Espectador segundo Semestre, vem hum artigo communicado, onde com muita força, e calor se convence o Hippolyto de contradicções enormes, e calvas em materias de Politica, e não de Pedreirada, são cousas relativas a Fabricas, e Commercio de Portugal. Chama a isto o Hippolyto *huma Catelinaria* contra elle; e eu não sei se chame perversidade, ou demencia ao que elle diz. Tem chegado com a impostura, e a mentira ao verdadeiro estado de Fanatismo. Resolveo-se finalmente o Hippolyto a louvar hum acto do Governo — *Damos o merecido louvor ao Govêrno de Lisboa*.... Elle está bem pouco costumado a estes favores, e eu não sei que cousa mereça maior desprezo, se os elogios, se os improperios do Hippolyto. E porque he este louvor que o Catão Censurino,

o Reformador Geral da Europa se digna dar ao *Governo de Lisboa*? Porque, diz elle, o *Governo de Lisboa* mandou inserir no Espectador esta Catilinaria, não querendo que se publicasse *na sua Gazeta Official onde tudo deve levar o cunho da gravidade. E mandar esta obra para o Espectador, he mandalla para o Hospital dos Incuraveis que tal he o Jornal do Ex-Frade* = Com effeito acertou o Hippolyto com o nome ao Espectador? Hospital de Incuraveis, que he elle, e o Pato, porque não se emprega em outra cousa. Ambos insanaveis, hum com a mania de Politico, outro com a mania de Poeta! Não sei qual mais furioso. O Hippolyto no Gabinete, he o Pato no Parnazo, os versos deste, são os juizos daquelle — *tortos*, e por mais que os fustiguem, são incuraveis, e... *Damos o merecido louvor aos miolos do Hippolyto* por nos ter declarado o estado da sua saude incuravel; assim he o seu Camarada Pato. Vamos ao essencial. Ora na verdade, sendo tantos os cuidados, tantas as fadigas, tantos os negocios em que se empregão os Senhores Governadores, pelo caracter de que estão revestidos, que se póde dizer de cada hum delles em particular

„ *Cum tot sustineas, et tanta negocia solus* „
Como sustentes só negocios tantos!

podem alguma vez dar, ou permittir huma pausa ao pezo do Governo lendo o Hippolyto, e rindo-se do Hippolyto. *Caturra* Politico assim, ainda não appareceo! Chega hum homem a mim, e entrega-me o artigo inserido em o N. 3. do Espectador, passão tempos, chega a occasião, publico eu o artigo, porque era digno disso. (Nunca a Faculdade me offereceo nem offerecerá artigo algum desta natureza), sabe o Governo tanto da offerta, como da publicação, como sabe, ou adivinha que eu estou escrevendo isto hoje 11 de Dezembro ás 10 horas da manhã; e o Hippolyto com hum tom seguro, e affirmativo, como se elle estivesse assistindo a huma sessão do Governo (mas elle tem sua zanguinha áquella casa, e áquelle bairro para alli!) não só declara que o Governo não quiz que o artigo se publicasse na Gazeta, mas que mandou se inserisse no Espectador. E chama elle atirar com conjecturas ao

mundo, dizer que os Generaesinhos Franceses se evadírão de Malta por obra, e manejo Pedreiral, e não he atirar ao mundo com huma conjectura, mas affirmativa a mais destampada, qual he a *positiva* ingerencia do Governo em huma cousa de sua natureza tão frivola, tão insignificante, e até ridicula. Huma cousa que passa entre dois homens, hum que offerece hum papel, outro que o acceita, he para o Hippolyto huma acção determinada pelo Governo, e isto sem documento, sem testemunho, sem authenticidade alguma, sustentando as suas assersões na impudencia da mentira, e na liberdade da Imprensa. A Faculdade que tambem he Hippolytana ha de passar por estas arqueando as sobranceilhas, e encolhendo os hombros, e ainda que lhe salte aos estupidos olhos o destempero, como o Hippolyto o disse, disse-o Pythágoras, *Magister dixit.* Nem com a evidencia nas mãos aprendem a conhecer, e a desprezar o Hippolyto!! Hippolytinhos, já se me declarou qual seja a ultima trincheira a que vos acolhestes — He esta — Tanto ha de descompor o *Padre*, que elle ha se de calar — Vv. mm. mentem. Nem todas as espadas dos irmãos terriveis, nem o olhinho do irmão vigia me fazem calar: Vv. mm. não sabem que tempera tenha esta alma. Eu terei muita consolação que o mundo veja, que ás razões se oppõem descomposturas, e que vão dando materia a se alargarem as ensanchas a alguma estribaria azinina, que della só póde sahir a grande quartada a favor do Hippolyto, que o seu impugnador vai onde quer a cavallo em hum burro. O Hippolyto recebe em Londres a Gazeta de Lisboa, e o Espectador, pela simples leitura destes dois papeis não póde o Hippolyto conhecer que o Governo interviera neste, ou naquelle artigo inserido nos mesmos papeis. Eu escrevo em minha casa o que quero, e o que o Censor me deixa imprimir; o Redactor da Gazeta transcreve dos públicos papeis o que julga mais digno da attenção, e da leitura do público, o Governo nada tem com huma, ou com outra folha, isto conhece o Hippolyto, porque aqui nada se imprime sem Censores, e o Governo não he Censor, tem Censores sobre cuja probidade, e luzes descança. Estas noticias da supposta influencia do Governo são remettidas de cá. Quem poderia dizer ao Hippolyto em Londres que o artigo do N. 3 era

do Redactor da Gazeta de Lisboa? A indole, ou o caracter do estylo! Pois a cabeça do Hippolyto occupada com o Governo da Europa, e com a direcção de todos os Gabinetes, e com a resolução das Consultas que a toda a hora lhe estão remettendo os Soberanos do Norte, os Soberanos do Sul, o Hippolyto occupadissimo com a reforma dos Estatutos dos Pedreiros-Livres das Ilhas Jonias, que lhe mandou o seu Grão-Mestre Provincial o Letradinho de Malta, estava lá para as miudezas dessas combinações? A noticia he de cá, e a Sociedade inçada destes malvados padece com a sua existencia. O seu primeiro principio he infamar o Governo.

Tudo o que dizem os Hippolytinhos,
Vem logo dizer-nos o Hippolytão;
Deixando indecisos os nossos juizos
Qual seja de todos o mais toleirão.

Hippolytaida pequena. Canto 1.
Quadra 103.

Isto vemos nós no Author da Carta, e que Carta! nas promessas do Poema. Ora estes homens não se lembrárão que as Imprensas de Londres não são unicamente para elles? E se apparecesse a Hippolytaida Grande? Então o Governo seria desaggravado, e a Nação desaffrontada, então se descobriria a azinina conspiração, então se veria em público o odio a que em particular são votados os inimigos da Patria, os Hippolytinhos Idolatras. Basta por ora, o mesmo Correio Brasiliense nú, e crú, veja-se todo elle, observe-se a têa interminavel de calumnias com que tem maculado o nome, e a reputação de tantos homens conspicuos, e respeitaveis, a semente peçonhenta que tem espalhado, a desconfiança que tem querido estabelecer, e firmar entre os Membros do Estado, e a sua Cabeça. Tudo isto fundado naquella verdade, naquella boa fé, naquella evidencia, naquelles produzidos documentos, que elle allega, para affirmar que o Governo não quiz que se publicasse na Gazeta de Lisboa o artigo inserido em o N. 3 do Espectador, onde se publicára por ordem do Governo. E he possivel que se tolere este nojo! He

possivel que se não aprenda a desprezar o Hippolyto como hum fantasma da opinião? E he possivel que a Pedreirada tenha tido a audacia de nos tratar como crianças com o coco do Hippolyto? Pergunte este verdadeiro Energumeno, pergunte á sua mesma consciencia que mal lhe fez este Governo? Foi estabelecido depois da sua criminosa fugida do carcere; as medidas que tomou na temporaria remoção de alguns individuos, de cuja boca eu ouvi horrores, não o comprehendèrão a elle. A parte que elle toma nisto como membro de tal corpo, he gratuita, e voluntaria. Porque não apparece elle com a sua justificação! As Sentenças tambem se reformão. Se o juramento da Seita o obriga a defender os irmãos busque ao menos a apparencia da verdade, e não cuide que os insultos ao Governo são a innocencia dos Réos. He hum dos mais solemnes mentecaptos do nosso seculo, Escritor a tôa, he o homem das imputações gratuitas. Hum cão que ladra, porque o páo está longe. Vejão que duas respostas me tem dado ao que lhe tenho dito sobre a intenção do seu Correio relativamente ao Governo? A primeira foi o Sermão Chanfana sobre a caridade do proximo, e amor dos inimigos; a segunda foi a Carta, e que Carta! do homem a quem vai apparecer o Diabo, o *Asmodeo*, o Heroe do seu Poema do Poeta, que faz destes versos —

Cum-pre outra ora que a fan-te-zia es-cal-des

E não se envergonha o miseravel! e por fim, nem huma, nem outra cousa he do Hippolyto, ambas de cá são mandadas, porque he tanta a harmonia que reina entre estes Senhores, que em se tocando huma corda em Londres, sôa outra unissona em Lisboa. Fiquemos então nisto, Sr. Hippolyto, a sua resposta he esta — Na Sociedade dos Pedreiros-Livres (*bella, e util Instituição!*) tem entrado homens de bem, e J. A. vai a cavallo em hum Burro. Respondo ao primeiro, que se entrárão homens de bem, lá se fizerão, e lá ficárão huns patifes, e se eu ando a cavallo em hum *Burro*, he porque os conheço a elles — Ora sem mais ceremonia, vá a cobrir, até Sabbado.

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato.

SE as invectivas do Hippolyto enjôão a razão, a malignidade de Pato não a fere menos: são dois embrulhadores cada hum por seu feitio; ambos se enganárão, porque apparecendo com ar triunfal, forão, e serão tosquiados onde vierão buscar lã. Respondo hoje ao moribundo Pato com seriedade, pois não quero que elle até morra a rir-se do que fez: ouçamos o que elle diz a pag. 34 do chamado Parallelo.

„ Conheceria o Reverendo Epico as intenções de Ca-
„ mões o qual claramente se vê que usou das deno-
„ minações, e alegoricamente das imagens Mytholo-
„ gicas por imaginar como depois Boileau, que

„ De la foi d'un chrétien les mysteres terribles
„ D'ornemens égayés ne sont point susceptibles;

„ arrojando-se por isso, como diz Petronio — *Per am-*
„ *bages, Deorumque ministeria.* „ *Mais Pato não póde ser!*

Notemos: Camões, como diz Pato, servio-se das Divindades Pagás, porque os mysterios da Religião são terriveis, e não susceptiveis dos ornamentos da Poesia. Mas Pato tinha dito que Camões entendia pelas Divindades Pagás os atributos Divinos; Venus o amor divino, Marte a Divina Fortaleza, Thetis a Divina Sabedoria (Parallelo pag. 33) Logo se por isto entende as Divindades Pagás, serve-se Camões dos mysterios da Religião para o Machinismo do seu Poema, e vem a fazer o que diz que não faz, pela

mesma confissão do Pato. Serve-se das Divindades Pagãs pelo medo dos Mysterios da Religião, e pelas Divindades Pagãs entende os Mysterios da Religião. Parecem gemeos no discorrer Pato, e Hippolyto! Fallar no Diabo pelo seu nome, isso não, porque he mysterio da Religião; entender por Baccho o mesmo Diabo, isso então já não he; vem então por isto a servir-se, e a não servir-se da mesma cousa? Depois desta tão calva, allegar com o Pagão Petronio Arbitro para defender o uso da Mythologia em hum Poeta Christão como o Camões, he mesmo.... o que? o seu nome; Pato!! Quanto a Boileau, cuja authoridade tem pezo nas frioleiras Poeticas, nisto não lho concedem, porque he huma asneira, os mesmos Authores Francezes para quem elle foi o Legislador do Parnazo. Nem o Sr. Voltaire, Author da Gazeta Poetica, o seguio na Liga, ou Henriada. Boileau não se lembrou do Grande Tasso, nem entendia Italiano, pois se o entendesse não chamaria Ouropel (*Clinquant*) ao mais perfeito, e admiravel Poema, e superior pela grandeza, e regularidade do Edificio a todos os antigos, e modernos. Mas para mostrar a Pato, e a outros Patos como certos Professores Rhetoricões que tem a mania de criticar á tôa, que Boileau não mostrou juizo nos dois citados versos, bastará ouvir Batteux em huma nota ao mesmo Boileau — ,, Apezar do respeito devido a Boileau não nos podemos capacitar, que se viesse ao mundo outro Homero, não achasse na Historia da nossa Religião materia capaz de exercitar o seu talento. Não faria trovejar Jupiter sobre o Ida. Venus, Marte, e Neptuno não virião á pancada no campo da batalha. *Mas com que rasgos nos pintaria o Deos, que creou o Universo com huma só palavra? que ordena tudo, que dá a vida, e movimento a tudo!* Talvez tomasse por assumpto, ou a Queda do primeiro homem, ou a Conquista de Jerusalem. = Poria em acção, ora o mesmo Deos, e o seu Verbo, que tanto brilha no Poema de Milton; ora os seus *Ministros, os Anjos das Nações*; = *ora o inimigo do genero humano* (o diabo, Sr. Pato, que V. m. tanto escarnece com sua amarella graça) seria, ou mostrar-se-hia o Poeta inspirado como os Profetas, tomaria o mesmo tom de revelação: *o estylo oriental da Escritura lhe serviria de modelo.* ,,

Eis-aqui o que fiz, Sr. Pato, eis-aqui qual deve ser o Machinismo, e quaes os agentes sobrenaturaes de que deve usar o Poeta Christão em hum Poema Christão. Que virtude entende V. m. pela Ninfa Efire atraz de quem vai o Leonardo correndo, e a cujos lombos atira com hum verso Italiano, que roubou ao Soneto 42 de Petrarca? *Oh! que famintos beijos na floresta, e o que mais passão na manhã, e sésta*; que entende por isto? Nada máo, porque Thetis, diz V. m., que era a Divina Sabedoria. *E as alvas carnes subito mostradas*! oh! essa he do homem da Carta, e que Carta! A Ilha era huma Cartuxa, hum Bussaco, bastava ser acarretada por Venus aos empurrões, como diz Camões, e eis-aqui porque tambem eu digo que

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Fim do décimo oitavo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 19.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

AInda que o Hippolyto por si mesmo se não tivesse dado a conhecer qual he aos homens de bem, que por certo formão a totalidade da Nação Portugueza, desde a sua reversão a este Reino, carregado dos conhecimentos *da plantação, e cultura da virginia*, em que gastou dois contos de réis, sem nos trazer nem hum charoto: ainda que como escritor se não tivera já dado a conhecer á Republica das Letras com o Tratadinho Do Papo Americano, molestia do seu Paiz, parecendo cousa do Destino, que começasse pelo Papo quem tanto se preparava para fallar de papo; bastava para se conhecer este homem, constituir-se elle, como escritor em Inglaterra, o canal da maledicencia, e da perversidade alheia. Não he isto atacar o homem pela parte moral, ainda que seria huma fiel correspondencia á sua conducta,

porque sobre os números do Espectador, que elle protesta ter visto, não tem feito mais que vomitar affrontosas personalidades; he preciso isto para o conhecermos de todo, e para o conhecermos bem. Vivem entre os Portuguezes, que geralmente são bons homens que, posto hajão nascido em Portugal, não se devem chamar filhos da Patria, e, ou porque tenhão dado o seu nome á Sociedade Pedreiral, viveiro de todos os males, ou porque se lhes antolhe algum fantastico motivo de queixa contra o Governo, que certamente os não promove, nem considera, porque são huns hebetados, e huns tarecos Doutores de Loja de ferragem, &c. vingão-se, ou em escrever (graves, e profundos Estadistas!), ou em fallar; e como annunciarem-se aqui Authores seria desafiar huma cousa chamada a solêta do carrasco, ouvindo chamar ao Correio Brasiliense o *Armazem* (dos contrabandos), como as Imprensas Inglezas; são Porto-franco destas fazendas, mandão de cá depositar no *Armazem* as suas drogas. Eis-aqui o que constitúe a essencial immoralidade do Hippolyto. Conhece as intenções destes meninos, e voluntariamente se faz instrumento das suas vinganças particulares, duas vezes réo, a primeira porque conhece o mal, e o abraça, a segunda porque como seu o communica, e he verdadeiramente o seu Jornal em Londres, o que he a Estatua de Pasquino em Roma, onde se prégão, e pegão as invectivas, e as descomposturas. Se reduzirmos a problema quem sejão mais perversos, se os que de cá mandão, se o que lá publica, eu sempre resolverei que o publicador he mais culpado. E que diremos, quando este publicador he pago? Mas ou lhe paguem os Sermões que lhe encommendão, ou elle espontaneamente os faça como Missionario Propagandista de discordias, revoluções, e quimeras regeneradoras, sempre he hum homem de nenhum senso, isto he, de nenhum juizo; e se alguma dexteridade lhe querem dar os Hippolytinhos de cá, he muito pueril. Como combatente em duélo posso chamar-lhe hum fraco, hum maricas, hum melaço, hum cobarde, e dizer-lhe o que Antonio Vieira dizia aos de lá: — Nós em Portugal costumamos tomar para sobre-nome, o nome de algumas arvores do nosso Paiz; ha F. Carvalho, Pinheiro, Nogueira, &c.; porque não seguem a mesma marcha, tendo no seu Paiz, huma arvore chamada Banana? — Deixemos este sarcasmo de tão gran-

de engenho, então começavão as cousas; supponhamos isto. He hum cobarde, porque visivelmente foge da questão. Ainda lhe não ouvimos huma palavra que destrúa, e anniquille o que lhe tenho dito no Espectador, e elle tem vagarosamente lido. Quer impôr ao mundo que me responde, envolvendo em huma mesma resposta o Investigador, e o Espectador; para isto era preciso que mostrasse a identidade de ambos os papeis. Isto diz elle, mas isto não he assim, isto he huma escapatoria á Pedreira; ouçamos as suas palavras, porque o Hippolyto ha de ser pulverisado pelo que diz o Hippolyto. Pag. . . . 472 do Folhetinho de Outubro de 1816.

„ Foi já em outro tempo nossa sorte termos de ata-
„ car, e defender-nos destes dois antagonistas, e con-
„ tinuaremos gostosamente a fazello . . . E como aquel-
„ les dois Jornaes são semelhantes em tudo (excepto
„ no Volume) huma só resposta servirá a ambos; e
„ alcançará tambem o apendiculo do Redactor da Ga-
„ zeta de Lisboa . . . .

Em primeiro lugar, mente . . . oh! mente a hum Jornalista, (ou Jornaleiro, porque lhe pagão) a hum Jornalista que está escrevendo em Inglaterra! Sim, Senhor, mente. Em que tempo assestei eu bataria alguma contra o Hippolyto? Quando me atacou, ou quando se defendeo do meu ataque? Que escrito meu appareceo contra o Hippolyto, antes do segundo Semestre do Espectador, que foi, e continuará a ser a merecida, e incessante tunda do Pato? Ainda agora mesmo, qual he a defensa do Hippolyto? Chamar-me energumeno! Publicar a estouvada Carta de hum Galeno do Tejo, ou do Inferno, que se assigna Menkenio Teiguéra, em que produz para defensa dos Pedreiros-Livres, morar eu á Bombarda, ir a cavallo em hum burro, dar dois sopapos na calva de hum Jurisconsultinho, a quem os rapazes quebrárão as vidraças, e apupárão no dia da *gloriosa tornada* dos Farropilhas *vencedores* nos Campos do Vimeiro, por me dizer que Bonaparte era o *Mancebo mais justo que Deos tinha mandado á terra*, quando envenenou setecentos doentes no Hospital de Jafa, pelos não levar comsigo, quando fugio a cavallo em hum camelo das muralhas de S. João de Acre?

Mas o homem he morto, não me digão que assim fallo, porque he morto!! He resposta que o Hippolyto me dê ao que lhe digo, dizer a Carta que fallo alto, quando fallo em Igrejas grandes? Talvez que quem escreveo a Carta tenha voz de sovelão. Se isto he atacar, e defender-se, isto he moderno, não he antigo; logo mente o Hippolyto, quando diz, *foi já n'outro tempo nossa sorte termos de atacar, e defender-nos destes dois antagonistas* — Ainda mente mais o Hippolyto. Que digo eu, mente mais? Mente sempre. *E como aquelles dois Jornaes são semelhantes em tudo....* Ora isto he querer metter os dedos pelos olhos á gente! O Investigador, e o Espectador, parecem-se tanto como hum requeijão com a ponta de hum espeto, ou como o Hippolyto com hum homem de bem. Que parecença tem o mólho de borundangas do Investigador, com o Espectador? Passou o Investigador ás mãos *Lauretanas*, e veio logo a Dissertação do Deos *Endovelico*, que o defunto irmão tinha composto; vierão as propostas de Colombo a ElRei D. João II., obra da mesma mão, vierão as altercações Medicaes sobre bazalicão, e charope de amóras, *et reliqua*, que se vende na Botica. Vierão noticias Gazetaes sediças, veio o que vem no Investigador, cousa nenhuma; porque os laboradores, e collaboradores do Investigador, (trabalhem nelle os que de cá fogem, e os que lá estão homiziados) nunca tiverão alma de atacar o Hippolyto em frente; apenas tiverão summa graça em *o embaçar* com a falsa noticia da liberdade da prensa no Brasil, e como este objecto he hum dos primeiros votos do regenerador Hippolyto, desfez-se, descoseo-se todo em fartos elogios ao Conde de Linhares, de quem lhe disserão que era a lembrança, e a determinação; e quando vio que o documento era supposto, e que o tinhão bigodeado, desembéstou-se, ou desencabrestou-se nas costumadas invectivas contra tudo, o que dizia relação ao Conde de Linhares. Se ha identidade em papeis, ou se ha papeis identicos são o Investigador, e o Correio Brasiliense na materia, e na fórma, no material, e no formal. Ambos iscados da mesma mania, e a cavarmos bem na raiz da cousa, ambos tem as mesmas intenções. Eis-aqui huma cousa que parecerá nova. O Hippolyto he máo com mais sinceridade, o Investigadorzinho he mais dissimulado, mas he igualmente venenoso. Ambos

tem correspondentes, ambos recebem papeis. Se os do Investigador fazem *recordações* ao Hippolyto, este Archi-reformador tambem póde mandar muitas lembranças aos Investigadores antigos, e modernos. Mas, em que eu os acho perfeitamente identicos, he no seu effeito — Nada. — Que vantagens se tem seguido da publicação destes dois Caderninhos menstruos, ou mensaes? Lisongear o prazer que alguns estouvados tem de dizer mal, ou de ouvir dizer mal. A indignação geral tem elles merecido, porque nenhum homem de sizo se persuadio que taes escritores erão capazes de dirigir a opinião pública. Ora consideremos o Hippolyto, não diga algum desgarrado do Investigador que por cá ande, que lhe vou ao fole, ou ao fato antes de tempo; descance, elle, e elles, que eu gosto de pagar as minhas dividas. Consideremos o Hippolyto, este réo público de Lesa Soberania, e de Lesa Nação. Tres partes tem o tal Correio, Litteraria, Economica, e Politica. Que vantagens tem tirado este Reino da parte Litteraria do Correio? Hum, ou outro papelinho mandado de cá, e que não devera apparecer nem cá, nem lá, chegando para engordar o Caderninho até a inserir os Diplomas, as Actas, os Decretos, os Avisos, as noticias, as orações funebres, as Dietas do Monte Pio Letrado, cousa com que o público estava já enriquecido bem contra sua vontade, e cuja inteira collecção não fallece, nem fallecerá jámais no Gabinete do Sabio, e do Amador. Longas paginas, que contém o Catálogo do diluvio das obras publicadas em Inglaterra, sem que destas mesmas obras nos dê o mais ligeiro extracto, porque disso não he capaz o Hippolyto, contentando-se em transcrever o Titulo nú, e crú, cousa que qualquer rapaz da escola poderia fazer, sem ser Jornalista em chefe. Eis-aqui a parte Litteraria do Correio Brasiliense, e o grande progresso, que por este meio tem feito em Portugal as Sciencias, e as Artes, e o notavel melhoramento da nossa Litteratura, depois da publicação deste patife, e incendiario Jornal, ou Botafogo! E ouvi eu chamar com os meus ouvidos (mas a hum respeitavel Facultativo) ao Correio Brasiliense „ a Lanterna que os Soberanos levavão na mão pela difficil estrada do Governo. „ Que tal está o — Recipe? — Consideremos a parte Economica: sendo hum Pedreiro hum Genio transcedental, não he hum adivinhador. Se vemos no Correio Brasi-

liense transcritas algumas Ordens, Portarias, Avisos dos Senhores Governadores do Reino; se alli vemos resoluções de Consultas, Providencias dadas, e até medidas tomadas pela Policia, tudo isto he muitas vezes mal, e maliciosamente trasladado, e mandado de cá. Nós já temos visto tudo isto, porque a nós se dirige, e os caminhos do Governo não são tenebrosos, e nada nos vem dizer de novo. As Leis, os Alvarás, os Decretos, que S. M., que Deos guarde, publica no Brasil, aqui os vemos, aqui os temos. A marcha que tem os contratos, as arrematações, os negocios he cousa descoberta, e patente. O Governo de Portugal não he o Divan, nem os Senhores Governadores são Lamás, que procedão com mysterio, ou fallem entre cortinas: tudo he patente, porque isto não he o Governo da oppressão, he o Governo da Justiça; não são os Directores Sansculotes, são os homens de bem da Nação. He verdade que o Hippolyto ajunta a tudo isto as suas interpretações, e reflexões, mas nisto mesmo consiste o seu crime, e o seu maior crime, porque nunca estas reflexões se encaminhárão a outra cousa mais que a indispor o povo contra o rectissimo Governo. Procura o Hippolyto combater no Correio a propria, e pública experiencia. O povo sentindo vantagens reaes, e o Hippolyto dizendo-lhe que he mal governado na parte economica, que he a que de mais perto toca ao mesmo povo; porque ao povo importão mais azeites, e vinagres, que a batalha de Marengo, e o grande *Oriente* de París. Nunca o Correio Brasiliense propoz hum bem para se fazer, sempre disse mal do que já está feito. Diga, Sr. Hippolyto, diga V. m. o que quer, para nós não fazermos senão o que V. m. quizer, e desculpe, Sr., por bondade, e por aquella humanidade que lhe he tão natural, alguns descuidos que haja na parte economica do Governo do Reino; muitas vezes são casos que instão, e a necessidade da prompta providencia não dá lugar, nem a sabermos a sua vontade, nem a consultarmos as suas luzes. Olhe: porque não vem V. m. para cá, V. m. então veria que tal era o Governo, pois certamente começava por lhe fazer justiça aos seus talentos, luzes, escritos, patriotismo, e sobre tudo ao seu pescoço.... Se ha de ter o trabalho de reprehender o que nós fazemos, venha-nos dizer o que devemos obrar, venha, e cá lhe dirão. Na Relação tambem ha Promoções, verá como V.

m. vai ter ao lugar mais alto. Sem ironia, e não *allegoria*, como diz o toleirão Author da Carta, sem ironia, Sr. Hippolyto, a intenção que V. m. teve, e tem de illustrar a Nação no seu Correio, he baralhar a mesma Nação, com aquelle espirito de Anarquista que he o quarto voto da respeitavel ordem Pedreiral. A parte Politica do seu Folhetinho he a mais tediosa, e inutil que se póde conceber: se a Inglaterra chegão mais depressa as noticias da America, e do continente, a differença he de dias, tambem cá nos chegão taes, e quaes, e depois da chamada Restauração Franceza, as Gazetas deste Paiz, e as suas Camaras, juntas, reunidas, aprazadas, dissolvidas, (porque a França depois de tantos bolêos, e sustos, ficou de camaras); chegão muitas vezes mais depressa a Portugal, que a Inglaterra, e sobre este já tão inutil artigo de nada nos serve o Correio Brasiliense, porque nem ao menos com bons, e honestos desejos promove o melhoramento da Nação na parte Litteraria, na parte Economica, e na parte Politica. Este Correio traz sempre hum rabo leva a que elle chama a — Correspondencia. — Isto então não he obra do Hippolyto, he obra dos Hippolytinhos. Não me consta que nenhum dos que remettem papeis ao Hippolyto, e lhe escrevem Cartas assignasse ainda o seu nome; tudo são obras anonymas, e he má neste genero a producção, quando o seu Author não quer apparecer. Ora o Sermão de Setembro, sendo huma cousa tão justa, e tão santa, e que tanto persuade o perdão das injurias, e o amor dos inimigos, porque não traz o nome do Prégador que o fez cá, e para lá lho mandou! Declare-se, declare-se, olhe que vem chegando a Quaresma, não defráude o Público deste Chrisostomo..... O Author da Carta assigna-se Menkenio Teiguéra, nome, e sobrenome desconhecido. Que Menkenio escrevesse da Charlatanaria, póde ser; porém Menkenio Charlatão, só elle! Os correspondentes do Hippolyto, são os Denunciantes, são os Espias da Nação, são os preversos, os revolucionarios, digamos tudo, já que ha nomes que valem discursos, são os Pedreiros-Livres, e assim como a Seita he do Mysterio, tambem o seu nome he o segredo, e bem o merecem....

Folgarei muito, Sr. Hippolyto, que mostre as *caracteristicas* do Investigador, e do Espectador, já que diz

que são semelhantes em tudo. Mas ao menos V. m. ha de achar no Espectador, o que não acha no Investigador: — A verdade, e depois o ataque franco, e sem rebuço que eu lhe faço, partindo, não de falsas supposições, mas de seus mesmos principios, de suas palavras, e de seus incendiarios discursos. Não me diga — *Trataremos com mais brandura o Energumeno Ex-Frade* — Despregue toda a sua força, vase o chorrilho das nomenclaturas affrontosas que quizer, estou certo que nunca ha de oppor huma razão a outra razão. Dirá sempre o povo, o Hippolyto he huma Regateira, mas não he hum Logico. Póde dizer tudo, porque póde imprimir tudo; eu podia dizer mais, mas não posso imprimir tanto. V. m. porque me não póde responder, com arte Pedreira mette a cousa no escuro, e diz que huma só *resposta servirá a ambos* ao Investigador, e ao Espectador. Veja que são mui diversas as materias de ambos os papeis. Que parentesco tem a Alampada de Davy se se apaga, ou não apaga nas minas, com a grande, e luzidia calva que lhe ponho á mostra no Espectador, fazendo patentes as suas revolucionarias intenções, que são as mesmas pelas quaes a *veneravel* Irmandade tem sido enxotada a páo do globo, depois que Vv. mm. vencidos pelas armas, não poderão influir como até alli tinhão feito nos Soberanos, e nos Generaes, que empenhavão estas armas para combaterem, e destruirem, como já fizerão de todo, este Imperio da oppressão que por tantos annos fez gemer a terra! Se as materias são diversas, a resposta não póde ser a mesma. Mandem-lhe embora os Hippolytinhos de cá quantos papeis quizerem (se me pedissem a Hippolytaida, eu lha daria para V. m. se consolar); virão descomposturas, mas não virão razões: não lhe digo que se esqueça do homem, porque eu não sou capaz nem de mostrar nisso fraqueza, mas não se esqueça do Espectador, que capricha de o pulvarisar, não com documentos que se lhe communiquem, mas com os seus mesmos escritos, que em ultima analyse não nos dão mais que o Hippolyto no pregão tremendo do Carrasco Hespanhol: — O Hippolyto inimigo dos Thronos, o insultador dos Monarcas, o corruptor dos povos. — Hippolytinhos, eis-aqui o vosso homem!!!

ARTIGO II.

CRITICA.

HUm Professor de Rethorica fez huma Tragi-Comedia, e huma das Personagens, não sei se era o Protogonista, era hum cão que vinha á Scena, e declarava quem fora o assassino de hum homem; custou muito a ensaiar o Cão, porque tomando sua quizilia ao Ponto lhe mordeo huma vez na cabeça, que era muito grande. Este Professor de Rethorica ensinava os tres generos Demonstrativo, Deliberativo, e Judicial por tres Sonetos que erão da sua Lavra, e que elle trazia comsigo em huma carteira muito ensebada. Este Professor de Rethorica fazendo-lhe hum seu Discipulo huma Ode em prosa, elle a reduzio a versos, e entre elles, me lembra (e ha que annos!) ler hum que chamava á *neve azul*, ei-lo.

„ O plano trilha da *Cerulea* neve;

Neve azul!! Diz mais na mesma Ode, que he Pindarica, que hum homem viera do Brasil, voando com azas de brim (se as azas de páo se não guardárão para este Poeta, não sei então para quem sirvão; para o Magrisso se fosse vivo?

„ E nas azas de *brim* ao Tejo vôa,
„ Na que dezenha ideal campanha...

Ora vejão que falta me fazia o Pato, no caso de se

lhe fazer *Apotheóse* ao seu tranzito, tendo eu destes, e d'outros que taes as duzias, e aos quarteirões? Porém como ainda cá o temos em vida, não o deixemos. Assim o pede a razão, porque tendo eu destruido victoriosamente quantas ridiculas objecções, e mais ridiculos reparos elle ajuntou no Parallelo, convencendo-o, colhendo-o ás mãos, como se apanha hum Pato pelas azas, pelo rabo, pela guella, e sempre com as suas mesmas palavras, mostrando sempre no seu Camões em pior aquillo mesmo que elle em mim reprehende; ainda existem Professores que clamão, ou berrão que não estão destruidas as objecções de Pato, ainda mesmo vendo-o sem poder piar, nem grasnar. Huma das cousas que mais reprova o Pato, e em que mais embirra, e grasna he na introducção do Agente, principio do mal, o Diabo: este Diabo tem pés de cabra, he hum Trasgo, faz tropelias, e outras criancices dignas do Critico, quando eu o apresento com a dignidade propria do caracter de inimigo do Ceo, e da terra, como fez Tasso, formando pela força diabolica do Encanto, obra de Satanaz, bosques encantados, Ilha de Armida, seus Palacios, seus Jardins, seus Papagaios, que tudo vai pelos ares como nuvens, apenas chega Ubaldo, e o companheiro, e sahe Rainaldo. Milton assim o emprega, o mesmo Voltaire, &c.; e reprovando isto em mim, diz a pag. 33 do Patal Parallelo — Que *Camões entende por Baccho a Lucifer* — Ora eu creio que Lucifer he o Diabo. Pato o diz, e assim he. Baccho he Lucifer, Baccho he o Diabo. Eu faço excitar tempestades, povoar com lúgubre magnificencia Ilhas desertas, levantar Palacios, despedaçar montanhas de gêlo, conduzir os pedaços pelas ondas; nisto ha grandeza, he hum grande Diabo. No Baccho de Camões (que he o Diabo) ha os papeis mais ridiculos a que até o mesmo Diabo daria huma rizada. Moçambique tambem he huma Ilha; pois lá está o Diabo de Camões, não levantando Palacios, mas fazendo Igreginhas, e elle vestindo-se de Clerigo velho — *Santas aras, e sacerdote santo*, fez que naquelle dia fosse Thesoureiro, foi ao Thuribulo, e o que mais he, pinta o Diabo de Camões, que he o Baccho por confissão de Pato, hum Painel da vinda do Espirito Santo, vindo — ,, *a candida Pombinha debuxada sobre a unica Fénis, Virgem pura.*

Ora quem apresenta o Diabo mais ridiculo Camões, ou Macedo? Ora na verdade, andem por onde andarem, se isto não são provas, então

São provas do que eu digo,
Roliça Badajoz, Pombal Rodrigo.

Fim do décimo nono Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 20.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

QUe os homens de Letras vivão eclipsados, he cousa tão vulgar, que já não admira pela sua muita frequencia; mas que se eclipse sem se lhe poder pôr a vista em cima *o homem das letras, e tantas letras*, he cousa pasmosa!! Mas em fim, assim como ha homens de letras gordas, tambem ha homens de letras falsas. Só ha esta differença; protesta-se contra os impostores das letras gordas, e contra os impostores das letras falsas não se protesta; protestão-se as letras. Eu creio que o homem das botas não deo tanto que fallar, como o homem das letras, mas ha com effeito certa homogeneidade, em hum, e outro caso, em ambos ficamos com a boca aberta á espera de hum que passasse o Tejo, e de outro que o passou. Boa Viagem! Hum deixou muito riso, e muita fome; outro muitas lagrimas, e muita bolsa vazia. Hum assobiou ás botas, e outro deo aos calcanhares; ambos nos chamárão tôlos, hum porque se não vio, outro porque desappareceo, hum nos deixou com o queixo cahido, outro com as mãos abanando. No primeiro caso ouvi dizer: — Ah! bom chicote! E no segundo — Ah! boa fôrca! O homem das botas deixou muitos sem jantar; o das letras pôz muitos a caldos de gallinha. Tudo isto são enigmas, que só póde explicar o seculo presente! Lá se avenhão. Eu no segundo caso tambem tive que sentir; he verdade que me não ficárão cá as letras, não vi as do Hippolyto, porque o homem das letras as distribuía, e para tudo levar até levou o Hippolyto; joia importante, que onde quer que for conhecida, e estimada, a pendurarão do pescoço, ou pelo pescoço: o certo he que até hoje 6 de Janeiro ainda não vi o Correio Brasiliense, nem se

me mandou segundo o costume, o extracto do que me pertence, ou de alguma das suas taludas relativamente a este Reino, em cujo melhoramento, e prosperidade, elle tem trabalhado tanto; he verdade que esta gloria adquirida pelas fadigas empregadas em vantagem nossa para representarmos alguma cousa neste mundo, e para ter Portugal lugar no globo, como nos promettião, e hião dando os Francezes, não he só do Hippolyto, tambem deve a maxima porção aos peiores que Hippolyto, que são os que de cá ajuntão, e envião os documentos necessarios para esta grande obra da nossa regeneração Pedreiral. He verdade que pôr os pés em Inglaterra, e morar em algumas aguas furtadas de madeira alcatroada em algum beco de Londres he metter logo a Encyclopedia na cabeça, e ficar mais sabio que Isaac Newton, ou Paulo Sarpi; mas com este dom da Sciencia adquirido em Londres para compôr hum Jornal com o que lá tem, e o que de cá vai, não lhe dá o dom da adivinhação, se os da Confraria Innocente, peiores que Hippolytos, ou como Hippolytos lhe não mandassem de cá as fazendas da patifaria á commissão, e se estes espiões malevolos não fossem denunciar a hum cão derramado, quanto neste Reino póde (o que he mentira) apresentar huma face ou fraca, ou de sinistra interpretração. Quantas provas poderião aqui confundir Patos, e C...!!! Este commercio da perfidia, e da traição dura entre nós ha muitos annos, e os que em Portugal se não podem vingar sem fazerem do Limoeiro a jornada Oriental, donde não tornarião pelo seu pé, desafogão, ou exaltão o veneno no commercio epistolar com o Jornalista Rodamonte, ou o vão *Rugeiro*, que até agora, como o Collosso de Nabuco, tem espantado, porque se lhe não olhava para os pés que erão de barro. Mas a pedra que o pulverize, não ha de cahir despegada do monte sem mão, ha de ser sacudida pelas minhas mãos, e dirá o mundo a rir: = Lá vai o Hippolyto corrido á pedra, mas lambendo os beiços por escapar da Praça de Tyburn (este Tyburn, he o Caes do Tojo de Londres); e nós, como sabemos onde fica Santa Apolonia, conhecemos que Caes do Tojo he! Deixemo-lo pois em Tyburn, e para mostrarmos que ainda ha piedade, fique em Fleet que elle sabe que he a Cadêa onde esperão a morte os devedores que não podem pagar suas dividas, assim como elle faz, pois até agora não tem pago nem pagará com as suas respostas o que lhe tenho dito, tão fundado em razão, que não tem outra em contrario; mas se elle me não paga o que me deve, pagará nas minhas mãos o que tem feito.

Este frenetico declamador contra o Governo, este

público Censor do genero humano, vendo-se atacado em frente, ladêa, e o maior indice de sua fraqueza he a Carta que inserio no Caderninho de Outubro no artigo — Correspondencia; — he preciso que ella tenha huma particular resposta: a geral todos lha dão, e não podem considerar aquella miseravel producção sem se rirem do Hippolyto. Tudo o que alli diz não tem parentesco algum com o que se lhe tem dito; justifica-se acaso, ou destroe a idéa que tem dado de hum Revolucionario, de hum faccioso, de hum Demagogo mais brutal que Marat, ou Barrere, com a arguição que me faz das cousas mais insignificantes, e mais futeis, e das quaes nem regateiras se lembrarião? Mostra que he pura a Moral, justos, e sãos os principios do Massonismo, sociaes e beneficos os procedimentos desta maldita Seita, verdadeira peste do genero humano, ou deste mólho de toleirões, e golosos que nem sabem o que querem, e que errárão para seus mesmos fins os passos desde a convocação dos Estados Geraes, com quatro chufas insulsas, quando a cada huma dellas posso oppôr hum mihão de *Chalaças*? Destroe acaso os damnos indirectos que tem feito a este Reino com suas caninas invectivas, chamando, sem conhecer a força, e a significação das palavras, e a propriedade dos termos, — *Allegoria* — á Carta, sendo huma manifesta descompostura brejeiral, tendo apenas huma, ou outra clausula a que podia chamar *Ironia*, e não *Allegoria*? Esta resposta he dada pelo público. — Vossê vai a cavallo em hum Burro aos longes; — bom Burro he elle que póde ir aos longes, porque os Burros são para pouco, e são para perto; bem de perto os tenho eu visto, conhecido, considerado, e premiado.... Ora pois a Carta deve ter resposta, seja o Hippolyto o seu Author, ou seja Pato, e companhia, quem a escreveo até não sabe Grammatica; irá palavra por palavra sem lhe escapar huma syllaba, eu nunca serei arguido de citação falsa. — Cor. B. de Outubro de 1816 pag. 530:

„ Muito dó tenho da sua pessoa, agora sim que o seu Cor-
„ reio vai a não ter quem o leia sendo cégo, porque o Ca-
„ mões da Bombarda (*o Pato sabe que escreveo isto, elle he*
„ *o inventor desta frase*) Ex-Cappelão do Exercito da Penha,
„ o Presbytero Secular José Agostinho de Má-sede, tomou
„ a tarefa de analysar o que V. m. escreve junto com o
„ seu Caudatario, o Gazeteiro de Lisboa. —

Temos aqui em boa Grammatica, e melhor Sintaxe o Gazeteiro de Lisboa, Caudatario do Hippolyto, porque o relativo — *Seu* — refere-se ao mais proximo substantivo, que he o Hippolyto, que com effeito bem pouca substan-

cia tem. Isto, que he miudeza grammatical, tambem decide do merito, e do caracter do homem; com hum estillo ha tantos annos exercitado, ainda não sabe escrever, nem annunciar-se correctamente. Dir-se-ha que huma alma, como a do Hippolyto, occupada com a organisação politica de Caracas, com o Directorio Executivo de Buenos-Aires, e Monte-Vidêo, com a parte civil, e criminal do Codigo do Cura Morellos, com a Arithmetica Politica do Divino Arguelles, e com a Apologia do Cabo de Esquadra que queimou a ponte em Leipsick, com o Elogio da mulher de Lavalette, com a Memoria do Accessor de Malta, que não deixou fugir os Prisioneiros Francezes, não póde descer do alto throno Pedreiral ás miudezas, e insignificancias grammaticaes, mas quem he tão Asno nisto, será Aguia no mais? Diráõ que he do Brasil, e que sendo Reino tão remoto do centro do *Atticismo* de Portugal, até lhe são desculpaveis os sollecismos, e os Hiperbatons? Oh! mas he hum Escritor em Inglaterra, faz Jornaes, e a sua maior Massa he a Politica... Seja embora até a Hydraulica, e a Dynamica, deve escrever bem; era do Brasil Gregorio de Mattos; e Alexandre de Gusmão, era Eusebio da Veiga, e de seis annos foi para lá Antonio Vieira. Vamos á Carta.

„ Tudo quanto o Correio do Brasil (*com effeito vem*
„ *em direitura do Brasil para aqui*) tem dito ha
„ tantos annos, e de tanta utilidade até para os alli
„ (*vejão este para os alli*) notados *he nada tudo:*

Se isto se não chama insultar a especie humana, eu não sei que seja outra cousa! O que o Hippolyto tem dito he de muita utilidade para os *alli* notados. Este homem gosta de fazer o seu Processo, e de nos deixar a nós o — Por tanto. — Tem vomitado sempre as maiores, e mais atrozes calumnias, tem invectivado os Varões mais conspicuos deste Reino, tem exposto á mofa, e irrisão dos malevolos, os homens mais virtuosos, e he de grande utilidade para elles serem descompostos publicamente pelo Hippolyto! O' miseravel transfuga! se perdeste o Reino, e a Eorca, não percas o rubor, e o pejo! He verdade que não tens feito a ruina de Portugal, porque tu não entretens senão perversos, e só para elles és alguma cousa; mas estes mesmos perversos teus idólatras, e panegyristas, nada podem, hum assopro da Policia os assusta, e os dispage, mas tens a audacia de chamar *utilidade* a tantas invectivas, a tantos sarcasmos, a tantas mentiras, a tantos falsos testemunhos, a tantos insultos, a tantas sementes de Jacobinismo, a tantas idéas de revolução, a tanto, e tão criminoso afinco de malquistar o Governo, e de in-

dispôr contra elle o melhor, e o mais incorruptivel de todos os Povos da Europa? Se chamas *utilidade* a teus reparos politicos, a tuas quimericas reflexões, a teu venenoso zelo, o desprezo absoluto que de tudo teu se tem feito, mostra bem claramente, que utilidade seja esta! A utilidade que percebeo, e sentio a França com a ridicula Seita dos Economistas desde Turgot até ao traidor Necker. A *utilidade* que tu tens buscado para este Reino, he engrossar a Brigada dos passeantes do Rocio, dos estafermos dos Cafés, e dos salteadores de Bilhar, he encher de fumaças de politicos alguns tarecos, e Ministrinhos de Aldêa.... aqui fico; eu bem sei que classe me pederião agora... Ah! nunca de Edimburgo cá vierão!... Já sabiamos que dois grãos de Tartaro matão meia população do globo terraqueo. Deixemo-nos de classes, ainda que tenho huma consolação extrema de indispôr contra mim todos os papelões do mesmo globo. Eu já disse que hei de morrer por deficiencia depois de noventa annos. Como pouco, bebo menos, durmo muito, trabalho sempre, e súo quando quero, e fiquemos nisto, que eu tenho determinado para remedio heroico no ultimo bocejo, hum chá de carqueja adoçado com mel; e então por huma circular escrita pelo meu punho, direi — Adeos Botica, e adeos Medicos, retiro-me sem necessitar de V.v. mm. Vá este adubo de gracejo, porque o ridiculo só he bem empregado no Hippolyto, e nos Hippolytinhos. Vamos á *utilidade* do Correio do Brasil. He util, mas aos inimigos occultos do Reino, com o Hippolyto fortalecem, e dirigem as suas revolucionarias idéas, e sacião o espirito de maledicencia, e de malevolencia, e na impossibilidade de revolucionarem, satisfazem-se com as idéas, e com os meios de revolucionar, ou poderem revolucionar. Eis-aqui a utilidade do incendiario Correio do Brasil. Elle se tem espraiado em discursos, em lembranças sobre o governo politico, sobre o governo militar, sobre o governo economico, mette-se em Tratados, em Tribunaes, em Contractos, em Administrações, e que tem aproveitado? Os Clubes Massonicos fórmão, assim he, com elle as suas theorias regeneradoras; mas se ha Noviço, que entre, depois da ceia não lembra mais nada, os Frades vão para o Convento.... escrever ao Hippolyto o que diz a Carta pag. 532 = *perdôe o delirio de hum Regular ocioso.* = Appareça posta em pratica, huma só idéa do Hippolyto. Foi já consultado? Foi ouvido como erão ouvidos tão grandes homens em o Reinado do Sr. Rei D. José, grandes homens, digo, porque o erão na Toga, e na Academia. Grande Catálogo podia aqui fazer de nomes illustres!! Nestes homens se juntava o caracter Portuguez,

e a Litteratura, juntava-se a probidade natural, e o amor da Patria, juntava-se a pratica dos altos negocios, e o conhecimento da Legislação, e para o dizer em dua; palavras, tinhão honra, e juizo. Todas estas qualidades são antipathicas com o Hippolyto. Dèm-me huns homens com insipiencia, e vingança, e com huma Imprensa em casa, eu lhe darei o Hippolyto. De todos os insultos deste verdadeiro *Energumeno* eu reputo o maior, e o maior descaramento, esta clausula da Carta — *De tanta utilidade para os alli notados.* — Isto não he dar, como elle diz — *trez voltas no ar o desaforo*, he dar trezentas mil. Deixemos isto, contemplemos o fim do rotundo, e harmonioso periodo — *He nada tudo.* O Correio do Brasil tem geito para pôr a verdade na boca do Diabo, porque ainda que seja huma parvoice a frase — *He nada tudo*, — he tambem huma verdade. Sim, he tudo nada, he cousa nenhuma quanto até agora tem dito, porque nenhuma vantagem em si encerrão os já grossos, e multiplicados volumes do Correio do Brasil; he nada, tudo o que escreve, tudo o que diz, tudo o que lembra, e tudo de que ralha, e vociféra, e he nada, e menos que nada, se o póde haver, para a Razão, e para a Justiça, ainda que se antolhe alguma cousa á turba de mentecaptos, que do calcadouro, ou Eira do Rocio em que passeão, e das esquinas em que namorão, ou do Bosque em que caloteão, governão o mundo em seco, arrazão o muro da Tartaria, apanhão ratos com Bonaparte em Santa Helena, e esperão que — *o sagrado fogo da insurreição* — lavre pelos ermos do Chily, e que o ultimo cocuruto do Chimboraço nos Andes seja o sacrosanto asylo da foragida liberdade Européa. Isto he o nada tudo, e o tudo nada do Correio Brasiliense. Continuaremos com a Carta; e se a Festa passou sem Pato, não passará o Entrudo. . . .

ARTIGO II. *Critica.*

SO' o Pato he parallelo de Pato, e eu vejo-me obrigado a torcer-lhe o pescoço, porque depennei, e tenho depennado, quando o julgo nú, e crú, vem apparecendo pennugem por baixo mais basta que a primeira; de huma aza surge hum cano, do rabo surde huma penna. Sem figura, para não atormentarmos o homem com a methaforica applicação do seu nome, he Pato, pois seja Pato, isto he, o que elle he, e eu só devo considerar o que elle escreve. A Carta ao Hippolyto podia abranger este número todo, mas não quero deixar o público sem este guizado. Ouçamos Pato Parallela a pag. 190.

„ O A. do Oriente copiou do Author do Caramurú

„ a idéa da estatua achada em huma das Ilhas dos
„ Açores. —

Para se ir fazendo a adquada idéa da indole, e do caracter deste homem que he Pato, ou o Pato, ou nada, porque nada he, bastão as breves, e simples expressões copiadas. Diz que a idéa da estatua he copiada do Caramurú, quando o seu Author *Durão* a não inventou. Em todos os nossos Historiadores das cousas de além-mar vem esta memoria da Estatua achada em o mais elevado pico da Ilha do Corvo, quando se descobrio, e onde permaneceo até ao Reinado d'ElRei D. Manoel. Sendo pública, sendo de todos os Historiadores, tanto he minha como he de Durão. Castanheda, João de Barros, João Pedro Maffei, Manoel de Faria nella fallão, e tanto falla Manoel de Faria em os Commentarios das *Divinas* Lusiadas, que diz que ElRei D. Manoel mandára huns certos Engenheiros (erão bons, sabião muita Mathematica!) á Ilha do Corvo para tirarem a Estatua do pico da montanha, e trazerem-na para este Reino, e tão bem a souberão tirar que a fizerão em pedaços, assim mesmo veio, diz Manoel de Faria, e estes pedaços se conservárão muitos annos pela *Guarda-roupa* de ElRei D. Manoel, sem ninguem fazer caso delles, e accrescenta o mesmo Faria: = Se esta antigualha fosse levada a Roma, e alli conhecida, se lhe daria a estimação que tal conservado prodigio merecia; e com effeito huma Estatua achada em huma Ilha desabitada no meio do Oceano Atlantico, e collocada no pico de hum elevadissimo monte em acção de apontar com o braço para a posição da America, he a cousa mais portentosa, e admiravel que nos offerece a Historia do mundo, e que nos dá todas as luzes para resolver o intricado Problema — Como, e quando foi a America povoada de homens, e de animaes? = No tempo dos nossos descobrimentos não se occupavão os Escritores de idéas Filosoficas, por isso nos Historiadores daquelle tempo não encontramos huma só reflexão sobre este objecto tão pasmoso, e simplesmente contado. O Oceano foi navegado pelos Fenicios, pelos Cartaginezes, e pelos Gregos. Deixemos isto, não se me venha metter em casa alguma torja de Ginjas antiquarios cobertos de caliça, e têas de aranha, como vem ainda os malditos Sebastianistas com cinco réis d'ElRei D. Sebastião, como se naquelle tempo não houvesse dinheiro, e se provasse pela existencia dos cinco réis sarrilhados a existencia do Monarcha que os mandou cunhar.... E o Pato no meio deste aranzel cuidou que se sacodia, e safava; nada, cá está, eu tenho-lhe o olho em cima, as mãos, e a boa vontade; he o homem que mais me tem offendido, e insultado.

Diga-me, Sr. Pato, se o facto da Estatua he público, se he de todos os Historiadores, como faz a sua invenção privativa ao Author do Caramurú, para dizer que eu delle o copiára? Ha maior insolencia? Antes de Durão escrever o Caramurú, já Madama, ou a mulher Bocage tinha escrito o seu Poema *Do descobrimento do mundo Novo*, lá vem a Estatua no 2. Canto; porque não diz que Durão de lá a copiára? Quiz insultar-me, como costuma, ha tantos annos, e mostrou-se ignorante porque se tivera lido as nossas Historias, saberia quem tratava da Estatua achada na Ilha do Corvo, e como não vio, nem lêo mais que o Caramurú, assentou em sua alma, ou consciencia, que era a invenção da Estatua huma idéa nova, e original do Author do Caramurú, quando he de todos, porque he da Historia: mas lisongeou-se a sua malevolencia com a palavra *copiou*. Se por impossivel V. m. podesse entender o Latim de Valerio Flacco, e metter bico em tão admiravel Poema a cada passo acharia por lá tantos seculos antes o seu impeccavel, e original Camões: agora que eu tenho cotejado hum com o outro, nós fallaremos; então, se se conservar em vida, de que tanto o Parnaso ha mister para a sua gloria, e para sustentáculo dos Elogios das *Prima Buffe caricate* do Nacional Theatro. V. m. verá de seu vagar que cousa he original, e que cousa he copia. He verdade que V. m. ha de dizer lá no fundo da sua moéla, que bem conhece, ou se lhe tem feito conhecer essas cousas, mas que o pretexto de Camões servirá para insultar, obrigando-o a demencia malevola a dizer que a gloria da Patria he inseparavel da gloria de Camões, e que quem offende Camões, offende a Patria: mas ainda até agora nos não tem feito a mercê de nos dizer, quando, como, e em que, ou de que modo está offendido Camões? Só em huma cousa V. m. tem razão de me chamar copista, tem razão, eu o confesso; mas se eu gosto tanto delles! Se elles são tão bonitos! Se elles encerrão em si tanta Filosofia! Se elles são as Campanhas do Lord, se elles são mais macios que estes lenços marotinhos em que ellas vem pintadas! Tem razão em me chamar copista, porque eu sempre copiei, estou copiando, hei de copiar, aquelles seus dois versos com que V. m. fecha a sua Ode Pindarica ao mesmo Lord, que são taes, e quejandos,

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 21.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

CHegou á minha mão o suspirado Caderninho de Novembro; eu o li de cabo a rabo. Estou desenganado, não arranco da auri-eloquente boca do Hippolyto huma só palavra, hum só argumento que destrua directamente as razões que tenho produzido contra o que elle escreve invectivando o Governo, a Nação, e o genero humano: razões, ou destemperos vagos como tem feito, continuando a passar pela questão como cão por vinha vendimada. Estes números que faltão até ao número 26, e ultimo do segundo Semestre, serão divertidos; a grande, e luzidia calva do Hippolyto, ficará posta á mostra, e ás moscas, e para isto basta o Caderninho 102 do Correio Brasiliense. Ouçáo-me. Quando olho á luz do facho da Filosofia para as Ordens Regulares, ou Religiosas, instituidas na Igreja, sempre admirei duas, capazes de

confundir os trombetas da Filantropia Filosofica, ou Filosofante; a primeira a de S. João de Deos, que serve por instituto o homem no estado da doença, a segunda a de S. Camillo de Lelis. Só o Christianismo podia inspirar o verdadeiro heroismo da Virtude, e eu, como o outro que pedia, se se abolissem os Livros, a conservação de Plutarco, pediria a conservação desta, até sustentada a expensas públicas, se se abolissem todas as outras. Que Letras, que serviços, que estudos, que importancia Jesuitica, com os seus Sirmondos, Saliannos, Petavios, Robertis, Boscovickes, podem valer o voto de assistir até ao fim aos moribundos, ainda que estejão feridos, e tocados da peste? Isto he tudo quanto podemos oppôr ao Paganismo antigo, e ao orgulhoso Filosofismo moderno. Vendo em hum Hospital hum individuo desta familia, seja qual for, eu lhe dou no meu coração hum testemunho de reverencia, e de estima. Foi preciso materia tão grave para passar ao mais ridiculo de todos os objectos — Os Pedreiros-Livres. — Ninguem se admire; no seu genero he huma Ordem que mais me assombra. He a Religião dos Innocentes, que as levão á chucha calada, sem dizer palavra! Naquella Santa, e respeitavel Ordem se admira o heroismo da Caridade; nesta ridicula, e irrisoria Associação, se admira o heroismo do silencio. Prega-se-lhe huma tunda, e moita, nem palavra, não se defendem, e deixão ir a sua causa á revelia, e eu a malhar sem piedade; parece que me devia desarmar o braço do inexoravel chicote, vê-los a pedir misericordia pelas maximas do Evangelho, e pelo exemplo do Samaritano, que valêra ao desgraçado ferido, e roubado, em quanto o Levita Judeo foi andando o seu caminho, e desappareceo como o Corretor das Letras, o Samuel, de que reza o atrocissimo Dialogo do Correio Brasiliense. Com effeito, não apparece resposta deste formidavel Campião Massonico, he huma fraqueza manifesta, ou huma impossibilidade absoluta. Os Hippolytinhos de cá lhe tem mandado todos os números do Espectador, e a incessante tunda vem repellida por hum retalho do Sermão, sobre a Caridade fraterna, começado em Agosto, e ainda não concluido; a teima do Hippolyto limita-se á livre assersão de que os Pedreiros-Livres são innocentes. Considerando-os pelo lado do silencio que guardão em sua defensa, e da

impossibilidade da sua esperada, e nunca vista Apologia, póde-se mudar o titulo da Ordem; já se não chama a Ordem dos Pedreiros-Livres, chama-se agora — A Ordem dos Innocentes, que as mamão á chucha calada. — Nobre Ordem se fosse, não da Jarreteira, mas da Garroteira, que elles merecião! São innocentes. Assim he, são o mesmo que são todos os prezos do Limoeiro, quando vão a perguntas: a maior deshumanidade que ha, ouvidos elles, he o Limoeiro; porque todos os inquilinos que occupão aquella célebre propriedade são innocentes: faz-se-lhe o processo, e prova-se com toda a escrupulosa marcha, e evidencia de direito, que são ladrões, assassinos, incendiarios, falsificadores de moeda, e de sinaes, Pinetes de Letras de Cambio, alcoviteiros, e ellas dignissimas receptadoras de furtos, e meretrizes públicas, e particulares; dá-se-lhes na cara com hum rol de testemunhas, e com hum Catalogo infinito de factos provados, e incontestaveis; clamão Ceo em terra, que he malevolencia, calúmnia, odio, inveja, perseguição de malevolos, e testemunhos falsos de máos vizinhos do pé da porta. Ora vejão se o Limoeiro não he a copia, ou o original, (o que quizerem,) de huma Loja de Pedreiros-Livres apanhada pela Policia *inflagranti*! Está o Presidente, ou Veneravel com a mitrinha, o irmão terrivel com a espada, os Secretarios com os calhamaços, o aprendiz com a boca aberta. Pregunta-se-lhes: — Que estão Vv. mm. aqui fazendo? — Nada. Para que são estes aventaes, estas trôlhas, estes prumos, estas luvinhas, que Vv. mm. tem nas máos? — Isto são as ópas, e os balandráos da Irmandade dos Innocentes. — E estes papeis para que são? — Isso he o Breviario da nossa reza. Correio Brasiliense pag. 625.

„ Alli nada ha contra a Lei, contra a Religião,
„ contra o Rei, e contra os costumes. „

Vejamos... E então este infame Dialogo entre S. M., que Deos guarde, e o seu Thesoureiro-Mór do Erario, não he contra o Rei, contra a sua Suprema Dignidade? Contra a decencia, e decoro da Soberania? Não he contra as Leis infamar, vilipendiar os Ministros de S. M., sejão

elles quaes forem em suas respectivas repartições, e empregos? Não he contra a Religião que nos manda acatar, e obedecer aos Soberanos, comprometter a sua Suprema Authoridade, vilipendiando-os com dicterios, mettendo-os em Dialogo, como Reis de Theatro, em ridiculas Farças? Não he contra os costumes, e não se corrompem estes, dando pela imprensa públicos, e atrozes exemplos de insubordinação, e de desprezo ao legitimo Soberano? Aqui tem Vv. mm. offendido a Lei, o Rei, a Religião, e os costumes neste mesmo seu Correio Brasiliense, cujo Author ainda que não esteja nesta Loja, estará n'outra para se declarar, como se declara, Pedreiro-Livre, não só fazendo-se retratar com as insignias, timbres, e brazões desta Veneravel Ordem dos Innocentes, mas declarando-se, neste mesmo infame Caderninho de Novembro de 1816, Pedreiro-Livre em huma destampada Carta dirigida á alta, e respeitavel Personagem, cujo mérito em Litteratura faz sobre-sahir a dignidade de que está revestida. Eis-aqui a sua innocencia, como Pedreiros-Livres; esses Aprendizes que estão com o cheiro na cêa, porque bem ouvimos rechinar lá dentro os lombos de Porco, não conhecem ainda estes mysterios da iniquidade, reservados lá para aquelle Senhor da Mitrinha, e para os Definidores da Ordem que são do quarto voto. Vv. mm. são innocentes! Coitadinhos!! innocentes? De quem são desde a Regencia do Duque d'Orleans na menoridade de Luiz XV. as maquinações contra os Thronos, e contra os Altares? De quem são os planos de revolução, que se deixárão amadurecer, e aboborar até á funesta Epoca da Revolução em 1789? Aqui tem Vv. mm. os Archivos Massonicos achados, e aprehendidos em Munich, e em toda a Baviera, aqui tem no seu authografo, a correspondencia dos Emissarios Francezes gyrando por toda a Alemanha para — *amalgamarem* — (he termo do tempo) ambas as Seitas Massonica pura, e Illuminada estreme, o que conseguirão com tão perfeita união, e tão estreitos vinculos, que fizerão de ambas huma só. Aqui tem Vv. mm. a correspondencia secreta dos tres chapados Massões-Illuminados, D'Alambert, Voltaire, e Diderot, para a *esmagação do Infame*, e para a *nivelação* universal do genero humano. Aqui tem V. m. o dito de Voltaire, quando por dar com a lingua

nos dentes mettèrão na Bastilha o célebre Epicureo, e impio Abbade Morellet: — „ He pena que logo no principio da campanha fizessem prisioneiro hum tão digno Official! „ — Aqui tem Vv. mm. a papelada Massonica apresentada pelo Professor Hoffman ao Imperador Leopoldo, onde o Author do Werther tinha inserido o plano de *Republicanisar* a Alemanha, e começar por lá a mina da regeneração, que arrebentou em França, com o abalo politico da Revolução. Esta sua innocencia, e simplicidade Massonica deo lugar ao Decreto do Soberano de Napoles, que o seu Hippolyto tão tôlamente transcreve dando corda para se enforcar, ou contradizer, a pag. 609 deste Caderninho de Novembro, Decreto expedido como V. m. diz, Sr. Hippolyto, contra as associações secretas dos Pedreiros-Livres; este Decreto he posterior ao do Rei de Baviera, ao do Rei da Prussia, e aos procedimentos das Cortes de Roma, e Turim contra os Pedreiros-Livres, porque os Monarcas da Europa vão conhecendo progressiva, e gradativamente que sustentáculos da Soberania, e que boas joias sejão Vv. mm. Ora pois já que são innocentes venhão consolar-se com os outros innocentes perseguidos que estão no Limoeiro, e de lá a dois e dois hirão fazer huma *cadêa* na contradança das Galés.....

Ah! tudo isso, exclama o Veneravel Interpetre do Correio Brasiliense, tudo isso são mentiras, e testemunhos falsos que nos levanta o Padre José Agostinho de Macedo! — Correio Brasiliense pag. 626 — *Vós sois o Balaão alugado para deitar maldições.* — *Badalões* me parecem Vv. mm., que não fazem mais que badalar para tormento universal da especie humana! Pag. 686 do Correio Brasiliense: — *Esse Padre he como o Pedro Clemente Genovez, que depois que escreveo o Livro que intitulou — Os Pedreiros-Livres descobertos, morreo doido em Charenton.* — Alguma bebida lhe darião Vv. mm. para o fazer enlouquecer, porque os seus chocolates tem muita virtude!

Ora na verdade, eu pelo conhecimento pratico que tenho do mundo, e pela observação proxima das variantes scenas que me apresenta de continuo este vastissimo Theatro dos destemperos humanos, tenho observado grandes descaramentos; o do homem de Mourão he pasmoso, porque me diz com toda a ingenuidade na sua longa Carta, que

nada do que digo, componho, ou imprimo presta para nada. Apparece agora outro Orate peior que o homem de Mourão, ou tão bom como elle, que se assigna o Homem de Barcos; Villa, diz elle, na Comarca de Lamego, que descaradamente me argúe; de que? Faz isto rir a mesma melancolia, e espojar-se de véras Timão, o Misantropo, de ter dito *no Oriente* — Tapa com as mãos o ouvido o Mouro immundo. — Porque, diz elle, fazia muito máo geito ao Mouro tapar com ambas as mãos hum só ouvido, porque o Mouro não havia ter hum só ouvido, tinha dois! Vem cá, bruto, quem quer que sejas, não reparas em primeiro lugar, que no verso, assim como se toma a palavra Mouro por muitos Mouros, se toma o ouvido por muitos ouvidos? Já não ha figuras na arte de dizer, já não ha huma sinedoche? Já se não toma hum por muitos, e huma parte pelo todo? Se eu dissesse tapa com as mãos a orelha, mais duro seria, mas o ouvido?... Não se diz hum tapa-olho? E então tem hum olho só, quando se lhe der hum bofetão, que lhe apanhe ambos os olhos, e lhe sacuda bem a descaradissima cara? Quando se diz de hum Musico que tem bom *ouvido*, diz-se que tem hum ouvido só? He preciso muito descaramento para não conhecer, que por *ouvido* se entendem os orgãos auditorios, como quando se diz, tem bom olho, quando se quer significar a força, e actividade dos nervos opticos. Mas este descaramento dos homens de Mourão, e de Barcos, não chega, nem póde equiparar-se com o descaramento do Hippolyto, quando me diz a pag. 628 do Caderninho de Novembro:

> „ Huma das provas de que os Pedreiros-Livres não
> „ admittem homens ja conhecidos pela sua immo-
> „ ralidade, e má conducta, he a opposição cons-
> „ tante que fizerão á vossa entrada na dita socie-
> „ dade. „ —

Este descaramento pedia de mim huma ingenuidade, e frescura infantil, pedia que eu estendesse aqui por inteiro os nomes daquelles que com tanto afinco me convidárão, mediante a modica somma dos 25$600 réis, assim como

já lhes puz as letras iniciaes. Com que a prova da innocencia da sociedade, he haver-me excluido a mim, convidando-me para ella! A moralidade, e boa conducta que tem mostrado os da sociedade! Sem irmos agora buscar exemplos ao Rheno, ao Elba, ao Danubio, bastava que fitassemos a vista sobre as margens do aurifero Tejo, e vermos que, esquecendo cá a Mitra a hum, não lhe esquecêrão seiscentos e trinta contos de réis para levar. Eis-aqui está o que V. m. quer ouvir, porque he o que Vv. mm. fazem. Verdade seja que quando V. m. escreveo isto em Londres, não sabia que tinha por cá chegado a época do desapparecimento, ou sumidouro do tal Cometa, que talvez fosse comer para o Hemisferio Americano; e se ha Cometas caudatos, este bem compridos rabos de palha nos quiz deixar. Ora, Sr. Hippolyto, de muito pouca memoria he V. m. dotado! Bem que a complicação, e multiplicidade dos negocios da Veneravel Ordem dos Innocentes o faz esquecer daquillo mesmo que diz, e escreve. Tome agora sentido, e admire os bons olhos com que o considero, diz V. m. a pag. 628 do seu Caderninho: "Huma das provas de que os Pedreiros-Livres não admittem homens já conhecidos pela sua immoralidade, e má conducta.... &c.,,, e a pag. 686, esquecendo-se desta tão positiva asserção, diz: — "Na sociedade ha muitos de costumes devassos.,, — Se lá os adquirírão depois da sua entrada na sociedade, sendo antes da recepção homens de boa conducta, peior hum pouco, porque então diz que a sociedade promove a devassidão; se diz que já tinhão máos costumes quando para lá forão, então mente a pag. 628, quando nos quer empurrar que a sociedade só admitte Santos, Justos, e Virtuosos. Para que estamos com o mente agora, e mente logo? V. m. mente sempre. Neste pleito, Sr. Hippolyto, ha huma de duas cousas, (eu creio que ambas) ou ruindade da causa, ou insufficiencia do Advogado; V. m. nada tem dito a proposito, pega-se pelas paredes, continúa com seus insultos ao Throno, vituperios á Nação, e a moer a paciencia aos Portuguezes com o que elles estão fartos de saber primeiro que V. m. Arrematações de Tabaco, guerra do Rio da Prata, ceremonias do casamento, Hospital da Ilha da Madeira, barra, e barreta de Pernambuco, o inventado Decreto (por Vv. mm.) da tolerancia dos cultos, e liberdade de

consciencia, são cousas que entre nós já tem cabellos brancos, e em lugar de nos fazer admirar a Apologia, por factos, da Ordem dos Innocentes Pedreiros-Livres, promette-me Poemas da sua composição. Ora pois, prometta Poemas, e vá dando com tanta abundancia, como tem dado, materia aos discursos do Espectador. Este seu Caderninho de Novembro he tão fecundo que já não necessito de mais para acabar o segundo Semestre deste Periodico: mas eu acabarei com V. m., ou o acabarei a V. m., como hei de acabar o Pato, que bem visto, e considerado de perto, he peior que V. m., he outra qualidade de aggressor que suppre a absoluta negação de talentos com huma infinita malevolencia. Ainda se não fez reflexão sobre a indole, caracter, e intensão do Parallelo, quando eu oppozer Livro a Livro, por inteiro, então V. m. mesmo conhecerá quem seja Orestes correspondente, e a sociado do seu Pylades no — *Portuguez*.

ARTIGO II.

CRITICA.

SÃo já escusados Preambulos para entrarmos no artigo — Pato — ; os homens conhecem-se pelo que fazem, e fica conhecido o que são. Eu fiquei conhecendo hum Medico no Além-Téjo, porque chamado para vêr, e tratar huma pequena inflammação de olhos, e bem mimosos, e delicados, mandou á triste victima da sua brutalidade, que os lavasse com Agoa de Inglaterra bem quente: seguio-se huma verdadeira ophtalmia, e elle mandando continuar o fervente lavatorio, até que deo cabo dos olhos, com continuas dissertações á cabeceira da victima, com duas frases obrigadas como bordões de Guitarra, — quanto antes, — e — não me passa pela testa, — até que a deixou céga, e rameloza para todos os dias da sua vida; costumava de caminho este Boerhave deixar seus daquelles que os Francezes chamão *Bilhetes doces*; e cujo uniforme receituario era sempre este — „ Presta-me o teu affecto, que eu serei fiel a amor. „ — Por estas obras conheci o homem como pelo Parallelo o Pato. Ei-lo a pag. 190.

„ O Gama em sua derrota seguia o rumo do Sul, „ e as Ilhas dos Açores, ficão cousa de 200 leguas „ ao Occidente de Lisboa. O Gama emprehendeo „ a sua viagem em 1497, e as Ilhas dos Açores „ havião sido descobertas em 1449. Isto não póde „ deixar de dizer-se, que he querer por ignoran- „ cia, fazer ignorante aquelle illustre Desco- „ bridor. „

E isto não póde deixar de dizer-se que he peior, e mais miseravel que o theor dos *Bilhetes doces* do Medico acima referido, e não nomeado. Veja-se Pato, e a mali-

cia atrapalhadora, ou a ignorancia de Pato. Quando em o canto 3. do Oriente se falla no achado da Estatua no mais alto monte de huma Ilha em o Oceano, não se diz, nem se dá a entender em huma só palavra que Ilha seja esta, nem se declara, ou insinúa que seja huma das Ilhas dos Açores. Eu passo a verdade historica para o estado do verosimil Poetico, porque Poetas não são Historiadores; como não offendia a verosimilhança, ainda quando não tiveramos o testemunho historico, eu podia fingir a meu sabor huma Ilha, e huma Estatua, e levar lá o Heroe do Poema como, e quando quizesse. Não me dirá Pato, e companhia donde foi Venus buscar a Ilha dos Amores, que levou aos empurrões pelo Oceano, ajudada do pequeno seu filho, que ella foi buscar, ou a Paphos, ou ao monte Idalio, ou a casa do Diabo? Póde Camões fingir huma parvoice, ou destempero destes, de levar á sirga, ou á tôa pelo Oceano huma Ilha com seus Pomares de espinho, porque para fallar a Sabedoria Divina, como Pato entende em Thetis, era preciso que —

„ Os formosos Limões alli cheirando
„ Estão virgineas tetas imitando.

E não só Pomares de espinho, porém Pomares de caroço, que de lá vierão algumas estacas para collares de Peras bojardas, ou do Conde,

„ Peras pyramidaes, viver quizerdes,
„ Entregai-vos aos danos que co'os bicos
„ Em vós fazem os passaros inicos.

E não poderia eu fingir huma Ilha, ainda que fosse a Encoberta no meio do Oceano, collocar alli huma Estatua que apontasse á America, como eu muito bem quizesse, com tanto que não excedesse os limites do verosimil, que he o dever, e obrigação do Poeta? Depois disto, he toleravel este excesso.... não tem outro nome, de demencia? Não finjo eu huma horrivel, e sobrenatural tempestade

que desvia, e faz aberrar as Náos do rumo que seguião, e da derrota imaginada? Que tem que as Ilhas dos Açores estejão duzentas leguas ao Occidente de Lisboa? Não podia Vasco da Gama que hia tentar ainda a não de todo sabida carreira da India, ser alli arrojado, ou pela violencia do temporal, ou por engano na estimativa do Piloto? Quando depois foi com treze Náos Pedralvares Cabral para a India, pela derrota já conhecida, não deo comsigo, levado por huma tormenta, em o Brasil, tanto ao Sul da sua derrota? Ora pois estes reparos Pataes sobre o Episodio do 3. Canto do Oriente, são taes, e dão tão bem a conhecer o seu Author até pela face moral, que irão dando superabundante materia para os números seguintes: acabados que sejão apparecerá o Livro que responda de outra sorte a Pato, e eu protesto que este nome seja conhecido, e detestado na mais remota Posteridade, e que vá engrossar o catalogo dos Bavios, e dos Mevios, ainda que para isto, (como justo castigo da mais injusta aggressão) não he preciso hum Livro, basta huma séria reflexão sobre o sonoro, alti-sonante, e alti-rebombante remate daquella impressa Ode Pindarica de Pato, que he do theor, e fórma seguinte:

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 22.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

A Chamada firme, solida, impenetravel, e massiça cabeça do Hippolyto onde a Politica, desde o momento em que lhe descobrio, ou lhe sentio a fome no ventriculo, tinha assentado seu throno, anda tão azoinada com o estampido da artelharia que se lhe assestou do Tejo, e no Tejo, que não sabe o que diz, anda aos mergulhos nem verifica, nem rectifica aquillo mesmo que escreve. O pescoço de cavallo da mulher de Horacio não desprende tanto a gargalhada aos amigos, e a pasmaceira idólatra, e estupida ao infinito rebanho dos Commentadores, e traductores da Arte Poetica, como as oscitancias, e destemperos do Hippolyto no Caderninho de Novembro de 1816, a pag. 609. Falla do Hospital de Lisboa, e diz que no cargo de Enfermeiro-Mór succedêra

a *D. Francisco de Almeida benemerito da Patria* (diz o Hippolyto) o Principal *Miranda*. Ora este Excellentissimo Purpurado morreo Patriarcha Eleito, nunca foi ao Hospital, e nenhum dos Senhores Principaes foi até agora nomeado, estando já em a jerarquia de Principal. Isto parece pouco, porque se atribúe a hum descuido de hum homem a quem na primeira tripeça Pedreiral se póde dirigir o verso da Epistola de Horacio

„ *Cum tot sustineas, et tanta negotia solus.*
Sustentando tu só, taes, e taes Trôlhas..

Com tudo, he hum excesso de inadevertencia que merece o modesto nome de parvoice; porque, se elle erra em cousa tão sabida, como acertará no que ha escondido no governo de huma Nação, e na Politica de hum Gabinete? Ora não digão que lhe fáço cargo do que póde ser descuido, ainda que só faltava esta ao Correio Brasiliense! Ouça-mo-lo, e persiga-mo-lo em cousas mais essenciaes. O argumento de que me vou servir póde ser retorquido, eu o conheço, mas se em mim poder merecer compaixão, no Hippolyto merece rizo. Que haja Prégadores de austera moral, e de costumes pouco ajustados á doutrina que explicão, e ao ministerio que exercitão, póde ser, porque são homens; e ainda que não pratiquem o que dizem acreditão o que prégão; mas que hum Pedreiro-Livre, cuja Religião são todas, e nenhuma; nenhuma porque nada crê, todas porque segue em apparencia a que lhe faz conta; que hum Pedreiro-Livre, cuja opinião em Methafysica he o materialismo, e cujo principio, em moral, he julgar licito o que lhe apraz, e cuja maxima em Politica he a dominação Democratica pelas varedas da Revolução, e da Anarquia, appareça em expressões irrisorias com os mais austeros dictames da Moral Evangelica, querendo que lhe valha o Evangelho; quando he atacado, e rindo-se, e escarnecendo do Evangelho quando ataca os outros, e pedir no mesmo escrito em que me insulta sem compaixão, que o trate com caridade, he cousa tão nova, tão rara, ou tão futil, e tão porca, que a não ser da do Hippolyto, de nenhuma outra boca se esperára. Ouçamos este mistico Alonso Rodrigues, ou estas Maximas de Arbiol, que

daqui á manhã põem o Hippolyto em huma cova da Arrabida nas tres vias purgativa, illuminativa, e unitiva. Correio Brasiliense, pag. 625.

„ Reprehendeis o mesmo em que podeis cahir... Todo o homem está sujeito a fraquezas, que reprehen-
„ de. Se Deos vos tem livrado, rendei-lhe as graças.
„ *Applicai penitencias*, gemei diante de Deos; pedi a
„ conversão desses que são desgraçados na vossa consi-
„ deração. —

Não posso, não posso trasladar mais, isto compunge, isto aperta o coração! Isto, no lugar em que está, he a maior parvoice, que o Hippolyto nos podia mandar no seu Correio do Brasil para se dar a conhecer! Ha cousa mais galante, e divertida, que o Hippolyto Pietista? Exhortação á penitencia no Correio Brasiliense? O Capaneo moderno, insultador dos Ceos, e da terra! O homem Revoluções! O Pedreiro Filosofo! E que Filosofo? Hum dos mais solemnes mentecaptos do seculo 19.° Vamos joeirar estas palavras, que isto he trigo de Prioste: = *Reprehendeis o mesmo em que podeis cahir.* = Todo o homem póde ser arrastrado pelas paixões; se ellas se não regulão, dominão; dizer imperfeição, e dizer homem, he dizer a mesma cousa, e não ha coração tão senhor de si, que não possa ser escravo de si mesmo. Os que gemem nas prisões, os que expirão no patibulo são homens: se estes cahem nos crimes, em razão de homens, todos estão na possibilidade de cahir. Ora como posso ser ladrão, salteador, incendiario, falsificador, rebelde, traidor, e o que he peior que tudo isto, como eu posso ser Pedreiro-Livre, esta possibilidade de ser máo, me tira o poder de invectivar o vicio, e de reprehender os delictos de que *posso* ser réo! Não levante a voz a virtude, não empunhe a espada a justiça, emmudeção as Leis, calem-se todos os Tratados de moral, porque quem dicta as Leis, ou escreve os Tratados, *póde ser criminoso.* Se eu fôra Pedreiro-Livre, e reprehendesse os Pedreiros-Livres, ainda lambendo-me os beiços á cêa, apanhada a algum aprendiz, e viesse fóra da loja invectivar as poucas vergonhas que lá se fazem, tinhão razão de me dizer que reprehendia aquillo mesmo que executava; mas

porque *posso* ser Pedreiro-Livre, porque sou homem sujeito ao imperio das paixões, não posso, nem devo, como membro da sociedade, que vejo corromper pelos principios Massonicos, levantar a voz, reprehender, e invectivar hum tropel de amotinadores, que vejo coçados por toda a parte, e por toda a parte corridos, e detestados como causas immediatas de todos os males politicos, que soffreo o Mundo! Esta bastaria para se conhecer o Hippolyto, e conhecer até pelos mais teimosos Hippolytinhos de cá, para quem o Hippolyto era o *Palladium* da liberdade regenerativa da Europa, e para o conhecer como? Mentecapto. Tirar da possibilidade de ser Pedreiro-Livre o motivo para não fustigar os Pedreiros-Livres! Se eu visse algum na forca, e me risse, tinha razão, porque a desgraça não se insulta; em hum réo executado soffre a humanidade, e em taes extremos lembra o homem, e esquece o crime; e como hum homem dá aquelle funesto espectaculo, outro homem o póde dar tambem. Praza aos Ceos que fossem mais raros estes quadros das desgraças humanas! Mas deixar de cobrir de ridiculo os Pedreiros-Livres, os papelões mais destampados que até agora tem apparecido neste nosso Planeta que se chama Terra, só porque *posso* ser Pedreiro-Livre, isto só o Hippolyto o quer. V. m. para que insulta os Governos? Para que taxa este homem de avaro, aquelle de ambicioso, est'outro de ridiculo? V. m. para que diz mal de seu compadre o Investigador? V. m. sabe se a fome o obrigará ainda a ser hum dos Investigadores? *Reprehendeis aquillo em que podeis cahir.* Isto mostra com effeito o pouco juizo do Hippolyto; o que eu lhe não posso soffrer he o panal que elle me quer empurrar. Isto he a cousa mais galante que ainda appareceo em letra redonda; ouçamos as suas palavras; que nellas nos descobre huma fecunda mina. — *Applicai penitencias, gemei diante de Deos, pedi a conversão desses que são desgraçados na vossa consideração.* — Que me dizem a este desaforo? Descompor o Hippolyto o genero humano em pezo, atacar a Religião, mofar, escarnecer do recto procedimento da Inquisição, enxovalhar os Varões mais conspicuos na toga, bigodear os primeiros Magistrados da Nação, revelar turpitudes, assacar baldões a individuos públicos, persuadir ao povo que está mal governado, que he insinuar-lhe a rebelião, met-

ter em Scena S. Magestade, que Deos guarde, aviltar a Nação Portugueza á face da Europa, representar a que chama Septembrizada, (que nada mais foi que huma medida de Policia perservativa), como huma sanguinaria proscripção do feroz Dictador Sylla, ou do homem Tigre Robespierre, prantear a não reversão de dois tarecos revolucionarios que por lá ficárão como o Ostracismo de Aristides, e o desterro de Marcello em Mitilene, e a mendicidade de Mário entre as ruinas de Carthago, e querer que eu faça penitencia pelos peccados, e despropositos que elle comette de caso pensado, e reixa velha, he a cousa mais nova que tem apparecido na grande Scena do mundo! Porque não fàz V. m. penitencia? Tanto tem que fazer? V. m. em compondo o Caderninho do mez com que nos tem moido a paciencia, e vilipendiado o credito, que vem a ser juntar quatro papeis hetereogeneos, embutindo-lhe no fim isso a que V. m. chama *correspondencia*, que ou V. m. lá faz, ou de cá lhe mandão, que mais tem que fazer? Ir passear a Hyde-Park, ou pilhar hum pouco de relento a algum insipido, taciturno, e hiperboreo Vauxhall? Vá V. m. fazer penitencia, vá gemer diante de Deos, vá V. m., vá... Ora inda em cima de me descompor, importando-lhe até a minha cavalgadura menor (mas creio que he inveja, que V. m. lhe tem!) eu he que hei de fazer penitencia pelo que fazem os Pedreiros-Livres? Elles golosos a paparem cêas sobre cêas, em que lhe bebem mais do que devem, e mais do que podem, muito bem regalados de Pombos com ervilhas, como Vv. mm. me promettião, sabedores de todos os segredos politicos com que Vv. mm. me querião embalar, muito bem descançados, e sentados com suas mitras, aventaes, e luvas, (digo descançados em quanto lhes não dá pelas orelhas a voz — *Policia* —;) e eu que retalhe o meu corpo com disciplinas (*applicai penitencias*,) que macere, e atormente o meu estomago com jejuns voluntarios, para que Vv. mm. se convertão! Digo que não quero. Eu a gemer, e Vv. mm. a cantar — *Allons'enfans de la Patrie*! digo que não quero. — Continuemos a ouvir o compungido, e compungente Hippolyto na mesma pag., porque na verdade podemos esperar que para o Caderno do mez que vem nos conte revelações. ,, *Todo o homem está sujeito a fraquezas que reprehende*,

se Deos vos tem livrado, rendei-lhe as graças. ,, Já tratamos da possibilidade, ou da potencia, que nada tem com o acto, como dizia a Logica velha. Sim, Senhor, todo o homem está sujeito a fraquezas, e para soffrer as suas de V. m. he preciso mais que heroica paciencia: applique V. m. a si este principio, lá tem o exemplo comsigo. Não reprehendia V. m. as fraquezas dos dois, ou dos tres do Investigador? Não lhe hia V. m. ao couro por dá cá aquella palha? Não os taxava de enterradores, de assassinos, de escritores venaes, e de tudo quanto V. m. dizia que elles tinhão, pois os via lá bem de perto, e nós cá ao longe tambem os liamos; e com huma reciprocidade pasmosa, não fizerão elles escarneo de V. m. fazendo-lhe crer existentes Leis, Alvarás, e Decretos, que nunca se passárão? Aqui está V. m. reprehendido, porque voluntariamente se quiz sujeitar aos mesmos despropositos, e a maiores fraquezas ainda ,, *se Deos vos tem livrado, rendei-lhe* ,, *as graças.* ,, Sim, Senhor, eu lhas dou de continuo por me livrar de ser tôlo, que tanto julgo, e tanto he ser Pedreiro-Livre, e architector de Jornaes incendiarios, ou governador do mundo em seco. Seriamente, Sr. Hippolyto, olhe V. m. para a obra dos Pedreiros-Livres; que vê senão tolices? V. m. não sabe, que os antiquissimos, e arreigados habitos sociaes são indestructiveis! Não sabe que a melhor fórma de Governo he a que mais dura? Não sabe que a corrupção do optimo he pessima? Não lhe mostrava o grande quadro da Historia do mundo, que a mudança politica da constituição dos povos era o mais breve, e seguro passo para a sua ruina? A grandeza Romana começou a declinar depois que a desmedida ambição de Cezar, ainda que apoiada nas formidaveis Legiões, sem se fartar de successivos Consulados, e Dictaduras, converteo a florescente República em Monarchia. As continuas oscilações, e fluctuações de governo em as Républicas Gregas, chamárão a sua decadencia, e franquearão a estrada para a conquista, e escravidão Romana. Porque entrou Mumio em Corintho, e Sylla em Athenas? Foi huma manifesta tolice a applicação dos meios que Vv. mm. fizerão para a sua imaginada, e imaginaria regeneração. Estavão os homens mal; demos por hum instante isso. E como os quizerão Vv. mm. fazer passar para o bem? Sir-

vamo-nos de hum exemplo. V. m., Sr. Hippolyto, mora em Londres em humas aguas furtadas daquellas onde he preciso o Telescopio de Herschel assestado no Observatorio da mesma Londres para vêr o que cá vai pela rua; chega a V. m. hum amigo, e lhe diz, V. m. está mais bem accommodado no primeiro andar, que he mais decente, mais livre, e representa, e inculca mais alguma cousa, e V. m. bem sabe, que até os Medicos, em tendo Traquitana, já não querem ir de primeiro andar para cima (por isso eu moro em segundo,); mas o modo de V. m. se mudar para o primeiro ha de ser novo, e breve; far-se-ha hum largo buraco que atravesse por todos os sobrados até ao pavimento do primeiro andar, e V. m. atirará comsigo por este buraco abaixo, e ainda que se faça em pedaços vai em hum instante ser inquilino do primeiro andar. Eis-aqui a imagem da Republicanisação Pedreiral. Abrir repentinamente hum vacuo immenso na sociedade humana pela extincção repentina de todas as distincções moraes, de todos os titulos honorificos, e pela espantosa conflagração de quantos pergaminhos lembravão aos homens os feitos, e os nomes de seus avós. Eis-aqui como Vv. mm. quizerão mudar Pedreiralmente a face moral da terra para conduzirem os homens á sonhada ventura, que no estado actual das cousas he a mais calva de todas as parvoices; e eu lho provo, porque saiba V. m., e os Hippolytinhos de cá que se atrevem a dizer em publico, que nenhum homem de bem deve lêr o que eu escrevo; (que ha por cá Pedreiros-Livres tão descarados como este, e como isto.) Saiba V. m. que nenhum dos seus Corifêos em politica, e em theorias de moral, como o mesmo João Jacques, tiverão dez réis de juizo. Reduzião Vv. mm. todos os homens com a força, ou imperio do terrorismo á igualdade civil; esta massa era uniforme, e homogenea em apparencia, todos parecião plebeos; mas o nobre, o grande, o empregado, o distincto, alli conservavão seus habitos, suas preoccupações, se assim lhe quer chamar: desta hetereogenidade de principios concentrados no coração nunca poderia resultar hum todo harmonico, e mais dia menos dia, esperasse que a reacção devia ser na razão inversa da compressão; se lhe parece muito methafysica esta idéa, se V. m. nunca ouvio discorrer assim, se nunca chegou com o calculo a determinar a

força preponderante dos habitos inveterados, olhe para a experiencia, verá que não podia ser nem permanente, nem ainda mesmo exequivel, essa projecta da regeneração Pedreiral: o homem moral tambem he Elastico, comprime-se, mas torna; a sua Democracia he impossivel, e Vv. mm. são huns, não digo pedaços, mas completissimos asnos; e Vv. mm. conhecerão mui bem que o erão, não digo eu no momento em que o *Cidadão* Curé fez a *moção* para proclamar Imperador Bonaparte, mas no momento em que o *Cidadão* Bonaparte se declarou de *motu proprio* Primeiro Consul vitalicio; e a verdadeira resposta a Mably he Mr. Bonaparte Imperador, e Rei. Ora pois aquella tripa de Trade com que Vv. mm, querião enforcar o ultimo Rei, grande chorume lhes deixou! Ora pois que lhe preste, até Sabbado.

ARTIGO II.

CRITICA.

OS Pedreiros-Livres que estão de pernas ao ar do andaime abaixo, martelo para alli, trôlha para acolá, e a granel pela caliça o prumo, e a esquadria, o compasso, e mais a regoa, ou para o dizer melhor

Os Hippolytinhos, que cá pelo Téjo
Tanto se fiavão no grande Patrão,
Co' a tunda tremenda cahidos os vejo
Aos couces inuteis co'as ancas no chão.

(Hippolytaida pequena Cant. 20.)

derão agora em se lastimar do Pato, a vêr se a compaixão acaba neste, o que a Justiça, e a Patria ultrajada tem começado nelles. Enganão-se, eu ainda tenho mais boa vontade ao Pato, que aos Pedreiros; alguns destes se tem retractado, Pato he incorrigivel. Zurzindo os Pedreiros, vingo a sociedade, depennando o Pato vingo-me a mim. Este aleivoso homem he contradictorio, affirma em sua satyra impressa em Inglaterra, que tudo o que tenho impresso não he meu, mas usurpado ao grão Bocage no encabeçamento que fiz de todos os seus papeis, obras, composições, e thesouros litterarios, que em suas carteiras tinha este genio original, e universalissimo sabio! Pois se tudo he do grão Bocage, e o grão Bocage he tal para elles que em tudo he irreprehensivel, criticão Bocage, porque tudo he do grão Bocage, até aquelles versos da Hippolytaida! Eis-aqui quem he Pato, e para o conhecermos mais, ouçamo-lo a pag. 190 do promettido Paralello:

„ De mais no Poema do descobrimento da Bahia, o
„ *Caramurú*, e tratado, como o tratou Durão, con-
„ vinha mui bem tal Episodio, (*a Estatua achada*

„ *na Ilha*) por ser aquelle o rumo ; porém n'hum
„ Poema sobre o Descobrimento da India , e tratado
„ por esta maneira ! ! ! . . .

Já temos visto que Pato quer que eu seja Historiador, quando sou Poeta, e quer que seja Poeta quando sou Historiador. Hum Poeta deve fazer hum roteiro de viagem como hum Piloto, e apresentar hum diario de derrota, de modo que faça fé, em fim com passos contados como o Passeio de Magrisso Já não póde haver huma tempestade poetica, que sempre forão as maiores, e muito principalmente quando huma potencia sobre-natural intervem para pôr a natureza em desconcerto. Satanaz, Sr. Pato, Satanaz he quem, no Canto 3. do Oriente, confunde os elementos, e como he obra sua podia, sem transgredir os limites da verosimilhança, ir dar com as náos onde elle quizesse. Eu não digo que a Ilha onde se encontra a Estatua seja alguma dos Açores, porque estando estas ao tempo da viagem do Gama já descobertas, e povoadas, eu a finjo, porque a posso fingir deserta; eu faço passar o facto da verdade historica para o verosimil poetico, que a isto se chama ser Poeta: V. m. argue-me do que me devia approvar, porque ignora que cousa seja Historia, e que cousa seja Poesia, e quer prescrever ao Poeta as mesmas Leis que se prescrevem ao Historiador. Que parvoice! Eis-aqui hum discurso Pato. O Gama hia para a India, a Estatua estava em huma das Ilhas dos Açores, as Ilhas dos Açores não estão no rumo da India, logo o Gama podia achar a Estatua. Mas, Sr. Pato, Satanaz he quem o levava, era huma força sobre-natural; a Ilha finge-se onde eu quero; logo podia lá ir o Gama. — Mas os Açores estão na carreira do Brasil. — Mente, Sr. Pato. He V. m. hum ignorante, porque nada lê. Em 1511 já era bem conhecida a carreira da India. Ora leia João de Barros na Decada 2. Liv. 7. onde contando como D. Garcia de Noronha, *não podendo tomar o Cabo de Santo Agostinho, que he na terra de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, quiz o seu Piloto fazer-se na volta de Guiné, para tomar outra mais larga sobre o mesmo Cabo.* Ora se por hum erro de calculo em o Piloto em tomar hum Cabo em o Brasil, se conhece que a carreira da India tambem por alli era, e que para demandar

o Brasil (segundo V. m. erradamente diz) hia buscar os Açores, que muito que fosse aos Açores por arte diabolica, quem não sabia a carreira da India; se hum Piloto (que errou na estimativa) indo para a India busca a altura do Brasil? Se eu finjo a tempestade á sahida de Lisboa, não podião ir, não sabendo caminho nem carreira, até ás Ilhas? As provas do que eu digo acha V. m. no facto contado por Barros, e acontecido a D. Garcia de Noronha, e V. m. mostra o que he naquelle seu

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,
Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 23.°

ARTIGO I.
LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

Começou o Hippolyto no mez de Agosto de 1816 a inserir no seu Armazem Litterario (desta fazenda o mais vazio do Universo) huma cousa a que elle chamou — Resposta aos Folhetos de J. A. —; e cuidarão muitos que isto se dirige ao Espectador? Pois enganão-se, he cousa que não tem parentesco nenhum com o Espectador. Já disse que appareceo ha annos huma simples traducção do Resumo das Memorias para a Historia do Jacobinismo por Barruel (porque Barruel sabe mui bem que Jacobino, e Pedreiro-Livre, he a mesma cousa:) a esta traducção chama o Hippolyto os Folhetos de J. A., e contra esta offerece a Portugal, e ao mundo aquelle grande Sermão, que dividido em retalhos tem hido enchendo successivamente os Caderninhos menstruos do mesmo Hippolyto. Já se vê, que com aquellas maximas de caridade heroica que elle assoalha no Sermão, a que mistura tavernaes invectivas, não se me responde a mim, porque eu não posso responder pelo que disse, e pelo que escreveo Barruel; que culpa póde ter o vertedor do que diz o Original? O Hippolyto he homem galantissimo, mette no escuro o que eu lhe digo agora, e responde agora ao que elle diz se escrevêra então. Eu ataco o Hippolyto em particular no Espectador, o Hippolito responde ao que Barruel disse em geral dos Pedreiros-Livres. O Espectador passa incognito, ou intacto pelo Tribunal do Hippolyto, deixando-se ficar mui pago de si quando limita a vehemencia, e pompa de seus apologeticos discursos a huma, ou outra vaga descompostura, assentando como perfeito Logi-

co, que o homem he o escrito, e que o escrito he o homem. Não ha jogo mais reciproco! Eu digo o que o Hippolyto he pelo que escreve, elle diz-me o que sou, pelo que elle diz que obro; e assim vivemos em huma celeste harmonia, eu a convencer, elle a descompor. Parece-me que eu devo com justiça fazer esta pergunta? Porque deixa elle a questão intacta? Reduzamos a resposta a hum Dilema. Ou porque não sabe, ou porque não póde. Não sabe!!! Oh! attentado! Pois o Hippolyto não sabe? O Archi-sabio do seculo! O Newton dos Calculos Politicos! O flagello dos Gabinetes! O Pedreiro Mirrado! O farol das Sciencias! Não sabe! E que não sabe hum escritor em Inglaterra, fugido das gales em Portugal? Assentemos que não póde; e a raiva de não poder lhe abre a boca, e menxe a lingua para as pragas. Que pragas? Hoje 24 de Janeiro de 1817 me dizem chegára o Caderninho de Dezembro, affermoseado com hum Soneto commentado, obra das mãos da infamia, e da patifaria. Estas são as respostas do Oraculo Pedreiral! Eu ainda o não vi a esta hora; he obra mandada de cá, e aqui preparada; querem os Hippolytinhos consolar o seu derrubado Idolo com estes emplastros do coração. Espoja-se o Hippolyto, e espojão-se elles como Tigres açaimados, dando dentadas em vão na preza que não podem empolgar, fingem ignorar que a causa está perdida, quando em lugar de razões, se decompõe a parte; achão no meio da sua impotente desesperação, que a apologia do Massonismo, he a infame descompostura do seu invectivador. Consigão embora o seu fim que he arruinar-me a opinião; entre quem? Entre elles; porque os homens de bem olhão com indignação para taes turpitudes, e desaforos. Consigão arruinar-me a opinião. Que se segue daqui? Hum culpado de mais, nem diminúe o número, nem aligeira, ou doura os crimes dos outros. Isto está dito huma, e mil vezes. Não o querer entender, he teima da perversidade, não he dictame da razão. Trata-se de vingar a Patria, e desaggravar a justiça, eu o hirei conseguir, não importa o sacrificio do meu nome no conceito dos inimigos da mesma Patria, e desprezadores da Justiça. Parece que ha hum caso em que o Egoismo he disculpavel, e razoavel, que he aquelle em que se deve conservar, e estimar a opinião; esta perda não se repara: com tudo péza mais a Patria, que a opinião; e se pela Patria se sacrifica a vida; porque senão ha de sacrificar a fama? Preze-se a Patria na Posteridade, ainda que na mesma Posteridade se despreze, e continúe a abocanhar

hum individuo tão obscuro como eu sou. Curcio lançou-se na voragem da terra para salvar a Patria, eu tambem me lanço na voragem da maledicencia para desaggravar a Nação. Scevola queimou a mão, eu me abrazarei todo. Não sei que immortalidade me agoura este pequeno escrito — O Espectador. — Os vindouros, que, desenganados pela experiencia, terão melhorado mais que a geração presente, considerarão com estima, senão o escrito porque he insignificante, ao menos o Author, que tem boas intenções, e suppre com o amor da Patria o que lhe negára a Natureza, e que lhe não quer dar Fortuna. Ao embate das descomposturas poucos homens resistem, mas sempre se saberá, que quem descompõe he o Hippolyto; não lhe ficando nem ao menos hum sofisma que oppôr a tantas verdades. Nada me fará emmudecer, eu frustrarei pela constancia todos os meios de calumnia. Os latidos dos sabujos nunca secarão este tinteiro. Sou insensivel a injúrias proprias, quando se trata de vingar a injúria pública. Hum ligeiro surriso dos bons, faz desvanecer todas as dentadas dos perversos. Mas isto he lembrar-me tanto de mim, que parece que me esqueço do Hippolyto. No Caderninho de Novembro vem huma Carta a huma das mais respeitaveis Personagens deste Reino, para mim de mais acatamento pela sua vasta Litteratura, que pelo supremo lugar que occupa. Esta Carta he o indice da fraqueza, e da demencia; da fraqueza, porque pede misericordia; da demencia, porque não diz senão parvoices. Quçamos o seu principio, que pelo exordio se conhecerá o discurso. Pag. 686:

,, Tenho a honra de dedicar-lhe este meu escrito
,, em defensa dos Pedreiros-Livres. ,,

Quem ouvir fallar em escrito que defende os Pedreiros-Livres, deve de justiça esperar huma acabada, e completa Apologia destes Senhores, que vem a ser a exposição circunstanciada da sua innocente doutrina, de seus religiosos principios, de suas maximas patrioticas: deve esperar que por huma deducção de factos incontestaveis se conheça a rectidão de seus fins pela applicação de meios honestos, e mais que tudo deve esperar-se que com razões justificativas se mostre que devem ser tolerados Conventiculos particulares, associações occultas, cuja primeira lei he o segredo, e o mysterio; e que nestas geniaes, e nocturnas companhias não se trata de outra cousa mais que de comerem bem, se a alguem o apanharem, e de beberem melhor, se o apanhão sem confeição, ou mistura, e sobre-tudo se he — *gratis*. — Depois desta justificação da Seita deve vir a re-

futação do que contra ella se tem escrito, porque sem se destruirem as objecções, não se vence a causa; esta refutação não deve ser vaga, e indeterminada; porque a razão produzida, e allegada deve ser destruida por outra razão no sentido contrario, equipolente, ou equivalente. E he tudo isto o que vemos na tal Carta que tão gloriosamente fecha o Caderninho de Novembro? A Carta he escrita assim como em tom de dedicatoria de alguma obra que lhe vem appensa; dispõe, e accende a nossa curiosidade para devorarmos a tal obra, e muito principalmente quando na mesma Carta lemos com espanto esta clausula memoravel.

„ Desafia a minha penna para *responder*, e pôr a sal-
„ vo a minha *innocencia*, e dos meus irmãos Frama-
„ ções.„

A penna desafiou-se em campo fechado, mas a resposta não apparece. Como querem vossês responder-me, se vossês estão pedindo misericordia á alta, e respeitavel Personagem a quem dirigem a Carta? Seria eu tão máo, que vendo posta *a salvo a sua innocencia*, atacasse homens innocentes, e justificados? Lembrão-me o exemplo do Samaritano, que vendo o infeliz roubado, e ferido em terra, deitou *vinho, e azeite sobre as suas feridas, e o levou para a Estalajem*. Eu faria o mesmo ainda que Publicano, ou Samaritano, ou Judeo, ou o que vossês me quizerem chamar, porque são ferteis em chamadellas; mas se eu vejo que todos vossês são huma chaga incuravel! Pois vossês corridos, envergonhados, apupados por toda a terra, sem lhes aproveitar já estratagema algum, nem o mesmo *Rondon* da Rochella *engajador* de recrutas para Bonaparte, não se apêão da burra, e continuão sem vergonha nenhuma a escoucear, e espinotar, como sempre fizerão. O homem Publicano, e Samaritano, vio o outro de pernas ao ar, (porque eu até creio que tinhão dado com elle os Pedreiros-Livres, que o pozerão naquelle estado, e daquelle bom feitio) e compadeceo-se: eu vejo-os a vossês de anca no chão, e pernas ao ar; levou-lhe o diabo a República, huma, e indivisivel; o barrete vermelho foi para o tintureiro: Chabot, Carnot, Brissot, o Cidadão, e mais a Cidadôa, tudo foi pelos ares, ou tudo foi dar fundo na Medical Guilhotinha, (chamada pela Faculdade — o remedio heroico, a Colinquintida, e o Calambulano, e musgo Islandico mais decisivo) e estoiro, com razão, de rizo. Vossês querião multiplicar as Républicas pelo mundo, como se multiplicão em Lisboa os Collegios de Educação, Prytaneos, e Atheneos de Professores que a si mesmos se

approvão, cuidando que he sciencia, o que he fome; e não ha fumos de taes Républicas. Quem se não ha de rir? — ., *Por a salvo a minha innocencia, e a dos meus irmãos Framações.* — Isto he que põe em apuros a paciencia!! Innocentes!... Os authores de quantas patifarias cobrírão a terra! Innocentes!! Os membros aqui do Senado Conservador de Lisboa, com escadas de armadores ás costas para escalarem o Castello de S. Jorge! Ora quem os não conhecer que os compre! Estes Aristides virtuosos, estes Socrates puros, estes Fabricios frugaes, estes Cincinatos incorruptiveis, e desinteressados! E tem a audacia de fallarem em innocencia? Veja-se o que respira o Correio Brasiliense. Veja-se o que transpira de seu primo co'-irmão o Investigador, que, por varedas que parecem diversas, se encaminha ao mesmo fim. Estes dois Jornaes forão o invento diabolico da Pedreirada, e são incalculaveis os damnos que tem causado a muitos individuos da Nação; huns, porque são da mesma confraternidade, achão em ambos a materia disposta para se realizarem as suas sinistras intenções; outros, porque são ignorantes, e pouco reflexivos, descobrindo em ambos hum ar de importancia, ou de impostura, assentão que são huns oraculos porque se devem dirigir, persuadindo-se que estes inimigos da Nação, que longe della fallão, e nella estarião de bico calado, não querem mais que o bem, e a prosperidade da mesma Nação.

Na verdade, não ha Sol que me aquente, quando ouço fallar em innocencia aos Pedreiros-Livres, — *por a salvo a minha innocencia.* — Venha de huma vez esse Apologetico, e se não estão para escrever, porque nem isso sabem, apezar de seu ar mysterioso, e compassado, eu os dispenso do escrito, que na verdade seria hum nojo; porém eu lhes dou hum alvitre, ou lhes descubro hum meio de nos fazerem conhecer essa tão protestada, e nunca provada innocencia. Peguem vossês na tralhoada toda das mitras, dos aventaes, das luvas, dos compassos, das esquadrias, dos prumos, dos castiçaes, das caveirinhas, e venhão para o meio do Rocio, porque até alli ha providencias para a cêa, alli tem a Taverna das ostras, e o Café do Bosque; fação alli huma sessão pública, e se for para dar o grão de Cavalheiro Escocez, ou de Cadoscke a algum candidato, ainda melhor; repita o Veneravel o *eloquente* discurso, trepe a hum banco o Irmão Vigia, ou o Irmão Espreita, puche da Durindana, ou Alta-Clara, o Irmão Terrivel, publiquem alli os seus principios, a sua doutrina, as suas maximas patrioticas, e seja diante dos maliciosos

Profanos, para que o mundo, até aqui incredulo, fique capacitado da sua *innocencia*. Eu bem sei que quererão para isto algumas condições, e providencias necessarias; a primeira, a total, e universal limpeza do Rocio, de tal arte, que o objecto — pedra, ou calhão, — seja alli inteiramente desconhecido, e que na Praça da Figueira, tudo o que for o artigo — nabo solto, e laranja podre, se recolha immediatamente aos lugares, porque he muito de presumir que alli começasse, e alli acabasse a sessão, ficando vossès todos como o mestre Hirão, pedreiro do Templo, sepultado no montão da calliça, onde vossès pozerão o ramo de Acacia, enterrados, e esmagados debaixo de huma chuva de pedra, e de hum vendaval de nabos. Vejão se lhes parece azado este meio de manifestarem, e descobrirem a *innocencia* de tantos Abéis calumniados, e denegridos por mim, e pelos outros *Perseguidores*! Não hão de querer, por vida minha. Estes mysterios de Eleusis não são para os olhos dos peccadores. Ora já que vossês me costumão vir com as maximas do Evangelho, e com os altos sermões do amor dos inimigos; tambem eu, que folhêo mais devagar esse Livro, lhe virei tambem com hum texto de S. João: — O que obra mal, aborrece a luz, e não se mostra ás claras, para que as suas obras não sejão arguidas, e reprehendidas. — Vejão se lhe quadra este texto! Se em sua instituição perversa houvesse hum unico vislumbre de rectidão, de honestidade, de justiça, de innocencia, que balburdia, que bulha, e que motim terião vossès feito com isto no mundo! Mas dizerem em tom vago que são innocentes, isso he querer que nós o sejamos; he preciso ser muito innocente para não conhecer, que a sua conducta pública, e moral he huma natural, e immediata consequencia de seus principios. Levo, Sr. Hippolyto, levo muito adiantado o Livro — Os Pedreiros-Livres conhecidos pelos factos —, e como eu, se quero, escrevo hum caderno de papel cada dia (e durmo sete horas), depressa nos veremos. Ha alguns momentos em que me enjoo, e enfastio desta escarapella com V. m., deixando escritos que mostrem ao mundo que existi, mas como vejo que muitos homens de bem approvão isto a que eu chamo, porque o he, ocio, e descanço da minha applicada cabeça, eu continuarei. Diga hum Mestre Cozinheiro R... hoje Mestre de riscos, e aa xx que nada presta do que eu faço... E se eu fosse Pedreiro-Livre? Então até o Pato exaltaria o Oriente sobre as Lusiadas. Temos Cozinheiro, e temos Pato, não nos privemos do costumado petisco.

ARTIGO II.

CRITICA.

Pato.

EU não sei determinar para qual dos dois seja preciso mais paciencia! Creio que para aturar o Pato, porque a dose de malevolencia ainda em Pato he mais taluda. Arde-lhe a cólera no figado, e não sabe o que diz, ou não vê o que escreve, ou não entende o que lê, e sobre os reparos da sua ignorancia, e inconsideração, levanta seus discursos, como se quem de justiça devia responder a elles já tivesse morrido. Com este homem, que he, e se assigna Pato, tenho a mesma sinreira que tinha com Couto, quando lhe pedia que ao menos se dignasse de lêr aquellas obras, que destinava impugnar, e sobre as quaes com tanto applauso, isto he, apupo do mundo, se tinha dignado exercitar a sua judiciosa critica; mas assim como ha Mathematicos, que reprovão a eito versos que não lêrão, e que não entendem, assim ha Patos que nem descobrem nos Livros que impugnão o que está nos mesmos Livros. Ouçamos o Pato, porque eu leio com attenção primeiro que escreva. Pag. 202 do que elle chama — Paralello —

„ Desembarcados os nossos Illustres Aventureiros na
„ Costa de *Guiné*, como falsamente suppõe o Reve-
„ rendo Epico . . . „ — Basta.

Sr. Pato, Patos, e Mathematicos, na Costa Occidental da Africa ha o Paiz de *Guiné*, áquem da linha Equinocial, e outro chamado de *Ogané*, nome de seu Rei no tempo em que foi descoberto, e muito além da Enseada de Benguella; neste Reino de *Ogané* faço eu aportar os Navegantes, como Poeta, que lança mão do verosimil, e não do verdadeiro; porque não conto a historia do Descobrimento da India, componho a Fabula Poetica sobre o facto historico do Descobrimento da India. Olhe, Sr. Pato, o Reino de *Guiné* já tinha sido descoberto, e conhecido no Reinado de D. João II., o de *Ogané* não, Senhor; ainda que lá se visse (nas costas) hum Padrão, isto deixavão os Portuguezes descobridores por onde quer que passavão; que era hum Reino desconhecido se vê do contexto do Poema, do encontro do Portuguez, que não podia ser isto em *Guiné*, porque já lá tinhamos estabelecimentos, e já de lá se tirava muito ouro que por isso se cha-

mava á Costa da Mina (que hoje tem outros mineiros... adiante.) V. m. que se não lembrava da eminente tunda apenas visse a luz, e sahisse á luz o seu Livrinho da Officina Lacerdina, e á sua custa impresso, escreve cheio, e cégo de raiva, e faz desembarcar os Portuguezes em *Guiné* conhecido, quando no Poema desembarcão no de *Ogané* desconhecido. Não venha com a quartada de que he erro da Impressão, porque V. m. mais abaixo na mesma pag. diz: — "Este encontro do Portuguez em *Guiné* — ,, e lá havia tantos, quantos erão os estabelecidos, e os empregados. Ora abra bem esses olhos, e incline a orelha, eu traslado a Oitava para o confundir de huma vez, e desenganar a corja de patetas, e de meros Mathematicos que vem cá com *a. x.* medir versos, e ajuizar de Poemas: = Oriente Canto 4. Oit. 7. pag. 189:

,, E mais lhes diz que a terra se chamava
,, O Reino de *Ogané*, grande, abundoso,
,, Que ao Austro, e pouco longe se extremava
,, C'o o vasto Congo, fervido, arenoso:
,, Que os dilatados campos lhe cortava
,, O *Zaire*, irmão do Nilo, immenso, undoso;
,, Communs já na sabida origem sua,
,, Além dos montes áridos da Lua.

Onde está aqui *Guiné*, Sr. Pato? He *Guiné*, ou *Ogané*? Busque-o, estimaria muito vê-lo lá! Ogané era o nome de hum Principe mui poderoso, cujos Estados ficavão muito além do Reino de Benim (250 leguas,) e que dava o seu nome ao Reino, e confirmava os Reis do de Benim. Veja, Sr. Pato, a Asia Portugueza de Faria e Sousa, Tomo I. pag. 21.; e a Decada I., Liv. 3, cap. 4 de João de Barros. Eis-aqui os Criticos, levantando testemunhos aos Livros para criticarem o que lá não está. Venha, appareça mais alguma cousa, que se isto não são provas do que V. m. he, então

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Ode Pendarica de Pato.

Fim do vigessimo terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 24.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

Pag. 777 do Caderninho de Dezembro, diz:

„ SE a Geração presente, e a Posteridade se re-
„ cordar, que entre os cinco Governadores de
„ Portugal figuravão tres Padres, não se deve ad-
„ mirar das desgraças, que soffrêrão os Portugue-
„ zes em quanto elles occupárão a Pública Authoridade;
„ sempre assim succedeo em todos os tempos que elles
„ estiverão á frente dos Governos. „

O Commentario desta descarada patifaria he o pregão do Algoz Hespanhol, quando no meio da Praça de Madrid queimou o infame Correio Brasiliense. Antes que responda a isto, responderei a elles, isto he, aos de cá, peiores, e muito peiores que o mesmo revolucionario, e transfuga Hippolyto, e passando já pelo que costumão dizer, que eu escrevo com huma espada em huma mão, e hum punhal na outra (creio que julgão que escrevo com os dentes) lhes brado desta maneira: Homens perversos que remetteis estes papeis áquelle verdadeiro bota-fogo, não sois vós testemunhas do procedimento público dos respeitaveis, direi melhor, adoraveis Governadores? Que vêdes? Fóra dos limites de Portugal se lhes póde comparar em politica, e constancia Affonso de Albuquerque; dentro de Portugal não tem tido semelhantes. Que sacrilega calumnia!! " *Não se deve admirar das desgraças, que soffrêrão os Portuguezes em quanto elles occupárão a Pública Authoridade.* „ Dizei-me, em que tempo soffrêrão os Portuguezes as verdadeiras desgraças? Forão acaso felizes quando hum estranho jugo, e barbara dominação os sopeou? E quem acar-

retou estas cadêas ? Quem chamou, quem aplainou os caminhos a este Canibaes, ou Tigres que tanto nos pizárão, e atassalhárão ? He ser feliz vêr annunciada por hum Arlequim a extincção da Dynastia de Bragança ? He ser feliz ver levantado em toda a parte o Pendão dos Invasores, o sinal da revolução, o symbolo da rapina ? He ser feliz pedirem-nos, e levarem em partes, quarenta milhões de cruzados para resgate das nossas propriedades particulares, como se elles podessem abalar com a Serra de Cintra, ou com o zimborio da Estrella ? Resgate onde não houve conquista, ou chamar conquista a recepção caritativa que lhe fizemos, levantando-os do chão em que a fome, o frio, a miseria os tinha lançado, cobrindo a nudez em que se nos apresentárão, verdadeiro uniforme Francez, e promettendo aquella protecção que em nós encontrárão, podendo-os enforcar a todos no mesmo dia em que chegárão, e aviados, e despachados assim estes, esperarmos por mais ? He ser feliz, vermos o Reino cativo, as Provincias assoladas, os portos fechados, a Agricultura sem braços, o Commercio sem acção, e sem recursos ? He ser feliz vermos a maior parte, e a melhor flor do Exercito levada para engrossar as Hordas, ou os bandos de Salteadores de quem Bonaparte era cabeça, e a outra parte desarmada, dispersa, e desunida ? He ser feliz vermos por nove mezes tantos desavergonhados Portuguezes depondo a máscara da hypocrisia com que até alli andavão escondidos a olhos não prespicazes, fazerem manifestos agentes, ou verdadeiros escravos do mólho de Histriões, que forravão as esquinas de ridiculos Editaes, e de sanguinarios Decretos ? He ser feliz vermos hum Cascavel calvo, com hum secretario de balandrão cinzento, torto, e côxo, occupando, ou enxovalhando o Palacio do Governo, dissolvido por hum Palhaço chamado Junot, Cascavel que quiz aqui representar de Lucio Sylla dos Cães, e Mario dos Ferros-velhos ? He ser feliz, ouvirmos fallar, em tom de revolução, de Ministro dos Cultos, como se aqui houvesse mais do que hum, público, e universal ? He ser feliz vêr os formigueiros escondidos dos Pedreiros-Livres postos ao olho do Sol, e pedindo em lugar do Limoeiro o Palacio da Bemposta para fazer as suas Sessões, como se lhe competisse outro lugar que não fosse o das galés, e mandando fazer insignias de prata, como eu ainda ha pouco vi o symbolo de hum Rosa-Cruz, em huma fórma que ainda se conserva na mão de hum honrado ourives ? He ser feliz vêr em o cabeçalho de huns Autos, que corrião nos Auditorios de Chaves : — Fulano Juiz de fóra,

e orfãos com alçada tudo por S. M. o Imperador, e Rei, que Deos guarde?

Diga agora, Sr. Hippolyto " — Entre os Governadores do Reino de Portugal figuravão tres Padres; não se deve admirar das desgraças que soffrêrão os Portuguezes em quanto elles occuparão a Pública Authoridade. ,, — As desgraças que nós soffremos na Instalação deste Governo, em que entravão tres Padres, que se podem chamar da Patria, foi vermo-nos livres das desgraças que até aqui ouvio numerar de que V. m., e a Pedreirada forão causas. He ser desgraçado ver-se livre da oppressão estranha, vêr renascer hum Exercito que derrubou o collosso, ou espantalho, que parecia formidavel em quanto se lhe não tocou? He ser desgraçado vêr arrancar o Reino do abysmo da perdição, onde a mesma prudencia, (excepto o meu pressentimento) o julgava morto, e sepultado? He ser desgraçado vêr feito, como por milagre, de nada tudo? He ser desgraçado vêr hum Erario, que ficou não só varrido, mas basculhado, dentro em poucos momentos sem deixar ninguem descontente? He ser desgraçado vêr o mesmo Reino desassombrado temporariamente, e por huma medida de alta Policia, de alguns individuos, se não culpados como Vv. mm. querem, ao menos equivocos, ou anfibios, com cuja falta nada o Reino sentio, antes muito lucrou? He ser desgraçado, vêr dirigir com tão madura prudencia huns soccorros sem lhes deixar transpirar hum só vapor de superioridade que talvez naturalmente lhes desse a atmosfera crassa do Paiz donde vinhão, sem que com elles se deprimisse a nossa gloria, o nosso esforço, a nossa independencia, fazendo vêr que não eramos quebrados de má fé, e que a nossa attenuação não nascia de incuria propria, mas de malicia estranha? E sem nos aviltarmos com a humildade de devedores, fazermos vêr que era transacção mutua, e que teriamos a mesma reciprocidade, se vissemos aquella Nação generosa em iguaes circunstancias, ou em identica situação? Sr. Hippolyto, he verdade que dizem os seus Hippolytinhos, (os da vil desforra do Soneto infame, e em tudo aleivoso), que eu lhe não posso responder: assim será em tudo, por falta dos meus talentos, porque os Bachareis do Rocio, os Generaes do Café, e os Traductores das Fedras, e seus Sacristães, e Andadores, assentão que o braço me deve tremer quando pego nesta penna para fallar da sua respeitavel pessoa; (eu me não tenho esquecido de immortalisar a delles), mas aqui ao menos a justiça, e publicidade da causa, me dará o talento de refutar. V. m.

desde 1809 tem vomitado contra o Governo deste Reino, a que V. m. deo em chamar o Governo de Lisboa, escandalosas blasfemias, tem calumniado todos os seus membros em geral, e cada hum delles em particular, tem levantado maiores aleives a este rectissimo Governo, do que Pato me levanta a mim no Soneto que lhe enviou; porém o que diz nesta pag. 777 excede todos os terminos, ou limites do desafforo, e impudencia Pedreiral!!! Dizer que os Portuguezes tem soffrido desgraças debaixo da direcção deste Governo, porque tres membros deste Governo são Ecclesiasticos, ou Padres como V. m. diz.... Isto merecia huma Forca, e bem alta, armada defronte da porta da casa donde sahia o Correio Brasiliense para se distribuir, e fazer-se a operação da Escada usar no primeiro que se apanhasse com elle na mão, ou na algibeira! soffrem desgraças os Portuguezes, porque entre os cinco Excellentissimos Senhores Governadores ha, ou houve tres Padres??? Elles não necessitão nem dos meus elogios, nem das minhas apologias, nem comporia estas, nem faria aquelles, por lisonja, ou dependencia. Eu sei morrer, e para isto não he preciso Protector, e como constituo a morte entre os primeiros dons, e favores da Natureza, veja se esta Filosofia hirá bater á porta de algum? Nem foi, nem vai, nem hirá. Mas doe-me o coração, magoa-se-me a alma ao vêr atacalhar homens tão conspicuos, por hum chanfana, Author do Sermão de Agosto, que acabou em Dezembro, e por V. m. que afformozêa com elle as paginas do seu Jornal, em que diz que não quer responder. V. m. até he desmentido pelas pedras deste Reino, postas no seu lugar pelos Senhores Governadores. Ouça o voto da Nação inteira, corra todas as classes, e nellas os individuos que não tiverem na mão trôlha, e prumo, não ha de ouvir huma queixa, não ha de escutar huma murmuração. Cubra-me V. m. dos baldões que quizer, venha a pobreza de minha Mãi, venha a bofetada no Advogado Ex-Jesuita, por me dizer que os preceitos do Decalogo erão contos de velhas, e que o furto não era peccado, porque a cousa furtada não muda de essencia, ainda que mude de possuidor, e que Bonaparte envenenando 700 doentes no Hospital de Jafa era o Mancebo mais justo que Deos tinha mandado ao mundo (o homem estava bebado, mas levou huma bofetada); diga o que quizer, pois até já me chamárão n'outro Soneto Atheo, e Jacobino feroz; mas não insulte o merito, a virtude, não pize aos pés a verdade, cuja força he eterna, e cuja voz he clara, chamando desgraças soffridas pelos Portuguezes, ao que elles confessão reaes, e sólidas.

vantagens, emanadas de hum Governo que os salvou das oppressoras, e rapinantes mãos dos Francezes, e de V. m. Como V. m. transcreve no seu Jornal o que Pato lhe envia, não se contentando, como todos sabem, este Orestes de enviar para o seu Pylades, o *Portuguez*, tanta patifaria, eu tambem aqui transcrevo o que me envião relativamente a V. m. ainda que neste Jornal não haja paginas vazias

Sr. Redactor do E...

Tenho visto no seu Jornal, apontar V. m. o facto de ter o Irmão Hippolyto José da Costa tratado de fazer huma reunião das Lojas Massonicas de certo Paiz ás que estão annexas ao grande Oriente de París. Nunca eu tinha ouvido fallar aos irmãos desta Ordem (onde entrei no tempo em que a minha razão estava mui pouco experiente, e reflexiva) em semelhante transacção; nem tão pouco tinha achado quem me satisfizesse esta dúvida senão com hum redondo — He mentira. — Com tudo, como eu depois de vinte nove annos de admittido a esta Sociedade em Liverpool, naõ sou dos que menos tem folheado os seus Arquivos, e ouvido os homens mais instruidos nella em Inglaterra, onde quasi trinta annos tenho passado dos 56 em que me acho; e como ao conhecimento que tenho da Ordem, ao passo que lhe asseguro não ser esta no seu verdadeiro estado em Inglaterra taõ funesta em seus fins como nas outras partes do continente, e algumas Lojas nos ultimos annos estabelecidas tambem na Grã-Bretanha, ajunto hum amor decidido á verdade, e aos meus Compatriotas; desejo que elles naõ só se naõ affastem dos deveres que a Religiaõ, e as Leis de Portugal lhes impõe, e que lhes prohibem estas pelo menos inuteis Associações; mas que tambem saibaõ exactamente o que deo motivo á prizaõ de Hippolyto José da Costa nos carceres do rectissimo Tribunal do Santo Officio, e qual seja *a juncção* que este irmão Pedreiro, e Chefe Illuminado tratou de fazer das Lojas dos Pedreiros-Livres. — Este assumpto se acha impresso no Livro que o Irmão Pedreiro — *William Preston* — compoz intitulado — *Illustrações da Massonaria* — Edição proxima de 1812 em Londres a pag. 375: — Depois de o Author fallar da solicitação feita em Fevereiro de 1802 pela Loja Mãi, ou grande Oriente, de Prussia á de Londres, para entre ellas haver amigavel correspondencia, continúa o paragrafo immediato nos seguintes termos: — ,, No seguinte mez de Maio fez-se outro Requerimento á Loja Mãi pela mesma via por parte *das quatro Lojas em Portugal*, as quaes tinhão dado poder a Hippo-

lyto José da Costa para fazer as vezes de seu *Representante* na Loja Mãi de Inglaterra, e solicitar em nome dellas huma authoridade regular para praticarem os ritos da Ordem, debaixo da Bandeira, e protecção da Loja Mãi de Inglaterra. Depois de madura deliberação determinou-se que se devia dar todo o estimulo aos Irmãos em Portugal; e entrou-se immediatamente em hum Tratado assignado pelos Irmãos Hippolyto José da Costa, e Heseltine, neste tempo Thesoureiro geral da Loja Mãi, e approvado pelo Grão-Mestre, pelo qual se concordou, que, em quanto as Lojas Portuguezas se conformassem ás antigas Constituições da Ordem, estarião authorisadas a ter hum Representante na Loja Mãi de Inglaterra, e que a Loja Mãi de Inglaterra deveria ter hum Representante na Loja Mãi de Portugal, e que os Irmãos pertencentes a cada huma destas Lojas Mãis, terião igual direito aos privilegios da outra. — „

Isto diz *Preston* em termos bem claros, e intelligiveis, e em letra bem redonda, como lhe remetto no texto Inglez, (não o transcrevo porque me não cabe na folha) e fique desenganado que a Missão, e Delegação do Illuminado Pedreiro, o Irmão Hippolyto José da Costa, foi para a Loja Mãi de Inglaterra, e não para o grande Oriente de París, como V. m. annunciou no Espectador, mas ou *a juncção* fosse com os Pedreiros Francezes, ou com os Pedreiros Inglezes, tudo são Pedreiros.... Se eu me podera assignar, e continuar a ter vida, muito lhe diria, e o que em V. m. tem sido conjecturas que não vão longe da verdade, serião manifestas provas, porque apontaria não só os factos, mas os sugeitos. Conserve-se em saude, porque se adoecer lá mesmo nas Boticas lhe hirão, para o Boticario se não enganar, confeicionar as pirolas da Immortalidade, e a sua serpente septuagenaria que compre á porta a vendilhões avulsos. Olhe que ha por lá em sentido inverso a maxima do Evangelho — *Qui non est mecum, contra me est* — &c

O Irmão — Callado.

Sr. Hippolyto, este Irmão Callado disse tudo. V. m. he o Representante na Loja Mãi de Inglaterra, he o Delegado dos Hippolytinhos de cá, seja-lhe muito para bem! Que gloria para sua Mãi se o visse neste supremo lugar da Diplomacia Massonica. Porém se a Loja Mãi de Inglaterra o protege com a sua bandeira, para o livrar da jornada a pé descalço, sem ser por promessa, do Palacio do Conde João Fernandes Andeiro até ao Caes do tôjo, naõ o protegerá contra o supplicio desta penna. Diga agora que

he cousa ridicula a declaraçaõ de *Preston*, diga que naõ quer responder. Entaõ que quer fazer? Mandar sonetinhos, cuja infamia recahe toda sobre V. m. Está colhido ás maõs, convencido, esmagado, e conhecido? Desforra de Pedreiro: duas cousas, ou Chocolate, ou Calumnia; como V. m. me naõ póde dar chocolate, como lhe tenho dito, vem a segunda parte da desforra que he a calumnia, mas que muito que me descomponha a mim, quem ataca os Senhores Governadores do Reino, chegando a dizer que Portugal he desgraçado, porque entre os cinco Governadores ha tres que são *Padres*? Que indicio he este da pureza da sua moral, e da santidade da sua Religião! Que mais odioso se póde fazer o estado Ecclesiastico, e o caracter Sacerdotal, que atribuir desgraças de hum Reino a homens que fazem os outros desgraçados, só porque são Ecclesiasticos? Ora pois, hiremos continuando, se este pequeno escrito naõ serve para instrucçaõ pública, ao menos serve para vingar a verdade ultrajada, e a virtude escarnecida.

ARTIGO II.

CRITICA.

TEnho dado Pato de todos os feitios, foi já até de cabedella, as azas, o figado, a moella, queria dar os miolos, mas naõ lhos acho, nem o mais paciente Anatomico lhos encontraria, nem Bartolini, nem Falopio, nem Morgagni, nem Ruisck, o escalpello mais subtil naõ filaria esta mônada invisivel. Só podemos ajuizar da sua existencia hipothetica pelas cousas que delles sahíraõ. Muito tenho dito, muito tenho que dizer, e podia clamar com hum Poeta, que a mesma abundancia me faz pobre: *Inopem me copia fecit.* O homem de Mouraõ gosta muito da palavra — meigos, e meiguice — tratando de Pato, mas eu naõ posso tratar Pato com meiguice, depenno por onde acho, e sem nos servirmos de allusões, abro ao acaso o Paralello, e ainda o naõ fiz huma só vez ha hum anno inteiro que naõ encontrasse huma mina. Ahi vai outra vez — lá vai — lá vai... pag. 202.

„ Começa na Oit. 3. o Episodio de hum Portuguez
„ alli encontrado, e diz na Oit. 4.

„ De espanto vem tomado, e na cabeça
„ Se lhe irriça o cabello. A voz pegada
„ Lhe fica....

„ Versos pessimamente copiados de outro excellente —
„ quasi a final do Liv. II. da Eneida.

„ Obstupuit steteruntque Comæ, et vox faucibus hæsit.

„ *O faucibus* esqueceo ao Reverendo Epico, e pelos
„ seus versos parece que a voz ficou pegada na cabeça.

Sim, Senhor, na cabeça, porque creio que se naõ trata de voz escutada em outra parte do corpo. A boca está na cabeça. V. m. naõ he gago? E entaõ naõ se diz — Pega-lhe a falla? E onde lhe pega? He preciso dizer goellas. Naõ lhe chegou aos beiços, Sr. Pato. Ora veja Ovidio se precisou pôr o *faucibus* nos seguintes versos.

„ Ter tecum conata loqui, ter inutilis hæsit
Lingua....

Diga V. m. que naõ tem onde pegar, pois a mim se me naõ ha de pegar a voz para lhe provar.

São provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,
Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 25.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

DEsejarei sempre que o Público seja o meu Juiz na causa do Hippolyto, e que profira com equidade a sua sentença. Não sou eu o que tenho na mão a espada, e o punhal, he o Hippolyto, que não sabe oppôr a razões mais que descomposturas: descomponha embora, mas não seja inconsequente. Grita, grita a pag. 818 que não quer responder, porque a materia he ridicula, e diz a pag. 767 — "Resposta aos Folhetos de J. A.,,, aqui responde, além diz que não quer responder, depois de ter respondido. Que se póde esperar de hum aggregado de tres cousas, ignorancia, demencia, e malignidade? Ignorancia, *provo.* A pag. 798 do nefando Caderninho de Dezembro, que já não distribuio o homem das letras, confunde a Lei Mental, cujo objecto he a successão dos bens da Coroa, com a Lei da Amortisação. Que tal he o Jurisconsulto? Que tal he o Licurgo, e o Solon dos Pedreirinhos? Que tal he o homem chamado — O arrota Leis? — Nem para Accessor de hum Almotacé da limpeza elle servia! Demencia: *provo.* A pag. 770 diz: — O Duque de Victoria... O Heroe dos nossos tempos *talvez* esteja alistado na Sociedade dos Pedreiros-Livres. — He tão demente que põe em *talvez* esta allistação, e não se lembra que nos mandou vêr o Almanach dos Pedreiros, para lermos lá o nome do Accessor, e do Governador de Malta, e não acha lá o do Duque de Victoria, huma Personagem tal, para o pôr em *talvez*: he certo que lá não está, porque se lá estivesse, com que tom positivo

elle o affirmaria, para se escudar com aquella sombra, que de nada lhe serve, e nada provaria ainda que lá estivesse! Isto chama-se a Jeleia da demencia. Malignidade, e *provo*. Quem publica no seu Correio o destampado, e aleivoso Soneto, que desfiado dá, elle só, materia para muitos números, mostra hum animo perverso, porque descompõe pela impotencia de razões, cegando-o a malignidade até tal ponto, e com tanto excesso que não conhece, que a supposta immoralidade do sugeito não enfraquece a evidencia, e vehemencia das suas razões. He ignorante, he demente, he maligno. Este he o preambulo para os seguintes números. Comecemos este por huma prova geral sobre a *innocencia*, e *Santidade* dos Pedreiros-Livres-Illuminados (porque estas duas qualidades já se não separão, nem podem separar.) Veja, Sr. Hippolyto, se isto he chocarrice; e responda, não continúe a ladear, naõ fuja da questão, venha para alli; quer que tenha tanta caridade com V. m., e tem taõ pouca comigo, que me descompõe! Venhaõ razões, se V. m. as naõ tem: mandem-lhas de cá esses Patos que lhe mandaõ Sonetos, que datando os de 1803 já fallaõ de factos acontecidos em 1811. Ouça. Hum dos mais respeitaveis Parocos desta Capital por letras, virtudes, e opiniaõ pública, foi chamado ao Limoeiro para confessar hum seu socio Pedreiro-Livre moribundo. (Olhe V. m. que eu não tenho medo, nem do chocolate de Mafra, nem dos Brocos da rua da Emenda; V. m., e os que ministrárão estes guizados bem me entendem.) Fez o Pedreiro todas as declarações precisas para ser absolvido, denunciou-se a hum recto, e competente Tribunal para ser absolvido, com grande medo que Vv. mm. o matassem, pois disse que elle víra cahir morto em hum jantar, logo ao comer da sopa, hum Pai de familias, porque tivera a indiscripção de declarar a sua mulher segredos Massonicos: patenteou, que a primeira prova que Vv. mm. lhe fizerão, ou porque o fizeraõ passar na sua admissaõ á Ordem dos *Innocentes* fóra esta: — Pozeraõ-lhe sobre huma meza dois copos iguaes cheios de vinho, e lhe disseraõ, hum destes copos está envenenado, pegue n'hum delles, e beba. (He verdade que ambos eraõ Carcavellos puro, e estreme; nem agua tinha.) Aqui tem V. m. o Candidato rigorosamente Suicida, porque se pôz na contingencia proxima de se envenenar. Ora diga-me, será *innocente* huma Ordem, em cujo Noviciado ha estas horrendas, e abominaveis provas? Quantos Direitos se offendem com esta acçaõ?

Por quantos direitos he prohibido o suicidio? Quantas leis infringe? Na classe dos crimes, e dos peccados he hum dos mais abominaveis, e nefandos. Isto he a acçaõ em si: ouça V. m. as suas derivações, as suas consequencias, os seus naturaes resultados. O homem Pedreiro-Livre, que mostra poder ser suicida, prova (e he o que Vv. mm. querem) que está apto, e disposto para matar o seu semelhante, seu mesmo Pai, seu irmaõ, seu superior, seu Rei, se assim se julgar util, e necessario aos interesses, e conservaçaõ da Irmandade, aonde ao Veneravel, ao Cavalleiro Escocez, e ao do Libano, ou como quer que se chamem os patifes que lhe presidem, ha, o que Vv. mm. tanto reprovaõ, a obediencia céga, e a sujeiçaõ naõ só da vontade, mas do entendimento. Que outra cousa quer dizer a pena de morte com que na Irmandade se castiga a infracçaõ do segredo, senaõ que na mesma Irmandade nem se tratou, nem se trata senaõ da ruina pública, e universal dos Thronos, das Jerarquias, e de todas as Instituições Divinas, e humanas? E diz V. m. a pag. 765.

„ Pertendeis excitar em todos o odio mortal contra
„ huma Sociedade innocente. „

E a pag. 766 (isto he o ultimo excesso da impudencia, e do descaramento humano.)

„ O que nella se exercita tem provado em todo o
„ tempo a utilidade da sua Instituiçaõ. Sabe-se que
„ *a caridade fraterna* he o fim de hum taõ inte-
„ ressante Estabelecimento. Esta caridade liga os
„ socios em laço mais apertado para se darem *mutuo soccorro.* — „

Se isto não merece o modesto nome de desafforo, não sei a que se deva dar este nome na terra. Diga-me, Sr. Hippolyto, como se ajusta esta beneficencia, esta buscada, e promovida utilidade pública, com este segredo, e este mysterio que he a base fundamental do pernicioso Instituto Pedreiral? He preciso esconder o bem que se faz ao proximo! Tanta bondade, tanta beneficencia, e tanta cautéla? Só se isto he para cumprir a maxima do Evangelho, (porque Vv. mm. são muito Christãos!) que não saiba a mão esquerda o que faz a direita! = O que nella se exercita tem provado em todo o tempo a utilidade da sua Instituição. = Ora esta tão positiva assersão pedia que V. m. produzisse ao menos hum facto que provasse esta utilidade geral, e particular!! Quer que o acreditemos sobre a sua palavra! V. m.

he o maior . . . dos Jornalistas que de cá fugírão ás mãos da justiça, isso he verdade; mas isto não lhe adquire aquelles gráos de credibilidade, ou credulidade que he precisa para engolirmos pirolas deste diametro. Para ajuizarmos da utilidade da Ordem dos Innocentes, e para reconhecermos com edificação, e compunção que o seu Instituto he a lei da caridade, pelo procedimento que os Thronos, e os Governos illustrados tem tido com elle, eu não descubro por toda a parte mais do que huma montaria geral contra os Pedreiros-Livres. Bullas Pontificias, Decretos dos Soberanos, procedimentos vigorosos da Policia, odio dos povos, maldições lançadas por toda a parte contra a Massonaria. Ora he possivel que se compadeção entre si huma suprema innocencia, e utilidade, com hum supremo odio, e supremo rigor da justiça humana? Olhamos para a Irmandade da Misericordia, e vemos, que a caridade fraterna he o fim de hum tão interessante estabelecimento. Ora diga-me, Sr. Jurisconsulto Jornalista, vio-se acaso em Portugal desde o Reinado de ElRei D. João II., em que começou a instituir-se nos Claustros da Sé pelo zelo de Fr. Miguel de Contreiras, e pela virtude, e favor da Rainha D. Leonor, hum só decreto, huma só lei contra esta Irmandade? Prendeo-se acaso algum irmão da Misericordia, só porque era irmão da Misericordia? *Deportou-se* já para alguma Ilha o Provedor, e irmãos da Meza da Misericordia por cabeças, e primeiros lugares desta Irmandade? Até o povo se alegra, e se edifica, quando em alguma manhã cedo ouve o compassado — *tilim* — de certa campainha da Misericordia? Então, sendo a caridade fraterna o fim de hum tão interessante estabelecimento, porque não he perseguida a Irmandade da Misericordia, e he perseguida a Irmandade dos Pedreiros? Pois causas identicas produzem effeitos contrarios? Se a caridade fraterna he huma virtude, deve ter a mesma força em ambos os casos. Virtude que excita respeito, e virtude que excita odio, . . . isto he cousa diversa.

„ Para se darem, diz V. m., mutuo soccorro. „

Ora deixe-me-lhe contar hum caso. Quando vierão os *Deportados*, hum delles, que me conhecia, estando eu sentado na loja da Gazeta, me fallou huma tarde: a figura era na verdade de gato pingado; lastimou-se da sorte, maldisse o erro do entendimento em que tinha cahido a respeito da dominação eterna das — *Sagradas Aguias*; — e levantando hum seminario de chocas, que vem a ser a aba posterior

de huma cousa, nelle balandrão, e nos outros sobre-casaca, me mostrou, não em carne viva, mas em carne suja, huma nadega, dizendo — meu caro amigo, eis-aqui o estado a que eu estou reduzido.... E então, lhe disse eu, onde esta a *caridade fraterna*? Onde está o *mutuo soccorro*? Ah! meu amigo, tudo são lograções, nem os juros dos 25600, que he a joia da entrada, eu ainda vi... Fez-me compaixão, e hum meu conselho o fez buscar antigos, e deixados irmãos, que não erão Pedreiros. De pouco serve isto, porque he cousa incognita para o povo, ainda que util lição para muitos mentecaptos. Vejo associações de homens pios empregadas em soccorrer os miseraveis. No Rato, no Loreto, na Boa nova, ha congregações de homens que se empregão em buscar, e fazer de comer para os prezos, porque he hum estado de desgraça, sem deixar de ser huma necessidade de justiça; vemos todos as carradas dos caldeirões enramalhetados, que chegão ao largo do Limoeiro; ora vamos lá hum Domingo perguntar: — Onde estão aqui os Caldeirões dos Pedreiros-Livres? Não seria tanta a piedade em hum daquelles Veneraveis homens, que não pregasse com huma escumadeira pelas ventas, a quem fizesse esta pergunta. Ha tantos annos existem, ha tantos annos trabalhão os Pedreiros-Livres, e ainda não vimos huma acção externa que nos prove, e nos affiance que o fim desta util instituição he a caridade fraterna!! O *mutuo soccorro* que vimos, forão thronos abalados, Nações revolucionadas, familias dispersas, sangue derramado, cadafalsos erguidos, invasões injustas, rapinas escandalosas, Religião insultada, costumes corrompidos, leis pizadas, liberdade civil proscrita, Soberania conculcada, Dogmas escarnecidos, Templos profanados, distincções confundidas, Bonaparte no Throno, que diz, em huma palavra, todos os crimes commettidos. — Eis-aqui, Sr. Hippolyto, o que *tem provado em todo o tempo a utilidade da sua Instituição*. Contra esta utilidade he que os Soberanos tem empregado o poder do Sceptro, e o rigor das Leis, e Vv. mm. em hum teimoso silencio, em hum mysterioso segredo, deixando-se com mais que estoica apathia, deixando-se estolar vivos, sem quererem manifestar sua innocencia com outra prova mais que a sua palavra. Ora quem deixa triunfar a calumnia, podendo destrui-la com a manifestação de hum facto, que desse a conhecer a innocencia do Instituto? Se nelle não ha mais do que actos de beneficencia, que cousa ha mais digna de se publicar? Vossês tem roda

de engeitados? não. Tem orfãs em recolhimento para as casar, ou pôr a servir? não. Tem tumba para enterrar os mortos, que acabárão em miseria, e desamparo? não. Dão alvas aos enforcandos? não. Mantém os Hospitaes, curão os enfermos? Visitão os prezos? Dão alguma cousa para a casa pia? Pedem de noite com archotes para si, e para os doentes, com cuja porta nunca se acerta, ainda que se lhe queira mandar alguma cousa? Os que são Medicos curão alguem pelo amor de Deos? Os que são Letrados (e bons) defendem *gratis* a causa do pupillo, e da viuva? Os que são Negociantes sacão letras sobre pessoas que existem? Os pecuniosos vão levar em segredo aos Parocos avultadas sommas para as distribuirem pelos verdadeiros necessitados que elles conhecem? Não, e não, e não. Nada disto fazem; então que diabo fazem? Em que trabalhaõ ha tantos annos, como vossês dizem. O Oriente Lusitano de camaradagem com o Oriente Inglez *amalgamados*, como vossês affirmão, por hum Illustre Principe? He peior que parto de Burra, nem ao anno, e dia apparece nada feito. Estão fazendo acções de beneficencia á porta fechada? Sim, acções de beneficencia ás suas barrigas, em quanto se abarrotão de *Pombos com ervilhas* á custa de algum pardal de bico amarello, que quer saber os segredos de Gabinete. Responda, Sr. Hippolyto, a estas accusações, e criminações, não julgue a materia tão ridicula, que não mereça a sua resposta. Que tem Judas com a alma dos pobres, para retorquir ao que lhe digo, com hum Soneto de Pato, e tanto que datando-o de 1803, dá como existente em hum officio importantissimo, quem para elle foi nomeado em 1805! Quando lá chegarmos então fallaremos. Que diabo de Teiguera he este? O que lhe escreve a Carta assigna-se Teiguera, agora diz que eu sou Teiguera? Isto será algum Mac-Benac? Ou outra qualquer senha da ordem dos Innocentes? Não se atrapalhe

Não peça ao Bode Irmão que o vôo altêe
Ao passar do *Rocio* o váo tremendo . . . . . .
Cuidando que he *barril*, o que era crena
Que davão de costado as naos no porto.

Estude, estude, não seja ignorante, não vá pôr Milicias, de tão recente instituição, no berço da Monarchia. Então no Governo Feudal acudião os Magnates com seus vassallos á guerra, e V. m. já então quer Ordenanças, Milicias, e Tropa de linha! He tão Jurisconsultinho, e não lêo Filangieri, que tão claramente lhe marca a Epoca em

que começárão na Europa a se formarem Tropas de linha? V. m. o que sabe he mentir, atrapalhar, e descompor. Quem lhe deo a missão para isso? Quem o constituio Juiz das acções alheias? Donde lhe veio a legação? Quer encher as paginas vazias do seu Jornal (todas o são) com o que V. m. chama *galantarias*, isto he, com libellos infamatorios, e tão miseraveis, que nem o ar de verosimilhança sabem dar a aleives manifestos. Que porcaria! Nem huma só palavra do seu infame Jornal de Dezembro ficará sem huma aterradora resposta. Leia o mundo, leião os Censores mais escrupulosos, leião os mesmos que me taxão de acrimonia no estillo, o fim da sua pag. 777, e alli verão o mais horroroso insulto contra os Senhores Governadores, que tem o Estado Ecclesiastico... Cahe-me a penna da mão; basta.

ARTIGO II.

CRITICA.

DEpois de longas horas de intervallo, de indignação, e de horror. Venha outro que tal, o Sr. Pato. A ignorancia malevola deste homem está bem conhecida ha hum anno em cincoenta Números do Espectador, mas ainda o esperão outros cincoenta, e mais, e ainda depois do cento o espera hum livro, em que vote o seu nome a execração da mais remota Posteridade. Eu me accommodaria sem dar resposta a criticas, se ao menos tantos Contos, e tantos Patos lêssem aquillo mesmo que criticão. Não posso conseguir isto, e já o disse em hum número antecedente. Tem o Poema — *O Oriente* — 1095 Oitavas, tem hum longo Discurso Preliminar, desde a primeira até a ultima pagina, não ha esta palavra — *Guiné*. — E Pato a teimar que eu faço desembarcar Vasco da Gama em Guiné. Pag. 202.

„ Este encontro do Portuguez em *Guiné*, he imitado
„ de Virgilio, Liv. 3. da Eneida. — „

Isto he querer apurar a paciencia até de algum mal aconselhado que lêr por penitencia de gravissimas culpas o Paralello feito por Pato, e não visto por folgo vivo. Onde está *Guiné* no Poema, Sr. Pato? Já lhe disse que era *Ogané*. V. m. que he tão Profeta que até vio futuros, pois faz hum Soneto em 1803, e falla de Comedias feitas em 1811, não tem olhos para lêr — *Ogané*, e não Guiné? Que parentesco tem o Grego Achmenides com hum Portuguez que

ficou em terra quando, muito além da Equinocial, e de Cabo ruivo, se buscava a passagem do Cabo da Boa Esperança? Isto he Guiné? Continúa a asnatica teima, e ahi vai Pato de todo, e julgo que mo agradecerão, porque hoje 18 de Fevereiro he dia de Entrudo — Pag. 202.

„ Este Portuguez deixado em *Guiné* por outros Na-
„ vegadores não foi de proveito ao Gama, nem mais
„ serviço fez, que o de hum ruim, e inutil infor-
„ me do Paiz, e de dizer onde era a Corte do Rei
„ Preto. „ —

Com que não servio para nada, e servio para alguma cousa!! Isto só Pato! Pato, que só serve para dizer destas. He hum Paiz estranho, incognito, onde apenas Gonçalo de Cintra tinha deixado em hum monte sobranceiro ao mar huma cruz; acha-se hum homem Portuguez que informe o Descobridor Gama do Paiz, de seus habitantes, costumes, Leis, Religiaõ; que sirva de Interprete, que mostre o caminho á povoaçaõ principal, que alli sirva do que servio Monçaide em Calicut; e este homem naõ faz nada? Naõ serve para nada? He o Achménides Grego que naõ faz mais que tremer dos Troianos, e pedir-lhe pelo amor de Deos que o naõ matem, por ser companheiro do infeliz Ulysses? Ora, Sr. Pato Teiguera, como houve Mestres de Rethorica —

„ Sem saber soletrar Quintilianno,
„ Na encebada Carteira dos Sonetos „

que acharaõ muita razaõ no seu Paralello, por isso produzo estas provas de atochar, e se para a dureza das suas cabeças naõ saõ isto provas, entaõ, entaõ, entaõ

Sáo provas do que eu digo,
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Ode Pata impressa a Welesley.
Epodo ultimo.

Fim do vigessimo quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,

Jornal de Litteratura, e de Critica.

Segundo Semestre.

N.° 26.°

ARTIGO I.

LITTERATURA.

O Hippolyto, ou o Correio Brasiliense.

NAõ houve com effeito no Caderninho do mez de Janeiro de 1817 com que encher alguma pagina vazia do *sapientissimo* Jornal. Forão estereis os Coutos, e Patos na remessa de galantarias, como o Hippolyto lhe chama, que vem a ser, como todos sabem, atrozes descomposturas, ataques pessoaes com aquella verdade, e evidencia que lhe dá a assignatura do nome Magico — *Teiguera* — como os dois se chamão a si, e me chamão a mim. Com isto se contentão, e na probidade do seu coração, e na força da sua *illuminada* Dialectica, está respondida a obra, quando está descomposto o Author. Assim o tenho visto, e assim o tem visto o mundo desde a Epoca do apparecimento do Livro — Os Sebastianistas. — Leião-se os *immortaes* escritos de Couto, e Pato, impressos, mas respondidos; leia-se — o Feitiço, — obra do Author chamado o — *E quem póde*? ajoujado a hum Rabula (este escrito he impresso em Inglaterra); leia-se o *Correio Brasiliano*, *ou o Armazem*, não se achará outra cousa mais que descomposturas, testemunhos falsos, e manifestas patifarias. Estas são as razões, que até agora se tem opposto ás minhas razões. Os sensatos olhão para isto como devem olhar, os mentecaptos com muito prazer, os perversos com hum ar de triunfo, dizendo: — Está o homem vencido, porque lhe pozemos na cara, que falla muito alto quando préga. E que outra Apologia mais terminante, os Sabios, como nós somos, podiamos apresentar da innocencia dos Pedreiros-Li-

vres? — Sim, Senhores, Vv.mm. são huns Santos, porque eu grito muito.

Ora pois, eu emprehendi este frivolo escrito para responder ás invectivas, aos insultos, aos destemperos manifestos do — Parallelo — de Pato, esta minha desforra devia de ser singular, e o modo de pulverisar tão injusto aggressor, era expô-lo, com as suas mesmas palavras, ás rizadas do mundo, não por huma vez só, mas por muitas, quantas tem sido as folhas semanaes deste Periodico. Hirá a seu tempo estrondosissimamente hum Livro opposto a outro Livro, comerão Pato todas as idades, e o retrato abominavel deste Pato será permanente na memoria dos seculos, não pelo seu caracter, e conducta moral, assás manifesta, como tenho dito em os Números deste Semestre na sua directa correspondencia com o *Portuguez* em Inglaterra, debaixo dos suppostos nomes dos dois amigos — Pylades, e Orestes; — isto pertence ao V. Livro das Ordenações do Reino, mas pela sua crassissima ignorancia, como se tem visto com evidencia nas respostas ao Parallelo, e se verá no Livro que acompanhará a nova Edição do Poema — O Oriente. — Veio depois o Hippolyto, mas nunca appareceo resposta do Hippolyto mais do que o Sermão de Chanfana, e as remessas de Couto, e Pato na Carta de Outubro, e no Soneto de Dezembro; *galantarias*, que dizem as mesmas cousas, e contém (isto he notavel!) os mesmos artigos. São máos Ecónomos, dizem tudo de huma vez, para não terem mais que dizer; gastão toda a polvora, como já adverti na primeira descarga, e ficão para sempre com a boca aberta apanhando moscas, e aparando sopapos. A quartada com que fecha o Caderninho de Dezembro, he quartada á Hippolyto. — A materia he ridicula, he frivola, não merece a nossa resposta, encheremos alguma pagina vazia do nosso Jornal com alguma *galantaria* que os nossos amigos nos remettão. — Sim, V. m. tem por cá bons amigos! Outros que taes; e taes são, que V. m. em huma advertencia, que remata o Caderninho de Janeiro, diz que lhe enviarão papeis, em que de algumas pessoas se publicão crimes de *tão atroz natureza*, que julga impossivel a sua publicação. Vejão que taes são os malvados, que andão entre nós, que até parece muito pezado ao mesmo Hippolyto, o que elles denuncião, e isto com a fé que póde dar a asserção de huma assignatura anonyma, como diz o mesmo Hippolyto. Parece-lhe, Senhor, (e vamos ao que serve) parece-lhe

cousa ridicula ter V. m. sido convencido de traidor, sublevador, amotinador, e espalhador de zizania entre o povo? He cousa que não merece resposta ser arguido de Pedreiro, mostrar-se-lhe a sua ou perversidade, ou ignorancia, a sua má fé, as suas diabolicas, e revolucionarias intenções? As suas mentiras, os seus sofismas, as suas cavilações? Isto não merece resposta? Seja ingenuo, e diga: — Isto não tem resposta, porque lha não posso dar. V. m. está mais depennado que o Pato. Ora pois acabemos isto. V. m. dá contra si huma sentença que profere contra mim, e que verá hoje cabalmente retorquida, e os patifes que de cá lhe mandão os aleives que contra mim publica, e de que se elles gabão pelos Botequins, como o escritor Couto, ficarão confundidos, se nelles ha faces a que suba o pejo. As infamias do Caderninho de Dezembro merecião outra resposta naquelle estillo, que corre de hum genio que eu reprimo, porque ha Censores em Portugal; e já lhe disse que V. m. era o homem mais obrigado que havia aos Censores Regios em Portugal, que, não por contemplação a V. m., mas por contemplação á decencia pública, e ao decoro litterario do Reino, não me deixão, nem devem deixar imprimir o que eu posso, e muito bem sei escrever. Os Coutos, e Paços mandão a Londres, e se eu for?.... Vamos a V. m.; oução todos. Pag. 760 do Caderninho de Dezembro.

„ O desejo de agradar aos Governadores do Reino (*isto he a maior patifaria que ha, insultar assim o Governo*) e a vã reputação a que aspirais de homem sabio, lançárão em vossa alma todas as sementes do partido, e do odio. Hum homem, que sem attender a perigos eminentes, e inevitaveis, perturba com seus escritos a sociedade n'huma grande parte de seus escolhidos membros, merece ser perpetuamente encarcerado, onde não tenha papel, e tinta; e os seus Folhetos queimados em público, para perpetuo labeo da sua memoria. Desta sorte a posteridade saberá o justo castigo que soffreo hum máo Cidadão, e hum máo politico.„ —

Parece que a mesma verdade pôz estas palavras na boca do Hippolyto para o sentencear, e condemnar! — *Hum homem que perturba com seus escritos a sociedade.* — O Hippolyto diz isto, referindo-se aos Folhetos que ahi apparecê-

vão da traducção de Barruel. Dirão, não só os homens de bem, mas os Hippolytinhos, e os Hippolytões: o traductor não tem culpa do que diz o traduzido; cumpre com o mister de traductor, quando se constitue fiel interprete. Quem disse, ou póde affirmar jámais que os Escritos de Barruel perturbão a sociedade? Em que Reino, em que Imperio, a não ser o de *Artigas* e companhia, forão já condemnados, e proscritos? Que perturbações se seguem á sociedade civil dos escritos de hum homem, que com immenso trabalho juntou todos os documentos authenticos, e memorias veridicas das maquinações que contra o Altar, o Throno, as Leis, as Instituições, os Empregados, os Proprietarios, os homens de bem, e contra tudo o que era creatura de Deos existente na ordem social tinhão formado, sustentado, e dirigido os Pedreiros-Livres-Illuminados? Perturba-se a sociedade, que se conserva nas bases da Religião, dizendo-se-lhe que aquelle — *Esmagai o Infante* — se dirigia contra o Divino Redemptor, contra a sua Religião, e contra a sua Igreja? Perturba-se a sociedade acautelando os povos contra a conspiração Antimonarquica, formada por tão impios Demagogos, e mostrando aos mesmos povos que toda a obra da fatal revolução fôra formada, e dirigida pelos Pedreiros-Livres-Illuminados? Não fez este homem hum serviço público a todas as Nações da Europa, descobrindo o veneno occulto que ha tantos annos damnava, e corrompia tantos membros da sociedade? E he isto perturbar a sociedade? Merece ser perpetuamente encarcerado? Onde se procedeo contra Barruel? Nem em Inglaterra, nem em França se julgou exposto a perigos eminentes, vive livre, e tranquillo debaixo da protecção das Leis. O seu Livro foi impresso em Londres, em Hamburgo, em muitas Cidades de Alemanha, em Paris, e até agora ainda não appareceo quem escrevesse contra elle, quem o impugnasse, quem dissesse que era hum perturbador da sociedade. Pois se isto se não disse, nem se póde dizer do original, como se póde dizer, e escrevêr da copia? Esta sentença que V. m. lavra com o tom da arrogancia Pedreiral, como hum Papinianno assanhado, não se póde cumprir em Barruel, e muito menos no seu traductor, que trasladando o que está no Livro nenhuma culpa tem do que o Author escreveo. Vejamos em quem se póde cumprir esta sentença.... Em quem? No Sr. Hippolyto José da Costa. — „ Perturba com seus escritos a sociedade em huma grande parte de seus escolhidos membros;

merece ser perpetuamente encarcerado. „ — V. m. faz, e tem feito isto, logo, *per te*, merece ser perpetuamente encarcerado. Provo a menor do Syllogismo. Não se tem encaminhado o Correio-Armazem desde seu infausto principio até agora, senão a perturbar a sociedade, pois se perturba a sociedade civil, quando se lhe pertende mostrar que he mal governada: neste mesmo Caderninho magro, e estitico de Janeiro vem hum artigo, que parece hum Artigas, com este modesto titulo: — Peioramento do Reino de Portugal. — Ora dizer-se a hum povo, que vai de mal para peior, e por culpa de seus Governadores, he querer destruir a absoluta confiança que os povos (especialmente o Portuguez) fazem dos seus Soberanos, e Governadores. Basta que se suscite esta simples questão: — Será isto verdade? Este homem terá razão? — Eis-aqui huma perturbação na ordem social, ou ao menos huma desafinação na harmonia politica; e eis-aqui o que V. m. faz, e tem feito. Não ha providencia que não reprove, medida que não escarneça, Lei, Alvará, Decreto que não julgue oppressivo, e abusivo, contracto que não seja injusto, he hum Diogenes desapprovador de tudo quanto ha. Esta he a intenção manifesta do Correio-Armazem. Diz mais a sentença. — „ Pertuba com seus escritos a sociedade n'huma grande parte de seus escolhidos membros. „ E não são membros escolhidos na sociedade os homens benemeritos que a governão! Que não tem V. m. dito destes membros escolhidos, e escolhidos por S. M.? Que não disse, e que não continua V. m. ainda a dizer de hum Conde de Linhares, e da sua familia? Que nomenclaturas affrontosas, que opprobrios, que improperios não tem essa pestifera boca vomitado contra ella? E não era aquelle incorrupto, e incorruptivel Ministro hum membro escolhido na sociedade? Que não tem dito, e não tem vociferado contra os actuaes Governadores? Este escritor *Energumeno*, de quem V. m. affecta não fazer caso, he o que lhe tem rasgado a mascara, convencendo-o pelo que V. m. diz, sem se lhe ter communicado hum documento, nem dito huma palavra, nem enviado huma insinuação, nem dado com hum surriso hum agradecimento; porém eu não necessito de outra causa mais que desta penna. Leia-se V. m. a si no fim da pag. 761, verá quem perturba a sociedade nos seus escolhidos membros.

„ Cidadãos *respeitaveis* são mettidos por meras suspeitas „ nos carceres do Santo Officio, sem exame de causa, sem

,, processo, e de hum modo illegal, roubar ao homem
,, a liberdade, bem, o mais precioso que elle tem, he
,, obra de Sultão, he obra de hum Despota. — ,,

Ora chamar *Sultões*, e *Despotas* a huns homens que tomão prudentes medidas para segurança da Patria na crise de huma espantosa, e terrivel invasão, fazendo segurar alguns individuos em quem recahião vehementissimas suspeitas; chamar *Sultão*, e *Despota* a hum supremo Magistrado de Policia de conhecida probidade, doutrina, sciencia, e luzes, como se fôra hum Fouchet, ou hum Pedreiro, porque mandou pôr em cautéla alguns individuos, sendo isto da sua immediata jurisdição, e competencia; poupando por natural bondade, e amor da Ordem que o caracterisa, a estes mesmos individuos não só pedrada na cabeça, mas lama estreme na cara, se o povo (integerrimo Juiz) os pesca de dia, he huma tão calva impudencia, que merece com effeito o Sr. Hippolyto José da Costa — *perpetuamente encarcerado.* — Este, por tanto, da rectissima sentença se hia cumprindo, se V. m. com ajuda dos amigos não se pozesse tão depressa a andar, tomando, em trajes de Gallego, as de Villa Diogo, e pondo, mais o seu conductor comprado, os pés em polvorosa. O seu Correio-Armazem, espalhado por este Reino desde a sua primeira, e furtiva introducção, indo parar á mão de Ministrinhos da Aldêa, ás mãos da Faculdade Eduburgmense, onde se torna mais mortifero que hum bote de Jalapa, e emprestado por ella, em confidencia, até a Regulares ignorantes, e ociosos (não o são todos, eu venero os Claustros, tem muitos benemeritos, muitos Litteratos, muitos homens de bem.) O Correio-Armazem, commentado por chanfanas, e lido na parte que me toca, e na parte em que me insulta pelo homem de Mourão, tem causado mais perturbações na sociedade, que os mesmos Francezes causárão com suas perfidas invasões; estas fizerão que o povo se unisse para as repellir, o Correio-Armazem procura com affinco, e ancia que o povo se desuna, que se desligue, que desconfie da administração da Justiça, da Fazenda, da Milicia, porque não ha chefe destas repartições, ou de outro qualquer ramo administrativo, que não seja insultado pelo Hippolyto, instigado, e açulado pelos perturbadores occultos da sociedade, que são os Hippolytinhos de cá, Coutos, e Patos Commissarios infames das remessas dos papeis, a que o Hippolyto chama — *galantarias.* — Vamos

com a continuação da sentença, que na Relação das aguas furtadas em que mora deo contra si o Hippolyto.

„ Os seus Folhetos queimados em público para perpe-
„ tuo labéo da sua memoria. Desta sorte a Posteridade
„ saberá o justo castigo que soffreo hum máo Cidadão,
„ e hum máo Politico. — „

Pelo que pertence a assadura dos Folhetos, chamados Correio-Armazem, essa já se executou no meio da Praça de Madrid, por mãos de hum habil Cozinheiro, chamado Carrasco, no mez de Setembro de 1816. Nesta parte cumpriose a sentença, e está satisfeita a Justiça. Ora se esta acção não serve, e não servirá sempre para — *perpetuo labéo da sua memoria* —, elle que o diga, ou nós que o entendamos. Será amaldiçoada a memoria de hum homem que, transfuga de hum Reino, de que era vassallo (se os perversos o são), escapando dos carceres de hum Tribunal rectissimo, foi a hum Paiz estranho abusar da liberdade da Imprensa em huma lingua pouco conhecida, para insultar a Religião, os Governos, os Monarcas, os individuos mais distinctos pela Magistratura. Todos os bons Portuguezes amantes da sua Patria, e do seu Soberano, todos os homens de bem abominadores do systema Francez, de innovações, e de revoluções, reconhecerão o Hippolyto por hum máo Cidadão, e por hum máo Politico. Não o anima, nem dirige o espirito do bem, nem o amor da Patria, hum bom Politico, não invectiva, e degrada a Nação que pretende illustrar, reprehende com prudencia os abusos, nota com circunspecção os erros, aponta com boa fé os caminhos da prosperidade: se he queixoso, lastima-se com gravidade; se he beneficiado, agradece com lizura. Mas se he cão, ladra sem vergonha; e se he macaco, gesticúla sem juizo. Se tem hum vislumbre de probidade advoga a causa da sua Nação entre os estranhos; assim o fizerão em diversas Epocas D. Francisco Mancel de Mello, José da Cunha Brochado, e até o queixoso Francisco Xavier de Oliveira, e para me lembrar do exemplo moderno de hum homem benemerito, assim o fez, e talvez ainda faça Joaquim José de Miranda Rebello. Nenhum destes, ainda que morresse com fome, diria: — Se me não dá 600$ réis publico este Documento, que de lá me mandárão para o deitar a perder; — todas as falsas infamias do Soneto de Pato, não igualão esta. Nenhum bom Politico busca o me-

lhoramento da sua Nação, pelo descredito desta Nação. Cada Folheto do Correio-Armazem, he hum novo delicto, que merece a Forca.

Tenho concluido; este he o 26.º Número deste Periodico, em que tenho desmascarado hum tão insolente Impostor; as respostas que se me tem dado são descomposturas pessoaes, e a imputação de delictos, que nada tem com a questão principal, e unica. Augmentei o catalogo de descarados inimigos. Olhão-me como hum criminoso, porque assentei que huma tolerancia, que merecia já o nome de indolencia, não devia aturar mais tempo hum verdadeiro, e manifesto, e declarado insultador nem consentir por mais tempo impune hum inimigo de Portugal. Se he licito pegar em huma espada para repellir o aggressor injusto, que traz outra espada; porque não seria licito empunhar huma penna contra outra penna, e molhalla em fel, se a contraria vinha molhada, e ensopada em veneno? Multiplicárão-se os inimigos, e em mim diminuio o medo. A maior injuria que me fez, e que me disse o Hippolyto foi publicar que eu tinha *Protector*. Quem he? Já disse que Protectores servem, ou para crimes, ou para jantares, ou para lugares. Crimes, não os faço; jantares, não os necessito, lugares, não os quero. De pouco, ou de nada me serviria a Filosofia em que me consumo, se me não ensinasse a desprezar os homens, e amar a verdade. Quando hum Gonçalo me disse (Gonçalo, tomo-o aqui por synonimo de Estupidez) que para fazer hum Poema, chamado a Meditação, bastava hum, e qualquer Diccionario, devia pôr a penna, e quebrar o inexausto tinteiro.

Artigo communicado sobre Pato pelo Sr. J. J. P. L. R. D. G.

A Pag. 56 do Parallelo, censurando Pato o dizer o A. do *Oriente* na Prefação; pag. 71 que o encontro dos Troianos com os Cyclopes, contado por Virgilio, foi por Camões imitado em tambem contar o encontro dos Portuguezes com os Ethiopes na Angra de Santa Helena; accrescenta o *Criticão*: — "A Angra de Santa Helena „ he na Cafraria, e não na Ethiopia; erro a que mal poderá „ acudir com a desculpa, de que no mesmo Episodio Oit. „ 32 disse Camões.

,, Hum Ethiope ousado se arremessa ;

,, pois que , se Camões assim se expressou , foi por Syne-
,, doche , figura mui competente a qualquer bom Poeta , mas
,, a nenhum Poeta — Sillographo. ,,

Observações.

I. Combinem-se estas ultimas palavras de desafforo com as que Pato diz na pag. 5 do Prologo. " Escreverei com aquella decencia , que se deve ao Publico. ,, Suppondo, mesmo que hum escriptor seja pessimo , qual he a razão porque não póde usar de figuras , se forem adequadas ao assumpto ? Que lei de boa Litteratura reservou ja mais o uso das figuras só aos eximios Escritores ? Pateira !

II. Para esmagar , e esborrachar o Pato sirva o mesmo Camões , que se viesse ao mundo se envergonharia de tão ignobil defensor. Conta Camões no Canto 5. , Oit. 61 , depois do Episodio do Cabo de Boa Esperança , onde se via este Adamastor ser Cabo na Costa , e Gigante no ar , tudo ao mesmo tempo , havendo duas transformações simultaneas , sem se deixar nenhuma figura , de Gigante em Cabo , de Cabo em Gigante , ficando Gigante , e Cabo ; que navegando ao longo da Costa forão os Portuguezes tomar terra segunda vez , que foi na Aguada de S. Braz , e diz na Oit. 62.

A gente que esta terra possuia ,
Posto que todos Ethiopes erão ,
Mais humana no trato parecia ,
Que os outros que tão mal nos recebêrão.

Ora , os *outros* nem mesmo Pato póde negar , que concorda com *Ethiopes* do segundo verso , e tambem não póde duvidar que esses *outros* Ethiopes , erão os da *Angra de Santa Helena* , onde o Gama desembarcára primeiro. Então he isto em sentido proprio , ou em sentido figurado ? Se Pato lesse ao menos os mesmos Commentadores de Camões , acharia , por exemplo , em o seu primeiro Commentador Manoel Corrêa , que diz em a nota á dita Estancia : " Ethiopes he nome geral , que comprehende a toda a especie de gente negra ; ,, e o Commentador Ignacio Garcez Ferreira , para não ficar o Leitor em dúvida , quaes fossem os *outros* de

que falla Camões, faz-lhe a seguinte Nota: — *Que os outros Ethiopes de Santa Helena* — O Botequim das Parras não he o Gabinete de estudo, Pato tudo ignora; pois se tivesse a mais ligeira tintura de Geografia, saberia, que a Ethiopia se divide em alta, e baixa, Oriental, e Occidental. A alta he a Abissinia, e a Nubia, a baixa Oriental, e Occidental são todos os Paizes ao Sul da Equinocial. E chama a estes miseravel reparos — Paralello, não havendo em todo elle huma só confrontação. Camões póde chamar Ethiopes aos habitantes da Angra de Santa Helena, o A. do Oriente não póde chamar Ethiopes aos habitantes da Angra de Santa Helena! O Camões póde usar de huma figura chamada synedoche, o A. do Oriente não póde usar de huma figura chamada synedoche!

Isto, oh Pato, são provas do que eu digo,
E não Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

Fim do vigessimo sexto, e ultimo Número do segundo Semestre.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Catalogo das Obras do R. P. José Agostinho de Macedo, que se vendem na loja de João Henriques, na Rua Augusta N.° 1.

REfutação dos Principios Methafisicos, e Moraes dos Pedreiros Livres Illuminados 1 vol. encad. 600
Cartas Filosoficas a Attico. 1 vol. broch. 480
O Homem, ou os limites da Razão, Tentativa Filosofica, broch. 320
O Couto, Resposta ao Folheto = Regras da Oratoria da Cadeira, broch. 300
Analyse Analysada, Resposta a A. M. do Couto 100
A Verdade, broch. 300
O Oriente, Poema Epico, 1 vol. encad. rica. 1600
———, Rica Encadernação. 2 vol. 1800
Newton, Poema Filosofico. 240
———, Segunda Edição, com 1 Estampa. broch. 400
A Meditação, Poema Filosofico (de que restão mui poucos exemplares) 1 vol. 600
O Argunauta, Poemeto. 240
Ode a Lord Wellington. 60
——— A Alexandre Imperador da Russia. (primeira.) 100
——— Ao Mesmo. (segunda.) 80
——— A' Ambição de Bonaparte. 80
——— Ao General Kutusow. 80
Epistola a Lord Wellington. 80
——— A's Nações Alliadas na passagem do Rheno 80
O Voto, Elogio Dramatico. 80
Epistola em resposta a outra de Maio e Lima. 80
Os Sebastianistas, I, e II. Parte. 600
Mais Logica 50
Justa Defeza do Livro intitulado = Os Sebastianistas. = 80
A Senhora Maria. 80
Inventario de Sandices. 240
Exame Examinado, resposta a Rocha e Pato. 240
Considerações Christans, e Politicas sobre os Libellos Infamatorios. 120
Considerações Mansas sobre o IV. Tomo das Obras de Bocage. 120
Carta que escreveo o Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, sobre huma Comedia que vira representar em Lisboa intitulada = *A Preta de Talentos.* 120
——— (II) escrita pelo Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, em que lhe dá noticia de outra Comedia que vira representar intitulada = *Adelli.* 160
——— de Fogaça, ou Historia do Cerco de Saragoça, segundo a vio representar em huma Comedia o Doutor Manoel Mendes Fogaça, que a descreve ao seu amigo Trasmontano, no estilo de seu quinto avô Fernão Mendes. 200

Carta de Manoel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirigio Antonio Maria do Couto intitulada = *O Doutor Halidoy em Lisboa impagnado até a evidencia.* 120

—— escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e vira huma vez representar intitulada = *Manoel Mendes.* = 160

—— sobre o Episodio do Adamastor. 120

—— de hum Pai a seu filho estudante na Universidade de Coimbra. 120

Resposta aos dois do Investigador. 120

As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas. 300

Motim Litterario. 4. vol. 2400

Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o PRINCIPE REGENTE N. S., que por voto seu particular, mandou festejar o mesmo Santo. 160

Sermão das Dores de N. Senhora, pregado na Real Capella dos Passos de Queluz, na Festividade que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil, viuva, no anno de 1803 120

Sermão de Quarta feira de Cinza, prégado na Santa Igreja da Misericordia de Lisboa a 3 de Março de 1813 120

—— de Acção de Graças pelo Milagroso beneficio da Paz Geral da Europa, prégado na Igreja de S. Julião a 22 de Junho de 1814, na grande Festividade, que o Juiz do Povo, e Casa dos vinte e quatro da Cidade de Lisboa celebrárão, a que assistírão os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, a Nobreza, e pessoas de distincção de todas as Classes. 160

—— de Acção de Graças pelo milagroso Restabelecimento da Felicidade da Europa, prégado na Real Casa de Santo Antonio, na pomposa Solemnidade que fez o Senado da Camera de Lisboa, no dia 2 de Maio do anno de 1814. 160

—— de Preces pelo bom successo das nossas Armas contra as do Tyranno Bonaparte, na terceira invasão neste Reino, prégado na Igreja de N. Senhora dos Martyres a 31 de Agosto á Noite, na entrada da solemne Procissão de Penitencia, que fez a exemplar Irmandade de N. Senhora de Jezus. 120

—— prégado na Igreja de N. Senhora dos Martyres a 23 de Novembro de 1808 por occasião de Festividade na Feliz Restauração deste Reino. 120

—— de Acção de Graças ao Omnipotente pelo beneficio da Paz Geral, prégado na Igreja de S. Paulo de Lisboa no dia 14 de Fevereiro de 1802. 100

—— contra o Filosofismo do Seculo XIX., prégado na Igreja de S. Julião de Lisboa na quinta Dominga de Quaresma do anno de 1811. 200

—— sobre o espirito da Seita Dominante no Seculo XIX. 160

Demonstração da Existencia de Deos. 1816. 240